

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

PADRES CONCILIARES BRASILEIROS

NO

VATICANO II:

PARTICIPAÇÃO E PROSOPOGRAFIA

1959-1965

JOSÉ OSCAR BEOZZO

TESE APRESENTADA À FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO, USP, COMO EXIGÊNCIA PARCIAL
PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM
HISTÓRIA SOCIAL, SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROFESSORA DOUTORA MARIA LUIZA MARCÍLIO

SÃO PAULO - 2001

ÍNDICE	2
RESUMO	3
AGRADECIMENTOS	4
ABREVIACÕES, SIGLAS, OBSERVAÇÕES SOBRE AS FONTES E A METODOLOGIA	7
INTRODUÇÃO	22
I. ANÚNCIO E PREPARAÇÃO: 1959-1962	42
1. ANÚNCIO DO CONCÍLIO: 25 de janeiro de 1959	42
2. FASE ANTE-PREPARATÓRIA - OS <i>VOTA</i> DO EPISCOPADO: 1959-1960	48
3. FASE PREPARATÓRIA: 1960-1962	94
II. O CONCÍLIO: 1962-1965	115
1. CONCÍLIO: EVENTO POLÍTICO-RELIGIOSO	115
2. A ABERTURA DO CONCÍLIO	125
3. LOCAL DE MORADIA E TRABALHO: A <i>DOMUS MARIAE</i>	131
4. PONTO DE APOIO: O COLÉGIO PIO BRASILEIRO	137
5. PONTOS DE ARTICULAÇÃO: AS REDES DE RELAÇÕES	144
5.1. Redes preexistentes	144
5.2. Redes constituídas durante o Concílio	153
6. AS CONFERÊNCIAS DA <i>DOMUS MARIAE</i>	162
7. ELEMENTOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA	180
7.1. Intervenções do episcopado: 1962-1965	180
7.2. Temáticas próprias e intervenções desaparecidas	216
7.3. Mensagens dos bispos ao povo brasileiro	224
8. PASTORALIDADE E COLEGIALIDADE:	238
8.1. Do Plano de emergência ao Plano de pastoral de conjunto	238
8.2. Concílio e nova dinâmica episcopal	242
8.3. Encaminhando a recepção: o olhar voltado para o futuro	249
III. PROSOPOGRAFIA	255
1. INTRODUÇÃO	255
2. BISPOS BRASILEIROS NA ÉPOCA DO CONCÍLIO	270
3. TABELAS	378
IV. CONCLUSÕES	383
V. INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	400
VI. CADERNO ICONOGRÁFICO	424

RESUMO

A tese estuda a participação do episcopado brasileiro no Concílio Vaticano II, convocado e inaugurado pelo Papa João XXIII (1959-1963), continuado e concluído por Paulo VI (1963-1965): etapa antepreparatória (1959-1960), com as respostas (*vota*) dos bispos e prelados à consulta romana; etapa preparatória, com os trabalhos nas comissões preparatórias (1960-1962) e etapa conciliar, nos seus quatro períodos, com as intervenções na Aula Conciliar ou depositadas por escrito (1962-1965). Analisa outros aspectos da vida e atividades do episcopado brasileiro em Roma: local de moradia e trabalho; pontos de apoio; inserção nas redes de articulação formadas antes e durante o Concílio; promoção das assim chamadas Conferências da *Domus Mariae*, Mensagens ao povo brasileiro; elaboração do Plano de Emergência da Igreja do Brasil (PE – 1962) e encaminhamento da recepção do Concílio, com o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC - 1965). Conclui com a prosopografia de todos os bispos e prelados brasileiros que tiveram direito, nem sempre exercido, de participarem das diversas etapas do Concílio; a bibliografia e um caderno iconográfico.

Palavras-chave: Concílio - Vaticano II – CNBB - Bispos brasileiros - D. Helder Camara

ABSTRACT

The thesis studies the participation of the Brazilian episcopate in the Second Vatican Council, convoked and inaugurated by Pope John XXIII (1959-1963), continued and concluded by Paul VI (1963-1965): the pre-preparatory phase (1959-1960), with the replies (*vota*) of the bishops and prelates to the Roman consultation; the preparatory phase, with the work done in the preparatory commissions (1960-1962) and the conciliar phase, with its four periods, and with the interventions in the Plenary Sessions of the Council or submitted in writing (1962-1965). The thesis also analyses other aspects of the life and activities of the Brazilian episcopate in Rome: where the bishops stayed, where they found support; how they were linked into the various net-works that were formed before and during the Council; the promoting of the events that went under the title of the *Domus Mariae* Conferences, of the Messages to the Brazilian People; the elaboration of the Emergency Plan for the Church in Brazil (PE – 1962) and the steps taken to ensure the reception of the Council, with the Joint Pastoral Plan (PPC – 1965). It finishes with a prosopography of all the Brazilian bishops and prelates who had the right, not always exercised, of participating in the various stages of the Council; a bibliography and iconography.

Key-words: Council; Vatican II; CNBB; Brazilian Bishops; D. Helder Camara

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa sobre os padres conciliares brasileiros e sua participação nas várias etapas da consulta, preparação e realização do Vaticano II, só foi possível, graças à cooperação de muitas pessoas e instituições, em primeiro lugar daquelas que cederam sua documentação para a constituição do Fundo Vaticano II de São Paulo (FVatII/SP).

A algumas delas, agradeço pela compreensão diante de um empenho pastoral, familiar e profissional mais limitado de minha parte, durante algumas etapas da pesquisa e da redação da tese: à diocese de Lins e ao seu Bispo, Dom Irineu Danelon, às queridas comunidades da Paróquia São Benedito, ao seu atual Pároco, Pe. Márcio Trojillo, ao Pe. Hugo d'Ans, Pe. Beto da Catedral, à comunidade das Irmãs de Jesus Crucificado e aos leigos e leigas que cobriram, muitas vezes, minhas ausências forçadas. O mesmo agradecimento dirijo ao CESEP, aos companheiros e companheiras da Equipe Executiva e à Diretoria, que me liberou para algumas semanas de pesquisa em Bologna, assim como a meus familiares e amigos.

No plano acadêmico, meu mais sincero agradecimento à orientadora e amiga, Prof^a Dr^a . Maria Luiza Marcílio, que me incentivou a preparar este doutorado e acompanhou-o com competência e, ao mesmo tempo com paciência e compreensão em relação às minhas limitações de tempo, para a pesquisa e redação da tese. Na USP, dirijo um cordial agradecimento à professora Dra. Nanci Leonzo e ao professor Dr. Augustin Wernet pela leitura atenta do trabalho e preciosas sugestões quando do exame de qualificação. Vilma Laurentina Paes, da secretaria do CEHDAL foi o anjo da guarda destes anos todos, para que não perdesse prazos de matrícula e de entrega de relatórios à Universidade.

Para o exame de qualificação, agradeço muito a Claudir Busnelo, Julimar Ângelo Kozievitch e a Lourdes de Fátima Paschoaletto Possani que cuidaram do preparo dos originais, formatação, multiplicação e encadernação dos textos.

Este trabalho não teria sido possível, sem os mais de onze anos de pesquisas para a História do Concílio Vaticano II, junto com o prof. Giuseppe Alberigo, sua esposa Angelina, a equipe internacional encarregada da sua elaboração e a equipe do Istituto per le Scienze Religiose de Bologna: Alberto Melloni, Pino Ruggieri, Daniele Menozzi, Giovanni e Mariella Turbanti, Riccardo Burigana, Maria Teresa Fattori, Alessandra Marani, Lucia Butturini, Silvia Scatena, Marcello Malpensa; Paola Maiardi, Angela Tampieri e Simona

Galeotti da Secretaria; as bibliotecárias Marina Camponovo e Luigia Spaccamonti, Pietro Panizzi na informática e os objetores de consciência que trabalham no ISR.

Aqui, no Brasil, Luiz Guilherme Baraúna foi parceiro humano e cuidadoso na pesquisa da participação do episcopado brasileiro no Concílio Vaticano II e junto com os companheiros e companheiras da CEHILA, ajudou a preparar o Simpósio de Houston, TX, dedicado ao estudo dos *vota* do episcopado latino-americano e caribenho. Luiz Carlos somou-se mais tarde ao grupo, pesquisando a figura conciliar de Dom Helder Camara e concluindo um doutorado sobre a correspondência conciliar de D. Helder.

Recordo com carinho e gratidão a hospitalidade amiga e generosa de Don Giulio Malagutti, pároco de San Vitale e San Sigismondo, em Bologna, em cujas casas paroquiais fui sempre acolhido fraternalmente, assim como por sua cunhada Maria Malagutti e as famílias Belinato, Buggeti e Brandani que cuidaram da Casa Paroquial, em momentos sucessivos.

Aos colegas da comunidade redentorista Pesquisas Religiosas, Antonio Carlos Oliveira Souza, Dorival Pires de Camargo, João Rezende (*in memoriam*); ao atual coordenador da comunidade, Luiz Gonzaga Scudeler, pela compreensão em facilitar-me um espaço adicional onde pudesse acomodar os livros, nesta etapa final de redação; a Márcio Fabri dos Anjos que me convidou para morar na casa; ao Gilberto Paiva e ao irmão Antônio Aparecido dos Santos, com os quais partilhei momentos de oração e distensão, nas semanas finais da tese, em janeiro/fevereiro de 2001 e, de modo especial, ao Antônio Silva que ajudou a organizar o Fundo Vaticano II e o recebeu na Biblioteca da casa e aos que o sucederam na Biblioteca pelo cuidado em enriquecê-la com toda a documentação oficial relativa ao Concílio Vaticano II, minha gratidão muito profunda, assim como às bibliotecárias e recepcionistas, Eunice K. Rodrigues, Andréa Alves Oliveira, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria José Eufrásio Pereira e às senhoras que cuidam da casa, lavanderia e cozinha, não deixando faltar o necessário à vida cotidiana: Dona Ana Maria Remorini, Valquíria Aparecida Remorini, Luciana de Jesus Santos. Frei Oscar Lustosa e Frei Márcio Couto foram extremamente generosos em abrirem a Biblioteca do Convento dos Dominicanos, fora de horário e em auxiliar-me na localização da documentação.

Algumas pessoas, participantes diretas ou indiretas do Concílio concederam-me longas entrevistas e outras leram partes do manuscrito fazendo críticas e sugestões: Frei Romeu Dale OP, Luiz Alberto e Lúcia Gómez de Souza, Mons. Roberto Mascarenhas Roxo, Bartolo Perez, Raimundo Caramuru Barros, Dom Antônio Fragoso, D. Austregésilo

de Mesquita Filho, Zeferino Vaz, François Houtart, José Ernanne Pinheiro, D. Eugênio de Araújo Sales, D. Boaventura Kloppenburg, D. Clemente Isnard, D. Luiz Gonzaga Fernandes, D. Aloísio Lorscheider, D. José Maria Pires.

Na árdua pesquisa para a montagem da Prosopografia sou particularmente grato às pessoas que colaboraram na obtenção dos dados para o esboço biográfico de cada bispo: Fernando Altemeyer Jr., Carlos Mário Vasquez e Marta Lima e às dezenas de bispos, dioceses e congregações religiosas que forneceram prontamente os dados que faltavam.

Agradeço de modo muito especial, a Maria Helena Arrochellas Corrêa que realizou a transcrição das intervenções, para a biografia de cada um dos padres conciliares.

Sou muito grato a Dom Raymundo Damasceno, secretário geral da CNBB, ao Pe. Manoel Godoy, assessor da CNBB e a Luiz Alberto Gómez de Souza, diretor do CERIS, por cederem-me os bancos de dados de suas entidades, sobre a Igreja do Brasil e ao Mons. Jamil Abib, pároco em Rio Claro que franqueou-me sua biblioteca e arquivos particulares. Este texto foi sendo escrito, numa longa peregrinação, por muitos lugares e casas que me acolheram: em Bologna, a da Chiesa San Vitale; Genebra, a de Júlio e Violaine de Santa Ana; em Lins, as de minhas irmãs e cunhados, Márcio e Mana; Waldir e Zélia; em São Paulo, a de Hélio e Cláudia Villela Nunes e a de Leonard Michael Martin e Luiz Carlos; em Petrópolis, a de Maria Helena, assim como o Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, cuja biblioteca e documentação foram de grande serventia para a pesquisa.

Em Leuven e em Louvain-la-Neuve, em suas universidades; em Roma, no Colégio Pio Brasileiro e no Pontifício Istituto di Studi Arabi e d'Islamistica; em Paris, com Michele Jarton, na *Documentation Catholique* e no jornal *La Croix*; em Genebra, no CMI, pude ter acesso a bibliotecas e arquivos que me foram franqueados, mesmo fora de horário.

Finalmente, não teria sido possível concluir a tese, sem a fraterna cooperação de Luiz Carlos Luz Marques e sua ajuda muito especial para organizar tabelas, revisar criticamente textos e formatar o conjunto dos arquivos; sem a colaboração de minha irmã Lia e sobrinha Ana Cristina, para a revisão do português e a de Cremildo José Volanin na preparação das cópias encadernadas. Sou devedor a muitas outras pessoas por sua ajuda. Os eventuais lapsos e falhas da tese, são porém de minha inteira responsabilidade.

Faço memória de Dom Pedro Paulo Koop, bispo segundo o espírito do Vaticano II que procurou fazer da diocese de Lins, uma igreja inspirada no Concílio, em Medellín e Puebla; de meu pai Oscar, pelo apoio e amizade ao longo da vida e de minha mãe Gessy, que soube viver intensa e profundamente a primavera eclesial do Concílio.

ABREVIACÕES E SIGLAS, OBSERVAÇÕES SOBRE AS FONTES E A METODOLOGIA

1. Abreviações:

1.1 Documentação publicada

<i>ADA</i>	=	<i>Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando, series I (antepreparatoria)</i> , Typis Polyglottis Vaticanis 1960-1961.
<i>ADP</i>	=	<i>Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando, series II (preparatoria)</i> , Typis Polyglottis Vaticanis 1969-.
<i>AP</i>	=	<i>Annuario Pontificio</i> , Tipografia Poliglotta Vaticana, 1950 ss..
<i>AS</i>	=	<i>Acta Synodalia sacrosancti concilii oecumenici Vaticani II</i> , Typis Polyglottis Vaticanis 1970-.
<i>Elenco</i>	=	<i>Elenco dei Padri Conciliari</i> , Tipografia Poliglotta Vaticana, 1962 ss.
<i>I Padri</i>	=	<i>I Padri presenti al Concilio Ecumenico Vaticano II</i> , a cura della Segreteria Generale del Concilio, Tipografia Poliglotta Vaticana 1966.
RAG	=	Trascrições das agendas Roncalli, Angelo Giuseppe - Fundo A.G. Roncalli do <i>Istituto per le Scienze Religiose</i> de Bolonha, Itália.
SOCV	=	SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM II, <i>Constitutiones, Decreta, Declarationes</i> , cura et studio Secretarie Generalis Concilii Oecumenici Vaticani II, Città del Vaticano 1966.

1.2 Instituições:

AATAth	=	Acervo Arquivo Tristão de Athayde, do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade - CAALL.
ACB	=	Ação Católica Brasileira.
AIB	=	Ação Integralista Brasileira.
ANPUH	=	Associação Nacional de Professores Universitários de História.
CAALL	=	Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Petrópolis.

CEHILA	=	Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina.
CELAM	=	Consejo Episcopal Latinoamericano.
CEP	=	Comissão Episcopal de Pastoral – CNBB.
CNBB	=	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
CRB	=	Conferência dos Religiosos do Brasil.
ISR	=	Istituto per le Scienze Religiose di Bologna.
JAC	=	Juventude Agrária Católica
JEC	=	Juventude Estudantil Católica.
JOC	=	Juventude Operária Católica.
JUC	=	Juventude Universitária Católica.
LEC	=	Liga Eleitoral Católica.
MEB	=	Movimento de Educação de Base.

1.3 Livros citados freqüentemente

<i>A Igreja</i>	=	J.O. BEOZZO, <i>A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo</i> , Petrópolis 1993.
CAPRILE	=	<i>Il concilio Vaticano II</i> , a cura di G. Caprile, 5 vv., Roma 1966-1968: <i>Annunzio e preparazione (parte I: 1959-1960; parte II: 1961-1962); Il primo periodo (1962-1963); Il secondo periodo (1963-1964); Il terzo periodo (1964-1965); Il quarto periodo (1965)</i> .
CIC	=	<i>Codex Iuris Canonici</i> , Roma 1917 e 1983.
FESQUET	=	H. FESQUET, <i>Le journal du Concile</i> , Le Jas du Revest - St. Martin (Forcalquier) 1966.
KLOP I A V	=	B. KLOPPENBURG, <i>Concílio Vaticano II</i> ; vol. 1: <i>Documentário preconciliar</i> , Petrópolis 1962; vol. 2: <i>Primeira sessão (1962)</i> , Petrópolis 1963; vol. 3: <i>Segunda sessão (1963)</i> , Petrópolis 1964; vol. 4: <i>Terceira sessão (1964)</i> , Petrópolis 1965; vol. 5: <i>Quarta sessão (1965)</i> , Petrópolis 1966.
LA VALLE	=	R. LA VALLE, vol 1: <i>Coraggio del concilio, giorno per giorno la seconda sessione</i> , Brescia 1964; vol. 2: <i>Fedeltà del concilio, i dibattiti della terza sessione</i> , Brescia 1965; vol. 3: <i>Il concilio nelle nostre mani</i> , Brescia 1966.
LAURENTIN	=	R. LAURENTIN, <i>L'Enjeu du Concile</i> , vol. 1: Paris 1962; vol. 2: <i>Bilan de la première session, 11 octobre - 8 décembre 1962</i> , Paris 1963; vol. 3: <i>Bilan</i>

de la deuxième session, 29 septembre - 4 décembre 1963, Paris 1964; vol. 4: *Bilan de la troisième session, 14 septembre - 21 novembre 1964*, Paris 1965; vol. 5: *Bilan du concile, Histoire - textes - commentaires avec une chronique de la quatrième session*, Paris 1966.

- HISTÓRIA I A IV = *História do Concílio Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 1995 e 2000 (traduções de *Storia del Concílio Vaticano II*, diretta da G. Alberigo, edizione italiana a cura di A. Melloni, vol. 1: *Il cattolicesimo verso una nuova stagione. L'annuncio e la preparazione del Vaticano II (gennaio 1959 - ottobre 1962)*, Bologna-Leuven 1995; vol. 2: *La formazione della coscienza conciliare. Il primo periodo e la prima intersessione (ottobre 1962 - settembre 1963)*, Bologna-Leuven 1996).
- WENGER = A. WENGER, *Vatican II*, vol. 1: *Chronique de la première session*, Paris 1963; vol. 2: *Chronique de la deuxième session*, Paris 1964; vol. 3: *Chronique de la troisième session*, Paris 1965; vol. 4: *Chronique de la quatrième session*, Paris 1966.
- WILTGEN = R.M. WILTGEN, *The Rhine flows into the Tiber. The unknown Council*, New York City 1966.

1.4 Periódicos e revistas

- BCEF = Boletim Concílio em Foco, 1963
- BIEF = Boletim Igreja em Foco, 1964-1966
- CivCat = “La Civiltà Cattolica”, Roma.
- CM = “Comunicado Mensal”, Boletim da CNBB, Rio de Janeiro.
- CrSt = “Cristianesimo nella Storia”, Bologna 1980.
- DocCath = “Documentation Catholique”, Paris.
- InfCath = “Informations Catholiques Internationales”, Paris.
- OssRm = “L'Osservatore Romano”, Città del Vaticano.
- RAE = “Revista do Assistente Eclesiástico”, da ACB, 1947 ss.
- REB = “Revista Eclesiástica Brasileira”, Petrópolis 1940 ss.

2. Siglas:

2.1 Documentos conciliares:

AA - *Decretum de apostolatu laicorum "Apostolicam actuositatem"*, 18 novembris 1965.

AG - *Decretum de activitate misionali ecclesiae "Ad gentes divinitus"*, 7 decembris 1965.

CD - *Decretum de pastoralis episcoporum munere in ecclesia "Christus Dominus"*, 28 oct. 1965.

DH - *Declaratio de libertate religiosa "Dignitatis humanae"*, 7 decembris 1965.

DV - *Constitutio dogmatica de divina revelatione "Dei verbum"*, 18 novembris 1965.

GE - *Declaratio de educatione christiana "Gravissimum educationis"*, 28 octobris 1965.

GS - *Constitutio pastoralis de ecclesia in mundo huius temporis "Gaudium et spes"*, 7 dec. 1965.

IM - *Decretum de instrumentis communicationis socialis "Inter mirifica"* d. 4 decembris 1963.

LG - *Constitutio dogmatica de ecclesia "Lumen gentium"*, 21 novembris 1964.

NE - *Declaratio de ecclesiae habitudine a religiones non-christianas "Nostra aetate"*, 28 oct. 1965.

OE - *Decretum de ecclesiis orientalibus catholicis "Orientalium Ecclesiarum"*, 21 nov. 1964.

OT - *Decretum de institutione sacerdotali "Optatam totius"*, 28 octobris 1965.

PC - *Decretum de accommodata renovatione vitae religiosae "Perfectae caritatis"*, 28 oct. 1965.

PO - *Decretum de presbyterorum ministerio et vita "Presbyterorum ordinis"*, 7 decembris 1965.

SC - *Constitutio de sacra liturgia "Sacrosanctum Concilium"*, 4 decembris 1963.

UR - *Decretum de oecumenismo "Unitatis redintegratio"*, 21 novembris 1964.

2.2 Fundos arquivisticos

FVatII/ISR = Fundo Vaticano II do Instituto per le Scienze Religiose de Bolonha.

FVatII/SP = Fundo Vaticano II de São Paulo.

2.3. Entrevistas

FAM = Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho

AF = Dom Antônio Fragoso

RCB = Raymundo Caramuru Barros

3. Observações sobre as fontes do Vaticano II

A documentação disponível sobre o Concílio Vaticano II pode ser classificada, para o escopo deste trabalho, em quatro diferentes blocos:

3.1. Fontes Oficiais do Concílio Vaticano II

Por decisão do Papa Paulo VI, logo após o término do Concílio, iniciou-se a publicação das *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II (1962-1965)*, cura et studio *Archivi Concilii Oecumenici Vaticani II, Typis Polyglottis Vaticanis*, tendo saído entre 1970 e 1971, os quatro tomos relativos à primeira sessão conciliar de 1962 (*Volumen I: Periodus Prima*); entre 1971 e 1973, os seis tomos referentes à segunda sessão conciliar de 1963 (*Volumen II: Periodus secunda*); entre 1973 e 1976, os oito tomos da terceira sessão conciliar de 1964 (*Volumen III: Periodus Tertia*); entre 1976 e 1978, os sete tomos da quarta sessão conciliar de 1965 (*Volumen IV: Periodus quarta*); entre 1989 e 1991, os três tomos de processos verbais do Conselho de Presidência, do Secretariado do Concílio para os Negócios Extraordinários, da Comissão de Coordenação dos Trabalhos Conciliares e dos Moderadores (*Volumen V: Processus Verbales*). Começaram a sair, em 1996, as Atas da Secretaria Geral: *Volumen VI: Acta Secretariae Generalis. Pars I: Periodus Prima, MCMLXII*. Entre 1996 e 1999 haviam sido publicados quatro tomos: *Acta Synodalia VI – Acta Secretariae Generalis, Pars I – IV*.

Saíram também os três volumes dos *Indices* (1980); *Appendix* (1983) e *Appendix Altera* (1984). Da fase ante-preparatória e preparatória, que cobrem o período entre o anúncio do Concílio por João XXIII, a 25 de janeiro de 1959, à sua abertura a 11 de outubro de 1962, foram publicados, em 1960, dentro da *Series I: Antepreparatoria*, um volume das Atas do Sumo Pontífice João XXIII; entre 1961 e 1962, oito tomos com os *vota* dos Bispos e Prelados de todo o mundo (*Volumen II: Consilia et vota Episcoporum ac Praelatorum*); em 1961, os dois tomos de apêndices (*Appendix volumini II: Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab Episcopis et Praelatis data sunt*); em 1960, o tomo com os propostas e observações dos organismos da Cúria Romana (*Volumen III: Proposita et monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae*); em 1961, os três tomos dos Estudos e Votos das Universidades (*Volumen IV: Studia et vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*) e, ainda em 1961, o tomo dos índices (*Volumen V: Indices*). Estes volumes permaneceram debaixo de “segredo pontifício” e, portanto sem divulgação, até a decisão

de Paulo VI de mandar publicar todas as atas e papeis conciliares. Da Series II, Praepatoria, já foram editados os seguintes tomos: em 1964, atas de João XXIII (*Volumen I: Acta Summi Pontificis Ioannis XXIII*); entre 1965 e 1968, os quatro tomos do volume II (*Volumen II: Acta Pontificiae Commissionis Centralis praeparatoriae Concilii Vaticani II*); em 1969, os dois tomos do volume III (*Volumen III: Acta Commissionum et Secretariatuum Praeparatorium Concilii Oecumenici Vaticani II*); entre 1988 e 1995, os cinco tomos das sub-comissões (*Volumen IV: Acta Subcommissionum Commissionis Centralis praeparatoriae*). No total, já saíram publicados 62 tomos, em formato grande. Faltam ainda os processos verbais de todas as Comissões e Subcomissões conciliares que trabalharam durante as quatro sessões conciliares e as três inter-sessões, de 1962 a 1965

3.2. Fontes da Igreja do Brasil relativas ao Vaticano II

3.2.1. Fontes inéditas

a) FUNDO VATICANO II de São Paulo (FvatII/SP): O acervo mais importante encontra-se depositado no FUNDO VATICANO II¹, que recolhe cerca de 5.000 documentos doados por bispos e peritos brasileiros participantes do Concílio e que se encontra depositado na Biblioteca da Obra Social Redentorista Pesquisas Religiosas, à Rua Oliveira Alves, 164, no Ipiranga, em São Paulo.

Dentro do acervo, destacamos duas fontes manuscritas de inigualável valor:

- As **cartas de Dom. Helder Pessoa Câmara**, escritas quase que diariamente, durante as quatro sessões do Concílio, para seus colaboradores da CNBB no Rio de Janeiro e, em seguida, também no Recife, para onde foi transferido a 12 de março de 1964.

Depois de seis anos de insistentes pedidos, Dom Helder concordou em ceder cópia de suas cartas, para servir aos pesquisadores de São Paulo e Bolonha, trabalhando na História do Concílio Vaticano II.

As cartas encontram-se depositadas, numa versão datilografada, na Fundação Irmão Francisco do Recife que cedeu uma fotocópia para o Istituto per le Scienze Religiose de Bologna. Uma segunda cópia encontra-se no Fundo Vaticano II, em São Paulo. Com o *scanner*, foi realizada, por Luiz Carlos Luz Marques, cópia dos originais manuscritos das cartas que se encontravam, no Rio de Janeiro, sob a guarda de Maria Luiza J. de Amarante.

¹ BARAÚNA, L. J., *Fontes Brasileiras do Concílio Vaticano II – Fundo Vaticano II*, in BEOZZO, J. O., *História do Concílio Vaticano II: A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio*, Paulinas, São Paulo, 1993, pp. 25-37

Uma cópia destes manuscritos datilografados e agora um CD-Rom com o espelho dos próprios originais e do texto datilografado, foram também depositados no FVatII/SP.

As cartas de Helder Câmara serão abreviadas HC Circ., seguidas do número da Circular, o ano, o local de onde foi escrita e a data.

No total são, 297 circulares, das quais faltam sete da primeira sessão do Concílio (1962), que se perderam.

Estas são as circulares, ano a ano:

1962: 53 circulares (faltam as de número 8, 10, 11, 32, 34, 42 e 47).

1963: 59 circulares

1963/64: 17 circulares escritas durante a intersessão, no momento em que D. Helder esteve em Roma, para o trabalho das Comissões (existem duas diferentes às quais D. Helder deu o mesmo cardinal [13^a], por isto da carta de número 14, em diante, a numeração de D. Helder não corresponde à numeração “física”).

1964: 79 circulares.

1965: 89 circulares

Existem ainda diversos anexos manuscritos, alguns muito longos, como por exemplo, *Perspectives de nouvelles structures de l'Eglise*, datado de 19 de novembro de 1964, escrito em Roma, de próprio punho por D. Helder e contando com 23 páginas)

- O jornal mural “**O Conciliábulo**”, do gênero noticioso e satírico-humorístico foi produzido, diariamente, com raras interrupções, durante as quatro sessões do Concílio, por um pequeno grupo de bispos, sob a responsabilidade de D. Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Belém do Pará. O jornal, disputadíssimo, por causa de suas farpas e bom humor, era afixado num quadro da *Domus Mariae*, onde residia a maior parte do Episcopado brasileiro, durante o Concílio. Para fins de citação, utilizaremos a abreviação “CO”, para “O Conciliábulo”, seguida do número da sessão conciliar, em algarismos romanos, do número do jornal em algarismos arábicos e do dia, mês e ano, ao final. Infelizmente, encontra-se desaparecida a coleção de “O Conciliábulo”, referente à primeira sessão do Concílio. Os três volumes seguintes, devidamente encadernados e em bom estado de conservação foram consignados ao Fundo Vaticano II de São Paulo, pelo Arcebispo de Belém, pouco antes do seu falecimento. Uma cópia destes originais, em microfilme encontra-se no ISR de Bologna e no FVatII/SP. Uma cópia em CD-Rom foi realizada em fevereiro de 2001 por Luiz Carlos Luz Marques e encontra-se no FVatII/SP. Os originais da segunda sessão (60 números que vão de 28 de setembro de 1963 a 03 de dezembro de 1963), estão numerados de 1 a 60; da terceira (67 números que vão de 12 de

setembro a 21 de novembro de 1964), estão numerados de 121 a 188 e da quarta (65 números, do dia 13 de setembro a 8 de dezembro de 1965), estão numerados de 213 a 278. Há dois saltos na numeração. Não consegui atinar com a razão porque se passa do número 188, ao final da terceira sessão para 213, no início da quarta, pulando-se 25 números. Quanto ao outro salto, do número 60 ao final da segunda sessão para o 121 no início da terceira, compreendendo 61 números, é provável que seja devido ao desejo de dar uma numeração corrida ao jornal, incorporando assim os números da primeira sessão. Do conjunto das três sessões, faltam dois números desaparecidos na *Domus Mariae*, o número 49 de 22 de novembro de 1963 e o número 238 de 13 de outubro de 1965.

b) Arquivo da CNBB: Na sede da CNBB, encontra-se o arquivo da entidade, com toda a correspondência ativa e passiva da presidência, da secretaria geral, dos antigos secretariados (rebatizados depois como “linhas pastorais” e hoje, “dimensões”). Estão ali arquivadas todas as atas das reuniões da presidência, conselho permanente, comissão episcopal de pastoral, assim como das assembleias da CNBB, desde a sua fundação em 1952.

A Biblioteca do Instituto Nacional de Pastoral (INP), funcionando no mesmo prédio da sede da CNBB, cumpre a função de Biblioteca, mas ao mesmo tempo, de centro de documentação, abrigando um rico arquivo da Ação Católica, mas também do Vaticano II e de outros aspectos da vida da Igreja.

Destes Arquivos, foram feitas para o Fundo Vaticano II, cópias dos documentos mais importantes referentes à atuação dos bispos brasileiros e da CNBB, no Vaticano II

3.2.2. Fontes Impressas

Distinguimos entre as fontes impressas, aquelas de circulação reservada e as de circulação pública.

a) Fontes de circulação reservada: Comunicado Mensal da CNBB, destinado exclusivamente aos membros do Episcopado

Mesmo uma fonte, aparentemente comum como o Comunicado Mensal da CNBB, vem se tornando de difícil acesso. Não foi possível localizá-la na Cúria Diocesana de Lins, nem na Biblioteca das Pesquisas Religiosas dos Redentoristas [faltam exatamente os quatro anos do Concílio, na coleção!], da Faculdade de Teologia N. S. da Assunção [a coleção está incompleta], na Biblioteca dos Dominicanos ou na sede do Regional Sul I da

CNBB, em São Paulo. Coleção completa só encontramos na Biblioteca do INP, na sede da CNBB, em Brasília. O “Comunicado Mensal” será abreviado CM

b) Fontes de domínio público: Concílio em Foco

Começou a ser editado, no início da II Sessão do Concílio, a 28 de setembro de 1963.

O primeiro responsável pelo “Concílio em Foco”, foi o jornalista Otto Engel, naquele momento, estudante de teologia na Universidade Gregoriana e aluno do Colégio Pio Brasileiro e, em seguida, Frei Romeu Dale OP, em Roma e Raymundo Caramuru Barros, no Rio de Janeiro. O primeiro número foi duplo e saiu a 28 de setembro de 1963, com o seguinte expediente: “Boletim Semanal editado pelo Secretariado Nacional de Opinião Pública da CNBB e pelo Departamento de Imprensa dos Religiosos do Brasil”.

Inicialmente, saía como um suplemento da “Voz de Santo Antônio”, da Editora Vozes de Petrópolis. Durante a 2ª sessão conciliar, de setembro a novembro, saíram 11 números. Com o número duplo 16-17, de janeiro de 1964, o Boletim ganha novo nome “Igreja em Foco”. Para a primeira fase está abreviado como BCEF e para a segunda, BIEF.

Embora conste do catálogo da Biblioteca dos Redentoristas, parte da coleção está desaparecida. Uma coleção completa, entretanto, encontra-se na Biblioteca dos Dominicanos de São Paulo, à Rua Atibaia, 420, nas Perdizes e outra na Biblioteca do INP, na sede CNBB, em Brasília.

3.2.3. Fontes no Istituto per le Scienze Religiose de Bologna - ISR

O ISR² recolheu a mais importante documentação sobre o Concílio Vaticano³, constituída por fundos de cardeais, bispos e teólogos, além de todos os papéis do Papa João XXIII⁴. Abriga a que é, provavelmente, a mais rica biblioteca contemporânea de História da Igreja e ciências afins. A Biblioteca encontra-se agora vinculada à Universidade de Bologna. O ISR foi fundado por Giuseppe Dossetti, ex vice-secretário geral da Democracia Cristã, deputado constituinte e membro da comissão de redação da

² MENOZZI, Daniele, *Le origini del Centro di Documentazione (1952-1956)*, in ALBERIGO, Angelina e Giuseppe (a cura de), *Con tutte le tue forze – I nodi della fede cristiana oggi – Omaggio a Giuseppe Dossetti*, Marietti, Genova, 1993, pp. 333-370

³ ALBERIGO, G., Fondo Documentario “Vaticano II” dell’Istituto per le Scienze Religiose di Bologna, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, *Sources Locales de Vatican II – Symposium Leuven - Louvain-la-Neuve, 23-25-X-1989*, Leuven, 1990, pp. 59-66

⁴ LAZZARETTI, Lorella, *La documentazione bolognese per la storia del Concilio Vaticano II - Inventario dei Fondi G. Lercaro e G. Dossetti*, Bologna, 1995. Para os Arquivos do Papa Paulo VI, fundamentais para a história das três últimas sessões do Concílio, há mais dificuldade de acesso. Cfr. AUBERT, R., *Les archives de l’Istituto Paolo VI de Brescia*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 91-94

Constituição italiana, que se tornou posteriormente sacerdote diocesano da arquidiocese de Bologna e finalmente fundador de uma comunidade monástica contemplativa⁵. O ISR e seus colaboradores tornaram-se o principal apoio do Cardeal Giacomo Lercaro nos trabalhos conciliares, além de Dossetti ter sido, por um período, o influente secretário dos quatro Moderadores do Concílio, entre os quais se encontrava o Cardeal Lercaro. A obra de Dossetti foi levada avante, com competência, pelo historiador Giuseppe Alberigo que soube reunir um seleto grupo de jovens investigadores para angariar, organizar e explorar o fundo de documentação sobre o Concílio e congregar, nos últimos dez anos, outras universidades e centros de investigação ao redor do mundo, para a tarefa de se escrever a história do Vaticano II.

3.2.4. Outras fontes e bibliotecas

As mais importantes encontram-se nas universidades belgas de Louvain-la-Neuve⁶ e Leuven⁷, onde está depositada parte da documentação do Cardeal Leo Joseph Suenens⁸, moderador do Concílio, de outros bispos do país e de quase todos os teólogos e peritos belgas que atuaram no Concílio.

No Instituto Católico de Paris estão os papeis de Mgr. Pierre Hautmann⁹, um dos mais importantes peritos que colaboraram na redação da Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes* e, em toda a França, foi realizado grande esforço para se organizar os fundos diocesanos com os documentos dos bispos locais relativos ao Concílio¹⁰.

⁵ MELLONI, Alberto, *Cronologia e bibliografia di Giuseppe Dossetti*, in ALBERIGO, o. cit., pp. 371-389

⁶ SOETENS, Claude, *Les Archives Vatican II à Louvain-la-Neuve*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 33-38; _____, *Concile Vatican II et Église Contemporaine (Archives de Louvain-la-Neuve)*, I. *Inventaire des Fonds Charles Moeller, G. Thils, Fr. Houtart*, Louvain-la-Neuve, 1989; FAMERÉE, J., II. *Inventaire des Fonds Prignon e H. Wagnon*, Louvain-la-Neuve, 1991; FAMERÉE J. et L. HULSBOSCH, III. *Inventaire du Fonds Ph. Delhaye*, Louvain-la-Neuve, 1993; E. LOUCHEZ, *Inventaire du Fonds J. Dupont et B. Olivier*, 1995;

⁷ SABBE, M., *Les Archives du Vatican II à la Katholieke Universiteit Leuven*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 39-46

⁸ L. DECLERCK et E. LOUCHEZ, *Inventaire des Papiers Conciliaires du Cardinal L.-J. Suenens*, 1998

⁹ ABEL, A. M. & RIBAUT, J.-P., *Documents pour une Histoire du Concile Vatican II – Inventaire du Fonds Pierre Hautmann*, Institut Catholique de Paris, Paris, 1992

¹⁰ ABEL, A.-M, RIBAUT J.-P., *Répertoire des Archives de Vatican II en France*, in SOETENS, o.cit., pp. 11-18; *Inventaire des Fonds Jacques Le Cordier*, publié par A. M. Abel et J.-P. Ribaut, 1993; *Inventaire des Fonds Jean Streiff*, publié para A. M. Abel, 1996; *Inventaire des Fonds Pierre Venillot*, classé par J.-P. Ribaut et publié par A. M. Abel; *Inventaire des Fonds Charles de Provençères*, 1998; *Inventaire des Fonds Achille Liénart*, classé et présenté par R. Desreumaux et établi en collaboration avec A. M. Abel et J.-P. Ribaut, 1998; *Inventaire des Fonds Jacques Ménager*, préface de Mgr. Guy Herbulot avec le concours du Diocèse d'Evry-Corbeil-Essones, 1999.

Na Alemanha, há uma grande riqueza de arquivos tanto dos seus bispos como dos teólogos. Estes arquivos foram sumariados por Klaus Wittstadt¹¹ que, de modo particular, trabalhou nos Arquivos do Cardeal Julius Döpfner, um dos quatro moderadores do Concílio¹². Na Universidade de Innsbruck, na Áustria, encontra-se parte substancial dos arquivos conciliares de Karl Rahner, SJ, um dos mais importantes teólogos do século XX¹³. Nos outros países, como Holanda¹⁴, Espanha¹⁵, Inglaterra¹⁶, com maior ou menor intensidade, desenvolve-se também um trabalho de organização das fontes do Vaticano II. Na África, a situação é bem mais difícil e muito da sua documentação deve ser buscada nos arquivos das congregações missionárias que atuavam no continente, em tempos do Concílio¹⁷. No Canadá, o fundo mais importante é constituído pelos papeis do Cardeal Paul-Émile Leger, arcebispo de Montreal¹⁸. Nos Estados Unidos, a Georgetown University de Washington guarda os arquivos de John Courtney Murray, cuja contribuição foi fundamental para o esquema e a Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa¹⁹. Georgetown converteu-se, graças ao trabalho de J. A. Komonschak, no mais importante centro de investigação do país, sobre o Vaticano II. A Universidade de Notre Dame, em Indiana abriga também alguns fundos importantes²⁰.

Foi realizado igualmente grande esforço por inventariar e explorar as fontes do Concílio depositadas em Moscou, tanto no Patriarcado Ortodoxo, que enviou dois observadores para o inteiro período conciliar, quanto nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores e do Conselho dos Assuntos Religiosos do antigo governo soviético,

¹¹ WITTSTADT, Klaus, *Deutsche Quellen zum II. Vatikanum*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. 19-32. Sobre a contribuição da área cultural alemã (Alemanha, Áustria, Suíça) ao Concílio, cfr. WITTSTADT, Klaus und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.) *Der Beitrag der Deutschsprachigen und Osteuropäischen Länder zum Zweiten Vatikanischen Konzil*, Leuven, 1996

¹² WITTSTADT, Klaus (Hrsg.), *Julius Kardinal Döpfner, 1913-1976*, Bistum Würzburg, 1996

¹³ NEUFELD, Karl, “Der Beitrag Karl Rahners zum II. Vatikanum”, in WITTSTADT, Klaus und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.), o.cit. 109-120; KLINGER, Elmar, “Der Beitrag Karl Rahners zum Zweiten Vatikanum im Licht des Karl-Rahner-Archivs-Elmar-Klinger in Würzburg”, in M.T. FATTORI – A. MELLONI (eds), op. cit. 261-274

¹⁴ JACOBS, J. , *Les Pays-Bas et le Concile Vatican II: Premières orientations sur les sources d'archives*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 47-58

¹⁵ RAGUER H., *Fuentes para la historia del Vaticano II: España*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 81-90

¹⁶ STACPOOLE, Aa., *Sources for Recording British Participation in the Second Vatican Council*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 67-80

¹⁷ MEDEIROS, François, *Les Archives Africaines*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 95-97

¹⁸ P. LAFONTAINE, *Inventaire des Archives Conciliaires du Fonds Paul-Émile Leger*, Montréal, 1995; ____, *Inventaire des Archives Conciliaires du Fonds André Naud*, Quebec, 1998

¹⁹ GONNET D., *L'apport de John Courtney Murray au schéma sur la liberté religieuse*, in M. LAMBERIGTS-CL. SOETENS – J. GROOTAERS (éd), *Les Commissios Conciliaires à Vatican II*, Leuven, 1996, pp. 205-215

²⁰ *Vatican II Collection*, University of Notre Dame, Indiana, 1991 [Papers E. Lucey; Papers M. Mc Grath; Papers J. Dearden]

que foram abertos aos pesquisadores²¹. Sobre a complexa relação entre a União Soviética, a Igreja Ortodoxa Russa, o Partido Comunista Italiano, João XXIII, a Igreja Católica e o Concílio, o Colóquio realizado em 1995, em Moscou, numa colaboração entre o ISR de Bologna e o Instituto de História Universal da Academia de Ciências Russa, trouxe novas e importantes luzes²². Os Arquivos do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Genebra, abrigam rica documentação sobre a presença dos observadores não católicos no Concílio.

Na América Latina, o Chile foi o país que, ao lado do Brasil, teve a participação mais intensa e organizada no Concílio, graças à atuação do Cardeal Raul Silva Henriquez, respaldado pelos estudos dos teólogos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Santiago e do bispo de Talca, Dom Manuel Larrain E., vice-presidente do CELAM e, logo depois, presidente da entidade, durante o período conciliar. O Cardeal Silva Henriquez publicou suas memórias²³ antes do seu falecimento e de Manuel Larrain, morto prematuramente, em 1966, num acidente automobilístico, a diocese encarregou-se da publicação de seus escritos²⁴.

No dia 17 de setembro de 1964, o CELAM começou a publicar em castelhano, um Boletim para los Obispos de América Latina, depois de organizar, em Roma, a partir do III Período um *Centro Latinoamericano de Información*²⁵.

Para a contribuição conciliar do oriente cristão, o bispo de São Paulo Kyr Pierre Mouallem, da Eparquia Melquita do Brasil, traduziu e prefaciou a coletânea das intervenções na Aula Conciliar e dos demais documentos conciliares dos bispos melquitas, preparada pelo Patriarca Maximos IV²⁶.

²¹ MELLONI A (ed.), *Vatican II in Moscow (1959-1965) – Acts of the Colloquium on the History of Vatican II. Moscow, March 30 – April 2, 1995*, Leuven, 1997.

²² MELLONI, A., *Chiese sorelle, diplomazie nemiche. Il Vaticano II a Mosca fra Propaganda, Ostpolitik ed ecumenismo*, ibidem, pp. 1-14; ROCCUCCI, *Russian Observers at Vatican II. The “Council for Russian Orthodox Church Affairs and the Moscow Patriarchate between Anti-Religion Policy and International Strategies*, ibidem, pp. 45-72. Sobre o significado para o ecumenismo da participação ortodoxa russa no Vaticano II, cfr. BOROJOIJ V., *Il significato del Concilio Vaticano II per la Chiesa Ortodossa Russa*, ibidem, pp. 73-90; VELATI M., *La Chiesa ortodossa russa tra Ginevra e Roma negli anni del Concilio Vaticano II*, ibidem, pp. 91-110; LANNE E., *La perception en l’Occident de la participation du Patriarcat de Moscou à Vatican II*, ibidem, pp. 111-128. Sobre as dimensões políticas na Itália e na URSS da participação russa ao Concílio, cfr. BURIGANA R., *Il Partito Comunista Italiano e la Chiesa negli anni del Vaticano II*, pp. 189-226; RICCARDI A., *Antisovietismo e Ostpolitik della S. Sede*, ibidem, pp. 227-268.

²³ CAVALLO A., *Memorias Cardenal Raul Silva Henriquez*, 2 tomos, Santiago, 1991

²⁴ LARRAIN, M., *Escritos completos* (organizados por Pedro DE LA NOI), 4 tomos, Santiago, 1976-1986

²⁵ Cópias de alguns dos *Boletim del CELAM* encontram-se no FVatII/SP: 006.1/019 a 006.1/023

²⁶ MOUALLEM P., *A Igreja Greco-Melquita no Concílio – Discursos e notas do Patriarca Máximo IV e dos Prelados de sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II*, São Paulo, 1992

4. Metodologia da pesquisa

O trabalho inicial foi o de recolher a documentação relativa ao Concílio Vaticano II, aqui no Brasil. Enviei carta a todos os bispos e peritos brasileiros ainda vivos, que haviam participado do Concílio Vaticano II, tentando convencê-los de ceder os seus arquivos pessoais para o Fundo Vaticano II, por mim organizado na Biblioteca dos Padres Redentoristas em São Paulo. Foram também contatadas as dioceses daqueles bispos que já haviam falecido, na tentativa de se obter os seus documentos. Consegui também os papéis do único observador protestante do continente latino-americano, o Dr. Miguez Bonino de Buenos Aires. .

O segundo trabalho foi organizar, classificar e catalogar todos esses documentos, seguindo o mesmo procedimento eletrônico já adotado para o ordenamento da rica documentação sobre o Vaticano II, depositada no Istituto per le Scienze Religiose de Bologna, na Itália. Este procedimento visou tornar compatível a exploração de ambos os fundos documentais, seguindo-se o mesmo método de classificação e utilizando-se os mesmos programas de computador, para o fichamento dos documentos²⁷. Foram assim ordenados e classificados cerca de cinco mil papéis, esquemas conciliares, anotações de bispos, peritos e teólogos brasileiros que participaram do Concílio Vaticano II, em sua fase preparatória (1959-1962) e durante a sua realização (1962-1965).

Numa etapa posterior, Luiz J. Baraúna, um dos pesquisadores empenhados na reconstrução da história da participação brasileira no Concílio Vaticano II, fotocopiou nos Arquivos da CNBB em Brasília, documentação complementar à que havia sido recolhida ao Fundo Vaticano II, depositando estas fotocópias em São Paulo.

Ao lado da organização e exploração da documentação recolhida em São Paulo, a pesquisa foi complementada com três meses e meio de trabalho nos Arquivos e na Biblioteca do Istituto per le Scienze Religiose de Bologna e nos Arquivos e Bibliotecas Romanas, incluindo aí a do Colégio Pio Brasileiro, de março a junho de 1993 e novamente em março de 2000. O acervo de Bologna, como já foi assinalado, é o mais importante para a história do Concílio, por causa da sua biblioteca, a mais completa sobre o tema, e pelos seus fundos documentais aí recolhidos: diários, cartas, anotações de alguns dos mais importantes teólogos, bispos e cardeais que participaram do Vaticano II. Encarregado da

²⁷ Cfr. MELLONI, *Per una prosopografia e cronologia critica del Vaticano II*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 1-10

análise de todos os papéis do Papa João XXIII, para o seu processo de canonização, o ISR pode dispor de um acesso único a esta documentação privilegiada que permite retrazar o laborioso itinerário do anúncio à abertura da primeira sessão (11-10-1962) do Concílio e da inter-sessão entre 1962 e 1963, podendo seguir a mente e as intervenções do Papa, que havia convocado o Concílio.

Ao lado de Bologna, encontram-se, evidentemente, dos Arquivos Romanos, em curso de publicação, desde o imediato pós concílio, por ordem de Paulo VI²⁸. Da fase Ante-Preparatória, Preparatória e dos quatro Sessões do Concílio já foram publicados 59 grandes volumes.

Como um dos responsáveis pela redação da História do Vaticano II, vim participando, desde 1989 com os demais integrantes do projeto dos encontros e seminários que foram mapeando as principais questões metodológicas e práticas para se escrever a história do Concílio, acontecimento complexo e multitudinário, envolvendo bispos e peritos procedentes de praticamente todos os países e culturas hoje existentes, enfrentando a gigantesca tarefa de repensar, em bases novas, a Igreja Católica, sua missão, tarefas e estruturas no mundo de hoje²⁹.

Com o rápido desaparecimento dos principais protagonistas do Concílio e com a aceleração das mudanças do mundo e da igreja, para as quais sem dúvida contribuiu o

²⁸ Para se estabelecer uma comparação historicamente relevante sobre a publicação da documentação conciliar, as atas e demais documentos do Concílio de Trento (1545-1563) só se tornaram inteiramente acessíveis aos historiadores trezentos anos depois, com a abertura, por Leão XIII (1878-1903), dos Arquivos do Vaticano. A publicação das Atas, Diários, Cartas só viu a luz em 1901, por obra da Societas Goerresiana de Friburgo. Escreve Hubert Jedin que nos brindou a monumental história do Concílio de Trento em quatro volumes (1949-1962): “Desde Sarpi e Pallavicino, es decir, desde hace trecentos años, está esperando el mundo una historia del concilio de Trento que sea algo más que una acusación y una apología. Ranke la tenía por imposible, pues quienes la querían escribir, no podían, por serles inaccesibles las fuentes; y los que podían, no querían. El obstáculo de la inaccesibilidad de las fuentes há desaparecido por la apertura de los Archivos Viticanos. Pero subsiste outra dificultad y aun puede decirse que, desde Ranke, se há agigantado. Hoy, más que nunca una historia del concilio es una aventura. El historiador tiene delante una tarea, cuyo adecuado desempeño es imposible para uno solo hombre”. JEDIN, Hubert, *História del Concilio de Trento, I – La lucia por el Concilio*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 1972, p. IX

²⁹ Para uma síntese das questões hermenêuticas e metodológicas implicadas na história do Vaticano II, cfr. ALBERIGO G., *Critères hermèneutiques pour une histoire de Vatican II*, in M. LAMBERIGTS et CL. SOETENS (ed.), *À la veille du Concile Vatican II – Vota et réactions en Europe et dans le catholicisme oriental*, Leuven, 1992, 12-23. Cfr. também, J. FAMERÉE, *Instruments et perspectives pour une histoire du Concile Vatican II*, ibidem, pp. 258-268 e ainda MELLONI, A., *Per una prosopografia e cronologia critica del Vaticano II*, in GROOTAERS J. et C. SOETENS, o. cit. pp. 1-10. Extremamente proveitoso para nós foi também a participação no seminário promovido pela Universidade de Tübingen na Alemanha, juntamente com a Katholische Akademie der Diözese Rottenburg-Stuttgart, de 17 a 19 de março de 1997, sobre a hermenêutica da interpretação do Concílio: “Zur Hermeneutik der Interpretation des Zweiten Vatikanischen Konzils”, no quadro do projeto de pesquisa mais amplo sobre “Cultura Global e a Fé Cristã”: “Globalkultur und Christlicher Glaube – Die Bedeutung des Zweiten Vatikanischen Konzils im kulturellen Transformationprozess der Gegenwart”. As atas do congresso estão em curso de publicação. Cfr. ainda de HÜNERMANN, P., *Il Concilio Vaticano II come evento – Una riflessione fondamentale sull’ermeneutica dei testi conciliari*. (mimeo, páginas 16). Este estudo foi apresentado no Colóquio de Bologna, “Il Vaticano II: l’evento, l’esperienza e i documenti finali”, de 12 a 15 de dez. de 1996

Concílio, faz-se mais urgente o trabalho do historiador, tanto no sentido de identificar, salvaguardar, catalogar e tornar disponíveis as fontes, como de afrontar a difícil tarefa de superar a simples crônica conciliar, “historicizando” e interpretando este acontecimento³⁰. Outro imperativo decorre do fato que, para as novas gerações, o Concílio tornou-se um acontecimento já longínquo no tempo e cuja densidade e importância histórica é dificilmente perceptível.

Dediquei-me tanto a uma quanto à outra empresa, a de reunir e classificar as fontes documentais brasileiras e a de iniciar uma primeira interpretação da participação brasileira no Concílio, consciente da urgência da tarefa, como das próprias limitações, em termos de formação histórica e de tempo para dedicar-me a esta tarefa, que de per si, exige um esforço coletivo. O obstáculo crescente para recrutar colaboradores reside no problema do domínio da língua latina, em que se encontram redigidos todos os documentos conciliares oficiais, os debates, anotações, trabalhos em comissões e subcomissões, assim como a maior parte das contribuições dos peritos e teólogos.

Finalmente, esse trabalho sobre o episcopado brasileiro no Vaticano II, insere-se no âmbito de pesquisas semelhantes que vêm sendo conduzidas em outros países, permitindo um termo de comparação com a atuação dos outros episcopados, com o esforço para o levantamento das fontes, as hipóteses de trabalho e as linhas de interpretação³¹.

Os estudos sobre os outros países e sobre os diversos grupos informais atuantes no Concílio, têm permitido um proveitoso cruzamento de dados, no sentido de desvendar a complexa rede de articulações e interferências mútuas entre os diferentes atores da aventura conciliar, situando nesta trama a participação do episcopado brasileiro.

³⁰ Cfr. ALBERIGO, G. e A. MELLONI, *Per la storizzazione del Vaticano II*, in CRISTIANESIMO NELLA STORIA, XIII/3, ottobre 1992, pp. 473-474; FOUILLOUX, E., *Histoire et événement: Vatican II*, ibidem, pp. 515-538; J. O'MALLEY, *Interpretare il concilio Vaticano II*, ibidem, pp. 585-592; G. ALBERIGO, *Il Vaticano II nella tradizione conciliare*, ibidem, pp. 593-612

³¹ Os seguintes estudos foram apresentados no Colóquio Internacional para a “Storia del Concilio Vaticano II”, realizado sob os auspícios da Fondazione Giovanni XXIII – Istituto per le Scienze Religiose de Bologna, de 12 a 15 de dezembro de 1996: P. DABEZIES (Montivideo), *Los Obispos de Uruguay en el Concilio*; M. IMPAGLIAZZO, (Roma), *I vescovi nord-africani al Vaticano II*; J. KLOCZOWSKI (Lublin), *L'Episcopato Polacco al Concilio*; A. LAZZAROTTO (Roma), *I vescovi cinesi al Concilio*; P. NOËL, (Laval), *Les évêchés et leurs organisations – Synthèse*; P. PULIKKAN (Thrissur), *The Indian Participation at Vatican II*; F. SPORTELLI (Bari), *La Conferenza Episcopale italiana*; A. ZAMBARBIERI (Pavia), *I vescovi del Giappone al Vaticano II*; L. ZANATTA, (Bologna), *Il “Coetus Argentinus”*. A publicação destes estudos está sendo ultimada pela Bibliothek van de Faculteit Godgeleerdheid da Universidade de Leuven, na Bélgica.

‘Nenhum medo. O Senhor está presente. Um tempo novo começou...’³¹

João XXIII

INTRODUÇÃO

Ao escolher, como tema da dissertação de doutorado, a participação no Concílio Vaticano II (1959-1965) do episcopado brasileiro, articulado na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), orientavam-me alguns pressupostos.

Em primeiro lugar, o da relevância do tema, pois o Vaticano II foi, na opinião dos especialistas, o mais importante acontecimento no campo cristão durante o século XX³² e, provavelmente, sem similar no panorama religioso deste século.

Os Concílios Ecumênicos, em número de 21, marcaram profundamente a história do mundo cristão; os quatro primeiros (Nicéia, em 325; Constantinopolitano I, em 381; Éfeso, em 431 e Calcedônia, em 451) foram recebidos no Oriente quase que com a mesma veneração tributada aos quatro evangelhos³³.

Na série dos 21 concílios, os sete primeiros são acolhidos igualmente pelo Ocidente e pelo Oriente cristãos - com exceção das antigas igrejas orientais -; o oitavo foi fator de grande dissensão entre o Oriente e o Ocidente por causa da tensão entre Roma e os patriarcados orientais e da medida disciplinar que destituiu o Patriarca Fócio da sede de Constantinopla³⁴. Os concílios seguintes, a partir do Laterano I (1123), recebidos como

³¹ Últimas palavras de João XXIII no seu leito de morte, dirigidas ao seu secretário e colaborador, Mons. Loris Cappovilla e retransmitidas por este a Dom Helder Camara, em carta pessoal: HC III/16, 26-27/09/1964.

³² O Vaticano II, foi “indubitavelmente a mais ampla obra de reforma jamais empreendida pela igreja”, R. LATOURELLE, verbete *Vaticano II*, em *Dicionário de Teologia Fundamental*, sob a direção de R. Latourelle - R. Fisichella. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 1043. Latourelle, professor e ex-reitor da Universidade Gregoriana dos jesuítas, em Roma, coordenou grande obra coletiva de balanço dos 25 anos de início do Vaticano II (1962-1987), patrocinada pela mesma Gregoriana: LATOURELLE, R., *Vaticano II: Bilancio & Prospettive, venticinque anni dopo - 1962-1987*, vol. 1 e 2, Roma, 1987. É reconhecido como um dos principais teólogos deste século.

³³ A obra clássica sobre os Concílios Ecumênicos é, ainda, a de HEFELE-LECLERCQ, *Histoire des Conciles* (1907-1921). O anúncio e realização do Vaticano II provocaram nova primavera de estudos sobre os concílios, dentre os quais se destaca a coleção, *Histoire des Conciles Oecuméniques*, em 12 volumes, editada pelas Éditions de l'Orante, em Paris, sob a direção de Gervais DUMAIGÉ, S.J., 1963-1981, além de muitas sínteses, dentre as quais a mais feliz foi a de H. JEDIN, *Concílio Ecumênicos - História e Doutrina*. São Paulo: Herder, 1961) e a mais recente e competente a de ALBERIGO G. (org.), *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995. O Istituto per le Scienze Religiose (ISR) de Bologna publicou também, sob a direção de ALBERIGO G., edição bilíngüe, latim e italiano, [trilingüe, incluindo o grego, para os oito primeiros concílios, do Niceno (321) ao Constantinopolitano IV (869-70)], dos decretos de todos os concílios ecumênicos: *Conciliarum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: ISR-Dehoniana, 1972.

³⁴ PERRONE, Lorenzo, “O Constantinopolitano IV (869-870): Primado romano, pentarquia e comunhão eclesial às vésperas da separação entre Oriente e Ocidente”, in ALBERIGO, *História dos Concílios Ecumênicos*, o. cit. pp. 157-183.

ecumênicos pela Igreja Latina, são considerados pelos orientais, apenas concílios ocidentais e, portanto, não ecumênicos.

O Vaticano II procurou dar passos para superar a secular ruptura entre o Oriente e o Ocidente cristãos, consumada em 1.054, convidando as Igrejas Ortodoxas³⁵ e as antigas Igrejas Orientais³⁶ a participarem do Concílio, enviando observadores. Ao término do Concílio, na manhã do dia 7 de dezembro de 1965, em celebrações simultâneas, em Roma, perante todos os padres conciliares do Concílio e, em Constantinopla, perante o Sínodo Patriarcal, Paulo VI, o patriarca do Ocidente e Athenagoras, o Patriarca ecumênico de Constantinopla, levantaram, em declaração conjunta, num gesto de paz, no caminho da reconciliação e da unidade, as excomunhões e anátemas proferidos entre as duas igrejas³⁷.

³⁵ As igrejas ortodoxas, seguindo caminho próprio, desde a ruptura de 1054 entre oriente e ocidente e de posteriores desdobramentos históricos, agrupam cerca de 200 milhões de fiéis que habitam, em sua maioria, os territórios da atual Comunidade dos Estados Independentes (antiga União Soviética), os Balcãs e o Próximo Oriente, com diásporas importantes nos Estados Unidos, Canadá, América do Sul e Austrália, por conta das migrações da segunda metade do século XIX e século XX. Elas compreendem: Oito patriarcados: Alexandria (o Concílio de Nicéia, em 325, no cânon 6, reconheceu que seu Bispo exercia jurisdição superior sobre toda a diocese civil romana do Egito), Jerusalém, Antioquia, Constantinopla como *primus inter pares* (o primeiro entre iguais. Estes três patriarcados juntos com Alexandria e Roma, são reconhecidos no Concílio de Calcedônia, 451, como formando a pentarquia que regia a Igreja); Moscou (constituído em Igreja autocéfala no Sínodo de Moscou de 1448 e em Patriarcado em 1589), Belgrado na Sérvia (1920). Bucareste na Romênia (1925), Sofia na Bulgária (1953, 1961); Quatro igrejas autocéfalas: Grécia, Chipre, Polónia e Checoslováquia; Igrejas autônomas (dependentes de algum patriarcado): Igreja da China, do Japão e da Finlândia; Igrejas da diáspora. Sobre o Patriarcado de Constantinopla e o trabalho ecumênico desenvolvido pelo Patriarca Athenagoras, cfr. MARTANO, Valeria, *Athenagoras, il Patriarca (1886-1972). Um Cristiano fra crisi della coabitazione e utopia ecumenica*. Bologna: Il Mulino, 1996. Cfr. OLIVIER, Clement, *L'Eglise Orthodoxe*. 4^a ed., Paris: PUF, 1991; BOSCH NAVARRO, Juan, *Para Compreender o Ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 64; AP 1987, "Patriarcados", pp. 1706-1707.

Durante o Concílio, enviaram observadores para alguma das quatro sessões, o Patriarcado de Constantinopla (III e IV), o Patriarcado Grego Ortodoxo de Alexandria (III e IV), a Igreja Russa Ortodoxa - Patriarcado de Moscou (I, II, III, IV), Igreja Servia Ortodoxa (IV), Igreja Ortodoxa da Geórgia (II, III, IV), Igreja Búlgara Ortodoxa (IV), Igreja Russa Ortodoxa no estrangeiro (I, II, III, IV). Cfr. AS - *Appendix Altera*, Tabella V, pp. 276-278. Sobre o diálogo e as relações por vezes tensas e difíceis entre a Igreja Católica e a Ortodoxia russa, cfr. TAMBOURA, Angelo, *Chiesa cattolica e ortodossia russa. Due secoli di confronto e dialogo dalla Santa Alleanza ai nostri giorni*. Milano: Paoline, 1992

³⁶ As antigas igrejas orientais, algumas delas remontando ao primeiro século do cristianismo, separaram-se da corrente grego bizantina majoritária, à raiz das controvérsias cristológicas que precederam o Concílio de Calcedônia (451), sendo, por isso, também chamadas de monofisitas, nestorianas ou simplesmente não calcedonianas. Agrupam cerca de 30 milhões de fiéis e compreendem a Igreja Apostólica Armênia, a Igreja Síria Ortodoxa, a Igreja Copta Ortodoxa, a Igreja Ortodoxa na Etiópia. Mandaram seus observadores para o Concílio, a Igreja Copta Ortodoxa (I, II, III, IV), a Síria Ortodoxa (I, II, III, IV), a Armênia Ortodoxa do Catholicossat de Etchmiazidin (II, III, IV) e do Catholicossat da Cilícia (I, II, III, IV); a Etiópica Ortodoxa (I, II, IV); a Síria Ortodoxa da Índia (II, III, IV); a Assíria do Catholicossat do Patriarcado do Oriente (III) e a Síria Mar Thomas do Malabar (II, III, IV). AS, *Appendix Altera*, Tabella V, pp. 277-278.

³⁷ AS IV/7, 652-662; KLOP V, pp. 486-493; ; WENGER, Antoine, *Vaticano II - Chronique de la Quatrième Session*. Paris: Editions du Centurion, 1966, pp. 449-466; CAPRILE V, pp. 506-513.

Buscou igualmente superar a divisão oriunda da reforma protestante de 1517, criando o Secretariado para a União dos Cristãos³⁸ e convidando também observadores das igrejas protestantes³⁹. Assinalou, deste modo, a tardia entrada oficial da Igreja Católica na grande corrente do movimento ecumênico contemporâneo⁴⁰. Essa entrada no complexo campo das relações ecumênicas mexeu com a autoconsciência das várias igrejas, levou a uma notável flutuação semântica na maneira de cada igreja autodenominar-se e de ser denominada pelas outras e continua provocando mal-entendidos e desconforto, como no caso da recente declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, a *Dominus Jesus*⁴¹.

Sem descer à complexidade do assunto, é importante, no mínimo, historicizar o uso habitual e o conceito corrente de Igreja Católica. Pelo menos até o Concílio de Trento, o nome que lhe é aplicado é o de Igreja Latina, para contrapô-la ao Oriente cristão⁴². Após a divisão de 1054, a Igreja Oriental passou a autodenominar-se “Ortodoxa”, para contrapor-se à Latina que teria se afastado da reta doutrina, ou seja, da Ortodoxia. Em Roma, os ortodoxos foram regularmente chamados de “gregos”.

³⁸ Sobre o Secretariado e sua criação, cfr. KOMONCHAK, Joseph, “O Secretariado de Promoção da Unidade Cristã”, in *História I*, pp. 264-272; VELATI, M., “Le Secrétariat pour l’Unité des Chrétiens et l’origine du décret sur l’œcuménisme”, in LAMBERIGTS, M. - Cl. SOETENS - J. GROOTAERS, *Les Commissions Conciliaires à Vatican II*. Leuven: Bibliothek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1996, pp. 181-204.

³⁹ Enviaram observadores as seguintes Igrejas ou famílias confessionais oriundas da reforma ou de posterior evolução histórica: Igreja Vétéro Católica - União de Utrecht (I, II, III, IV); Comunhão Anglicana (I, II, III, IV); Federação Luterana Mundial (I, II, III, IV); Aliança Presbiteriana Mundial (I, II, III, IV); Igreja Evangélica da Alemanha (I, II, III, IV); Conselho Mundial dos Metodistas (I, II, III, IV); Conselho Internacional dos Congregacionistas (I, II, III, IV); Convenção Mundial das Igrejas de Cristo - Discípulos (I, II, III, IV); Comitê Mundial dos Amigos (I, II, III, IV); Associação Internacional do Cristianismo Liberal - I.A.R.F.(I, II, III, IV); Igreja da Índia do Sul (II, III, IV); Igreja Unida do Cristo do Japão (IV); Federação Protestante da França (IV); Conselho Mundial de Igrejas - Genebra (I, II, III, IV); Conselho Australiano de Igrejas (IV), além de vinte e dois hóspedes do Secretariado para a União dos Cristãos, presentes a título pessoal, pertencentes a estas ou a outras igrejas cristãs. AS, *Appendix Altera*, Tabella V, pp. 279-282.

⁴⁰ ROUSE, R. and NEIL S. C., *A History of Ecumenical Movement I (1517-1948)*; FEY, H.E., II (1948-1978), SPK, London, 1993, 4^a ed. especialmente o cap. 15, vol. I, de Oliver Stratford Tomkins, *The Roman Catholic Church and the Ecumenical Movement, 1910-1948*, pp. 677-693 e o cap. 12, vol. II de Lukas Vischer, *The Ecumenical Movement and the Roman Catholic Church*, pp. 311-352.

⁴¹ Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração “Dominus Jesus”, sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. Roma, 06-08-2000. A Declaração de fato só foi publicada e apresentada oficialmente pelo Cardeal Joseph Ratzinger a 08-09-2000. Para uma leitura crítica da Declaração à luz do Vaticano II, cfr. BOFF, Leonardo, “Quem subverte o Concílio? Resposta ao Cardeal J. Ratzinger, a propósito da *Dominus Jesus*”. (inédito).

⁴² O termo *latino*, por outro lado, evoca más recordações no Oriente, como não deixaram de lembrar Máximos IV na última reunião da Comissão Central, em janeiro de 1962: “Se os orientais podem ser católicos sem se tornar latinos, pergunto: por que manter no Oriente, em pleno século XX, em país muçulmano, um patriarcado latino ocidental que só pode existir latinizando, em prejuízo da Igreja oriental? A latinização do Oriente empreendida pelo patriarcado latino de Jerusalém, constitui lamentável desmentido às declarações formais dos Papas, prometendo aos Orientais que retornassem à unidade que não seriam obrigados a latinizar”. A tradução desta intervenção e das intervenções do patriarca e dos demais bispos melquitas, na preparação do Concílio e durante a sua realização, foi publicada no Brasil: MOUALLEM, Kyr Pierre, *A Igreja Greco-Melquita no Concílio - Discursos e notas do Patriarca Máximo IV e dos Prelados de sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II*, Eparquia Melquita do Brasil - Loyola, São Paulo, 1992, pp. 162.

Com a reforma protestante, na tradição luterana, a Igreja Latina passou a ser chamada de Igreja Romana e, atualmente, de Igreja Católica Romana (ICR), nome que lhe é atribuído na literatura do Conselho Mundial de Igrejas.

A Igreja Latina, por sua vez, nos tempos do Tridentino, quando a contradição religiosa principal, liquidada pela tomada de Constantinopla pelos turcos (29-05-1453), deixou de ser entre latinos e gregos, e foi substituída pela tensão entre católicos e protestantes, passou a autodenominar-se Igreja Católica Apostólica Romana, ou simplesmente Igreja Católica.

Durante o Concílio, os católicos orientais reagiram fortemente à identificação entre o ser “católico” e o ser “romano”. Reivindicando a sua plena catolicidade e sua comunhão com Roma, não se sentiam, nem por isso, latinos ou romanos e, sim, orientais. É lapidar a intervenção do Patriarca Antioqueno dos Melquitas, Máximos IV Saigh, sobre a questão em tela, durante a I Sessão do Concílio. Recusando-se a falar em latim, a língua oficial do Concílio, causou sensação ao quebrar, propositalmente, o regulamento e dirigir-se em francês à Assembléia.

“Il ne faut pas oublier en effet qu’on s’adresse ici à l’Église orientale. Église pleinement apostolique dans ses éléments constitutifs, et nettement distincte de la latinité. C’est une Église première-née du Christ et des Apôtres. Son développement et son organisation historique sont l’exclusive oeuvre des Pères, de nos Pères grecs et orientaux. Elle doit ce qu’elle est au Collège des Apôtres, toujours vivant dans l’épiscopat en collégialité, avec Pierre en son centre, avec ses responsabilités et ses droits distinctifs.

Cette Église ne doit historiquement au Siège Romain ni son origine, ni ses rites, ni son organisation, ni rien de ce qui la fait concrètement. En bref, nul ne l’a engendrée dans la foi hors les Apôtres; personne, hormis les Pères, ne l’a constituée dans tout son patrimoine de prière, d’organisation et d’activité. Peut-on dire que les Saints Basile, Grégoire, Cyrille, Chrysostome et autres sont des catholiques de second rang, parce que non romains en tout ce qu’ils ont reçu et tout ce qu’ils ont legué?⁴³”

Assim, pois, os melquitas católicos sentem-se plenamente em comunhão com Roma, mas de modo algum aceitam ser caracterizados como romanos ou identificados com a Igreja Católica “Romana” ou, na sua linguagem, com a Igreja “Latina”. Por outro lado, sentem-se cultural e espiritualmente parte integrante do oriente cristão e da herança

⁴³ Intervenção de Máximos IV Saigh, Patriarca Antioqueno dos Melquitas na XXVIII Congregação Geral (27/11/1962). AS I/3, 616-618. MOUALLEM, o. cit. pp. 341-343.

“ortodoxa”, sentindo-se chamados a serem uma ponte para restabelecer a antiga comunhão (sobornost) entre oriente e ocidente.

Esta flutuação no vocabulário, dentro do atual quadro de relações ecumênicas e das transformações internas da Igreja Católica, em boa parte desencadeadas pelo Vaticano II, leva-me a referir-me à “Igreja Católica”, como “Igreja Latina”, quando estão em jogo suas relações com os orientais católicos ou ortodoxos; como “Igreja Católica Romana” (ICR), quando se considera o modo de os protestantes e, em particular, de os luteranos a chamarem; e “Igreja Católica” simplesmente, no uso corrente do Brasil, sem contudo negar o caráter de “catolicidade” a outras igrejas que o reivindicam.

Se o olhar do outro é sempre um elemento revelador da própria identidade, pelo menos sob o ângulo daquele que a capta, deixo o registro do balanço de um dos pioneiros do ecumenismo, o Professor grego-ortodoxo, Alivisatos de Atenas, ao final do Concílio, depois que Roma e Constantinopla haviam levantado, simultaneamente, as condenações mútuas, datando de 1054: “Par la célébration de ce Concile, l’Église Catholique romaine, de catholique est devenue, sans conteste, oecuménique”⁴⁴.

Mesmo no interior do que se costuma chamar de Igreja Católica Romana, é preciso estar atento a identidades próprias, herdadas do passado e não de todo abolidas. Assim, a Igreja de Milão conserva sua antiga liturgia que remonta ao século V, o Rito Ambrosiano, e não a Liturgia Romana; na Igreja de Toledo, na Espanha, até hoje, se preserva o rito mozarábico em algumas de suas paróquias e numa capela da Catedral. Durante o Concílio, os Bispos da Espanha imprimiram e ofereceram a Paulo VI, o *Ordo Missae Ritu Mozarabico peragendae*⁴⁵. Braga, em Portugal e Lyon, na França, mantiveram, até a reforma litúrgica do Vaticano II, peculiaridades litúrgicas próprias. Ordens religiosas, como os dominicanos, continuam conservando também o seu próprio rito.⁴⁶

⁴⁴ ALIVISATOS, jornal *Virna* (A Tribuna). Atenas, 9-11/01/1966, citado por WENGER, Antoine, *Vatican II - Chronique de la Quatrième Session*. Paris: Editions du Centurion, 1966 IV, p. 466.

⁴⁵ Na introdução ao folheto da celebração foi colocado um breve excuro histórico do rito: “Liturgia mozarabica liturgia occidentalis est et latina, efformata ac evoluta in Hispania sub dominatione wisigothorum, maxime ab eorum conversione, anno 589, usque ad initium saec. VIII. Hinc vetus hispanicus ritus melius et proprius liturgia hispanowisigothica vel, ut saepe dicitur, “toletana” denominaretur quia Toletum, caput regni, centrum religiosum et sedes conciliorum, recognitione ordinum, textuum et melodiae unitati cultuali norma fuit. Non raro etiam ritus isidorianus nuncupatur”. *Ordo Missae Ritu Mozarabico peragendae*. Toleti: Editorial Catolica Toledana, 1963.

⁴⁶ “Nell’Occidente finì col prevalere universalmente la liturgia derivata da Roma. Anche l’antichissima liturgia gallicana, largamente diffusa e che fornì alle liturgie locali ed anche alla romana non pochi elementi, venne sostituita, dall’epoca di Carlo Magno, con la liturgia romana. Similmente nel secolo XI successe per la liturgia ispana o mozarabica, in certi elementi vicina alla gallicana (e che fu poi fatta rivivere nel secolo XVI dal Car. Ximénez de Cisneros in una cappella della Cattedrale ed alcune parrocchie di Toledo dove tuttora si conserva). Nell’Arcidiocesi di Milano (nonchè in diverse parrocchie delle diocesi di Bergamo, Novara, Pavia e

Por outro lado, após o Vaticano II, é preciso registrar a diversidade que vai emergindo nas Igrejas da Ásia, África e América Latina, conquistando, cada uma delas, seu rosto próprio. Estas Igrejas estão em comunhão com Roma, mas trilhando o caminho de uma crescente inculturação lingüística, litúrgica, pastoral e teológica. Nota-se, nelas, uma progressiva diversidade que, sociológica e historicamente, não permite mais caracterizá-las simplesmente como igrejas “latinas” ou “romanas”.

As Igrejas Católicas Orientais serão aqui chamadas cada uma por seu nome próprio: Copta Católica, Melquita⁴⁷, Maronita⁴⁸, Ucrâniana⁴⁹, Armena⁵⁰, e assim por diante. As quatro últimas estão hierarquicamente organizadas no Brasil, existindo ainda um Ordinariato para os fiéis de Ritos Orientais, com sede no Rio de Janeiro, RJ, circunscrição pessoal para aqueles que não contam com um ordinário do próprio rito.⁵¹

O Concílio Vaticano II significou, para a Igreja Católica, um divisor de águas, o fim de uma época e o início de outra, pois encerrou, de certo modo, a longa fase inaugurada com o Concílio de Trento (1545-1563), fase de ruptura com o nascente mundo moderno e de confronto com as correntes espirituais, culturais e políticas que emergiram do conjunto da renascença e de modo particular, da reforma protestante.

O catolicismo latino, com o rosto que perdurou até a década de 60 deste século, foi fruto direto da reforma católica selada pelas orientações doutrinárias e institucionais do Concílio de Trento⁵². Para Marc Venard, o Concílio de Trento “abre o

Lugano) sussiste attualmente la liturgia ambrosiana, riordinata da S. Carlo Borromeo. Varie peculiarità di liturgie locali furono soppresse dal Concilio di Trento non avendo autorità da due secoli; ne sopravvissero invece alcune fino al Concilio Vaticano II nelle Arcidiocesi di Braga e di Lione ed in famiglie religiose, ad. es. presso i Domenicani e i Certosini.” AP 1994, p. 1716.

⁴⁷ Eparquia de Nossa Senhora do Paraíso, em São Paulo, para os fiéis de Rito Melquita, criada a 29/11/1971, sufragânea da Arquidiocese de São Paulo e pertencente ao Patriarcado de Antioquia dos Gregos Melquitas.

⁴⁸ Eparquia de Nossa Senhora do Líbano de São Paulo, para os fiéis do Rito Maronita, criada a 29/11/1971, sufragânea da Arquidiocese de São Paulo e pertencente ao Patriarcado Maronita de Antioquia.

⁴⁹ Eparquia de São João Batista de Curitiba. O Exarcado Apostólico para os fiéis do Rito Ucrâniano, foi criado a 20/05/1962 e elevado a Eparquia sufragânea da Arquidiocese de Curitiba a 29/11/1971. Pertence à tradição ritual constantinopolitana ou bizantina.

⁵⁰ Exarcado Apostólico Armeno para a América Latina e o México, criado a 03/07/1981, tem sua sede em São Paulo e pertence ao Patriarcado Armeno de Sis e Cilícia.

⁵¹ O Ordinariato para os fiéis de Ritos Orientais foi criado em 14/11/1951 e tem sua sede na Arquidiocese do Rio de Janeiro, tendo sido o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara (1951-1971), o seu primeiro ordinário.

⁵² Reforma ou Contra-Reforma? Para este debate, leia-se Chaunu que consegue escapar ao dilema e definir o período todo como um longo tempo de “reformas”. Ele abre o seu estudo, já um clássico da reinterpretação historiográfica do período, escrevendo: “Cet essai est consacré à ce que l’on est tenté d’appeler, dans un premier mouvement, les deux Réformes de l’Église. Mieux vaut dire le temps des deux Réformes de l’Église. La problématique des deux Réformes, réforme protestante d’abord, réforme catholique ensuite - plus et mieux que Contre-Réforme, ce calque un peu limitatif de la *Gegen Reformation* des historiens allemands de la fin du siècle dernier --, constitue incontestablement un progrès par rapport à la problématique

novo tempo do catolicismo como confissão nascida no seio de uma cristandade dividida. Resposta tardia ao drama da revolta de Lutero, o Concílio de Trento deverá dar uma definição a todos os pontos controvertidos do dogma católico e reformar as práticas, e, sobretudo, o espírito da velha Igreja, tendo em vista melhor equipá-la para o confronto com as suas jovens rivais⁵³.

Já à luz da grande virada do Vaticano II, Hubert Jedin, o principal historiador do Tridentino, que iniciou sua pesquisa vinte anos antes do Vaticano II e só a concluiu depois do término do Concílio, alerta, entretanto, que a herança de Trento permanece e é parte do debate na renovada busca da identidade católica no período pós-conciliar.⁵⁴

De outra parte, o Vaticano II representou, para a Igreja Católica no Brasil, uma ocasião impar em sua história, reorganizando-a, não só internamente, mas inserindo-a também num complexo tecido de relações com as demais igrejas do mundo todo, com as outras igrejas da América Latina e redefinindo suas relações com o centro romano. Usando uma imagem dos dias de hoje, o Vaticano II, tirou a Igreja do Brasil duma relativa

des histoires religieuses confessionnelles (les Anglais diraient dénominationnelles) et, plus limitativement encore, institutionnelles qui ont continué d'imposer leurs limites presque jusqu'au milieu du siècle. Au plan des grands traités d'histoire générale, cette manière de fractionner une continuité tronquée et perdue aboutissait aux chapitres séparés, ballottés, où, longtemps après Luther, Calvin, Knox, Elisabeth, les guerres de Religion, émergeaient les articles du concile de Trente, l'oeuvre de saint Charles Borromée, les colonnades de Maderna et puis, plus tard, dans un tout autre environnement, Bérulle, Pascal, les tensions tragiques d'un siècle de saints, classiques et français. Cette problématique des deux Réformes en continuité, Lucien Febvre l'avait entrevue, lui qui a retrouvé, au coeur religieux du XVI siècle, le cheminement spirituel de Martin Luther - un destin qui domine bien plus qu'un long XVI siècle -, dans un survol lucide et intelligent des lourds et savants in -quarto de l'érudition allemande; il a déblayé le terrain. Il a manqué à Lucien Febvre encore un peu de temps, un peu de familiarité avec le XVII siècle et un peu plus de sympathie pour la spiritualité catholique pour imposer, avec son talent et son autorité, la problématique des deux Réformes en continuité". CHAUNU, Pierre, *Les Temps des Réformes - La crise de la chrétienté: l'éclatement 1250-1550*. Paris, Fayard, 1975, p. 9. Na verdade, Chaunu irá falar não de duas reformas, dramaticamente opostas no passado, hoje reconciliadas, mas sim de quatro: a dos que buscaram reformar a igreja na idade média, entre os séculos XI e XIV, protestante - luterana e calvinista -, a reforma católica e os anabatistas, unitários e outras correntes "heterodoxas". Ibidem, pp. 10-12.

⁵³ VENARD, Marc, "O Concílio Lateranense V e o Tridentino", in G. ALBERIGO (org.) o. cit. p. 317.

⁵⁴ Concluindo a redação de sua monumental História do Concílio de Trento, que ocupou 35 anos de sua vida, já nos anos posteriores (1973) ao Concílio Vaticano II, H. Jedin, comentava o renascer das controvérsias sobre o significado do Tridentino: "Cuando tomé la decisión de escribir la historia del concilio de Trento, por el hecho de que se conocían las fuentes más importantes, parecía que era la salida de la lucha secular de las confesiones y entrada en la atmósfera más fría de la historiografía no partidista. Ahora que entrego la obra terminada, este Concilio ha entrado de nuevo a ocupar el centro de la controversia eclesial, pero menos confesional que en el interior del mundo católico. Desde la perspectiva del ecumenismo y de la reflexión de los católicos sobre sí mismos, después del Concilio Vaticano II, por unos es considerado como un obstáculo para la reunificación de las iglesias cristianas, por otros como el baluarte de la actitud de la confrarreforma, por otros en fin como la suma y compendio de la auténtica tradición. Este libro no entra directamente en esta disputa de partidos, no es bajo ningún aspecto un escrito polémico. Pero hace hablar a los hechos. El lector atento, que yo deseo para este libro, se verá sorprendido por su lectura no menos que su autor, cuando se dé cuenta de que mucho, y aún casi todo lo que entonces excitaba a las personas, hoy nos está encomendado de nuevo.", JEDIN H., *Historia del Concilio de Trento - 4/II t.: Tercer Período - Conclusión*, o. cit., p. 11.

marginalidade no seio da Igreja universal, para a condição de uma global player, na complexa rede pastoral, espiritual, institucional e doutrinal do catolicismo contemporâneo. Este passo a Igreja do Brasil o deu, junto com o restante da América Latina, que protagonizou as conferências de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), mas, de maneira preeminente, pelo seu peso específico, pelo dinamismo de sua base eclesial, pela diversidade e qualidade de sua produção teológica e *last but not least*, pela continuidade nas orientações e opções da CNBB, calcadas em profunda fidelidade às grandes linhas do Vaticano II.⁵⁵

Este estudo faz-se tanto mais urgente, quanto a geração de bispos brasileiros que participou do Vaticano II, está deixando definitivamente o cenário de responsabilidades diretas na direção da CNBB, assim como o do pastoreio quotidiano no governo de suas dioceses. Enquanto na anterior direção da CNBB, eleita a 15 de maio de 1995, para um mandato de quatro anos, havia ainda três bispos⁵⁶ sobre 33 que haviam tomado parte no Concílio Vaticano II, na nova direção eleita a 19 de abril de 1999, nenhum dos integrantes dos seus órgãos diretivos: presidência⁵⁷, CEP (Comissão Episcopal de Pastoral)⁵⁸, Conselho Permanente⁵⁹ ou a CED (Comissão Episcopal de Doutrina)⁶⁰, participou do Concílio.

⁵⁵ Para se avaliar, de um lado, os muitos dos percalços sofridos pela CNBB e, de outro, sua capacidade de administrar pressões em contrário, guardando substancial coerência na sua trajetória, cfr. BEOZZO, José Oscar, “Tensão e diálogo: As relações entre a Santa Sé e a Igreja do Brasil”, in BEOZZO, J.O., *A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1993, 1996 2ª.ed., pp. 207-303. Igualmente, REGAN, David, *Igreja para a Libertação - Retrato pastoral da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986; QUEIROGA, G.F. de, *Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, CNBB - Comunhão e Corresponsabilidade*. São Paulo: Paulinas, 1977.

⁵⁶ Na CEP (Comissão Episcopal de Pastoral), Dom José Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria, encarregado do ecumenismo e do diálogo inter-religiosos que já havia sido por duas vezes secretário geral (1972-1974 e 1974-1978) e, por duas vezes, presidente da CNBB (1979-1982 e 1983-1986); no Conselho Permanente, Dom Eugênio de Araújo Sales, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, em representação do Regional Leste I e, na CED (Comissão Episcopal de Doutrina), Dom Aloísio Lorscheider, cardeal arcebispo de Fortaleza (1973-1995) e depois de Aparecida do Norte (1996-2000), que fora secretário geral (1968-1972) e, por duas vezes, presidente da CNBB (1972-1974 e 1974-1978).

⁵⁷ Incluímos, para cada um deles, sua data de nascimento e elevação ao episcopado, todas elas posteriores ao término do Concílio, a 8 de dezembro de 1965. Presidência da CNBB - Presidente: Dom Jayme Henrique Chemello, bispo de Pelotas RS (n. 28-07-1932; e. 30-11-83); Vice-presidente: Dom Marcelo Pinto Carvalheira, arcebispo de João Pessoa PB (n. 01-05-1928; e. 05-11-1975); Secretário Dom Raymundo Damasceno Assis, bispo auxiliar de Brasília DF (n. 15-02-1937; e. 25-06-1986).

⁵⁸ Comissão Episcopal de Pastoral (CEP): Dimensão Comunitária participativa - Setor Vocações e Ministérios: Dom Angélico Sândalo Bernadirno, bispo de Blumenau SC (n. 19-01-1933; e. 12-12-1979); Dimensão Comunitária Participativa - Setores Leigos, Juventude e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): Dom Mauro Montagnoli, bispo de Ilhéus, BA (n. 04-07-1945; e. 20-12-1995); Dimensão Missionária - CCM - CENFI - SCAI - CIMI - COMINA: Dom Erwin Kräutler, bispo prelado de Xingu, PA (n. 12-07-1939; e. 07-11-1980); Dimensão Bíblico-Catequética: Dom Frei Francisco Javier Hernando Arnedo, OAR, bispo de Tianguá, CE (n. 13-01-1941; e. 06-03-1991); Dimensão Litúrgica e Santuários: Dom Geraldo Lyrio Rocha, bispo de Colatina, ES (n. 14-03-1942; e. 14-03-1984); Dimensão Ecumênica e de Diálogo Inter-religioso, Setor de Ensino Religioso Dom João Oneres Marchiori, bispo de Lages, SC (n. 02-05-1933, e. 25-01-1977);

Dos 311 bispos em função no Brasil, apenas 2 encontram-se entre os que responderam à consulta de João XXIII, enviada pelo Cardeal Tardini, em carta de 18 de junho de 1959⁶¹, durante a fase ante-preparatória do Concílio: Dom Eugênio de Araújo Sales⁶², cardeal arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ (n. 08-11-1920; e. 01-06-1954), então, jovem bispo auxiliar da diocese de Natal, RN e que respondeu individualmente à mesma e Dom Serafim Fernandes de Araújo⁶³, cardeal arcebispo de Belo Horizonte (n. 13-08-1924), na época, bispo auxiliar da arquidiocese de Belo Horizonte, que subscreveu a resposta coletiva enviada pela província eclesiástica de Belo Horizonte.

Entre todos estes 311 bispos, restam na ativa apenas 8, que tomaram parte em todos ou em algum dos quatro períodos conciliares, ou seja, 2,8% do atual episcopado. Destes, 5 entregaram ultimamente sua carta de renúncia ao Papa, por já terem completado

Dimensão Sócio Transformadora - Setor de Pastoral Social, Caritas, Comissão Brasileira de Justiça e Paz: Dom Jacyr Francisco Braidó, CS, bispo de Santos, SP (n. 17-04-1940; e. 22-05-1995); Dimensão Sócio Transformadora - Setores de Comunicação Social e Cultura, Pastoral Universitária: Dom Décio Zandonade, SDB, bispo auxiliar de Belo Horizonte, MG (n. 02-12-1942; e. 11-12-1996); Dimensão Sócio-Transformadora. Pastoral da Criança, Pastoral Familiar, Educação: Dom Aloysio José Leal Penna, SJ, arcebispo de Botucatu, SP (n. 07-02-1933; e. 23-05-1984).

⁵⁹ O Conselho Permanente é constituído pelos presidentes dos Regionais da CNBB: N 1 - Dom José Maria Pinheiro - bispo auxiliar de Guajará-Mirim, RO (n. 31-07-1938; e. 12-02-1997); N 2 - Dom Vicente Joaquim Zico, CM, arcebispo de Belém do Pará, PA (n. 27-01-1927; e. 05-12-1980); NE 1 - Dom Aldo di Cillo Pagotto, SSS, bispo de Sobral (n. 16-09-1949; e. 10-09-1997); NE 2 - Dom Antônio Soares Costa, bispo de Caruaru, PE (n. 18-06-1930; e. 02-12-1971); NE 3 - Dom Ricardo Josef Weberberger, OSB, bispo de Barreiras, BA (n. 05-09-1939; e. 21-05-1979); NE 4 - Dom Augusto Alves da Rocha, bispo de Picos, PI (n. 17-07-1933, e. 28-5-1975); NE 5 - Dom Affonso Felipe Gregory, bispo de Imperatriz, MA (n.06-02-1930; e. 08-08-1979): L 1 - Dom Frei Alano Maria Pena, OP, bispo de Nova Friburgo, RJ (n. 07-10-1935; e. 09-04-1975); L 2 - Dom Paulo Lopes de Faria, arcebispo de Diamantina, MG (n. 24-02-1931; e. 12-11-1980); S 1 - Dom Fernando Antônio Figueiredo, OFM, bispo de Santo Amaro, SP (n. 01-12-1939; e. 21-01-1984); S 2 - Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger SJ, arcebispo de Maringá, PR (n. 19-09-1943; e. 16-02-1985); S 3 - Dom José Mário Strocher, bispo de Rio Grande, RS (n. 19-03-1939; e. 25-03-1983); S 4 - Dom José Jovêncio Balestieiri, SDB, bispo de Rio do Sul, SC (n. 18-05-1939; e. 06-03-1991); CO - Dom Washington Cruz, CP, bispo de São Luiz de Montes Belos, GO (n. 25-04-1946; e. 25-02-1987); O 1 - Dom Izidoro Kosinski, CM, bispo de Três Lagoas, MS (n. 01-04-1932; e. 20-05-1931); O 2 - Dom Juventino Kesting, bispo de Rondonópolis, MT (n. 19-05-1946; e. 19-11-1997).

⁶⁰ Comissão Episcopal de Doutrina: Dom Dadeus Grings, arcebispo de Porto Alegre, RS (n. 07-09-1936; e. 23-01-1991); Dom Walmor Oliveira de Azevedo, bispo auxiliar de São Salvador da Bahia, BA (n. 26-04-1954; e. 21-01-1998); Dom Frei Fernando Antônio Figueiredo, OFM, bispo de Santo Amaro, SP (n. 01-12-1939; e. 21-01-1984); Dom Frei Moacir Grecchi, OSM, arcebispo de Porto Velho, RO (n. 19-01-1936; e. 17-07-1972); Dom João Braz de Aviz, bispo de Ponta Grossa, PR (n. 24-04-1947; e. 10-03-1994).

⁶¹ AD I/II, 1, pp. X-XI. A carta encontra-se reproduzida em português e latim, *História*, I, pp. 103-104.

⁶² Sua resposta é a de número 113: Carta de Eugênio de Araújo Sales a Domenico Tardini, Natal 24 de agosto de 1959, ADA I/II, 7, p. 336.

⁶³ Sua resposta, a de número 8, encontra-se incluída na dos bispos da Província Eclesiástica de Belo Horizonte, assinada coletivamente pelo arcebispo coadjutor, Dom João Rezende Costa e oito outros bispos sufragâneos ou auxiliares: Manoel Nunes Coelho da diocese de Aterrado MG (diocese de Luz, a partir de 05-12-1960), Cristiano Portela de Araújo Pena de Divinópolis MG, Inácio João dal Monte da diocese de Guaxupé MG, José de Medeiros Leite da diocese de Oliveira, José André Coimbra da diocese de Patos de Minas MG, José de Almeida Batista Pereira da diocese de Sete Lagoas MG, Alexandre Gonçalves do Amaral da diocese de Uberaba e Serafim Fernandes de Araújo, auxiliar de Belo Horizonte: *Conventus Ecclesialis Provinciae Ecclesiasticae Bellohorizontinae*, Belo Horizonte, 26 de agosto de 1959, ADA I/II, 7, pp. 139-141.

a idade canônica de 75 anos: Dom Eugênio de Araújo Sales, cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (n. 08-11-1920), Dom Aloísio Lorscheider, OFM, cardeal arcebispo de Aparecida do Norte (n.08/10/1924), Dom Ângelo Maria Rivato, SJ, Bispo de Ponte de Pedras, PA, (n. 03/12/1924); Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, bispo de Afogados da Ingazeira, PE, (n. 03/04/1924); Dom Serafim Fernandes de Araújo, cardeal arcebispo de Belo Horizonte, MG (n. 13/08/1924). Dois outros nascidos em 1926, estão entregando sua renúncia em 2001: Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo de Goiânia (n. 10/06/1926) e Dom Luís Gonzaga Fernandes, bispo de Campina Grande, nomeado no último mês (06/11/1965) do quarto período conciliar (n. 24/08/1926); restando apenas um para 2002, Dom José Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria, RS, também elevado ao episcopado no mês final do Concílio (12/11/1965), a tempo apenas de assinar as atas dos últimos documentos conciliares (n. 07/12/1927). Seu nome figura, aliás, como o último da lista dos padres conciliares investidos da dignidade episcopal e que apuseram sua assinatura nas atas conciliares⁶⁴.

Com isto, quer-se dizer que encerrou-se, na prática, a atividade de governo desta geração conciliar do episcopado brasileiro e que este é o momento propício para recolher e avaliar sua herança, tanto mais que outras gerações de bispos no passado ou a atual geração não puderam fazer experiência sinodal semelhante, tornando historicamente única a trajetória desta geração de bispos brasileiros que esteve no Vaticano II. .

Nos seus albores, a Igreja do Brasil ficou à margem dos eventos conciliares que afetaram a Igreja como um todo, não tendo tido nenhuma participação direta no Concílio de Trento (1545-1563). De fato, não contava ainda com nenhum bispo, ao início do Concílio em 1545, mas poderia ter participado em seguida, após a criação do bispado da Bahia, a 28 de janeiro de 1550 e da vinda do seu primeiro bispo. Entretanto, nem Dom Pedro Fernandes Sardinha, bispo de Salvador entre 1552 e 1556, nem seu sucessor Dom Pedro Leitão (1558-1573), o segundo bispo do país, participaram de Trento. O Rei de Portugal solicitou ao Papa a dispensa de comparecerem ao Concílio, talvez por ser longa e custosa a viagem do Brasil à Itália, ou porque considerasse que os bispos metropolitanos dessem conta de representar a Igreja de Portugal e das Conquistas, como se dizia na época.

No período posterior, a subordinação dos bispos à Coroa Portuguesa, manteve a Igreja do Brasil afastada de contatos mais estreitos com outras Igrejas e mesmo com

⁶⁴ AS IV/7,851.

Roma. Na América Latina, a colonização espanhola e a portuguesa demarcaram regimes eclesiásticos bem distintos e nem mesmo a união entre as duas coroas, ao longo de sessenta anos (1580-1640) alterou esta realidade.

No Concílio Vaticano I (1869-1870), a presença brasileira foi escassa. Enquanto no mundo todo, havia cerca de 1.000 circunscrições eclesiásticas, 2/3 das quais européias, no Brasil, havia apenas doze dioceses. Destas doze, a de São Paulo encontrava-se vacante pelo falecimento de Dom Sebastião Pinto do Rego (1863-1868), em 1868. Apenas 7 dos 11 bispos⁶⁵ puderam viajar para Roma e comparecer à sessão de abertura, onde se fizeram presentes 744 padres conciliares⁶⁶. O peso relativo dos sete bispos do Brasil que foram a Roma, não chegava a 1% da assembléia conciliar

Diferente era a situação a 11 de outubro de 1962, ao ser aberto o Vaticano II. A Igreja do Brasil contava com o terceiro maior episcopado do mundo, logo depois do italiano e do norte-americano. Os seus 204 bispos, no momento da abertura do Concílio, representavam peso significativo na composição do episcopado mundial. Enquanto este havia pouco mais que dobrado, nos pouco mais de noventa anos entre o Vaticano I para o Vaticano II, o episcopado brasileiro havia se multiplicado por dezessete.

Nossa hipótese central é de que o Concílio Vaticano II, ao longo de sua preparação, mas sobretudo das suas quatro sessões entre 1962 e 1965, durante o outono europeu, propiciou, a um episcopado brasileiro atravessado por diversidade de origens e pertencas (brasileiros e estrangeiros, religiosos e seculares), por diversidade de situações (áreas missionárias das prelazias de recente criação e áreas do antigo catolicismo colonial), a oportunidade de esboçar uma identidade própria e de articular-se em torno de um plano de pastoral de conjunto, o PPC, que nem mesmo a criação da CNBB, em 1952, fora capaz de

⁶⁵ Compareceram ao Vaticano I: Dom Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo metropolitano da Bahia (1861-1874); Dom Antônio Macedo Costa, bispo de Belém do Pará (1850-1890); Dom Luiz Antônio dos Santos, bispo de Fortaleza, CE (1859-1879); Dom Francisco Cardoso Ayres, bispo de Olinda e Recife, PE (1867-1870, falecido em Roma, a 12-05-1870); Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro - RJ (1868-1890); Dom João Antônio dos Santos, bispo de Diamantina, MG (1864-1905); Dom Sebastião Dias Laranjeira, bispo de São Pedro do Rio Grande, RS (1860-1888). Deixaram de ir ao Concílio Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, MG (1844-1875), já enfermo e com 81 anos de idade; Dom José Antônio dos Reis, bispo prelado de Cuiabá, MT (1831-1876), também idoso, com mais de 70 anos e impedido de navegar pelo Rio Paraguai, por causa da guerra da Tríplice Aliança (1865-1870); Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, bispo de Goiás - GO (1864-1876) e Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, bispo de São Luís do Maranhão (1861-1876).

⁶⁶ Sobre a presença e atuação do episcopado brasileiro no Vaticano I, cfr. RUBERT, Arlindo, "Os Bispos do Brasil no Concílio Vaticano I (1869-1870)", in REB 29, fasc. 1, março de 1969, pp. 103-120. Sobre o Concílio em si, o melhor estudo contemporâneo continua sendo o de R. AUBERT, *Vaticano I* (Histoire des Conciles Oecumeniques, 12), Paris, 1964 e sobre Pio IX, a biografia de G. MARTINA, *Pio IX*, 2 vols. Roma, 1986-1988. Para um exame crítico sintético deste concílio, cfr. G. ALBERIGO, "O Concílio Vaticano I (1869-1970)", em G. ALBERIGO (org.) o. cit. pp. 366-390.

fomentar, devido às distâncias entre as dioceses, o isolamento dos seus bispos e a ausência de mecanismos de intercâmbio e articulação.

As poucas assembléias da CNBB, nos seus dez primeiros anos, entre 1952 e 1961, quatro ao todo, que envolviam, de início, apenas os cardeais e arcebispos, excluindo os bispos e, de modo particular os titulares das prelazias, não propiciaram a criação de um laço estável e firme entre o conjunto dos bispos do país e nem a criação de um rosto próprio da Igreja do Brasil⁶⁷. Nos quatro anos seguintes, de 1962 a 1965, foram realizadas três assembléias, uma em abril de 1962, no Rio de Janeiro, para discutir e aprovar o Plano de Emergência e duas outras em Roma, durante a III e a IV Sessões do Concílio⁶⁸.

O Concílio, por outro lado, quebrou a ingênua visão de um monolitismo de posições dentro da igreja católica, mergulhando todo o episcopado num amplo debate, revisão e aprofundamento das estruturas internas da igreja católica, das suas relações com as outras igrejas e comunidades cristãs, com as outras religiões, com os não crentes, a cultura e a sociedade modernas e o mundo em geral.

O Concílio reformou as estruturas internas da igreja, remodelou sua liturgia, alterando a secular vinculação da igreja ocidental com a língua latina, nos estudos e na liturgia e deslocou o eixo da missa, do celebrante para a assembléia dos fiéis e sua participação.

Emprestou igual relevância à mesa da palavra e à mesa da eucaristia, superando o anterior desequilíbrio do sacramento em relação à palavra⁶⁹.

⁶⁷ A criação da CNBB realizou-se com a presença dos cardeais e arcebispos ou seus delegados, em número de 20 metropolitas, de 14 a 17 de outubro de 1952, no Palácio São Joaquim, sede do arcebispado, no Rio de Janeiro RJ. Falavam em nome das 20 províncias eclesiais do país que congregavam 115 dioceses ou prelazias; a 1ª. Assembléia aconteceu em Belém do Pará, de 17 a 20 de agosto de 1953, tendo como temas centrais, um *Plano Nacional de Combate ao Espiritismo e Igreja e a Reforma Agrária*; a 2ª., de 9 a 12 de setembro de 1954, em Aparecida do Norte, SP, tratando da *Situação da Família Brasileira* e da *Ajuda Espiritual, Cultural e Econômica ao Clero*; a 3ª., de 10 a 12 de novembro de 1956, em Serra Negra, SP, abordando dois temas, *Paróquias ajustadas ao nosso tempo e ao nosso meio* e *Formação da Opinião Pública através da Publicidade*; a 4ª. em Goiânia, GO, de 03 a 11 de julho de 1958, dedicando-se à *Renovação Paroquial e Influência das Estruturas Sociais sobre a Vida Religiosa*. e a 5ª. no Rio de Janeiro, de 02 a 05 de abril de 1962, quando foi discutido e aprovado o *Plano de Emergência, para a mobilização geral da Igreja do Brasil e Renovação do Ministério Sacerdotal, Educandários e Paróquias*.

⁶⁸ A 5ª. Assembléia da CNBB aconteceu no Rio de Janeiro, RJ, de 02 a 05 de abril de 1962, quando foi discutido e aprovado o *Plano de Emergência, para a mobilização geral da Igreja do Brasil e Renovação do Ministério Sacerdotal, Educandários e Paróquias*; 6ª., em Roma, Itália, de 26 a 27 de setembro de 1964, para *Avaliação do Plano de Emergência e Estatutos da CNBB* e a 7ª., também em Roma, Itália, de 1º. a 17 de outubro de 1965, tendo por temas o *Plano de Pastoral de Conjunto (PPC)* e a *Campanha da Fraternidade*.

⁶⁹ BARAUNA, G. (org.), *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964.

Na eclesiologia, o peso foi colocado no “povo de Deus”, na igual dignidade de todos os batizados e batizadas, agrupados em igrejas locais e dentro do qual, encontra seu lugar o ministério hierárquico, como estrutura de serviço aos batizados⁷⁰.

A doutrina da colegialidade episcopal buscou o ponto de convergência e de contrapeso entre a afirmação do primado petrino e o reconhecimento do colégio dos doze e de seus sucessores, os bispos, com autoridade e co-responsabilidade local e sobre o conjunto de toda a igreja.

Com o decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo⁷¹ e a Declaração *Nostra Aetate* sobre o diálogo com judaísmo⁷² e as religiões não cristãs⁷³, os padres conciliares colocaram o diálogo, a cooperação e o respeito mútuos, assim como a busca da comunhão e da unidade, como o roteiro a ser seguido nas relações da Igreja Católica com as outras Igrejas Cristãs, com as demais Religiões e com todos os homens de boa vontade. Esse deslocamento do discurso e da preocupação da Igreja, do seu restrito público interno para o horizonte mais amplo de todos os homens e mulheres, aparece, por primeira vez, na saudação com que o Papa João XXIII abre sua carta encíclica *Pacem in Terris* (1963)⁷⁴. Constitui, por sua vez, o nervo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio (1965)⁷⁵.

Por intermédio da *Gaudium et Spes* o Concílio reformulou profundamente as relações da Igreja com o mundo⁷⁶.

Este movimento iniciado pelo Papa João XXIII foi traduzido com muita felicidade no título do livro do então membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, Roger Garaudy: *De l'anathème au dialogue*, Do anátema ao Diálogo⁷⁷.

A Assembléia Conciliar propiciou, ao episcopado brasileiro, um choque a partir da vivência, acerca da diversidade de línguas, culturas, raças, ritos e costumes, correntes

⁷⁰ BARAUNA, G (org.), *A Igreja do Vaticano II. Petrópolis: Vozes*, 1965.

⁷¹ BEA, Agostino, *A União dos Cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1964.

⁷² BEA, Agostino, *La Chiesa e il Popolo Ebraico*. Brescia: Morcelliana, , 1966.

⁷³ *Vers la rencontre des religions: Suggestions pour le Dialogue*. Roma : Typ. Polyglotte Vaticane, 1967; BORMANS, Maurice, *Orientations pour un Dialogue entre Chrétiens e Musulmans*. Paris : Cerf, 1987, 2 ème éd.; DUPUIS, Jacques, *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*. Brescia: Queriniana, 1997.

⁷⁴ Assim abre João XXIII sua inusitada saudação num documento pontifício: “Carta Encíclica *Pacem in Terris* aos veneráveis Irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos e outros Ordinários de Lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica, ao Clero e aos fiéis de todo Orbe, bem como a todas as pessoas de boa vontade (grifo nosso): *Sobre a Paz de todos os povos na base da Verdade, Justiça, Caridade e Liberdade*”. João XXIII, *Sobre a Paz dos Povos - Carta Encíclica Pacem in Terris*. Documentos Pontifícios 141. Petrópolis, Vozes, 1963, p. 3.

⁷⁵ O proêmio da *Gaudium et Spes* ecoa o mesmo espírito universalista da *Pacem in Terris*: “As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. (GS 1).

⁷⁶ BARAUNA, G (org.), *A Igreja no Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁷⁷ GARAUDY, R., *De l'anathème au dialogue*. Paris, 1965.

teológicas e eclesiológicas freqüentemente conflitantes, em ação no interior da Igreja Católica. Por intermédio dos observadores não católicos, ofereceu um encontro vivo com as diferentes tradições cristãs das antigas Igrejas Orientais, das Igrejas Ortodoxas, das Igrejas oriundas da Reforma ou de cisões mais recentes como a dos Vétero Católicos, provocada pela definição dogmática do Vaticano I, acerca da infalibilidade do magistério pontifício.

O Concílio quebrou ainda o secular predomínio dos órgãos da Cúria Romana sobre as igrejas locais e fez emergir os bispos como sujeitos e atores na cena conciliar, como responsáveis primeiros e porta-vozes de suas próprias igrejas⁷⁸ e de seus países ou continentes, como foi o caso do Brasil, por intermédio da CNBB e dos cerca de 600 bispos da América Latina, por meio do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano). Esta nova condição do episcopado expressou-se plenamente na realização e nos resultados da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, na Colômbia, em 1968⁷⁹.

No espaço da *Domus Mariae*, local de residência dos bispos brasileiros, estes tiveram a oportunidade de trabalharem juntos, por regionais, por grupos de interesse e em assembléias deliberativas e de participar de uma ampla e profunda experiência de reciclagem bíblico-teológica-pastoral, social e cultural, por intermédio das “conferências da Domus Mariae”, noventa ao longo dos quatro anos, protagonizadas pelos melhores teólogos e pensadores de dentro e de fora da igreja.

O Concílio permitiu que a nova identidade enraizada na convivência mas também numa visão comum adquirida a partir dos debates e decisões conciliares desembocasse num plano de trabalho em comum para o conjunto da igreja brasileira, o célebre PPC (Plano de Pastoral de Conjunto), aprovado ao apagar das luzes do Concílio, ao final da quarta sessão e que até hoje continua inspirando as linhas de ação pastoral da CNBB⁸⁰.

O PPC, um repensar do Concílio em função dos desafios e necessidades da realidade brasileira, permite situar a dinâmica da relação CNBB x Concílio, no horizonte deste terceiro eixo, num certo sentido, exterior à CNBB e ao Concílio, mas à luz do qual se dará a recepção do próprio Concílio: a realidade brasileira e a realidade da própria igreja do

⁷⁸ BEOZZO J. O., *Documentação: O futuro das Igrejas Particulares*, in CONCILIUM 1999/1, 159-176.

⁷⁹ CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968 - Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*, Paulinas, São Paulo, 1998; BEOZZO, J. O., “Medellin: vinte anos depois (1968 - 1988) - depoimentos a partir do Brasil”, in REB, Petrópolis, vol. 48, fasc. 192, Dezembro de 88, pp. 771-805; “Medellin: inspiração e raízes”, in REB 232, dez. 1998, pp. 822-850.

⁸⁰ CNBB, *Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970) - CNBB*, Livraria Dom Bosco, Rio de Janeiro, 1966.

Brasil, no seu povo, movimentos, grupos e no seu aparato institucional (a rede de dioceses, paróquias, comunidades, movimentos, escolas, obras sociais e culturais).

O Concílio abriu também um perigoso hiato entre a experiência vivida pelos bispos, experiência singular tanto na aula conciliar como nos debates fora da Basílica de São Pedro e na convivência na *Domus Mariae* e o restante da igreja do Brasil, fiéis, religiosas/religiosos, padres e laicato organizado que não viveram a mesma experiência e nem protagonizaram o Concílio. O hiato afetou de modo mais visível e dramático o corpo clerical, formado nos moldes da igreja tridentina e chamado a atuar nos novos quadros mentais e institucionais do Vaticano II e a promover as reformas decididas pelo Concílio.

O Concílio acelerou a mudança do corpo episcopal e liberou também a energia represada nas universidades e faculdades de teologia, provocando uma impressionante produção teológica e o surgimento de revistas, boletins e associações ligadas ao Concílio, mas não tinha condições de impor o mesmo ritmo de mutações no conjunto do corpo eclesial. Focos de resistência no interior do episcopado, dos teólogos mais tradicionais e de importantes parcelas da opinião pública em determinados países⁸¹, contrastaram com a entusiasta recepção da reforma conciliar por setores majoritários do catolicismo⁸².

De toda forma, o Concílio abriu um período de incertezas, de redistribuição do poder interno, de surgimento de novos organismos e experiências eclesiais, da acolhida ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso e de reformulação da tradição anterior, com uma volta às fontes e à grande tradição dos primeiros séculos.

Abriu também um período de atrito, disputas, desilusões na implementação das reformas, agravado pela insegurança jurídica. O antigo Código de Direito Canônico de 1917 regulava cada passo da administração da Igreja, dos sacramentos ao ofício dos párocos e bispos, do lugar dos leigos ao dos religiosos, dos delitos às penas, dos recursos aos tribunais. O Concílio provocou um vazio jurídico, um intenso debate interno sobre as possibilidades de se eliminar o direito canônico tradicional, substituindo-o por uma carta de princípios gerais, uma *Lex Fundamentalis* da Igreja, que encontraria sua aplicação prática nas diversas igrejas particulares. Outra corrente, que acabou prevalecendo, levou à elaboração de um novo código de direito canônico que entrou em vigor em 1983⁸³.

⁸¹ MENOZZI, D., *L'anticoncilio (1966-1984)*, in ALBERIGO G. - JOSSUA J. P., *Il Vaticano II e la Chiesa*, Paideia, Brescia, 1985, pp. 433-465.

⁸² Para a recepção do Concílio e das intuições de João XXIII, no Brasil, cfr. BEOZZO, J. O., *A Igreja do Brasil, de João XXIII a João Paulo II - De Medellín a Santo Domingo*. 2ª. ed. 1996. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁸³ *Código de Direito Canônico*, Loyola, São Paulo, 1983.

O Concílio colocou em andamento um complexo movimento de alteração dos padrões exclusivamente verticais de exercício da autoridade na igreja, ao aprovar na *Lumen Gentium* o princípio da colegialidade episcopal (LG 21-23; CD 4) e fomentar estruturas participativas e colegiadas, como as do próprio concílio e as dos Sínodos⁸⁴; órgãos de tomada de decisões coletivas nas conferências dos bispos (LG 23; CD 36-38), nacionais, regionais ou continentais (CD 37). Estimulou o mesmo tipo de movimento, ao prescrever que os bispos se rodeassem, em cada diocese, de um corpo de presbíteros eleitos por seus pares, no Conselho Presbiteral e no Colégio de Consultores, e de um órgão pastoral com presença majoritária de leigos e leigas nos Conselhos Diocesanos de Pastoral: “É muito desejável que em cada diocese se institua um peculiar Conselho de pastoral, presidido pelo próprio Bispo diocesano e dele tomem parte clérigos, religiosos e leigos, especialmente escolhidos. É tarefa deste Conselho pesquisar os assuntos que se relacionam com as obras pastorais, examiná-los diligentemente e tirar deles conclusões práticas” (CD 27).

A estrutura paroquial deveria acompanhar a mesma inspiração com Conselhos Pastorais Paroquiais (CD 27).

De maneira mais radical, o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) da CNBB, aprovado no último período conciliar, estimulou a difusão das comunidades eclesiais de base (CEBs), num lento processo de desclericalização das estruturas eclesiais, com maior participação e protagonismo dos leigos. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, Colômbia (1968), já alcançou colher a novidade profunda ali contida em sua breve mas densa descrição das CEBs:

“Assim, a comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é a sua expressão. É ela, portanto a célula inicial de

⁸⁴ No discurso de abertura do quarto e último período conciliar (14-09-1965), Paulo VI surpreendeu os padres conciliares com esta comunicação: “... Temos o prazer de vos anunciar que foi instituído, segundo os desejos deste Concílio, um Sínodo Episcopal, que, sendo composto de Bispos nomeados, pela maior parte, pelas Conferências Episcopais, com a Nossa aprovação, será convocado, segundo os desejos da Igreja, pelo romano Pontífice, como órgão consultivo e de colaboração, sempre que isto pareça oportuno”. (Sessão Publica VI, 14 septembris 1965 - *Summi Pontificis Allocutio*, AS IV, I, pp. 125-134; KLOP, V, pp. 430-437) No dia seguinte, 15-09-1965, foi publicada a Carta Apostólica, *Apostolica Sollicitudo* (AS IV, I, 19-24; KLOP, V, pp. 438-442), criando e regulamentando o Sínodo dos Bispos, que eram associados ao Papa para o governo da igreja universal, embora de maneira apenas consultiva, decepcionando, neste ponto, a ala do episcopado que esperava um órgão colegiado, com poderes deliberativos.

estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e desenvolvimento”.⁸⁵

O Concílio encaixa-se ainda num período de dramáticas mudanças políticas e sociais no país. O fato de os bispos encontrarem-se regularmente ao longo dos quatro anos que antecederam a crise (1962-63), com ela coincidiram (1964) e a sucederam (1965), do início dos anos sessenta, ao golpe militar de 64, permitiu à instituição Igreja-católica situar-se como corpo episcopal, frente a estas mudanças, talvez como nenhuma outra instituição ou grupo nacional, com exceção talvez dos militares. Sua análise vinha impregnada, por outro lado, por uma profunda mudança de referencial teórico sobre o lugar e o papel da igreja na sociedade.

O anterior Concílio, o Vaticano I (1869-1870), preparou a mudança teórica (do regalismo da igreja submetida ao rei para o ultramontanismo de uma igreja estreitamente ligada ao papa) que, no caso brasileiro, suscitou o confronto entre alguns bispos, as irmandades e o governo, levando à prisão, julgamento e condenação dos bispos de Pernambuco e do Pará, no quadro da assim chamada “questão religiosa”⁸⁶. Esta mudada percepção do papel da Igreja no campo religioso, político e social durante o Vaticano II, preparou igualmente o processo de resistência de uma parte importante das lideranças episcopais ao regime militar e ao arbítrio, levando-a a profundo compromisso na defesa dos direitos humanos, na defesa dos direitos dos pobres e na afirmação do estado de direito, dos direitos do cidadão e empenho na luta pelo retorno da democracia. O processo não aconteceu sem contradições.

O mesmo Dom Helder Camara, secretário geral da CNBB que se opôs, com denodo, aos abusos do Governo Militar, negociou com o novo presidente, Marechal Castelo Branco, a continuidade do acordo celebrado com o anterior governo de João Goulart, no sentido de se transportar para Roma os bispos brasileiros, trazendo-os de volta ao final de cada sessão do concílio, em avião cedido pelo governo brasileiro!

O episódio colocava à mostra a tradicional dependência da Igreja de recursos do Governo, nesta circunstância particular, mas também em muitos outros âmbitos, como o de suas obras sociais e caritativas e, de modo particular, o do custoso sistema educacional. Não só colégios e universidades recebiam verbas do Governo, mas também

⁸⁵ CELAM, *Conclusões de Medellín - A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Petrópolis: Vozes, 1971, 4^a ed. Doc. 15, 10, p. 152.

⁸⁶ BARROS, R. S. Maciel de, *A questão religiosa*, in HOLANDA, S. B. de, *História Geral da Civilização Brasileira*, t. II, 4^o vol., O Brasil Monárquico, DIFEL, São Paulo, 1971.

iniciativas voltadas para os setores populares, como o Movimento de Educação de Base pelo Rádio, o MEB, cuja espetacular expansão fora financiada com recursos federais, acertados durante o Governo Jânio Quadros, em 1961⁸⁷. Setores eclesiais, que não dependiam financeiramente do Governo, tiveram trajetória muito mais independente, enquanto, por exemplo, universidades que viviam e sobreviviam com verbas federais, tendiam a contemporizar com o regime militar.

D. Helder Câmara, quando arcebispo de Olinda e Recife, era praticamente *persona non grata* na Universidade Católica de Pernambuco, por causa destas contradições. Em Goiânia, o Arcebispo local retirou a Universidade Católica das mãos dos jesuítas, por querer da mesma uma linha afinada com a pastoral diocese e não subserviente ao Governo. Universidades que seguiram linha independente, como a PUC de São Paulo, foram duramente castigadas com o corte de verbas e mesmo ações criminosas de destruição, como sucedeu com os incêndios do TUCA (Teatro da Universidade Católica) e o quebra-quebra de salas, biblioteca e locais de pesquisa, quando da invasão de suas dependências, comandada pelo Coronel Erasmo Dias.

O Plano de Pastoral de Conjunto, para a aplicação das reformas conciliares foi acompanhado de um grande esforço de pesquisas acerca da realidade brasileira e acerca da própria Igreja; da ereção de um grande número de centros de formação no campo da liturgia, da catequese, das vocações, da juventude e a um considerável aumento do pessoal liberado para estas tarefas a nível nacional, regional e diocesano. A conseqüência imediata foi uma dramática escassez de recursos, coberta não mais com verbas governamentais, mas em grande parte pelo episcopado alemão, por intermédio do seu recém fundado organismo de ajuda à América Latina, a *Adveniat*. Outros recursos começaram a fluir lentamente da Campanha da Fraternidade, iniciativa de evangelização e arrecadação de fundos, nos moldes de campanhas semelhantes inauguradas na Alemanha, no período quaresmal (*Miserior*) e no período do Advento (*Adveniat*). Sintomaticamente, o tema da primeira campanha, em 1964, tinha por lema: “Lembre-se, você também é Igreja” e que sugeria tanto a participação mais ativa de todos os batizados e batizadas na vida da Igreja, como sua responsabilidade em sustentar financeiramente as novas estruturas eclesiais.

Estudar pois o particular impacto do Concílio sobre a Igreja do Brasil, assim como a contribuição brasileira para o desenrolar do Concílio, com especial atenção ao

⁸⁷ Sobre o MEB, seu método, expansão e questões financeiras, cfr. BANDEIRA, Marina, *A Igreja Católica na Virada da Questão Social*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 326-351.

corpo episcopal e ao nascente labor teológico dos peritos brasileiros é o objeto de estudo desta tese.

Este trabalho se restringe ao período que se abre com o anúncio do Concílio por João XXIII, a 25 de janeiro de 1959 e se encerra com a sua clausura por Paulo VI, a 8 de dezembro de 1965, com ênfase maior aos quatro anos de sua realização (1962-1965), dedicando menos tempo à fase ante-preparatória (1959-1960)⁸⁸ e à fase preparatória (1960-1962)⁸⁹.

A fase ante-preparatória do Concílio vai do seu anúncio (25-01-1959), constituição da Comissão ante-preparatória, sob a presidência do Secretário de Estado, Cardeal Domenico Tardini (25-05-1959), consulta aos bispos, universidades católicas, faculdades de teologia e congregações romanas (18-06-1959), até à organização das milhares de respostas e uma síntese final nos volumes da *Series I - Ante-preparatoria: II - Consilia et Vota Episcoporum ac Praelatorum*, em oito tomos; *III - Propositia et Monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae*, num único volume; *IV - Studia et Vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*, em três tomos, dois para as Universidades localizadas em Roma e o terceiro para as de fora da Urbe. Um primeiro volume desta série recolheu, em dois tomos, as *Acta Summi Pontificis Ioannis XXII*⁹⁰ e num *Appendix* ao volume II, em dois tomos, foram coligidas as sínteses dos vota dos bispos e prelados⁹¹.

A fase preparatória inicia-se com o *Motu Proprio Supremo Dei nutu*⁹² de João XXIII, na festa de Pentecostes (05-06-1960), quando são criadas as Comissões Preparatórias, em número de dez; os secretariados das comunicações, o administrativo e o para a unidade dos cristãos; a Comissão Central e definidas suas funções e atribuições. Esta fase encerra-se com a sétima e última reunião da Comissão Central (12-20 de junho 1962), para a aprovação dos esquemas do concílio e do seu regulamento, *Ordo Concilii Oecumenici*

⁸⁸ Para um estudo abrangente desta etapa da preparação conciliar, cfr. E. FOUILLOUX, “A fase antepreparatória (1959-1960)”, in *História*, I, 69-170.

⁸⁹ Para uma visão de conjunto desta fase preparatória, cfr. J. KOMONCHAK, “A luta pelo Concílio durante a preparação”, *História*, I, 171-354). Desta fase antepreparatória e preparatória, temos duas crônicas: B. KLOPPENBURG, *Concílio Vaticano II. Vol. I - Documentário Preconciliar*. Petrópolis: Vozes, 1962 e G. CAPRILE, *Il Concilio Vaticano II - Annunzio e Preparazione*. Vol. I - Parte I: 1959-1960. Roma, La Civiltà Cattolica, 1966; Vol. I - Parte II: 1961-1962. 1967.

⁹⁰ ADA, I e II.

⁹¹ Appendix volumini II: *Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab Episcopis et Praelatis data sunt*; Pars I: *Doctrinae capita - Normae generales C.I.C. - De personis - Disciplina cleri - De seminariis - De religiosis - De laicis* (sub secreto), 1961; Pars II: *De sacramentis - De locis sacris - De praeceptis ecclesiasticis - De cultu divino - De magisterio ecclesiastico - De beneficiis et de bonis ecclesiae temporalibus - De processibus - De delictis et poenis - De missionibus - de oecumenismo - De actuositate ecclesiae* (sub secreto), 1961.

⁹² ADA, I, 1, pp. 93-99.

*Vaticani II Celebrandi*⁹³. Só serão desbordados esses limites (1959-1965), prévia ou posteriormente ao Concílio, no que for necessário à compreensão das dinâmicas e processos suscitados pela assembléia conciliar em sua interação com a Igreja do Brasil.

O foco principal será sempre o corpo episcopal, no caso, o dos bispos do Brasil, o único com direito à participação plena na assembléia conciliar, junto com os superiores maiores das ordens e congregações clericais. Dentro do corpo episcopal brasileiro, os bispos religiosos tiveram seu peso, tanto pelo número, quanto pelo papel ativo nos debates relativos à vida religiosa e à atividade missionária, onde intervieram com força os bispos missionários, quase todos religiosos e estrangeiros cujas prelazias se encontravam na região amazônica. Outras formas de participação, como a dos peritos, observadores, auditores e auditrices, serão tomadas em consideração, dentro do seu peso específico e de sua capacidade de intervenção no processo conciliar. O Brasil não contou com nenhum observador e a América Latina, com apenas um, o argentino Dr. Miguez Bonino, pastor e teólogo metodista do ISEDET de Buenos Aires. Apenas um leigo brasileiro foi admitido na categoria de *auditor*, nos dois últimos períodos, Bartolo Perez, na época, presidente da JOC Internacional.

Não se subestima, entretanto, o crucial papel desempenhado pela opinião pública, pelos grupos de pressão e organizações informais onde muitas destas pessoas, de modo especial teólogos, jornalistas, observadores, desempenharam um papel extremamente ativo e importante, enquanto muitos dos bispos contentaram-se com uma atuação discreta, quando não, apagada.

Do mesmo modo, as mulheres admitidas como *auditrices*, a partir do III Período Conciliar, não limitaram sua influência ao seu pequeno número na Aula Conciliar ou às suas intervenções, quando solicitadas, nos trabalhos das Comissões, mas estiveram ativas em encontros, conferências, na imprensa escrita, falada e televisiva e na assessoria técnica, de modo particular nas discussões acerca do Apostolado dos Leigos e na elaboração da *Gaudium et Spes*. Nenhuma brasileira foi contada entre o número das auditrices, mas tomamos em conta sua contribuição, arrancando dos registros conciliares, dos diários privados e das correspondências, neugas de sua presença e de seu papel.

O trabalho encerra-se com um caderno iconográfico, precedido do esboço biográfico de todos os bispos e prelados brasileiros, com direito a participarem do Concílio, registrando-se suas diferentes formas de participação e mesmo de omissão.

⁹³ ADP I, 2, 306-325.

I. ANÚNCIO E PREPARAÇÃO: 1959-1962

I.1. ANÚNCIO DO CONCÍLIO: 25 de janeiro de 1959

A 25 de janeiro de 1959, manhã de inverno, João XXIII celebra, na Basílica de São Paulo fora dos Muros, a conclusão da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Reúne-se em seguida com os cardeais presentes, para um breve consistório no Mosteiro Beneditino junto à Basílica. Ali, com “um gesto de tranqüila audácia”⁹⁴, vai deixar estupefatos e perplexos os cardeais à sua volta, e causar grande impacto no mundo, ao anunciar:

“Pronuncio perante vós, certamente tremendo um pouco de emoção, mas também com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de dupla celebração: a de um Sínodo diocesano para a Urbe e a de um Concílio Ecumênico para a Igreja universal”⁹⁵.

O Papa acrescenta que o Sínodo e o Concílio “conduzirão felizmente ao desejado e esperado *aggiornamento* do Código de Direito Canônico”⁹⁶. São “os pontos luminosos de atividade apostólica que esses três meses de presença e contato com o ambiente eclesiástico de Roma sugeriram”, com a “única perspectiva do *bonum animarum* e de uma correspondência bem clara e precisa do novo pontificado com as exigências espirituais da hora presente.” Foi “decisão tomada para evocar algumas formas antigas de afirmação doutrinal e de sábias regulamentações de disciplina eclesiástica, que, na história da Igreja em períodos de renovação, deram frutos de extraordinária eficácia para a densidade da unidade religiosa e o maior afervoramento cristão”⁹⁷.

Segundo Alberigo, não se conhecem atas do breve consistório e, por isso, não se sabe nada sobre as reações dos presentes. Dois anos mais tarde, o papa observaria que o anúncio foi acolhido pelos cardeais “com impressionante e devoto silêncio”⁹⁸,

⁹⁴ “Era esse o título de um comentário do Pe. Glorieux ao anúncio do concílio no *La Croix* de 30.01.1959. Cfr. ALBERIGO, Giuseppe, “O anúncio do Concílio: da segurança das trincheiras ao fascínio da busca”, in *História I*, p. 21, nota 1. O conjunto do capítulo vai da p. 21 à 68.

⁹⁵ João XXIII, *Primus Oecumenici Concilii Nuntius*, Basílica de São Paulo fora dos Muros, Roma, 25 de janeiro de 1959. ADA, I, Doc. I, pp. 3-6. Texto em português: “Aos cardeais: Primeiro anúncio do futuro Concílio Ecumênico”, KLOP I, pp. 36-38

⁹⁶ KLOP I, p. 38

⁹⁷ *ibidem*, p. 38

⁹⁸ *Historia I*, p. 22

Em nome pessoal do Papa, o Cardeal Secretário de Estado, Domenico Tardini, enviou, aos demais cardeais em todo o mundo, carta em que pedia, assim como o fizera aos cardeais presentes à sua alocução: “Agradeceremos, da parte de cada um dos presentes e dos distantes uma palavra íntima e confidente que Nos assegure sobre as disposições de cada um e Nos ofereça amavelmente todas as sugestões sobre a realização deste tríplice desígnio”⁹⁹. A carta de Tardini vinha acompanhada do texto da alocução dirigida por João XXIII aos cardeais, em São Paulo fora dos Muros.

De sua parte, como recebeu a Igreja do Brasil o anúncio do Concílio?

Pelas agências de notícia, rádios, jornais e, nas poucas cidades onde chegavam as imagens, também pelos noticiários da televisão, como o restante do mundo, com os comentários desencontrados que provocara anúncio tão inesperado. As reações dependeram, por outra parte, dos ambientes culturais, civis e eclesiais tão diversos em que foi difundido: nações predominantemente ortodoxas ou protestantes, países islâmicos ou comunistas ou, ainda, países católicos da África, Ásia, América Latina ou Europa.

Entre perplexidades e acolhida calorosa e sempre com muitas dúvidas e interrogações, assim variaram as reações!

Oficialmente, quanto ao Brasil, encontra-se na documentação pontifícia, a resposta de Dom Jaime de Barros Câmara à carta de Tardini, enquanto não há traço algum de eventual resposta do Cardeal da Bahia e Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva, nem do Cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Alguns cardeais que moravam em Roma responderam ao Papa já no dia seguinte. O Cardeal Câmara, longe de Roma, responde cinco semanas depois, a 3 de março de 1959:

“Eminência reverendíssima”,

Com particular agrado recebi a carta de 29 de janeiro, protocolada com o número 7803, que fez Vossa Eminência acompanhar a cópia do discurso pronunciado pelo Santo Padre, gloriosamente reinante na Basílica de São Paulo fora dos Muros.

Esta magnífica oração do Santo Padre, que teve repercussão em todo o mundo, abriu um raio de esperança em dias melhores para a cristandade e nos permite antever a aurora da suspirada união dos filhos do mesmo Pai, gerados no Sangue Redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como o Santo Padre, ao finalizar a alocução, pede uma palavra íntima e confidencial que o certifique das disposições de cada um, posso dizer que com filial

⁹⁹ João XXIII, “Aos Cardeais: Primeiro Anúncio do Futuro Concílio Ecumênico”, KLOP I, p. 38 e *Litterae Em.Mi. P.D. Domenici Card. Tardini*, Prot. N. 7803, Roma, 29 de janeiro de 1959, *Litterae I, ADA*, I, p. 113.

reverência e incondicional acatamento recebi, como sempre o faço com qualquer palavra do Santo Padre, essa mensagem que dirigiu aos Cardeais.

Com sentimentos de fraternal estima, osculo a Sagrada Púrpura de Vossa Eminência e me subscrevo, + Jaime Cardeal Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro”¹⁰⁰.

As reações dos outros cardeais oscilaram entre respostas protocolares, oferta de suas orações e préstimos e só uma ou outra proposta acerca do próprio Concílio.

Um dos cardeais, Carolo Confalonieri, escreveu ao Papa no dia seguinte ao do anúncio, comunicando suas orações e sua disposição em empenhar-se na preparação do concílio¹⁰¹. Outro, Frederico Tedeschini, reagiu também no dia seguinte ao envio da carta de Tardini datada de 29 de janeiro, dizendo que colocaria todas suas forças a serviço dos propósitos do Papa¹⁰².

Responderam, ao todo, 25 cardeais, num colégio cardinalício composto de 80 membros¹⁰³.

Contrasta com as demais, a resposta do Cardeal João Batista Montini de Milão, que agradece o envio da carta de Tardini e pede licença para enviar-lhe o texto da comunicação que fez à diocese sobre o anúncio do Concílio Ecumênico e que aparecera no jornal *L'Italia* de 27 de janeiro de 1959¹⁰⁴:

“L’annuncio, dato ieri da Sua Santità Giovanni XXIII, il Papa felicemente regnante, circa la prossima convocazione di um Concilio Ecumenico, risuona con voce tanto alta e tanto potente nella Chiesa di Dio, nelle comunità cristiane separate, nel mondo intero, che non avrebbe bisogno della nostra eco, perchè tutti, Sacerdoti e fedeli, uomini del pensiero e dell’azione, lo abbiano ad accogliere con animo attento e commosso. Un avvenimento storico, di prima grandezza sta per verificarsi; non di odio o di terrore, come sono grandi terribilmente le guerre; non di politica terrena o di profana cultura, come sono grandi fugacemente tanti umani consessi; non di scoperte scientifiche o di interessi temporali, como sono grandi dubbiamente tanti fatti del nostro divenire civile; ma grande di pace, di verità, di spirito; grandi oggi, per domani; grandi per i popoli e per i cuori umani; grande per la Chiesa intera e per tutta l’umanità.

¹⁰⁰ Carta de Jaime de Barros Câmara a Domenico Card. Tardini, Rio de Janeiro, 03-03-1959, Litt. XXII, ADA, I, p. 142

¹⁰¹ Litt. II, ADA I, p. 114

¹⁰² Litt. III, ADA I, p. 115

¹⁰³ Litt. II a XXVI, ADA I, pp. 114-149

¹⁰⁴ Litterae Em.mi P. D. Ioannis Baptistae Card. Montini. Milano 3 febbraio 1959. Litt. VII, ADA I, pp. 119; “Eco Ambrosiana all’annuncio del prossimo Concilio Ecumenico – Dal Giornale *L'Italia* del 27 gennaio 1959, ibidem, pp. 119-121

Sarà il maggiore questo Concilio, che la Chiesa abbia mai celebrato nei suoi venti secoli di storia, per la confluenza spirituale e numerica, nell'unità totale e pacifica della sua Gerarchia; sarà il maggiore per la cattolicità delle sue dimensioni, veramente interessanti tutto il mondo geografico e civile. La storia se apre con visioni immense e secolari ai nostri sguardi...»¹⁰⁵.

Esse texto de Montini será reproduzido pelo Osservatore Romano, como primeiro comentário do jornal oficial da Santa Sé à alocução de João XXIII, após ter estampado uma nota de poucas linhas, no dia do evento.

O Cardeal Urbani de Veneza, escrevendo três semanas depois, dá-se conta de que o tema havia sido colhido com presteza pela imprensa laica, cuja importância ele ressalta como novo poder ao qual o Concílio teria que confrontar-se. Dá a entender que estava sendo pouca a cobertura pelo órgão da própria Santa Sé, o Osservatore Romano e pela imprensa católica, que deveria valer-se da ocasião, para fornecer documentação sobre os anteriores concílios e sobre o que fora convocado:

“Il solo annuncio del Concilio va già portando i suoi frutti. Su di esso si polarizza già l'attenzione generali e quindi la stampa è costretta ad illuminare i suoi lettori sulla natura e storia dei Concili, facendo così un'istruzione religiosa, che nonostante qualche sfasatura, frutto di imperizia più che di malizia, torna utile e proficua alla nostra generazione così distante dai temi spirituali e dalla vita interna della Chiesa. Al proposito sarebbe opportuno che l'O.R. e la Stampa Cattolica e anche l'Azione Cattolica fornissero documentazioni ed illustrazioni dei passati Concili e anche dal prossimo, così da creare uno stato di benefica attesa e di valido interessamento. Un tempo erano le Corti Imperiali e Reali che si appassionavano ai Concili, specialmente per influenze interessate e spesso dannose alla libertà della Chiesa. Oggi è la Stampa il Potere della pubblica opinione”¹⁰⁶.

De Beirute no Líbano, o Cardeal Tappouni é sensível sobretudo à questão da busca da unidade entre os cristãos:

“Aujourd'hui plus que jamais les chrétiens d'Orient sentent la nécessité de s'unir, non seulement pour coopérer à ce que le monde trouve un soulagement et une solution aux problèmes qui l'affligent, mais aussi et surtout, pour réaliser l'Unité, objet de la prière sacerdotale de Notre Seigneur Jésus Christ (*Jo. XV, 1-27*).

¹⁰⁵ “Eco Ambrosiana all'annuncio del prossimo Concilio Ecumenico” – Dal Gionale *L'Italia* del 27 gennaio 1959, ADA I, pp. 119

¹⁰⁶ Litterae Em.mi. P. D. Ioannis Card. Ubani ad Ioannem XXIII, Venezia, 16/02/1959. Litt. XVII, ADA I, 134

D’ailleurs, dans la pensée de Votre Sainteté, le concile oecuménique projeté, n’a-t-il pas pour but, le bien spirituel du peuple chrétien, et n’est-il pas également une invitation aux Communautés séparées, pour la recherche de l’Unité à laquelle tant et tant d’âmes aspirent aujourd’hui sur toutes les parties de la terre?”¹⁰⁷

O anúncio do Concílio provocou entusiasmos sobretudo no seu aspecto de busca da unidade entre os cristãos. No Brasil, no quadro do acirrado anti-protestantismo da maioria dos católicos, respondido com igual anti-catolicismo da parte de muitos protestantes, já havia vozes que se levantavam na busca duma relação respeitosa e de mútuo conhecimento. No Rio Grande do Sul, onde havia uma igreja etnicamente alemã, seja luterana (articulada no Sínodo Riograndense), seja católica, havia uma tradição de tolerância e mesmo de cooperação, na base social. Em fins do século passado, nas Raiffaisen Kassen, uma espécie de banco do povo para depósito da poupança e empréstimos a juros módicos, fundadas pelos jesuítas alemães de São Leopoldo, entravam indiferentemente colonos alemães católicos ou luteranos.

Mas, no geral, havia separação, quando não hostilidade, entre padres e pastores e, por vezes, entre as comunidades.

Entre as vozes, propondo um caminho de respeito e aproximação, que tiveram maior influência está a de Eurípides Cardoso de Menezes. Nascido em 1909 no presbiterianismo, depois de cursar filosofia e teologia, tornou-se pastor como seu pai. Converteu-se, porém, ao catolicismo em 1935; foi Secretário Nacional da Defesa da Fé, Presidente da Ação Católica e da Confederação Católica no Rio de Janeiro, professor da PUC do Rio, deputado federal e muito conhecido por seus programas radiofônicos, onde as questões religiosas e, particularmente, as relações entre protestantes e católicos ocuparam significativo lugar.

Estas palestras radiofônicas foram, em 1948, recolhidas num livro cujo título era “Aos Irmãos Separados” e que contava, no frontispício, com uma carta de J.B. Montini, então Substituto da Secretaria de Estado de Pio XII e que dizia:

“O Santo Padre recebeu com prazer o vosso trabalho “AOS IRMÃOS SEPARADOS”, que lhe enviastes como filial homenagem e que constitui um novo testemunho da frutuosa atividade que desempenhais no sentido de tornar realidade a própria oração de Nosso Senhor: ‘Ut omnes unum sint’”¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Litterae Em.mi. P. D.Ignatii Gabrielis Card. Tapouni ad Ioannem XXIII, Beyrout, 23/03/1959, Litt. XXV, ADA I, pp. 146-148.

¹⁰⁸ J.B. Montini, Substituto: Secretaria de Estado de Sua Santidade. Vaticano, 20/07/1948, in MENEZES, Eurípides Cardoso de. *Aos Irmãos Separados*. Rio de Janeiro: Agir, 1957 2ª ed., p. 10

No prefácio à 2^a edição, em 1957, o autor adiantava-se à proposta conciliar de João XXIII: “Creio que já é tempo de se promoverem entre nós, como na Europa se tem feito, encontros amistosos de teólogos de ambos os lados para uma revisão de atitudes, para um intercâmbio de idéias e de experiências religiosas. Estão longe os protestantes de imaginar o que venha a ser o autêntico catolicismo. [...] Por sua vez, é completa a ignorância dos católicos a respeito do protestantismo e dos protestantes”¹⁰⁹.

“Com este livro pretendo contribuir para afastar os principais preconceitos doutrinários que nutrem os evangélicos contra os católicos. Noutro que se seguirá, tentarei mostrar aos católicos vários elementos positivos do protestantismo, que representarão, certo, preciosa contribuição dos dissidentes à cristandade católica...”¹¹⁰.

Atitudes de aproximação mais entusiasmadas, como a de Dom Eugênio Sales, jovem administrador da diocese de Natal, que convidou um pastor evangélico para uma celebração em comum, por ocasião da Semana da Unidade dos Cristãos de 1959, recebeu, entretanto, imediata reprimenda da Nunciatura, que lhe lembrou que continuava em vigor o canon 1258 do CIC de 1917, proibindo celebrações em comum, a chamada *communicatio in sacris*.¹¹¹ O canon proíbia em seu primeiro parágrafo: *Active assistere seu partem habere in sacris acatholicorum*. No comentário se aclarava que a participação pública e ativa de a-católicos no acrescentava em celebração católica era também proibida: *Communicatio in sacris ex parte acatholicorum in divinis catholicorum, si publica sit et activa, pariter interdictur*¹¹².

¹⁰⁹ Ibidem, p. 13-14

¹¹⁰ ibidem, pp. 15-16

¹¹¹ Cópia da Carta do Núncio D. Armando Lombardi a D. Eugênio Sales nos Arquivos da CNBB.

¹¹² BESTE, Udalricus, *Introductio in Codicem*. Neapoli: M.D'Auria Pontificius Editor, 1956 4^a ed., p. 674

I.2. FASE ANTE-PREPARATÓRIA – OS VOTA DO EPISCOPADO: 1959-1960

Passado o entusiasmo inicial pelo anúncio do Concílio, as especulações se este seria ou não um concílio de unidade, os meses seguintes quase tiraram o assunto de circulação do noticiário, até que, em 17 de maio de 1959 fosse nomeada a Comissão ante-preparatória, sob o comando do Cardeal Secretário de Estado Domenico Tardini¹¹³. Esta “teve que firmar primeiro sua posição, muito incerta de início. Assim, ela adquire logo um mínimo de infra-estrutura técnica e intelectual: um local, clérigos voluntários para compor seu secretariado e uma biblioteca sobre os Concílios”¹¹⁴. A Comissão lança-se à preparação de um questionário a ser enviado a todos os bispos, no sentido de levantar as principais questões que deviam constituir a agenda do Concílio, mas num sentido restritivo. Por seu lado, os dicastérios romanos são solicitados a elaborar “propostas” para o futuro concílio e as universidades católicas e faculdades de teologia convidadas igualmente a enviarem suas sugestões.

“Mas, por ocasião da assembleia plenária e solene [de todos os membros da Comissão] de 30 de junho, na presença do Papa, há mudança completa de procedimento quanto à consulta episcopal: não mais questionário de orientação; uma simples carta bastante geral, já preparada de antemão e datada de 18 de junho. Essa é a vontade de João XXIII. Essa carta evidencia sensível evolução com respeito ao projeto sobre o qual os membros da Comissão foram chamados a reagir: longe de pressupor o monte de respostas restritivas que teria acarretado o questionário, deixa os bispos relativamente livres para fazer chegar a Roma os problemas que julgam valer a pena tratar no concílio”¹¹⁵.

Segue a transcrição da carta de Tardini que coloca os Bispos, por primeira vez, desde o anúncio de janeiro, no circuito da preparação do Concílio:

“Cidade do Vaticano, 18 de junho de 1959

Excelência Reverendíssima,

¹¹³ Sobre a Comissão, seus membros e trabalhos, cfr. KLOP. I, pp. 109-115; CAPRILE I, pp. 163-181; *História I*, pp. 59-64; FOUILLOUX, Etienne, “II – A fase ante-preparatória (1959-1960)”, in *História I*, pp. 69-170

¹¹⁴ *ibidem*, p. 101

¹¹⁵ *ibidem*, p. 103.

Apraz-me comunicar a V. Ex.cia que o Sumo Pontífice João XXIII felizmente reinante, em 17 de maio de 1959, dia de Pentecostes, criou a Comissão antepreparatória, que tenho a honra de presidir, para o próximo Concílio Ecumênico.

O augusto Pontífice, em primeiro lugar, deseja conhecer opiniões e pareceres e recolher conselhos e *vota* dos ex.mos bispos e prelados que são chamados de direito a participar do Concílio Ecumênico (cân. 223): de fato sua Santidade atribui a maior importância aos pareceres, conselhos e *vota* dos futuros Padres conciliares; o que será muito útil na preparação dos temas para o Concílio.

Peço, portanto, vivamente a V. Ex.cia que queira fazer chegar a essa Comissão Pontifícia com absoluta liberdade e sinceridade, pareceres, conselhos e *vota* que a solícitude pastoral e o zelo das almas possam sugerir a V. Ex.cia em ordem às matérias e aos temas que poderão ser discutidos no próximo Concílio. Esses temas poderão dizer respeito a alguns pontos de doutrina, disciplina do clero e do povo cristão, a múltipla atividade que empenha toda a Igreja, os problemas de maior importância que essa deve enfrentar hoje, e toda outra coisa que V. Ex.cia julgar oportuno apresentar e desenvolver.

Neste trabalho, V Ex.cia poderá se valer, com discrição, do conselho de eclesiásticos prudentes e peritos.

Essa Comissão Pontifícia acolherá de sua parte com profunda consideração e respeito o quanto V. Ex.cia julgar útil para o bem da Igreja e das almas.

As respostas, V. Ex.cia. queira redigir em latim, e devem ser enviadas o quanto antes à Pontifícia Comissão mencionada, e, se possível, não depois de 12 de setembro do corrente ano.

Com expressão de meu profundo e cordial respeito etc.

D. Card. Tardini¹¹⁶

¹¹⁶ *História* I, pp. 103-104.

Segue a transcrição do original latino:

“Excellentissime Domine,

Pergratum mihi est significare Excellentiae Tuae Rev.mae Summum Pontificem Ioannem XXIII fel. regn. die 17 maii 1959, in Festo Pentecostes, instituísse Commissionem Antepreparatoriam pro futuro Concilio Oecumenico, cui Commissioni praeesse infrascripto honorificum est.

Desiderat in primis Augustus Pontifex cognoscere opiniones seu sententias atque colligere consilia et vota Exc.morum Episcoporum atque Praelatorum, qui in Concilium Oecumenicum ex iure vocantur (can. 223): maximum enim Sanctitas Sua tribuit momentum sententiis, consilii et votis eorum qui futuri Concilii Patres erunt; ea autem maximae exstabant utilitatis pro Concilii argumentis apparandis.

Rogo igitur enixe Excellentiam Tuam ut communicare faveas huic Pontificiae Commissioni, omni cum libertate et sinceritate, animadversiones, consilia et vota, quae pastoralis sollicitudo zelusque animarum Excellentiae Tuae suggerant circa res et argumenta quae in futuro Concilio tractari poterunt.

Huiusmodi res et argumenta respicere possunt sive quaedam doctrinae capita, sive disciplinam cleri et populi christiani, sive actuositatem multiplicis generis, qua hodie Ecclesia tenetur, sive negotia maioris momenti, quae eadem Ecclesia obire hodiernis debet temporibus, sive denique caeteras omnes res, quas Excellentiae Tuae exponere et enucleare visum fuerit.

Em julho de 59, começaram já a chegar as primeiras respostas e as últimas, na mesma época, no ano seguinte, depois de nova carta de Tardini, urgindo a manifestação dos retardatários. Os mais de 2.000 documentos provenientes da consulta foram ordenados, em três diferentes classificações, segundo as pessoas e organismos consultados e recopilados em oito tomos da *Series I (Antepreparatoria), volumen II: Consilia et Vota Episcoporum ac Praelatorum*. Na sua *Pars VII*, encontram-se os *vota* da América Meridional e da Oceânia, incluindo os do Brasil. No oitavo tomo, a *Pars VIII* aparecem os *vota* dos Superiores Gerais de Ordens e Congregações Religiosas clericais. Destes oito volumes foi organizada uma síntese por temas, o *Conspectus analyticus*, publicado como Apêndice ao volume II, em dois tomos¹¹⁸. Os *Proposita et Monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae* acham-se na mesma *Series I, volumen III*¹¹⁹ e, finalmente, os *Studia et Vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*, em outros 3 tomos, da *Series I, volumen IV*¹²⁰.

In hoc labore conficiendo Excellentia Tua uti poterit, discreta quadam ratione, consilio virorum ecclesiasticorum peritorum et prudentium.

Haec Pontificia Commissio veneranda cura plenoque obsequio ea omnia accipiet, quae Excellentiae Tuae visa fuerint Ecclesiae animarumque bono profutura.

Responsiones omnes lingua latina exarentur: easque velit Excellentia Tua mittere ad hanc Pontificiam Commissionem (Città del Vaticano) quam priinum, sed, si fieri potest, non ultra diem primam septembris currentis anni.

Interim impensos animi sensus ex corde profiteor Excellentiae Tuae, cui fausta quaeque a Domino adprecor

Excellentiae Tuae Rev.mae add.mus

D. Card. Tardini?"

ADA I/II, 1, pp. X-XI

¹¹⁷ Volumen II: *Consilia et vote Episcoporum ac Praelatorum*

Pars I: *Europa. Anglia - Austria - Belgium - Dania - Finnia - Gallia - Gedanum - Germania* (sub secreto) (1960)

Pars II: *Europa. Gibraltaria - Graecia - Helvetia - Hibernia - Hispania - Hollandia - Hungaria - Islandia - Ingoslavia - Lettonia - Lucemburgum - Lusitania - Melita - Norvegia - Polonia - Portus Herculis Monoeci - Suetia - Turchia Europaea* (sub secreto) (1960)

Pars III: *Europa. Italia* (sub secreto) (1960)

Pars IV: *Asia* (sub secreto) (1960)

Pars V: *Africa* (sub secreto) (1960)

Pars VI: *America septemtrionalis et centralis* (sub secreto) (1960)

Pars VII: *America meridionalis - Oceania* (sub secreto) (1961)

Pars VIII: *Superiores generalis religiosorum* (sub secreto) (1961)

¹¹⁸ Appendix volumini II: *Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab Episcopis et Praelatis data sunt*

Pars I: *Doctrinae capita - Normae generales C.I.C. - De personis - Disciplina cleri - De seminariis - De religiosis - De laicis* (sub secreto) (1961)

Pars II: *De sacramentis - De locis sacris - De praeceptis ecclesiasticis - De cultu divino - De magisterio ecclesiastico - De beneficiis et de bonis ecclesiae temporalibus - De processibus - De delictis et poenis - De missionibus - de oecumenismo - De actuositate ecclesiae* (sub secreto)

¹¹⁹ Volumen III: *Proposita et monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae* (sub secreto) (1960)

¹²⁰ Volumen IV: *Studia et vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*

Pars I / 1: *Universitates et facultates in Urbe* (sub secreto) (1961)

/ 2: *Universitates et facultates in Urbe* (sub secreto) (1961)

Pars II: *Universitates et facultates extra Urbem* (sub secreto) (1961)

No Brasil, nenhuma instituição de ensino superior chegou a enviar o seu *votum* para Roma, embora apareça no índice dos que enviaram o nome da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo¹²¹.

¹²¹ ADA IV/II, 557-560

3. OS VOTA: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CARACTERÍSTICAS

O trabalho preliminar de classificação e organização dos vota que iam chegando de todo o mundo e que alcançaram, só para a hierarquia, 1998 respostas sobre os 2594 destinatários da carta-consulta de Tardini, foi extremamente laborioso, por se tratarem de respostas abertas e não de um questionário prévio. Se incluirmos as respostas dos Religiosos (101/156) e dos Institutos de Estudos Superiores (51/62) este número ascende a 2150 sobre 2812 consultados, devendo-se ainda acrescentar os estudos preparados pelos dicastérios romanos, reunidos no volume III da *Series I* das *Acta et Documenta*.

O critério adotado pela Secretaria da Comissão Ante-preparatória para a organização e exploração destas respostas foi eminentemente prático: o de elaborar sínteses que pudessem servir de base para as comissões que deveriam preparar a matéria a ser submetida aos padres conciliares mais tarde.

Kloppenburg assim descreve o trabalho realizado:

“Essa ampla e gigantesca documentação, formada pelas cartas dos Bispos e Superiores Gerais, em um ano de intenso e diligente trabalho realizado na Secretaria da Comissão Ante-preparatória, foi cuidadosamente estudada, coordenada e reduzida, na medida do possível, à forma esquemática e sumária, em curtas frases em latim, exprimindo cada qual uma sugestão ou um desejo de um ou mais Bispos ou Superiores Gerais, citados em nota mediante a indicação da sede [episcopal ou] da família religiosa. Trata-se de 8.972¹²² proposições reunidas em dois tomos com subtítulo: *Analyticus Conspectus consiliorum et votorum quae ab Episcopis et Praeclatis data sunt*. O primeiro tomo, de VIII + 806 pp., consta de 4.232 proposições concernentes às questões doutrinárias, normas gerais de Direito Canônico, disciplina do clero, Seminários e Leigos. O segundo tomo, 743, pp. contém 4.740 proposições relativas aos Sacramentos, lugares sagrados, preceitos eclesiásticos, culto divino, magistério eclesiástico, benefícios e bens temporais da igreja, processos, delitos e penas, Missões, Ecumenismo e obras caritativas da Igreja”¹²³.

A estas proposições ainda é preciso se acrescentarem as propostas da Cúria romana: “O volume III, de XV + 412 pp., traz o título *Proposita et Monita Ss. Congregationum Curiae Romanae* e contém os documentos apresentados por 10 Dicastérios: Santo Ofício,

¹²² Caprile fala de 9.348 proposições. Cfr. CV^{II} I/1, 173.

¹²³ KLOP I, p. 114

Consistorial, Oriental, dos Sacramentos, do Concílio, dos Religiosos, da Propaganda Fide, dos Ritos, dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, dos Seminários e Universidades.

[...] O volume IV contém os estudos das Universidades Católicas e das Faculdades Eclesiásticas e divide-se em três partes: as duas primeiras referem-se às Universidades e Faculdades de Roma, e a terceira, a todas as outras”¹²⁴.

Alberigo apresenta, entretanto, uma crítica de fundo sobre o modo como foi organizado o trabalho de se reduzir a proposições telegráficas os *vota* dos bispos, agrupando-as em fichas, capituladas segundo determinados assuntos. A questão toda reside em se saber segundo quais critérios foram escolhidos estes e não outros assuntos, para figurarem no cabeçalho das fichas:

“I criteri secondo i quali le schede erano state compilate si ispiravano alla struttura tradizionale dei manuali di teologia della stagione controriformista e, per gli argomenti disciplinari, all’ordinamento del Codice di diritto canonico.¹²⁵ Non è avventato osservare che tali criteri avrebbero inevitabilmente appiattito e ‘normalizzato’ anche le proposte più innovatrici. Se la consultazione dell’episcopato era stata realizzata in modo plenario e libero, senza limitazioni di sorta, evitando una selezione dei destinatari o il suggerimento di una griglia di argomenti mediante un questionario, ora la valorizzazione dei risultati era effettuata con un quadro di riferimento ideologicamente e storicamente ben caratterizzato. Il ‘vino nuovo’, che fosse stato contenuto nei pareri dell’episcopato, veniva messo in ‘otri vecchi’; ogni scintilla di rinnovamento veniva ‘normalizzata’”¹²⁶.

O que vai chegar às mãos das Comissões preparatórias do Concílio, não são, pois, nem os *vota*, nem as proposições organizadas nos tomos acima citados, mas, sim, os relatórios sintéticos, editados em dez fascículos intitulados *Rapporto Sintetico sui Consigli e suggerimenti dati dagli ecc.mi vescovi e prelati...* divididos por regiões, um *Rapporto Sintetico ... dai rev.mi superiori generali ...* e uma *Síntesi finale sui consigli e suggerimenti degli ecc.mi vescovi e prelati di tutto il mondo per il futuro concilio Ecumenico: Rapporto Sintetico (RS) e Síntesi Finale (SF)*¹²⁷.

Só em 1974, os tomos contendo os *consilia et vota* dos bispos e prelados, os *proposita et monita* da Cúria Romana e os *studia et vota* dos Institutos de Estudos Superiores

¹²⁴ KLOP I, pp. 114-115

¹²⁵ *Propositum et mens* del febbraio 1961, premesso a AD I/2.1. Si vedano ivi anche le norme pratiche dettate per l’analisi dei voti. L’indice dell’*Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab episcopis et praelatis data sunt* testimonia che tutta la materia è stata organizzazzata seguendo la struttura del CIC (AD I/2 app.).

¹²⁶ ALBERIGO G. “Passaggi cruciali della fase antepreparatoria (1959-1960)” in ALBERIGO, G. e A. MELLONI, *Verso il Vaticano II (1960-1962)*. Bologna, Marietti, 1993, p. 27

¹²⁷ Cfr. MARQUES, Luiz Carlos, “Per il rinnovamento della vita religiosa”, in ALBERIGO, Giuseppe e Alberto MELLONI, *Verso il Vaticano II (1960-1962)*, o. cit. p. 428, nota 9. Sobre o índice e importância desta síntese, cfr. ALBERIGO G. “Passaggi cruciali della fase antepreparatoria (1959-1960)” in ALBERIGO, G. e A. MELLONI, o. cit., pp. 15-42.

tornaram-se acessíveis aos estudiosos. Começaram, então, a ser organizadas pesquisas em torno deste material e, de modo particular, o ISR de Bologna animou uma série de encontros consagrados à exploração dos volumes relativos à fase ante-preparatória do Concílio.

Para a América Latina e o Caribe, coordenei, com o auxílio dos estudantes da pós-graduação da Faculdade de Teologia N. S. da Assunção e a cooperação dos colegas da CEHILA, nos diferentes países do continente, o estudo analítico e comparativo dos *consilia et vota* do episcopado desta região, enquanto uma outra equipe ocupou-se dos Estados Unidos e Canadá.

O resultado do simpósio realizado em Houston, no Texas, de 12 a 15 de janeiro de 1991, sob o título de *Cristianismo e Igrejas às vésperas do Vaticano II* foi publicado em português¹²⁸ e castelhano¹²⁹, abrangendo três distintas temáticas:

fontes e critérios hermenêuticos para a história do Vaticano II;

situação da igreja e da sociedade latino-americana às vésperas do Concílio;

análise dos *vota* do episcopado latino-americano e caribenho. Foram estudados todos os países do continente, com exceção do Uruguai e Equador.

Neste Simpósio, Luiz Baraúna apresentou a análise dos *vota* do episcopado brasileiro¹³⁰.

Anteriormente, num colóquio organizado pela *École Française* de Roma, em 1986, já haviam sido estudados os *vota* dos episcopados francês, italiano e inglês¹³¹.

Já no quadro dos estudos preliminares para o projeto de uma História do Concílio Vaticano II, um simpósio realizado em Louvain-la-Neuve e Leuven, em outubro de 1989¹³², permitiu estender o estudo dos *vota* a outros episcopados europeus: o bávaro, belga, holandês, espanhol, italiano, holandês, suíço. Foram também analisados os *vota* dos orientais, dos romanos e de algumas faculdades de teologia¹³³.

¹²⁸ BEOZZO, José Oscar (org.), *A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio – História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1993.

¹²⁹ BEOZZO, José Oscar (org.), *Cristianismo e iglesias de América Latina en vésperas del Vaticano II*, San José da Costa Rica: DEI, 1992.

¹³⁰ BARAÚNA, Luiz, “Brasil”, in BEOZZO (org.), o. cit., pp. 146-177

¹³¹ Cfr. as atas *Le Deuxième Concile du Vatican (1959-1965)*, Rome, 1989. Para os *vota* do episcopado francês, U.-M. Hilaire, p. 101-117; para os dos bispos italianos, R. Morozzo della Rocca, p. 119-137; para os dos bispos ingleses, S. Dayran, p. 139-153.

¹³² LAMBERIGTS, M. - SOETENS, Cl. (éd.), *À la veille du Concile Vatican II. Vota et réactions en Europe et dans le catholicisme oriental*. Leuven : Bibliothek van de Faculteit der Godgeleerheid, 1992.

¹³³ Bavária: K. Wittstadt, pp. 24-37; Bélgica: Cl. Soetens, pp. 38-52; Espanha: E. Vilanova, pp. 53-82; Itália: M. Velati, pp. 83-97; Holanda: J. Jacobs, pp. 98-110; Orientais: R. Morozzo della Rocca, pp. 119-145; os *vota* Romanos: A. Ricardi, pp. 146-168; os *vota* das Faculdades de Teologia de Louvain e de Lovanium (Zaire): M. Lamberigts, pp. 169-184.

Em que pesem estes estudos prévios, resta ainda muita coisa a ser explorada e analisada. Daí o juízo matizado de Fouilloux sobre o que foi até agora realizado:

“Esse material enorme ainda mal conhecido, apesar de numerosas pesquisas nacionais, foi diversamente interpretado pelos historiadores. Alguns, comparando a atitude dos bispos no concílio e seus *vota*, negam todo valor a estes últimos: presos a uma mentalidade pré-conciliar, em nada teriam anunciado o evento futuro. Outros seriam tentados, ao invés, a buscar neles uma espécie de auto-retrato da igreja católica às vésperas do concílio. O material assim levantado não merece nem depreciação excessiva, nem valorização abusiva. Aos primeiros, se objetará sua riqueza, que impede de ignorá-lo pura e simplesmente, se bem que ele não tenha sido objeto de discussão nos debates ulteriores; em compensação, aos segundos se exigirá mais prudência em sua avaliação, para que não o considerem pelo que não poderia ser: certamente, não um quadro da Igreja católica em meados do século XX, mas um quadro do que pensam os bispos na conjuntura particular de uma consulta romana... o que já não é tão mau! Quem se queixaria de dispor de uma pesquisa de tal abrangência, entre os responsáveis do catolicismo? Não se deve esquecer, porém, que o *voluntum* não é o único instrumento de que dispõem os bispos para preparar o concílio: no momento em que respondem ao cardeal Tardini, vários prelados estão empenhados no processo que desembocará na criação do Secretariado pela Unidade dos Cristãos, processo cuja importância é maior do que suas respostas à consulta antepreparatória, por mais interessantes que estas sejam”¹³⁴.

Fouilloux adverte ainda que “um mínimo de precauções hermenêuticas pode evitar as armadilhas de uma leitura ingênua e redutiva. A primeira tarefa consiste em medir a abrangência do material assim coletado. [...] Voltemo-nos para as cifras de resposta dos futuros padres conciliares. Dos 2594 calculados, responderam 1998, ou seja, 77%. Proporção de sonho, para qualquer pesquisa numa população dada! O primeiro ensinamento da pesquisa é então o interesse que suscitou. A lei dos grandes números apresenta todavia o inconveniente de juntar, sem discriminação, respostas ricas ou argumentadas, com respostas lapidares ou indigentes”¹³⁵.

Seguem os resultados da consulta para o conjunto da Igreja e, em seguida, para o Brasil, de modo a permitir uma comparação entre ambos:

¹³⁴ FOUILLOUX, Étienne, “A fase antepreparatória (1959-1960)”, in *História I*, p.108

¹³⁵ *ibidem*, pp. 108-109.

RESPOSTAS POR REGIÕES

REGIÕES	RESPOSTAS / CONSULTAS	% RESPOSTAS
BISPOS E PRELADOS		
África:	241 / 289	(83,3%) ¹³⁶
América Setentrional:	262 / 360	(72.7%) ¹³⁷
América Central e Caribe	67 / 76	(88.1%) ¹³⁸
América Meridional	318 / 420	(75.7%) ¹³⁹
Europa	769 / 962	(79.9%) ¹⁴⁰
Ásia	293 / 417	(70.2%) ¹⁴¹
Oceania	48 / 70	(68.5%) ¹⁴²
TOTAL	1998 / 2594	(77.0%)¹⁴³
ORDENS / CONGREGAÇÕES REL.	101 / 156	(64.7%) ¹⁴⁴
INSTITUTOS ESTUDOS SUP.	51 / 62	(82.2%) ¹⁴⁵
TOTAL GERAL	2150 / 2812	(76..4%)¹⁴⁶

RESPOSTAS DO BRASIL À CONSULTA DA FASE ANTE-PREPARATÓRIA

BISPOS E PRELADOS	RESPOSTAS / CONSULTAS	%
Bispos Residenciais:	83 / 103	(80,58%)
Prelados <i>Nullius</i> :	22 / 26	(84.61%)
Abades <i>Nullius</i> :	1 / 1	(100.00%)
	106 / 130	(81,5%)
Núncio Apostólico:	1 / 1	(100.00%)
Titulares:	23 / 34	(67.64%)
	26 / 37	(70,2%)
Administradores Apostólicos:	2 / 2	(100.00%)
TOTAL GERAL:	132 / 167	(79%)¹⁴⁷

¹³⁶ ADA I/Indices, 305¹³⁷ ADA I/Indices, 337¹³⁸ ADA I/Indices, 355¹³⁹ ADA I/Indices, 371¹⁴⁰ ADA I/Indices, 213¹⁴¹ ADA I/Indices, 271¹⁴² ADA I/Indices, 399¹⁴³ ADA I/Indices, 211¹⁴⁴ ADA I/Indices, 407¹⁴⁵ ADA I/Indices, 429¹⁴⁶ ADA I/Indices, 209

O resultado das respostas à consulta, da parte do Brasil (79.0%) é semelhante ao da Europa (79.9%); superior ao da América Setentrional (72.7%); da América Meridional (75.7%); da Ásia (70.2%) e da Oceania (68.5%), mas inferior ao da África (83,3%) e ao da América Central e Caribe (88.1%).

O quadro sintético para o Brasil revela nítido contraste entre a proporção de respostas dos que estavam investidos de responsabilidades diretas de governo: bispos residenciais, prelados *nullius*, abades *nullius*, o núncio e os administradores apostólicos e dos que eram apenas titulares: auxiliares, coadjutores ou eméritos. É entre os primeiros que se alcançam as maiores porcentagens de respostas que cobrem ou todo o universo (100,0%), no caso do núncio, dos abades *nullius* ou dos administradores apostólicos, ou mantém-se acima dos 80%, enquanto, entre os segundos, o percentual dos que responderam cai para 67.64%.

De todo modo, é significativo que dois terços daqueles que não eram os ordinários do lugar tenham se movimentado para dar sua contribuição.

Uma coisa, porém, é debruçar-se sobre este resultado quantitativo das respostas, e outra, interrogar-se sobre sua relevância, do ponto de vista qualitativo.

Muitos dos consultados contentaram-se em dizer que receberam a consulta, que aderiam ao propósito do Papa de convocar o Concílio e que estavam rezando pelo seu êxito, enquanto outros debruçaram-se com cuidado sobre o assunto, embora produzindo, por vezes, respostas estreitas e exclusivamente intra-eclésiásticas; alguns poucos, enfim, trouxeram à baila problemas e questões de maior alcance e relevância humana ou eclesial.

¹⁴⁷ ADA II/Indices, 377. Nestes números oficiais das *Acta et Documenta*, não está incluído Ignácio Krause.

4. OS VOTA DO BRASIL: CONTEÚDOS E SIGNIFICAÇÃO

À consulta de Tardini responderam, pois, 132¹⁴⁸ dentre os 167 bispos ou preladados considerados brasileiros pelos critérios do Anuário Pontifício. Suas respostas ocupam 216 páginas do volume *II, Pars VII*, das *Acta et Documenta*, indo da página 127 à 343, do tomo supra indicado.

A lista nominativa de todos os consultados, com suas respectivas dioceses, prelazias, abadias ou sedes titulares, mais as dioceses vacantes, naquela ocasião, segue abaixo.

Nela aparece, por ordem alfabética, na primeira coluna à esquerda, em seis registros diferentes (bispos residenciais, preladados *nullius*, abades *nullius*, Núncio Apostólico, titulares e administradores apostólicos), o nome da diocese, prelazia, abadia *nullius*, ou sede titular. Segue, na segunda coluna, o nome do seu titular ou a indicação de *sede vacante* e, na terceira, o número da página em que se encontra o seu *votum*, caso o tenha emitido. Caso contrário, consta que *não enviou* seu *votum* ou que este foi *coletivo*.

LISTA DOS BISPOS E PRELADOS CONSULTADOS E RESULTADO DA CONSULTA FASE ANTE-PREPARATÓRIA DO CONCÍLIO¹⁴⁹

RESIDENCIAIS

CIRCUNSCRIÇÕES	CONSULTADOS	PÁGINAS
1. Afogados da Ingazeira	ε João José da Mota e Albuquerque	129-130
2. Amargosa	ε Florêncio Sisínio Vieira	130-131
3. Aparecida	<i>sede vacante</i>	não enviou
4. Aracaju	ε José Vicente Távora	não enviou
5. Araçuaí	ε José Maria Pires	131-133
6. Assis	ε José Lazaro Neves	133-134
7. Aterrado	ε Manoel Nunes Coelho	139-141 coletivo

¹⁴⁸ Como se verá abaixo, a este número oficial das *Acta et Documenta*, foi acrescentado o *votum* de Ignacio Krause, bispo expulso de Shunteh na China e que estava como administrador apostólico das dioceses de Toledo e Campo Mourão no Paraná.

¹⁴⁹ADA II/7: *Indices Brasiliae*, pp. 377-384

8. Barra do Pirai	ε Agnelo Rossi	134-135
9. Barra do Rio Grande	ε João Batista Muniz	135-137
10. Belém do Pará	ε Alberto Gaudêncio Ramos	137-139
11. Belo Horizonte	ε Antônio dos Santos Cabral	não enviou
12. Bonfim	ε Antônio Mendonça Monteiro	141
13. Botucatu	ε Henrique Heitor Golland Trindade	142-143
14. Bragança Paulista	ε José Maurício da Rocha	143-145
15. Cachoeiro de Itapemirim	<i>sede vacante</i>	não enviou
16. Caetité	ε José Pedro Costa	146-147
17. Caicó	ε Manuel Tavares de Araújo	147-148
18. Cajazeiras	ε Zacarias Rolim de Moura	148-149
19. Campanha	ε Inocêncio Engelke	não enviou
20. Campina Grande	ε Otávio Aguiar	não enviou
21. Campinas	ε Paulo de Tarso Campos	150
22. Campo Grande	ε Antônio Barbosa	150-155
23. Campo Mourão	ε <i>sede vacante</i> (Adm. Ap. I. Krause) ¹⁵⁰	
24. Campos	ε Antônio de Castro Mayer	155-162
25. Caratinga	ε José Eugenio Corrêa	não enviou
26. Caruaru	<i>sede vacante</i>	não enviou
27. Caxias	ε Benedito Zorzi	162-165
28. Caxias do Maranhão	ε Luiz Gonzaga da Cunha Marelím	não enviou
29. Chapecó	ε José Thurler	165-167
30. Corumbá	ε Ladislau Paz	167-168
31. Crato	ε Francisco de Assis Pires	não enviou
32. Cuiabá	ε Orlando Chaves	168-169
33. Curitiba	ε Manuel da Silveira D'Elboux	169-170
34. Diamantina	ε José Newton de Almeida Batista	170-172
35. Divinópolis	ε Cristiano Portela de Araújo Pena	139-141 coletivo
36. Dourados	ε José de Aquino Pereira	172-173
37. Florianópolis	ε Joaquim Domingues de Oliveira	173-174
38. Fortaleza	ε Antonio de Almeida Lustosa	174-175

¹⁵⁰Inácio Krause, bispo expulso de Shunteh, China, em seu *votum* redigido em Laranjeiras do Sul, dia 3 de setembro de 1959, e que entrou na lista chinesa (cf. *AD I, Indices*, p. 280), mesmo sendo relativo a assuntos pastorais brasileiros, apresenta-se como administrador apostólico de Toledo e Campo Mourão. Seu *votum* está em ADA II/4, 559-560. Foi listado sob os n° 23 e 182, como administrador apostólico destas duas dioceses.

39. Garanhuns	ε José Adelino Dantas	175-176
40. Goiânia	ε Fernando Gomes dos Santos	176-179
41. Goiás	ε Candido Penso	não enviou
42. Governador Valadares	ε Hermínio Malzone Hugo	179-180
43. Guaxupé	ε Ignácio João Dal Monte	139-141 coletivo
44. Ilhéus	ε Antônio Lima dos Santos	180
45. Jaboticabal	ε Antônio Augusto de Assis	não enviou
46. Jacarezinho	ε Geraldo de Proença Sigaud	180-195
47. Januária	ε Daniel Tavares Baêta Neves	195
48. Jataí	ε Abel Ribeiro Camelo	196
49. Joinville	ε Gregorio Warmeling	197-199
50. Juiz de Fora	ε Geraldo Maria de Moraes Penido	200-203
51. Lajes	ε Daniel Hostin	203-205 coletivo
52. Leopoldina	ε Delfim Ribeiro Guedes	206
53. Limoeiro do Norte	ε Aureliano de Matos	não enviou
54. Lins	ε Henrique Gelain	207-208
55. Londrina	ε Geraldo Fernandes	208-209
56. Lorena	ε Luis Gonzaga Peluso	não enviou
57. Maceió	ε Ranulpho da Silva Farias	não enviou
58. Manaus	ε João de Sousa Lima	não enviou
59. Mariana	ε Helvécio Gomes de Oliveira	não enviou
60. Marília	ε Hugo Bressane de Araújo	210-213
61. Maringá	ε Jaime Luiz Coelho	214
62. Montes Claros	ε José Alves de Sá Trindade	215
63. Mossoró	ε Eliseu Simões Mendes	215-216
64. Natal	ε Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas	não enviou
65. Nazaré	ε Emmanuel Pereira da Costa	217-218
66. Niterói	ε Carlos Gouvêa Coelho	218-219
67. Oeiras	<i>sede vacante</i>	não enviou
68. Olinda e Recife	ε Antônio Almeida Moraes Junior	219-220
69. Oliveira	ε José de Medeiros Leite	139-141 coletivo
70. Palmas	ε Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello	220-225
71. Paraíba	<i>sede vacante</i>	não enviou
72. Parnaíba	ε Paulo Hipólito de Souza Libório	226-227

73. Passo Fundo	ε Cláudio Colling	227
74. Patos	ε Expedito Eduardo de Oliveira	228-229
75. Patos de Minas	ε José André Coimbra	139-141 coletivo
76. Pelotas	ε Antônio Zattera	229-230
77. Penedo	ε José Terceiro de Souza	231
78. Pesqueira	ε Severino Mariano de Aguiar	231-232
79. Petrolina	ε Antonio Campelo de Aragão	232-234
80. Petrópolis	ε Manuel Pedro da Cunha Cintra	235
81. Piracicaba	ε Ernesto de Paula	não enviou
82. Ponta Grossa	ε Antônio Mazzarotto	235-238
83. Porto Alegre	ε Alfredo Vicente Scherer	239
84. Porto Nacional	ε João Alano Maria du Noday	240
85. Pouso Alegre	ε Otavio Chagas de Miranda	não enviou
86. Ribeirão Preto	ε Luis do Amaral Mousinho	240-243 coletivo
87. Rio Preto	ε Libânio Lafayette	240-243 coletivo
88. Rui Barbosa	<i>sede vacante</i>	não enviou
89. Santa Cruz do Sul	<i>sede vacante</i>	não enviou
90. Santa Maria	ε Antônio Reis	244-246 coletivo
91. Santo André	ε Jorge Marcos de Oliveira	não enviou
92. Santos	ε Idílio José Soares	246-247
93. São Carlos	ε Ruy Serra	247-248
94. São Luís de Cáceres	<i>sede vacante</i>	não enviou
95. São Luís do Maranhão	ε José de Medeiros Delgado	248-249
96. São Mateus	ε José Dalvit	250-251
97. São Paulo	ε Carlos Carmelo Card. de Vasconcellos Motta	251-254 coletivo
98. São Salvador da Bahia	ε Augusto Álvaro Card. da Silva	255-256
99. São Sebastião do Rio de Janeiro	ε Jaime Card. de Barros Câmara	256-260
100. Sete Lagoas	ε José de Almeida Baptista Pereira	139-141 coletivo
101. Sobral	ε José Tupinambá da Frota	não enviou
102. Sorocaba	ε José Carlos de Aguirre	260
103. Taubaté	ε Francisco B. do Amaral	260-261
104. Teresina	ε Avelar Brandão Vilela	262

105. Toledo (in Brasile)	<i>sede vacante</i> (Adm. Ap. I. Krause) ¹⁵¹	
106. Tubarão	ε Anselmo Pietrulla	263
107. Uberaba (Uberaben)	ε Alexandre Gonçalves do Amaral	139-141 coletivo
108. Uruaçu	ε Francisco Prada Carrera	263-264
109. Uruguiana	ε Luís Felipe de Nadal	265
110. Vacaria	ε Augusto Petró	265-266
111. Valença	ε Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena	não enviou
112. Vitória	ε João Batista da Mota e Albuquerque	267-269
113. Vitória da Conquista	ε Jackson Berenguer Prado	269-271

PRELADOS *NULLIUS*

114. Acre e Purus	ε Antonio Julio Mattioli (Lacedemonia)	não enviou
115. Bom Jesus do Piauí	ε José Vásquez Diaz (Usula)	271
116. Cametá	<i>sede vacante</i>	não enviou
117. Carolina	ε Cesario Alexandre Minali (Achirao)	271-273
118. Chapada	ε Vunibaldo Talleur (Magido)	273-274
119. Cristalândia	ε Jaime Schuck (Avissa)	274
120. Diamantino	ε Alonso Silveira de Mello (Nasai)	274-275
121. Formosa	<i>sede vacante</i>	não enviou
122. Foz do Iguaçu	ε Manuel Könnner (Modra)	não enviou
123. Guajará-Mirim	ε Francisco Xavier Rey (Facusa)	não enviou
124. Guamá	ε Eliseu Coroli (Zama Maggiore)	276-279
125. Juruá	ε José Hascher (Elie)	279-280
126. Lábrea	ε José Alvarez (Colibrasso)	280-281
127. Macapá	ε Aristide Pirovano (Adriani)	281-282
128. Marajó	ε Gregório Alonso Aparicio (Pogla)	283
129. Óbidos	ε João Floriano Loewenau (Drivasto)	284
130. Paracatu	ε Eliseu van de Weijer (Gor)	284-285
131. Parintins	<i>sede vacante</i>	não enviou
132. Pinheiro	ε Alfonso M. Ungarelli (Azura)	286-298
133. Porto Velho	ε João Batista Costa (Scilio)	298--299

¹⁵¹Ver nota referente à diocese de Campo Mourão.

134. Registro do Araguaia	ε Camilo Faresin (Bubasti)	299-300
135. Rio Branco	ε José Nepote-Fus (Elo)	não enviou
136. Rio Negro	ε Pedro Massa (Ebron)	300-301
137. Santarém	ε Tiago C. Ryan (Margo)	302
138. Santíssima Conceição do Araguaia	ε Luís Antonio Palha (Lunda)	303-304
139. Santo Antonio de Balsas	ε Diego Parodi (Centenaria)	304-305
140. São José do Grajaú	ε Emiliano José Lonati (Epifania di Cilicia)	306
141. Tefé	ε Joaquim de Lange (Fotice)	307-308
142. Tocantinópolis	<i>sede vacante</i>	não enviou
143. Xingu	ε Clemente Geiger (Olena)	308-309

ABADES NULLIUS

144. N. Sra do Monserrate	Martinho Michler	309-310
---------------------------	------------------	---------

NÚNCIO APOSTÓLICO

145. Cesárea di Filippo	ε Armando Lombardi	310-314
-------------------------	--------------------	---------

TITULARES

146. Altava	ε José Varani	240-243 coletivo
147. Antiochia al Meandro	ε Vicente de Araújo Matos	não enviou
148. Arindela	ε Almir Marques Ferreira	não enviou
149. Arsinoe di Arcadia	ε Jerônimo Mazzarotto	314-315
150. Attuda	ε Antônio Ferreira de Macedo	315-316; 251-254 coletivo
151. Bria	ε Paulo Rolim Loureiro	251-254 coletivo
152. Cirro	ε Mário de Miranda Vilas Boas	não enviou
153. Celerina	ε Luiz Victor Sartori	244-246 coletivo
154. Calcide di Siria	ε Antônio M. Alves de Siqueira	251-254 coletivo

155. Decoriana	ε Felipe Conduru Pacheco	316
156. Eurea di Epiro	ε Alfonso Niehues	203-205 coletivo
157. Lauzado	ε Vicente Marchetti Zioni	251-254 coletivo
158. Leontopoli di Pamfilia	ε Adelmo Machado Cavalcante	316-317
159. Leuce	ε Gabriel Paulino Bueno Couto	318-319
160. Martiropoli	ε João Rezende Costa	139-141 coletivo
161. Parnasso	ε Adolfo Luis Bossi	320
162. Podalia	ε José Domitrovitsch	não enviou
163. Rodosto	ε Wilson Laus Schmidt	não enviou
164. Roina	ε Oscar de Oliveira	320-324
165. Salde	ε Helder Pessoa Camara	325-327
166. Sanavo	ε Walmor Batú Wichrowski	327-332
167. Soldaia	ε José Martenetz	332-336
168. Tanis	ε José Joaquim Gonçalves	240-243 coletivo
169. Termesso	ε Honorato Piazero	não enviou
170. Tibica	ε Eugênio de Araújo Sales	336
171. Tlos	ε Cândido G. Bampi	337-340
172. Tolemaide di Fenicia	ε Edmundo Luís Kunz	não enviou
173. Ucres	ε Antônio Fragoso	não enviou
174. Utina	ε José Bezerra Coutinho	341-342
175. Uzali	ε Ramón de Castro y Silva	não enviou
176. Uzita	ε Othon Motta	não enviou
177. Verinopoli	ε Serafim Fernandes de Araújo	139-141 coletivo
178. Verissa	ε Felício César da Cunha Vasconcelos	342-343
179. Voncaria	ε Pio Freitas Silveira	não enviou

ADMINISTRADORES APOSTÓLICOS

180. Maxime Biennés	(Adm. Ap. de São Luis de Cáceres)	248
181. Archangelo Cerqua	(Adm. Ap. de Parintins)	285-286
182. ε Ignácio Krause	(Adm. Ap. de Toledo e Campo Mourão)	ADA II/4, 559-560
TOTAL GERAL: 182	168	133

É preciso esclarecer, preliminarmente, a aparente discrepância entre o número corrido da lista (182), na primeira coluna, a soma da segunda (168) e o resultado final de 133 respostas. A diferença de 14 posições entre a primeira e a segunda coluna é devida ao número de dioceses (10) ou prelazias (4) que se encontravam vacantes e que atingem, no total, 14 circunscrições.

Os *vota* do Brasil somam na verdade 111, embora 133 pessoas tenham respondido, já que houve 5 votos coletivos, envolvendo 22 pessoas.

Nestes *vota*, está incluído o de Ignácio Krause, que aparece na lista chinesa. Krause, entretanto, encontrava-se exercendo seu episcopado no Paraná, como administrador apostólico das dioceses de Toledo e de Campo Mourão. Seu *notum* está relacionado a estas duas circunscrições brasileiras pelas quais era responsável.

Por último, a título de informação histórica, o *notum* de William (Guilherme) Gaudreau, missionário redentorista norte-americano no Brasil, antigo provincial da vice-província redentorista de Campo Grande, MT, eleito geral de sua Congregação, vem todo ele apoiado em sua experiência missionária no Brasil¹⁵².

Antes de se debruçar sobre a análise dos *vota* brasileiros, são necessários algumas esclarecimentos prévios.

As respostas coletivas, como por exemplo a da Província de Belo Horizonte, em que assinam os nove bispos da província eclesiástica, são atribuídas individualmente a cada um dos signatários, acompanhadas da indicação de que se trata de um *notum* coletivo.

São cinco as respostas coletivas, envolvendo 22 prelados. Fica, portanto, reduzido o número de 133 respostas para 111, das quais 106 são individuais e as cinco restantes coletivas.

Se for examinado o arco de tempo em que chegam respostas à consulta, este estende-se de 29 de julho de 1959, quando parte a primeira resposta, até 26 de maio de 1960, quando é despachada a última. As respostas agrupam-se em duas ondas sucessivas, agosto/ setembro de 1959 e abril/maio de 1960, correspondentes às duas cartas de Tardini: a primeira de 18 de junho de 1959 e a segunda de 21 de março de 1960.

Cabe aqui também a questão levantada de maneira retrospectiva por Luiz Carlos Marques:

¹⁵² ADA I/II, 145-147

“Quantos eram os prelados, com ou sem caráter episcopal, sucessivamente Padres conciliares *de iure*, residentes ou auxiliares de uma sede brasileira, ainda na ativa ou eméritos, quando Domenico Tardini, na qualidade de Presidente da Comissão antepreparatória, solicitou, no dia 18 de junho de 1959, os *consilia e vota* da parte do episcopado católico.

Uma análise acurada das fontes indica que o número total dos prelados *brasileiros* vivos em 31 de dezembro de 1958 e que estavam ainda vivos no dia 11 de outubro de 1962 era de 150 (95 do clero secular, 54 do clero regular e o nuncio Armando Lombardi)¹⁵³. Se a estes, acrescentamos 9 dos 12 bispos nomeados durante o ano de 1959¹⁵⁴, 2 presbíteros administradores apostólicos¹⁵⁵ e outros 14 que morreram antes do início do Concílio, obteremos um total de 175 prelados dos quais 61 provinham do clero regular”¹⁵⁶.

Como já foi assinalado, à lista de 132 respostas deve ser acrescentada mais uma: a do *votum* do bispo, Ignacio Krause. Seu *votum* foi escrito em Laranjeiras do Sul, PR e vem datado de 03 de setembro de 1959. Krause assina como *Administrator Apostolicus Toletanus in Brasilia et Campi Moranensis*, administrador apostólico de Toledo e de Campo Mourão no Brasil. Krause aparece na lista chinesa, como *Episcopus Scionteanus*¹⁵⁷, embora seu *votum* trate exclusivamente de problemas pastorais do seu campo de trabalho no Brasil. Ele faz parte do grande número de bispos e missionários, católicos e protestantes, expulsos da China continental, após a tomada de poder por Mao Tsé Tung em 1949. Muitos retornaram aos seus países de origem, enquanto outros, mais numerosos, partiram para novos campos de missão, seja na Ásia, na África ou na América Latina, Brasil inclusive. A ocupação do leste europeu pela União Soviética, ao final da segunda guerra mundial provocou também expulsões como a do holandês Estanislau Arnaldo Van Melis, da Congregação dos Passionistas que trabalhou na Bulgária de 1937 a 1949, sendo então

¹⁵³ Inclusive Galibert e Vega Campon. Estes, mesmo tendo retornado à Europa antes de 1959, continuaram a serem arrolados como membros da CNBB pelas fontes de origem brasileira, mas não por aquelas romanas.

¹⁵⁴ A data da eleição anterior ou posterior a 18 de junho de 1959 divide de modo praticamente rigoroso os prelados que enviaram os *vota* dos que não o fizeram: J. Dalvit, FSCJ, eleito no dia 16 de maio para a Diocese de São Mateus enviou ainda o seu *votum*. E. Dilkenborg, OFM, eleito a 20 de junho para a diocese de Oeiras não o enviou. Mesmo a segunda comunicação de Tardini, de 21 de março de 1960, insistindo com os bispos que ainda não haviam enviado os seus *consilia et vota*, parece que não foi enviada aos que haviam sido nomeados nesse meio tempo. (para as cartas de Tardini, cfr. ADP II/1, pp. X-XI, XIII). O único bispo eleito depois de 18 de junho colocado entre os que foram solicitados a enviar o próprio voto foi H. Piazero, SCJ, nomeado a 18 de julho (cf. *Indices* in ADP II, p. 384)

¹⁵⁵ Máximo André Biennès, TOR de Cáceres, MT, e Arcangelo Cerqua, PIME, da Prelazia de Parintins, AM, eleito bispo em 1961.

¹⁵⁶ MARQUES, o. cit. p. 750

¹⁵⁷ ADA II/4, pp. 559-560

expulso do país. Vindo para o Brasil em 1958, tornou-se bispo de São Luís de Montes Belos em Goiás, em 1962. A independência dos países africanos na década de 60, provocou nova revoada de bispos e missionários, vindo para o Brasil, como por exemplo, o ex-arcebispo de Elisabethville (Lubumbashi) no Katanga, ex-Congo belga, Mons. Joseph Florisbert Cornelis O.S.B.¹⁵⁸, que se transferiu para Alagoinhas na Bahia, assim como Gérard de Milleville, nascido em Londinère na França, ex-arcebispo de Conakry na Guiné, que ficou como auxiliar de Fortaleza, CE. Do Moçambique, colônia portuguesa, por apoiarem a independência do país, foi expulso numeroso grupo de missionários monfortinos holandeses que vieram para a diocese de Lins, trazidos pelo novo Bispo, também ele holandês, D. Pedro Paulo Koop¹⁵⁹.

Repassando-se os *vota*, os dois primeiros que respondem, ainda no mês de julho de 1959, são o bispo de Bonfim, BA, D. Antônio Mendonça Monteiro, no dia 29 e o abade *nullius* do Rio de Janeiro, D. Martinho Michler O.S.B. O primeiro liquida o seu *votum* em apenas duas linhas, após as palavras protocolares de saudação e de despedida. Para ele, o Concílio devia tratar dos pontos a serem definidos na doutrina social católica e de condenar os erros do espiritismo!¹⁶⁰

No dia seguinte, responde D. Martinho Michler O.S.B., um dos líderes do movimento litúrgico no Brasil e presidente da CRB que podia gozar de dupla vantagem sobre outros colegas no episcopado: a da residência na capital federal, onde o correio chegava com maior rapidez e segurança, e a da quietude de um mosteiro, diferente do afã de quem respondeu apressadamente entre duas visitas pastorais ou recebeu a correspondência meses depois de despachada de Roma ou somente no segundo envio, e ainda com atraso. Michler pede que a liturgia esteja mais e mais aberta à participação do povo, com ritos mais simples e acessíveis, impedindo a migração de muitos para novas seitas (Espiritismo e Protestantismo)¹⁶¹. E aí termina também seu *votum*, sem aventurar-se por outros campos, fora da liturgia.

Os últimos a responderem foram o Arcebispo de Vitória, ES, D. João Batista da Mota e Albuquerque e D. Geraldo Fernandes, bispo de Londrina. D. João faz quinze

¹⁵⁸ Joseph Floribert Cornelis da Congregação Beneditina Belga, n. 06-10-1910, em Gent, diocese de Gent, na Bélgica; ord. 29-07-1935; eleito para a Igreja titular de Tune e consagrado a 27-12-1958; promovido a Arcebispo de Elisabethville no Congo, a 10-11-1959.

¹⁵⁹ Os padres monfortinos holandeses da Companhia de Maria, S.M.M., que vieram do Moçambique para a diocese de Lins, foram Tiago Buner, nomeado pároco de Gabriel Monteiro; José Menten, pároco de Clementina; João Oberndorf, pároco de Braúna e João Sluysmans, pároco de Piacatu.

¹⁶⁰ *Mibi videtur in Concilio tractanda ea quae definienda sunt de doctrina sociali catholica; et dammandi sunt errores Spiritismi.* ADA II/7, p. 141

¹⁶¹ ADA II/7, 309-310

sugestões, sendo que a primeira pede que a doutrina sobre a Igreja seja retomada e se complete o Vaticano I: o que foi tratado acerca do Papa, seja agora estendido aos bispos, sacerdotes, religiosos e leigos; que os preceitos da justiça social sejam promulgados, sabendo o povo o que deve ser observado *sub gravi*; que cardeais, bispos e párocos afastem-se quando não conseguem mais exercer seus ofícios, por idade avançada ou enfermidade; que a cúria romana seja internacionalizada. A 12^a dedicada à restauração litúrgica, desdobra-se em sete pontos, onde se pede que o uso da língua vernácula na liturgia torne usual; que catequistas leigos recebam as ordens menores e possam benzer objetos e imagens, levar a comunhão e o viático aos enfermos, batizar e presidir a exéquias e matrimônios; que as religiosas, em suas capelas, na ausência do sacerdote, possam comungar por suas próprias mãos; que tanto o pároco como seu coadjutor possam administrar a crisma aos enfermos; que os sacerdotes possam dar a absolvição geral quando houver grande afluência de povo¹⁶².

O último de todos a responder, em 26 de maio de 1960, é D. Geraldo Fernandes, bispo de Londrina, PR. Confessa que recebeu a primeira carta de Tardini, mas que julgava “inútil sua humílima opinião em assunto de tanta importância” e por isso não respondeu. Frente à insistência de uma segunda carta, apresenta dez sugestões, a maioria, referentes a questões litúrgicas e pastorais¹⁶³.

Este sentimento de que a própria opinião de nada valia é comum a outros bispos que só respondem depois da segunda carta urgindo seu parecer.

Adianto duas hipóteses acerca dessa inibição em externar a própria opinião. Sem nunca terem sido convidados a expor suas idéias sobre a Igreja em geral, por nada habituados a serem ouvidos pelas superiores autoridades da Igreja e acostumados a apenas receberem ordens e orientações, muitos tinham tendência a deixar que Roma continuasse se desincumbindo sozinha, também da tarefa conciliar. Mas pode ser também que um segundo fator, mais circunstancial tenha acrescentado um outro constrangimento, o da língua, em que eram solicitados a exarar o seu parecer. A exigência de que a resposta fosse em latim pode ter inibido mais de um bispo. Alguns chegam a confessar sua dificuldade e, por isto mesmo, contornam o problema, enviando sua resposta numa língua viva. Há, no conjunto dos *vota* brasileiros, três que são redigidos em português e um, parte em português e parte em latim; quatro, em italiano e dois, parte em italiano e parte em latim; dois em francês e um em inglês, ou seja treze *vota* repartidos por quatro diferentes línguas, além do

¹⁶² ADA II, 7, 267-269

¹⁶³ ADA II, 7, 208-209

latim. Máximo Biennés, nomeado prelado *nullius* para Cáceres, MT, escreve em francês, dizendo-se honrado pela consulta e apenas deseja sucesso para essa obra tão importante, que era o Concílio!¹⁶⁴

D. José Hascher, prelado *nullius* do Juruá, em Cruzeiro do Sul, no território do Acre, começa escusando-se por não responder em latim, por não viver nos arredores de Roma, deixando aflorar uma pontinha de ironia de calejado missionário na África e, posteriormente, na floresta amazônica: “Ma réponse devant arriver avant le 1^{re} septembre, il faut que je m’empresse et pour vous servir un latin cicéronien, comme le vôtre, il m’aurait fallu vivre aux environs de la Ville Eternelle et non pas depuis 1920, dans la brousse africaine ou dans la forêt vierge du Brésil!”¹⁶⁵

Vale-se ainda do fato de ter sido o Nuncio Roncalli em Paris quem o estimulou a partir para o Brasil, para passar a uma digressão pessoal:

“[...] Sa Sainteté le Souverain Pontife Jean XXIII me pardonnerait certainement, car c’est Lui, étant encore Nonce apostolique à Paris, qui en une nuit pluvieuse du mois de mars de 1947 m’a très habilement sermonné pour que j’accepte d’être envoyé dans l’”Enfer Vert” de l’Amazone, aux fins fonds de la forêt vierge brésilienne, aux sources du Juruá, littéralement comme le dernier des Prélats du Brésil. Si j’en ai voulu parfois par le passé, à l’ancien Nonce de Paris – car j’étais très heureux et content en Afrique de longues années comme petit Père broussard – je n’en veux plus évidemment désormais au Très Saint Père aimé et estimé, après à peine 10 mois de règne, de tous les hommes de bonne volonté”¹⁶⁶.

Depois dessa passagem pela sua história pessoal entrelaçada à do antigo Nuncio em Paris, mas agora Papa João XXIII, que habilmente o convencera a partir, meio a contragosto, para a Amazônia, termina por confessar que pouco tem a contribuir para o Concílio: “[...] et ne pouvant pas contribuer beaucoup [ao Concílio], par mes conseils, j’ai commencé, dès que je l’ai appris, à prier et à faire prier surtout les enfants de nos écoles pour sa réussite, à l’intention du Très Saint Père surtout pour le retour au Bercail de Pierre de nos pauvres Frères séparés, afin de pouvoir peut-être en union avec eux, endiguer encore le fléau du Communisme”¹⁶⁷.

¹⁶⁴ ADA, II/7, 248 : “Profondement touché de la confiance qui m’a été ainsi manifestée, je n’ai qu’à souhaiter pour l’instant le succès de cette oeuvre si importante, unissant mes humbles prières à celles de l’Eglise entière.” Depois do Concílio, Biennés promoveu profunda reforma de sua igreja local, no espírito e segundo as grandes linhas do Vaticano II.

¹⁶⁵ ADA, II/7, 279

¹⁶⁶ *ibidem*, 279

¹⁶⁷ *ibidem*, 279

Esta era uma idéia bastante corrente naqueles anos, de modo particular na Europa, a de fazer do ecumenismo, uma forma de juntar todas as igrejas cristãs, para erguerem uma barreira e se oporem ao comunismo. Outros, por sua vez, confundiam ecumenismo com comunismo!

De todo modo, Hascher prossegue tocando, a partir de sua experiência de missionário e pastor, em dois pontos cruciais: o dos métodos missionários, criticando a falta de adaptação às culturas locais e de resgate dos seus valores e o da necessidade social de uma reforma agrária na América Latina: “[...] les missionaires n’ont pas su toujours s’adapter aux païens. Au lieu de profiter de ce qu’il avait du vrai et du bon dans leurs croyances et essayer de construire là-dessus, notre enseignement, on a souvent commencé par détruire tout ce qu’existait, sans se préoccuper des difficultés de ces pauvres gens pour s’adapter à nos idées”¹⁶⁸.

“Parmi les questions sociales à résoudre, celle qui presse le plus – à mon humble avis – au moins em Amérique du Sud, c’est la question agraire. Ou l’Église avec l’aide des Gouvernements bien intentionnés arrivera à une solution juste et équitable ou les Communistes, une fois au pouvoir, la trouveront mais uniquement au profit de l’État totalitaire”¹⁶⁹.

Termina com a questão do celibato sacerdotal. Está de acordo que sejam recebidos, com indulgência neste ponto, pastores protestantes casados que passassem a exercer o ministério na Igreja Católica, mas que fosse integralmente mantido, na sua disciplina tradicional, tal como existe atualmente¹⁷⁰.

Outros nem se escusam de utilizar uma língua diferente do latim, acrescentando, ao mesmo tempo, nada terem de concreto a sugerir para o encaminhamento do Concílio e de sua pauta. D. Jaime Schuck, prelado de Cristalândia, GO, declara simplesmente: “With regard to my suggestions and advice in reference to matters to be treated in the Ecumenical Council, I have none that would be of universal interest or application. Though I fully approve and support the promotion of the Council and will be present at it, I prefer to let wiser and more experienced men determine its program”¹⁷¹.

D. Cesário Minali, prelado *nullius* de Carolina, MA, depois de dizer-se embaraçado com o convite para expressar sua opinião, não deixa de externá-la acerca das

¹⁶⁸ ibidem, 280. Sobre a pouca atenção dos bispos à questão missionária, veja-se o estudo de BUTURINI, Giuseppe, “Le istanze missionarie dei vescovi in vista del Vaticano II”, in ALBERIGO, Giuseppe (a cura de), Il Vaticano II fra attese e celebrazione. Bologna: Il Mulino, 1995, pp. 29-74. Sobre a contribuição específica de Hascher, cfr. Pp.

¹⁶⁹ Ibidem, 280

¹⁷⁰ Ibidem, 280

¹⁷¹ ADA II/7, 274

questões relativas à Fé, à Liturgia, à disciplina eclesiástica e à jurisdição canônica: “A dire la verità, mi sento imbarazzato all’amabile invito dell’Eminenza Vostra, per manifestare i miei suggerimenti e voti per il prossimo Concilio Ecumenico, anche perchè, sperduto in queste regioni quasi desertiche del centro brasiliano, sono poco al corrente dei grandi problemi”¹⁷²

Outro bispo, D. Benedito Zorzi de Caxias do Sul, RS, desculpa-se, em sua carta em italiano, pelo atraso em responder, mas justifica-o: “Avendo da celebrare questa Diocese, in occasione del venticinquesimo della sua fondazione, il suo primo Sinodo Diocesano precisamente nei giorni sei, sette ed otto settembre, mi permisi di ritardare di due settimane le proposte al Concilio Ecumenico... Così le presenti proposte riflettono in parte il pensiero del Sinodo”¹⁷³.

Seguem depois em anexo, em latim, provavelmente redigidas por outra pessoa, 26 propostas, a maioria de cunho pastoral, além de outras relativas ao culto e à disciplina eclesiástica, relacionamento do Ordinário com os religiosos, maior poder para o bispo e a conferência episcopal do país, para os párocos e coadjutores em seus trabalhos, e alguns pedidos, em vista do atendimento, ao povo, face à escassez do clero: que o padre possa rezar quatro missas, crismar nos casos de necessidade; que homens da comunidade possam ser investidos de licença para batizar regularmente, administrar outros sacramentos e distribuir a comunhão. Que esse mesmo de tipo de serviço possa ser prestado por religiosas. Pede também que sejam condenados os erros do nosso tempo: espiritismo, fetichismo dos afro-brasileiros, ou seja, a umbanda, o existencialismo, o materialismo, sobretudo na educação da juventude, ao se ensinar psicologia e ao aplicar-se a ciência psiquiátrica “que quer tomar o lugar da sagrada confissão”¹⁷⁴!

Quem responde em português, mas faz uma sugestão, neste caso, paradoxal, é D. Adelmo Machado Cavalcante, de Maceió, AL: “Ampliar o uso da língua latina, o mais possível, na sagrada Liturgia”¹⁷⁵.

D. Florêncio Vieira de Amargosa, BA, instado pela segunda circular a responder a carta da Santa Sé, escusa-se, em português: “Tenho a honra de informar V. Excia. ... que as sugestões e votos para o Concílio Ecumênico da Diocese de Amargosa deveriam ter sido enviadas juntamente com os dos outros Bispos da Província Eclesiástica da Bahia, por sua Eminência o Sr. D. Augusto, Cardeal da Silva, por assim ter sido resolvido na conferência em outubro passado [1959], em Salvador. Acabo de escrever ao

¹⁷² ADA II/7, 272

¹⁷³ ADA II/7, 162-163

¹⁷⁴ ADA II/7, 163-165

¹⁷⁵ ADA II/7, 317

Emmo. Sr. Cardeal da Silva sobre o assunto, pedindo a remessa de uma segunda via, se por acaso a primeira se extraviou”¹⁷⁶. Outro bispo da Bahia, D. Antônio Lima dos Santos, ao receber a segunda carta de Tardini, protesta dizendo que já respondera, juntamente com os outros bispos da província eclesiástica em outubro de 1959 e que nada mais tinha a propor¹⁷⁷.

Na realidade, o Cardeal da Bahia, D. Augusto Álvaro da Silva, nada enviara, nem a nome seu pessoal, nem no da Província Eclesiástica.

Só a 13 de maio de 1960, D. Augusto responde a Tardini, batendo no peito pelo atraso em responder: *Mea culpa convictus, quod nimis tarde rescribam ad litteras Eminentiae Tuae...*¹⁷⁸ e pedindo licença para enviar assim mesmo o seu *votum*, mas sem mencionar, em momento algum, de que se tratava dos *vota* da inteira província eclesiástica. Diz ter consultado sacerdotes peritos nas ciências eclesiásticas e lista então treze propostas, algumas já acenadas por outros, ao lado de pequenos ajustes disciplinares, sem grandes vôos: licença para que leigos possam celebrar certos atos paroquiais: batizar, ministrar a comunhão, presidir a celebrações; condenação do espiritismo, benignidade no minorar a condição dos sacerdotes que deixaram o ministério, condenação da doutrina da reencarnação¹⁷⁹.

D. Augusto Petró, de Vacaria, responde tardiamente em abril de 1960, em italiano, refletindo nos pormenores, o dia a dia de sua região. Toca na questão do vinho de missa, pedindo que seja permitido por Roma, que tenha pelo menos dez graus de álcool, pois, abaixo disso, facilmente se corrompe. Exprime bem o saber prático de um bom colono gaúcho produtor de vinho, mas certamente encontra-se longe daquilo que, em princípio, deveria ser a agenda de um concílio ecumênico! A proposta, no que pode ter de ingênuo e até mesmo de próxima ao ridículo, revela contudo um grave problema: a meticulosidade com que a burocracia romana e o direito canônico se imiscuíam em tudo, regulando até a graduação alcoólica do vinho de missa. Isto fazia com que muitas das propostas se aproximassem dos célebres *cabiers de doléances*, levados ao conhecimento dos *États Généraux*, às vésperas da revolução francesa. O Concílio virou o momento de a periferia da igreja, ocupada no dia a dia da pastoral, queixar-se de tudo aquilo que não

¹⁷⁶ ADA II/7, 120-131

¹⁷⁷ ADA II/7, 180.

¹⁷⁸ O *nimis tarde*, está evidentemente no lugar de *sero nimis*. Este latim “macarrônico”, que mistura português com a língua de Cícero, é muito corrente no conjunto da documentação, seja do Brasil, seja de outros países, ao lado por vezes de um latim elegante e castiço. Mostra-se, na prática, a dificuldade de seguir manuseando, com precisão e clareza, uma língua que, fora dos estudos eclesiásticos e da liturgia, encontrava-se já inteiramente em desuso. ADA II/7, 255

¹⁷⁹ *ibidem*, 255-256

funcionava na prática, tanto na pastoral como no direito canônico, na liturgia e na administração dos sacramentos. Pedia-se uma reforma, no sentido de se respeitar a autonomia dos bispos, de devolver-lhes seus plenos poderes episcopais, a serem usados *pro bono animarum*, sem precisar recorrer a Roma para as questões mais comezinhas. Se de um lado, as petições revelam a pequenez de horizonte em que se moviam alguns prelados, de outro, mostram a menoridade em que o sistema romano mantinha os bispos e os desvios e empecilhos de um centralismo que entravava a pastoral e a vida quotidiana da igreja.

Se muitos bispos tocam o tema da venda dos bens eclesiásticos, reclamando do teto a partir do qual deviam solicitar licença a Roma¹⁸⁰ para efetuar qualquer transação, Petró, no seu sadio senso prático de colono saído dos grotões das colônias italianas do sul, filho que era de Santo Antônio da Patrulha, RS, vai logo ao *busilis* da questão: a crônica inflação brasileira que corroía a moeda e que tornava ridículos os valores colocados como teto, atando as mãos dos bispos na administração corrente da diocese: “V. Vendite: La continua modificazione del valore monetario alterò completamente o *quantum* permesso nelle vendite dei beni ecclesiastici, senza licenza della Santa Sede. Non abbiamo più una base certa e fissa”¹⁸¹.

A necessidade de o Bispo poder decidir pastoralmente reaparece a propósito de tudo: da disciplina dos sacramentos, às dispensas e aos estudos seminarísticos, admissão de vocações tardias, como se depreende do *votum* do prelado do Rio Negro, na Amazônia, D. Pedro Massa. Lamentando que o correio tenha extraviado a primeira carta e que só tenha recebido a segunda – “Ciò è dovuto al pessimo servizio attuale delle poste, si lamentano infatti frequentemente questi disguidi postali”¹⁸² - , pede licença para responder em italiano.

Faz dois pedidos, o da restauração do diaconato permanente e a liberdade para o bispo aceitar vocações tardias, diminuindo a exigência dos estudos eclesiásticos: “Non è necessario presentare le racioni di questa necessità (a do diaconato), perchè sono troppo evidenti i bisogni di um aiuto efficace e permanente ai sacerdoti, ai parroci, alle associazioni parrocchiali, ai collegi, all’Azione Cattolica, data la scarsità attuale del clero, davanti alle sempre crescenti necessità della Chiesa ed alla sentita diminuzione delle vocazioni sacerdotali.

¹⁸⁰ Hugo Bressane de Araújo, Marília, SP: “Optandum est ut summa pecuniaria, pro qua impetranda est licentia Sanctae Sedis, in casibus alienationis rei ecclesiasticae, elevetur ad 1.000.000,00, ne Praesules, in dissitis locis, sicut in ditione Brasiliensi, cogantur toties quoties ad Sanctam Sedem recurrere. Stante depraetiatione monetae et praesente necessitate negotiorum, arduum est prominimim habere recursum, intedum cum iactura vel dperditione oportunitatis negotiandi?”. ADA II/7, 210

¹⁸¹ ADA II, 7, 265-266

¹⁸² ADA II, 7, 200

[...] 2. Mi permetto presentare la convenienza di concedere ai Vescovi – almeno a quelli di terra di misisoni – facoltà speciali a favore delle *vocazioni tardive*, che si presentano e che non possono essere utilizzate, data la disciplina attuale degli studi nei Seminari, che forma in questi casi, il grande ed insormontabile ostacolo, per profittare di questi sicuri elementi, già sperimentati alla vita, liberi dalle crisi della gioventù, fermi nel proposito, fattori che garantiscono la loro perseveranza”¹⁸³.

Perora, dizendo que, se este tipo de facultade tiver sido concedido a algum bispo, seja de imediato estendido a todos os outros: “Si propone umilmente che quanto in determinati casi la S.C degli Studi e Seminari concede a qualche Vescovo, venga esteso e facilitato in generale, quando le circostanze personali e locali lo consigliano per bene della Chiesa e per tranquillità dei rispettivi Ordinari”¹⁸⁴.

D. Agnelo Rossi, na época bispo de Barra do Piraí, RJ, empenhado num programa de catequese popular, embora tivesse feito seus estudos em Roma, devendo sentir-se à vontade no manuseio do latim, responde igualmente em sua língua materna e, sem maiores rodeios, entra no âmago de suas preocupações reduzidas a quatro pontos:

“Respondo ao ofício 1 C/59-197, em vista da falta de sacerdotes e da ignorância religiosa do povo católico em geral, apresento as seguintes sugestões:

Aproveitamento de todos os leigos de boa vontade, embora sem maior instrução religiosa, para espalharem e organizarem a Catequese Popular, como se realiza em algumas dioceses do Brasil. O *Catequista Popular* é um *leitor* do Catecismo Explicado e das orações e devoções que se fazem nos lugares que não têm assistência sacerdotal.

Aproveitamento das férias dos seminaristas para trabalhos catequéticos e de apostolado familiar.

Despertar nos católicos o dever da contribuição ao culto e no apostolado das visitas domiciliares.

Arrebatando ao comunismo a bandeira da elevação do proletariado, realizando concretamente soluções de doutrina social católica que devem ser muito divulgadas”¹⁸⁵.

Termina secamente, colocando-se à disposição para ulteriores esclarecimentos: “Caso interesse, poderei explicar as questões”¹⁸⁶.

¹⁸³ ADA II, 7, 300-301

¹⁸⁴ *ibidem*, 301

¹⁸⁵ ADA II/7, 134-135

¹⁸⁶ *ibidem*, 135

Do ponto de vista formal, podemos ainda subdividir as respostas num grande bloco das individuais e no das cinco coletivas, que juntam, ora o ordinário e seu auxiliar ou auxiliares, ora uma inteira província, como é notadamente o caso da província eclesiástica de Belo Horizonte, MG e o da Província de Ribeirão Preto, SP.

Em Belo Horizonte, nove bispos assinam o mesmo *votum*: D. João Rezende Costa, Administrador Apostólico de Belo Horizonte, D. Manoel Nunes Coelho, bispo de Aterrado, D. Cristiano Portela de Araújo Pena, de Divinópolis, Dom Inácio del Monte de Guaxupé, D. José de Medeiros Leite de Oliveira, D. José Coimbra, de Patos de Minas, D. José de Almeida Batista Pereira, de Sete Lagoas, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, de Uberaba e D. Serafim Fernandes de Araújo, auxiliar de Belo Horizonte¹⁸⁷.

Para a Província de Ribeirão Preto, assinam coletivamente D. Luiz do Amaral Mousinho, arcebispo de Ribeirão Preto, SP; D. Libânio Lafayette, bispo de Rio Preto, seu auxiliar, D. José Joaquim Gonçalves e D. José Varani, administrador apostólico de Jaboticabal¹⁸⁸.

Para a Arquidiocese de São Paulo, SP, assinam seu Cardeal Arcebispo, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta e seus quatro auxiliares: D. Antônio Maria Alves de Siqueira, D. Paulo Rolim Loureiro, D. Antônio Ferreira de Macedo e D. Vicente Marchetti Zioni¹⁸⁹; para a diocese de Lajes, SC, D. Daniel Hostin, o bispo diocesano, e seu coadjutor, D. Alfonso Niehues¹⁹⁰ e, finalmente, para Santa Maria, RS, o bispo diocesano, D. Antônio Reis e seu coadjutor, D. Luiz Victor Sartori¹⁹¹.

Vários dos arcebispos e bispos que não responderam, eram pessoas que já haviam passado o governo da Diocese para um administrador apostólico ou um coadjutor que, estes sim, o haviam feito, em nome daquela circunscrição: Dom Antônio dos Santos Cabral de Belo Horizonte, MG, que já contava com D. João Rezende Costa como administrador apostólico da Arquidiocese¹⁹²; Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, de Natal, RN, cujo administrador era D. Eugênio de Araújo Sales; D. Antônio Augusto de Assis, de Jaboticabal, SP, que era auxiliado por D. José Varani¹⁹³; Ranulfo da Silva Farias, arcebispo de Maceió, AL, cujo coadjutor era D. Adelmo Machado Cavalcante¹⁹⁴; D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, cujo administrador apostólico era D.

¹⁸⁷ ADA II/7, 139-141

¹⁸⁸ ADA II/7, 240-243

¹⁸⁹ ADA II/7, 252-254

¹⁹⁰ ADA II/7, 203-205

¹⁹¹ ADA II/7, 244-246

¹⁹² ADA, II/7, 139-141

¹⁹³ ADA, II/7, 240-243

¹⁹⁴ ADA II/7, 316-317

Oscar de Oliveira (respondendo igualmente pela diocese de Pouso Alegre, onde se encontrava, já de idade, D. Otávio Chagas de Miranda), que envia extenso *votum*, recheado de sugestões para a reforma do CIC¹⁹⁵; D. José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral, CE, cujo auxiliar era D. José Bezerra Coutinho.¹⁹⁶

Há casos em que o ordinário e seu auxiliar enviam, cada um, o seu *votum* independentemente: Dom Manuel da Silveira D’Elboux, arcebispo de Curitiba, PR, e seu auxiliar D. Jerônimo Mazarotto¹⁹⁷; o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, RJ, e seus auxiliares, D. Helder Pessoa Camara e D. José Martenetz, responsável pelos católicos orientais ucranianos e que escreve de Curitiba, no Paraná¹⁹⁸; D. Francisco Borja do Amaral, bispo de Taubaté, SP, e seu auxiliar D. Gabriel P. Bueno Couto¹⁹⁹; D. Idílio José Soares, bispo de Santos, SP, e seu auxiliar, Dom Walmor Batú Wichrowski²⁰⁰; D. Benedito Zorzi, bispo de Caxias, RS, e seu auxiliar, D. Cândido Bampi²⁰¹; D. Joaquim Domingos de Oliveira, arcebispo de Florianópolis, SC, e seu coadjutor, D. Felício da Cunha Vasconcelos²⁰².

Da Prelazia de São José de Grajaú, chegam dois *vota*, o do velho prelado Emiliano Lonati, nascido em Brescia, em 1886 e a do seu coadjutor, o capuchinho D. Adolfo Bossi. Ambos, na sua recusa em apresentar propostas, falam alto das condições de vida em que se esfalfavam estes missionários. Bossi diz que recebeu a carta, ao chegar de seis meses de longa peregrinação pelas distantes e extensíssimas paróquias da Prelazia. Alegando ser ainda bispo recém-nomeado (18-06-1958) e sentir-se despreparado, *imparem me sentio ad animadversiones, consilia et vota communicanda huic praeclarae Pontificiae Commissioni*, escusa-se por nada responder, sentindo-se despreparado para tanto!²⁰³ O calejado prelado Lonati diz que nada tem a propor pois “habita numa região remota, nas selvas do Maranhão, onde não está a par das necessidades deste século; numa Prelazia ausente do

¹⁹⁵ ADA, II/7, 320-324

¹⁹⁶ ADA II/7, 341-342

¹⁹⁷ ADA II/7, 169-170 e 314-315

¹⁹⁸ ADA II/7, 256-260; 325-327; 332-336

¹⁹⁹ ADA II/7, 260-261 e 318-319

²⁰⁰ ADA II/7, 246-247 e 327-332

²⁰¹ ADA II/7, 162-165 e 337-340

²⁰² ADA II/7, 173-174 e 342-343. Neste caso, o coadjutor, provado pela longa espera prolongada para assumir a arquidiocese (1957-1965), propõe que se estabeleça uma idade máxima para permanecer-se na ativa, como já existia uma mínima para aceder ao episcopado: “Aetas maxima statuatur Episcopis ut minima statuatur (can. 331, # 2) ultra quam Diocesim regere non valeant, salvo omnino jure ad congruam sustentationem. Pluris enim, ut mihi videtur, aestimandus progressus vel utilitas ipsius Ecclesiae quam Episcopi etsi benemeriti. Ut hoc facilius evadat, statui posset hanc legem non urgere nisi Episcopus post eusdem promulgationem eligendis”. Ibidem, 343.

²⁰³ ADA II/7, 320

cultivo e da humanidade deste tempo, onde os moradores levam vida quase primitiva e para os quais bastam as atuais leis eclesiásticas”²⁰⁴.

O pedido de uma inserção mais estreita das religiosas nos campos de trabalho pastoral, parte de várias partes do país: Caxias, RS²⁰⁵; Sobral, CE²⁰⁶; Araçuaí (MG)²⁰⁷.

Há ainda outros temas levantados pelos bispos, como o da pobreza pessoal e da Igreja: “Exhortentur religiosi ut paupertatem ad aedificationem pauperum fideliter observent. Audiuntur clamores indigentium”. Que os religiosos observem a pobreza, para a edificação dos pobres e que sejam ouvidos os clamores dos indigentes, reclama D. Bampi OFMcap, auxiliar de Caxias do Sul, RS²⁰⁸.

D. Carlos Gouvêa Coelho, arcebispo de Niterói, RJ, fere a tecla da divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, e evoca o frêmito misericordioso de Jesus diante da multidão faminta, “Tenho pena deste povo”:

“Res omnium mentes miseratione permovens ab Ecclesia insuper consideranda venit, id est, spectaculum huius mundi in duas partes divisi: quarum una quidem evoluta, ut aiunt, altera vero non evoluta est, sed miserrima sub conditione pondus vitae infra-humanae sustinet. Decet enim Ecclesiam, Sponsam fidelem Sponsi fremitum miserentissimi Cordis “Miserior super turbam”, efficaciter audientem, aciem movere, ipsa principe iter monstrante hominibus, ita ut omnium in orbe terrarum animis maximeque procerum populorum ad hunc rerum statum solvendum stimulum praebet”²⁰⁹.

Outro franciscano, D. Henrique Golland Trindade, OFM, arcebispo de Botucatu, SP, acrescenta: Seja a Igreja pobre e humilde em todas as suas manifestações, como o Cristo Senhor em Belém, Nazaré e em sua vida pública:

“Sit Ecclesia pauper et humilis circa omnes suas manifestationes tanquam Christus Dominus apud Bethleem, Nazareth atque in vita publica, “Beati Pauperes...”, “Discite a me, quia humilis...”²¹⁰.

²⁰⁴ ADA II/7, 306

²⁰⁵ “Deficiente tali viro, v. g. in communitate Religiosarum haec deputatio (para exercer determinados ministérios), alicui Sorori comminattatur”. D. Benedito Zorzi: ADA, II/7, 163-164

²⁰⁶ “Maior participatio Religiosarum feminarum quae ad activam vitam pertinent in labore apostolico et paroeciali”: José Bezerra Coutinho de Sobral. ADA II/7, 342

²⁰⁷ “Urgenda videtur obligatio religiosorum cooperandi in apostolatu maxime in catechesi et facultates opportunae Ordinariis tribuantur ut exigere possint auxilium congregationum tam virorum **quam mulierum** ad directionem Actionis Catholicae et ad institutionem religiosam in scholis secundi gradus et in academiis”. D. José Maria Pires: ADA II/7, 132.

²⁰⁸ ADA II/7, 339

²⁰⁹ ADA II/7, 219

²¹⁰ D. Henrique Golland Trindade de Botucatu: ADA II/7, 142

Sente-se um eco antecipado do discurso de João XXIII a 11 de setembro de 1962²¹¹, ou do denso e profundo número 8 da LG²¹², ou ainda do documento 14 “A pobreza da Igreja” de Medellín²¹³.

Abusos correntes na vida religiosa feminina são evocados, de modo particular no tratamento dado às mais jovens, não como a filhas, mas como a empregadas das superiores: “Sorores non ut filiae sed ut ancillae saepe tractantur: exinde superiorissis maledicunt”²¹⁴.

Pedem-se a elas, por vezes, sacrifícios verdadeiramente heróicos, mas pouco, por vezes nada se lhes oferece em assistência espiritual e estudo da Palavra de Deus: “Virginibus Deo sacratis multum quidem et aliquando sacrificia vere heroica petuntur; sed illis parum aliquoties nihil, nec necessarium vitae spiritualis alimentum traditur. Per hebdomadas, imo et per menses sine Eucharistica Communionem manent, et per menses et annos sine pane verbi Dei”²¹⁵.

Para que as religiosas não fiquem privadas da Eucaristia é pedido, aqui e em muitos outros, *vota* que possam elas mesmas distribuir a comunhão: “Nonne possibilis esset, in specialissimis circumstantiis, facultas distribuendi communionem concessa sororibus?”²¹⁶.

O mesmo é pedido por D. Geraldo Fernandes de Londrina, PR:

²¹¹ “Outro ponto luminoso. Em face dos países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres”. JOÃO XXIII, *Radio mensagem*. Roma, 11-09-1962. KLOP II, 301.

²¹² “Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho, a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação. [...] Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração” (Lc 4,18), “procurar e salvar o que tinha perecido” (Lc 19,10): semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo”. LG 8.

²¹³ “Devemos distinguir:

A pobreza como carência dos bens deste mundo é um mal em si. Os profetas a denunciam como contrária à vontade do Senhor e, muitas vezes, como fruto da injustiça e do pecado dos homens.

A pobreza espiritual é o tema dos pobres de Javé (Sf.2,3; Lc, 1,46-55). A pobreza espiritual é a atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera do Senhor (Mt. 5,3). Embora valorize os bens deste mundo, não se apegar a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino (Am. 2,6-7; 4,1; 5,7; Jr. 5,28; Mq 6,12-13; Is 10,2 etc.).

A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual perante os bens. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas todas as conseqüências da condição pecadora dos homens (Fl 2,5-8) e que “sendo rico se fez pobre” (2Cor 8,9) para salvar-nos”. *Medellin*, DOC 14/4.

²¹⁴ D. Cândido Bampi: ADA II/7, 339

²¹⁵ *Ibidem*, 339

²¹⁶ ADA II/7, 201

“Permittere religiosis feminis, quoties necessarium erit, Communionem sine sacerdote. [...] Non raro religiosae per hebdomadam sine communionem manent, etsi SS. Sacramentum in domu habent”²¹⁷.

Enquanto alguns denunciam genericamente a dissolução dos costumes e a ameaça à estabilidade das famílias, outros descem mais concretamente a questões que preocupavam o dia a dia dos casais, como a limitação da natalidade. D. José Dantas, bispo de Guaranhuns, mostra-se preocupado com a falta de horizonte e de propostas pastorais para mães de família que procuravam a confissão e viam-lhes negada a absolvição, sem um remédio para suas angústias:

“Nemo est qui, his temporibus, ignoret quaestiones de lege foecunditatis seu generandi molestius ut frequentius ingravari, quin saepe vera adhiberi possint remedia. Haec de re clarior ac firmior lux quaeritur. Quoties equidem a poenitentiae tribunali matres dimittimus, quin earum causis attendamus et, quod peius est, perdita omni spe ut ad illud eae amplius animum ferant revertendi”²¹⁸.

Enquanto aqui transparece a inquietação do pastor de almas incapaz de mostrar um caminho para estas mães de família no espinhoso capítulo da limitação dos filhos, outros inteiramente insensíveis a esta dolorosa questão pastoral, pedem, simplesmente, um reforço da condenação de qualquer prática diretamente anticoncepcional: “8. De familia et matrimonio. Solemnis confirmatio doctrinae Pii Papae XII. Positio Ecclesiae relate ad problema demographicum. Sollemnis condemnatio omnis praxis directe anti-conceptionalis”²¹⁹.

Vê-se pelos *vota* que vários bispos realizaram consultas e fizeram-se assessorar por teólogos e canonistas, na medida, diziam, em que era possível encontrá-los por aqui!

O Cardeal da Bahia inicia seu votum dizendo: Transmito as conclusões “ad quas perveni, colato consilio cum sacerdotibus scientiae ecclesiasticae peritis, nunc mittere velim”²²⁰.

Dom Fernando Gomes, bispo de Goiânia, GO: “In hoc labore conficiendo, ut mihi in litteris suggerabatur, usus sum consilio virorum ecclesiasticorum peritorum et prudentium in quantum in his regionibus tum dissitis licuit”²²¹.

²¹⁷ D. Geraldo Fernandes, Londrina, PR: ADA II/7, 209

²¹⁸ ADA II/7, 176

²¹⁹ Dom Geraldo Maria Penido, Juiz de Fora, MG: ADA II/7, 201

²²⁰ ADA II/7, 255

Dom Geraldo Maria Penido, bispo de Juiz de Fora, MG, revela que apoiou seu parecer na consulta a sacerdotes do clero secular e regular e, em especial aos Redentoristas professores do Seminário da Floresta: “Consilia et vota quae, haec, seiunctis foliis, adnectuntur, sunt confecta sive ex iis quae mihi utiliter tractanda videbantur sive ex illis quae a sacerdotibus utriusque cleri, speciatim a magistris Maioris Seminarii Redemptoristarum, praesentata sunt”²²².

²²¹ ADA II/7, 177

²²² ADA II/7, 200-203

5. A ANÁLISE DOS *VOTA* POR LUIZ BARAÚNA

Tendo-se debruçado sobre os *vota* do Brasil, de maneira prolongada e meditada, Luiz Baraúna tentou organizar as respostas em torno de alguns eixos e construir uma tipologia em meio ao mar de sugestões por vezes desencontradas.

Partindo da óbvia constatação de que existia no Brasil, como nos demais países, tanto um catolicismo intransigente como um catolicismo mais aberto social e doutrinariamente, propõe-se a analisar os *vota* das figuras mais em evidência destas duas tendências: para os intransigentes, os bispos de Campos e Jacarezinho, Dom Antônio de Castro Mayer e D. Geraldo de Proença Sigaud, próximos ambos à sociedade criada por Plínio Corrêa de Oliveira, a “Tradição, Família e Propriedade” e que contavam com um número restrito de seguidores e, para os “progressistas”, D. Helder Camara, o nuncio Armando Lombardi e um grupo pequeno, mas aguerrido, de bispos, de modo particular do Nordeste.

Na Europa, os grupos da linha intransigente, fortes no Santo Ofício e em outros setores da Cúria Romana, mas também nos vários países europeus, haviam, no passado, mais do que flertado com os regimes autoritários de Salazar, em Portugal, de Franco, na Espanha, de Mussolini, na Itália e até mesmo de Hitler dos primeiros anos. Olhavam com desconfiança até mesmo a democracia cristã, não por ser cristã, mas por ser democrática. Neste sentido faziam guerra aberta, por exemplo, ao filósofo Maritain, que na guerra da Espanha (1936-1939) havia tomado partido pelos republicanos e escrevera uma das obras clássicas sobre as relações entre a Igreja e a sociedade moderna: *L'Humanisme Intégral*²²³, onde se posicionava abertamente pela democracia.

No Brasil, bispos desta tendência haviam apoiado, na década de trinta, o integralismo de Plínio Salgado e mantinham suas simpatias irrestritas pelo campo da extrema direita política. Na área doutrinal, pregavam o reforço dos dogmas existentes e a proclamação de novos, de modo particular em relação a Maria, e, na área litúrgica, alinhavam-se na defesa intransigente do latim na missa e nos demais sacramentos;

²²³ MARITAIN, Jacques, *Humanisme intégral: Problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté*. Paris: Aubier. 1936. Vale lembrar que o então assistente eclesiástico da FUCI italiana, Mons. Giovanni Battista Montini, futuro Papa Paulo VI, havia traduzido para o italiano um dos livros de Maritain, “Les trois Réformateurs”. O Humanismo Integral tornou-se um guia para os jovens universitários orientados por Montini. Peter Hebblethwaite, um dos melhores biógrafos de Paulo VI, escreve sobre esta obra, cuja tradução italiana fora recolhida por ordem do Santo Ofício: “This was beyond question Maritain’s most influential work in Italy, contributing to the formation and development of Christian Democracy during the war and after it.” HEBBLETHWAITE, Peter, *Paul VI: the first modern Pope*. London: Harper Collins, 1993, p. 121, nota 2

defendiam o latim e a ampliação do seu uso, como chegou a pedir um deles. Na esfera intelectual, propunham a escolástica medieval como a filosofia perene da Igreja, por isso mesmo essencialista e sem perspectiva histórica.

Especificamente a respeito de Maritain, D. Sigaud reclama que, dos Seminários e mesmo dentre os que retornam dos estudos em Roma, chegam seminaristas imbuídos de idéias de Revolução. Declaram-se “maritainistas”, “discípulos de Teilhard de Chardin”, “católicos socialistas”, “evolucionistas”. Os que a eles se opõem, são tratados de “integristas”²²⁴. Mais adiante, no seu *votum*, pede a condenação de Maritain: “Alia damnatio valde necessaria est damnatio Maritain. Eius errores gravissima damna Ecclesiae, praesertim in America Latina causaverunt. Clerus iuvenis ipsis infestatur. Damna errorum partis “Democratiae Christianae” ex ideis Maritain proveniunt. Agitationes politicae in America ab eius discipulis dicuntur factae. Catholici dicunt: Vaticanum approbat Maritain, nam fuit Legatus Galliae apud Sanctam Sedem. Episcopi se dicunt “maritainistae”. In Universitatibus Catholicis Brasiliae doctrinae eius dominantur. Roma tamen silet”²²⁵

Enquanto D. Sigaud preocupa-se com problemas eminentemente práticos, em como debelar o mal da revolução e tudo o que possa estar-lhe até mesmo longinquamente conexo, D. Castro Mayer procede de maneira mais filosófica, examinando o que chama a incompatibilidade entre cristianismo e comunismo e até mesmo qualquer possibilidade de coexistência pacífica: “Impossibilis ergo sub ipso (o comunismo), cooperatio vel simplex pacifica coexistentia fidelium”²²⁶. Mostra-se, entretanto, muito mais preocupado com o socialismo, que, segundo ele, propugna uma sociedade baseada no amor, em que não exista nenhuma miséria ou pobreza, nenhuma competição, já que todos serão iguais; nenhuma contradição, já que as que puderem surgir, serão cientificamente superadas. Pede que esta proposta, atrativa para os cristãos, seja declarada incompatível com as disposições da Divina Providência, visto que as desigualdades existentes entre os homens não são, de modo algum, um mal, mas a melhor maneira de manifestar, na presente ordem hierárquica das coisas e dos homens, a perfeição de Deus, tanto mais que na absoluta igualdade entre os homens, algumas virtudes cristãs, bastante necessárias para a salvação, como a

²²⁴ “Illi qui errores accusant et impugnant a collegis persecutionem patiuntur, “Integristae” vocantur. Ex Seminariis et ex ipsa Alma Urbe redeunt seminaristae pleni idearum Revolutionis. Ipsi se dicunt “maritainistas”, sunt “discipuli Teilhard de Chardin”, “socialistae catholici”, “evolutionistae”. ADA II/7, 181

²²⁵ ADA II/7, 189. O pedido de Sigaud por uma condenação de Maritain perdeu plausibilidade, tanto em tempos de João XXIII, que não acreditava na pedagogia ou na eficácia das condenações e mais ainda em tempos de Paulo VI, desejoso de reparar quanto o seu velho mestre intelectual havia sofrido de certas instâncias de Igreja. Jacques Maritain foi convidado para receber, no encerramento do Concílio, a 08-12-1965, a mensagem dirigida aos intelectuais e cientistas. Maritain foi acompanhado no ato por Jean Guitton e S. Swieziawski, *auditores* do Concílio. Cfr. CAPRILE, V, p. 520.

²²⁶ ADA II/7, 160

humildade, a obediência, a misericórdia etc. tornar-se-iam quase impossível de serem praticadas. O peso que os homens sofrem por causa da desigualdade, deve ser considerado como pena do pecado original e ocasião para que melhor se exercitem nas virtudes²²⁷.

Evidentemente que o discurso de um Helder vem todo ele voltado para como organizar a sociedade de modo a superar tanto a pobreza quanto as desigualdades entre pessoas e nações, perguntando-se sobre “qual a responsabilidade da Igreja na promoção dos povos menos desenvolvidos”²²⁸. Ou ainda, qual seu papel na promoção dos operários; na libertação dos povos submetidos ao longo do jugo colonial; na acolhida aos refugiados (apátridas)?²²⁹

D. Helder, movendo-se no âmbito da CNBB, mas também do CELAM, do qual era um dos vice-presidentes, raciocina em termos dos conflitos internacionais e das preocupações de toda a América Latina, assim como do Brasil em seu conjunto.

Mas restava, enfim, um grupo intermediário, largamente majoritário, oscilando entre as posições mais rígidas ou mais avançadas do espectro político e eclesial e que Baraúna reúne no que chama de *campo moderado*, e cujos *vota* espelhavam uma opinião média do episcopado brasileiro.

Sob o título, “A grande maioria conservadora ou moderada”, Baraúna assim descreve este segmento do episcopado e suas posições: “O grosso do episcopado brasileiro da época pré-conciliar - falo dos 132 bispos que responderam à circular do cardeal Tardini - são homens de Igreja que se distanciam nitidamente da minoria radical e ultra reacionária de que tratei no item 1 supra, mas, por outro lado, ainda não despertaram para a magnitude dos problemas de uma Igreja colocada diante dos desafios de um mundo completamente novo, que começou a surgir bem antes do Concílio Vaticano I e do Concílio de Trento. Esses bispos desejam avanços, desejam mudanças, adaptações e reformas - porém desde que não saiam dos quadros e do referencial da concepção tridentina e pós-tridentina de Igreja e de mundo. Sabem que as chances de ressuscitar a *civitas christiana* são nulas, mas não atingiram ainda um grau de consciência eclesial que lhes permita abandonar o referencial clericalista e eclesiocêntrico.

²²⁷ “Mihi opportunum videtur omnem confusionem dissipare, v. g. declarando ordinationem civitatis a socialistis somniatam, in solo amore et progressu scientifico positam, esse contra actualem Divinae Providentiae dispositionem, cum inaequalitas hominum non solum malum minime constituit, sed et melius in praesenti ordine hierarquico rerum et hominum manifestat perfectionem Dei; eo vel magis quod in absoluta paritate omnium hominum quaedam virtutes christianae maxime ad salutem necessariae, ut humilitas, oboedientia, misericordia, etc. fere impossibiles evandernt. Ponderus autem quod ex inaequalitate patiuntur homines, consideretur ut poena peccati originalis et ut medium quo exerceantur virtutes”. ADA II/7, 160.

²²⁸ ADA II/7, 325

²²⁹ ibidem, 326

Esta postura de tipo conservador traduz-se primeiramente em nível de:

Doutrina - a) Neste este nível, o pedido que mais ocorre nos *vota* que compõem o dossiê - perdendo apenas, como já dissemos, para a restauração do diaconato permanente e para o uso do vernáculo na Liturgia - é que o futuro Concílio proclame a doutrina ou o dogma da mediação universal de Nossa Senhora. Sem dúvida, isto é fruto de um surto descomunal da teologia e da piedade mariana no catolicismo a partir da década de 30 e que culminou justamente na década de 50-60: desencadeou-se um verdadeiro movimento” mariano na Igreja, animado e estimulado constantemente pela *Academia Mariana Internationalis* de Roma (tendo como presidente o franciscano Frei Carlos Balic), a qual, entre outras iniciativas, organizou uma série de congressos mariológicos e marianos internacionais e nacionais, sobretudo em países de tradição latina. A “Mariologia” chegou a constituir-se em um tratado específico dentro da teologia, até surgindo revistas especializadas (*Marianum*, dos padres servitas de Roma, e *Ephemerides mariologicae* dos padres claretianos da Espanha). Em vários países, inclusive na França, constituíram-se sociedades marianas com o objetivo específico de cultivar a mariologia e a piedade mariana. Uma das metas desse “movimento” era chegar à definição do dogma da mediação de Maria, após Pio IX ter definido o dogma da imaculada concepção (1854) e Pio XII, o dogma da assunção de Nossa Senhora (1950).

Dentro desta perspectiva, o progresso doutrinal é visto antes como dedução e explicitação de novas “verdades” ou “dogmas” supostamente contidos no “depósito revelado”, do que como enfoque e confronto novo da revelação com os dados e as culturas novas que se sucedem no tempo.

b) *Eclesiologia* - esta maioria de bispos, na melhor das hipóteses, não vai além da *Mystici Corporis* de Pio XII.

O excesso de centralização romana, sentido pelos bispos do Brasil, e a premência das situações locais, regionais e continentais que gritam por um mínimo de autonomia pastoral, como também a existência e o funcionamento, desde 1952, de uma Conferência Episcopal no Brasil, levam os bispos brasileiros deste terceiro grupo à consciência de que o Concílio deverá, de uma forma ou de outra, aprofundar a doutrina do episcopado, para complementar as definições do Concílio Vaticano I sobre o primado e a infalibilidade do papa. É, pois, mais ou menos generalizado, o desejo de que o Concílio reconheça maior autoridade aos bispos locais e às conferências episcopais. Pede-se também a concessão de maiores faculdades e direitos aos bispos coadjutores e auxiliares (bispos da província eclesiástica de Belo Horizonte, p. 140); chega-se a sugerir que o papa seja

futuramente eleito por uma representação maior do episcopado mundial, comparecendo ao conclave um representante para cada grupo de 50, 70 ou 100 bispos livremente eleitos na sua região (4 bispos da província eclesiástica de Ribeirão Preto - SP, p. 243), e outro bispo, dom Hugo Bressane de Araújo, arcebispo-bispo de Marília (SP) (p. 213) pede *instante* que a Santa Sé se manifeste sobre a “Ordem episcopal” - ainda que seja só para acabar com a opinião de que um presbítero pode ordenar validamente diáconos e presbíteros. Dom Benedito Zorzi (Caxias RS, p. 163) solicita que as decisões da conferência episcopal, uma vez aprovadas pela Santa Sé, tenham força jurídica nas dioceses, em questões de relevância. Tudo isto manifesta uma certa consciência de que é hora de abordar a doutrina do episcopado e da colegialidade episcopal.

Outro item explicitado por certo número de bispos desta maioria conservadora ou moderada é a necessidade de valorizar os leigos e de definir com maior clareza a Ação Católica (tema que na época suscitava muita controvérsia na Igreja do Brasil, devido ao confronto com as tradicionais “associações religiosas” e ao intenso envolvimento da JOC, JUC, JAC nas lutas sociais, políticas e sindicais).

A este propósito, dom Fernando Gomes (Goiânia, p. 179) aponta que o Código de Direito Canônico praticamente tem apenas um cânon sobre os direitos e obrigações dos leigos (682: “os leigos têm direito a receber do clero, segundo a norma da disciplina eclesiástica, os bens espirituais e sobretudo os auxílios necessários à salvação”; sendo que o cânon seguinte proíbe os leigos de usarem o traje clerical), uma vez que todos os demais cânones (684-725) tratam das “pias associações” de fiéis; é, pois, sumamente útil acrescentar ao Código de Direito Canônico, segundo dom Fernando, um capítulo sobre o apostolado dos leigos em geral, e sobre a Ação Católica especificamente.

A mesma expectativa de valorização dos leigos é manifesta, em outros termos, por vários outros bispos: Vicente A. Scherer (Porto Alegre, p. 239), Gregório Warmeling (Joinvile, p. 197-198), Walmor Battú Wichrowski (auxiliar de Santos, p. 33 1), José de Medeiros Delgado (S. Luís do Maranhão, p. 249), Card. Augusto Álvaro da Silva (Salvador, p. 255), Avelar Brandão Vilela (Teresina, p. 262), Afonso M. Ungarelli (Pinheiros, p. 287-290), Antônio C. de Aragão (Petrolina, p. 234) e outros.

Inegavelmente, porém, a visão de fundo é visceralmente clericalista. Ainda estamos longe de uma doutrina plena da Igreja como Povo de Deus, constituído de irmãos basicamente iguais em dignidade e responsabilidade de evangelização. Bispos há que não disfarçam a visão clericalista e “machista” da Igreja, como faz dom Carlos E. Sabóia Bandeira de Mello, bispo de Palmas (PR), ao escrever: “Talvez seja perigoso utilizar leigos,

providos de ordens menores ou até do diaconato, como ajudantes dos padres. Mas já que este parece ser o desejo da Igreja, delibere-se bem e com muito cuidado sobre esta matéria. Estabeleçam-se normas severíssimas, entre as quais a principal será esta: utilizem-se somente varões (e mulheres) que sejam efetivamente dotados de grande e extraordinária piedade, e ao mesmo tempo de humildade a toda prova, para que evitem quaisquer brigas com o povo e com o padre. Além disso, leiam só instruções escritas, não em forma de sermão. E primeiro passem por um curso” (p. 223)²³⁰.

c) O problema da *evangelização* em uma perspectiva nova e em confronto com as religiões não cristãs e com os cristãos não católicos é tocado de leve por dom Avelar Brandão Vilela (p. 262) que pede que o Concílio estabeleça normas para a evangelização na Igreja segundo experiências recentíssimas, e que defina, com maior clareza, a posição da Igreja face às religiões não cristãs e face aos cristãos não católicos.

d) A preocupação ecumênica não é muito acentuada, mas está presente²³¹. Todavia, predomina absolutamente a perspectiva de “volta ao rebanho”, como transparece nestas palavras de dom Joaquim Domingues de Oliveira, arcebispo de Florianópolis (SC) (p. 175): “Queira Deus atender generosíssimamente os votos, a esperança e os copiosos trabalhos do Santíssimo Padre, de modo que, aqueles que (já) pertencem ao rebanho se firmem na fé e na verdadeira disciplina eclesiástica; os outros, que até agora permanecem fora, ainda que se gloriem do nome cristão, retornem com sinceridade à unidade, sob a autoridade e a caridade do bem-aventurado Padre, para que afinal, como quis Cristo, tenhamos um só rebanho sob um único Pastor universal”.

e) Aliás, em vez de enxergarem que o mal da Igreja durante séculos foi a uniformidade, e que o autêntico ecumenismo só pode caminhar pelas vias de um sadio pluralismo, não são raros os bispos que confundem uniformidade com unidade. Com base nisto, pleiteiam uniformidade no campo da doutrina, da liturgia, do Direito e da disciplina. Temos exemplo disto na postura do bispo de Taubaté (SP), dom Francisco B. do Amaral: “Haja um *único* (os sublinhados são dele) *texto* da doutrina cristã, isto é, um único *catecismo*, a ser elaborado e imposto por mandato especial da Sé Apostólica, escrito originalmente em

²³⁰Eloqüente também o modo de falar de dom Benedito Zorzi: nas localidades distantes da sede da paróquia (50-300 km) haja um varão (se possível consagrado a Deus pelos três votos) que seja delegado pelo bispo e, na medida do possível, faça as vezes do pároco... Se não houver tal varão, pode ser uma freira (p. 163-164). Dom Afonso M. Ungarelli deseja que os “catequistas cooperadores”- proposta que apresenta com grande abundância de detalhes -, formados em curso de três anos para suprir a ausência de padres, “sejam totalmente alheios às coisas civis”... pois “na América Latina a religião é muito prejudicada toda vez que o pároco e seus cooperadores se metem nas coisas civis”. Especifica também que se deve dar preferência aos varões sobre as mulheres, quando se tratar de ministrar o batismo ou distribuir a comunhão (p. 290).

²³¹Veja-se, entre outro - J.M. Pires (Araçuaí, p. 131), José Martenetz (auxiliar do Rio de Janeiro, pp. 333-334), Carlos E. S. Bandeira de Mello (Palmas, p. 224).

latim, e cujas *traduções individuais* sejam diligenciadas pela própria *Sé Apostólica*. Pois nos parece que a unidade no ensinar contribui maximamente para a unidade da fé” (p. 261).

Tendências similares encontram-se, de uma forma ou de outra, em outros bispos, como Cesário A. Minali (Carolina, p. 272), Card. Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e presidente da CNBB, João B. Muniz (Barra do Rio Grande, p. 135-136), José P. Costa (Caetité, p. 146-147), Antônio Barbosa (Campo Grande, p. 151 *ss*). O bispo de Montes Claros (MG), dom José Alves de São Trindade, tem uma proposta no mínimo bizarra - aliás, a única que faz em sua carta-resposta: “Sob a autoridade do Exmo. núncio apostólico, em cada nação seja constituído um visitador, que tenha a função de continuamente inspecionar o estado e as atividades do clero e do próprio povo com as dificuldades e possibilidades de cada diocese, e instruído de tal modo que forneça ao ordinário do lugar conselhos secretos para que todos em tudo estejam em concordância cada vez maior com a cátedra de Pedro” (p. 215)²³².

f) Ainda no campo doutrinal, é desejo de alguns bispos deste terceiro grupo, que o Concílio trate da doutrina social da Igreja com base nos pronunciamentos dos últimos papas. Assim, entre outros, os bispos da província eclesiástica de Belo Horizonte (p. 14), dom Antônio Mendonça Monteiro (Bonfim, p. 141), José M. da Rocha (Bragança Paulista, p. 145) e José Martenetz (auxiliar do Rio de Janeiro, p. 335-336), o qual insiste em que a justiça social seja praticada primeiro dentro da Igreja²³³.

A propósito das questões sociais (f), alarguei um pouco o enfoque de Baraúna, para chamar a atenção que o sofrimento e miséria do povo encontram eco constante nos *vota* dos bispos, mas chegam associados, quase sempre ao “perigo ou ameaça” comunista. Alguns deixam-se mover mais pela compaixão ou pela sede de justiça e vêem o comunismo como uma decorrência da insensibilidade dos ricos e da inércia do Estado em enfrentar as carências do povo e em responder às suas necessidades. Outros, porém, estão obcecados por um anti-comunismo que enxerga o inimigo por todo lado, mesmo nas denúncias das injustiças, no empenho social ou em opções políticas mais à esquerda.

Este tipo de anticomunismo visceral pode ser encontrado pelos menos nos *vota* do Arcebispo de Recife e no dos bispos de Campos e Jacarezinho.

²³²Cf. proposta igual - expressa em termos quase idênticos - do auxiliar dom Gabriel Bueno Couto, o qual, além disso, deseja que haja um “preceito formal que obrigue todos os Ordinários de lugar de um mesmo território nacional a criarem uma estação radiofônica nacional católica, única para todo o território; idem quanto a um jornal *diário católico*” (p. 319).

²³³ BARAÚNA, Luiz, “Brasil”, art. cit., 165-169

D. Antônio de Almeida Morais Junior, então arcebispo do Recife, PE, denuncia a infiltração comunista no seu próprio clero:

“b) in dioecesibus et archidioesibus magna cum infiltratione communistica, in electionibus, sacerdotes plures legitimam non acceptant interpretationem Decreti Sanctae Sedis contra Communistas et eorum colaboradores, et aperte sunt contra determinationes episcopales, et sustinentes opiniones proprias, laborant pro hominibus Communismo legatis vel Communismum adiuvantibus;

c) Quidam sacerdotes, etiam post advertentiam Auctoritatis Ecclesiasticae, manent ligatione amicitiae cum elementis Communistis et Socialistis;

d) Etiam Iesuitae quidam, Magistri nuncupatae Universitatis Catholicae Recifensis, amant se appellari homines “a sinistra”.²³⁴

Dom Moraes vivia a ascensão da esquerda em Pernambuco com a eleição de Miguel Arraes, que fora apoiado pelo PCB, outras forças de esquerda, mas também de centro, inclusive católicas, contra a tradicional dominação da oligarquia rural.

D. Sigaud enfoca as questões relativas ao comunismo, sob um prisma mais global o que ele chama o espírito de “revolução”. Propõe então que a Igreja organize em âmbito mundial *uma luta sistemática contra a revolução*²³⁵.

Sob um outro enfoque e preocupação, a questão do comunismo está presente no *notum* de D. Helder, secretário geral da CNBB e arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, RJ:

“A coisa é conhecida. Muito se fala do conflito entre as nações poderosíssimas do leste e do oeste (oriente e ocidente). Mas deve-se prestar maior atenção ao fato de que 2/3 do gênero humano, para além das facções em luta, trabalha em míseras condições. Por qual das dos dois lados será atraída essa outra parte [da humanidade], de longe a maior de todas? Fora de dúvida, ou pela Cristandade ou pelo Comunismo²³⁶.”

Um eco da ascensão das Ligas Camponesas de Francisco Julião na Zona da Mata de Pernambuco, esparramando-se para as regiões vizinhas, encontra-se na recomendação do Bispo da Barra, BA, João B. Muniz, CSSR, assustado com sua expansão.

²³⁴ ADA II/7, 219-220

²³⁵ “Meo modesto iudicio, Ecclesia deberet organizare in ambitu mundiali pugnam systematicam contra revolutionem”. ADA II/7, 181

²³⁶ ADA II/7, 326-327

Recomenda a introdução das Semanas Rurais como meio eminente de prevenção contra o comunismo, o maior perigo, segundo ele, a ameaçar o país:

“c) Pro Brasilia recommendetur apostolatus quem hebdomades de rebus ruralibus vocant, utpote eminens medium ad praecavendum Communismi in regionibus ruralibus penetrationem, quae por Ecclesia in Brasilia maximum periculum mihi videtur, sicut ea quae recenter in Statu pernambucano acciderunt, demonstrant”²³⁷.

Zacarias Rolim de Moura, Cajazeiras, PB, quer que se insista na incompatibilidade doutrinal entre catolicismo e comunismo: “Exponantur delineamenta quibus socialismus ut hisce etiam temporibus propugnatur cum doctrina catholica rite componi non possit iuxta s.m. Pio XI dicta: “Nemo potest simul catholicus probus esse et veri nominis socialista”²³⁸.

Neste contexto, alguns posicionam-se quanto ao comunismo. Para D. Agnelo Rossi (Barra do Piraí, p. 135) é preciso que a Igreja arrebate ao comunismo a bandeira do proletariado, pondo em prática as soluções da doutrina social da Igreja.

“g) Finalmente, como resultado e reflexo de uma campanha específica desencadeada, na época, por Frei Boaventura Kloppenburg, são bastante numerosos os bispos que pedem um pronunciamento condenatório sobre a doutrina espírita e a reencarnação: dom José L. Neves (Assis, p. 134), Antônio Mendonça Monteiro (Bonfim, p. 141), Benedito Zorzi (Caxias, p. 165), José Newton de Almeida Batista (Diamantina, p. 171), Antônio Barbosa (Campo Grande, p. 15 1), Antônio Zattera (Pelotas, p. 229), Card. Augusto Álvaro da Silva (Salvador, p. 255), Card. Jaime de Barros Câmara (p. 259), Clemente Geiger (Xingú, p. 308)²³⁹.

Liturgia - Neste campo, as sugestões são muito numerosas: é difícil que algum bispo não exprima algum desejo em matéria de reforma litúrgica, no sentido de eliminar barreiras que impeçam ou dificultem a participação ativa dos fiéis.

A solicitação que registra maior insistência é a autorização para o uso do vernáculo, em extensão maior ou menor.

Com o mesmo intuito de favorecer a participação, pede-se a simplificação e a redução dos ritos (particularmente do longo ritual da consagração de igrejas e altares), a adaptação dos mesmos ao alcance e à mentalidade do povo cristão, sem sincretismo.

²³⁷ ADA II/7, 135-137

²³⁸ ADA II/7, 148-149

²³⁹ Como consultor da Comissão teológica preparatória do Concílio, B. Kloppenburg conseguiu inserir um capítulo inteiro sobre “o espiritismo e os novíssimos” no “esquema pré-conciliar denominado ‘Constituição sobre a íntegra custódia do depósito da fé’, que não chegou sequer a ser apresentado para discussão no Concílio propriamente dito”.

A escassez de padres, em particular, leva muitos bispos a sugerirem mudanças como:

- batismo coletivo;
- confissão e absolvição coletivas;
- faculdade de os padres celebrarem duas ou três missas em dias úteis, e até mais do que três missas aos domingos e dias festivos, para atender às necessidades do povo²⁴⁰;
- permissão para as freiras comungarem sem presença de padre, etc. etc.

Sugere-se também a dispensa da recitação do Ofício divino ou a redução do mesmo, ou a substituição dele pela recitação do rosário - para os padres excessivamente solicitados pelas atividades pastorais, sobretudo aos domingos e dias festivos.

A uniformidade litúrgica é, neste grupo, uma espécie de evidência incontestada. É praticamente inexistente a consciência da necessidade de inculturar a liturgia no chão da cultura e da religiosidade do povo. Esta consciência, que germinará e se desenvolverá no pós-Concílio, supõe uma *Eclesiologia* mais desenvolvida e mais bíblica do que a compartilhada pacificamente por esta maioria conservadora e moderada.

Direito Canônico e disciplina eclesiástica - Talvez seja neste campo que mais se percebe o quanto esta maioria do episcopado brasileiro ainda está presa a um modelo sacral e clericalista de Igreja.

Para a grande maioria dos bispos desta categoria, o problema número um da Igreja em nosso continente é a carência de clero (celibatário). O raciocínio implícito é sempre o de que a verdadeira obra de evangelização na América Latina não avança ou vai mal por falta de padres, campeando em consequência a “ignorância religiosa”, a invasão de seitas, do espiritismo e de outras formas de religiosidade popular. Não há praticamente um questionamento de base do conceito de missão e evangelização à luz do querigma bíblico e da grande Tradição da Igreja. Será preciso esperar pelo Vaticano II, por Medellín e Puebla.

Daí, os apelos reiterados e prementes dos bispos no sentido de que o Concílio encontre soluções, ou pelo menos paliativas no curto prazo, entre outras coisas mediante uma redistribuição mais adequada do clero no mundo e nas diversas regiões.

²⁴⁰Movido pela preocupação do sustento material dos padres, dom Severino M. de Aguiar (Pesqueira, p. 232) chega a sugerir: “dada a pobreza do clero do Norte do Brasil, desejamos que o privilégio, já concedido, de celebrar duas missas em certos dias, seja estendido a todos os dias da semana, para que os nossos padres, recebendo o estipêndio de duas missas, possam prover ao seu honesto sustento”.

Assim, como uma espécie de válvula de escape, a insistência para que o Concílio autorize a introdução do diaconato permanente, aberto a homens casados, para suprir de alguma forma a carência de padres; na mesma linha, os apelos em prol da “valorização dos leigos”. O raciocínio implícito de muitos bispos é que os padres devem dedicar-se mais às “coisas espirituais” do que aos “afazeres do mundo”.

Daí também, pelo menos em boa parte, a insistência no fato de que em um país tão vasto, em que a maioria dos padres é constituída por religiosos, estes sejam levados a uma inserção maior na pastoral, sob a coordenação dos bispos, revendo-se inclusive o princípio canônico da “isenção”, que os coloca mais a serviço da Igreja universal do que da Igreja local.

Daí também a insistência no problema dos seminários, onde se formam, no modelo pós-tridentino, os “evangelizadores por excelência”.

O celibato clerical, em tal contexto e dentro deste referencial pós-tridentino, coloca-se com particular acuidade para a realidade eclesial brasileira e latino-americana. Embora muitos falem da “auréola” do celibato, outros falam abertamente, ou insinuam nas entrelinhas, que estamos diante de um problema, e problema grave (ainda que todos ou quase todos o sintam como um tabu, do qual não se deve ou não convém falar abertamente). Sem dúvida, muitos bispos brasileiros do pré-Concílio subscreveriam este depoimento de dom Cesário A. Minali, bispo prelado *nullius* de Carolina (p. 272): ‘A grande escassez de clero, especialmente nos climas tropicais, e as freqüentes apostasias que hoje todos pranteamos, têm a sua origem, quase sempre, na violação do celibato eclesiástico. O nosso povo facilmente perdoa ao padre que falta ao celibato, pois parece que o homem não consiga viver sem a mulher’. E prossegue: “É certo que o problema é muito grave e haverá que enfrentá-lo em cheio, para uma solução que garanta à Igreja um número suficiente de padres doutos e santos...”. Também para dom José P. Costa, bispo de Caetité, o Concílio deve “considerar a possibilidade de resolver a enorme e urgente matéria do celibato eclesiástico” (p. 147, n. 7). Para dom João José da Mota e Albuquerque (Afogados da Ingazeira), os êxodos dos padres se devem mais a *defectus institutionis* do que a *malevolus animus* (p. 129).

Na verdade, examinando-se os *vota* dos bispos do Brasil que responderam à circular do Card. Tardini, constata-se um dado significativo: enquanto são freqüentes (contamos 21) os apelos para que o Concílio encontre uma saída inspirada na benignidade (não se fala em justiça) para os padres que se casaram - abençoando o seu casamento e abrindo-lhes acesso pleno aos sacramentos, embora privando-os do exercício do ministério

- e facilite o egresso dos padres que o desejarem, não passam de nove (entre 132) os bispos que manifestam explicitamente o desejo de que a Igreja mantenha inalterada a disciplina do celibato clerical obrigatório. Pareceria lícito supor que a grande maioria dos bispos não sente liberdade de falar - muito menos, de escrever com abertura sobre este assunto. Aliás, quanto se saiba, este é o único tema sobre o qual o papa proibiu se discutisse na assembléia conciliar (Paulo VI em comunicação lida na Congregação Geral de 11/10/1965)²⁴¹.

Outro problema de disciplina eclesiástica, que no dizer de autoridade certamente bem informada, o Núncio Apostólico dom Armando Lombardi, agitava os meios eclesiásticos de então, era o uso do traje eclesiástico (e da tonsura clerical): “Dirimir a questão do traje eclesiástico nos países de origem latina, pois, entre os clérigos, é grande a expectativa pela decisão do Concílio nesta matéria”, escreve ele (p. 313, item 7). Conteí nada menos de 28 bispos que insistem neste ponto, seja para manter ou até urgir a obrigatoriedade, seja para mitigá-la (dois) ou para aboli-la (um).

Outro item muito sugerido é a reforma do Código de Direito Canônico, para simplificá-lo e atualizá-lo em função da nova realidade da Igreja. Alguns bispos, como dom Jaime de Barros Câmara (p. 257260), dom Hugo Bressane de Araújo (p. 210-213) e outros apresentam um longo elenco de alterações sugeridas. Os itens mais reiterados são: aplicação dos poderes e faculdades dos bispos e das Conferências episcopais com maior poder de decisão; definição das atribuições destas últimas e seus limites; eliminação ou, pelo menos, redução da estabilidade dos benefíci eclesiásticos; consulta mais ampla no caso de nomeação ou de transferência de bispos; definição clara das atribuições dos núncios apostólicos; reestruturação da Cúria Romana a fim de aumentar a sua representatividade por continentes e países e incrementar a sua eficiência; fixação de idade para a renúncia compulsória de cardeais, bispos e párocos; reformulação dos requisitos e impedimentos para o matrimônio e agilização dos processos; criação de sistema de manutenção do clero que possibilite eliminar as taxas cobradas na prestação de serviços religiosos; reformulação da parte referente às penalidades eclesiásticas; supressão ou adaptação do índice dos livros proibidos; reformulação e adaptação da lei do jejum e da abstinência de carne; reformulação da lei da obrigatoriedade da missa dominical, atendendo aos novos costumes da sociedade; fixação da data da Páscoa; vigilância na disciplina do clero e no que tange aos

²⁴¹ Na realidade, um segundo tema, o da limitação da natalidade, como se dizia na época, foi subtraído à discussão da Assembléia conciliar, tendo sido para o mesmo, constituída uma Comissão, já por João XXIII, em março de 1963: Pontifícia Comissão para o Estudo da População, Família e Natalidade, mais conhecida como “Birth Control Comission”. Cfr. HEBBLETHWAITE, o.cit. p. 299. A Comissão foi depois alargada por Paulo VI.

seminários; eliminação da discriminação entre padres quanto à faculdade de ouvir confissões de religiosas; supressão de privilégios especiais a religiosos, etc., etc.”²⁴².

Baraúna conclui sua resenha, apresentando uma sugestão do Cardeal do Rio, como espelhando bem uma certa mentalidade que predominava no episcopado brasileiro:

“Na parte relativa à reforma do Direito Canônico, aludindo aos cânones 1329-1331, que tratam da instrução catequética, dom Jaime escreve: “Elabore o Concílio, para uso obrigatório de todos os fiéis, um livro contendo os principais dogmas, preceitos morais gerais e particulares, com uma parte dedicada às orações da manhã e da noite, (às orações) para ouvir a missa, inclusive a dialogada, para os sacramentos do batismo, da eucaristia, da confissão e do matrimônio, (e contendo também) as devoções mais comuns, (livro este) a ser obrigatoriamente utilizado pelos fiéis em toda a Igreja, mas no idioma de cada povo, (e) “a ser explicado ao povo pelos pastores de almas nos sermões dominicais. Sirva ele como o livro da fé, da moral e das orações” (p. 259).

Esta sugestão, obviamente, não representa o pensamento do episcopado brasileiro às vésperas do Vaticano II, nem tampouco dá conta da grande variedade de pontos de vista expressos em resposta à circular do cardeal Tardini. Todavia, acredito ser ela um indicador de uma linha pastoral e de uma concepção eclesial bastante generalizada na média dos bispos do Brasil na época”²⁴³.

À guisa de conclusão, depois de ter percorrido os *vota* buscando, na primeira parte deste capítulo, outras portas e janelas, como maneira de a eles se achegar, quero lembrar que outros caminhos podem ser ainda explorados. Um deles que poderia render uma inteligência suplementar na análise dos *vota*, seria agrupá-los por certas áreas do país que viviam problemas semelhantes: prelados missionários da região amazônica; bispos nordestinos confrontados com a situação desafiante das secas, da extrema pobreza, do analfabetismo e da dominação coronelística do interior ou ainda bispos das grandes cidades que enfrentavam as mudanças culturais e sociais da urbanização e do conseqüente pluralismo religioso, ideológico e político, com problemas sociais que iam da classe operária ao mundo das favelas; do desemprego às carências no campo da saúde, da educação e da moradia.

²⁴² BARAÚNA, Luiz, “Brasil”, art. cit., pp. 165-172

²⁴³ *ibidem*, p. 173

I.3. FASE PREPARATÓRIA: 1960-1962

João XXIII noticiou, a 05 de junho de 1960, o encerramento dos trabalhos da fase ante-preparatória e com o *Motu Proprio Supremo Dei Nutu* deu início à fase preparatória, criando as comissões e os secretariados que deviam se ocupar da preparação imediata do Concílio²⁴⁴.

Sobre as fases ante-preparatória e preparatória pesou um manto de estrito segredo, fazendo com que a opinião pública e mesmo o episcopado mundial ficassem à margem do processo. Enviados os seus *vota*, os bispos esperaram, em vão, algum tipo de retorno acerca dos resultados. Quais seriam as grandes questões, tendências e interrogações que esta ampla sondagem havia revelado?

Os que foram convocados para trabalhar já na fase preparatória, mais de oitocentas pessoas entre membros, consultores e pessoal de apoio secretarial, foram divididos em 10 comissões, três secretariados e uma comissão central, tendo na retaguarda e por vezes na dianteira, o Secretário geral, Pericle Felici que continuará na mesma função durante toda a duração do Concílio. Estes organismos estavam previstos no *Motu Proprio*.

“7. São constituídas dez Comissões preparatórias: se for necessário, poder-se-ão ainda constituir outras, segundo o Nosso beneplácito²⁴⁵. As Comissões são as seguintes:

Comissão Teológica, à qual pertence o encargo de examinar as questões respeitantes à Sagrada Escritura, à Sagrada Tradição, à fé e aos costumes;

Comissão dos Bispos e governo das dioceses;

Comissão dos Religiosos;

Comissão da disciplina dos Sacramentos;

Comissão da Sagrada Liturgia;

Comissão dos Estudos e dos Seminários;

Comissão da Igreja Oriental;

Comissão das Missões;

Comissão do Apostolado dos leigos, para todas as questões que dizem respeito à ação católica, religiosa e social”²⁴⁶.

²⁴⁴ JOÃO XXIII, *Superno Dei Nutu*. Roma, 05-06-1960. ADA I/1, ; tradução portuguesa: KLOP I, pp. 54-57

²⁴⁵ De fato, foi logo depois agregada mais uma Comissão, a do Cerimonial, elevando seu número a 12, se computarmos a Comissão Central.

Sobre os secretariados prossegue o *Motu Proprio*:

“8. Além disso, é instituído um Secretariado para tratar as questões referentes aos meios modernos de divulgação do pensamento (imprensa, rádio, televisão, cinema, etc.)

9. A fim de mostrar ainda o Nosso amor e benevolência àqueles que têm o nome de cristãos mas se encontram separados desta Sé Apostólica, para também eles poderem seguir os trabalhos do Concílio e mais facilmente encontrarem o caminho para se chegar àquela unidade pela qual ‘Jesus Cristo dirigiu ao Pai do céu oração tão fervorosa’, instituímos um especial ‘Conselho’ ou Secretariado, presidido por um Cardeal por nós escolhido, Conselho organizado do mesmo modo como foi dito para as Comissões”²⁴⁷.

“15. Finalmente, para se ocupar da parte econômica e técnica da celebração do Concílio, serão constituídos os Secretariados que pareçam convenientes”²⁴⁸.

Define ainda as tarefas da Comissão Central:

“10. Por fim, instituiu-se uma Comissão Central a que presidiremos Nós próprios, pessoalmente ou por meio de um Cardeal por Nós designado. Membros da Comissão Central serão os Presidentes de cada uma das Comissões, alguns outros Cardeais e também alguns Bispos das diversas partes do mundo.

14. A Comissão Central tem o encargo de seguir e coordenar, se necessário for, os trabalhos de cada Comissão, cujas conclusões Nos referirá, para Nos ser possível determinar os assuntos que se hão de tratar no Concílio Ecumênico. À Comissão Central pertence também propor as normas respeitantes à realização do futuro Concílio”²⁴⁹.

As comissões correspondiam aos dez dicastérios da Cúria Romana e eram presididas pelo seu Cardeal Prefeito. A Comissão Teológica estava em mãos do Santo Ofício e era dirigida pelo todo poderoso e temido Cardeal Alfredo Ottaviani. Esta decisão condicionou todo o trabalho preparatório que ficou quase que por inteiro sob controle da Cúria Romana.

As comissões operavam em compartimentos estanques, umas não tendo notícia sobre o que as outras preparavam. Este tipo de procedimento que priorizou o segredo e o isolamento entre as comissões, conduziu a resultados paradoxais. Em que pese o trabalho da Comissão Central, encarregada de tudo coordenar, examinar e aprovar, esta não conseguiu impedir a desarticulação do trabalho preparatório, problema logo detectado

²⁴⁶ *Superno Dei Nutu*, n.º 7, KLOP I, 56.

²⁴⁷ *Ibidem*, n.º 8 e 9. KLOP I, 56-57

²⁴⁸ *Ibidem*, n.º 14. KLOP I, 57

²⁴⁹ *Ibidem*, n.º 10 e 14. KLOP I, 57

na Aula conciliar. Isto levou à rejeição dos esquemas, seja por causa do espírito em que foram redigidos, seja pela superposição de esquemas relativos ao mesmo tema, acarretando incongruências e perda de tempo. Baste um único exemplo para ilustrar o problema. Sobre o tema da unidade da Igreja, a Comissão Teológica preparou um estudo que constituía o capítulo XI do esquema sobre a Igreja²⁵⁰; a Comissão das Igrejas Orientais, um segundo²⁵¹, voltado exclusivamente para as relações entre a Igreja católica e as Igrejas orientais não em plena comunhão com a Sé Romana e, finalmente, o Secretariado para a União dos Cristãos redigiu um terceiro esquema, em que eram enunciados os princípios gerais do ecumenismo e se tratava mais das relações com as Igrejas saídas da Reforma e com o Anglicanismo²⁵². Ao ser colocado em discussão na Aula Conciliar, na XXVIII Congregação Geral (27-11-1962)²⁵³, o esquema sobre a Unidade da Igreja preparado pela Comissão das Igrejas Orientais, a Assembléia logo decidiu, por 2061 votos favoráveis, 36 contrários e 8 nulos, que os três esquemas fossem fundidos num só, sob a responsabilidade do Secretariado para a União dos Cristãos, criado exatamente com a finalidade precípua de ocupar-se do diálogo ecumênico²⁵⁴.

Outro problema que afetou as comissões foi a sua composição. Num primeiro relance, tem-se a impressão de que o desejo de João XXIII de que o conjunto da igreja, - geográfica, cultural e teologicamente, na diversidade de suas escolas e tendências -estivesse envolvido na preparação, fora cumprido; na realidade, porém, não aconteceu de todo. Não se pode negar a grande diversidade geográfica e canônica dos 846 integrantes dos organismos preparatórios, divididos entre membros (466) e consultores (380)²⁵⁵.

²⁵⁰ Schemata Constitutionum et Decretorum de quibus disceptabitur in Concilii Sessionibus. Series II: *De Ecclesia et de B. Maria Virgine*. Rome: Typis Polyglottis Vaticanis, MCMLXII, pp. 80-90

²⁵¹ Schema decreti “*De Ecclesiae unitate “Ut omnes unum sint”*” propositum a Commissione de Ecclesiis Orientalibus. Typis Polyglottis Vaticanis, MCMLXII, pp. 28

²⁵² Decretum “*De oecumenismo catholico*” (Decretum pastorale). Typis Polyglottis Vaticanis, MCMLXII, pp. 16

²⁵³ O processo verbal desta Congregação encontra-se na AS I/1, 140; KLOP I, 212 ss.; CAPRILE II, 215-226

²⁵⁴ “Terminato l’esame circa il decreto sull’unità della Chiesa, i Padri del Sacro Concilio l’approvano come un documento nel quale sono raccolte le comuni verità di fede, e come un segno del ricordo e della benevolenza verso i fratelli separati di Oriente. Questo decreto, però, sulla base delle osservazioni e delle proposte ascoltate in aula conciliare, formerà un solo documento con il decreto sull’ecumenismo, preparato dal Secretariato per l’unione dei cristiani, e con il capitolo XI, sempre sull’ecumenismo, dello schema di Costituzione dogmatica sulla Chiesa”. CAPRILE II, 226

²⁵⁵ Indelicato assinala que o número real de membros era de 842, pois 4 deles encontravam-se em duas comissões, perfazendo o total de 846. Há, entretanto, uma discrepância entre este número à página 46 do seu estudo e os números exibidos na tabela da página 67, cujo total é de 847 pessoas. Não me foi possível localizar o erro para corrigir uma das duas somas que discrepam de 1 pessoa. INDELICATO, Antonino, “Formazione e composizione delle commissioni preparatorie”, in ALBERIGO, Giuseppe, *Verso il Concilio Vaticano II (1960-1962)*. Genova: Marietti, pp. 43-69

Geograficamente, repartindo-se estas pessoas por local de trabalho, o resultado é o seguinte:

Europa: 636	75.09%
Estados Unidos: 52 + Canadá: 22 = 74	8.77%
América Latina: 52	6.13%
Ásia: 52	6.13%
África: 21	2.48%
Oceania: 11	1.29%
TOTAL : 847	100.00%

O quadro não deixa dúvida quanto ao peso excepcional dos europeus no processo de preparação. Ocupam $\frac{3}{4}$ das posições, ficando os 25% restantes para os demais continentes. Dentro da Europa, a Cidade do Vaticano (319) e a Itália (72) somados (391) perfazem 61% dos integrantes das comissões. Certos países europeus ganharam uma representação importante em relação aos países dos outros continentes: França (62); Alemanha (50); Espanha (33); Bélgica (18); Grã-Bretanha (16), Holanda e Áustria, 11 cada um. É minguada a representação latino-americana e muito mais ainda a africana e a da Oceania. A Ásia, com quatro vezes menos o número de católicos em relação à América Latina, igualava a sua representação.

Canonicamente, estavam as pessoas assim distribuídas:

73 cardeais (dez dos quais religiosos);

5 patriarcas (dois dos quais religiosos);

127 arcebispos, 85 como membros e 43 consultores (24 dos quais religiosos);

135 bispos, 80 membros e 55 consultores (31 dos quais religiosos);

212 sacerdotes do clero secular, 102 membros e 110 consultores;

286 religiosos, 114 membros e 172 consultores;

8 leigos, 7 membros e 1 consultor.²⁵⁶

Outro elemento que salta à vista é o restritíssimo número de leigos. Comenta Komonschak: “Sete leigos serviam no secretariado administrativo, mas em todas as Comissões Preparatórias que prepararam textos para o concílio havia apenas um leigo, F. Vito, que servia na ST [Comissão de Estudos e Seminários]. De fato, apesar dos esforços de seu presidente e secretário, nenhum leigo foi nomeado sequer para a AL (Apostolado

²⁵⁶ INDELICATO, art. cit., pp. 46-47

dos Leigos), a comissão criada para discutir seu apostolado²⁵⁷. Nem é preciso dizer, nenhuma mulher, religiosa ou leiga, prestou serviços em qualquer uma das comissões preparatórias²⁵⁸.

Para a análise que se segue, servi-me do estudo de Indelicato²⁵⁹, que se debruçou sobre a composição das comissões: 319 dos componentes das comissões residiam, como vimos em Roma, seja no Vaticano, seja nos muitos institutos e universidades teológicas da urbe, perfazendo 37.71% do total. Os membros da Cúria eram 233, correspondendo a 26.6% do conjunto e ocupavam os postos-chave das comissões: presidência e secretaria na maioria dos casos. Enquanto a representação de alguns países é razoável: França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, a de outros é muito reduzida. Entre os 69 integrantes da Comissão Teológica há apenas 2 latino-americanos, sendo 1 membro bispo, D. Vicente Scherer e um único teólogo consultor, Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Só a Universidade Gregoriana dos jesuítas contava com 5 membros nesta mesma Comissão; o Antoniano dos franciscanos, outros 5, ficando o Angelicum dos dominicanos e o Lateranense do clero secular, com 4 cada um. Há um desequilíbrio favorecendo a Europa, mais acentuadamente Roma e, de modo particular, os organismos da Cúria Romana. Depois de um atento estudo da composição das comissões e dos critérios de escolha, Indelicato conclui:

“Non sembra illecito per tanto dedurre che per la nomina dei componenti le CP (Commissioni Preparatorie), fase in cui la capacità di controllo della curia sui meccanismi preparatori del concilio era ancora notevolissima, quel criterio (o de não incluir pessoas consideradas teologicamente ‘suspeitas’, segundo as posições da *Humani Generis* de Pio XII) o qualcosa di simile abbia funzionato da punto di riferimento²⁶⁰”.

Ao se querer recuperar a memória da participação brasileira nesta etapa preparatória do Concílio, verifica-se que é muito parca, reduzida a um punhado de bispos e teólogos, que não chegam a cobrir as várias comissões e secretariados.

Sobre as 846 pessoas - 466 membros e 380 consultores -, havia somente 10 brasileiros: 4/466 como membros (0.85%) e 6/380 como consultores (1.57%). No conjunto geral, a participação brasileira alcança pouco mais do que 1% (1.18%):

²⁵⁷ Muitas das associações nacionais e internacionais de leigos, porém, apresentaram seus *vota* e foram representadas na AL por sacerdotes há muito tempo associados a seu trabalho. TURBANTI, Giovanni. “I laici nella chiesa e nel mondo”, in *Verso Il Concilio Vaticano II*, 212-18

²⁵⁸ KOMONCHAK, J. “A Luta pelo concílio durante a preparação”, in ALBERIGO, *História*, I, p. 181

²⁵⁹ INDELICATO, Antonino, “Formazione e composizione delle commissioni preparatorie”, in ALBERIGO, Giuseppe, *Verso il Concilio Vaticano II (1960-1962)*, o.cit. pp. 43-66.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 66

MEMBROS BRASILEIROS:

D. Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, RJ, na Comissão Central e, dentro desta, na Subcomissão do Regulamento;

D. Alfredo Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, RS, na Comissão Teológica;

D. Antônio Alves de Siqueira, arcebispo auxiliar de São Paulo, SP, na Comissão da Disciplina dos Sacramentos;

Mons. Joaquim Nabuco, na Comissão Litúrgica;

: CONSULTORES:

D. Helder Pessoa Camara, o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, RJ, na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses;

D. Geraldo Fernandes Bijos, bispo de Londrina, PR, na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses;

D. Afonso M. Ungarelli, prelado *nullius* de Pinheiro, MA, na Comissão da Disciplina dos Sacramentos;

Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M., na Comissão Teológica;

Pe. Estevão Bentia²⁶¹, na Comissão das Igrejas Orientais.

D. José Vicente Távora, bispo de Aracaju, SE, no Secretariado da Imprensa e do Espetáculo;

Os três bispos membros distribuem-se da seguinte maneira: Comissão Teológica (1), Comissão da Disciplina do Clero e dos Sacramentos (1) e Comissão Central (1). O único membro não bispo, Mons. Nabuco, ficou na Comissão Litúrgica (1)

Os seis consultores ficaram nas seguintes Comissões: Bispos e Governo das Dioceses (2); Teológica (1); Igrejas Orientais (1); Disciplina dos Sacramentos (1) e Secretariado da Imprensa e do Espetáculo (1).

Não havia ninguém do Brasil nas seguintes comissões: Religiosos, Estudos e Seminários; Missões; Apostolado dos leigos, Cerimonial, nem no Secretariado para a União dos Cristãos e no Secretariado Administrativo.

Kloppenburg foi assíduo às sessões de trabalho de sua comissão, a mais sobrecarregada de todas, vindo amiúde a Roma e hospedando-se, por vezes, no Colégio Pio Brasileiro. Deixou registro sobre o funcionamento da Comissão Teológica e de sua

²⁶¹ Pe. Estevam Bentia era professor da Faculdade de Teologia N.S.da Assunção, em São Paulo, à época da preparação do Concílio.

participação numa das subcomissões. Por se tratar do testemunho pessoal de um brasileiro, transcrevo mais largamente sua descrição do trabalho nesta comissão:

“Pouquíssima coisa se poderá, por ora, revelar dos trabalhos e discussões nas Comissões particulares, pois todos os Membros e Consultores, antes de iniciarem os trabalhos, tiveram que assinar um compromisso - aliás muito necessário para o pacífico e tranqüilo andamento dos trabalhos - no qual declararam: “Spondeo ... me... secretum officii religiose servaturum...”²⁶² As mais importantes e decisivas discussões se travaram no seio das Comissões e subcomissões. Mais tarde, certamente, seus respectivos Secretários terão a permissão de publicar as Atas e os Diários, que serão documentos importantes para a reta compreensão daquilo que se chama “mente do Concílio”.

Acerca do modo de trabalhar, tentarei dar um exemplo tirado da Comissão Teológica, da qual faço parte na qualidade de Consultor. Servirá para mostrar a seriedade e o empenho com que se trabalhou.

Todas as questões de ordem puramente doutrinária, sugeridas pelos Bispos (nos 15 volumes das Atas Antepreparatórias) para que fossem tratadas no Concílio, foram encaminhadas à nossa Comissão. Recolhido o material bruto, ele foi primeiramente dividido em cinco grupos de assuntos diferentes, surgindo assim também cinco subcomissões: 1) sobre a Igreja (questões eclesiológicas deixadas pelo Vaticano I e outras novas surgidas depois e que não são poucas), 2) sobre as fontes da Revelação (questões de exegese, algumas delas delicadíssimas, e tradição), 3) sobre a íntegra custódia do depósito da fé (com doutrinas hoje postas em dúvida ou negadas por alguns), 4) sobre a ordem moral, 5) sobre a ordem social. Cada uma destas cinco subcomissões recebeu entre 7 a 12 membros (não havendo aí diferença estrita entre "membro" e "consultor"), sendo um deles o presidente.

Fiz parte da terceira subcomissão (íntegra custódia da fé), que recebeu o encargo de elaborar esquemas sobre: 1) A razão humana e as verdades da fé, 2) Existência de Deus, 3) Criação e evolução, 4) Revelação e fé, 5) Progresso na doutrina ("evolução dos dogmas"), 6) Ordem natural e sobrenatural, 7) Espiritismo, reencarnação e novíssimos, 8) Monogenismo, 9) Pecado original, 10) Sorte das crianças que morrem sem batismo, 11) Redenção vicária.

Eram, como se adivinha facilmente, questões delicadíssimas, nada fáceis, atuais e bastante numerosas. No passado, teria sido matéria suficiente para um Concílio Ecumênico. Na nossa subcomissão, éramos apenas sete membros, nada mais. Dividimos as

²⁶² “Comprometo-me a guardar religiosamente o segredo de ofício”.

questões entre nós e iniciamos a elaboração. Tivemos freqüentes encontros no próprio Palácio do Santo Ofício. Apresentava-se então à subcomissão, timidamente, um primeiro ensaio de esquema. Este primeiro ensaio, aliás, nunca foi aceito, ou porque era muito filosófico, ou excessivamente escolástico e técnico, ou pouco pastoral e escriturístico. Esquemas houve que foram elaborados dez e mais vezes, antes que a subcomissão os aprovasse. E houve subcomissões que se reuniram mais de 80 vezes (de 3 a 4 horas cada vez). Aprovado, afinal, o esquema pela subcomissão, era ele encaminhado à secretaria da Comissão Teológica que o mimeografava (uma vez até mandou imprimi-los na Polyglotta Vaticana) e remetia um exemplar aos 31 Membros e 36 Consultores com o pedido de estudá-lo atentamente e fazer as observações e correções que julgassem conveniente. Estas emendas deviam ser remetidas à secretaria, que as mimeografava. Pronto assim um bom número de esquemas e emendas, eram convocados todos os Membros e Consultores para uma Sessão Plenária da Comissão Teológica. Antes de iniciar as sessões plenárias propriamente ditas, reuniam-se outra vez as subcomissões para discutir as emendas e observações, se deviam ser aceitas ou rejeitadas. Tudo assim preparado, reunia-se então a Comissão sob a presidência do Cardeal Ottaviani (uma única vez presidiu Sua Santidade o Papa João XXIII). O relator (presidente da respectiva subcomissão) começava então a leitura do primeiro parágrafo de um esquema que agora ia ser discutido na sessão plenária, apresentando ao mesmo tempo todas as emendas ou observações feitas ao tal parágrafo e as razões por que a subcomissão decidira aceitar ou rejeitar a emenda ou proposta feita. A esta altura, o Cardeal Presidente interrogava primeiro os Membros depois os Consultores, se concordavam com a solução proposta pela subcomissão. Muitas vezes todos concordavam; outras vezes alguns discordavam, abrindo então a discussão. Livremente discutido o assunto, para terminar, era submetido à votação dos Membros (os Consultores não tinham direito ao voto). Por vezes acontecia que mesmo assim não se entendiam; e neste caso, a questão voltava à subcomissão para um estudo ou uma formulação mais acurados. Podia também alguém manter o seu ponto de vista e pedir que constasse nas Atas seu voto contrário. Aprovado finalmente o parágrafo, passava-se a outro, com o mesmo processo, até o fim, durante horas e dias. E assim, capítulo por capítulo, constituição após constituição. Tudo minuciosamente pensado, discutido, limado, medido, corrigido, rediscutido, formulado e reformulado por 31 Membros e 36 Consultores, por teólogos, exegetas, moralistas, sociólogos, historiadores e especialistas como Tromp, Piolanti, Schmaus, Cerfaux, Fenton, Philips, Garofalo, Colombo, Journet, Michel, Ciappi, Gagnebet, Balic, Dhanis, Schauf, Laurentin, Congar, De Lubac, Xiberta, Donder, Häring,

etc.; por venerandos senhores encanecidos na Teologia, como Peruzzo, o velho bispo de Agrigento, Brinktrine, Journet, Tromp e por teólogos ainda jovens e cheios de esperança como Laurentin, Schauf, Lio, Lécuyer; por grande número de representantes do clero secular e das várias escolas teológicas, a dos dominicanos, dos franciscanos, dos jesuítas, dos agostinianos, dos carmelitas, dos redentoristas; por gente da Alemanha, da Bélgica, do Brasil, do Canadá, da Espanha, dos Estados Unidos, da França, da Holanda, da Itália, da Suíça; por ultraconservadores, conservadores, moderados, progressistas e até por gente considerada suspeita em alguns ambientes.²⁶³

Elaborados, discutidos e aprovados pela Comissão Teológica, os esquemas foram encaminhados à Comissão Central, onde tiveram que passar pelo crivo de 102 Membros (dos quais 60 Cardeais) e 29 Conselheiros. Só então foram entregues ao Papa. E do Papa são enviados aos Bispos de todo o mundo, para que os estudem, façam anotações, proponham emendas... Só então começará o solene e formal encontro do XXI Concílio Ecumênico²⁶⁴.

Como foi dito, em que pese o imenso trabalho realizado, as informações sobre esta etapa conciliar foram escassas. Por isto mesmo, apenas três dentre as muitas crônicas conciliares comportam um volume específico sobre estes quatro anos da preparação. Uma delas, a única, a sair antes da abertura do I ° Período conciliar, deve-se justamente a Kloppenburg, que recebeu o *imprimatur* para o seu livro, a 13 de julho de 1962, logo depois das conclusões da VI e última reunião da Comissão Central, realizada de 12 a 20 de junho daquele ano. Isto explica-se por se tratar de alguém de dentro, já que foi consultor da Comissão teológica, a única pela qual passaram todas as questões de ordem doutrinal presentes em qualquer um dos esquemas preparados pelas demais comissões. Ele pode assim alcançar uma privilegiada visão de conjunto da totalidade dos trabalhos, mesmo se limitado no seu direito de divulgá-los.

A outra obra publicada também em 1962, deve-se à pena do teólogo e jornalista René Laurentin, ele mesmo colega de Kloppenburg na Comissão Teológica, durante a fase preparatória²⁶⁵. O livro de Laurentin, *L'enjeu du Concile*, cujo *imprimatur* é de agosto de 1962, desdobra-se em duas partes: a primeira, de caráter histórico, recupera a memória dos Concílios que precederam Vaticano II e a segunda, menor em tamanho,

²⁶³ Notadamente o Pe. Yves Congar, reduzido ao silêncio pelo Santo Ofício por muitos anos. Congar manteve um riquíssimo diário sobre a fase preparatória e sobre o desenrolar do Concílio do qual foi um dos peritos mais qualificados e influentes. O diário de mais de mil páginas, um documento único, como leitura teológica do Concílio e a cujos originais tive acesso no ISR de Bologna, infelizmente não foi ainda publicado.

²⁶⁴ KLOPP I, 157-159

²⁶⁵ LAURENTIN, R., *L'Enjeu du Concile*, vol. 1: Paris : Seuil, 1962.

debruça-se sobre a convocação e preparação do Vaticano II, finalizando por uma pergunta prática: “-- que podemos fazer pelo Concílio?” Laurentin esboça uma resposta no prefácio: “Le but de ce petit livre, c’est de présenter l’événement .à son vrai niveau, d’en faire saisir le sens, au recoupement de ses coordonnées verticales: l’histoire des conciles et de ses coordonnées horizontales: le monde d’aujourd’hui. Nous suivrons de l’intérieur la croissance de cette petite ‘semence’ devenant un ‘grand arbre’ (Mt. 12, 32), et répondrons finalement à la question que beaucoup se posent: Que pouvons nous pour le concile”²⁶⁶.

A terceira crônica, publicada, porém, só depois de terminado o Concílio é a de Giovanni Caprile. Vinha com a vantagem de sair depois do evento e poder projetar uma luz diferente e crítica sobre os trabalhos preparatórios. Gozou também do privilégio de ser um dos poucos a ter acesso a fontes oficiais ao longo de todo o Concílio e de um beneplácito do próprio papa João XXIII que lia e estimulava suas crônicas quinzenais publicadas na *Civiltà Cattolica*, a prestigiosa revista dos jesuítas romanos. La Civiltà não saía sem a leitura prévia e aval da Secretaria de Estado, sendo assim considerada um porta-voz, senão oficial, pelo menos oficioso da mente da Santa Sé. Caprile narra como a *Civiltà Cattolica* e ele, em particular, acabaram sendo investidos desta tarefa de “cronista” do Concílio. Defende-se, ao mesmo tempo, da insinuação de ter sido um cronista “chapa branca”, como eram chamados aqui no Brasil, aos tempos de Getúlio Vargas, determinados jornais e jornalistas respaldados financeiramente pelo Governo. Segue seu depoimento ilustrativo para a história:

“Dopo l’annuncio del Concilio, maturò in me il proposito di qualcosa di analogo a quanto avevo fatto nel 1954, per l’Anno Mariano: un notiziario periodico, che informasse ampiamente i lettori sull’argomento. Questa volta richiedevano la ben più vasta portata del Concilio e l’esempio dei miei lontani predecessori, i quali, tra il 1868 ed il 1870, dedicarono alcune migliaia di pagine alla preparazione ed allo svolgimento del Concilio Vaticano, fino ad essere l’organo autorizzato per la cronaca dei lavori di esso.

Anche senza aspirare a tanto, avremmo potuto compiere forse un qualche buon servizio. Ma come fare a sapere se esso sarebbe stato o no gradito?

Non molto dopo alcune circostanze mi diedero risposta. Ad una rassegna di quanto la stampa aveva detto all’annuncio del Concilio, premisi una breve nota, nella quale richiamavo appunto, con dati e cifre, il lavoro svolto dai cronisti della *Civiltà Cattolica* durante la preparazione e lo svolgimento del Concilio Vaticano. Non avrei mai immaginato il seguito di quella nota: il 24 giugno 1959, il nostro vicedirettore (giacché il direttore del

²⁶⁶ Ibidem, p. 9

tempo era assente dall'Italia) venne chiamato a telefono dal Nunzio mons. Grano, il quale era stato incaricato dal Santo Padre di due cose: chiedere alla nostra direzione l'invio dei volumi contenenti le cronache del primo Concilio Vaticano, e comunicare che il Papa, avendo letto la suddetta rassegna di stampa, desiderava conoscerne l'autore.

Due giorni appresso, il 26 giugno, fui infatti ricevuto in udienza privata. Giovanni XXIII mi trattenne per una ventina di minuti, dicendomi fra l'altro che aveva voluto conoscermi, perché nel mio scritto avevo centrato appieno il suo pensiero. Quanto ai volumi delle vecchie annate, gli chiesi scusa se non avevamo avuto il tempo di fargliene approntare una copia più degnamente rilegata: mi rispose che andava benissimo così, che li aveva fatti portare subito nel suo studio privato dove già aveva cominciato a sfogliarli, e che ci era grato di averglieli inviati il giorno stesso in cui era stata fatta la richiesta.

In quella circostanza mi persuasi che il vagheggiato Notiziario del Concilio sarebbe stato certamente gradito al Santo Padre.

Passò quasi un anno, durante il quale il disegno prese consistenza, ma esitavamo ancora per l'attuazione. Finalmente, nel giugno del 1960, proprio all'inizio della fase preparatoria, una circostanza sopraggiunse a troncare ogni possibile esitazione. Il 7 giugno, in una udienza accordata al nostro nuovo direttore, p. Roberto Tucci, Giovanni XXIII venne a parlargli della preparazione del Concilio. E qui lascio la parola al p. Tucci, citando' come farò anche in seguito, da appunti redatti subito dopo le udienze:

«Avendo io ricordato che nel secolo passato, in occasione del Concilio Vaticano I, ci occupammo ampiamente di tutto quello che riguardava la preparazione e poi lo svolgimento del Concilio, [il Santo Padre] ricorda di aver visto ciò nei volumi offertigli in omaggio; esprime il desiderio che si faccia lo stesso con una sezione a parte della rivista; aggiunge che sa che in quell'occasione noi eravamo in una posizione privilegiata e pensa che si potrebbe fare lo stesso anche ora; è lieto che siamo stati noi i primi a offrire i nostri servizi; che siamo i più adatti per l'importanza del periodico, per la sua quindicinalità e perché abbiamo uomini preparati. Ne dovrà parlare però prima col card. Tardini. A questo proposito nota che egli fin dal principio ha stabilito di non far nulla senza consultare il card. Segretario di Stato e viceversa, per assicurare l'unità e l'armonia del governo. Riconosce che vi potranno essere delle suscettibilità altrui se noi veniamo favoriti, ma che esaminerà la cosa con il card. Tardini».

Confortati da quest'incoraggiamento, ma senza alcun crisma di ufficialità o di ufficiosità e senza particolari promesse di privilegiate informazioni esclusive, ci mettemmo

al lavoro. Il primo Notiziario del periodo preparatorio uscì proprio in quei giorni, nel secondo fascicolo di giugno 1960.

Cominciammo anche a tirarne a parte un certo numero di copie per inviarle a chi ne avrebbe fatta domanda; e le richieste vennero subito, un po' da ogni parte. L'incoraggiamento di Giovanni XXIII non si limitò soltanto alla circostanza ora riferita. Egli, al contrario, seguì costantemente il nostro Notiziario, ci suggerì di raccogliarli in volume e di redigere per ognuno di essi un indice particolareggiato, ne fece sollecitare l'invio ogni volta che gli sembrava tardassero alquanto²⁶⁷.

Esta vinculação entre trabalho jornalístico - noticiário para uma revista ou jornal - e crônica conciliar acabou sendo a regra para mais de um dos cronistas conciliares.

Kloppenburg recolhia, para seus volumes, o noticiário quotidianamente preparado pela seção portuguesa da Sala de Imprensa do Concílio, durante um tempo sob sua responsabilidade, e os artigos de avaliação dos debates e votações conciliares por ele previamente publicados na revista REB, da qual era o redator chefe.

Caprile, para os seus volumes, ordena e enriquece os “noticiários” conciliares publicados quinzenalmente na *Civiltà Cattolica*.

Antoine Wenger, o prestigioso cronista francês do Concílio, era o redator chefe do jornal *La Croix* de Paris, pertencente aos padres assuncionistas. Wenger ofereceu uma crônica especialmente rica acerca das questões conciliares envolvendo o ecumenismo e, de modo particular, o Oriente Cristão e, muito especialmente, a ortodoxia, seja a grega, seja a russa, por ser um especialista desta área.²⁶⁸

René Laurentin, consultor da Comissão Teológica na fase preparatória, reuniu para suas crônicas conciliares, seus artigos para o diário *Le Figaro* de Paris,²⁶⁹

Henri Fesquet, escrevendo como jornalista leigo para o jornal *Le Monde*, exerceu uma considerável influência sobre o andamento conciliar, pois era, por vezes, a correia de transmissão do que não podia ser dito de outro modo. Muitos preferiam a tribuna do *Le Monde* à tribuna da Aula conciliar, para transmitir suas idéias, preocupações ou sonhos. A batalha pela opinião pública e pelo debate livre e aberto complementava e, por vezes antecipava ou até mesmo substituía os debates da Aula conciliar. Seus artigos

²⁶⁷ CAPRILE I/1, VI-VIII

²⁶⁸ WENGER, A., *Vatican II. Chronique*, vol. 1-4, Paris: Editions du Centurion, 1962-1966.

²⁶⁹ LAURENTIN, R., *L'Enjeu du Concile*, vol. 1: Paris 1962; vol. 2: *Bilan de la première session, 11 octobre - 8 décembre 1962*, Paris 1963; vol. 3: *Bilan de la deuxième session, 29 septembre - 4 décembre 1963*, Paris 1964; vol. 4: *Bilan de la troisième session, 14 septembre - 21 novembre 1964*, Paris 1965; vol. 5: *Bilan du concile, Histoire - textes - commentaires avec une chronique de la quatrième session*, Paris 1966.

praticamente diários foram editados numa das mais saborosas e instigantes crônicas do Concílio.²⁷⁰

Yves Congar O.P., consultor da Comissão Teológica e depois perito conciliar, reuniu seus artigos publicados nas *Informations Catholiques Internationales*, numa espécie de crônica teológica dos debates conciliares.²⁷¹

Na Itália, Raniere La Valle, redator chefe do *L'Avvenire d'Italia* de Bolonha, o mais importante diário católico do país, reuniu seus artigos para o jornal, em volumes de crônica conciliar.²⁷²

Só agora, com a publicação dos processos verbais e do trabalho interno das comissões e subcomissões, estão surgindo os primeiros estudos que buscam seguir o itinerário do processo redacional dos esquemas conciliares, os debates e dilemas enfrentados pelas comissões, as várias redações de cada um dos esquemas, sua passagem pela Comissão Teológica e finalmente seu ajuste e aprovação pela Comissão Central e envio para os padres conciliares, em fins de julho de 1962²⁷³.

A pesquisa encontra-se ainda nos seus inícios, mas uma síntese dos seus resultados pode ser encontrada no longo e criterioso estudo de Joseph Komonchak: “A luta pelo Concílio durante a preparação”²⁷⁴.

É, pois, nessa imensa mole de documentação, recolhida em 11 grandes tomos, que seria preciso respigar a contribuição dos dez brasileiros, pesquisa que não foi possível realizar, tanto pelo tempo demasiado escasso, o meticuloso trabalho que

²⁷⁰ FESQUET, H., *Le journal du Concile*, Le Jas du Revest - St. Martin, Forcalquier 1966; trad. Italiana *Diario del Concilio* (a cura di E. Masina), Milano 1967.

²⁷¹ CONGAR, Y.-M., *Le concile au jour le jour*, 4 vol., Paris : Editions du Centurion, 1963-1966.

²⁷² LA VALLE, R., *Coraggio del concilio, giorno per giorno la seconda sessione*, Brescia: Morcelliana, 1964; vol. 2: *Fedeltà del concilio, i dibattiti della terza sessione*, Brescia: Morcelliana, 1965; vol. 3: *Il concilio nelle nostre mani*, Brescia: Morcelliana, 1966.

²⁷³ Cfr. por exemplo: BUTTURINI, Giuseppe, “Le istanze missionarie dei vescovi in vista del Vaticano II”, in ALBERIGO, Giuseppe (a cura de), *Il Vaticano II fra attese e celebrazione*. Bologna: Il Mulino, 1995, pp. 29-74; VELATI, Mauro, “Un indirizzo a Roma? La nascita del Segretariato per l’unità dei cristiani (1959-1960)”, in ALBERIGO, o.cit. pp. 75-118; ou então mais particularmente sobre o papel e influência dos secretários das comissões preparatórias: SCHMIEDE, M. “Einflussreiche Drahzieher im Hintergrund. Zur Rolle der Sekretäre der Konzilskommissionen, dargestellt am Beispiel der ‘Commissio Praeparatoria de religiosis’”, in FATTORI, M.T. – A. MELLONI (eds), *Experience, Organisations and Bodies at Vatican II*. Leuven: Biblioteek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1999, pp. 419-430. Para os votos sobre os religiosos e a correspondente comissão preparatória, cfr. MARQUES, Luiz Carlos Luz, “Per il rinnovamento della vita religiosa”, in ALBERIGO, Giuseppe e Alberto MELLONI, *Verso il Vaticano II (1960-1962)*. Genova: Marietti, 1993, pp. 425-444. Burigana, no seu estudo sobre a Bíblia no Concílio, dedica um amplo capítulo à Comissão Teológica que preparou o esquema sobre as fontes da revelação: BURIGANA, Riccardo, *La Bibbia nel Concilio: La redazione della costituzione “Dei Verbum” del Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 1998, pp. 29-104. Turbanti, na sua tese dedicada à redação da *Gaudium et Spes*, consagra um estudo atento à matéria de alguns esquemas preparatórios que foram depois incorporados ao projeto de esquema sobre a Igreja no Mundo de Hoje: TURBANTI, Giovanni. *Un Concilio per il Mondo Moderno: La redazione della costituzione pastorale “Gaudium et Spes” del Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2000, pp. 23-110 e 181-262.

²⁷⁴ KOMONCHAK J., “A luta pelo Concílio durante a preparação”, in ALBERIGO, *História I*, pp. 171-354

esta demandaria, quanto pelo magro resultado que certamente daí resultaria, salvo inusitada surpresa. Uma tal surpresa não pode ser *a priori* inteiramente descartada, mesmo que seja muito pouco provável²⁷⁵.

Trabalho este de pesquisa tanto mais desalentador a se empreender, quanto dos 70 esquemas preparados por estas comissões, apenas um, o da Liturgia, conseguiu sobreviver ao impiedoso crivo da Assembléia conciliar, bastante indisposta em relação ao trabalho preparatório inteiramente dominado pela Cúria Romana e nitidamente afastado do espírito que João XXIII queria imprimir ao Concílio e que foi abraçado, logo nas primeiras semanas, pela maioria dos padres conciliares.

Salvo o esquema da Liturgia, todos os demais ou foram rejeitados pela Assembléia e despachados para serem refeitos ou soçobraram na devastadora reorganização da matéria conciliar cumprida pela Comissão de Coordenação criada ao final da I Sessão²⁷⁶ e, depois, pelo Plano Döpfner, na II Intersessão²⁷⁷. Tudo acabou sendo reduzido e, finalmente, reagrupado em 17 esquemas que resultaram nos 16 documentos finais do Vaticano II, depois que um dos esquemas, o *De Beata Maria Virgine*, tornou-se o capítulo oitavo do *De Ecclesia*. O décimo sétimo acolheu diferentes esquemas relativos à ordem econômica e social e as novas demandas que vinham do Terceiro Mundo e de setores sensíveis do episcopado europeu, tornando-se o laboratório para as muitas redações do esquema XIII que desembocou na Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje, a *Gaudium et Spes*. Sobre a constituição, além do comentário organizado por L. Baraúna²⁷⁸, no imediato pós-concílio e muitos outros enfoques parciais, veio recentemente a lume o alentado estudo de Giovanni Turbanti

²⁷⁵ *Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando, Series II (Praeparatoria)*, Typis Polyglottis Vaticanis, 1969. Esta série compreende os volumes I, II, III e IV, num total de 11 tomos.

²⁷⁶ Essa espécie de super-comissão foi anunciada na Aula Conciliar a 6 de dezembro de 1962 e estava regida pelas instruções da *Ordo agendorum tempore quod inter conclusionem primae periodi concilii oecumenici et initium secundae intercedit*. AS V/1, pp. 33-35. Vejam-se também as cartas do Cardeal Cicognani, presidente da Comissão, ao Secretário Geral do Concílio Pericle Felici, a primeira de 14-12-1962, com a lista dos membros da Comissão (AS V/1, p. 36) nomeados por João XXIII e a segunda de 21.08.1963, com os nomes dos que Paulo VI acrescentou à mesma (AS V/1, p. 37). Sobre o papel desempenhado pela Comissão, cfr. GROOTAERS, Jan, "VIII. Decide-se a sorte do Concílio na Intersessão. 'A segunda preparação e seus adversários'", in ALBERIGO, *História* II, pp. 325-442.

²⁷⁷ VILANOVA, Evangelista, "L'intersessione (1963-1964): 1. Prima fase: il lavoro conciliare a partire dal 'piano Döpfner', pp. 372-435; 2. Seconda fase: il 'piano Döpfner' e l'iniziativa di Paolo VI, pp. 436-456; 3. Ultima fase: tramonto del 'piano Döpfner', pp. 457-477", in ALBERIGO, *Storia* III, pp. 367-477. Sobre a figura conciliar do moderador Döpfner e sobre seu plano de reestruturação radical dos trabalhos conciliares, cfr. WITTSTADT, K., *Julius Kardinal Döpfner und das Zweite Vatikanische Konzil. Zum zehnten Jahrestag seines Todes am 24. Juli 1986*, Würzburg 1986, pp. 5-34; „Julius Kardinal Döpfner. Eine bedeutende Persönlichkeit eines Konzilsvaters“, in WITTSTADT, Karl und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.), *Der Beitrag der Deutschsprachigen und Osteuropäischen Länder zum Zweiten Vatikanischen Konzil*. Leuven: Bibliothek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1996, pp. 45-66

²⁷⁸ BARAUNA, L., *A Igreja no Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

acerca do laborioso itinerário da constituição, dos seus primórdios à sua promulgação na IX sessão solene, no dia anterior ao encerramento do Concílio, a 7 de dezembro de 1965.²⁷⁹

Para efeito de periodização, a fase preparatória encerrou-se com a sétima e última sessão de trabalho da Comissão Central, de 12 a 20 de junho de 1962²⁸⁰. Num balanço dos trabalhos desenvolvidos, escreve Kloppenburg:

“E assim encerrou, a Comissão Central, seus trabalhos preparatórios: um total de 70 esquemas, impressos em 119 opúsculos, com um total de 2060 páginas”.²⁸¹ Os cronistas, retidos pela lei do silêncio, deixaram de registrar um grave incidente no último dia da reunião. Quando o Cardeal Bea do Secretariado para a União aprestava-se a apresentar o esquema do Decreto acerca dos judeus, o Secretário de Estado, Cardeal Cicognani, interveio para suspender sua leitura e discussão, retirando-o inclusive, para todos os efeitos da agenda conciliar, por causa de graves incidentes diplomáticos resultantes do vazamento da notícia de que o Concílio iria tratar do tema²⁸². Até mesmo das Atas oficiais desta reunião desapareceu o esquema do Decreto, publicado anos mais tarde num dos Apêndices das *Acta et Documenta*. Ficaram registradas entretanto, no processo verbal da reunião, as explicações do Cardeal Cicognani, dizendo que eram inoportunas a apresentação e discussão do Decreto *De Iudaeis*. E se for feito um decreto para os Judeus, por que não também para os Maometanos? Mal sabia o Cardeal que na linha desta sua pergunta, chegariam diversas demandas: do Japão, pedindo que se tratasse do Budismo, da Índia, solicitando que a Igreja desse atenção ao diálogo com o Hinduísmo; do Irã, para que não descuidasse do Islamismo; da África, para que se abordasse o diálogo com as religiões tradicionais do continente! Na realidade, será este o caminho que irá trilhar o Concílio, englobando numa única Declaração, o *Nostra Aetate*, os princípios para o diálogo com as religiões não cristãs. Mas a razão de fundo era de ordem política: “Notae sunt asperae dissensiones nostri temporis inter Iudaeos et Arabes; facile exoritur suspicio de re politica; vel fovendi hanc vel illam partem; iam falsi rumores de hoc divulgantur. [...]. Quapropter proponitur ut huius Decreti ratio non

²⁷⁹ TURBANTI, Giovanni, *Un Concilio per il Mondo Moderno. La redazione della costituzione pastorale « Gaudium et Spes » del Vaticano II*. Bologna : Il Mulino, 2000.

²⁸⁰ Sobre os trabalhos da sétima e última reunião da Comissão Central, cfr. CAPRILE I/2, pp. 486-503; KLOP I, pp. 209-221.

²⁸¹ KLOP I, p. 220

²⁸² *Decretum de Iudaeis*, Typis Polyglottis Vaticanis, MCMLXII, pp. 8

habeatur in Concilio et non appareat inter Acta Concilii”²⁸³. Conclui o relator: “Ideoque disceptatio de hoc schemate habita non est”²⁸⁴.

Terminado o Concílio, o Cardeal Bea relatou o incidente daquela manhã:

“La prima ... difficoltà si presentò quando nel giugno 1962 il primo schema che era stato preparato dal Segretariato in lunghe riunioni e trattava dei soli ebrei, fu messo all’ordine del giorno dalla Commissione Centrale Preparatoria del Concilio. La notizia apparsa sfortunatamente proprio in quei giorni, che un rappresentante di alcune organizzazioni ebraiche doveva stabilirsi a Roma in connessione col Concilio Ecumenico, provocò gravi proteste dalla parte araba, tanto che si credette più prudente calmare gli animi togliendo lo schema sugli ebrei dall’agenda del Concilio”²⁸⁵.

“Em 13 de julho de 1962, João XXIII decreta que os primeiros sete esquemas com o título oficial: “Primeira série de esquemas de constituições e decretos”, fossem enviados aos Padres conciliares do mundo inteiro.

Correspondendo ao índice do volume enviado, é esta a seqüência dos esquemas recebidos pelos bispos, antes de partir para o concílio:

Esquema da constituição dogmática sobre as fontes da revelação

Esquema da constituição dogmática sobre a manutenção da fé e de sua pureza

Esquema da constituição dogmática sobre a ordem moral cristã

Esquema de constituição dogmática sobre a castidade, o casamento, a família e a virgindade

Esquema de constituição sobre a sagrada liturgia

Esquema de constituição sobre os meios de comunicação

Esquema do decreto sobre a unidade da Igreja (com a Igreja Oriental)”²⁸⁶.

“Nesse contexto, chama a atenção que o esquema que foi considerado tema central do concílio, o esquema sobre a posição dos bispos na Igreja, ainda não se fizera presente. Interpretou-se esse fato da maneira seguinte: A Cúria tentava adiar o debate sobre este tema candente. Os primeiros sete esquemas eram apenas parte dos textos elaborados nas diversas comissões. Foram elaborados ao todo 70 esquemas que, em conjunto, abarcavam mais de 2.000 páginas impressas. O arcebispo Lorenz Jäger descreve assim a

²⁸³ ADP II/4, 22-23

²⁸⁴ ibidem, 23

²⁸⁵ BEA, Augustin, *La chiesa e il popolo ebraico*, Brescia, 1966, p. 22.

²⁸⁶ WITTSTATT, Karl, “Às vésperas do Vaticano II”, in *História I*, pp. 404-405

situação: ‘O volume *Conciliarum Oecumenicorum Decreta* publicado em 1962 contém todas as resoluções de 20 concílios celebrados até agora em 792 páginas. Já uma simples comparação como esta, mostra que é impossível que o Vaticano II possa discutir e decidir sobre cada um dos esquemas preparados... Os esquemas elaborados sofrem pelo fato de que as comissões preparatórias trabalharam de maneira muito independente umas das outras, de sorte que foram inevitáveis repetições... A Comissão central não logrou eliminar as repetições que resultaram deste fato, e criar um todo homogêneo dos dados diversificados sobre o mesmo assunto^{287,288}.

Nesta longa fase de pesado segredo sobre as atividades das comissões preparatórias e de resultados que se revelaram decepcionantes, os que mantiveram acesa a chama do Concílio na opinião pública externa e na vida interna da Igreja foram João XXIII e o Cardeal Bea, pela novidade e o interesse suscitados pelo esforço ecumênico. De outro lado, o pulular de congressos, estudos, publicações sobre o grande tema dos Concílios e do seu papel na vida da Igreja mantinha o debate nos meios acadêmicos e entre um segmento tanto de leigos/as, como de religiosos/as empenhados em acompanhar e, se possível, contribuir com o desenrolar do Concílio. Caprile oferece uma resenha cuidadosa desta atividade, tendo por tema o Concílio, assim como do enorme interesse que suscitavam as iniciativas do Secretariado pela União dos Cristãos, as viagens e conferências do Cardeal Bea. Aos oitenta anos, Bea conheceu uma inusitada primavera, com surpreendentes iniciativas e paciente e laborioso esforço para suscitar e costurar um novo tecido de relações ecumênicas entre o vértice da Igreja Católica e as outras igrejas cristãs²⁸⁹ e de estabelecer pontes para um diálogo com os judeus e com os muçulmanos, por causa dos tumultos e protestos gerados pelo incipiente diálogo religioso entre judeus e católicos²⁹⁰. Dedicou-se, com afinco, à tarefa de trazer para dentro do Concílio, sob a engenhosa categoria de “observadores”, membros de outras igrejas cristãs tanto da ortodoxia, como

²⁸⁷ Wolfgang Zeibel, *Zwischenbilanz zum Konzil. Berichte und Dokumente des deutschen Bischöfe*. Recklinghausen, 1963, 161 s (De um artigo do arcebispo de Paderborn, Dr. Lorenz Jäger, “Die erste Periode des Zweiten Vatikanisches Konzils), citado por Wittstatt, *ibidem*, p. 405, nota 22.

²⁸⁸ WITTSTATT, *ibidem*, p. 405

²⁸⁹ Velati estudou acuradamente o que apelidou de a “difícil transição” do catolicismo do unionismo para o diálogo ecumênico, onde João XXIII, Bea, o Secretariado para a União dos Cristãos e o Concílio ocupam o primeiro plano: VELATI, Mauro, *Una difficile transizione. Il cattolicesimo tra unionismo e ecumenismo (1952-1964)*. Bologna: Il Mulino, 1996. Cfr. Também: VELATI, M., *Christianity and churches on the eve of Vatican II*, in «CrSt» 12 (1991), pp. 165-175.

²⁹⁰ BEOZZO, José Oscar, “A postura do mundo judeu: o judaísmo, um tema não previsto”, in ALBERIGO, *História I*, pp. 387-88. Cfr. igualmente, “João XXIII e os judeus”, *ibidem*, pp. 388-390; “As iniciativas de Jules Isaac”, *ibidem*, pp. 390-91; “O horizonte político do debate”, *ibidem*, pp. 390-91. A respeito do mundo islâmico, cfr. “A postura do mundo muçulmano”, *ibidem*, pp. 383-384; “Os católicos perante o mundo muçulmano”, *ibidem*, pp. 384-387.

das antigas igrejas orientais, dos protestantes e dos dissidentes do Concílio Vaticano I, como os Vétero Católicos.

João XXIII, ao lado de uma quotidiana atenção ao Concílio, tema constante de suas alocuções, audiências, escritos que somam 225 intervenções recolhidas e publicadas para o período entre o início da fase preparatória (05-06-1960) e as vésperas do Concílio (10-10-62)²⁹¹, consagra alguns momentos privilegiados ao Concílio, no sentido de aprofundar e reafirmar sua intuição primeira e de orientar as atividades preparatórias. Sobressaem-se entre estes, a Alocução *Ad Commissionum Praeparatariorum Sodales et Consultores*, na inauguração dos trabalhos das Comissões Preparatórias, a 14 de novembro de 1960²⁹²; a Bula de indicação do Concílio, *Humanae Salutis*, no Natal de 1961 ; a carta pessoal, *Ommes sane* de 15 de abril de 1962 dirigida a todos os bispos convidados para o Concílio²⁹⁴; a Carta Apostólica, *Oecumenicum Concilium*, por ocasião da Páscoa de 1962²⁹⁵; a encíclica *Poenitentiam agere*, dirigida, a 1º de julho de 1962, aos sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas, convidando-os à conversão e à oração em vistas do Concílio²⁹⁶; a Carta Apostólica “*Appropinquante Concílio*”, de 06 de agosto de 1962, em que são estabelecidas as normas para a celebração do Concílio, ou seja, o seu Regulamento²⁹⁷; a importantíssima Mensagem Radiofônica, a apenas um mês da abertura do Concílio, a 11 de setembro de 1962²⁹⁸.

Diante deste pessoal e vigilante empenho do Papa, em favor da boa preparação do Concílio, Alberigo comenta:

“Enfim no Natal de 1961, foi publicada a Constituição Apostólica que convocou o Concílio Vaticano II, para o ano seguinte, 1962. Nela, João XXIII tomava as devidas distâncias das “almas desconfiadas, que não vêem outra coisa sobre a face da terra a não ser sombras [...]. Aliás, tornando nossa a recomendação de Jesus de saber distinguir os ‘sinais dos tempos’(Mt 16,4), parece-nos entrever, em meio a tantas sombras, não

²⁹¹ ADP II/1 – *Acta Summi Pontificis Ioannis XXIII*. Romae: Typis Poliglottis Vaticanis, MCMLXIV.

²⁹² JOÃO XXIII, *Ad Commissionem Praeparatariorum Sodales et Consultores* (14 nov. 1960). ADP II/1, 32-41. Tradução portuguesa: KLOP I, 61-67

²⁹³ JOÃO XXIII, *Constitutio Apostolica “Humanae Salutis”* (25 dec. 1961). ADP II/1, 132-143. Tradução portuguesa: KLOP I, 83-88

²⁹⁴ JOÃO XXIII, *Ad Ecclesiae Episcopos Epistula*, ADP II/1, 213-2”18. Tradução portuguesa: KLOP II, 287-291

²⁹⁵ JOÃO XXIII, *Epistula Apostolica “Oecumenicum Concilium”* (28 apr. 1962). ADP II/1, 224-229. Tradução portuguesa: KLOP I, 99-102

²⁹⁶ JOÃO XXIII, *Litterae Encyclicae “Poenitentiam agere”* (1 jul. 1962). ADP II/1, 275-283. Tradução portuguesa: KLOP II, 292-298.

²⁹⁷ JOÃO XXIII, *Litterae Apostolicae “Appropinquante Concílio”* (6 aug. 1962), ADP II/1, 306-325, Tradução portuguesa: KLOP II, 271-286

²⁹⁸ JOÃO XXIII, *Nuntius Radiophonius* (11 sept. 1962). ADP II/1, 348-354. Tradução portuguesa: KLOP II, 299-305

poucos indícios que nos tornam esperançosos acerca do destino da Igreja e da humanidade”. Nesta perspectiva, “acolhendo como vinda do alto uma voz íntima do nosso espírito”, ele havia considerado maduros os tempos “para oferecer à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo Concílio”²⁹⁹.

“Especificamente sobre a dimensão ecumênica do Concílio, o Papa continuava a deixar mais do que patente o seu apaixonado interesse pelo tema, não só mediante as muitas referências que fazia em seus discursos e por meio da criação de um secretariado específico para tratar do assunto, mas também autorizando o referido secretariado a ir além da explícita formulação da *Superno Dei Nutu* e a preparar textos sobre os temas centrais do ecumenismo. Todavia, ele parece não ter respondido com muita eficácia, quando foram expressas críticas sobre sua falta de sensibilidade ecumênica durante os trabalhos preparatórios”³⁰⁰.

Permanecia um ponto particularmente espinhoso: o daqueles que, na burocracia interna do Vaticano, nas comissões preparatórias e nas universidades romanas opunham-se à linha de abertura e diálogo inaugurada pelo Papa. Às vésperas do Concílio, multiplicaram-se indícios de que este grupo não cederia espaço para a nova orientação. Encaixam-se aí a Constituição Apostólica *Veterum Sapientiae* de 22 de fevereiro de 1962, que reiterava a obrigação do latim não só na liturgia mas também nos estudos eclesiásticos, além do próprio Concílio; o *Monitum* do Santo Ofício contra as obras de Teilhard de Chardin, publicado no início de julho de 1962.

“Esse ato foi interpretado como hostil a muitos teólogos – a começar por Henri de Lubac -, que sempre defenderam a ortodoxia desse sacerdote francês. O Santo Ofício, por sua vez, reafirmava a sua ‘suprema’ autoridade e, conseqüentemente, era atingida a confiança do episcopado nos propósitos renovadores do Papa.

[...] O Papa desejava que os vários órgãos da Santa Sé se empenhassem em preparar o Concílio, conformando-se à orientação por ele sugerida. Ao invés disso, a Comissão Bíblica, presidida pelo Cardeal Tisserant, estava apoiando atos desfavoráveis a exegetas equilibrados e abertos, trazendo discordâncias para dentro de um dos movimentos mais ricos da Igreja, o Movimento Bíblico, chamado a dar uma contribuição de primeiro plano à renovação conciliar. João XXIII, em vista disso, encontra-se na obrigação de fazer uma intervenção severa, documentada em uma carta ao secretário de Estado, datada de 21 de maio de 1962.

²⁹⁹ ALBERIGO, Giuseppe, *Angelo José Roncalli, João XXIII*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 195

³⁰⁰ *ibidem*, p. 198

Essa carta chegava a levantar a hipótese de se dissolver a comissão:

“Ou a Comissão Bíblica se move, trabalha e dá frutos, sugerindo ao Santo Padre iniciativas consentâneas às exigências do momento atual, ou então ela será dissolvida, cabendo à autoridade superior providenciar *in Domino* à* (à ou a ?) sua reconstituição. De qualquer forma, é preciso absolutamente acabar com a impressão de incerteza aqui e ali, a qual não honra ninguém, e de temor quanto a posições claras que é preciso tomar em face de certas idéias de pessoas ou de escolas [...]; seria motivo de grande consolação, se fosse possível, mediante a preparação do Concílio Ecumênico, chegar a uma Comissão Bíblica de tal ressonância e dignidade que se torne um ponto de referência e de respeito para todos os nossos irmãos separados, os quais, ao abandonarem a Igreja católica, refugiaram-se em busca de proteção e salvação sob as sombras do Livro Sagrado, lido e interpretado de várias maneiras”³⁰¹.

No dia mesmo de sua Radio Mensagem de 11 de setembro de 1962, João XXIII abria sua alma, no seu Diário íntimo, meditando sobre o caminho percorrido nos pouco mais de três anos de pontificado. Ele faz um resumo das graças recebidas: “primeira graça: o ter aceito com simplicidade a honra e o peso do pontificado, com a alegria de poder dizer que nada fiz para provocá-lo [...]; segunda graça: fazer com que me pareçam simples e de imediata execução algumas idéias para nada complexas, aliás, simplicíssimas, mas de grande alcance e de responsabilidade perante o futuro, e que tiveram imediato sucesso. São admiráveis estas expressões da Bíblia: Acolher as boas inspirações do Senhor, com simplicidade e confiança! (Prov. 10.9)”³⁰².

Passa então à evocação de como lhe veio a inspiração do Concílio e, com esta citação na linguagem simples e direta de João XXIII, mantida na sua língua materna, encerra-se este capítulo sobre a fase preparatória:

“Senza averci pensato prima, metter fuori in un primo colloquio col mio Segretario di Stato, il 20 gennaio 1959, la parola di Concilio Ecumenico, di Sinodo Diocesano e di ricomposizione del Codice di Diritto Canonico, senza aver mai pensato e contrariamente ad ogni mia supposizione o immaginazione su questo punto.

Il primo ad essere sorpreso di questa mia proposta fui io stesso, senza che alcuno mai me ne desse indicazione.

E dire che tutto poi mi parve così naturale nel suo immediato e continuo svolgimento.

³⁰¹ ibidem, pp.206-207

³⁰² ibidem, pp. 210-211

Dopo tre anni di preparazione, laboriosa certo, ma anche felice e tranquilla, eccoci ormai alle falde della santa montagna”³⁰³.

³⁰³ RONCALI, Angelo Giuseppe/Giovanni XXIII, *Il Giornale dell'Anima. Diari e scritti spirituali*. Edizione critica ed annotazione a cura di Alberto Melloni. Bologna: ISR, 1987, 763-764.

II. O CONCÍLIO: 1962-1965

II.1. O CONCÍLIO: EVENTO POLÍTICO-RELIGIOSO

Por mais que o Papa João XXIII buscasse, em seu pontificado, uma prudente distância e uma marcada reserva no trato com o mundo político mormente da Itália, o Concílio arrastava consigo, evidentemente, uma forte dimensão política. Esta decorria entre outras causas, da singular situação da Santa Sé, uma figura de direito público internacional que fala pela Igreja Católica e, ao mesmo tempo, um Estado (Estado Cidade do Vaticano), ainda que minúsculo e *sui generis*. O Vaticano mantém relações diplomáticas com outros estados nos cinco continentes³⁰⁴; é membro de praticamente todas as grandes organizações internacionais de caráter governamental³⁰⁵ ou não governamental³⁰⁶ e goza de *estatuto*, igual ao da Suíça, de *observador permanente* nas Nações Unidas.

Essa dimensão política perpassou cada passo da preparação do Concílio, mormente no esforço empreendido pessoalmente pelo Papa, para tornar possível a vinda

³⁰⁴Ao momento do Concílio, a Santa Sé mantinha relações diplomáticas plenas com 31 Estados; Delegações Apostólicas (Canadá, Grã Bretanha, México e Estados Unidos) e treze outras formas de representação sem caráter diplomático, dependentes seja da Congregação para as Igrejas Orientais (Jerusalém e Palestina, Iraque), seja da *Propaganda Fidei* (países da África, Ásia, mas também a Escandinávia). Atualmente, a Santa Sé mantém relações diplomáticas com 164 países e representação junto aos seguintes organismos internacionais: ONU – Núncio Apostólico – Observador permanente; Agências das Nações Unidas em Genebra – Observador Permanente; Agência Internacional de Energia Atômica AIEA – Viena; Agências das Nações Unidas em Viena; Organização das Nações Unidas para o desenvolvimento industrial – ONUDI – Viena; Organizações e Organismos das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO, IFAD, PAM, CMA – Roma; Organização para as Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO – Paris; Conselho da Europa – Estrasburgo; Conselho para a Cooperação Cultural do Conselho da Europa – Estrasburgo; Organização dos Estados Americanos – Washington; Organização Mundial do Turismo – OMT – Roma; Comitê Internacional de Medicina Militar.

³⁰⁵O Estado Cidade do Vaticano é membro regular das seguintes organizações internacionais: União Postal Universal; União Internacional de Telecomunicações; Conselho Internacional do Trigo; Organização Mundial da Propriedade Intelectual; Organização Internacional de Comunicações por Satélite – IINTELSAT; Conferência Européia das Administrações dos Correios e Telecomunicações (CEPT); Organização Européia de Telecomunicações por Satélite (EUTELSAT); Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado

³⁰⁶Organizações internacionais não governamentais com representação permanente da Santa Sé: Comitê Internacional de Ciências Históricas; Comitê Internacional de Paleografia; Comitê Internacional de História da Arte; Comitê Internacional de Ciências Antropológicas e Etnográficas; Comitê Internacional para a Neutralidade da Medicina; Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauração de Bens Históricos; Conselho Internacional de Monumentos e Lugares; Aliança Internacional do Turismo; Associação Mundial dos Juristas; O Estado da Cidade do Vaticano é membro regular dos seguintes organismos internacionais não governamentais: União Astronômica Mundial; Instituto Internacional de Ciências; Administrativas: Instituto Técnico Internacional de prevenção e extinção do fogo; Associação Médica Internacional; Conselho Internacional dos Arquivos

dos bispos que se encontravam em países situados, como se dizia na época, do outro lado da *cortina de ferro*, referindo-se aos países do leste europeu, ou do outro lado da *cortina de bambu*, para designar a República Popular da China³⁰⁷. Este esforço implicou em contatos diretos com a antiga URSS e, obtido o seu beneplácito com os demais países do leste europeu, todos países com os quais a Santa Sé não mantinha relações diplomáticas. João XXIII, dada a delicadeza do assunto, não se serviu do caminho normal da Secretaria de Estado, mas sim de um velho amigo pessoal, Mons. Francesco Lardone, que servia em Istambul, no mesmo posto que havia ocupado o próprio Roncalli, por dez anos, como delegado apostólico na Turquia (1935-1944)³⁰⁸. Ali, o embaixador soviético Rijov, tendo consultado Moscou, deu o sinal verde para as sondagens junto às Embaixadas dos demais países do leste europeu: Hungria, Checoslováquia, Polónia, Alemanha Oriental, Romênia, Bulgária, Lituânia. Assim, à abertura do Concílio, compareceram diversos bispos destes países, alguns saindo diretamente da prisão domiciliar para o trem que os conduziria a Roma. Essa mesma política prudente e serena permitiu, meses depois, que o Arcebispo Josyf Slipyi partisse de um campo de trabalhos forçados na Sibéria e viesse tomar parte no Concílio, graças aos bons ofícios da Igreja Ortodoxa Russa que enviara, na última hora, dois observadores para o Concílio³⁰⁹.

Para a China, a Santa Sé valeu-se dos bons ofícios da RAU (República Árabe Unida), por intermédio do Coronel Nasser, do Egito, mas nada se conseguiu³¹⁰. Novo

³⁰⁷ Dois livros recentes mergulham, com competência, na intrincada cena política internacional, relacionando-a, de um lado, com o evento conciliar e, de outro, com o lento estruturar-se da assim chamada *Ostpolitik* da Santa Sé: MELLONI, Alberto. *L'altra Roma. Política e S. Sede durante il Concilio Vaticano II (1959-1965)*. Bologna: Il Mulino, 2000; CASAROLI, Agostino, *Il martirio della pazienza. La Santa Sede e i paesi comunisti (1963-89. Introduzione di Achille Silvestrini)*. Torino: Einaudi, 2.000

³⁰⁸ Para os anos de Roncalli, como delegado apostólico em Istambul, cfr. HEBBLETHWAITE, Peter. *John XXIII, the Pope of the Council*. London: Geoffray Chapman, 1984, pp. 143-198 e o primoroso estudo de MELLONI, Alberto, *Fra Istanbul, Atene e la guerra. La missione di A.G. Roncalli (1935-1944)*. Bologna: Il Mulino, 1991

³⁰⁹ Um dos sinais do degelo foi a libertação de Mons. Josyf Slipyi.: “Com 71 anos de idade, Dom Josyf Slipyi é o único sobrevivente da hierarquia católica de rito bizantino na Ucrânia. Preso pelos comunistas no dia 11 de abril de 1945, julgado sumariamente, ele foi enviado à Sibéria, aí permanecendo 10 anos. Libertado em 1955, foi preso novamente e depois obrigado a residir numa aldeia perto de Moscou. Acusado de ter tentado restabelecer contato com seu clero e escrito, sem licença das autoridades soviéticas, cartas pastorais aos seus fiéis, foi preso mais uma vez em 1957 e deportado para a Ásia. Em 1961 recebeu a proposta de pode reocupar a sua sede episcopal e até mesmo de suceder ao patriarca Alexis como chefe espiritual da Igreja ortodoxa russa, com a condição de romper com Roma. D. Josyf Slipyi não só recusou como dirigiu um protesto solene ao governo de Moscou. [...] no dia 26 de janeiro [1963] chegou a Roma, de Moscou, um telegrama anunciando que D. Josyf Slipyi havia deixado a Sibéria e encontrava-se em Moscou. D. Willebrands, membro do Secretariado Ecumênico encarregado dos assuntos referentes à união dos cristãos, foi ao seu encontro em Moscou para conduzi-lo a Roma, via Viena. Sua Santidade João XXIII, recebeu D. Josyf Slipyi no Vaticano, e chorou de emoção ouvindo a narrativa do prelado sobre os 18 anos passados nos campos de concentração da Sibéria”. BCEF, nº 4, p. 56

³¹⁰ BEOZZO, José Oscar in ALBERIGO, *História I*, A postura do arquipélago marxista pp. 392-395, bispos e observadores do leste, 396; os observadores russos, 397; ALBERIGO, *História II*, pp. Uma nova política para o leste, pp. 505-510; Nikolaj A. KOVALSKIJ, “Die Bedeutung des II. Vatikanums für die

intento, igualmente, sem resultados, foi realizado por Paulo VI, em 1965, através da Embaixada da França em Pequim, valendo-se dos bons ofícios de Antoine Wenger, diretor do jornal *La Croix de Paris*.³¹¹

Não escapou aos observadores mais atentos da cena internacional que o Concílio se inseria num quadro ainda crítico das relações internacionais, mas aonde a *coexistência pacífica*, passava a ser uma aspiração comum nas relações entre leste e oeste. Por outro lado, o próprio Concílio era um fator altamente dinâmico e positivo no caminho da distensão política³¹². O que se estudou menos é que este período de distensão leste-oeste coincidiu com um agravamento dos conflitos norte-sul, em todos os quadrantes: na Ásia, com a guerra do Vietnã, a partir do incidente forjado do golfo de Tonkin; na África, com as lutas pela independência e a guerra anti-colonial da Argélia e a da secessão do Katanga, no ex-Congo belga; na América Latina, com o pipocar, umas após as outras, das ditaduras militares. Charles Antoine, por mais de vinte anos à frente do boletim semanal DIAL (*Diffusion de l'Information sur l'Amérique Latine*), acaba de publicar uma penetrante análise, infelizmente ainda não traduzida, sobre a Igreja na América Latina, em meio à tempestade da *guerra fria*, na realidade, muito *quente*, para os setenta mil mortos da guerra de baixa intensidade em El Salvador, os milhares de mortos da Nicarágua e Guatemala, os 20.000 desaparecidos da guerra suja na Argentina e os mais de três mil mortos do período Pinochet no Chile³¹³. Trinta anos antes, o mesmo autor, brindara um estudo pioneiro sobre o primeiro lustro do regime militar no Brasil, nas suas relações com a Igreja, entre 1964 e 1969³¹⁴.

A crise dos mísseis de outubro de 1962 deixou claro como podia ruir, num incidente internacional, todo o edifício da distensão leste-oeste, pelo confronto entre a URSS e os Estados Unidos da América, via terceiros países, naquele caso, Cuba. A guerra

Normalisierung der Beziehungen zwischen dem Vatikan und Russland”, in WITTSTADT, Karl und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.), *Der Beitrag der Deutschsprachigen und Osteuropäischen Länder zum Zweiten Vatikanischen Konzil*. Leuven: Bibliotheek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1996, pp. 211-224.

³¹¹ “La Croix ne me fit pas quitter la Russie, bien au contraire. [...] Voyageur heureux, j’ai pu traverser la Russie de part en part, par le transsibérien Moscou-Pékin em 1965, l’année avant la Révolution culturelle. J’avais pour mission de dire à qui de droit, par la voie que l’ambassadeur de France en Chine, M. Paye, jugerait adéquate, que Paul VI désirait vivement la présence d’un évêque de Chine à la quatrième et dernière session du concile Vatican II. Tentative demeurée sans succès”. WENGER, Antoine, *Catholiques en Russie d’après les Archives du KGB – 1920-1960*. Paris, Desclée de Brouwer, 1998, p. 10.

³¹²FRANK, Robert, “Vatican II entre guerre froide et détente (1962)”, in FOUILLOUX, É. (ed. par), *Vatican II commence ... approches Francophones*, Leuven, 1993, pp. 3-13

³¹³ANTOINE, Charles, *Guerre Froide et Église Catholique – L’Amérique Latine*. Préface de Claude Julien. Paris: Cerf, 1999.

³¹⁴ANTOINE, Charles, *L’Église et le Pouvoir au Brésil – Naissance du Militarisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 1971

fria no norte do mundo, tornava-se guerra quente no sul, e a distensão da coexistência pacífica, virava violentos e sangrentos conflitos armados no restante do Terceiro Mundo.

Assim, pois, o quadro da solene abertura do Concílio, onde ao cortejo dos bispos e observadores de outras igrejas cristãs, juntou-se também o desfilar das delegações diplomáticas, revelava esta outra dimensão do Concílio.

As Atas Conciliares registram um vistoso número de delegações oficiais, sob o título de *Legationes extra ordinem a Guberniis et Consiliis Internationalibus Missae*, incluindo países e também organismos regionais ou internacionais como o Conselho da Europa, a CECA (Communauté Euroéenne du Charbon e de l'Acier), a CEE (Communauté Économique Européenne), EURATOM (Communauté Européenne de l'Énergie Atomique), OCED (Organisation de Coopération et de Développement Economique), UNESCO (Organisation pour l'Éducation, la Science et la Culture). 78 países enviaram suas delegações, mesmo dentre aqueles que não mantinham relações diplomáticas com a Santa Sé, mostrando que o Concílio ultrapassava estes limites e era colhido como evento internacional de primeira importância. A Soberana Ordem de Malta ali estava também com sua legação³¹⁵.

O Brasil enviou uma delegação composta pelo senador Afonso Arinos de Mello Franco, ex-Ministro das Relações Exteriores, pelo Embaixador do Brasil junto à Santo Sé, Henrique de Souza Gomes e pelo intelectual católico, o professor embaixador Alceu de Amoroso Lima, literariamente mais como conhecido como Tristão de Athayde³¹⁶.

Este último narra, para sua filha, Maria Tereza, monja beneditina de clausura, no Mosteiro de São Paulo, a quem escrevia diariamente, os percalços por ele sofridos, entre o convite do governo para que fizesse parte da delegação e as incertezas que perduraram até o dia anterior ao embarque para a Itália. Depois do convite, havia irrompido a grave crise política de agosto/setembro de 1962 e, uma vez superada, seguiu pairando a incerteza por conta da falta de verba para pagar os gastos da delegação!

A crise, com risco de golpe, só foi desatada em meados de setembro, com a decisão de se convocar um plebiscito para 06 de janeiro de 1963. Neste plebiscito devia-se decidir se o regime voltava a ser presidencialista ou continuava parlamentarista. O parlamentarismo havia sido a condição imposta pelo Alto Comando Militar, para que o

³¹⁵Sobre a Soberana Ordem de Malta, observa Alceu Amoroso Lima em carta à sua filha Teresa: “Chegamos ao Vaticano com antecedência, de modo que entramos com facilidade e assistimos à entrada de quase todas as delegações estrangeiras e das personalidades como o Presidente da Itália, o irmão do rei da Bélgica [...], o Grão Mestre da Ordem de Malta, que tem honras de soberano embora exilado e... ridículo (aos olhos deste inveterado plebeu...)” Carta de AALima à Maria Teresa A. Lima, Roma 13-10-1962, in LIMA, Alceu Amoroso, *João XXIII*, p. 86

³¹⁶AS I/1, 179

vice-presidente João Goulart retornasse ao país e sucedesse a Jânio Quadros que renunciara a 24 de agosto de 1961.

Sobre a sua ida à Roma escreve, a 05 de agosto de 1962, o Dr. Alceu à sua filha:

“ Peço-te que reze muito especialmente durante este mês para que Nosso Senhor ilumine os homens de que dependem os destinos políticos deste país, para que não percam a cabeça e saibam não ouvir a voz dos irredutíveis, dos ‘zelotas’, dos intransigentes, dos que acham que se a Câmara ceder está tudo perdido (dizem os direitistas), e se a Câmara não ceder, é preciso fechá-la (dizem os esquerdistas)

... não faço prognósticos, mas quero deixar aqui consignado para você o que a meu ver deve ser feito: um acordo prévio cedendo cada parte um pouco. Será um adiamento do problema, é o grande argumento dos extremistas.

Na realidade é a única solução racional, na linha do nosso passado, do nosso temperamento, e do mal menor, pois toda solução extrema, no momento, pode desencadear a guerra civil ou degenerar em ditadura como na Argentina, no Peru, no Equador o em Cuba.

Não há problema que não seja *adiável*, já que não há problema *humano* que seja resolvido em definitivo.

... Tudo em suspense, pois, até que se decida esta crise política. Por isso mesmo não convém falar nada a respeito da ida a Roma. Mesmo porque ainda não saiu nenhum ato oficial, nem poderá vir nesta semana em que se está decidindo o destino político do Brasil, por algum tempo, ao menos. E o caso de ir ou não ao Concílio, de uma Delegação brasileira é secundário...

Embora, o Concílio, em si, seja infinitamente mais importante do que os destinos políticos do Brasil. Desde o Concílio de Jerusalém quantas centenas de gerações já morreram ou nasceram? E quantos milhares de regimes políticos já se fizeram e desfizeram?

De modo que o Concílio, esse, está infinitamente para lá dessas migalhas políticas”³¹⁷.

A um dia da partida do vapor *Giulio Cesare* para a Europa, volta a escrever para a filha:

“Parece que desta vez vai mesmo... Embora o ato oficial de designação ainda esteja nas gavetas do Itamarati. É exato. Parece que o Afonso [Arinos de Mello Franco]

³¹⁷Carta de A.A. Lima a Maria Teresa A. Lima. Rio de Janeiro, 05-08-1962, o. cit. p. 76

não quis referendá-lo, por se tratar da designação também dele próprio. Depois veio a crise, e o novo Ministro do Exterior, o Hermes Lima, que é também Primeiro Ministro, só segunda-feira vem ao Rio! Mas agora, com chanceler ou não (aliás é simples formalidade e já veio mesmo de Brasília a autorização para ausentar-me que espero que o Itamarati comunique à Faculdade. Tudo na última hora, bem à brasileira!)... acho que vamos mesmo!

A representação acabou sendo a primeira indicada e que era a lógica: o Afonso, ex-ministro mas provavelmente novo Ministro do Exterior, o Embaixador no Vaticano [Henrique de Souza Gomes] e o Degas”³¹⁸.

Se do lado da delegação oficial, o atropelo e a improvisação, a insegurança econômica e a incerteza política coexistem com a decisão de partir, o mesmo acontece com os Bispos, igualmente inquietos com a situação política - o que será a regra durante os quatro anos, mormente em 1963 e 1964 - e preocupados, pastoralmente, por ausentarem-se, todos ao mesmo tempo, de suas dioceses ou prelazias. Economicamente, irão depender ao longo dos quatro anos, do Governo brasileiro, para a viagem de avião do Rio para Roma e, da Santa Sé, para a hospedagem nos meses do Concílio.

Alguns bispos vão, mas voltam imediatamente, como foi o caso do Cardeal Motta de São Paulo que ficou apenas duas semanas em Roma, durante o I Período conciliar.

Do ponto de vista oficial, houve também troca de mensagens entre o presidente do Brasil, João Goulart, e o Papa João XXIII:

Ao papa, o presidente escreveu:

“Santíssimo Padre. Na oportunidade da abertura dos trabalhos do Concílio Ecumênico, venho respeitosamente me dirigir a Vossa Santidade, em nome do Povo brasileiro e no meu próprio apresentando os votos de pleno êxito nessa tarefa de tão alto sentido para os interesses da Comunidade cristã e para a solução dos graves problemas com que se defronta a humanidade nos tempos tormentosos em que vivemos. O Brasil, sempre presente nos esforços para assegurar a concórdia entre as Nações com a reparação das injustiças de ordem econômica e social infelizmente ainda prevalentes em largas regiões do Globo, acompanhará com o máximo interesse as atividades do Concílio Ecumênico, certo de que os eminentes prelados saberão encontrar como conclusão para seus debates a mensagem de conforto, esperança e realismo que nunca faltaram aos

³¹⁸Carta de A.A. Lima a Maria Teresa A. Lima. Rio de Janeiro, 21-09-1962, o. cit. p. 80

pronunciamentos da Santa Madre Igreja. O Episcopado brasileiro transmitirá a Vossa Santidade o pensamento, as preocupações e os anseios católicos do Brasil. Seu contacto permanente com o povo deste país tornaram-no particularmente credenciado para a apresentação da ação que a Igreja vem empreendendo no Brasil. O progresso do nosso país e a vida do nosso povo alicerçam-se nos princípios da Doutrina Cristã, cuja observância muito ode contribuir para a harmonia social e a paz na comunidade das Nações. Aproveito a oportunidade para manifestar os sinceros votos que faço pela prosperidade de Seu Pontificado e pela felicidade pessoal de Vossa Santidade”³¹⁹.

João XXIII respondeu imediatamente ao Presidente: “Agradecemos de todo coração, a devota e filial mensagem de V. Excia. em seu nome e no do povo brasileiro, por ocasião da abertura solene do Concílio Ecumênico, mensagem na qual V. Excia. manifesta votos de que o espiritual e primeiro escopo do Concílio, redunde em frutos de harmonia social e de paz para a comunidade das nações. Desejando toda prosperidade a essa dileta Nação que se acha tão bem representada pelo Episcopado na grande Assembléia Ecumênica, concedemos a V. Excia. e a todo o povo brasileiro o penhor de abundantes graças celestes e nossa paterna Bênção Apostólica”³²⁰.

A 03 de janeiro de 1963, o Núncio Dom Armando Lombardi entregou, pessoalmente, ao Presidente uma carta em latim, autografada por João XXIII, em que este voltava a agradecer a mensagem presidencial por ocasião da abertura do Concílio:

“A nobilíssima carta que V. Excia. nos enviou, no dia da instalação do II Concílio Ecumênico do Vaticano, põe em relevo a grande expectativa com que aguardavam seus concidadãos a magna reunião que, se visava primordialmente à expansão da Igreja Católica, não poderia, entretanto estar alheia aos graves problemas relacionados com a prosperidade das nações. Como V. Excia. poderá imaginar, recebemos com grande prazer uma carta portadora dos sentimentos de V. Excia. E de seu povo. Diante de tão profunda manifestação de respeito e espírito religioso com que V. Excia. encara seus altos encargos, queira aceitar o testemunho de nossa benevolência; rogamos igualmente a Deus, distribuidor de todos os bens, que sempre assista a V. Excia. e conceda os dons de verdadeira prosperidade à sua Pátria, a nós tão cara. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 20 do mês de novembro do ano de 1962, quinto do nosso Pontificado. a. João XXIII, Papa”³²¹.

³¹⁹KLOP II, 388

³²⁰KLOP II, 388-89

³²¹KLOP II, 389

O Governador Carvalho Pinto, do Estado de São Paulo enviou igualmente telegrama, dizendo que da profunda simpatia do povo e do Governo de São Paulo pelo Concílio, acrescentando: “Todos os que aqui vivem e alcançam a importância do histórico acontecimento, fazem os mais sinceros votos pelo êxito do Concílio Ecumênico, signo de paz e união para a angustiada humanidade do século XX”³²².

O Instituto Brasileiro do Café, que estava ofertando gratuitamente todo o café a ser servido aos padres conciliares durante o desenrolar do Concílio, divulgou os termos do agradecimento do Papa ao Instituto, em comunicado oficial: “Em mensagem dirigida aos senhores Henrique de Souza Gomes, Embaixador do Brasil ante a Santa Sé e Alfredi Osmar Allen, chefe do escritório do Instituto Brasileiro do Café na Itália, o Sumo Pontífice comunica haver ficado profundamente sensibilizado com o gesto do governo brasileiro, em oferecer café aos milhares de Bispos presentes no Concílio”³²³.

A passagem de Alceu Amoroso Lima, durante as primeiras semanas do Concílio ficou registrada no seu livro sobre João XXIII, onde são reproduzidos extensos trechos das cartas que diariamente escrevia à sua filha Maria Tereza (Tuca)³²⁴.

Do episódio da abertura do Concílio pode-se tirar a conclusão de que as relações entre a Santa Sé e o Brasil viviam um excepcional momento de fluidez, de trocas de favores e gentilezas recíprocas, graças certamente à atuação do Núncio Dom Armando Lombardi em estreita ligação com a CNBB e seu secretário geral, D. Helder Camara. Graças também à figura de Juscelino Kubitschek em cujo governo a CNBB esteve associada a muitas iniciativas como a da criação da SUDENE, aos planos de desenvolvimento do Vale do São Francisco ou do Vale Amazônico. Muitas das verbas alocadas para estes planos, no campo da saúde ou da educação, foram de fato carregadas para instituições católicas que prestavam serviços nestas áreas. A polêmica construção de Brasília recebeu não discreto apoio do então presidente da CNBB (1952-1958 e 1963-1964) Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que foi celebrar missa no início dos trabalhos de construção da cidade. Por outro lado, o Governo, via Companhia Siderúrgica Nacional, doou todo o aço para a construção da torre de 100 metros de altura da Basílica Nacional de N.S. Aparecida e mantinha um generoso fluxo de verbas federais para as universidades e o sistema de ensino médio católicos, para as obras sociais e para as missões da região amazônica, através dos vôos da FAB. No breve governo de Jânio Quadros, foram

³²²KLOP II, 389

³²³KLOP II, 390

assinados os convênios entre a CNBB e o MEC, relativos aos trabalhos de educação de base do MEB, para a expansão da rede de ensino por intermédio das rádios das dioceses ou paróquias, no nordeste, norte e centro-oeste do país. Franco Montoro, Ministro do Trabalho do Governo João Goulart, trabalhou a quatro mãos com D. Helder e D. Eugênio de Araújo Sales no projeto de lei que autorizava os sindicatos rurais e a Igreja do Nordeste recebeu verbas para o treinamento de lideranças rurais que pudessem organizar estes sindicatos contrapondo-se às Ligas Camponesas de Francisco Julião. Figuras como o Pe. Melo e o Pe. Crespo em Pernambuco são frutos, deste empenho da Igreja na sindicalização rural, mas também do respaldo financeiro governamental para estas iniciativas.

Havia, neste sentido, troca de favores entre o Estado e a Igreja, dentro dos quais se insere, a ida dos Bispos para o Concílio, às expensas do erário público. Essas relações definidas na Constituição de 1934 e depois de 1946, como de *cooperação para o bem comum*, beiravam por vezes, a uma certa promiscuidade, distante do ideal republicano de separação entre a Igreja e o Estado, prejudicial à laicidade do Estado e autonomia da Igreja; incompatível com o trato igualitário do Estado em relação a todas as confissões religiosas do país e mesmo com o “riserbo” preconizado por João XXIII.

O golpe de 1964 abriu um período de tensão e crise nestas relações, num primeiro momento, não com a Igreja toda, mas aqui e ali com aqueles setores próximos ao antigo governo ou mais diretamente empenhados no campo social e político, como os militantes da Ação Católica: a JOC, no meio operário; a JAC, no meio rural, a JEC no meio estudantil secundaristas e sobretudo a JUC no meio universitário, com seu desdobramento no campo político-partidário, depois da criação da Ação Popular (AP). Visados também foram os dirigentes e monitores do MEB e os grupos empenhados na sindicalização rural. Mas só a radicalização do regime em dezembro de 1968, com o AI 5, irá aumentar as áreas de atrito com a Igreja e empurrar a CNBB majoritariamente para a oposição ao regime e para a luta junto com outras instâncias da sociedade civil em favor da a redemocratização do país.

Para tanto, foram decisivas as claras orientações da *Gaudium et Spes*, no que concerne aos valores que devem presidir sociedade política no respeito aos inalienáveis direitos da pessoa humana, anteriores e superiores ao Estado; à necessidade do empenho dos cristãos para superar a fome, eliminar as doenças e o analfabetismo e os males todos do sub-desenvolvimento, incluindo as desigualdades entre classes e nações; do seu compromisso em relação à justiça nas relações de trabalho; às obrigações por parte do

³²⁴LIMA, Alceu Amoroso, João XXIII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966

Estado e dos padrões de reconhecerem os direitos individuais e coletivos dos trabalhadores, incluindo o direito aos seus sindicatos e a instrumentos de luta como a greve. A condenação radical na GS a todo tipo de tortura e maus tratos, infligidos sob qualquer pretexto às pessoas, a condenação da guerra, sob todas as suas formas, firmavam nos Bispos um tipo de consciência e convicção incompatíveis com a quebra do Estado de Direito e os abusos de um estado militarizado. Por fim uma renovada consciência de que se devia superar a situação típica dos regimes de cristandade, em que a Igreja serve-se do Estado para alcançar seus fins, contribuiu no caso do Brasil, para desfazer parte dos equívocos nas suas relações com o Estado. A lição maior porém veio da prática daqueles Bispos que se aliaram na base da Igreja aos setores populares, a seus movimentos e lutas por dignidade e justiça e, por isto mesmo, sofreram conjuntamente com seus militantes o peso da repressão do Estado. Isto obrigou parcela importante da Igreja a repensar suas relações com o Estado, levando a uma síntese amadurecida de sua posição no documento da Assembléia da CNBB de 1977: “Exigências Cristãs de uma Ordem Política”³²⁵.

³²⁵CNBB, *Exigências Cristãs de uma ordem política*. Documentos da CNBB, n ° 10. São Paulo: Paulinas, 1977

“Queira o céu que as vossas canseiras e o vosso trabalho, para o qual se dirigem não só os olhares de todos os povos, mas também as esperanças do mundo inteiro, correspondam plenamente às aspirações universais”.

João XXIII

Gaudet Mater Ecclesia (11-10-1962)

II.2. A ABERTURA DO CONCÍLIO: 11-10-1962

II.2.1 – Solene Sessão de abertura do Concílio

Na véspera da abertura, isto a 10 de outubro, chegam os bispos brasileiros que vieram no avião especial da PANAIR do Brasil, contratado pelo governo brasileiro.

Os três integrantes da Delegação oficial que representava o Governo brasileiro na abertura do Concílio, o ex-chancelar, Senador Afonso Arinos de Mello Franco, o Embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Henrique de Souza Gomes e o Dr. Alceu Amoroso Lima estavam, junto com os superiores e estudantes do Colégio Pio Brasileiro de Roma, presentes no novo aeroporto de Fiumicino. O Dr. Alceu, descreve este momento em carta à sua filha Maria Teresa³²⁵:

“Hoje fomos receber os 130 bispos que vieram no tal avião! Foi uma chegada emocionante e a rádio Vaticano gravou um discurso do Arinos e umas palavrinhas minhas, logo depois da chegada dos Bispos. Fui o primeiro a beijar o anel de Dom Augusto [Álvaro da Silva, cardeal arcebispo da Sé Primacial da Bahia] que com seus 84 anos desceu sereno do avião, como se nada fosse! Foi Dom Delgado que celebrou a missa a 10.000 metros de altitude. Disse que a viagem foi ótima. Falei com D. Helder, D. Távora, D. Avelar Brandão, D. Delgado, D. Newton, D. Jorge Marcos e outros. O Núncio me abraçou efusivamente e me chamou de Bispo sem ordens”³²⁶...

Na manhã seguinte à chegada dos bispos brasileiros, foi aberto o Concílio de maneira imponente, com a imensa procissão dos mais de 2.500 padres conciliares vindos de todo o mundo, onde se misturavam as mitras brancas dos bispos e as vestes negras e

³²⁵Na sua obra sobre João XXIII faz uma confidência familiar: «Na primeira parte, reuni trechos de cartas íntimas a uma filha religiosa beneditina, clausurada desde 1951. Desde então, escrevo-lhe todos os dias. Naturalmente sem a mais vaga intenção de publicidade. Nem de agora nem futura. Desejando prestar, porém, ao mais simples e mais humano dos pontífices, uma pequena homenagem, também a mais simples e mais humana possível, deliberei destacar, dessas cartas, os trechos relativos ao nosso Pai Comum». LIMA, Alceu Amoroso, *JOÃO XXIII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. XV

³²⁶Carta de Alceu Amoroso Lima para sua filha religiosa. Roma, 10/10/1962. *Ibidem*, p. 84

solenes dos orientais, com os trajes escuros dos observadores e convidados do Secretariado para a União dos Cristãos e o carmesim dos cardeais. Saíram todos pelo portão de bronze do Palácio Apostólico, atravessaram a colunata de Bernini e avançando pelo centro da praça de São Pedro, foram depois desaparecerem no adro da Basílica. Ficava a sensação, para quem estava assistindo aquele espetáculo, de que algo único e transcendental estava acontecendo.

Um ano depois, escrevia no meu diário, ao iniciar-se o II Período conciliar,:

“O Concílio continua, *à grande allure!* Volta-me porém insistentemente ao coração a manhã do dia 11 de outubro do ano passado.

Fui à Praça para ver a abertura.

Enquanto passavam os Bispos de mitra e pluvial branco, subindo lentamente e desaparecendo sob os pórticos de São Pedro, senti-me sozinho.

Sozinho diante do peso e do toque de mistério do acontecimento.

Duas Irmãzinhas de Foucauld passaram-me ao lado e naquele momento, veio-me claramente ao espírito que, no seu anonimato e na sua veste azul grosseira e pobre, elas faziam amadurecer o Reino de Deus e toda a Assembléia Conciliar era suportada e sustentada por aquelas frágeis mulheres.

Elas viviam, na liberdade com que caminhavam, aquela renovação que a Assembléia procuraria penosamente meses a fio.

Elas eram o sinal, as primícias daquele *visage renouvelé de l'Église* de que falou João XXIII no seu discurso de abertura³²⁷.

João XXIII que, a contragosto fora convencido a atravessar a Praça transportado na *sedia* gestatória, para poder ser visto pela multidão que o aclamava, assim que entra na Basílica desce e a atravessa a pé toda a nave até o altar da confissão. A nave central da Basílica fora transformada numa grande sala parlamentar, com altas estalas de um lado e de outro, para abrigar os padres conciliares, peritos e observadores. Andrea Ricardi observa que o gesto do Papa de atravessá-la caminhando fora interpretado como um sinal de respeito para com a Assembléia³²⁸. O Cardeal Tisserant, decano do Sacro Colégio celebrou a missa do Espírito Santo.

O momento mais esperado era o da alocação de abertura do Concílio a ser pronunciada por João XXIII. Esta tinha por título, como é de praxe nos documentos

³²⁷BEOZZO, José Oscar. *Diário*, 09/10/1963

³²⁸RICARDI, Andrea, «A tumultuosa abertura dos trabalhos», in ALBERIGO, *História* II, p. 29

pontifícios, suas palavras iniciais: *Gaudet Mater Ecclesia*, “Alegra-se a Mãe Igreja”. A alocução já foi exaustivamente analisada, até nos mínimos detalhes e nas várias etapas de sua redação, desde seu esboço inicial às várias versões em italiano, da sua tradução para o latim, às muitas correções de próprio punho que João XXIII foi introduzindo, para precisar seu pensamento, tornar mais clara e bela uma expressão, acrescentar uma evocação bíblica³²⁹.

O certo é que a alocução, firme e serena, realista mas esperançosa, causou profunda impressão e continuou a ser evocada, ao longo do Concílio, mesmo depois da morte do Papa, como seu testamento e como farol que devia guiar, sem constranger, a busca, tantas vezes difícil e penosa do Concílio para dar à Igreja um rosto continuamente renovado a partir da volta às fontes de sua tradição e às exigências do evangelho para o mundo de hoje. Não entro nas análises mais complexas do discurso que João XXIII gostava de dizer que fora por ele composto com “a farinha do seu saco”³³⁰, para denotar a responsabilidade pessoal direta do que proclamara na Basílica e para o mundo, já que a celebração fora transmitida ao vivo pela RAI (a Rádio e Televisão Italiana) e por outras televisões européias em cadeia e retransmitida para os Estados Unidos, via satélite, horas mais tarde.

Apresento o registro da reação de um leigo ilustre, por muitos anos, presidente da Ação Católica Brasileira e o mais importante intelectual católico do século XX, o Dr. Alceu, como era chamado.

O testemunho está vazado no estilo epistolar e por isto com a espontaneidade e a emoção de quem escreveu para ser lido apenas pela destinatária, sua filha religiosa:

“Beleza, que beleza!

Ainda estou, ou antes, estamos, mamãe, você e eu, com os olhos cheios, os ouvidos tinindo e a cabeça tonta de tanto esplendor do que vimos e ouvimos ontem. Antes de tudo pelas palavras do Papa ...”

Dizendo-se contra os uniformes, ritualismos e o espetáculo das cerimônias, acrescenta Dr. Alceu: “[...] em reação contra tudo isso, cada vez mais procuro o *espírito interior*, o sentido profundo, o que há de invisível por detrás de tudo isso, por mais formidavelmente Belo que fossem as cerimônias e os espetáculos de ontem! E por isso é que vou antes às palavras do Papa, que corresponderam tão bem ao que eu queria, esperava e temia que não fosse, que penso até exagerar e sobretudo individualizar egocentricamente

³²⁹ALBERIGO, G. - MELLONI, A., *L'allocuzione "Gaudet Mater Ecclesia" di Giovanni XXIII* (11 ottobre 1962), in *Fede, Tradizione, Profetia. Studi su Giovanni XXIII e sul Vaticano II*, Brescia 1984, pp. 185-283. Tradução portuguesa em KLOP II, pp. 305-312

³³⁰RICARDI, o. cit. p. 32, nota 30

o que ele disse, especialmente nas passagens em que falava do *novo espírito* da Igreja, que não era de anátemas e condenações, mas de amor, de fraternidade, união na verdade, em suma tudo aquilo que venho pregando há tanto tempo em torno do espírito de universalidade, de equilíbrio, paternidade, paz, amor, etc. e tal, que você já está chateada de ouvir.

E destacou também o *trabalho* e condenou os *pessimistas*!

De modo que o que me falou, antes de tudo, foi a palavra do Papa, ouvida (e vista) da sua própria boca, com uma voz tão firme como de um moço e uma atitude tão calma, tão desprendida, tão natural (e portanto tão sobrenatural) como se estivesse rezando sozinho em sua capela particular! E, no entanto, estava e estávamos vivendo um momento histórico naquela basílica, onde agora se celebrava o maior Concílio da História.

Entrou por seus pés, e não na ‘sédia gestatória’ o que apreciei muito (estava torcendo que assim fosse) e também saiu assim. Aliás não foi ele que celebrou, e sim o Cardeal Tisserant com quem conversei à tarde.

E se te disser que não sei onde estava o altar! Creio que estava na porta da frente pois o Papa estava no centro, debaixo do baldaquino, sobre o túmulo de São Pedro e a missa era celebrada do lado da porta principal, mas pela nossa colocação no ângulo oeste do transepto, perto da estátua de Santo André, entrevíamos a nave central para o lado da frente e só pude ver pelas fotografias, como você também verá.

Mas estávamos os três da Delegação [brasileira], num palanque e na primeira fila. Vantagem do Brasil começar pelo B. Estávamos perto da Bolívia, da Bélgica, de Cuba (sic!)³³¹.

Observado o intervalo de um dia, consagrado à recepção por parte do Papa das delegações dos governos e organismos internacionais, dos observadores e convidados do Secretariado para a União dos Cristãos, a primeira Congregação Geral do Concílio, acontece na manhã do dia 13 de outubro.

Pode-se perguntar, às suas vésperas qual a situação do episcopado brasileiro naquele momento e quanto havia mudado entre a consulta de 1959 e este início do Concílio.

O Episcopado brasileiro foi crescendo ao longo desses anos e os 175 bispos, ao momento da consulta em 1959, haviam se transformado em 231, ao final da

³³¹Carta de A.A.LIMA, para Maria Teresa A.Lima. Roma, 12-10-1962, in LIMA, o.cit. pp. 84-85

última sessão, em 1965, acumulando um aumento de 56 novos bispos ou seja de 32.0%. Responderam à consulta, enviando os seus “vota”, 133 bispos, ou seja 76.0% do episcopado. Damos abaixo uma pequena tabela que nos permite obter uma visão de conjunto, ao longo dos sete anos (1959 – 1965):

**VARIAÇÃO NÚMERICA E PARTICIPAÇÃO DO EPISCOPADO BRASILEIRO:
FASE ANTEPREPARATÓRIA E SESSÕES CONCILIARES**

Nº	Sessão	º Bispos	var: + / -	índice	presença	var: + / -	índice	% do total
1959	“vota”	175		100	133		100	76,0
1962	1ª	204	+ 29	117	173	+ 40	130	84,8
1963	2ª	220	+ 16	126	183	+ 10	138	83,2
1964	3ª	221	+ 01	127	167	- 16	126	75,5
1965	4ª	227 (229)	+ 06 (08)	132	192 (194)	+ 25 (27)	145 (147)	84,6 (84,7)
Total			+ 52 (54)			+ 61		

Na primeira sessão do Concílio, participaram 173 bispos dos 204 (84,8%); na segunda, 183, de 220 (83,2%); na terceira, 167 de 221 (75,5%); na quarta, 192, de 227 (84,6%). A estes 227, deveriam ser agregados outros dois, nomeados nos últimos dias do Concílio: Luís Gonzaga Fernandes (06-11-65), para auxiliar de Vitória, ES e Ivo Lorscheiter (12-11-65), para auxiliar de Porto Alegre RS. Se incluirmos estes dois, com sua participação nos atos finais do Concílio, o número sobe para 194 participantes, sobre 229, e a porcentagem passa para 84,7%, mesmo assim ligeiramente inferior à da primeira sessão.

Nota-se, ao se examinar a tabela, várias perturbações nos anos de 1963 e 1964. A morte repentina do Núncio, D. Armando Lombardi, a 4 de maio de 1964, interrompe bruscamente as nomeações episcopais que vinham num ritmo de crescimento bastante acelerado. Há 16 novos bispos entre a primeira e segunda sessão e apenas 1 entre a segunda e a terceira. As nomeações são retomadas com a chegada do novo núncio, D. Sebastiano Baggio.

A tensa situação social e política do país, em 1963, pode talvez explicar a pequena diminuição percentual na participação ocorrida na passagem da primeira para a segunda sessão conciliar (de 84,8 para 83,2%).

Em números absolutos, esta presença aumentou, passando de 173 para 183 bispos, embora proporcionalmente diminuísse, pois o incremento de dezesseis novos membros (de 204 para 220), traduziu-se em apenas dez presenças a mais.

Finalmente, o golpe militar de 31 de março de 1964, produziu tensões e instabilidade, também na esfera eclesial, explicando a queda da participação dos bispos brasileiros na terceira sessão conciliar. Quase um quarto (24,5%) dos bispos deixou de vir ao Concílio, em 1964, a mais baixa participação em todo o processo conciliar, iniciado com a consulta de 1959.

Será apresentado o levantamento minucioso das intervenções orais ou escritas do episcopado brasileiro, mas não se entrará, diretamente, na análise detalhada destas intervenções que vêm sendo traduzidas para ulterior publicação, por Luiz Baraúna³³².

Serão entretanto considerados alguns outros elementos, aparentemente exteriores à atuação do Episcopado na Aula Conciliar, mas extremamente importantes para a compreensão da dinâmica de sua inserção e atuação, durante o Concílio.

³³² Acerca do Episcopado brasileiro na 3ª sessão, em 1964, Luiz Baraúna apresentou durante a II Conferência Geral de História da Igreja na América Latina e no Caribe, (PUC, São Paulo, 25-28/07/1995), texto de 102 páginas datilografadas, sob o título “Atuação Brasileira no Terceiro Período do Concílio Vaticano II (14-09 a 21-11-1964), já no prelo na Editora Vozes, no volume consagrado à Terceira Sessão do Concílio. Citaremos BARAÚNA, 3ª Sessão, a partir dos originais.

II.3. LOCAL DE MORADIA E TRABALHO: A DOMUS MARIAE

Esta vasta casa, de tijolos à vista, está construída nos fundos de um vasto terreno, em meio a muito verde e, assim, afastada do burburinho do trânsito, sede da Ação Católica Feminina Italiana, situada à Via Aurelia 481, bem próxima ao Colégio Pio Brasileiro, localizado na mesma Via Aurelia, no número 527. Ela foi destinada pela Santa Sé que oferecia a hospedagem, como local de residência do Episcopado brasileiro, durante a primeira sessão do Concílio. O mesmo lugar continuou a hospedar os bispos nas outras três sessões conciliares. Casa espaçosa, com quartos individuais³³³, amplo auditório e numerosas salas para reuniões, revelou-se um lugar privilegiado, tanto para os trabalhos internos da conferência episcopal, quanto para a realização de encontros e de grandes conferências.

Ela foi assim caracterizada por um dos bispos brasileiros:

“Tivemos a sorte de ficar juntos em *Domus Mariae*, pois tinha um dos melhores auditórios de Roma. Era sede da Ação Católica. Os melhores conferencistas faziam conferências naquele auditório e a gente participava com toda facilidade, pois morávamos ali”³³⁴.

Bem cedo, compreenderam os bispos brasileiros que, realmente, era um privilégio a hospedagem na *Domus Mariae* e que outros Episcopados cobiçavam o lugar. A 15 de janeiro de 1963, o Secretariado Geral da CNBB enviava circular a todos os bispos sobre os preparativos da segunda fase do Vaticano II. Sobre a hospedagem escrevia:

“a) A direção da *Domus Mariae* teve a gentileza de solicitar ao Secretariado Geral do Concílio a volta dos brasileiros. Dado, no entanto, que a hospedagem privilegiada que tivemos é cobiçada por outras Hierarquias, o Secretariado do Concílio só poderá deferir o pedido que, em nome do Brasil, também fizemos, caso a representação brasileira seja numerosa como na primeira fase”³³⁵.

Numa segunda circular sobre os preparativos da sessão de 1963, o secretário geral da CNBB, D. Helder Câmara já podia adiantar aos demais bispos:

³³³ Dom Helder Camara ocupou em 1962, 1963, 1964, o quarto 128 [HC Circ. III/1, 12/09/1964] e, em 1965, o quarto 168. HC, Circ. IV/17, 26-27/9/1965

³³⁴ FAM

³³⁵ CNBB - CM 124-125, jan./fev. 1963, 17.

“3. V. Excia. certamente gostará de saber: - que até a presente data, 140 Exmos Snrs. Bispos manifestaram o propósito de participar da 2ª sessão do Vaticano II, sendo que aceitaram o fornecimento do Governo 129 padres conciliares.

- que, embora até o momento não tenhamos confirmação de hospedagem em *Domus Mariae*, parece provável, inclusive pelo número de participantes, (já maior do que na 1ª sessão) que voltemos ao local privilegiado que o Santo Padre nos ofereceu”³³⁶.

Em julho, a CNBB já pode confirmar aos bispos, seu local de moradia:

“[...] temos comunicação de que a 2ª sessão se encerrará a 4 de dezembro e de que os Bispos brasileiros, que solicitaram hospedagem à Santa Sé, ficarão em ‘*Domus Mariae*’”³³⁷.

Nem todos, porém, puderam ficar na *Domus Mariae*³³⁸, como lamenta o Conciliábulo, logo no seu primeiro número de 1963:

“O Secretariado Administrativo do Concílio designou 15 bispos brasileiros para se hospedarem em *Mater Immaculata* no Gianicolo. É pena que entre estes estejam: D. Fernando Gomes, D. Mario Vilas-Boas, D. Carlos Coelho e D. Avelar Brandão, membros de Comissões da CNBB que precisariam estar reunidos na *Domus Mariae*. Quem sabe se alguns dos outros não preferirão uma permuta?”³³⁹

Em janeiro de 1964, volta a haver nova consulta ao Episcopado acerca do alojamento:

a) pretende V. Excia. ir à 3ª sessão?

b) deseja hospedagem e quer que insistamos para que fiquem em *Domus Mariae* todos os Bispos brasileiros, necessitados, quanto ao alojamento, de colaboração da Santa Sé?”³⁴⁰

Em julho, a CNBB já pode confirmar aos bispos, seu local de moradia:

“[...] temos comunicação de que a 2ª sessão se encerrará a 4 de dezembro e de que os Bispos brasileiros, que solicitaram hospedagem à Santa Sé, ficarão em ‘*Domus Mariae*’”³⁴¹.

³³⁶ CNBB - CM 127, abril 1963, 38.

³³⁷ CNBB - CM 130-131, Julho-Agosto 1963, 43

³³⁸ Outros não se alojaram ali por opção, como o Cardeal Jaime de Barros Câmara, presidente da CNBB que ficou hospedado na Via Antonio Musa, 16, tel: 848.131, como informava o Conciliábulo. CO IV 215, 15-09-1965

³³⁹ CO II, 28-09, 01/1963

³⁴⁰ CNBB - CM 136, janeiro 1964, 35

³⁴¹ CNBB - CM 130-131, Julho-Agosto 1963, 43.

Ao lado da clara consciência de que a Domus Mariae oferecia, em termos de alojamento e facilidades para o trabalho e articulação, condições extremamente privilegiadas, não deixava de brotar inquietação na mente de determinados bispos, como D. Helder Câmara, a respeito da tensão entre pobreza evangélica e necessidade de meios adequados para prestar determinados serviços. Retornando de uma visita à casa das Irmãzinhas de Charles de Foucauld, cujas fraternidades se espalhavam pelos lugares de maior pobreza e aviltamento da dignidade humana, escrevia a seus colaboradores/as do Recife e do Rio de Janeiro:

“Como me parece imensa e gélida esta querida Domus Mariae!

Reconheço que para encontros nacionais e internacionais, um prédio assim é um achado. De todas as hospedagens oferecidas aos Padres conciliares pelo Santo Padre, esta sem dúvida, deve ser, apesar dos pesares, a mais aconchegada e de mais calor humano (seria horrível estar em Hotel com tantos Bispos. Aqui, somos assistidos por mocinhas da AC. Agora, por exemplo, no dia 10 de outubro [1965], vou a S. Vito, Romano, abençoar o casamento da Menina que serve a nossa mesa, Lorenza, conhecida na casa como Rentina, mas a quem, a pedido dela, chamamos de Cláudia). A paisagem da Domus Mariae é belíssima.

Mas está situada num trecho da Via Aurelia que é a própria demonstração do que eu chamo império: casas enormes; construções imensas; terrenos sem fim, em áreas super-valorizadas. Quanto vale a *Domus Mariae*?

O terrível é que nossos Bispos regressam confirmados na impressão de que o inteligente e certo é fazer o dinheiro servir... E têm a ilusão de pensar que ele, dinheiro, não nos domina e não se torna o nosso patrão e senhor...”³⁴².

Alojavam-se também ali, na *Domus Mariae*, bispos outros países. Quando de uma palestra do Cardeal Suenens na casa, tendo ficado na casa para jantar, Dom Helder anota: “Levei-o à mesa dos Indonésios, dos Húngaros, dos Africanos”³⁴³. Noutra ocasião acrescenta: “É bom saber que os Bispos brasileiros continuam tendo e oferecendo a seus irmãos (africanos, húngaros, italianos e indonesianos[sic]) de *Domus Mariae* o que há de melhor em matéria de conferências. Ontem, por exemplo, falou o Père Congar”³⁴⁴. Sobre os africanos em particular escreve: “Falei aos Bispos que convivem conosco em Domus

³⁴² HC Circ. IV/10, 19-20/9/1965

³⁴³ HC Circ. III/46, 19-20/10/1964

³⁴⁴ HC Circ. III/23, 03/10/1964

Mariae. Os africanos são todos jovens: os arcebispos têm, em média, 30 anos. Chegaram espantadiços. Interpretavam qualquer aproximação como curiosidade de quem contempla zebras e girafas... Aos poucos a confiança foi sendo ganha. Tive a alegria de receber, no dia de S. Miguel, o aviso do aniversário de um deles: Michel Ntuyajuga, Bispo de Usumbura (Ruanda e Burundi). Queria que eu fizesse cantar “Parabéns para você”³⁴⁵.

No seu amplo salão, realizava a Conferência Episcopal Italiana suas reuniões durante o Concílio, criando por vezes coincidência de programações, que precisavam ser então ajustadas entre si.

Segundo testemunho de D. José Gonçalves Costa, secretário geral da CNBB eleito em 1964, a *Domus Mariae* transformou-se, ao mesmo tempo, em local de moradia e lugar de intenso trabalho e articulação:

“Durante as Sessões Conciliares, faziam os Bispos duas reuniões plenárias semanais em Domus Mariae, nas segundas e quartas feiras, de 16 a 19 horas, para estudar os esquemas em pauta, com base nos estudos previamente feitos, no Brasil, pelas equipes de peritos”³⁴⁶.

Destas reuniões, resultaram as intervenções coletivas,

“...proferidas pelo Presidente da Conferência e, vez por outra, por outro Cardeal ou Arcebispo. Eram mimeografadas e submetidas à assinatura dos que apoiavam a intervenção, depois de discutida na reunião. Da mesma maneira se procedia quanto aos modi comuns. Modi comuns, entretanto, foram poucos”³⁴⁷.

Não era incomum que o trabalho prosseguisse à noite, depois do jantar, não imediatamente, pois muitos não dispensam o noticiário televisivo. Por isso, 21:10 era o horário escolhido seja para uma eventual conferência ou para reuniões:

“À noite, após a ceia, faziam-se ainda reuniões, quer das regiões, quer de grupos afins, com o objetivo de acertar pontos de vista em grupo, para as discussões na reunião plenária.

Os assuntos nas reuniões plenárias, eram dirigidos pelo Bispo Secretário do Secretariado Nacional competente, ou por um perito designado pelo mesmo Secretário”³⁴⁸.

A *Domus Mariae* foi entretanto bem mais do que local de trabalho e moradia. Tornou-se um espaço familiar, onde eram comemorados os aniversários natalícios e de ordenação dos bispos, eram acompanhados os casamentos de algumas das *signorine* que

³⁴⁵ HC Circ. III/23, 03/10/1964

³⁴⁶ COSTA, D. José Gonçalves da, secretário geral da CNBB, Carta ao Pe. Salvador Gomez de Arteche y Catelina, Rio de Janeiro 10-08-1966, 1

³⁴⁷ *ibidem*, 2

³⁴⁸ COSTA, Carta citada, 2

participavam dos serviços domésticos; celebradas missas pelo falecimento de parentes, amigos dos bispos presentes e a morte de confrades. Ali, desenrolava-se a vida quotidiana com todos as suas pequenas alegrias, percalços, necessidades, surpresas e conflitos: bispos que ficavam presos no elevador, perdiam documentos ou dinheiro nas idas e vindas dos ônibus 46 que iam da *Piazza Irnerio* ao centro da cidade; que não podiam dormir por causa do barulho do colega que habitava no andar de cima; bispos que se alegravam com a correspondência que chegava do Brasil ou protestavam por causa dos jornais que sumiam; bispos que iam celebrar e encontravam o altar ocupado por outro colega, no seu horário, até que as concelebrações começassem a desafogar os altares laterais; bispos que adoeciam ou sumiam para passeios. Criou-se na *Domus Mariae* um rico tecido de relações humanas que envolvia necessariamente o pessoal da casa que cuidava da alimentação, da limpeza dos quartos, das chaves da portaria, do serviço telefônico, do despacho do correio, as célebres *signorine* que prestavam esses inúmeros serviços e favores, quase sempre com um toque de gentileza e gratuidade que conquistou os bispos.

A elas, dirige o redator de “O Conciliábulo”, uma palavra de agradecimento, ao final da 2.^a sessão:

“Continuando a ressaltar a cooperação magnífica que temos recebido, nestes dois meses de trabalhos conciliares, aqui na *Domus Mariae*, devemos citar “le signorine” que já sabem de cor os números de nossas “stanze” e, com toda a solícitude, nos entregam na portaria “la chiave”, “L’Avvenire d’Italia”, “L’Osservatore Romano” e a gostosa correspondência que chega do Brasil; as telefonistas e locutoras que, depois de chamarem várias vezes no microfone, ainda vão procurar-nos no refeitório, no salão de conferências, ou telefonam para a “camerata” onde estamos instalados; as “garçonettes” que corrompiam por entre as numerosas mesas do refeitório, sempre gentis, e ainda se preocupam em oferecer outras comidas aos que não se adaptam muito à cozinha italiana. Bravo! Gratíssimos. Nossas homenagens também às dedicadas arrumadeiras dos quartos que limpam tudo, mas não perturbam a nossa desorganização, nem modificam a papelada e os livros que não sabemos onde meter”³⁴⁹.

A cada ano, foram organizadas festas de despedida e de agradecimento por esse trabalho de retaguarda. D. Helder chega a renunciar, ao término da quarta sessão do Concílio, ao seu último encontro do “Ecumênico”, o grupo de articulação entre bispos, Episcopados e alguns dos moderadores, do qual fora figura importantíssima, para não faltar

³⁴⁹ CO II, n.º 58, 01-12-1963

à festa de despedida do pessoal da *Domus Mariae*. Escreve ele em sua circular de 2/3 de dezembro de 1965:

“Ontem abri mão do jantar de despedida do Ecumênico (a continuação dos trabalhos já está assegurada) para não faltar a esta festa de despedida às Meninas da Domus Mariae... A CNBB entregou passagens de avião à Diretora e à Vice-Diretora, para que visitem o Brasil. Demos 1 milhão de gratificação às garotas. Nestas 4 sessões do Concílio, como ganhou o Episcopado Brasileiro! Antes de tudo, em conhecer-se mais, em ser mais Família... Depois, nos estudos que fez: só na 4ª-sessão, tivemos 83 palestras só do 1º time...³⁵⁰ Graças a Deus não surgiu um só aborrecimento: ou entre nós, ou com a Direção da Casa, ou com as Meninas, ou as Empregadas... Levamos e deixamos saudades”³⁵¹.

Outra figura feminina essencial foi Aglaia Peixoto³⁵², secretária da CNBB e factótum em todas as necessidades dos bispos: das passagens ao despacho dos papéis e livros, da troca de dinheiro à determinação dos lugares nos ônibus para as congregações gerais, audiências e passeios. Em 20 de setembro de 1965, o Conciliábulo registra o seu natalício, deixando transparecer que não era fácil acudir à tantas “importunações” dos bispos, guardando sempre o bom-humor: “Saudações cordiais à Srta. Aglaia Peixoto, que no dia de hoje celebra seu natalício. Lamentamos não possuir uma fotografia dessa prestativa auxiliar da CNBB. Dinâmica, eficiente, não perde o sorriso diante de tantas importunações. O Episcopado Nacional deve abençoá-la cordialmente e recompensá-la com as mais férvidas orações diante de Deus”³⁵³.

O jornal credita-lhe o papel de “anjo da guarda” dos bispos³⁵⁴ e, noutra ocasião, chama-a de “madre conciliar”, provocando o comentário de D. Helder: “Já o Conciliábulo (que continua a sair diariamente) deu nota carinhosíssima sobre a madre conciliar. Pudera: ela se mata no secretariado e ainda atende a cada Bispo em particular... *Deo gratias*”³⁵⁵!

³⁵⁰ Há aqui um evidente entusiasmo de D. Helder e ao mesmo tempo engano, pois as conferências somaram 80, nas três últimas sessões do Concílio, em que foram regularmente organizadas pelo Pe. Antônio Guglielmi

³⁵¹ HC, Circular 81/65, 2/3.12, 2

³⁵² Aglaia Peixoto começou a trabalhar mas diretamente com D. Helder, em 1954, na preparação do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro (julho de 1955), como tesoureira da Comissão Organizadora. No dia do seu aniversário, D. Helder, trata-a carinhosamente de filha, na circular da data do seu aniversário: “Já no ano passado, o aniversário da filha foi dia duro aqui”. HC Circ. 1965/10, 19-20/09/1965.

³⁵³ CO II, 220, 20-09-1965

³⁵⁴ CO II, 58, 01-12-1963

³⁵⁵ HC Circ. III/10, 20-21/09/1964

II. 4. PONTO DE APOIO: O COLÉGIO PIO BRASILEIRO

Não se pode avaliar corretamente o papel do Episcopado brasileiro, durante o Concílio, sem passar evidentemente pela rede de relações que entretinham os bispos com diferentes pessoas, grupos e instituições. Assim, pode-se rastrear a participação brasileira na rede propiciada pelo CELAM, pelo grupo da “Igreja dos Pobres” ou do “Coetus Internationalis Patrum”.

Abordo aqui, uma das conexões menos estudadas, a do Colégio Pio Brasileiro. Para uma boa parte dos bispos brasileiros, saindo pela primeira vez de seu país e chegando numa terra estrangeira pela língua, costumes, alimentação, era um reconforto encontrar uma “casa brasileira”, casa que havia sido fundada pelo próprio episcopado, em pleno coração da Europa.

O Colégio fora construído no terreno da antiga Villa Maffei, doado em 1928, por Pio XI, aos bispos brasileiros, junto com oferta pessoal do Papa de 1 milhão de liras, para sua edificação. Abriu suas portas, a 3 de abril de 1934, recebendo os primeiros 35 alunos brasileiros, nove dos quais já estudavam no Pio Latino Americano³⁵⁶. Na abertura do Concílio, o número de alunos ultrapassava a centena.

Do mesmo modo que se cunhou a expressão *squadra belga*, para designar o grupo que se reunia em torno ao Colégio Belga em Roma, que acabou oferecendo infraestrutura de secretaria, local para reuniões e sua rede de conexões romanas, também não se pode analisar o desempenho do Episcopado brasileiro, durante o Concílio, sem dar atenção à retaguarda representada pelo Colégio Pio Brasileiro.

Foi ali que aconteceu a primeira reunião dos bispos brasileiros, depois de sua chegada em Roma, com missa celebrada na manhã do dia 14 de outubro pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. “Terminada a Missa, falou o Cardeal Dom Carlos de Vasconcelos Motta sobre o significado espiritual do Concílio para o mundo e particularmente para o Brasil³⁵⁷”.

Há alguns fatores que contribuiriam para que estes laços fossem particularmente estreitos e fecundos. Entre estes, a proximidade psicológica, pois muitos dos bispos, arcebispos e mesmo cardeais brasileiros, haviam feito seus estudos no antigo Pio Latino

³⁵⁶ CRUZ, Pe. Mário Luís Cardoso da, *Origens e Fundação do Pontifício Colégio Pio Brasileiro (1927-1934)* - Memória apresentada na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana, 1996, mimeo, 99 páginas

³⁵⁷ KLOPP, II, 388

Americano (fundado por Pio IX em 1858) ou então no Pio Brasileiro, a partir de 1934. A casa lhes era familiar e o velho Pe. Giuseppe Dante³⁵⁸, da comunidade dos jesuítas do Colégio, com mais de noventa anos, havia sido superior de muitos deles. Havia também a proximidade física entre a *Domus Mariae*, local de moradia dos bispos brasileiros, à Via Aurelia 481, e o Colégio Pio Brasileiro, na Via Aurelia 527, tornando-se fácil o trânsito de uma residência à outra, sem mesmo precisar trocar de calçada na rua.

Muitos dentre os bispos tinham um ou mais seminaristas estudando filosofia, teologia ou padres fazendo estudos de pós-graduação nas universidades romanas e morando ao mesmo tempo no Colégio Pio Brasileiro. O Colégio Pio Brasileiro, como em poucos lugares em Roma, respirava o clima da preparação do Concílio, com entusiasmo e com conhecimento de causa. O antigo reitor e professor do Pontifício Instituto Bíblico, Augustin Bea, padre jesuíta alemão, nascido a 28 de maio de 1881, em Riedböhringen, no Baden, sacerdote em 1912, antigo confessor de Pio XII, tendo sido criado cardeal por João XXIII, a 12 de novembro de 1959, não quis aceitar o convite para morar na Casa Generalícia dos Jesuítas, a fim de não aparecer como um expoente ou um representante da sua ordem. Não aceitou igualmente a oferta do Colégio Germânico, para não dar a impressão de que iria defender os “interesses” da Alemanha, no Sacro Colégio Cardinalício³⁵⁹. Aceitou, porém, a oferta de hospitalidade que lhe foi proposta pelos superiores do Colégio Pio Brasileiro, administrado pelos padres da Companhia de Jesus do Brasil. A 9 de dezembro de 1959, nem mesmo um mês depois de sua escolha, o Cardeal Bea transferia-se para o Colégio, que seria sua residência até o fim dos seus dias, a 16 de novembro de 1968³⁶⁰.

Esta escolha marcará bastante, em termos de Concílio, a vida do Colégio, mas também, de um certo modo, a da Igreja do Brasil e, particularmente, a atuação do Episcopado brasileiro no Concílio. Este pode sempre contar com o acesso imediato ao Cardeal Bea e com seu judicioso parecer em questões conflituosas dentro do ambiente romano.

³⁵⁸ A 17 de novembro de 1963, “O Conciliábulo” anunciava em suas páginas: “*Os antigos alunos do Pe. José Dante S.J. irão homenageá-lo hoje, carinhosamente, no Pio Brasileiro.*” CO III, 184, 17-11-1964. Tratava-se, evidentemente, dos Bispos brasileiros que o haviam tido como professor ou superior.

³⁵⁹ Sobre a figura de Bea no Concílio, escreve Grootaers: “Non si sbaglia affermando che la presenza di Agostino Bea sj al concilio Vaticano rappresentò qualcosa di singolare e addirittura di unico. L’ottuagenario gesuita di origine tedesca, ben conosciuto come professore di esegesi bíblica a Roma, esercitò in concilio un’autorità morale straordinaria, dovuta non tanto al suo importante incarico, quanto alla sua lunga esperienza, alla sua sagesza e semplicità e a un personale carisma che impressionava tutti i suoi interlocutori, chiunque essi fossero. Anche il padre Congar fu colpito dalla straordinaria capacità del cardinal Bea di ascoltare i suoi interlocutori: ‘Si poteva dialogare con lui come con un amico’”. cfr. GROOTAERS, Jan, *I protagonisti del Vaticano II: 1. Agostino Bea*, in *La Chiesa del Vaticano II*, vol. XXV/1 della *Storia della Chiesa* (a cura di M. Guasco, E. Guerriero e F. Traniello), Cinisello Balsamo 1994, pp. 394-404

³⁶⁰ SCHMIDT Stjepan, *Agostino Bea, il Cardinale dell’Unità*, Città Nuova, 1987, 324

O novel Cardeal procurou integrar-se à comunidade da casa. De manhã, um dos estudantes ia servi-lo em sua missa das 6:15, antes da qual o cardeal já havia recitado, *Laudes* e a *Hora Prima* do Ofício Divino e feito uma hora de meditação. Almoço e jantar, o cardeal os tomava com a comunidade dos padres e irmãos do Colégio ou, às vezes, numa salinha à parte, ao final do corredor, à direita, da ala central do andar térreo, mas sempre no Colégio.

Desde 13 de março de 1960, quando o Papa encarregou-o de pensar os estatutos de uma Pontifícia Comissão *Pro christianorum unitate promovenda*³⁶¹ e sobretudo a partir de 5 de junho, quando foi oficialmente instituído o *Secretariado para a União dos Cristãos*, o Cardeal Bea dedicou-se a fundo à tarefa que lhe foi confiada. Os reflexos de sua atividade desdobraram-se sobre o Colégio, que se tornou um endereço obrigatório para as personalidades das distintas igrejas e religiões, de passagem por Roma. Em ocasiões mais solenes, como quando da visita, na tarde de 2 de dezembro de 1960, do primaz da Igreja da Inglaterra, o arcebispo anglicano de Cantuária, Dr. Geoffrey Fisher, o Cardeal Bea convidou a todos os seminaristas para recebê-lo e saudá-lo, festivamente, à portaria do Colégio³⁶². Esta acolhida calorosa contrastou com o recebimento quase frio, dispensado pelo protocolo pontifício, pela manhã, na sua “visita de cortesia” ao Papa.³⁶³ Imprensa e fotógrafos foram excluídos dos dois eventos, a visita ao Papa e a visita ao Cardeal Bea, mas no Pio Brasileiro, nós, os alunos, pudemos fotografar livremente o efusivo encontro entre os dois homens de igreja, que davam os primeiros passos para melhorar as relações entre a Confissão Anglicana e a Igreja Católica Romana.

O mais importante, porém, eram os encontros, a cada três ou quatro meses, entre o Cardeal e a comunidade dos estudantes, padres e irmãos do Colégio, para colocá-la a par de suas atividades à frente do Secretariado e do andamento dos trabalhos de preparação do Concílio ou do desenrolar do próprio Concílio, durante as sessões e inter-sessões. Várias vezes, durante as sessões do Concílio, o Cardeal foi convidado a falar aos Bispos brasileiros, na *Domus Mariae*³⁶⁴.

Quando foi objeto de ataques, por vezes violentos de grupos inconformados com as posições do Secretariado pela União dos Cristãos, em favor do ecumenismo, do diálogo com o judaísmo e demais religiões não-cristãs e, particularmente, da liberdade

³⁶¹ Há uma nota manuscrita de João XXIII, datada de 13 de março de 1960, onde se lê: “*Stamattina ricevetti qui in privatis il Cardinale Bea, a cui affidai l’incarico di preparare, come capo da me nominato, una Commissione “pro unione Christianorum promovenda”*”, cfr. Arch. Lc 2/6, citado por Schmidt, o. cit., 346, nota 43

³⁶² Nessa época, eu era um dos alunos do Colégio Pio Brasileiro, tendo vivido ali de outubro de 1960 a setembro de 1964 e sido testemunha ocular de vários dos acontecimentos aqui narrados.

³⁶³ *ibidem*, p 366-368

³⁶⁴ No dia 21 de novembro de 1962, durante a primeira sessão (HC 40, 21-11-62); a 22 de setembro de 1964, durante a terceira sessão (CO, 22-09-64); a 27-09-65, na quarta sessão (CO, 27-09-65)

religiosa, o Conciliábulo saiu em sua defesa, criando um mal-entendido, mas que felizmente foi logo desfeito, com um dos bispos que o acusou de desserviço ao episcopado³⁶⁵.

Nos dias posteriores ao falecimento do seu amigo, o Papa João XXIII, que criara o Secretariado para a União dos Cristãos e a ele confiara o projeto talvez o mais acalentado e ambicioso para o Concílio, o Cardeal demonstrava sua profunda preocupação pelo futuro do Concílio e da Igreja. Seu endereço, no Colégio, tornou-se ponto obrigatório de passagem para dezenas de cardeais que chegavam a Roma e discutiam a sucessão de João XXIII. Na sua partida apreensiva para o conclave, a 19 de junho, pediu aos seminaristas brasileiros muitas orações. Retornando, na sexta-feira, dia 21 de junho de 1963, após a benção de Paulo VI para a multidão reunida na Praça São Pedro, fomos esperá-lo à entrada do Colégio. Bea desceu do automóvel rapidamente, sorridente e menos encurvado do que de costume. Acenou-nos com os olhos brilhantes e esfregando uma contra a outra, as mãos ossudas e grandes, para sua pequena estatura, repetia feliz: “Ce l’abbiamo fatta [l’elezione]!”, que podíamos traduzir por “consequimos!”, numa alusão direta à escolha de Montini, o candidato pelo qual batalhara, e à certeza de que o futuro do Concílio e do Secretariado estavam assegurados.

Hospedavam-se também no Pio Brasileiro, os bispos brasileiros com encargos nas comissões conciliares e que vinham a Roma para suas reuniões antes do Concílio ou, depois de iniciado o Concílio, durante as inter-sessões. Ficou também, por vezes, no Pio, o teólogo Frei Boaventura Kloppenburg que vinha, cada vez mais amiúde, a Roma, por conta de suas tarefas, como consultor da Comissão Teológica.

Bispos e teólogos de passagem não deixavam de fazer uma palestra aos estudantes, para colocá-los a par da situação brasileira, mas também do andamento dos trabalhos de preparação, tanto quanto era possível, dentro das estritas normas de segredo, impostas aos membros das comissões preparatórias.

Assim, à chegada dos bispos brasileiros a Roma, para a primeira sessão do Concílio, muitos deles foram introduzidos no clima da preparação conciliar, situados frente às correntes teológicas em disputa, através dos seus alunos no Colégio Pio Brasileiro. Muita

³⁶⁵ Crise no Conciliábulo por sua posição de apoio ao Cardeal Bea, atacado por um folheto espanhol. O bispo de Maringá acha que o jornal presta desserviço ao episcopado e escreve ao Redator: “É evidente que todo o Episcopado Brasileiro agradece o DESSERVIÇO que (“O Conciliábulo”) traz à união do mesmo.” A resposta é incisiva e direta: “Desconhecemos que algum bispo brasileiro esteja interessado em dizer que o Cardeal Bea seja instrumento da Maçonaria e dos Judeus para destruir a Igreja. Se 10% do Episcopado Brasileiro achar que prestamos um desserviço, suspendemos hoje mesmo nosso jornalzinho que nos dá muito trabalho. CO III, 149, 10-10-1964

No dia 14-10, uma nota no Conciliábulo diz que foi solucionado o mal-entendido com o Bispo de Maringá. A questão não eram os folhetos contra o cardeal Bea, mas sim problemas relativos ao Nordeste.

literatura, artigos e livros transitavam igualmente do Colégio para o quarto dos bispos brasileiros na *Domus Mariae* e vice-versa.

Pouco a pouco, estabeleceu-se um clima de cooperação e muitas das intervenções dos padres brasileiros, na Aula Conciliar, foram passadas do português para o latim, quando não limadas no seu conteúdo, nas *cameratas* do Pio Brasileiro.

Entre os alunos do Pio Brasileiro e os Bispos, na *Domus Mariae*, estabeleceu-se um intercâmbio constante, permitindo aos primeiros acompanhar, de maneira privilegiada o evento conciliar. Mas havia também cautelas. Dom Helder confessava numa de suas circulares: “Não sei o que faça com os seminaristas de Roma. Não aludo aos brasileiros, porque, para evitar complicações, *nem piso no nosso seminário* (grifo nosso). São seminaristas de outros países... Que sede! E que responsabilidade crescente vai caindo sobre os ombros da gente”³⁶⁶.

A cada dia, no refeitório, à hora do jantar eram lidos os boletins da Sala de Imprensa em língua italiana e em português. Era possível captar nítidas diferenças entre os dois comunicados: o boletim brasileiro era muito mais direto e substancioso, deixando transparecer claramente os conflitos e divergências na aula conciliar, talvez por ser então muito menos vigiado que o comunicado italiano³⁶⁷. Diariamente, cinco bispos brasileiros vinham ao colégio, para almoçar conosco. Terminada a refeição, reuniam-se com os alunos no pátio externo ou numa sala quando fazia frio ou chovia, para conversar sobre a congregação geral daquela manhã e era então possível estabelecer-se um diálogo franco e aberto sobre o desenrolar do concílio, seus avanços e dificuldades. Os comunicados de imprensa lidos no jantar com suas divergências ou simplesmente omissões, eram reinterpretados ou melhor compreendidos à luz do anterior relato dos bispos e serviam muitas vezes, para se reiniciar a conversa do dia seguinte.

Aos domingos, vinham ao Colégio, todos os bispos de um determinado regional da CNBB, para u’a manhã de encontro com os padres e seminaristas e, então, a conversa girava sobre a situação brasileira daquela região e das dioceses ali compreendidas, mas muitas vezes voltava-se para os temas conciliares daquela semana.

Esses encontros quotidianos, ao longo das quatro sessões, prepararam uma geração de jovens padres brasileiros para os quais o concílio foi uma experiência

³⁶⁶ HC Circ. IV/8, 17-18/9/1965

³⁶⁷ No dia 29 de outubro de 1964, “O Conciliábulo” consigna esta apreciação talvez ufanista demais, sobre o Boletim em língua portuguesa: “O Boletim Informativo em português, considerado o melhor de todos, no *Ufficio Stampa*, procurará apresentar, hoje, grande parte das intervenções dos Cardeais Suenens e Leger e do Patriarca Maximus IV, pelo assunto que contém. Padre Paulo Almeida S.J. envidará todos os esforços para isso.” CO III, 168, 29-10-64

vital, tanto da igreja universal, quanto de sua igreja particular e criaram uma visceral identificação com as opções básicas da assembléia conciliar³⁶⁸.

À noite ou nos finais de tarde, por ocasião das conferências de teólogos e peritos conciliares aos bispos na *Domus Mariae*, no início, alguns poucos e, depois, em maior número, compareciam os estudantes do Pio Brasileiro, acompanhando do alto da galeria do salão principal as palestras e os debates. Uma proibição da Sagrada Congregação para os Seminários de que seminaristas assistissem a estas conferências suspendeu, momentaneamente, as presenças. Neste momento, o conteúdo das palestras tornou-se acessível pela benevolência de alguns bispos que gravavam as conferências e as repassavam, no dia seguinte, para o Pio Brasileiro. Pouco a pouco, discretamente, voltaram as galerias a receber sua audiência de estudantes do Pio que bebiam avidamente uma nova teologia, bem diferente das teses dos manuais da Gregoriana, apresentadas pelos professores pela manhã. Era interessante poder ouvir alguns de nossos professores da Gregoriana que não gozavam na Universidade da mesma liberdade com que se exprimiam perante os bispos.

Em momentos de conflito e perplexidade, os bispos vinham em socorro do Colégio, como quando da visita do Prior de Taizé, Roger Schutz. Convidado por alunos do Pio Brasileiro que visitaram Taizé, em 17 de setembro de 1963, veio falar no colégio a 24 de novembro de 1963. Acompanhei-o de volta no carro, até o seu apartamento ao lado do Gesù. Comentei no carro, alguns pontos de sua palestra, indicando que caíra de cheio em temas vivamente debatidos no Colégio. Achou que poderia ser mal interpretado em algumas de suas posições, como a do celibato optativo e, delicadamente, pediu para voltar ao Pio Brasileiro, para esclarecer melhor seu pensamento. Nesse meio tempo, uma carta da Sagrada Congregação para os Seminários e Universidades Católicas, advertia o Reitor da casa, lembrando que estavam proibidas visitas e palestras de observadores não católicos ao Concílio, aos Colégios e Universidades Romanas. Criado o impasse, em conversa com o cardeal Bea e com os bispos brasileiros, este foi superado. Nada impedia que os bispos brasileiros estendessem um convite a Roger Schutz para falar a eles e aos alunos do Pio Brasileiro. E assim foi feito, através de D. João Batista da Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória no Espírito Santo e presidente da comissão episcopal da CNBB para o Colégio. Roger Schutz voltou novamente ao Colégio, para retomar sua conversa com os estudantes, agora estando também presentes vários bispos.

³⁶⁸ Deve-se mencionar nos encontros quotidianos, a figura de D. João Batista da Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória, membro da Comissão da CNBB para o Colégio Pio Brasileiro. Era apelidado carinhosamente de “Motão”, pelos estudantes. Não faltava aos encontros. Segundo o depoimento de D. Geraldo Lyrio, aluno do Pio Brasileiro na época, depois padre em Vitória, auxiliar da Arquidiocese e hoje bispo de Colatina (ES), “ele nos repassava diariamente o que ocorrera na Aula Conciliar, na parte da manhã. D. Mota, através do que chamávamos o Conciliábulo do Motão, nos ajudou, de forma muito especial a acompanhar o Concílio, passo a passo”.

A importante rede conciliar da “Igreja dos Pobres” deitou rapidamente raízes no Colégio Pio Brasileiro³⁶⁹. No verão de 1963, alguns seminaristas do Colégio estiveram em Nazaré, na comunidade dos *Compagnons de Jesus Charpentier*, ali fundada pelo antigo professor de dogma do seminário de Dijon na França, Paul Gauthier, voltando fortemente impressionados. O ideal de pobreza e a espiritualidade de Charles de Foucauld já aglutinara um bom grupo de estudantes dentro do Colégio, mas Paul Gauthier aliava a dimensão da pobreza a uma militância muito particular no Concílio e ao atrativo de viver o seguimento de Jesus carpinteiro, na Nazaré de sua infância, juventude e do anúncio programático de sua missão, na sinagoga desta cidade (Lc. 4, 14-21). Um dos estudantes do quarto ano de teologia, Tilden Santiago, da diocese de Mariana - MG, abandonou a Gregoriana e deixou o colégio para tornar-se operário em Nazaré, ingressando na fraternidade. Outros o seguiram, fazendo com que no pós-concílio, em Vitória no Espírito Santo, fossem implantadas uma comunidade masculina e outra feminina da Fraternidade que, posteriormente, disseminou-se por Recife, Paraíba, Minas Gerais.

O Pio Brasileiro serviu, finalmente, de espaço para várias das atividades dos Bispos durante o Concílio. Algumas das reuniões da CNBB de caráter crucial, como a das eleições, durante a VI Assembléia, nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 1964, foram realizadas no Pio Brasileiro. A cada 12 de outubro, festa de N.S. Aparecida, Padroeira do Brasil, a solene missa do Episcopado, com convite para toda a colônia brasileira residente em Roma, foi celebrada na capela do Pio Brasileiro, podendo valer-se do coro dos seus alunos, para a liturgia, e do espaço acolhedor da colégio para a confraternização³⁷⁰.

³⁶⁹ cfr. o livro de Paul Gauthier, *Jesus, l'Église et les Pauvres. Réflexions nazaréennes pour le Concile*, Paris, 1962. Veja-se também seu outro livro onde relata a experiência conciliar do grupo da “Igreja dos Pobres”: *“Consolez mon peuple”. Le Concile et “l'Église des Pauvres”*, Paris, 1965. Tradução brasileira: *O Concílio e “A Igreja dos Pobres”*, Vozes, Petrópolis, 1967

³⁷⁰ A de 12 de outubro de 1964, entretanto, primeira missa concelebrada, por especial permissão da Santa Sé e tomada de posse da nova Comissão Central da CNBB, aconteceu na capela da *Domus Mariae*.

II.5 - PONTOS DE ARTICULAÇÃO: AS REDES DE RELAÇÕES

Um dos planos mais interessantes de se analisar no Concílio é o das redes de relações que se foram tecendo durante as quatro sessões do Concílio.

Há, é claro, redes preexistentes que ganharam maior força e, depois, as que se foram constituindo ao longo das sessões e eventos conciliares.

II.5.1. Redes preexistentes

Entre as redes preexistentes, pode-se assinalar:

5.1.1. Rede nacional: a conferência dos bispos

Constituída em 1952, nos seus dez primeiros anos, a CNBB havia realizado apenas cinco Assembléias Gerais Ordinárias, a última das quais no mês de abril de 1962, já às vésperas do Concílio. Só nesta assembléia, havia sido aprovado um Plano de Pastoral, o Plano de Emergência e dado o primeiro passo, num país de dimensões continentais, para a regionalização da entidade.

A CNBB havia sido fundada como uma assembléia de cardeais e arcebispos, próxima ao modelo francês, já que apenas os metropolitanos tinham voz e voto em plenário. Mais do que nas assembléias, o peso da conferência residia no seu secretariado e, mais concretamente, na pessoa do seu fundador e Secretário Geral, por doze anos, D. Helder Pessoa Câmara. Depois do Secretário, o órgão que podia agir, nos momentos-chaves, era a Comissão Permanente, cuja convocação entretanto não era fácil, devido às distâncias do país e à relativa precariedade dos meios de transporte naquela época. A Comissão Permanente era constituída pelos cardeais que eram membros natos (eles eram dois, à fundação da CNBB, o do Rio de Janeiro e o de São Paulo) e por três arcebispos eleitos pelos outros metropolitanos. Só no Estatuto de 1971, irá desaparecer a Comissão Central (que sucede à Comissão Permanente) e ser eliminada qualquer distinção entre os membros da Conferência.³⁷¹ Na realidade, apenas durante o Concílio, os bispos irão conhecer-se, estudar, trabalhar, comer e passear juntos,

³⁷¹ QUEIROGA, Gervásio Fernandes de, *CNBB, comunhão e responsabilidade*, Paulinas, São Paulo, 1977, 180-181, nota 40.

criando espaços de convivência, de confronto de idéias, de esforço de auto-organização, fazendo nascer entre as pessoas laços de amizade e de afeto.

Os cerca de quarenta titulares das prelazias apostólicas da região amazônica e demais áreas missionárias, do país, quase todos religiosos e estrangeiros, encontram-se, por primeira vez, nos espaços da CNBB, durante o Concílio, pois não faziam parte da entidade, constituída apenas pelos metropolitas e estendida depois aos bispos residenciais.

Helder Câmara atribui a eles, sua acachapante derrota eleitoral e a de seu grupo, nas eleições internas de 1964. Eram, porém “as bases”, a raia miúda do Episcopado, tomando consciência de sua igualdade e de sua força. Exerceram seu direito de participação, afastando o grupo que até então havia comandado a CNBB, deixando de votar nos cardeais, no antigo secretário geral e mesmo nos arcebispos, em grande parte. Havia consciência de que em 1964, depois do violento golpe de estado que colocou os militares no poder, o país ingressara numa fase conturbada e que as relações com o aparato político do estado, pesaria sobre os ombros da nova direção. O jornal “O Conciliábulo” escrevia às vésperas da assembléia eletiva:

“Invoquemos as luzes do Espírito Santo para a Assembléia Geral da CNBB. [...] Para a Presidência e a Secretaria da CBB (sic), não basta escolher prelados de grande zelo e de saber teológico. Exige-se um complexo de qualidades também humanas, para atuar junto ao Governo e perante a opinião pública. O renome de D. Helder resolvia muita coisa”³⁷².

Havia também clara consciência de que o Episcopado brasileiro ia se vertebrando, crescendo e atuando no Concílio e no país, porque podia contar com a pequena mas eficiente estrutura da CNBB e do seu secretariado.³⁷³ Num depoimento, D. Clemente Isnard ressalta: “Os Bispos brasileiros estavam quasi todos juntos na Domus Mariae, e isso facilitava os contatos e as discussões. Havia freqüentes reuniões à tarde (deixadas livres pelo Concílio) e isso favoreceu muito a aglutinação da Conferência Episcopal. A CNBB adquiriu sua feição definitiva em Roma, durante o Concílio e por obra do Concílio. Embora já existisse antes, a verdadeira CNBB é um fruto do Concílio”³⁷⁴.

Podemos concluir dizendo que, de fato, a conferência episcopal brasileira, enquanto conferência, conheceu um segundo nascimento, durante o concílio, integrando

³⁷² CO III, 135, 26-09-1964

³⁷³ “Afiançou-nos um sacerdote que importante jornal de Milão, ao analisar os diversos grupos episcopais, classificou o Episcopado Brasileiro como sereno, discreto, técnico e eficiente. Embora reconhecamos o exagero da atribuição, devemos recordar que se não fora o trabalho da CNBB, não daríamos tal impressão”. CO II, 41, 13-11-1963

³⁷⁴ D. Clemente Isnard, “Reminiscências do Vaticano II”, 2 (parte de texto preparado a pedido de Mons. Marcos Mac Grath, para uma obra sobre o Vaticano II)

num único conjunto, cardeais, arcebispos, bispos diocesanos, bispos auxiliares, administradores apostólicos e prelados das áreas missionárias. Com a eleição de 1964, o carisma de um homem, Helder Câmara, fundador da conferência, transformou-se, de um certo modo, no carisma da instituição: *“Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sózinho. Mas se morre, produz muito fruto”*. (Jo. 12, 24).

Fique também registrado outro depoimento de um jovem bispo sobre as mudanças na CNBB por conta do Concílio:

“Todos éramos, como dizia João XXIII noviços no Concílio. Foram enviados muitos documentos para estudar e a gente foi. Tivemos a sorte de ficar juntos em Domus Mariae, pois tinha um dos melhores auditórios de Roma. Era sede da Ação Católica. Os melhores conferencistas faziam conferências naquele auditório e a gente participava com toda facilidade pois morávamos ali. A gente procurou estudar, até em grupos, para ver os documentos, as emendas. Houve uma participação quase sempre em grupos. Alguém preparava uma intervenção, mostrava para outros e procurava coletar assinaturas. Mas afinal nós éramos do terceiro mundo e não tínhamos condições de liderar nada no Concílio”³⁷⁵.

5.1.2. Rede latino-americana: o CELAM

Um grupo limitado de bispos brasileiros sentia-se inserido na rede continental constituída pelo CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano), fundado no Rio de Janeiro, RJ, em 1955, e pelos laços fraternos que se haviam estabelecido entre este e as Conferências dos Bispos dos Estados Unidos e do Canadá. Aqui, de novo, as figuras chaves para o enlace são dos dois vice-presidentes: D. Manuel Larraín, bispo de Talca, no Chile e D. Helder Câmara do Brasil, que foram eleitos em conjunto já no mandato que se iniciou no biênio 1959-60, coincidindo com a convocação do Concílio por João XXIII. Um segundo mandato reconduziu-os à vice-presidência para o período de 1961-63. O andamento tornou-se mais fácil, com a eleição de D. Larraín para a presidência do CELAM, em 1963, em substituição ao Cardeal do México, Mons. Dario Miranda y Gómez, continuando D. Helder como vice. Em novembro de 1965, D. Helder é substituído por D. Avelar Brandão Vilela na vice-presidência CELAM, enquanto D. Larraín é reconduzido à presidência do organismo. Que um simples bispo do interior do Chile, ainda que cheio de

³⁷⁵ FAM

valor e prestígio pudesse substituir um cardeal à cabeça do único organismo episcopal continental até então existente, deixando de lado todos os outros cardeais e arcebispos latino-americanos, era, na realidade, uma conseqüência dos desdobramentos do próprio concílio. Acontecia no CELAM, o mesmo fenômeno ocorrido nas eleições da CNBB: o de novas lideranças episcopais sobreporem-se a arcebispos e cardeais, sendo conduzidos a postos chaves de organismos nacionais ou continentais..

A existência do CELAM e a pronta articulação dos seus dois vice-presidentes nos primeiros dias do Concílio, permitiu que uma rosa de nomes de bispos latino-americanos, pouco conhecidos dos outros Episcopados, em particular do europeu, fosse incluída, na lista dos bispos a serem votados, para o preenchimento das vagas eletivas de cada comissão conciliar. Sem o CELAM, teria sido impossível qualquer articulação entre os 20 Episcopados latino-americanos, naquelas horas iniciais do Vaticano II, em que a primeira congregação geral fora suspensa, concedendo-se quatro dias aos padres conciliares para que se articularassem, em vista da votação para as comissões conciliares.

D. Helder Câmara deixou um testemunho daquele momento e do papel desempenhado pelo CELAM:

“Imediatamente após a sessão de abertura, D. Larraín e eu nos dissemos que seria necessário provocar uma reunião dos delegados do Conselho Episcopal Latino-Americano, o CELAM. A América Latina era o único continente em que o Episcopado já estava organizado e habituado a trabalhar em conjunto. Não se tratava de propor bispos latino-americanos para cada uma das Comissões, mas de ver em que comissões, poderíamos contribuir com uma colaboração útil. Era necessário que o encontro acontecesse naquele mesmo dia.

Fomos ver o presidente do CELAM, D. Miranda, Arcebispo do México. Mas ele não estava de acordo:

- É impossível! Recebi uma carta da Pontifícia Comissão para a América Latina. Referindo-se à experiência dos Concílios precedentes e para evitar a constituição de blocos nacionais, a Comissão pede que não haja reuniões do CELAM durante o Concílio.

Respondi-lhe:

- Prezado D. Miranda, sei, desde meu seminário, que, durante um Concílio, a Cúria Romana não governa. Há somente os Padres Conciliares, com Pedro, sob a direção do Espírito Santo.

- Mas eu não tenho coragem.

Fomos então procurar um cardeal latino-americano que, sabíamos que seria capaz de aceitar, de acolher, naquele dia mesmo, às quatro horas, nos salesianos que o hospedavam, os delegados do CELAM. Era o cardeal Silva Enríquez, de Santiago do Chile. Com efeito, ele aceitou. Fizemos as convocações, rapidamente. Sugerimos os bispos que nos pareciam competentes para algumas das comissões. Fomos, assim, os primeiros a propor, sem nenhuma pretensão, candidatos de valor. E, durante quatro dias, o diálogo entre as conferências episcopais funcionou bem. Foi assim que bispos admiráveis, como Mgr. Zoa, do Camarões, foram eleitos, embora não fossem nem um pouco conhecidos no plano internacional”³⁷⁶.

Do Brasil resultaram eleitos na 2ª Congregação Geral de 22/10/1962 sete bispos, para as seguintes Comissões: Teológica, D. Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre - RS; das Igrejas Orientais, D. Manuel da Silveira d’Elboux, Arcebispo de Curitiba - PR; da Disciplina dos Sacramentos, D. Antônio Alves de Siqueira, arcebispo-coadjutor de São Paulo - SP; da Disciplina do Clero e do Povo Cristão, D. Agnelo Rossi, arcebispo de Ribeirão Preto SP; das Missões, D. Afonso Ungarelli, Prelado *Nullius* de Pinheiro - MA; dos Seminário e Universidades, D. Vicente Marchetti Zioni, Bispo Auxiliar de São Paulo SP; do Apostolado dos Leigos, D. Eugênio de Araújo Sales, Administrador Apostólico de Natal - RN. A estes, foi acrescentado um oitavo brasileiro nomeado pelo Papa, para a Comissão dos Seminários e Universidades, Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, do Rio de Janeiro - RJ.

No ano seguinte, a 29 de novembro de 1963, na 77ª Congregação Geral, foram ainda acrescentados dois novos padres conciliares brasileiros, como membros das Comissões: para a do Apostolado dos Leigos, D. Helder Pessoa Câmara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro - RJ e para o Secretariado para a União dos Cristãos, D. Aloísio Lorscheider, bispo de Santo Ângelo - RS. Assim, no total, foram dez os bispos brasileiros que tomaram parte nas Comissões Conciliares.

Mais importante ainda foi o trabalho desenvolvido pelo CELAM, durante os quatro anos do Concílio. A diretiva do organismo passou a reunir-se semanalmente, integrando-se ao esforço de articulação entre conferências episcopais desenvolvido pelo “Ecumênico”.³⁷⁷ Durante a quarta e última sessão conciliar, o CELAM realizou

³⁷⁶ BROUCKER, José de, D. Helder Câmara. *Les conversions d’un Évêque*. Paris, Seuil, 1977, 152

³⁷⁷ Veja-se, mais adiante, o ponto II.2.2.a.

contemporaneamente sua IX Reunião Anual, que se prolongou de 23 de setembro a 16 de novembro de 1965.

Ao final da Assembléia a direção do CELAM, acompanhada pelos cerca de 600 bispos latino-americanos presentes no Concílio, foi recebida por Paulo VI. O Papa dirigiu-lhes um importante discurso (23-11-1965), em comemoração ao décimo aniversário de fundação da entidade (1955-65).

Paulo VI elogiou os Episcopados que já se haviam dotado de um plano de pastoral de conjunto, exortando para que o exemplo fosse seguido pelas outras conferências episcopais³⁷⁸. Deixou entrever, então, a possibilidade de que a América Latina toda se lançasse na elaboração de um plano de trabalho continental:

“Diremo anzi di più: sotto certi aspetti e per certe materie potrà anche essere utile ed opportuno studiare un piano a livello continentale attraverso il vostro Consiglio Episcopale, nella sua funzione di organo di contatto e di collaborazione tra le Conferenze Episcopali dell’America Latina”³⁷⁹.

Esse plano continental, ideado por Larraín e por Helder Câmara, mesmo com a morte de Larraín, será concretizado em Medellín. De uma certa forma, Medellín foi para a América Latina, o que o Vaticano II foi para a igreja universal³⁸⁰. Menos de três anos depois do encontro de 1965, a 24 de agosto de 1968, Paulo VI, abria em Bogotá, na Colômbia, ao término do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano que, nos dias seguintes, continuaria seus trabalhos em Medellín.³⁸¹

O Concílio havia tornado possível uma arrancada e uma caminhada mais consciente e autônoma do CELAM que o conduziu a buscar, em Medellín, uma aplicação criativa e ousada do Vaticano II às situações e aos desafios concretos da América Latina.

³⁷⁸ A meu conhecimento, apenas o Brasil havia respondido de imediato ao apelo de João XXIII, em seu discurso ao CELAM de novembro de 1958, urgido pela posterior carta de 8 de novembro de 1961, e chegara ao Concílio com um plano de pastoral de conjunto, o Plano de Emergência, de abril de 1962. Também apenas o Brasil, estava concluindo o Concílio e retornando para casa com um plano de aplicação, o Plano de Pastoral de Conjunto, aprovado pela Assembléia Geral da CNBB de 15 de novembro de 1965, poucos dias antes do encontro de Paulo VI, com o CELAM, a 23 de novembro.

³⁷⁹ Paulo VI, “Nel X anniversario del C.E.L.A.M., Esortazione Pastorale Per Il Lavoro Apostolico Nell’America Latina”, in *Insegnamenti di Paolo VI*, III/1965, Tipographia Polyglotta Vaticana, 1966, 661

³⁸⁰ Para um histórico da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, cfr. Hernán PARADA, *Crónica de Medellín*, Indo-American Press Service, Bogotá, 1975. Para um histórico do CELAM, cfr. CELAM, *Elementos para su Historia - 1955-1980*, CELAM, Bogotá, 1982

³⁸¹ Paulo VI, “Inaugurata la II Assamblea Generale dei Vescovi dell’America Latina - Riconoscere Cristo in noi e nei nostri fratelli” in *Insegnamenti di Paolo VI*, VI/1968, Tipographia Vaticana, 1969, 403-414 (texto castelhano); 414-425 (texto italiano)

5.1.3. Redes por famílias religiosas, nacionalidade e língua

As famílias religiosas, com a maioria de suas casas generalícias instaladas em Roma e possuindo, quase sempre, amplas casas de formação junto aos ateneus e universidades romanas, eram, de per si, um arrimo seguro para seus membros bispos, tanto mais que seus superiores maiores eram também membros do Concílio. Algumas tendiam a oferecer hospedagem aos seus bispos e peritos, agrupando-os numa mesma casa. Os salesianos, por exemplo, abrigavam na mesma residência o Cardeal de Santiago do Chile, Silva Enriquez e também prelados salesianos, de nacionalidade italiana, trabalhando em prelazias do Brasil: D. Miguel d'Aversa de Humaitá, AM; D. João Marchesi e Pedro Massa do Rio Negro, AM e D. Camilo Faresin de Registro de Araguaia, MT. Dom João Batista Costa, salesiano brasileiro, prelado de Porto Velho, RO, ficou também em Monte Mario com os salesianos.

Devido ao elevado número de bispos estrangeiros e de bispos religiosos existentes no Brasil, estas duas redes adquiriram importância relativamente grande no caso do seu Episcopado, pois inseriu muitos dos seus membros no circuito constituído pelos bispos do seu país de origem ou na rede internacional de sua própria congregação ou ordem religiosa³⁸². Por vezes, essas redes terminaram por retirar alguns bispos da *Domus Mariae* onde estava hospedado o Episcopado brasileiro, juntando-os noutra local, segundo sua ordem ou congregação. Assim, cerca de 27 bispos, todos religiosos, não se hospedaram na *Domus Mariae*, durante a quarta sessão. Como a única maneira de vê-los a cada dia, era na aula conciliar, “O Conciliábulo” publicou uma lista destes bispos, indicando seu lugar na Aula Conciliar e acrescentando a observação: “Os *‘Assignatori’* não vão gostar de estarmos fornecendo estes números”³⁸³. A ida de bispos e prelados para outras residências fora da

³⁸² Os bispos religiosos do Brasil, à quarta sessão do concílio, somavam 95, sobre um total de 229 ou seja 44,1%. Do total de religiosos, 59 eram estrangeiros, ou seja 62,2%. Os religiosos estrangeiros procediam da Alemanha (6), Canadá (1), Espanha (6), França (5), Holanda (7), Itália (23), Polónia (2), Ucrânia (1) e Estados Unidos (8). O número de estrangeiros do Episcopado brasileiro, presente no Concílio, é ligeiramente superior pois aos 59 religiosos, é preciso acrescentar outros cinco seculares vindos de Cuba (1), Itália (1), Portugal (2), Síria (1), dando um total de 64. Os dados foram extraídos da Lista de Bispos por país de Origem e Ordem Religiosa, segundo o Anuário Pontifício de 1965, cotejada com outras fontes e preparada por Luiz Carlos Luz Marques no ISR de Bologna.

³⁸³ “Sempre no intuito de prestar serviços à comunidade, fornecemos a seguir os números dos assentos na Aula Conciliar, dos nossos colegas que estão fora na “*Domus Mariae*” e mais alguns que possam interessar: D 18 - D. Mário de Miranda Vilas-Bôas [Arcebispo da Paraíba]; S 105 - D. Antônio Alves de Siqueira [Arcebispo auxiliar de São Paulo]; S 59 - D. Antônio de Almeida Moraes Junior [Arcebispo de Niterói]; S 732 - D. Tiago Ryan, OFM (Santarém); S 758 - D. Jaime Schuck, OFM (Cristalândia); S 392 - D. Clemente Geiger [CSSP] (Xingu); S 387 - D. José Alvarez [OAR] (Lábrea); S 827 - D. José de Castro Brandão [CSSR], (Propriá); S 358 - D. João Batista Costa [SDB] (Rondonia); S 784 - D. José Dalvit [FSCJ] (São

Domus Mariae onde estava hospedado o Episcopado brasileiro, podia denotar o peso relativo e o jogo das diversas solidariedades às quais prestavam os bispos sua adesão. Era compreensível que prelados da região amazônica, em sua maioria estrangeiros, convivendo apenas com confrades de sua mesma ordem e congregação, oriundos geralmente do mesmo país de origem e até então com escassos laços institucionais e pastorais com a conferência episcopal do país onde trabalhavam, se achassem “mais à casa”, em sua família religiosa do que junto com o restante do Episcopado brasileiro. Estas ausências causavam evidentemente embaraços de comunicação e problemas de deslocamentos em relação às constantes reuniões da CNBB e aos diferentes grupos de trabalho e comissões de estudo. A tendência é que os ausentes ficassem alheios à esta intensa vida diária que se desenrolava na Domus Mariae. No incidente da demissão apresentada pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara ao seu cargo de presidência da CNBB, não faltou quem atribuisse, para além das razões de saúde apresentadas, à sua ausência da *Domus Mariae*, o surgimento de mal-entendidos que o teriam levado à esta renúncia, durante a II Sessão do Concílio, em novembro de 1963³⁸⁴. Em alguns momentos, há um apelo para que, quando de atos importantes, os colegas ausentes sejam avisados, na Aula Conciliar, pelos outros colegas residentes na *Domus Mariae*³⁸⁵.

Mateus); S 138 - D. Geraldo Proença Sigaud [SVD] (Diamantina); D 673 - D. Geraldo Fernandes [SAC] (Londrina); S 1095 - D. Giocondo Grotti [OSM] (Acre); S 389 - D. Manuel Könnner [SVD, ex-prelado de Foz de Iguaçu, vivendo em casa dos SVD na Alemanha]; D 319 - D. Inácio Krause, CM (Toledo); S 902 - D. Aloísio Lorscheider, OFM (Santo Ângelo); S 933 - D. Raimundo Lui, [OCarm] (Paracatu); D 741 - D. José Martenetz, [OSBM, Curitiba, Exarca Apostólico para os Ucrânicos]; D 703 - D. Jerônimo Mazzaroto, [bispo auxiliar de Curitiba]; D 843 - D. Geraldo Pellanda, [bispo coadjutor de Ponta Grossa]; D 517 - D. José Nepote-Fus, [IMC, Emérito da Prelazia de Roraima]; D 353 - D. Abel Camelo, (Goiás); S 309 - D. Gregório Alonso [Aparício], [OAR, Prelazia *Nullius* de Marajó]; D 625 - D. Aristides Pirovano, (PIME) [Prelazia *Nullius* de Macapá]; S 925 - D. João Marchesi, [SDB] (Prelazia do Rio Negro); D 929 - D. Miguel d'Aversa, [SDB] (Prelazia de Humaitá); DA 30 - Mons. Adrien Veigle, [TOR] (Prelazia de Borba); DA 35 - Mons. Paulo McHugh [SFM] (Prelazia de Itacoatiara); D 588 - Mons. Camilo Faresin [SDB] (Prelazia de Registro do Araguaia); DA 34 - Mons. Alquilio Alvarez [OAR] (Prelazia do Marajó); CO IV, 216, 16-09-1965. Nota bene: As informações que se encontram entre crochets [], foram acrescentadas pelo autor.

³⁸⁴ “Sentia-se na carta de renúncia do Em^o. Cardeal Câmara à presidência da CNBB, o travo da amargura. Entre homens virtuosos, inteiramente consagrados ao bem das almas, o demônio sabe cavar abismos, valendo-se das coisas mais simples. A insídia, mesmo involuntária, infiltra-se nas denúncias, nas notícias mal transmitidas. O S. Cardeal Câmara, tanto aqui, como no Brasil tem sido vítima de mau assessoramento. Estamos certos de que, se estivesse em nosso convívio [na *Domus Mariae*], como está o Sr. Cardeal Motta, muitas incompreensões teriam sido evitadas”. CO II, 45, 19-11-1963.

³⁸⁵ “Pede-se a todos os bispos brasileiros que convidem seus colegas residentes fora da *Domus Mariae* para a reunião final da próxima segunda-feira que é importantíssima.” [Tratava-se de reunião acerca das normas para a aplicação da reforma litúrgica - nota do autor] CO II, 56, 29-11-1963

5.1.4. Rede dos bispos ligados aos movimentos leigos

Bispos que haviam sido assistentes da Ação Católica, sentiam-se de imediato ligados à infra-estrutura internacional que os movimentos leigos podiam oferecer e ao espaço de encontros, intercâmbios, debates e circulação de materiais que estes promoviam. Particularmente importante era a rede constituída pela JOC (Jeunesse Ouvrière Catholique), com sede em Bruxelas, pelo MIJARC (Mouvement International de la Jeunesse Agraire Catholique) e pela JEC (Jeunesse Étudiante Catholique) internacional, com sede em Paris. Bispos como Helder Câmara, antigo assistente geral da Ação Católica Brasileira; D. Antônio Fragoso e D. José Vicente Távora, antigos assistentes da JOC; D. Cândido Padin, assistente da JUC, ligada à JEC Internacional, durante o Concílio, beneficiaram-se intensamente destas redes. Esta ligação foi tanto mais facilitada e estreita quanto jovens brasileiros, encontravam-se investidos de responsabilidade na cúpula internacional de alguns destes movimentos: Luiz Alberto Gómez de Souza, jucista brasileiro que fora secretário geral da JEC Internacional, em Paris, de 1959 a 1961 e que, entre a primeira e a segunda sessão trabalharia com D. Helder Câmara no Rio de Janeiro nos primeiros esboços do esquema XVII (depois esquema XIII que resultaria na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*); Ângela Neves, por muitos anos da equipe nacional da JAC e, em seguida, Secretária Geral Adjunta do MIJARC (Mouvement International de la Jeunesse Agraire Catholique); Bartolo Perez militante da JOC e presidente da JOC Internacional, em Bruxelas. Este último tornou-se, na terceira sessão conciliar, auditor leigo do Vaticano II. Houve, assim, um momento, em 1960, em que os organismos internacionais da Ação Católica, JECI, MIJARC e JOCI, estiveram dirigidos por militantes brasileiros.

II.5.2. Redes constituídas durante o Concílio

Dentre as muitas que se formaram ao tempo do Concílio, cito apenas três, pela sua importância para o Episcopado brasileiro, terminando com o exemplo de dois bispos e das redes nas quais tomaram parte:

5.2.1. O Ecumênico³⁸⁶

D. Helder Câmara chamava de “Ecumênico” o grupo que procurou articular diversas conferências episcopais, sob a égide do Cardeal de Malines-Bruxelles, Leo Joseph Suenens, um dos moderadores do Concílio e com o apoio secretarial da Conferência Episcopal Francesa. Esse grupo recebeu também o nome de “Conferência dos 22”, pelo número de conferências episcopais ou organismos, como o CELAM, ali congregados. Foi ainda chamado “*groupe du mardi*”, grupo da terça-feira, embora mais tarde, o grupo se reunisse de preferência nas sextas-feiras³⁸⁷. O Episcopado brasileiro participou intensamente desta rede, mantendo ali sua presença, mesmo depois das dramáticas mudanças na presidência da CNBB, no final da terceira sessão³⁸⁸. O coletivo reunia-se na Domus Mariae, local de residência do Episcopado brasileiro e tinha sua secretaria geral no Colégio Francês, assegurada por Mons. Roger Etchegaray, secretário do Episcopado francês: “As reuniões das sextas-feiras funcionaram com a ajuda providencial de Mgr. Veuillot e de Mgr. Etchegaray.

³⁸⁶ RAGUER, Hilari, 3.4. A Conferência de Delegados, in ALBERIGO, *História* II, pp. 198-200

³⁸⁷ J. Grootaers oferece um relato bastante vivo e minucioso dos trabalhos deste grupo no seu artigo: J. GROOTAERS, “Une forme de concertation Épiscopale au Concile Vatican II - ‘La Conférence des Vingt-Deux’ (1962-1963)”, in *Revue d’Histoire Ecclésiastique* XCI, 1, jan.-mars 1996, Louvain-la-Neuve, 66-112

³⁸⁸ Interpelado pelo Cardeal Suenens, se a CNBB continuaria fazendo bloco com as orientações do “Ecumênico”, o novo presidente da Conferência, o arcebispo de Ribeirão Preto, D. Agnelo Rossi deixou em carta manuscrita dirigida ao autor, um depoimento que mostra bem as mudanças de estilo e orientação ocorridas na Conferência Episcopal, com a saída de D. Helder Câmara da secretaria geral: “Sobre o Concílio, posso afirmar que o Episcopado brasileiro, guiado por D. Helder Câmara, secretário da CNBB, seguia a orientação do Cardeal Suenens e simpatizava com as iniciativas da Conferência Episcopal Francesa. Apenas eleito presidente da CNBB, através de D. Helder Câmara fui convidado para um almoço na vila do Cardeal Suenens (alugada por duas senhoras, a Peeter Grace dos Estados Unidos e outra irlandesa, líder da Legião de Maria e depois da Renovação Carismática). Sua eminência agradecendo o apoio do Episcopado brasileiro, por intermédio de D. Helder Câmara, quis saber se poderia contar com nossa disponibilidade e eu respondi rudemente: “V. Eminência sabe que o Episcopado brasileiro não é boiada de que podemos dispor à vontade. Mande-nos anteriormente, suas sugestões, nós as discutiremos livremente e se estivermos de acordo, nós as apoiaremos.” Carta de D. Agnelo Rossi a José Oscar Beozzo (19-06-1989) FvatII/SP. Cfr. Para maiores detalhes sobre o Fundo, BARAÚNA, Luiz J., “Fontes Brasileiras do Concílio: Fundo Vaticano II”, in BEOZZO, José Oscar, *A Igreja Latino-americana às Vésperas do Concílio - História do Concílio Vaticano II*, Paulinas, São Paulo, 1993, pp. 25-37

Oficialmente era o CELAM que convidava, mas de fato, era a França que fazia todo o trabalho, que ajudava a policopiar, para o telefone e a organização³⁸⁹.

5.2.2. O Coetus Internationalis Patrum³⁹⁰

Comandado pela arcebispo espiritano, Mons. Marcel Lefebvre, tinha como secretário geral, e um o verdadeiro motor do grupo, D. Geraldo de Proença Sigaud,³⁹¹ arcebispo de Diamantina³⁹². É D. Sigaud quem assina a circular que é reproduzida abaixo, onde o grupo se apresenta, mas não com o nome de *Coetus Internationalis Patrum*. Na circular aparecem os nomes dos cardeais que apoiavam formalmente a iniciativa, numa clara intenção de dar-lhe maior legitimidade e de atrair novos membros para o grupo. Este apresenta-se modestamente como um grupo de estudo, à luz da doutrina tradicional da Igreja: “Un gruppo di Padri Conciliari di diverse nazioni si riunisce, ogni martedì alle ore 17, Via del Sant’Uffizio, 25, alla Curia Generalizia dell’Ordine di Sant’Agostino. Scopo di tali adunanze è lo studio comune, con il concorso di teologi, degli Schemi sottomessi alla discussione dei Padri, nella luce della dottrina tradizionale della Chiesa, secondo l’insegnamento dei Sommi Pontefici. Queste riunioni se tengono sotto l’alto e favorevole patrocinio delle LL. EE. Rrme. i Signori Cardinali Ruffini, Siri, Santos, Larraona, Browne. La presente umile lettera vorrebbe essere anche un invito a V. Ecc. che voglia onorare le nostre adunanze colla sua ambita presenza. Dev.mo nel Signore, Geraldo de Proença Sigaud, Arc. di Diamantina (Brasile), Segretario del Grupo”.

Dom Helder, em uma de suas circulares, depois de resenhar os muitos contatos e iniciativas daquele dia, em favor do esquema XIII, comenta:

“Enquanto isso, é curioso, outro brasileiro – Dom Sigaud – com certeza, com a mesma sinceridade e o mesmo amor à Igreja, reúne Bispos do mundo inteiro para combater ‘as idéias progressistas’.”³⁹³

³⁸⁹ BROUCKER, Joseph de, *Dom Helder Camara. Les conversions d’un Évêque*. Paris: Seuil, 1977, pp. 152-153.

³⁹⁰ O estudo mais completo sobre o Coetus e outros grupos que se formaram durante o Concílio encontra-se na tese de GÓMEZ DE ARTECHE y Catalina, S., *Grupos “extra aulam” en el II Concilio Vaticano y influencia*, 3 vols. Em 9 t. p. 2585. Tese de doutorado inédita. Biblioteca de la Facultad de Derecho de la Universidad de Valladolid. Uma boa síntese encontra-se em ALBERIGO, *História II*, 188-192

³⁹¹ CO III, 149, 10-10-1964.

³⁹² PERRIN, Luc, “Il ‘Coetus Internationalis Patrum’ e la minoranza conciliare”, in FATTORI, Maria Teresa e A. MELLONI, *L’evento e le decisioni*, o. cit. pp. 173-188

³⁹³ HC IV/8, 17-18/9/1965

Se Dom Sigaud destacava-se pelo empenho em organizar as atividades do *Coetus*, como seu secretário, seu outro fiel companheiro no episcopado brasileiro, D. Antônio de Castro Mayer, aplicava-se ao estudo dos esquemas e a rebater, o mais das vezes, as propostas e argumentos da corrente majoritária no Concílio. Antigo reitor do Seminário Central do Ipiranga em São Paulo, bispo da diocese de Campos - RJ, editor do semanário “Catolicismo”, porta-voz do integrista teológico-pastoral, o responsável por trinta intervenções, apresentadas na Aula Conciliar ou depositadas, por escrito, na Secretaria do Concílio³⁹⁴. Muitas delas vinham assinadas por outros membros do *Coetus* ou apenas simpatizantes de suas posições. Mas nem por isso, deixava Dom Sigaud de intervir, mesmo se numa cadência três vezes do que Castro Mayer. Ao todo, apresentou dez intervenções,

³⁹⁵

Ambos os bispos estavam muito ligados ao movimento leigo TFP (Tradição, Família e Propriedade), e ao seu fundador, Dr. Plínio Correia de Oliveira³⁹⁶. A TFP brasileira prestou apoio logístico aos dois bispos brasileiros na primeira sessão³⁹⁷ e ao *Coetus Internationalis Patrum*, após a sua constituição, a partir do dia 22 de outubro de 1963³⁹⁸. Alguns outros brasileiros, entre os quais se encontravam D. José Maurício da Rocha, bispo

³⁹⁴ As trinta intervenções encontram-se assim distribuídas: quatro, na I Sessão: AS I/2, 695-97; AS I/3, 312-13; AS I/3, 445-46- XXV; AS I/3, 772-75, à qual deve-se acrescentar uma quinta, desgarrada e recuperada nas Atas da Secretaria Geral: AS: AS VI/2 393 (Periodus II – 1963); oito, na II Sessão: AS II/2, 721-23; AS II/3, 438-41; AS II/4, 631-33 – LXIII; AS II/5, 124-25; AS II/5, 288-90; AS II/5, 365; AS II/5, 784-85; AS II/6, 109-12; dez, na III Sessão: AS III/2, 109-11; AS III/2, 485-86 LXXXVII; AS III/3, 161-62; AS III/3, 449-50; AS III/3, 545; AS III/4, 295-96; AS III/4, 562-63; AS III/5, 247-48; AS III/5, 339-41 CVII; AS III/7, 223-26; sete, na IV e última Sessão: AS IV/1, 712-14; AS IV/2, 371-73 CXXXIV; AS IV/2, 1029-34; AS IV/3, 181; AS IV/3, 422; AS IV/4, 478; AS IV/5, 295-99.

³⁹⁵ Das dez intervenções, uma foi na I Sessão do Concílio: AS I/3, 224-29-XXIII; três na II Sessão: AS II/2, 34-36 – XL; AS II/2, 366-369 – XLIV; AS II/6, 112-13; duas na III Sessão: AS III/1, 678-80; AS III/3, 648-57; três na IV Sessão: AS IV/2, 47-50 CXXXIII; AS IV/2, 130-32; AS IV/4, 482-88 e uma que foi parar nas Atas da Secretaria Geral do Concílio: AS VI/2, 503-04;

³⁹⁶ Sobre Plínio Correia de Oliveira acaba de ser publicada uma biografia em italiano: MATTEI Roberto de, *Il Crociato del secolo XX - Plinio Corrêa de Oliveira*, Piemme, Casale Monferrato, 1996, que informa sobre o traslado de Plínio a Roma, durante toda a primeira sessão conciliar, acompanhado de um grupo da TFP: “Erano venuti a Roma, tra gli altri, il prof. Fernando Furquim de Almeida, il giovane principe D. Bertrand de Orléans Bragança, Luiz Nazareno da Assumpção, Paulo Brito, Fabio Xavier da Silveira. Quest’ultimo aveva viaggiato anticipatamente per nave portando con sé venti bauli di materiale di propaganda cattolica, tra i quali copie in diverse lingue di *Rivoluzione e Contro-Rivoluzione* del dottor Plinio e *Problemi dell’Apostolato Moderno* di mons. de Castro Mayer.” MATTEI, 270, nota 32.

³⁹⁷ “Durante la prima sessione del Concilio, Plínio Corrêa de Oliveira installò a Roma un segretariato che seguì attivamente i lavori dell’assemblea e offrì un servizio costante soprattutto ai due prelati brasiliani a lui vicini [D. Geraldo Proença Sigaud e D. Antônio de Castro Mayer]. Attorno a loro si formò presto uno schieramento di vescovi e di teologi conservatori, tra i quali mons. Luigi Carli, mons. Marcel Lefebvre e un grupo di docenti dell’Università Lateranense, comme mons. Antonio Piolanti e mons. Dino Staffa. Essi si riunivano il martedì sera presso la Curia Generalizia degli Agostiniani per esaminare, con l’aiuto di teologi, gli schemi di volta in volta presentati in assemblea.” MATTEI, 271

³⁹⁸ “Più tardi, il 22 ottobre del 1963, presso un istituto religioso di via del S. Uffizio si tiene la prima riunione del grupo che assumerà il nome di *Coetus Internationalis Patrum*. I vescovi partecipanti all’incontro, circa una trentina, stabilirono di ritrovarsi con regolarità. Segretario venne nominato mons. Geraldo de Proença Sigaud, a sua volta assistito dall’efficiente ufficio di segreteria messo a disposizioni dai membri della TFP presente a Roma.”

de Bragança Paulista, SP, D. Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, bispo de Palmas, PR, Luiz Gonzaga da Cunha Marelim, bispo de Caxias, MA, D. José Nepote-Fus, missionário da Consolata e prelado do território do Rio Branco (hoje estado de Roraima); Giocondo Maria Grotti, dos Servos de Maria, prelado do Acre-Purus (AC), estavam próximos ao *Coetus*, que não conseguiu porém ampliar sua posição no interior do Episcopado brasileiro como um todo. Internacionalmente, o Coetus contava com o combativo Luigi M. Carli, bispo de Segni na Itália, terra natal do Secretário do Concílio, Pericle Felici, o que facilitava o acesso do grupo a esta importante instância conciliar. Podia ainda contar com importantes simpatias e mesmo apoio na pessoa do Cardeal Siri, na Comissão de Coordenação do Concílio e com o Cardeal Ruffini no Conselho de Presidência.

Se o *Coetus* em torno a determinadas questões alcançou um eco bastante significativo, como no pedido de condenação do comunismo pelo Concílio, na medida porém em que radicalizou suas posições, terminou por isolar-se. O exemplo mais palpável, encontra-se na sua recomendação, em carta de 03-12-65 aos padres conciliares, para que rejeitassem o inteiro esquema 13, votando *non placet ad integrum Schematis XIII, cum iam non sit possibile obtinere partiales modificationes*, vista a impossibilidade de se introduzirem modificações parciais. Os pontos principais indicados para se rejeitar em bloco o esquema foram: [...] a omissão da palavra “comunismo” na parte em que se fala do ateísmo; a insuficiência da doutrina sobre os fins do matrimônio; a não alcançada supressão do inciso sobre a objeção de consciência; a discordância com a indiscriminada condenação da guerra total.³⁹⁹ Em que pese o apelo, dos 2.373 padres presentes, 2.111 votaram *placet*, 251 *non placet* e 11 anularam seu voto. Na sessão pública do dia 07-12-65, antes da sua promulgação por Paulo VI, o texto da *Gaudium et Spes* recebeu apenas 75 *non placet*, dentre os 2.309 padres conciliares, mostrando o grande isolamento da corrente intransigente capitaneada pelo *Coetus Internationalis Patrum*. Sua articulação continuou porém ativa no pós-concílio, comandando a resistência à sua aplicação tanto no campo litúrgico, quanto no da doutrina social da Igreja, da liberdade religiosa e do ecumenismo ou no do exercício da colegialidade episcopal⁴⁰⁰.

Comentando esta votação, D. Helder não se sente inteiramente feliz: “*Terminou, na Basílica*, a votação do Esquema XIII: ele já não existe... Cedeu, gloriosamente, lugar à “Constituição pastoral sobre a presença da Igreja no mundo”. O ROC (estado maior da

³⁹⁹ KLOP V, 420-421

⁴⁰⁰ MENOZZI, Daniele, “El anticoncilio (1966-1984)” in G. ALBERIGO/J. P. JOSSUA, *La Recepción del Vaticano II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987, 385-413

oposição ao espírito do Vaticano II) explorando o medo dos Bispos norte-americanos em relação ao que lhes parecia condenação total da guerra, o que aos Bispos dos USA parece irrealismo e fazer o jogo do comunismo), anunciara a queda do Esquema e seu envio ao Sínodo dos Bispos...

Aprovação daquelas... Quando se refugiavam na esperança de que o Santo Padre adiasse a promulgação, dez minutos depois da votação final, já chegava do Santo Padre o aviso do que deseja a promulgação da nova Constituição na sessão de encerramento do Concílio. “*A alegria de ontem só não foi completa porque, além do cuidado fraterno com os amargurados (vi o sofrimento no rosto de Dom Sigaud!) [...] Fiquei rezando o tempo todo pelo ROC. Vai ser demais para uma sessão só, a sessão histórica de hoje:*

- promulgação do decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes;
- promulgação da declaração sobre liberdade religiosa;
- promulgação da Constituição pastoral sobre presença da Igreja no mundo;
- levantamento simultâneo das excomunhões - em Roma e em Constantinopla, por Paulo VI e o Patriarca Atenagoras - que entre si trocaram as Igrejas católica e ortodoxa...

A maior revista ilustrada da Alemanha - a super- Manchete de lá - publicou, em página dupla, com várias fotografias, a maior das quais é a minha, um artigo cujo título me afligiu: *O DOC contra o ROC*. Pessoalmente, não sou contra ninguém”⁴⁰¹.

5.2.3. A Igreja dos Pobres.

O grupo *Igreja dos Pobres* estava integrado, no seu início, por um pequeno grupo de nove bispos brasileiros, que, no entanto, era o mais numeroso ao interior do mesmo, após o grupo de língua francesa, com onze bispos⁴⁰². Em seguida, o grupo

⁴⁰¹ HC Cir. 88, 06-07/12/1965

⁴⁰² Numa lista elaborada a partir da presença das quatro primeiras reuniões realizadas no Colégio Belga, à Via del Quirinale 26, entre outubro e novembro de 1962, encontramos os nomes dos seguintes bispos brasileiros: 1. Helder Câmara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro - RJ; 2. Francisco Austregésilo de Mesquita, bispo de Afogados da Ingazeira - PE; Gabriel Bueno Couto, bispo de Taubaté - SP; 4. Antônio Frago, bispo auxiliar de São Luís - MA; 5. Carlos Coelho Gouvea, arcebispo de Recife - PE; 6. Jorge Marcos de Oliveira, bispo de Santo André - SP; 7. João Batista Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória - ES; 8. Eugênio de Araújo Sales, administrador apostólico de Natal - RN; 9. Walfrido Vieira, bispo auxiliar de São Salvador - BA, ou seja 9 bispos num total de 49 - Arquivo Lercaro 427. Durante a 3ª sessão, a 23 de outubro de 1964, o grupo de bispos e peritos agrupados em torno da Igreja dos Pobres endereçou carta ao Papa Paulo VI, anexando uma lista dos Padres que participaram das reuniões do Colégio Belga. Nela, o número de bispos brasileiros participantes dobrou. Da lista anterior, desaparece D. Carlos Coelho Gouvea, falecido em março de 1964. Nesta nova lista, há 16 brasileiros (18.6%), para um total de 86 padres. Os nomes

brasileiro cresceu, alcançando 16 bispos⁴⁰³. Dentre estes, merece particular destaque D. João Batista da Mota Albuquerque, arcebispo de Vitória - ES, que acabou acolhendo, em sua arquidiocese, após o concílio, uma comunidade masculina de membros dos “Companheiros de Jesus Carpinteiro”, fundada em Nazareth, por Paul Gauthier, ao lado de uma comunidade feminina, cuja inspiração partia de Marie-Therèse.

Ao final da quarta sessão, o grupo mais permanente de 39 bispos, numa concelebração discreta na Catacumba de Santa Domitila, a 16 de novembro de 1965, selou um compromisso com a pobreza e o serviço aos pobres, firmando o assim chamado “pacto das catacumbas”.⁴⁰⁴ D. Luís Fernandes, recém sagrado bispo auxiliar de Vitória, juntou-se ao grupo que celebrou o pacto das Catacumbas⁴⁰⁵. Este compromisso recolheu a assinatura de mais de 500 padres conciliares.

D. Antônio Fragoso, bispo de Crateus, um dos brasileiros participantes deste grupo que se reunia no Colégio Belga, deixou-nos um pequeno depoimento sobre sua participação: “Éramos 36 bispos, um patriarca, Maximos IV, alguns cardeais, entre eles [Giacomo] Lercaro, e uns arcebispos e bispos. De bispos, lembro-me de Mons. [Charles-Marie] Himmer de Tournai [na Bélgica], de mim e de outros não me lembro. O grupo começou na primeira seção. Tínhamos como secretários Paul Gauthier e Marie Therèse Lescase. O tema era a Igreja e os Pobres, começando pela identidade entre Jesus e os pobres. Lembro-me do argumento central: quando afirmamos a identidade entre Jesus e o pão consagrado: ‘isto é meu corpo’, nós [o] adoramos e tiramos conseqüências para nossa espiritualidade, liturgia e tudo mais. Quando [se] afirma a identidade entre ele e os que não tem pão, casa, nós não tiramos as conseqüências para a espiritualidade, liturgia, ação

que devem ser acrescentados à anterior lista de 1962, são os seguintes: 1. João Alano de Noday, Porto Nacional - GO; 2. Henrique Golland Trindade, arcebispo de Botucatu - SP; 3. Adriano Hypolito Mandarin, bispo auxiliar de Salvador - BA; 4. José Lamartine Soares, bispo auxiliar de Olinda-Recife - PE; 5. Nivaldo Monte, bispo auxiliar de Aracaju - SE; 6. João José da Mota e Albuquerque, arcebispo de São Luís - MA; 7. Manuel Pereira da Costa, bispo de Campina Grande - PB; 8. D. José Távora, arcebispo de Aracaju - SE. Entre os 26 teólogos, aparecem o nome de dois brasileiros: o Pe. Raimundo Caramuru de Barros, assessor da CNBB e o Pe. Duarte, secretário de D. José Vicente Távora. Cfr. Fondo Häring XXVI 2902.d, 23-10-1964

⁴⁰³ D. Eugênio de Araújo Sales que estivera presente às primeiras reuniões do grupo “Igreja dos Pobres”, deixou-o, segundo seu próprio depoimento: “Na página 25, C Igreja dos Pobres, nota 85 [numa anterior versão do presente texto], está incluído no oitavo lugar o meu nome, número 86 da lista elaborada sobre as primeiras reuniões [d]o colégio Belga. Tenho idéia de ter ido uma única vez, levado pelo fundador do grupo da Igreja dos Pobres, Padre Gaut[h]ier que depois deixou o sacerdócio. Verifiquei que não era o meu lugar. E pedi ao bispo de Vitória [D. João Batista Mota e Albuquerque] que me substituísse, como uma espécie de coordenador, isto é que avisava os outros. Reconheço [sua] que (sic) grande generosidade, mas achei-o um pouco utópico. Dou como exemplo, pelo Pacto das Catacumbas, não se podia ter cheques bancários, o que me parece bastante irreal, no mundo moderno.” Carta de D. Eugênio de Araújo Sales ao autor, C/1080/97, Rio 08-09-1997.

⁴⁰⁴ Para o texto completo do Pacto das Catacumbas, cfr. ANEXO I

⁴⁰⁵ Informação do próprio D. Luís Fernandes ao autor, durante o IX Intereclesial das CEBs, em São Luís do Maranhão, a 17-07-97

pastoral. Lembro-me que, na sessão final, fomos celebrar, numa das catacumbas, a eucaristia final. Assinamos um compromisso nosso com os pobres: dar uma atenção prioritária aos pobres (não ter dinheiro em banco, patrimônio) e este compromisso chegou a ser assinado por 500 bispos”⁴⁰⁶.

Mas D. Fragoso fez também uma dura descoberta: “[O concílio] permitiu-me descobrir (a releitura foi feita depois) que os pobres não estavam no coração e no horizonte dos bispos. Por isto, o Concílio não deu maior atenção ao tema. O concílio permitiu-me sair daquele pessimismo sobre a natureza e dar-me alegria, mas não o vi se reconciliando com os pobres”⁴⁰⁷.

Denis Pelletier aprofundou a dinâmica deste grupo, suas tensões internas, suas iniciativas no plano institucional do concílio, consideradas mais um fracasso do que um sucesso, e no plano pastoral e profético, onde alcançou grande repercussão⁴⁰⁸.

5.2.4. Pertencas múltiplas e diversificadas

Na realidade, cada bispo, durante o Concílio, constituía um nó de relações complexas onde múltiplas pertencas institucionais já dadas (país, língua, congregação religiosa) disputavam espaço e tempo com novas pertencas por opção (entrada num dos grupos informais do Concílio) ou por eleição ou atribuição (encargo em alguma comissão conciliar).

Sirva de exemplo ilustrativo, para o leque por vezes bastante diversificado da rede de articulações, em que podia estar envolvida uma pessoa, o caso de D. Pedro Paulo Koop, eleito bispo de Lins em 1964. No dia seguinte à sua sagração episcopal (08-09-1964), em Bauru - SP, onde fora vigário da Igreja Santa Terezinha, e antes mesmo de uma visita à sua nova diocese, seguiu para Roma, a fim de participar da terceira sessão do Concílio. Por ser holandês, ligou-se de imediato à Conferência Episcopal Holandesa e aos teólogos de seu país, criando laços de duradoura amizade com o Cardeal Alfrink, cujo secretário particular, Johann Brahm, acabou vindo trabalhar na diocese de Lins, uma vez

⁴⁰⁶ AF. Sobre o grupo “Igreja dos Pobres” e o “Compromisso das Catacumbas”, cfr. FESQUET, o. cit., p 1121-1122; CAPRILE, Giovanni, “Passi concreti per una “Chiesa Povera” in *Il Concilio Vaticano II, Quarto Periodo - 1965*, vol. V, Ed. Civiltà Cattolica, Roma, 1969, 534-536. A reprodução do compromisso, na versão portuguesa, encontra-se em KLOPPENBURG, Boaventura, “O Pacto da Igreja Serva e Pobre” in *Concílio Vaticano II*, vol. V - Quarta Sessão (set.-dez. 1965), Vozes, Petrópolis, 1966, 526-528

⁴⁰⁷ AF

⁴⁰⁸ PELLETIER, Denis, “Une marginalité engagée: le groupe ‘Jesus, l’Église et les pauvres’”, in LAMBERIGTS-SOETENS-GROOTAERS (ed.), *Les Commissions Conciliaires à Vatican II*, Bibliothek van de Faculteit Godgeerdheid, Leuven, 1996, p 63-89

terminado o Concílio. Entrou também no circuito do numeroso grupo de bispos holandeses, de diferentes ordens e congregações religiosas missionários na Ásia, África, América do Sul e estabeleceu relações estreitas com o DOC.⁴⁰⁹ Por pertencer à Congregação dos Missionários do Sagrado Coração, com numerosos bispos missionários na Indonésia e em outras regiões do mundo, esteve de imediato integrado também a esta rede.

Por ter sido, ao longo de mais de vinte anos, assistente do movimento de Equipes de Nossa Senhora e por dominar o francês, por conta da origem de sua congregação, participou muito de perto dos grupos que alimentaram a discussão sobre a limitação da natalidade ao longo da terceira e quarta sessão do concílio, entrando em estreito contato com os responsáveis internacionais do movimento em Paris, na França. Ligou-se também de amizade aos dois bispos que lhe tocaram à sua esquerda e à sua direita, nos assentos da aula conciliar.

Este tipo de amizade pela convivência quotidiana na Aula Conciliar foi comum e por vezes duradouro.

Dom Helder Câmara deixou-nos um tocante depoimento sobre seu vizinho na Aula Conciliar:

“Ontem na Basílica, houve fatos dignos de registro:

Meu vizinho, nas 3 sessões conciliares vem sendo sempre Mons. Victor Basin, francês, arcebispo de Rangoom (Birmânia). Mudo de lugar. Passo da esquerda para a direita, da direita para a esquerda e o vizinho é sempre o mesmo.

Os dois, graças a Deus, jamais faltamos a uma só das 107 assembléias [Congregações Gerais. Nota do autor] do Concílio. Os dois sempre votamos juntos: porque pensamos e reagimos sintonizadamente. Ajudamo-nos. Somos companheiros de *Ecumênico* e irmãos de esperanças e sustos. Ontem pela primeira vez, a Sessão começou e Bazin não veio. Apareceu-me no fim da assembléia, comovidíssimo. Tinha acabado de cumprir um dever difícil: o homem novo, me disse, dança e canta dentro de mim; o homem velho estrebucha...

Voltava da S. Congregação da Propagação da Fé. Convicto de que é hora de por à frente de Rangoom, um birmaniano, fora apresentar sua renúncia e pedir a nomeação

⁴⁰⁹ DO-C - Documentatie Centrum Concilie - Documentazione Olandese del Concilio - Documentation Hollandaise du Concile. O DO-C funcionou em Roma, no Hotel Olympia na Via Properzio, 2 até 9 de março de 1964, quando foi distribuído o boletim n.º 108. O Boletim n.º 109, já sai com o novo endereço da Via S. Maria dell'Anima, 30.

de um nativo. ‘És feliz, filho de Augusto: a carne e o sangue são incapazes deste gesto. Agiu em ti e contigo o meu Pai que está no céu’. É muito fácil exigir, dos outros, gestos cujo heroísmo nem sempre sabemos medir...

Enquanto estava vazia a cadeira de Mons. Bazin, vi sentar-se nela um jovem e belo oriental, vestido de veludo roxo que anunciava um membro da igreja ortodoxa. Era o arcebispo oriental André Scrima, representante pessoal do Patriarca Athenagoras no Concílio. Ele estivera em Domus Mariae, agradando enormemente”.⁴¹⁰

Quando se tornou Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder ganhou outro lugar na Aula Conciliar, agora mais próximo do altar da confissão: “*Mudou meu lugar na Basílica*: sou agora o D86 (D – lado direito). Só há no mundo 85 Arcebispos nomeados antes de mim (o celebrante de hoje estava comemorando 40 anos de Bispo). Meu vizinho é o arcebispo de Bamberg (Alemanha), Mons. Joseph Selmeider. Do outro lado não tenho vizinho. Meus amigos norte-americanos me abraçaram rindo e comentando: “Agora você é Arcebispo de verdade...”⁴¹¹.

D. Clemente Isnard OSB, bispo de Nova Friburgo e encarregada da Liturgia na CNBB, em depoimento sobre o Concílio, assinala, por sua vez, a existência de outras redes informais, como a que se aglutinou em torno da Liturgia: “Além das Congregações Gerais, os Bispos se reuniam ns Comissões Conciliares ou em grupos informais. Dom Helder Câmara [...] me indicou um grupo de interessados na Liturgia que se reunia na Villa Mater Dei, Via delle Mure Aurelie 10, para acompanhar o processamento da Constituição na aula conciliar. Compareciam alguns bispos, como Volk de Mainz, mais tarde Cardeal, Boudon, de Mende, Pourchet, de Saint-Flour, van Bekkum, de Ruteng, e os maiores peritos em Liturgia, como Martimort, Gy, Wagner, Fischer, Jungmann, Franquesa e outros. Nessas reuniões, não só se apreciava o andamento da Constituição na aula conciliar, como se articulavam intervenções a serem feitas em torno de assuntos que precisavam de apoio. Volk era, em geral, o Bispo escolhido para pedir a palavra, embora sua locução não fosse muito clara. Na reunião, se falava alemão e francês, sendo Gy o tradutor de uma língua para outra”⁴¹².

⁴¹⁰ HC Cir. III/49, Roma 22/23.10.1964

⁴¹¹ HC Cir. III/4, Roma, 14-15/09/1964. Dias depois, D. Helder anuncia novo lugar na Basílica: “Mais uma vez mudaram os lugares na Basílica: continuo na direita, n.º 93. De lá, vejo a turminha-chave e pelo olhar, me articulo com o grande e querido Suenens”. HC Cir. III/11, 21-22-09-1964

⁴¹² D. Clemente Isnard, art. cit., 3

“O concílio valeu-me como uma universidade. Deu-me grande segurança. Foi a maior reciclagem que pude fazer na vida.”⁴¹³

D. Francisco Austregésilo de Mesquita Filho
Bispo de Afogados da Ingazeira, PE

“Fomos alunos da melhor, da mais seleta, da mais importante Universidade do mundo. Voltamos aos bancos escolares, tendo como companheiros e mestres homens de todas as raças e de todos os povos..., com todas as suas glórias, mas também com todas suas angústias e deficiências”⁴¹⁴.

D. Agnelo Rossi
Arcebispo de Ribeirão Preto, SP

II.6. AS CONFERÊNCIAS DA DOMUS MARIAE

Uma das atividades da *Domus Mariae*, organizada de modo informal e ocasional na primeira sessão conciliar, de modo sistemático, a partir da segunda sessão, em 1963, ultrapassou na sua repercussão, os muros da casa; chamou a atenção da imprensa, incomodou alguns dos dicastérios da Cúria Romana, notadamente a Congregação dos Religiosos, sob a presidência do Cardeal Ildebrando Antoniutti e a Congregação dos Seminários e Universidades, dirigida pelo Cardeal Giuseppe Pizzardo. Provocou ainda um esclarecimento, quase advertência, na Aula Conciliar, por parte de Mons. Pericle Felice, secretário geral do Concílio. Trata-se das, assim chamadas, “Conferências da *Domus Mariae*”.

Durante a primeira sessão, D.Helder Câmara, como secretário da CNBB, começou a chamar algumas das pessoas mais em vista, entre peritos e padres conciliares, para falarem aos bispos, geralmente sobre os temas em debate na Aula Conciliar.⁴¹⁵ Foram, ao todo, onze conferências, três do prof. Hans Küng⁴¹⁶, nascido na Suíça, mas lecionando

⁴¹³ FAM

⁴¹⁴ KLOP II, p. 355

⁴¹⁵ É possível seguir, pelas cartas de D. Helder Câmara, a seqüência dos conferencistas convidados, mas sem poder confrontar estas informações com uma segunda fonte, por causa do desaparecimento do volume de “O Conciliábulo” referente à primeira sessão e porque o Boletim “Concílio em Foco”, começou a ser publicado somente a partir da segunda sessão.

⁴¹⁶ Helder Câmara não esconde seu entusiasmo pelo jovem teólogo suíço: “À tarde houve aqui, uma palestra esplêndida, Hans Küng, professor da Universidade de Tübingen (Alemanha), sobre o histórico da missa. [...] Tem a profundidade alemã e a fineza austríaca.” HC 13, 26-10-62. “Hoje, Hans Küng (padre) -

em Tübingen na Alemanha; quatro pronunciadas por cardeais, Giacomo Lercaro⁴¹⁷, arcebispo de Bologna, Augustin Bea, presidente do Secretariado pela Unidade dos Cristãos, Ernesto Ruffini, arcebispo de Palermo e Leo Suenens⁴¹⁸, arcebispo de Malines-Bruxelles; duas por bispos brasileiros, Clemente Isnard e Aloísio Lorscheider⁴¹⁹ e outras duas por franceses: Jacques Martimort, do *Centre de Pastoral Liturgique* de Paris e Roger Schutz com Max Thurian, monges da Comunidade de Taizée observadores protestantes do Concílio.

No primeiro encontro com os dois, nas semanas iniciais do Concílio, nota-se o deslumbramento de D. Helder, com a descoberta do mundo evangélico, tal como era vivido na comunidade de Taizé e a simpatia que se estabelece, de imediato, entre as pessoas: “Hoje estive com Roger e Max, protestantes da comunidade religiosa de Taizé (lembram-se do disco na casa de Carlinda, na noite de despedida?). Duas simpatias. Roger, muito moço, é o mestre; Max, o discípulo. Roger, que é suíço, no fim da guerra, veio estabelecer-se no sul de Paris, na diocese de Autun. Ocupou antigo templo católico abandonado e começou a receber (na linha espiritual de um Peyriguère ou de um Foucauld), os refugiados de todas as raças e de todos os credos. Terminada a guerra, foi à Suíça e voltou com Max. Hoje, são 52 jovens monges protestantes. 8

cujo livro apresentado pela querida A.C. [Ação Católica], em um dos primeiros boletins do Concílio, em breve enviarei, comentado - volta a fazer-nos uma palestra em *Domus Mariae*. É uma simpatia! Continuaremos a fazer força pelo Concílio.” HC 14, 28-10-62. “Já agora somos bons amigos [de Hans Küng]. A 3ª palestra que ele ia fazer para nós (sobre o episcopado), eu propus que fosse estendida aos latino-americanos e aberta aos nossos irmãos africanos, com quem ando unidíssimo”. HC 15, 29-10-62. Na terceira sessão do Concílio, novo comentário airoso sobre o teólogo, deixando entrever que a admiração é recíproca: “Ao chegar à *Domus*, ao final de palestra do Hans Küng, com quem fiquei, depois, até 11 ½ da noite (eu o considero o mais audacioso dos nossos teólogos quando escreve e, ainda mais, quando fala; ele me chama de profeta).” HC 56, 28/29-10-64

⁴¹⁷ Lercaro durante a primeira sessão do Concílio hospedou-se, como os brasileiros, na *Domus Mariae*, tendo sido a primeira pessoa convidada, por D. Helder Câmara, a falar ao episcopado brasileiro. Este não esconde entretanto um certo desaponto com sua palestra e a alegria com a de D. Clemente Isnard, ambos falando sobre o esquema da Liturgia: “Hoje pela manhã, os bispos brasileiros estudamos juntos. Falou-nos o cardeal Lercaro. Talvez por esperar demais de homem tão falado, achei sem novidades e sem maior interesse o que ele disse. Muito mais nos prendeu o nosso D. Clemente Isnard, que está dando prestígio, entre nós, à nossa Comissão de Liturgia”. HC 6, 19-10-62

⁴¹⁸ Entre Helder Câmara e o Cardeal Leo Suenens estabeleceu-se, desde a primeira sessão intensa cooperação que se converteu em estreita amizade e admiração mútuas: “19:30 do dia 29 [de novembro de 1962]. Houve o início do diálogo entre os dois Mundos. Foi emocionante. Ali estava na presidência, o sucessor de Mercier [Cardeal Desiré Mercier, arcebispo de Malines-Bruxelles de 1906 a 1926, presidiu as conversações de Malines para o diálogo entre católicos e anglicanos de 1921 a 1925 - nota do autor] que se mostrou absolutamente à altura da missão que a Providência lhe confia ... Mas grande mesmo foi Suenens, ao encerrar o Encontro. Disse verdades fortes e de maneira admirável.” HC 46, 28/29-11-62. Em outubro de 1965, por ocasião de outra palestra de Suenens, escreve D. Helder: “Entre os especiais motivos de ação de graças, devemos incluir o concílio. Foi o que nos lembrou na tarde de ontem, o cardeal Suenens, em palestra esplêndida na *Domus Mariae*. Rimos a valer, quando ele recordou, segundo a palavra do papa João, como todos nós éramos noviços em concílio... E comentou: “termina o nosso noviciado. Estamos preparados para o Vaticano III”. O querido pe. Miguel [nome cifrado com que D. Helder se referia a Suenens, em suas cartas] mostrou como o concílio a todos nos torna adultos, levando-nos a viver a corresponsabilidade no nível dos bispos, no nível dos padres, no nível das almas consagradas a Deus e no nível dos leigos (e foi esta a divisão da palestra).” HC 29, 09/10-10-65

⁴¹⁹ “Segunda-feira é capaz de haver votação e acredito que ele [o esquema sobre as Fontes de Revelação] será rejeitado em bloco pela maioria. A respeito disto é que D. Aloísio Lorscheider, bispo de Sant’Angelo (R.G. do Sul) fez para nós uma palestra magnífica”. HC 35, 17-11-62.

são pastores. Crêem na presença real de Jesus Cristo, celebram a Santa Missa. Confessam-se e os pastores dão a absolvição individual (como nós). Rezam o breviário. Querem permanecer na família protestante, preparando a união. Estão encantados com o Concílio. Se Deus quiser, na sexta-feira da outra semana, farão uma palestra para os bispos da América Latina. Depois jantarei com eles (sempre se Deus quiser)”⁴²⁰.

Os comentários que seguem, dizem respeito apenas às conferências organizadas a partir da segunda sessão, de modo sistemático, dentro de um calendário previamente estabelecido e horário previsto nas atividades da casa, ganhando então o nome de “Conferências da *Domus Mariae*” que as tornou célebres nos ambientes conciliares.

Ficaram, então, sob a responsabilidade do Pe. Antônio Guglielmi⁴²¹, biblista brasileiro, trabalhando na Áustria e que fora nomeado perito conciliar no decurso do II período conciliar. Eram destinadas ao Episcopado brasileiro, mas estavam abertas aos demais bispos e pessoas interessadas, ainda que proibidas aos seminaristas pelo Cardeal Giuseppe Pizzardo da Congregação dos Seminários.

As conferências sofreram também controvérsia interna, pois os conferencistas estavam alinhados com a maioria conciliar, o que desagradava visivelmente à Cúria Romana e aos elementos conservadores do Episcopado brasileiro. A CNBB, como tal, fez apenas um convite oficial para proferir conferência, e justamente ao Cardeal Ruffini, personalidade em vista da minoria conciliar, juntamente com Ottaviani, Siri e Browne: “Elementos que não vêm a CNBB com bons olhos, já foram fazer fuxico com o Sr. Cardeal Câmara, como se os bispos brasileiros não [fossem] livres, sem liberdade de ouvir quem quer que seja. Aliás, a iniciativa [das conferências] é inteiramente particular e nada tem a ver com a CNBB. O único que ela convidou a falar foi o Exmo. Cardeal Ruffini ...”⁴²².

⁴²⁰ HC 16, 31-10-62. Os laços estreitaram-se entre Taizé e a Arquidiocese de D. Helder, Olinda e Recife. Taizé estabeleceu ali uma comunidade que ficou hospedada inicialmente com os beneditinos do Mosteiro de Olinda, indo, em seguida, para Vitória no Espírito Santo e fixando-se, finalmente, em Alagoinhas na Bahia. Taizé colaborou financeiramente com a “Operação Esperança”, destinada a assentar lavradores em terras da Arquidiocese e patrocinou a edição, para distribuição gratuita entre as comunidades de base, de milhares de exemplares do Novo Testamento.

⁴²¹ À medida que os bispos foram se dando conta da utilidade e do valor das Conferências, Pe. Guglielmi teve seu trabalho reconhecido várias vezes nas páginas do “O Conciliábulo”: “Devemos ressaltar o trabalho benemérito do Pe. Guglielmi, convidando competentes personalidades a proferir palestras na Domus Mariae. CO II, 44, 17-11-1963; “[...] infatigável organizador e propagandista das conferências”. CO II, 56, 30-11-1963; “Aniversaria hoje, o nosso dedicado organizador das conferências, padre Dr. Antônio Guglielmi, perito conciliar de renome científico internacional. Faz parte da Missão Alemã de Pesquisas [sic] na Mesopotâmia”. CO III, 136, 27-09-1964; “Aplausos ao nosso caro padre dr. Antônio Guglielmi, sempre prestimoso. Prontificou-se a fazer as assinaturas do “Ossservatore Romano” e já iniciou os convites para as conferências”. CO IV, 215, 15-09-1965.

⁴²² CO II, 44, 17-11-1963. Sobre o contraste entre as correntes teológicas durante o Concílio e o sentimento da Cúria Romana acerca dos “stranieri” que invadiram Roma, leia-se o instigante estudo de E. Fouilloux: “Du rôle des théologiens au début de Vatican II: un point de vue romain”, in MELLONI Alberto et alii, *Cristianesimo nella Storia - Saggi in onore di Giuseppe Alberigo*, Il Mulino, Bologna, 1966, 279-313.

As Conferências alcançaram o respeitável número de 80, 25 na segunda sessão, 25 na terceira e 30 na quarta⁴²³. A série foi encerrada no dia 6 de dezembro de 1965, pelo cardeal Leo Suenens, um dos quatro moderadores do Concílio, tendo por tema “*Le Bilan du Concile*”, “*O Balanço do Concílio*.”

No jornal *Le Monde*, Fesquet comentou a conferência de Suenens e a série que estava se encerrando:

“Le Cardinal Suenens, archevêque de Malines-Bruxelles, un des quatre modérateurs de Vatican II, a fait lundi soir, dans le cadre des conférences organisées à la Domus Mariae un exposé intitulé “Bilan du Concile”. Cette conférence est la quatre-vingtième et la dernière de la série. Série qui s’est fait remarquer par une grande liberté dans les propos et une non moins grande indépendance dans le choix des orateurs. A tel point qu’on vit Mgr. Felici, secrétaire général du concile, préciser voici quelque temps dans l’aula, que ces conférences ne bénéficiaient d’aucun patronage officiel et que la congrégation des séminaires, qui préside le cardinal Pizzardo, a cru devoir interdire - sans succès d’ailleurs - leur accès aux séminaristes faisant leurs études à Rome. Séquelle du passé...”⁴²⁴.

De início, as conferências aconteciam, em termos de horário, de modo errático, como que buscando um espaço na sobrecarregada agenda dos bispos: às 16:00; às 16:30, às 18:00, 18:30 ou então, após o jantar, às 21:10, depois do noticiário televisivo. No horário das 16:30, passaram a conflitar com as constantes reuniões da CNBB, que iniciava suas sessões de trabalho, nesta hora.

À medida em que foram se consolidando como parte integrante da programação, ainda que não oficial, do Episcopado brasileiro, ganharam seu horário próprio, em que não eram marcadas outras reuniões.

Durante a segunda sessão, a preferência vai para o horário das 21:10, depois do jantar e, a partir do mês de outubro, na terceira sessão, consolida-se o horário das 18:45 que é mantido, durante a quarta sessão. Das 30 conferências desta última sessão conciliar, 26 são realizadas, neste horário.

Quanto aos conferencistas, intervém uma circunstância limitante: sua capacidade de exprimir-se em algum dos idiomas compreensíveis para os ouvintes, quase todos de língua portuguesa e, por formação, mais habituados às línguas latinas. Com exceção de Constantino Koser, franciscano brasileiro, professor no Antonianum, eleito geral de sua ordem em novembro de 1965; Ernesto Vogt S.J, reitor do Instituto Bíblico e

⁴²³ Segundo D. José Gonçalves Costa, elas teriam sido 80, sendo 25 na 2ª sessão, 25 na 3ª e 30 na 4ª. *ibidem*, 2

⁴²⁴ FESQUET, *Le Journal du Concile*, Robert Morel Editeur, Forcalquier, 1966, 1118

também ele nascido no Brasil, Guilherme (Luiz J.) Baraúna, franciscano, perito conciliar e professor do Antonianum, nenhum dos outros conferencistas podia exprimir-se em português. A maioria dos bispos brasileiros, entretanto, havia estudado latim e francês no seminário e podia compreender estas línguas, assim como o italiano e o espanhol com maior ou menor facilidade. Muitos deles haviam estudado na Europa e cerca de sessenta bispos, quase todos religiosos e atuantes nas áreas missionárias da região amazônica, eram estrangeiros de nascimento, na sua maioria vindos da Europa.

Em termos lingüísticos, somam-se ao português, por sua maior facilidade, as conferências proferidas em italiano e espanhol. Nenhuma conferência, porém, foi pronunciada em língua alemã, holandesa ou inglesa. O único norte-americano convidado, para o inteiro ciclo de conferências, foi Mgr. Fulton Sheen, bispo auxiliar de Nova Iorque, mas que falou em francês, avisando, logo de início, que *“lucraria indulgência plenária quem suportasse o seu francês por mais de 30 minutos”*.⁴²⁵

O conferencista que voltou por mais vezes foi Karl Rahner, seis vezes, falando sempre em latim.

De teólogos alemães, austríacos ou suíços de língua alemã, foram treze as conferências. Elas foram proferidas seja em francês (Hans Küng e Joseph Ratzinger), , seja em latim (Karl Rahner), seja em italiano (o cardeal Bea e Bernhard Häring). Sobre uma das palestras de Häring, em outubro de 1964 comentou Helder Câmara:

“Mas a palestra que abalou mesmo, foi a do Pe. Bernardo Häring sobre restrição da natalidade. Palestra tanto mais segura quanto mais ousada. Não se pode pisar com mais firmeza. Ele merece a confiança pessoal do papa que o encarregou de pregar-lhe o último retiro. É secretário da comissão mista encarregada do esquema XIII. Os bispos que estavam mais longe da idéia, procuraram o Pe. Häring, pedindo explicações complementares, indicações quanto a problemas concretos a resolver ... ele voltará para continuação do assunto no dia 9”⁴²⁶.

De teólogos belgas, foram onze as conferências, sempre em francês, ainda quando sua origem era flamenga, como Edward Schillebeeckx O.P., Ignace de la Potterie S.J., Émile Joseph De Smedt, Bispo de Bruges ou o Cardeal Joseph Cardijn. Dentre eles, quem retornou por mais vezes, foi o Cardeal Leo Suenens, com quatro conferências, seguido por Mons. Gérard Philips, Delcuve e os acima mencionados.

⁴²⁵ CO IV, 261, 13-11-65

⁴²⁶ HC 23, 03-10-64.

De teólogos italianos, dentre os quais Vittorio Marozzi, Mons. Pietro Pavan e os cardeais Ruffini e Lercaro, foram seis as conferências, embora, nesta língua, tivessem sido pronunciadas, ao todo, treze conferências.

Em espanhol, foram pronunciadas as conferências de teólogos provindos da Espanha, como Diez Alegria S.J., José Maria Gonzalez Ruiz e Pedro Arrupe S.J. ou da América Latina: os bispos Sergio Mendes Arceo de Cuernavaca no México, Ramón Bogarin do Paraguai ou o casal de auditores José e Luz Alvarez Icaza do México.

Houve ainda teólogos e observadores vindos do Oriente: Andrej Scrima⁴²⁷, representante pessoal do patriarca ecumênico Athenagoras I de Constantinopla⁴²⁸ ou Mons. Neophytos Edelby, arcebispo titular de Edessa e conselheiro de Maximos IV⁴²⁹, mas que falaram sempre em francês.

Em francês, enfim, foram pronunciadas 45 das 80 conferências sendo que 38 dentre elas por teólogos franceses, numa longa lista que compreendia Yves Congar, Jean Danielou, Henri de Lubac, Mgr. Alfred Ancel, Pierre Benoit, Roger Schutz, Max Thurian, Mgr. Henri Donze, Mgr. Guerry, Mgr. Jean Rodhain, Louis-Joseph Lebreton, René Laurentin, Jean Guittou, Stanislas Lyonnet, Marie-Joseph Le Guillou, Paul Gauthier, o suíço francês Oscar Cullman, observador do Concílio, e outros.⁴³⁰ Neste sentido, pode-se dizer que as conferências da *Domus Mariae* sofreram uma profunda marca das correntes teológicas e espirituais belgo-

⁴²⁷ Arquimandrita rumeno, discípulo e confidente de Athenagoras. Foi constituído por ele seu enviado pessoal ao Concílio Vaticano II, posição que continuou ocupando, mesmo depois que o Patriarcado enviou para a terceira sessão do Concílio que se abriu a 14 de setembro de 1964, três delegados oficiais, os arquimandritas Rodopoulos, J. Romanidis e M. Agiorgousis. Scrima publicou uma penetrante análise da *Lumen Gentium* sob o ponto de vista ortodoxo: “Simples reflexões de um ortodoxo sobre a Constituição”, in BARAÚNA, Frei Guillermo, *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, Petrópolis, 1965, 1209-1223

⁴²⁸ Athenagoras I (Aristokles Pyrou), nascido em Tsaraplana, no norte da Grécia, então sob dominação turca, faleceu em Istanbul, a 06-07-1972. Foi Patriarca Ecumênico de Constantinopla (1949-72) e figura de proa para o desenvolvimento contemporâneo da Igreja Ortodoxa e do movimento ecumênico. A 5 e 6 de janeiro de 1964, foi em peregrinação a Jerusalém, para ali encontrar-se com o Papa Paulo VI, reabrindo o caminho do diálogo entre as duas Igrejas. A 7 de dezembro de 1965, à véspera da clausura do Vaticano II, em cerimônias simultâneas em Roma, presidida por Paulo VI, na Aula Conciliar na Basílica de São Pedro e em Constantinopla, presidida por Athenagoras, na Igreja de São Jorge do Fanar, foram ab-rogados os anátemas que selaram, em 1054, a separação entre o Oriente e o Ocidente Cristãos. cfr. Valeria MARTANO, *Athenagoras, Il Patriarca (1886-1972) - Un cristiano fra crisi della coabitazione e utopia ecumênica*. Bologna: Il Mulino, 1996.

⁴²⁹ Maximos IV, Patriarca Melquita Católico de Antioquia e de todo o Oriente, deve ser colocado entre as figuras maiores do Concílio. Interveio sempre em francês e não em latim, na aula conciliar, para deixar claras as muitas identidade e tradições que compõem a Igreja Católica. A Eparquia Melquita de São Paulo, sob a responsabilidade de D. Pierre Mouallem, seu atual bispo e antigo colaborador de Maximos IV, curou a tradução da coletânea dos discursos do Patriarca e demais membros da Igreja Melquita no Concílio Vaticano II: *A Igreja Greco-Melquita no Concílio - Discursos e notas do Patriarca Máximo IV e dos Prelados da sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II*, Eparquia Melquita do Brasil - Ed. Loyola, São Paulo, 1992.

⁴³⁰ De alguns poucos conferencistas não tivemos indicação sobre a língua na qual falaram: Peter Duncker OP, na sua conferência sobre o Antigo Testamento; Christopher OP, na sua conferência sobre o Diálogo com os Orientais; Jungmans sobre a Liturgia e Klaus Mösdorf, perito do Cardeal Döpfner, do qual não sabemos também o tema da sua conferência.

francesas que atuaram no Concílio, embora se abrisse também para o que havia de melhor na teologia alemã e para o pensamento vivo da Itália, da Espanha, Holanda, Suíça, América Latina e Oriente.

Dentre os teólogos franceses Helder Camara exprimiu particular carinho para com Henri de Lubac, como se depreende de seus comentários, quando de sua conferência a 1º. de dezembro de 1963:

“Jantou em nossa mesa o profeta De Lubac. Conheço poucos homens tão serenos, tão profundos e que dêem, como ele, a impressão de fruta madura... Não lê uma palavra de alemão e quase não sabe inglês (como é que pode?...) Não tem secretária: bate à máquina os próprios trabalhos e faz pessoalmente as revisões dos artigos, livros... (quase cedi a ele uma datilógrafa e cheguei a perguntar se ele conhecia Hildette...) Tem andado de cama. Quando perguntei o que anda escrevendo (está para sair o IV volume sobre a exegese da Idade Média), comentou que já começa a cantar o *Nunc Dimittis*. A alegria que ele sente vendo o concílio! Não sabe como não morreu de alegria ao ouvir, na basílica, o capítulo sobre a Liberdade Religiosa... Entre as surpresas maiores do Vaticano II, coloca a descoberta da América Latina... Foi íntimo de Teilhard de Chardin. Comentando o físico, o apologista e o místico, fez-nos ver e ouvir seu grande amigo. Será que estamos conhecendo um segundo time: em lugar de Bergson, seu discípulo Guitton... Em lugar de Teilhard, seu amigo De Lubac... Sala transbordante. A redondeza ocorreu: padres e seminaristas do seminário Pio Brasileiro, do Pio Latino, do colégio Espanhol, dos Irmãos da Doutrina Cristã... (Era a 25ª e última palestra da série organizada pelo Pe. Guglielmi). Na mesa, perguntara a De Lubac se, no concílio, a cada passo escuta ecos de Chardin... Quando acabou a conferência, teve uma hemorragia nasal que me afligiu... Mas a turma não poupa: avança-avança de seminaristas e padres, e até bispos, para obter autógrafos...”⁴³¹.

A presença feminina foi limitada e circunscrita à terceira e quarta sessões: Pilar Bellosillo da Espanha, presidente geral das Organizações Femininas Católicas (U.M.F.C.); Mme. Lena Boelens da Bélgica, que com seu esposo Herman, falou sobre o matrimônio cristão e a regulação dos nascimentos; Mlle. Marie Louise Monnet da França, presidente internacional do Apostolado dos Meios Independentes (M.I.A.M.I.) e Luz Icaza do México, auditora do Concílio que, com seu esposo José Alvarez Icaza, formava o casal presidente, para a América Latina, do Movimento Familiar Cristão (M.F.C.). A estas quatro leigas e dois leigos, podemos acrescentar ainda o nome de Vittorino Veronese da Itália e Jean Guitton da França, auditores do Concílio, totalizando assim oito leigas/os que falaram aos bispos brasileiros.

⁴³¹ HC 56, 01-12-63.

Dentre os observadores evangélicos, compareceram Roger Schutz e Max Thurian de Taizé⁴³², Oscar Culmann⁴³³ e, dentre os ortodoxos, apenas Andréj Scrima, representante pessoal do Patriarca Ecumênico Athenagoras I, de Constantinopla.

Segue ao final do capítulo, a lista das conferências, com o nome do conferencista, o tema, dia e horário, na medida em que foi possível restabelecê-los, cotejando duas fontes, “O Conciliábulo” e as Cartas-Circulares de D. Helder Câmara.

Uma interpelação formal ao Secretariado do Concílio, perguntando se as Conferências da *Domus Mariae* eram oficiais e se gozavam da aprovação dos órgãos conciliares, recebeu, para as duas questões, uma resposta negativa da parte de Mons. Pericle Felici, secretário geral do Concílio.⁴³⁴ Esta interpelação provocou vários comentários entre sérios, irônicos ou divertidos no “O Conciliábulo” ou pelos corredores da Domus Mariae:

“Mons. Fulton Sheen teve muito espírito, ao iniciar a conferência ‘não autorizada’ de ontem, ao prevenir que a palestra não era oficial [...]”⁴³⁵.

Quatro dias depois, ao anunciar “O Conciliábulo” a conferência do Pe. Diez Alegria, acrescentava: “Todos sabem que não se trata de conferência oficial do Concílio. Mas não existem tais conferências oficiais, nem mesmo as do ‘Coetus’ ou do ‘Roc’”⁴³⁶.

Com ironia, é anunciada conferência do arcebispo Pietro Parente da então temida Sacra Suprema Congregação do Santo Ofício: “Mons. Parente virá falar aos bispos sobre ‘processos no Santo Ofício’. Não sabemos se a Conferência será oficial”⁴³⁷.

O próprio “Conciliábulo” resolve fazer também uma declaração, tomando por mote as palavras de Mons. Felici: “Conciliábulo não pretende ser órgão oficial nem oficioso do Concílio”⁴³⁸, sem deixar de continuar espicaçando: “Mons. Pietro Parente virá hoje, à Domus Mariae pronunciar uma palestra para Bispos, sobre os processos que tramitam no

⁴³³ “[...] logo depois do almoço, palestra de Cullman (sem dúvida o maior teólogo protestante presente no concílio). Almoça conosco e fala aos bispos todos da *Domus*... Vou ver se consigo que a turminha abra mão da sesta [...] HC 51, 25/26-11-63. Mesmo em se tratando de uma figura de proa do mundo teológico, D. Helder está bem consciente do atrativo da sesta, após uma manhã toda de congregação geral na Basílica de São Pedro!

⁴³⁴ “Mons. Pericle Felici, segretario generale del Concilio, venerdì, ha fatto la seguente comunicazione: ‘Alcuni padri hanno domandato se le conferenze organizzate alla *Domus Mariae* avessero carattere ufficiale o se esse fossero in qualche modo autorizzate dalla Segreteria generale. La risposte a queste due domande è negativa” (13-11-1965), in FESQUET, o. cit., 1042

⁴³⁵ CO IV, 261, 13-11-1965

⁴³⁶ CO IV, 262, 15-11-1965. ROC, *Romana Colloquia*, era um dos “anti-concile-blok”, um dos grupos de oposição à maioria conciliar. Cfr. *Katholiek Archief* 20 nn. 44/45, de 29.10 e 5.11.1965, col. 1147-1148. (Agradecemos a G. Alberigo e a Famerée pela informação)

⁴³⁷ CO IV, 263, 17-11-1965

⁴³⁸ CO IV, 265, 19-11-1965

Santo Ofício. Por medida de prudência, seria conveniente alguém telefonar para a Secretaria do Concílio, para saber se esta Conferência também está autorizada ...”⁴³⁹.

É com ar triunfante e de quase ingênua desforra que são anunciadas as últimas conferências. Ao lado de uma vistosa foto de Giacomo Lercaro, Cardeal de Bologna, e um dos quatro Moderadores do Concílio, escreve “O Conciliábulo”:

“A presença de um Em^o Cardeal Moderador para pronunciar uma das célebres (e combatidas) conferências da *Domus Mariae* representa a melhor resposta à tal pergunta que foi feita à Secretaria do Concílio. E, no dia 6, teremos outro Moderador, o Em^o Cardeal Suenens”⁴⁴⁰.

No dia 6, o comunicado rezava: “Um Moderador fará hoje a síntese do Concílio. Encerrando a série de conferências da *Domus Mariae*, incontestavelmente a melhor série que se organizou durante o Concílio, virá hoje o Emo. Sr. Cardeal Ludovico Seenens (sic) Arcebispo de Malines, fazer-nos ‘Il Bilancio del Concilio’”⁴⁴¹.

Comentando as conferências e o episódio da intervenção de Pericle Felici, D. Clemente Isnard escrevia mais de trinta anos depois: “Foi uma verdadeira reciclagem para todos nós que devemos agradecer o zelo desse Padre [Pe. Guglielmi]. As conferências da *Domus Mariae* começaram a ser freqüentadas por pessoas de fora, Bispos ou não, e se tornaram tão conhecidas em Roma que, um dia, o Secretário Geral do Concílio, Felici, se julgou no dever de esclarecer, em plena aula conciliar, que essas conferências ‘não eram oficiais ou autorizadas’. Sim, não eram oficiais, mas eram muito interessantes e proveitosas, embora fossem sempre na linha de abertura que não agradava ao Secretário Geral. E, assim, o Episcopado brasileiro, sem ser expressamente mencionado, mereceu uma farpa do Secretário Geral”⁴⁴².

É incontestável que as 80 conferências constituíram ao longo das três últimas sessões conciliares, uma inegável oportunidade para se penetrar a temática conciliar, com maior clareza, colocando ordem e perspectiva num debate, por vezes atabalhado e fragmentado, nas congregações gerais. Para a maioria dos bispos brasileiros⁴⁴³, constituiu um reencontro com a teologia mais atualizada da melhor escola européia, mas também com

⁴³⁹ *ibidem*

⁴⁴⁰ CO IV, 274, 04-12-1965

⁴⁴¹ CO IV, 276, 06-12-1965

⁴⁴² D. Clemente Isnard, art. cit., 4-5

⁴⁴³ Dissemos “maioria”, pois havia os que não se interessavam em participar como se depreende do depoimento de D. Antônio Fragoso: “Na *Domus Mariae*, nestes quatro anos, convidamos 72 teólogos e expertos para fazerem conferências para nós. Convidamos, a cada vez, bispos vizinhos voluntários para essas conferências, sobretudo latino-americanos. Como era facultativo, nem todos participavam: alguns iam passear, ler, jogar xadrez. [Houve mesmo um que] ficava fumando seu charuto e nunca foi a nenhuma das conferências!”

a experiência do oriente cristão, com as tradições protestante e ortodoxa e com a incipiente reflexão pastoral e teológica latino-americana.

A experiência conciliar, as conferências da Domus Mariae, os círculos de estudo da CNBB, provocaram esta observação de D. Austregésilo de Mesquita: “O concílio valeu-me como uma universidade. Deu-me grande segurança. Foi a maior reciclagem que pude fazer na vida.”⁴⁴⁴

Segue abaixo a lista completa das conferências, pelos quatro períodos conciliares, organizadas em quatro colunas, tendo à esquerda a data e horário em que foi pronunciada, sempre que foi possível identificá-los com certeza documental; o nome do conferencista, o título de sua palestra e finalmente a fonte de onde se tirou a informação: em grande parte do *Conciliábulo*, das *Circulares* de Helder Camara e do Boletim *Concílio em Foco*, depois *Igreja em Foco*.

⁴⁴⁴ FAM

CONFERÊNCIAS DA PRIMEIRA SESSÃO CONCILIAR

19/10	Cardeal Giacomo Lercaro ⁴⁴⁵	Pastoral Litúrgica	HC Circ. I/3, 17-10-62
	D. Clemente Isnard	Liturgia	HC Circ. I/6, 19-10-62
25/10	Martimort - Centro de Pastoral Litúrgica da França, Diretor da Revista Maison Dieu [terá sido na <i>Domus Mariae</i> ?]	Liturgia	HC Circ. I/13, 26-10-62
27/10	Hans Küng - Univ. de Tübingen	Histórico da Missa	HC Circ. I/13, 26-10-62
29/10	Hans Küng	Liturgia	HC Circ. I/14, 28-10-62
?	Hans Küng	Episcopado [aberta a latino-americanos e africanos]	HC Circ. I/15, 29-10-62
[sexta-feira seguinte] [... da outra semana ?]	Roger Schutz	[Ecumenismo ?]	HC Circ. I/16, 31-1-62
?	Aloísio Lorscheider	[De revelatione ?]	HC Circ. I/35, 17-11-62
21/11	Cardeal Augustin Bea	[Revelação ? Ecumenismo ?]	HC Circ. I/40, 21-11-62
29/11	Suenens ⁴⁴⁶ - Houtart - Helder Camara	Diálogo entre os Dois Mundos [<i>Domus Mariae</i> ?]	HC Circ. I/46, 28/29-11-62
30/11	Cardeal Ernesto Ruffini		HC Circ. I/46, 28/29/11-62

⁴⁴⁵GROOTAERS, Jan, “Protagonisti del Concilio”, *Storia della Chiesa*, vol. XXV/1, *La Chiesa del Vaticano II (1958-1978)* a cura di Maurilio Guasco, Elio Guerriero, Francesco Traniello, Parte Prima. Milano: Edizioni San Paolo, 1994, pp. 451-460.

⁴⁴⁶“L’importanza del contributo dato da Suenens al Vaticano II è stata da alcuni giudicata superiore a quella di qualsiasi altro padre conciliare. Vero o meno che sia, l’influenza avuta da Suenens sullo svolgimento dell’ultimo concilio è per certi aspetti paragonabile a quella esercitata da monsignore Felici. Anche Suenens infatti, seppe spesso determinare l’ordine dei lavori o l’*iter* procedurale da seguire senza dover ricorrere a dichiarazioni in assemblea plenaria, che si sarebbero potute ritrovare negli *Acta synodalia*. Si può dunque affermare che l’influenza “occulta” di Suenens sugli orientamenti generali del concilio fu considerevole. La grande differenza tra i due dirigenti del Vaticano II consiste nel fatto che Suenens dalla tribuna degli oratori prese spesso posizione come padre conciliare sulle questioni in discussione, cosa che invece non poteva fare il segretario generale Felici. Per tutto il resto, tra i due leader esisteva una radicale diversità, sia sul piano teologico e pastorale, sia nel modo di porsi nei confronti dei problemi contemporanei, dei laici, dello stesso ruolo della stampa.” Cfr. GROOTAERS, “13. Léon-Joseph Suenens”, o. cit. pp. 494-505.

CONFERÊNCIAS DA SEGUNDA SESSÃO CONCILIAR⁴⁴⁷

3/10 16:30	Constantino Koser OFM [Antonianum Roma]	Teologia de hoje	
15/10 16:30	Mgr. Henri Donze, bispo de Tulle ⁴⁴⁸	“Leigos na Igreja” (em francês)	
16/10 21:10	Max Thurian e Roger Schutz ⁴⁴⁹		
	Luiz G. Baraúna OFM [Antonianum - Roma]	“Considerações acerca de um eventual pronunciamento conciliar sobre a S. Virgem Maria”	
19/10 20:10	Pe. Peter Duncker OP - Prof. de AT	Conferência Bíblica: “A questão atual do Pentateuco”	HC Circ. II/22, 21/22-10-63
20/10 (Dom) 20:00	Yves Congar OP [Le Saulchoir - França] ⁴⁵⁰	“O que é Ecumenismo?”	HC Circ. II/22, 21/22-10-63

⁴⁴⁷ Conferências da Domus Mariae. Recopilação para a segunda, terceira e quarta sessões conciliares feita a partir de *O Conciliábulo* dos anos 1963, 1964, 1965 e completada (as indicações entre [...]) com informações retiradas das cartas de d. Helder Camara - cotejamento realizado por Jose Oscar Beozzo e Luiz Carlos Luz Marques - Bologna: 7-04-1997.

⁴⁴⁸“Dia 15, 3a. feira, tivemos à tarde uma palestra de *D. Donze*, Bispo de Tulle. Ele foi por mais de dez anos Assistente nacional da A.C. Independente, na França tendo sido nomeado Bispo ano ano passado, um dia antes de *D. Lamartine*. Veio acompanhado do Secretário Geral, *Alain Galichon* e de *Monique Dupré*, da equipe nacional, que no ano passado passou uns três meses no Brasil. [...] *Alain* e *Monique* completaram o seu depoimento...” DALE, Romeu, “Os Bispos do Brasil em Concílio – Roma, 17-10-1963”, BCEF, n o 5, p. 66.

⁴⁴⁹“À noite, vieram jantar conosco quatro Irmãos de *Taizé*. Comunidade monástica protestante, “reformada”, iniciada na França pouco depois da guerra 1939-1945. Hoje a comunidade já possui sessenta monges de vinte denominações protestantes. Aqui estiveram o Prior Roger Schutz, o Vice-Prior Max Thurian (todos dois observadores do Concílio), com mais dois monges. Depois do jantar se dispuseram a um encontro com os bispos que o desejassem. Lá estavam alguns italianos, que aqui residem, peruanos, equatorianos, e sobretudo brasileiros. Ao todo uns 60 ou 70, comprimidos numa sala; alguns poucos sentados no estrado. Roger Schutz nos falou da origem da comunidade: vocação ecumênica que se manifestou desde o começo como um sinal de contradição, já que entre os Reformados nunca existiu desde Calvino o celibato consagrado por voto. Falou-nos o quanto os preocupa, em Taizé, uma vivência efetiva da pobreza, tão difícil no Ocidente, diz-nos ele; inspirados pela *Mater et Magistra* renunciaram à propriedade privada que possuíam, transformando-a em propriedade comunitária, junto com cinco casais católicos, que vieram da Ação Católica. – Recusam-se sistematicamente a entrar numa linha de crítica à Igreja Católica. [...] Programaram agora a Operação Esperança: vão financiar, com recursos obtidos entre os protestantes, doze cooperativas agrárias na América Latina, em colaboração com Bispos Católicos e em benefício das populações católicas, a fim de que a Igreja de Jesus Cristo, seja melhor conhecida e mais amada!. Sei de bom número de Bispos brasileiros que ainda olha esta aproximação com muita reticência. Confesso que , pessoalmente, poucas vezes me senti em face de vivência cristã e religiosa tão rica e profunda. E ouvi de um Bispo brasileiro, ele próprio religioso, o quanto essa descoberta, entre os “Reformados”, na vida religiosa em todas as suas exigências, devia ser um estímulo para a sua renovação entre nós católicos”. DALE, ibidem, p. 67.

⁴⁵⁰“Esteve conosco o Père Congar. Fui buscá-lo e levá-lo, não só em vista da saúde dele, mas pelo prazer da companhia. Quanto à saúde, não dá a menor impressão de ser um homem com um prazo fatal à vista. Ou me engano muito, ou ficará por aqui por bastante tempo [...] Falou-nos sobre o ecumenismo, muito na linha da confiança pessoal. Embora, pela família, estivesse de certo modo preparado para a vocação ecumênica, ela, diretamente lhe veio, quando ao preparar-se para o sacerdócio, mergulhou, à luz do Père Lagrange, na prece sacerdotal de Cristo: ‘Que sejam um’.” HC 22, 21/22-10-63. A intuição de Dom Helder a respeito da longevidade de Congar era correta, pois faleceu mais de três décadas depois. Nascido em Sedan a 18 de abril de 1904, ordenado em 25 de julho de 1930, Congar foi criado cardeal diácono do título de São Sebastião no Palatino, por João Paulo II no Consistório de 26 de novembro de 1994, vindo a falecer a 22 de junho de 1995, aos 91 anos de idade. No telegrama dirigido ao Padre Geral dos Dominicanos, Timothy Radcliffe e ao Arcebispo de Paris, Lustiger, João Paulo II depois de exprimir sua emoção pelo seu falecimento, acrescentava: “En ce jour, je rends grâce pour la longue vie religieuse et le rayonnement spirituel de ce théologien dont l’œuvre a remarquablement contribué à l’essor du mouvement œcuménique et beaucoup apporté aux travaux au Concile Vatican II.” “Documenta de Rebus Ordinibus: Le décès du frère Yves

	René Laurentin, perito do Concílio	“A questão da Virgem perante o Concílio”	HC Circ. II/22. 21/22-10-63
23/10 20:10	Pe. Ernesto Vogt SJ [reitor do Instituto Bíblico - Roma]	Interpretação dos textos mariológicos do AT	HC Circ. II/22, 21/22-10-63
25/10 16:00	Mgr. [Émile Maurice] Guerry [Bispo de Cambrai - França]	Ação Católica Operária	
16:30	Cardeal Ernesto Ruffini [Arcebispo de Palermo] ⁴⁵¹	(Bíblia?)	
21:10	Pe. Stanislas Lyonnet SJ [Decano da Fac. Bíblica do Instituto Bíblico - Roma]	Interpretação dos textos mariológicos do NT em São Lucas (em latim)	HC Circ. II/22, 21 e 22-10-63
28/10 21:10	Karl Rahner SJ [Innsbruck - Áustria]		

Congar”, *Analecta Ordinis Praedicatorum*. Romae, Maius-October 1995. Ex Curia Generalitia ad S. Sabinam, p. 267. O Papa não deixa de mencionar no citado telegrama, os sofrimentos que altas autoridades da Igreja, nomeadamente o Santo Ofício, impuseram ao teólogo: “Je demande à Dieu avec ferveur d’accueillir dans sa paix et sa lumière celui qui fut un serviteur ardent de l’Église même au cours de ses nombreuses années d’épreuve”. Ibidem, p. 267. Nas suas exéquias, o Metropolita Jérémie, como presidente do Comité Interepiscopal ortodoxo da França, em seu nome pessoal e no do Patriarca Ecumênico de Constantinopla, por ele representado, ressaltou a importância de Congar para o ecumenismo e para o Vaticano II: “Je tiens à vous dire avec quelle ferveur les orthodoxes de ce pays et les orthodoxes d’ailleurs se joignent à vous pour célébrer la ‘naissance au ciel’, selon l’expression de l’Église ancienne, du Père Yves Congar. C’est lui qui, dans l’Église et les Églises, en 1954, neuf cents ans après la date symbolique du schisme, affirmait que l’étrangement progressif de l’Occident et de l’Orient chrétiens n’a suscité la rupture que parce qu’il a été, de part et d’autre accepté, peut-être voulu. Mais lui a refusé cette acceptation fatale. Il a voué sa vie à ce qu’un théologien orthodoxe contemporain appelle ‘la réemergence de l’Église indivise’. Bien qu’il ne fût pas évêque – comme Saint Athanase au premier concile de Nicée! – il a été un des Pères les plus actifs, les plus lucides, du Deuxième Concile du Vatican, aidant celui-ci à retrouver les fondements d’une ecclésiologie de communion”. Ibidem, p. 273. O arcebispo anglicano de Canterbury, na Inglaterra, Mgr. George acrescenta, do ponto de vista da reforma e do anglicanismo, a importância de Congar no diálogo ecumênico: “La tristesse que j’ai éprouvée en apprenant la mort d’Yves Congar n’a rien d’égale que notre gratitude pour tout ce qu’a accompli l’un des pionniers du dialogue œcuménique dans l’Église Catholique, peut-être le plus pénétrant d’entre eux théologiquement. [...] Dans le théologien que fut Congar nous apprécions l’importance qu’il attachait au dialogue, à l’écoute réelle de ce que les autres ont à dire; la valeur qu’il a donnée à l’histoire et à la nécessité vitale du retour aux sources de notre tradition chrétienne commune; son sens du rôle des laïcs; et surtout nous honorons quelqu’un qui a centré l’œuvre de sa vie sur le Mystère de l’Église. Dans l’homme que fut Congar, nous honorons quelqu’un qui a accepté la souffrance courageusement, à la fois comme théologien en avant sur son temps et comme homme confronté à une longue maladie qui le paralysait. Ma propre compréhension de l’Église et mon estime du catholicisme romain doivent beaucoup à l’apport d’Yves Congar et à la tradition théologique qu’il représente”. Ibidem, pp. 274-275

⁴⁵¹Depois de dar a relação das cinco palestras dos dias anteriores sobre temas bíblicos, todas por biblistas ou teólogos considerados avançados, muitos sob suspeita do Santo Ofício, Dom Helder escreve: “Mas somos uma democracia: ou melhor, uma família cristã. Por proposta de D. Alexandre, assinada pelo Sr. Cardeal, 5a. feira ouviremos o Cardeal Ruffini”. HC Circ. II/20, 21-22/10/1963. Sobre Ruffini (n.19/01/1888, a San Benedetto Po [Mantova], ord. 1910, substituto para a censura de livros no Santo Ofício [1924], consultor da Comissão Bíblica 1925], consultor da Congregação dos Assuntos Extraordinários da Igreja [1929] reitor da Universidade Lateranense [1931-32], arcebispo de Palermo [1945], cardeal [1946]) escreve Grootaers: “Diversamente da alcuni presuli nominati alla seconda metà del pontificato di Pacelli, monsignor Ruffini, creato vescovo negli anni iniziali di Pio XII, fu il tipico rappresentante di quell’“intransigentismo” cattolico italiano che a una concezione centralistica e papalista della Chiesa abbinava una certa intolleranza religiosa (F. M. Stabile, *Il Cardinale Ruffini e il Vaticano II*, in *Cristianesimo nella Storia*, XI/1 (1990), p. 83 *passim*). Non fa dunque meraviglia che il cardinale Ruffini si sia trovato in contrasto con tutte le grandi correnti di rinnovamento che, già dopo pochi giorni, dominavano il Vaticano II. Ci sembra di poter dire che per la sua erudizione teologica Ruffini si mostrò più adatto agli scontri oratori nei grandi dibattiti del Vaticano II, mentre l’esperienza prevalentemente giuridica di Ottaviani metteva il prefetto del Sant’Ufficio in una condizione di inferiorità intellettuale. Al concilio Ruffini divenne così il rappresentante dell’ambiente curiale conservatore e soprattutto, degli orientamenti dell’Università Lateranense, che erano in netto contrasto con quelli della Commissione biblica e dell’Istituto Biblico.” GROOTAERS, o. cit. pp. 487-88.

4-5/11	Frei Christopher OP	Diálogo com os Orientais	
6/11 21:10	Karl Rahner SJ [Innsbruck - Áustria]		
08/11 16:00	Pe. Delcuve SJ [Instituto Lumen Vitae - Bruxelas]		
12/11 21:10	Karl Rahner SJ		
13/11 21:10	Klaus Mösdorf, perito do Concílio ⁴⁵²		HC Circ. II/39, 13/14-11-63
15/11 21:10	Pe. Joseph Jungmann SJ - [Universidade de Innsbruck - Áustria]		HC Circ. II/39, 13/14-11-63
18/11 21:10 ⁴⁵³	Pe. Jean Danielou SJ [Fourvière - Lyon]	Manuscritos do Mar Morto e as Origines do Cristianismo	HC Circ. II/39, 13/14-11-63
19/11 21:10	Diez Alegria SJ [Universidade Gregoriana - Roma]	O Direito de Propriedade	
21:10	Pe. Paul Gauthier: [Comunidade Companheiros de Jesus Carpinteiro - Nazaré - Cisjordânia]	A Igreja dos Pobres	
25/11 21:15	Mgr. Jean Rhodain	Palestra sobre os nossos sacerdotes “qui ceciderunt”	
26/11 14:30 [terça-feira]	Oscar Cullman ⁴⁵⁴	Ecumenismo	HC Circ. II/39, 13/14-11-63; HC Circ. II/46, 20/21-11-63 HC Circ. II/51, 25/26-11-63
27/11 21:10 [quarta-feira]	Pe. Karl Rahner SJ		HC Circ. II/46, 20/21-11-63
29/11 21:10	Hans Küng [Universidade de Tübingen - Alemanha]	Problemas Atuais da Eclesiologia	HC Circ. II/39, 13/14-11-63 HC Circ. II/46, 20/21-11-63
30/11 21-10	Jean Guitton [Academia Francesa de Letras – Paris – França] ⁴⁵⁵		
01/12 21:00 [dom]	Henri de Lubac SJ	“Un mot sur le Père Teilhard de Chardin” ⁴⁵⁶	HC Circ. II/46, 20/21-11-63

⁴⁵²Também perito pessoal do Cardeal Döpfner, um dos quatro moderadores do Concílio.

⁴⁵³D. Helder indica a data da conferência, como sendo o domingo, 17-11-63.

⁴⁵⁴D. Helder comenta: “o Pe. Congar dos Protestantes”.

⁴⁵⁵Único observador leigo da I Sessão do Concílio.

⁴⁵⁶Comenta D. Helder: “O título desprezioso e, sobretudo, prudente esconde o verdadeiro: “Teilhard presente no Vaticano II”.

CONFERÊNCIAS DA TERCEIRA SESSÃO CONCILIAR

15/09 21:00	René Laurentin [perito conciliar - Paris]		
18/09 21:10 [venerdì]	Karl Rahner SJ		HC Circ. III/10, 20/21-09-64
22/09 19:00 [martedì]	Cardeal Augustin Bea - [Presidente do Secretariado para a União dos Cristãos - Roma] [em italiano]		
23/09 21:15	Pe. Marie-Joseph Le Guillou OP - professor do Institut Catholique de Paris	Nossa Senhora	
01/10 18:30	Bernhard Häring CSSR [Alfonsianum - Roma]	Limitação da Natalidade	
02/10 21:10	Yves Congar OP	Escritura e Revelação	
05/10 21:00	Pe. Vittorio Marozzi SJ [Universidade Gregoriana - Roma]	Monogenismo ou Poligenismo (1ª parte)	
07/10 21:10	Vittorio Marozzi	(2ª parte)	
14/10 18:45	Henri de Lubac SJ		HC Circ. III/38, 13/14-10-64
16/10 18:45	Pe. J. J. Lebreton OP [Centre Économie et Humanisme - Paris]		
19/10 21:10	Cardeal Leo Suenens [Arcebispo de Malines-Bruxelles] (falará em francês)	“Le renouveau Pastoral au point de vue des séminaires et des Communautés Religieuses”	HC Circ. III/40, 15/16-10-64 anúncio da palestra; HC Circ. III/46, 19/20-10-64 comentário da palestra
20/10	Mons. [Arquimandrita] Andrej Scrima ⁴⁵⁷	“Vue Orthodoxe sur le Concile Vatican II”	
22/10 21:10	Jean Danielou SJ	“La théologie des valeurs terrestres, d’après le schema XIII”	
23/10 18:45	Edward Schillebeeckx OP [perito do episcopado holandês]	L’Eglise et le Monde (em francês) (17ª Conferência)	
27/10 21:10	Hans Küng	Esquema XIII	
28/10 18:45	Aimés George Martimort [Centre de Pastorale Liturgique - Paris]	Instructio Sacrae Liturgiae	
06/11 18:45	Pe. Stanislas Lyonnet SJ [Instituto Bíblico - Roma]	O Pecado Original	
09/11 18:45	Vittorino Veronese - Uditore del Concilio	La presenza dei cattolici nelle organizzazioni internazionali (21ª Conferência)	
	-Señorita Pilar Bellosillo (spagnuola) - Presidenta General de la Unión Mundial de las Organizaciones Femininas Catolicas (UMFC)	Il ruolo della donna nelle organizzazioni internazionali cattoliche (questa conferenza sarà fatta in spagnuolo) (21ª Conf.)	
12/11 18:45	Mr. e Mme Lena et Dr. Herman Boelens (belges), Ingénieur agronome	Mariage chrétien et Regulation de la Fécondité (Problèmes et voies d’intégration doctrinale)(in francese) (22ª Conferência)	

⁴⁵⁷“Representante pessoal do Patriarca Athenagoras [Constantinopla - Turquia]”.

13/11 18:45	Prof. Dr. Joseph Ratzinger ⁴⁵⁸ , professore di Teologia Dogmatica nella Università de Münster, Perito del Concilio	Implications Pastorales de la Doctrine de la Collegialité Episcopale (in francese)(23 ^a Conf.)	
17/11 ⁴⁵⁹ 18:45	Max Thurian, prior ⁴⁶⁰ de Taizé	Nossa Senhora	
18:45 (giovedì)	1 ^a parte ⁴⁶¹ : Mlle. Marie Louise Monnet - Présidente Internationale de l'Apostolat des Milieux Indépendants (M.I.A.M.I)	La place de la femme dans le monde (in francese)	
	2 ^a parte ⁴⁶² : Prof. Jean Guitton, membre de l'Académie Française. Auditeur du Concile	La place du laïc dans l'Église (in francese)	

⁴⁵⁸«Teologo dell'Em.mo. Card. Josef Frings».

⁴⁵⁹«Últimas Conferências organizadas pelo benemérito Pe. Guglielmi».

⁴⁶⁰Na verdade não era ele o prior e sim Roger Schutz.

⁴⁶¹Está marcada com três riscos inclinados na vertical e provavelmente não aconteceu.

⁴⁶²«25^a e última Conferenza di questa sessione conciliare».

CONFERÊNCIAS DA QUARTA SESSÃO CONCILIAR

15/09 18:45	Mons. Emile Joseph Smedt - bispo de Bruges	Liberdade Religiosa
16/09 21:15	Mons. [Sergio] Menendez Arce (Mendes Arceo), bispo de Cuernavaca - Mexico	Aspectos do Celibato Eclesiástico
20/09 18:45 (lunedì)	S.E.R. Mons. Néophytos Edelby, archevêque titulaire d'Edessa ⁴⁶³	Aspects de la Vie du Clergé en Orient (52 ^a Conferência) ⁴⁶⁴
22/09 18:45 - (mercoledì)	Mgr. Gérard PHILIPS, Professore di Teologia Dogmatica all'Università di Lovanio, Segretario Aggiunto della Commissione Teologica del Concilio	Histoire et Esprit de la Constitution Dogmatique "Lumen Gentium" (53 ^a Conf.)
24/09 18:45	Yves CONGAR OP:	O esquema 13
27/09 18:45 (lunedì)	Cardeal Augustin BEA	Il problema del nostro atteggiamento verso il popolo ebraico (55 ^a conferenza)
29/09 18:45 (mercoledì)	Bernhard HÄRING CSSR	Il rinnovamento dell'insegnamento e della predica della morale secondo la costituzione dogmatica "Lumen Gentium", lo schema XIII e il decreto sull' formazione dei sacerdoti (in italiano) (56 ^a Conferência)
30/09 18:45 (giovedì)	S.E.R. Mgr. Alfred ANCEL, vescovo ausiliare di Lione, Membro della Commissione Teologica del Concilio	Le celibat du prêtre, aujourd'hui ⁴⁶⁵ (in francese) (57 ^a Conferência)
01/10 18:45 (venerdì)	Pe. Stanislas LYONNET SJ, gesuita, professore e decano della Facoltà Biblica del Pontificio Istituto Biblico	I consigli evangelici di castità e di povertà nella vita del sacerdote secondo le discipline vigenti nelle chiese d'Oriente e d'Occidente (in italiano) (58 ^a Conferência)
05/10 18:45	Jean DANIELOU S. J.	"O diálogo da Igreja com o mundo"
06/10 18:45	Mons. [Ramón Argaña] BOGARIN [Bispo de San Juan Bautista de las Misiones]	
08/10 18:45 (venerdì)	Pe. José Maria GONZÁLEZ RUIZ, Professore di Sacra Scrittura (Spagna)	Il celibato ministeriale nel nuovo testamento alla luce dell'esegesi (in italiano) (60 ^a Conferência)
09/10 18:45 (sabado)	Cardeal Leo SUENENS	
15/10 18:45 (venerdì)	Père Henri de LUBAC SJ, gesuita, perito del Concilio	Le Père Teilhard de Chardin, disciple de Saint Paul (in francese) (63 ^a Conferência)
17/10 18:30 (domingo)	Cardeal Joseph CARDIJN	Apóstolo da Juventude Trabalhadora
19/10 18:45 (martedì)	Padre Karl RAHNER SJ, gesuita, professore all'Università di Monaco di Baviera. Perito del Concilio	"De formatione theologica futurorum sacerdotum" (in latino) (65 ^a Conferência)
22/10	Karl RAHNER SJ	Diaconato
23/10 9:30	Yves CONGAR OP	Le diaconat dans les ministères de l'Église
24/10 10:30	Constantino KOSER OFM	La mission du diacre aujourd'hui
25/10 18:45 (martedì)	Père Pierre BENOIT OP, Domenicano, Direttore de l'École Biblique di Gerusalemme, perito del Concilio	Les Evangiles et "l'histoire des formes" (in francese) (66 ^a Conferência)

⁴⁶³"Conseiller de Sa Béatitude le Patriarche Maximos IV Saigh, membro della Commissione 'De Ecclesiis Orientalibus'".

⁴⁶⁴A numeração retrocedeu, tomando como ponto de partida a segunda sessão do Concílio. Note-se a contaminação lingüística provocada pela convivência no Concílio e na *Domus Mariae*. Um mesmo parágrafo, o texto contém palavras em português, italiano, francês e latim.

⁴⁶⁵Com a observação: "N.B. Questa conferenza è riservata agli Ecc.mi Padri Conciliari ed altri partecipanti al Concilio".

29/10 18:45 (venerdì)	Signor e Signora José y Luz ALVAREZ ICAZA, presidenti del Secretariato per l'America Latina del Movimento Familiare Cristiano (MFC), Uditori del Concilio	Investigaciones sobre la actitud de la familia ante el Concilio (in "spagnuolo") (67ª Conferencia)
09/11 18:45	Edward SCHILLEBEECKX OP	Transubstanciação, trans-significação, transfinalização
12/11 18:45 (venerdì)	S.E.R. Mons. Fulton SHEEN, vescovo ausiliare de New York	Expériences Pastorales avec des non-catholiques (in francese) (69ª Conferencia)
15/11 8:45 (lunedì)	Padre José Maria DIEZ-ALEGRIA, gesuita, professore di Dottrina Sociale della Chiesa nell'Istituto di Scienze Sociali della Pont. Università Gregoriana	Teologia del lavoro e sacerdozio in San Paolo (in italiano) (70ª Conferencia)
19/11 18:30	Mons. Pietro PARENTE ⁴⁶⁶ [Assessor do Santo Ofício]	Processos no Santo Ofício (só para bispos)
24/11 18:45	Hans KÜNG (em francês)	
27/11 18:45 (lunedì)	Padre Ignace de la POTTERIE SJ, Professore di Sacra Scrittura al Pontificio Istituto Biblico	"Verità o Ineranza della Sacra Scrittura e Storia della Salvezza alla luce della Costituzione Dogmatica "Dei Verbum" (in italiano) (75ª Conf.)
30/11 18:45 (martedì)	Très Rev. Frère Roger SCHUTZ, Prieur de la Communauté de Taizé, observateur au Concile	Taizé et l'attente de l'unité visible (in francese) (76ª Conf.)
01/12 18:45 (mercoledì)	Très Rév. Archimandrite Andrej SCRIMA, Représentant personnel de Sa Sainteté le Patriarche Athénagoras de Constantinople	Horizont oecuménique du Vatican II - Perspectives de relations entre l'Eglise Orthodoxe et l'Eglise Catholique (in francese) (77ª Conferencia)
03/12 18:45 (venerdì)	Rev.mo Padre Pedro Arrupe, Preposito Generale della Compagnia di Gesù	La Iglesia ante el encuentro de Oriente e Occidente (reflexiones de un superviviente de la bomba atómica sobre el pacífico, contacto de pueblos y culturas diversas) (in spagnuolo)
04/12 21:15 (sabato)	Em.mo e Rev.mo Signore Cardinale Giacomo Lercaro, Arcivescovo di Bologna	La Povertà nella Chiesa (in italiano) (79ª Conferencia)
06/12 18:45	Cardeal Leo Suenens	Il Bilancio del Concilio (80ª Conferencia)

No total, para as três últimas sessões do Concílio, foram 80 as Conferências: 25, na segunda sessão; 25, na terceira e 30, na quarta.

Sobre a última conferência da série, pronunciada pelo Cardeal Suenens, escreveu Dom Helder: "À noitinha, o Pe. Miguel [Suenens] jantou em Domus Mariae (quando isto acontece sou promovido à mesa da Presidência, à mesa do querido Dom Agnelo) e às 21hs encerrava as palestras da Domus Mariae com um balanço delicioso do Concílio.

Já que aos de casa eu nosso posso falar, fala o *meu* Cardeal... Ele ajudou a ação de graças desta Vigília compreensivelmente mais longa..."⁴⁶⁷.

⁴⁶⁶"Nell'ottobre del 1962, all'apertura del concilio, monsignor Pietro Parente (1891-1986) vantava una carriera percorsa sotto tre pontifici, come professore di teologia dogmatica (con Pio XI), come consultore di Curia a Roma, con un breve intermezzo pastorale a Perugia (con Pio XII) e come assessore del Sant'Ufficio (Giovanni XXIII). Più tardi, durante i pontificati di Paolo VI e Giovanni Paolo II, sarà uno dei principali commentatori del Vaticano II." Cfr. GROOTAERS, o. cit. pp. 480-86

⁴⁶⁷ HC Circ. IV/88, 6-7/12/1965

II.7. ELEMENTOS PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO EPISCOPADO BRASILEIRO

II.7.1 .Intervenções do episcopado: 1962-1965

As intervenções orais ou por escrito dos padres conciliares encontram-se esparramadas por três diferentes lugares das *ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II* (AS), dificultando sua localização e posterior estudo e análise.

Aqui foram todas elas recolhidas, para facilitar um conspecto geral da matéria, em três diferentes tabelas, resguardando-se, porém, a diversidade de sua origem.

As intervenções orais, lidas na Aula Conciliar durante as Congregações Gerais encontram-se nos diferentes volumes e partes das AS relativas a cada período conciliar (AS I a IV).

As intervenções por escrito encontram-se nos mesmos volumes e partes de cada período conciliar (AS I a IV), mas também nos *APPENDIX* (1 e 2).

No volume VI (*Pars* I a IV) das AS relativo às Atas da Secretaria Geral, encontram-se cartas, petições, propostas que têm mais a ver com consultas e sugestões relativas ao andamento dos trabalhos conciliares e menos com a matéria em discussão na Aula Conciliar.

As intervenções estão dispostas em três colunas: na primeira, no alto está indicado o volume e a parte da AS em que se pode encontrar a intervenção. Nesta mesma coluna abaixo, na seqüência, encontra-se o número de ordem da intervenção e o nome do padre conciliar responsável pela mesma. Se a sua intervenção foi apresentada em nome de outros padres conciliares, segue entre [] o número destes padres. O primeiro número refere-se ao total de padres conciliares *brasileiros* que subscreveram a intervenção e cujos nomes e assinaturas acompanhavam o documento. Se este número vier seguido pelo sinal de mais (+), o número seguinte indica o total de padres conciliares de *outros países* que também apuseram a sua assinatura, apoiando aquela intervenção.

Na segunda coluna, a das intervenções orais, encontra-se, em algarismos arábicos, a página do “volume” e “parte” das *ACTA SYNODALIA* em que aparece a

intervenção, seguida, em algarismos romanos, do número da Congregação Geral em que foi pronunciada.

Na terceira coluna, a das intervenções depositadas por escrito na Secretaria Geral do Concílio, aparece o número das páginas, onde estas foram publicadas.

I - INTERVENÇÕES ORAIS NA AULA CONCILIAR OU POR ESCRITO DE PADRES CONCILIARES DO BRASIL NO PRIMEIRO PERÍODO DO CONCÍLIO VATICANO II: 1962

Conspecto geral:

PRIMEIRA SESSÃO CONCILIAR: de 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962

SESSÃO PÚBLICA: I - 11 de outubro

CONGREGAÇÕES GERAIS: I (13-10-62) a XXXVI (07-12-62) (1^a a 36^a)

SESSÃO DE ENCERRAMENTO: 08-12-1962

PROCESSOS VERBAIS DAS 36 CONGREGAÇÕES GERAIS: AS I/1, pp. 107-152

	ACTA SYNODALIA VOL I, PARS I	INTERVENÇÕES ORAIS	INTERVENÇÕES ESCRITAS
01	MANOEL PEREIRA DA COSTA	244 - III	
02	CARLOS E. S. BANDEIRA DE MELLO	334-35 - IV	
03	AFONSO MARIA UNGARELLI	336-38 - IV	
04	JAIME DE BARROS CÂMARA	367 - V	
05	ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARAL	417-18 - VI	
06	CLEMENTE JOSÉ ISNARD [30] PRIMEIRA INTERVENÇÃO COLETIVA NA AULA CONCILIAR	489-90 - VII	
07	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM [4] SEGUNDA COLETIVA	496-97 - VIII	
08	ZACARIAS ROLIM DE MOURA	519-20 - VIII	
09	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO	542-47 - VIII	
10	SALOMÃO FERAZ	581-83 - IX	
11	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK		647-48
12	AFONSO MARIA UNGARELLI [29] [28 LC]		658-61
	[Michler assina intervenção Gut OSB 627]		
	AS VOL. I PARS II		
13	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK	68-71 - XI	
14	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM	78 - XI	
15	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO	117-18 - XII	
16	JAIME DE BARROS CÂMARA [59]		195-96
17	FRANCISCO AUSTREGÉSILO DE MESQUITA FILHO [8]		203

18	HUGO BRESSANE DE ARAÚJO		210-11
19	ELISEU COROLI		213-215
20	JOÃO BATISTA DA MOTA E ALBUQUERQUE		216-17
21	JOSÉ ADELINO DANTAS [13]		217
22	CLEMENTE JOSÉ ISNARD [20 + 1] Marelim consta duas vezes		238-40
23	ZACARIAS ROLIM DE MOURA		267-68
24	CLEMENTE JOSÉ ISNARD	300-01 - XIV	
25	JOSÉ ALVAREZ MÁCUA		345
26	MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA		354
27	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		355
28	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		378-79
29	JAIME DE BARROS CÂMARA		491-92
30	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		509
31	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		567-69
32	JAIME DE BARROS CÂMARA	588-90 - XVII	
33	HENRIQUE HEITOR GOLLAND TRINDADE	645-46-XVIII	
34	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		691
35	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		695-97
36	LAFAYETTE LIBÂNIO [4]		724-25
37	ZACARIAS ROLIM DE MOURA		751-52
	VOL. I PARS III		
38	JAIME DE BARROS CÂMARA	68-69- XX	
39	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD	224-29-XXIII	
40	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		312-13
41	SALOMÃO FERRAZ		328
42	FERNANDO GOMES DOS SANTOS		331-33
43	ZACARIAS ROLIM DE MOURA		352-54
44	AGNELLO ROSSI		353-54
45	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER	445-46- XXV	
46	ELISEU COROLI		572-73
47	EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES		574-75
48	JAIME DE BARROS CÂMARA	615-16XXVIII	
49	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		772-75
50	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		819-20
	VOL I, PARS IV		
51	EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES		453-54

Intervenções orais: 20 (Coletivas: 02/20)

Intervenções escritas: 31 (Coletivas: 06/31)

Appendix: 10

Secretaria Geral: 08 (Coletivas: 03/08)

**II - ANIMADVERSIONES A PATRIBUS SCRIPTO EXHIBITAE DURANTE
CONCILIO e PUBLICADAS NO APPENDIX DAS ACTA SYNODALIA⁴⁶⁸**

No.	BISPOS	ESCRITA
01	GERALDO MARIA DE MORAES PENIDO I/2, pp. 195-287	353
02	ORLANDO CHAVES II/2, pp. 703	401
03	JOSÉ VICENTE TÁVORA II/3, pp. 552 ante caput IV	412
04	PAULO HIPÓLITO DE SOUZA LIBÓRIO III/1, pp. 629-796	419
05	OSCAR DE OLIVEIRA III/7, pp. 569-663	517-18
06	ANTÔNIO FERREIRA DE MACEDO III/8, pp. 239-359	522-23
07	INÁCIO KRAUSE ⁴⁶⁹ III/8, p. 301	523
08	AUGUSTO CARVALHO III/6, pp. 471-655	619
09	GIOCONDO GROTTI Adde AS IV/2, pp. 15-16 – Esquema de Dignitate Humanae – Liberdade Religiosa	609-11
10	JAIME DE BARROS CÂMARA Adde AS IV/5, pp. 209-541 – Decretum de Ministério et Vita Praesbiterorum	680-82

III - ACTA SECRETARIAE GENERALIS VOL VI – PARS I – PER. I – 1962⁴⁷⁰

N o.	BISPOS	
01	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK	213-14
02	JAIME DE BARROS CÂMARA	237-38
3	VICENTE MARCHETTI ZIONI	259
04	HELDER CAMARA – QUORUNDUM PATRUM PETITIO (HELDER + 13)	294-98
05	HELDER... QUORUNDUM PATRUM VOTUM (HELDER + 9)	298-99
06	VICENTE MARCHETTI ZIONI (resposta a Felici) e nota 2	300-01
07	PETTIO QUORUNDUM PATRUM – D'ELBOUX (+ 9 BISPOS DO PARANÁ)	333
08	ZACARIAS ROLIM DE MOURA – DIÁCONOS?	355
09	JAIME DE BARROS CÂMARA – prioridade para interventos coletivos	398

⁴⁶⁸Sobre estas intervenções por escrito, uma nota esclarece que ficaram perdidas nos arquivos das comissões conciliares e foram posteriormente recolhidas e publicadas no *APPENDIX* às *AS*: «Animadversiones, quae sequuntur, in archivis Commissionum conciliarium inventae sunt postquam ceterae iam in *Acta Synodalia*... editae fuerant ideoloque illis addendae sunt, sicut in notis signatur. Disponuntur juxta ordinem disceptationis et approbationis schematum». *AS*, Appendix, 353.

⁴⁶⁹Inácio Krause, da Congregação da Missão, nascido em Mielno na Polónia (09-06-1896), Bispo de Shunteh, Hsing-Tai, na China, consagrado (13-04-1944), expulso (11-04-1946) e residindo no Brasil, em Curitiba, Paraná.

⁴⁷⁰Nas Atas da Secretaria Geral do Concílio encontra-se um material dispar: tanto votos, petições relativos ao encaminhamento prático de alguma questão, como troca de cartas entre algum padre conciliar e a Secretaria Geral.

O primeiro bispo brasileiro a tomar a palavra na Aula Conciliar, para um brevíssima observação, é Dom Manoel Pereira da Costa, bispo de Campina Grande, durante a III Congregação Geral, quando se discutia o texto da *Mensagem ao Mundo*⁴⁷¹, por parte do Concílio⁴⁷².

A primeira intervenção coletiva no Concílio é obra de um bispo brasileiro, Dom Clemente Isnard OSB de Nova Friburgo, na VII Congregação Geral de 26 de outubro de 1962 (AS I/1, 489-90), 15 dias depois de iniciado o Concílio, mas apenas no quarto dia das discussões consagradas ao esquema da Liturgia, cujo debate fora iniciado na IV Congregação Geral do dia 22 de outubro⁴⁷³. As anteriores congregações gerais haviam sido ocupadas pelas eleições para as Comissões Conciliares e para a elaboração e votação da “Mensagem ao Mundo”. O intervento de Isnard foi subscrito por outros 30 bispos brasileiros e aborda, entre outros, o tema, até então bastante tabu nos meios romanos, da língua vulgar na liturgia⁴⁷⁴. O prisma sob o qual Isnard desenvolve sua argumentação tornar-se-á uma das marcas registradas da orientação conciliar do episcopado brasileiro, a do bem pastoral do povo, de modo particular o dos mais simples: “Omnis catechesis in lingua tradi debet captui populi accomodata. Ante-missa vocatur Missa catechumenorum, proinde est vera et traditionalis catechesis constans orationibus, canticis et lectionibus. Ergo ante-missa celebrari debet in lingua populo adstanti cognita, quod plerique est lingua vulgaris. Nolumus aliis imponere usum linguae vulgaris in Missa. Qui voluerit linguam

⁴⁷¹O texto publicado nas AS, I/1, encontra-se reproduzido em português: KLOP II, 313-315.

⁴⁷² AS I/1, 244.

⁴⁷³A preocupação para que o Concílio privilegiasse as intervenções colegiadas foi apresentada ao Conselho de Presidência do Concílio por Dom Jaime de Barros Câmara, ainda durante o primeiro período conciliar, sob a forma de petição, em nome de muitos bispos brasileiros, pedindo que as coletivas precedessem as individuais: «Petitio ad Concilium Praesidentiae Concilii Vaticani II: Eo fine ut praeferentia Praesidentiae Concilii pro manifestationibus collectivis, seu unius episcopi nomine plurium, iterum exprimat, plures episcopi ex Brasilia desiderium suum patefaciant ut in unaquaque Congregatione Generali, eminentissimi Cardinalibus exceptis, prius loquantur Patres Conciliares qui nomine plurium observationes facere volunt et postea ii qui solummodo nomine proprio sermonem facere intendunt.» AS VI – Acta Secretariae Generalis Pars I, Periodus I, 398

⁴⁷⁴O intento persistente da Cúria Romana, de se eliminar da discussão conciliar o tema do latim, teve como manobra mais espetacular a publicação por João XXIII, em 22 de fevereiro de 1962 da *Veterum Sapientia* (Oss. Rom. 24-021962 – tradução portuguesa na Revista da CRB, Ano VIII, N^o. 83, pp. 257-262. Ali se afirmava: «Não só universal, mas também imutável deve ser a língua usada pela Igreja, pois, se as verdades da Igreja Católica fossem confiadas a algumas ou a muitas línguas modernas, nenhuma das quais tivesse mais autoridade que as outras, de certo aconteceria que, variadas como são, a muitos não ficaria patente com suficiente precisão e clareza o sentido dessas verdades e, doutro lado, não haveria nenhuma língua que pudesse servir de norma comum e constante, sobre a qual regulasse o sentido exato das outras línguas. [...] Dado pois que a igreja Católica, porque fundada pelo Cristo Senhor, supera em dignidade todas as sociedades humanas, é justo que ela se sirva não de uma língua não vulgar, mas repleta de nobreza e majestade». Revista da CRB, art. cit. pp. 258-259. Sobre os debates na Aula Conciliar acerca do uso do latim ou do vernáculo na liturgia, veja, ALBERIGO, *História* II, pp. 120-127.

latinam semper et in omnibus servare, etiam *forsitan* contra logicam et rationes pastorales, eam servare poterit.

Desideramus, uti pastores animarum, consulere bono spirituali nostrarum ovium. Enixe rogamus ut nobis viam apertam relinquant”⁴⁷⁵.

Na Congregação seguinte, a VIII de 27 de outubro, nova intervenção coletiva, a segunda do Concílio, de Luiz Gonzaga da Cunha Marelim, bispo de Caxias no Maranhão, subscrita por outros quatro bispos brasileiros⁴⁷⁶.

Durante o I Período, uma única vez, um bispo brasileiro, o Abade Nullius do Rio de Janeiro, Martinho Michler OSB, que de fato era alemão de nascimento, assina intervenção de outro bispo estrangeiro, a de Benno Gut OSB, suíço, abade geral da Congregação Beneditina.

João XXIII exprimiu várias vezes o firme propósito de assegurar a mais ampla e irrestrita liberdade de expressão por parte dos padres conciliares, aos quais entregava o destino do Concílio, para que “o trabalho comum corresponda às esperanças e necessidades dos vários povos”. Ante a multiplicação porém de intervenções individuais, por vezes repisando tópicos já amplamente tratados por outros padres conciliares, o episcopado brasileiro foi dos primeiros a se manifestar, secundando a preferência do Conselho de Presidência, e pedindo prioridade das intervenções coletivas sobre as individuais, salvaguardado o direito de os Cardeais intervirem, por primeiro, em nome próprio ou de muitos⁴⁷⁷.

Assinalo aqui que o índice geral onomástico do Concílio contém por vezes, falhas como, por exemplo, a de oito nomes de bispos brasileiros que assinam a intervenção de Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, bispo de Afogados da Ingazeira, consignada por escrito (AS I/2, 203)⁴⁷⁸ e cujos nomes não constam do índice final. Igualmente na intervenção consignada por escrito por Dom Clemente Isnard (AS I/2, 238-40), aparece

⁴⁷⁵AS I/1, 489.

⁴⁷⁶AS I/1, 496-97.

⁴⁷⁷«Eo fine ut praeferentia Praesidentiae Concilii pro manifestationibus collectivis, seu unius episcopi nomine plurium, iterum exprimat, plures episcopi ex Brasilia desiderium suum patefaciunt ut in unaquaque Congregatione Generali, eminentissimis Cardinalibus exceptis, *prius loquantur Patres Conciliares qui nomine plurium observationes facere volunt* (itálico no texto) et postea ii qui solummodo nomine proprio sermonem facere intendunt». CÂMARA Jaime de Barros, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro: ao Conselho de Presidência do Vaticano II (sem data, mas arrolada na documentação da Secretaria Geral do I período conciliar) – AS V, 1, 398.

⁴⁷⁸Os bispos que assinaram foram: Walmor Battú Wichrowski, VT Felbes; Emmanuel, ep. Campinensis Grandis; David, ep. S. Ionnis in «Brasília; Manuel Taveres (sic, no lugar de Tavares), bispo de Caicó; Gentilis, ep. Mossorensis; Clemens Ioseph Carolus Isnard O.S.B.; ep. Neo-Friburgensis; Iosephus, ep. Garanhunensis; Jorge mrcos, ep. S. Andreae.

apenas o nome de Dom Luiz Gonzaga Marelim que subscreve o parágrafo final da intervenção, mas são omitidos 20 outros nomes, incluindo o de Marelim⁴⁷⁹, que subscrevem o conjunto da intervenção, anterior ao parágrafo final. Cochilos de revisão, mesmo num trabalho tão acurado e preciso como o das Atas Conciliares, confirmam a velha expressão latina de Horácio, o mais primoroso cultor da língua latina, e por isso mesmo apelidado de “Sublime” que se indignava ao descobrir deslizes no próprio Homero. Desculpa-o, porém, dizendo, que num poema tão grande, como a *Iliada*, tinha o grande Homero direito a cometer algum cochilo: *Quandoque bonus dormitat Homerus*⁴⁸⁰.

Em outros ocasiões, repete-se a omissão ou há confusão entre nomes. A principal causa da confusão é o uso cambiante dos nomes dos bispos, grafados sucessivamente em português, latim, italiano e, no caso de bispo estrangeiros no Brasil, ainda em suas línguas natais: alemão, holandês, francês, italiano, inglês etc. Deve estar ainda por detrás, o laborioso e por vezes insano trabalho de se decifrar as assinaturas de mais de três mil padres conciliares, provindos de quase todos os países e línguas, onde facilmente um “o”, se transforma em “e” ou “u” ou ainda uma vogal é acrescentada ou suprimida. É frequente a oscilação entre “Manoel” e “Manuel”; “Diego” ou “Diogo”; “Gouveia” e “Gouvêa” e, assim por diante! Nada que facilite o trabalho do pesquisador!

No primeiro período, da parte dos padres brasileiros, houve 20 intervenções orais (2 das quais coletivas) e 31 escritas (8 das quais coletivas), num total de 51 intervenções, 10 das quais, ou seja, 19,62 % coletivas.

A estas, devem ser acrescentadas outras 9 depositadas na Secretaria Geral do Concílio e recolhidas nas Atas desta Secretaria. Destas, 3 são coletivas e as restantes individuais.

Deve-se incluir ainda troca de correspondência, como por exemplo, entre Dom Vicente Marchetti Zioni⁴⁸¹, na época, bispo auxiliar de São Paulo, eleito para a

⁴⁷⁹Os nomes omitidos são: Fr. Henricus G. Trindade, of m, arch. Botucatu; Aloysius Philippus, [ep.] Urugunianensis; Avelar [Brandão Vilela], arch. Teresianus; Iosephus Thurler, ep. tit. Capitolienensis; Iosephus Vincentius Távora [arch. Aracajuensis]; Walmor Battù Wichrowski, VT Felbes; Antonius Baptista Fragoso; Ionnes de Souza Lima, AR Manaus; Augustus Petrô, VR Vaccariae; Alfonsus Maria, VT Azurenensis; David [Picão], ep. S. Ioannis [São João da Boa Vista, SP]; Aloysius Philippus, Urugunianensis (o nome está repetido no texto); Emmanuel Pereira, ep. Campinensis Grandis; Carolus [Coelho], arc. Olindensis et Recifensis; Gentil [Diniz Barreto], bispo de Morroró; Manuel Traveres (Tavares), bispo de Caicó; Franciscus [Austregésilo de Mesquita Filho], ep. Afogadensis; Mons. Iosephus Nicomedes Grossi, ep. Speleopolitanus a Bono Jesu (Bom Jesus da Lapa – BA); Iosephus [Adelino Dantas], ep. Garanhunensis.

⁴⁸⁰« De vez em quando, até o bom do Homero cochila!»

⁴⁸¹ Carta de Vicente Marchetti Zioni, bispo auxiliar de São Paulo, a Pericle Felici, Secretário Geral do Concílio. São Paulo, 03-11-1962, AS VI/1, 259

Comissão Conciliar dos Seminários e Universidades Católicas, mas ausente do Concílio e o Secretário Geral do Concílio, Péricle Felici⁴⁸². Zioni indaga como deveria proceder. A correspondência foi atravessada por outra do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e presidente da CNBB, pleiteando a substituição de Zioni ausente, pela de Dom Pedro Manuel da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis e já em Roma⁴⁸³. Dom Zioni foi mantido na função para a qual fora eleito e anuncia sua ida a Roma para participar dos trabalhos de sua Comissão⁴⁸⁴.

Dignas de atenção são duas intervenções assinadas por Dom Helder Camara, que ao longo dos quatro anos, nunca interveio na Aula Conciliar, mas se valia constantemente de outros canais, para apresentar suas propostas. A primeira capitaneada por Mons. C.M. Himmer, era dirigida ao Secretário de Estado, Amleto Cicognani, com expresse pedido de que fosse submetida à apreciação do Papa João XXIII. Estava subscrita ainda por N. Edelby, Manuel Larrain, Alfred Ancel, Iulius Angerhausen, Laurentius Satoshi, Philippe Nguyen-Kim-Dien, Alessandro Olalia, Marcos Mc Grath, Thomas Cooray, Helder Camara, Raphael G. Moralejos, Bernardus Yago, Georgius Mercier. Juntava assim, nomes prestigiosos de bispos da Igreja dos Pobres, falando em nome da Europa, do Oriente Cristão, da África, Ásia, América Latina e do Norte. Citando o próprio Papa, a carta pede que o Concílio desloque seu olhar das questões internas da Igreja (naquele momento acabara-se de discutir na Aula o esquema da Liturgia e se estava no debate sobre as Fontes da Revelação), para os problemas do vasto mundo que aguardava uma palavra da Igreja: “Questi problemi (do mundo) di acutissima gravità stanno da sempre al cuore della Chiesa. Perciò, essa li há fatti oggetto di studio attento, ed il Concilio Ecumenico potrà

⁴⁸²Carta de Pericle Felici (Prot. N. 482 CV/62) a Vicente Marchetti Zioni. Cidade do Vaticano, 22-11-1962. AS VI/1, 300-301.

⁴⁸³Dom Jaime enaltece os méritos de Dom Pedro Manuel a Cunha Cintra, como o de melhor conhecedor da situação dos seminários do Brasil, por ser seu visitador, e de bom entendedor das Universidades Católicas, por ter fundado a de Petrópolis: «Cum absens sit Excellentissimus Dominus Marchetti Zioni Vincentius, episcopus auxiliaris in S. Paulo (Brasília) electus ad Commissionem pro Seminariis et Universitatibus, propono ut substitutum Excellentissimum Dominum da Cunha Cintra Emmanuelem Petrum, episcopum Petropolitano, in Brasilia. Ratio est: Brasilia tot Seminaria et Universitates catholicas habet, et Dominus Cintra est episcopus qui, ut Visitor Seminariorum, melius nescit Seminaria in Brasilia. Insuper ipse in Dioecesi Petropolitana etiam Universitatem habet, ab ipso Exc.mo Domino fundatam». CÂMARA, Dom Jaime, Carta ao Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, Secretário de Estado. Roma, 26-10-1962. AS VI/1, 237-238. Em nota de rodapé, está laconicamente consignado: «Exc.mus Marchetti Zioni non fuit substitutus», *Ibidem*, nota 1.

⁴⁸⁴«Per ragioni di necessità diocesane, delle quali a Nunziatura Apostolica in Brasile ne ha avuto anticipata notizia, non ho potuto partecipare al primo periodo conciliare. In questo momento sto esaminando i documenti che la Segreteria mi ha inviati, e prima dal 30 gennaio trasmetterò le mie osservazioni. Ho il piacere di farla sapere che partirò dal Brasile verso na fine di febbraio, per assistere alla seduta della nostra Commissione. Spero trovarLa a Roma nei primi giorni di marzo». Carta de Vicente Marchetti Zioni ao Pe. Mayer, secretário da Comissão dos Seminários, dos Estudos e da Educação Católica. 7-01-1963). AS V/1, 301.

offrire, con chiaro linguaggio, soluzioni, che son postulate dalla dignità dell'uomo e della vocazione cristiana"⁴⁸⁵. O grupo de bispos resume então esses problemas agudos de hoje em torno a quatro núcleos principais:

os problemas do exercício da justiça e da caridade, tanto pessoal como social, de modo especial em relação aos povos em vias de desenvolvimento;

os problemas da paz e da fraterna união de todos os povos que formam a grande família humana;

a evangelização dos pobres e daqueles que se encontram afastados;

as exigências da renovação evangélica nos pastores e fieis da igreja.

Concluem, solicitando a constituição de uma Comissão ou Secretariado especial que se ocupe destas questões, para definir o ministério da Igreja "ad extra"⁴⁸⁶. Esta petição está na raiz da formulação do célebre esquema XVII, mais tarde esquema XIII sobre a Igreja no mundo de hoje e que desembocou na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que esteve no coração da luta deste grupo. No pós-concílio, a sugestão de um Secretariado especial deu origem à Pontifícia Comissão Justiça e Paz.

A segunda petição, também com data de 21 de novembro, está encabeçada por Jean Baptiste Zoá, arcebispo de Yaoundé, na República dos Camarões, e assinada por Helder Camara, Petrus Veillot, Michaël Darius Miranda y Gomez, Angelo Fernandes, P. Ngô-dinh-Thuê, Marco Mc Grath, Emmanuel Larrain, Maurice Baudoux, Thomas Cooray, bispos que gravitavam em torno ao Ecumenico, à Igreja dos Pobres, à CNBB (cujo secretário geral, Helder assina a petição), ao CELAM (cujo presidente Miranda, os dois vice-presidentes, Larrain e Helder e um dos membros, Mc Grath se somam aos demais). Enquanto a anterior moção visava os conteúdos que o Concílio deveria abordar, esta segunda ataca os problemas da agenda e do funcionamento da pesada e ineficiente máquina conciliar e pede:

que os Padres Conciliares tenham em mãos o elenco completo dos esquemas elaborados pelas Comissões preparatórias, acompanhados de um índice dos seus capítulos, para que possam ser devidamente estudados;

que se conheça a ordem dos esquemas a serem abordados na próxima sessão conciliar;

⁴⁸⁵João XXIII, *Ecclesia Christi, Lumen Gentium*. 11-09-1962.

⁴⁸⁶«*Quorundum Patrum Petitio*»: Carta de Mons. C.M. Himmer (e de 13 outros bispos), endereçada ao Papa João XXIII, por intermédio do Cardeal Secretário de Estado, Amleto Cicognani. Roma, 21-11-1962. AS VI/1, 294-298.

e quanta graça dariam ao Papa, se a tão importante constituição *De Ecclesia*, fosse a primeira a ser discutida no início da próxima sessão.⁴⁸⁷

Observe-se que as duas petições são escritas nos dias de maior efervescência do primeiro período conciliar e na data mesma, 21 de novembro, em que João XXIII interveio no curso do próprio concílio, dando ouvidos ao voto da maioria que pedia que o esquema *De fontibus revelationis*, fosse retirado da pauta do concílio e inteiramente refundido⁴⁸⁸.

Helder após sua assinatura à muitas das intervenções coletivas do episcopado brasileiro ou latino-americano, às moções inspiradas pelo Ecumênico ou pelo grupo da Igreja dos Pobres, encaminhando por escrito suas observações, ou fazendo chegar diretamente aos moderadores, à Secretaria de Estado ou ao próprio Papa, suas sugestões ou propostas.

Muitas vezes valeu-se do canal da imprensa, para fazer chegar à Aula Conciliar ou mesmo ao Papa suas opiniões sobre o Concílio ou algum tema candente que estivesse na pauta dos trabalhos. Comentando a repercussão de uma sua conferência, dizia:

“Como vêem, para ajudar o Concílio, não preciso falar na Basílica. Ontem, tive pena de Cardijn: foi falar, em latim, dez minutos, foi um desastre. No Vaticano III, será diferente. O latim já terá sido piedosamente enterrado”⁴⁸⁹.

Uma inconfidência numa de suas cartas, dá conta sobre sua avaliação, custo/benefício, de uma intervenção de dez minutos em latim, na Aula Conciliar e uma entrevista para a imprensa internacional, com tempo mais dilatado, em língua vulgar:

“Ontem, com Francis Mayor (de *Informations Catholiques Internationales*), estivemos combinando minha ajuda ao Esquema 13: em lugar de intervenção na Basílica, palestra no C.C.C. (o antigo Centro de Informações Holandeses, hoje transformado em Centro de Informações Internacionais); em lugar de 10 minutos em latim, hora e meia de bate-papo, com jornalistas do mundo inteiro...”⁴⁹⁰.

⁴⁸⁷«Quorundum Patrum Votum», Carta de Mons. J. Zoá e de outros nove padres conciliares endereçada ao Papa, por intermédio do Cardeal Secretário de Estado de Estado, Amleto Cicognani, Roma, 21-11-1962. AS VI/1298-299.

⁴⁸⁸Sobre a tensão destes dias, o impasse na Aula Conciliar e a intervenção de João XXIII, cfr. *História*, II, pp. 235-250.

⁴⁸⁹HC Circ. IV/11, 20-21/09/1965.

⁴⁹⁰HC Circ. III/47, 20-21/10/1964.

Numa outra tirada sobre os jornalistas anotava: “Entre as duas sessões da tarde, virá à Domus Mariae, meu amigo Henri Fesquet, redator de *Le Monde*. Muitos Bispos o temem, por suas “indiscrições”. Conto a ele o que desejo que ele conte ao mundo. Há indiscrições que ajudam o Concílio. Para abrir certas brechas, por vezes, só um furo de imprensa”⁴⁹¹.

Mas, há também indiscrições que podem trazer graves dissabores e um preço alto a pagar, como experimentou o próprio dom Helder:

“*Há uma outra provação de pobreza* que talvez rebente (entreguei o caso aos anjos). No Grupo de Pobreza, contei ao Pe. Paul Gauthier e a Marie Thérèse minha entrevista com o Papa. Ela contou a Henri Fesquet de *Le Monde*. Fesquet me escreve, dizendo que a conversa era bela demais para ficar oculta e avisa que *Le Monde* já a estava divulgando.

É evidente que se o jornal cair nas mãos do Papa, adeus confiança em Mgr. Camara... E talvez saia um desmentido..

Tudo aceito, em absoluto espírito de pobreza. Aceito, com alegria, como bela provação pelo Concílio”⁴⁹².

⁴⁹¹ HC Circ. IV/26, 5-6/10/1965.

⁴⁹² HC Circ. III/17, 27-28/09/1964.

**II - INTERVENÇÕES ORAIS NA AULA CONCILIAR OU POR ESCRITO DE
PADRES CONCILIARES DO BRASIL NO SEGUNDO PERÍODO DO
CONCÍLIO VATICANO II: 1963**

Conspecto geral:

SEGUNDA SESSÃO CONCILIAR: de 29 de setembro a 04 de dezembro de 1963

SESSÕES PÚBLICAS: II – 29 de setembro;

III – 4 de dezembro: Promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a
Liturgia e do Decreto *Inter Mirifica*, sobre os Meios de Comunicação Social.

CONGREGAÇÕES GERAIS: XXXVII (30-09-63) a LXXIX (02-12-63) (37^a a 79^a)

PROCESSOS VERBAIS DAS 42 CONGREGAÇÕES GERAIS: AS II/1, pp. 109-176

No.	BISPOS	INTERVENÇÕES ORAIS	INTERVENÇÕES ESCRITAS
	VOL II, PARS I		
01	GIOCONDO MARIA GROTTI	384-85-XXXVIII	
02	JAIME DE BARROS CÂMARA [153]	422-25-XXXIX	
03	CÂNDIDO BAMPI		472-75
04	HUGO BRESSANE DE ARAÚJO		485-88
05	SALOMÃO FERRAZ		662
06	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK		701-02
	VOL II, PARS II		
07	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD [29+6]	34-36 - XL	
08	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO	114-123 -XLI	
09	GIOCONDO MARIA GROTTI		162-170
10	VICENTE MARCHETTI ZIONI		179
11	CARLOS E. SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		194
12	JOSÉ VICENTE TÁVORA		199
13	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD [4 + 3]	366-369 – XLIV	
14	JAIME DE BARROS CÂMARA [133]	388-392 - XLV	
15	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO		685-88
16	ORLANDO CHAVES [33 + 5 do n.º 72 p. 887]		702-03
17	MANOEL PEDRO DA CUNHA CINTRA		712-13
18	JOÃO BATISTA DA MOTA E ALBUQUERQUE [82]		714-18
19	ANTÓNIO DE CASTRO MAYER [4+4]		721-23
20	GIOCONDO MARIA GROTTI		763-66
21	CLEMENTE JOSÉ ISNARD		787-88
22	CAETANO ANTÓNIO LIMA DOS SANTOS (comissão celibato)		797
23	WILSON LAUS SCHMITT		877-78
24	DANIEL TAVARES BAETA NEVES [só + 4 nomes]		887 (cf. 65)

VOL. II PARS III			
25	CÂNDIDO PADIN	27-29 - L	
26	JAIME DE BARROS CÂMARA (91)	54-57 - LI	
27	HENRIQUE HETTOR GOLLAND TRINDADE (patres, auditores et observatores)	179-81 - LIII	
28	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK	229-31 - LIV	
29	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER [1+3]		438-41
30	SALOMÃO FERRAZ		459-60
31	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		532-33
32	JOSÉ VICENTE TÁVORA [17 ausentes no Índice. Cfr. nota 6]		549-52
33	JAIME DE BARROS CÂMARA [121]	592-95 - LVII	
34	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		674
35	CANDIDO JULIO BAMPI		686-88
36	WALMOR BATTU WICHROWSKI		693-94
37	HUGO BRESSANE DE ARAÚJO		695
38	GIOCONDO MARIA GROTTI		720-34
39	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK		770-75
40	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		785-86
VOL II PARS IV			
41	GIOCONDO MARIA GROTTI [3+ 5]	64-68 - LIX	
42	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO		116-119
43	ORLANDO CHAVES		125
44	MANOEL PEDRO DA CUNHA CINTRA [4] INCOMPLETO ?		145
45	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO	493-95 - LXI	
46	FERNANDO GOMES DOS SANTOS [60]	488-491 - LXI	
47	GIOCONDO MARIA GROTTI		535
48	JAIME DE BARROS CÂMARA [110 + Cardeal Motta] só adere em parte ao que está falando [proposta de colégio para governar com o Papa: 5]	612-615 - LXIII	
49	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER	631-33 - LXIII	
50	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		664-65
51	GIOCONDO MARIA GROTTI		671-76
52	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		692
53	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO	742-44 - LXIV	
54	FELIPE CONDURU PACHECO		840
55	SALOMÃO FERRAZ		853-55
56	JOÃO BAPTISTA PRZYKLENK		889-92
VOL. II PARS V			
57	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		120-22
58	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		124-25
59	GIOCONDO MARIA GROTTI		134-35
60	CLEMENTE JOSÉ CARLOS ISNARD		137-38
61	HELDER PESSOA CAMARA [63]		150-52
62	FRANCISCO ZAYEK		169-70
63	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		287
64	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		288-90
65	ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARAL		308-10
66	GIOCONDO MARIA GROTTI		310-11
67	CLEMENTE JOSÉ CARLOS ISNARD		321
68	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		337
69	JOÃO BAPTISTA DA MOTA ALBUQUERQUE		363-65
70	ANTÔNIO DE CASTRO MAYER		365

71	GIOCONDO MARIA GROTTI		372
72	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		384
73	ANTÓNIO DE CASTRO MAYER		365
74	GIOCONDO MARIA GROTTI		790-91
75	ALOÍSIO LORSCHIEDER [54]		801-02
76	HUGO BRESSANE DE ARAÚJO		847-49
77	CARLOS EDUARDO SABÓIA BANDEIRA DE MELLO		869-70
78	IDÍLIO JOSÉ SOARES		870
79	BENEDITO ZORZI		872-73
80	SALOMÃO FERRAZ		890-91
81	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		903
	VOL II, PARS VI		
82	ANTÓNIO DE CASTRO MAYER		109-12
83	GERALDO PROENÇA SIGAUD		112-13
84	ALEXANDRE GONÇALVES DO AMARAL		115-17
85	GIOCONDO MARIA GROTTI		119-21
86	ALOÍSIO LORSCHIEDER		123
87	HENRIQUE HEITOR GOLLAND TRINDADE [2+4]	227-29 - LXXVII	
88	GIOCONDO MARIA GROTTI (ecumenismo)		270-71
89	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM (seitas)		382
90	JOÃO BATISTA DA MOTA E ALBUQUERQUE		383-84

	ACTA SYNODALIA VI-2 ACTA SECRETARIAE GENERALIS: PERIODUS II – 1963	
01	ANTONIO DE CASTRO MAYER – Esquema BVM caput VI Ecclesiae	393
02	GERALDO PROENÇA SIGAUD/CASTRO MAYER – comunismo	503-04
03	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO (método a seguir no Concílio)	545-46

	ACTA SYNODALIA - APPENDIX	
01	JOSÉ VICENTE TÁVORA ⁴⁹³ (acrescentar à intervenção acima)	Ap 412

Intervenções orais: 18 (Coletivas: 10/18)

Intervenções escritas 72 (Coletivas: 09/72)

Appendix: 01

Secretaria Geral: 03

1. Do total de 91 intervenções, 73 foram entregues por escrito e apenas 18 proferidas na Aula Conciliar, sendo 10 delas coletivas. Nota-se, de imediato, a mudança de

⁴⁹³ Adde ad animadersiones editas in AS II/3, 552 (José Vicente Távora intervenção 32)

padrão em relação ao primeiro período conciliar, pois começam a escassear as intervenções orais em favor das escritas, devido ao maior rigor no controle do tempo na Aula Conciliar e à precedência dada às intervenções coletivas.

III - INTERVENÇÕES ORAIS NA AULA CONCILIAR OU POR ESCRITO DE PADRES CONCILIARES DO BRASIL NO TERCEIRO PERÍODO DO CONCÍLIO VATICANO II: 1964

Conspecto geral:

TERCEIRA SESSÃO CONCILIAR: de 14 de setembro a 21 de novembro de 1964

SESSÕES PÚBLICAS: IV - 14 de setembro;

V - 21 de novembro: promulgação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja; do Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo e do Decreto *Orientalium Ecclesiarum* sobre as Igrejas Orientais Católicas.

CONGREGAÇÕES GERAIS: LXXX (15-09) a CXXVII (20-11) (80^a à 127^a)

PROCESSOS VERBAIS DAS 48 CONGREGAÇÕES GERAIS: AS III/1, pp. 65-135

	ACTA SYNODALIA: VOL III PARS I - 1964	ORAL	ESCRITAS
01	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		489
02	AGNELLO ROSSI (2)		492
03	GIOCONDO MARIA GROTTI		582-87
04	WILSON LAUS SCHMIDT		603-04
05	GERALDO PROENÇA SIGAUD (3 + 5)		678-80
06	MARTINHO MICHLER O.S.B.		739
07	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		752
	VOL III PARS II		
08	ANTONIO DE CASTRO MAYER		109-11
09	GIOCONDO MARIA GROTTI		121-34
10	JOÃO BATISTA PRZYKLENK (+ 2 estr.)		154
11	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		160-61
12	PLURES PATRES – JOÃO B. DA MOTTA E ALBUQUERQUE (41 + 14)		180-81
13	NONNULLI PATRES CONCILIARES BRASILIAE - JOÃO B. DA MOTTA E ALBUQUERQUE (encaminhando parecer solicitado ao Pont.Instituto Bíblico: 27-09-1964)		182-85
14	AGNELLO ROSSI (108)	227-29 LXXXIV	
15	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		433-34
16	ANTONIO DE CASTRO MAYER	485-86LXXXVII	
17	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO		635-37
18	GIOCONDO MARIA GROTTI		691-92
19	JOSÉ MARTENETZ		718
20	AGNELLO ROSSI (49)		738-39
21	BENEDITO ZORZI		750
22	GIOCONDO MARIA GROTTI		795-96
23	GIOCONDO MARIA GROTTI		906
24	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		910
	VOL. III PARS III		
25	ANTONIO DE CASTRO MAYER		161-62
26	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		171-72
27	PLURES EPISCOPI BRASILIAE (39) AGNELLO ROSSI		177-78

28	JOÃO BATISTA DA MOTTA E ALBUQUERQUE		444-49
29	ANTONIO DE CASTRO MAYER		449-50
30	GIOCONDO MARIA GROTTI		460-64
31	JOSÉ MARTENETZ		474
32	JOÃO BATISTA PRZYKLENK +2		490-91
33	PLURES PATRES CONCILIARES BRASILIAE – ALOÍSIO LORSCHIEDER 37		510-11
34	JAIME DE BARROS CAMARA		515
35	ANTONIO DE CASTRO MAYER		545
36	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD + CASTRO MAYER		648-57
37	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		738
38	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		867-69
39	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		871-72
40	FELIPE CONDURU PACHECO		889
	VOL III PARS IV		
41	CANDIDO PADIN	172-76 XIC	
42	GUIDO CASULLO		266-69
43	ANTONIO DE CASTRO MAYER		295-96
44	ADRIANO HYPOLITO		324-25
45	JAIME DE BARROS CAMARA	403-04 CI	
46	ANTONIO FERREIRA DE MACEDO	413-15 CI	
47	FERNANDO GOMES DOS SANTOS 112	420-22 CI	
⁴⁹⁴ 48	FERNANDO GOMES DOS SANTOS 112		422-25 CI
49	ANTONIO DE CASTRO MAYER		562-63
50	GIOCONDO MARIA GROTTI		592-95
51	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		629-30
52	BENEDITO ZORZI		662-63
53	SALOMÃO FERRAZ		730
54	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		753
55	SALOMÃO FERRAZ		894-97
56	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		916-17
57	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		919
58	ALOISIO LORSCHIEDER		964
59	PLURES PATRES CONCILIARES JAIME DE BARROS CÂMARA 45		966-67
	VOL III PARS V		
60	JAIME DE BARROS CAMARA	11-12 CIII	
61	ANTONIO DE CASTRO MAYER		247-48 ⁴⁹⁵
62	JOSÉ MARTENETZ		252
63	ANTONIO DE CASTRO MAYER	339-41 CVII	
64	EUGENIO DE ARAUJO SALES ⁴⁹⁶		450
65	PLURES – HELDER ⁴⁹⁷		509-510

⁴⁹⁴ À intervenção apresentada oralmente na Aula Conciliar, foi agregada uma segunda, por escrito, igualmente assinada por 112 padres conciliares e assim depositada na secretaria do concílio.

⁴⁹⁵ Esta intervenção de Castro Mayer está omitida no Índice do Concílio.

⁴⁹⁶ O texto da intervenção encontra-se em português !

⁴⁹⁷ Esta « consideração por escrito », em nome de muitos padres conciliares, de fato, os que pertenciam ao Comitê Internacional das Conferências Episcopais Nacionais, que agregava 23 conferências episcopais ou grupo de conferências nos cinco continentes, vem assinada em primeiro lugar por Helder Câmara. Trata da pobreza no mundo e está redigida em inglês e não em latim, a língua oficial do Concílio, o que indica o provável intento de que seu conteúdo fosse parar nas mãos da imprensa, sem o entrave da língua. Transcrevemo-la integralmente pelo peso de sua representatividade e relevância do seu conteúdo : « The Bishops of many lands have a deep concern about the problem of world poverty. Since this problem confronts Christians in wealthy lands, we feel that in a special way the Church should provide leadership in forming a Christian conscience. We the members of the International Committee of the National Episcopal Conferences endorse and support the proposal that the Bishops of the World gathered for the Vatican Council II focus attention on the problem of world poverty, as has been suggested. We feel that it would be appropriate to have a lay person of special competence (to) expose the problem in its dimensions and implications, after which several bishops would speak on the need for a plan of action to bring Christian

66	HENRIQUE GOLLAND TRINDADE	552-55 CIX	
67	GIOCONDO MARIA GROTTI		408-13
68	HUGO BRESSANE DE ARAUJO		777-79
69	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		817
	VOL III PARS VI		
70	GIOCONDO MARIA GROTTI – 38 PRELADOS NULLIUS DA AMAZÔNIA	408-13 CXVII	
71	JOSE BRANDÃO DE CASTRO 29 BRASIL E OUTROS PAISES		480-81
72	OSCAR DE OLIVEIRA 7 (índios desnudos x países civilizados; missionários x estado; fotos de indígenas para obter recursos)		504-05
73	JOAO BATISTA PRZYKLENK		594-98
74	ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS 23 ET ALII		602-04
75	JOSE VICENTE TAVORA		625-28
76	AFONSO MARIA UNGARELLI		633-34
77	PRAELATI NULLIUS AM. LATINAE (noção de missão inclua territórios não dependentes da Prop. Fidei; região amazônica peculiaridade – números – ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS 37		653-55
78	PLURES PRAELATI NULLIUS – BRASIL E AM. LATINA - JAIME ANTONIO SCHUCK - 41		655
	VOL III PARS VII		
79	GABRIEL PAULINO COUTO		193-96
80	ANTONIO DE CASTRO MAYER		223-26
81	FERNANDO GOMES DOS SANTOS – 75 MATRIMONIO ANTICONCEPCIONAIS		265-66
82	JAIME DE BARROS CAMARA – 103 VIDA RELIGIOSA	422-26 CXX	
83	EUGENIO DE ARAUJO SALES (vida religiosa feminina apostolado: experiencia Nisia Floresta)		604-05
84	GIOCONDO MARIA GROTTI		621-22
85	ALOISIO LORSCHIEDER		631-32
86	JAIME DE BARROS CAMARA	703-05 CXXII	
87	FELIPE CONDURU PACHECO		828
88	SALOMÃO FERRAZ		844
89	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		892-93
91	CARLOS E. SABOIA BANDEIRA DE MELLO		899
92	FRANCISCO ZAYEK – RITO ANTIOQUENO DOS MARONITAS – RIO DE JANEIRO – INTERVENÇÃO EM FRANCÊS		935-39
93	CONFERENTIA EP. BR. HELDER E PADIN		941-43
	VOL III PARS VIII		
94	BENEDITO ZORZI - 102	23-27 CXXIII	

influence to bear on the problem, the need for a small body of experts to devise the kind of institutions, forms of cooperation, contacts and policy which the Church can adopt to secure full Catholic participation in the world wide attack on poverty, and finally a study of an ecumenical approach, since other Christian bodies share this responsibility.» O texto todo carrega a marca típica das preocupações e do estilo de Dom Helder Câmara. Numa de suas circulares comenta a propósito da petição que estava sendo preparada pelo *Ecumenico*: «Vamos pedir que, durante a discussão inicial do esquema XIII, tenham acesso à Basílica dois Peritos que apresentem águas-fortes com a situação atual do mundo, com os sinais dos tempos, tudo em escala verdadeiramente planetária.» (HC Circular 16/64, 26/27-07, p. 1). A petição vem subscrito pelo próprio Dom Helder, em primeiro lugar, seguido de Ernest Primeau dos Estados Unidos da América; de Joseph Blomjous de Tanganica; Emmanuel Larrain do Chile e do CELAM; Maurice Baudoux do Canadá; Thomas Cooray do Ceilão (Sri Lanka); John Ammissah do Gana; Wilhelm Pluta da Polônia; Marc Lallier da França; William Brasseur das Filipinas, Leo Lemay das Ilhas Salomão; Felix Scalais do Congo Libreville; Neophitos Edelby dos Melquitas da Síria; Victor Bazin de Burma; Nicolas Verhoeven da Indonésia; Edward Ellis da Inglaterra; John Murphy do país de Gales; Jean Zoa do Camerum; Laurent Nagae do Japão; Joseph Hoeffner da Alemanha e Pierre Veillot da França.

95	GIOCONDO MARIA GROTTI		291-97
96	IGNATIUS KRAUSE 1 + 11		301-303
97	JOSE LAMARTINE SOARES 10 (INCLUINDO HELDER)		304-07
98	JOSE THURLER		341-43
99	GIOCONDO MARIA GROTTI		513-14
100	CANDIDO PADIN 5 (educação de base pro humilibus hominibus: CAMARA, SALES, ISNARD, MIELI, LAMARTINE)		528
101	AUGUSTO CARVALHO		708
102	ALFREDO VICENTE SCHERER 73 (matrimônios mixtos)		756-58
103	ALOISIO LORSCHIEDER		929-30
104	FELIPE CONDURU PACHECO		981
105	SALOMÃO FERAZ		992-93
106	CARLOS E.SABOIA BANDEIRA DE MELLO		1013-14
107	CNBB (HELDER E PADIN) EDUCACAO		1039-42

Intervenções orais: 13 (Coletivas: 05/13)

Intervenções escritas: 85 (Coletivas: 28/85)

24	AS III/2 Intervenção latino americana sobre Ecumenismo PLURES PATRES CONCILIARES (111 + ? AL)		914-18
----	---	--	--------

Trata-se esta última, de importante intervenção sobre o ecumenismo, de iniciativa, ao que parece do CELAM e subscrita por 111 bispos brasileiros e número ainda maior de padres de outros países da América Latina, apontando diferenças entre as situações religiosas da Europa e da América Latina e do tipo de protestantismo presentes num e noutro continente (AS III/2, pp. 914-18). A intervenção pede que no esquema sobre o Ecumenismo fossem levadas em conta essas diferenças. A petição não foi acolhida, nem na redação do decreto sobre o ecumenismo, nem posteriormente na elaboração do Diretório sobre o Ecumenismo. É interessante comparar, para uma análise mais acurada quanto aos nomes e quanto ao conteúdo, esta intervenção com a de Muñoz Duque do Equador sobre o tema da liberdade religiosa, assinada igualmente por grande número de bispos brasileiros (AS III/2 p. 907).

**IV - INTERVENÇÕES ORAIS NA AULA CONCILIAR OU POR ESCRITO DE
PADRES CONCILIARES DO BRASIL NO QUARTO PERÍODO DO
CONCÍLIO VATICANO II: 1965**

Conspecto geral:

QUARTA SESSÃO CONCILIAR: de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965.

SESSÕES PÚBLICAS: VI – 14 de setembro;

VII – 28 de outubro: Promulgação do Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos; do Decreto *Perfectae Caritatis* sobre a renovação da vida religiosa; do Decreto *Optatam Totius* sobre a instituição sacerdotal; da Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações com as religiões não-cristãs;

VIII – 18 de novembro: Promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Divina Revelação; do Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos;

IX – 7 de dezembro: Promulgação da Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa; do Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja; do Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre a vida e o ministério dos Presbíteros; da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo;

X – 8 de dezembro: solene sessão de encerramento do Concílio.

CONGREGAÇÕES GERAIS: CXXVIII (15-09) a CLXVIII (06-12) (128^a a 168^a)

PROCESSOS VERBAIS DAS 41 CONGREGAÇÕES GERAIS: AS IV/1, pp. 65-119

	VOL IV PARS I - 1965	ORAIS	ESCRITAS
01*	AGNELLO ROSSI 78 + 4	399-03 CXXXI	
02	ANTONIO DE CASTRO MAYER		712-14
	VOL. IV PARS II		
03*	GIOCONDO MARIA GROTTI	15-16 CXXXIII	
04*	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD	47-50 CXXXIII	
05	FRANCISCO AUSTREGÉSILO DE MESQUITA 12 + 2		81-82
06	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO		92-95
07	LUIZ GONZAGA DA CUNHA MARELIM		118
08	EUGENIO DE ARAUJO SALES		126
09	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD		130-32
10	SALOMÃO FERRAZ		153-53
11	ALOÍSIO LORSCHIEDER		211-13
12*	ANTONIO DE CASTRO MAYER –	371-73 CXXXIV	
13*	AGNELLO ROSSI – 89	460-65 CXXXVI	
14	HUGO BRESSANE DE ARAUJO		685
15	GIOCONDO MARIA GROTTI		743-50
16	JOÃO MARIA PRZYKLENK		806-10
17	PLURES PATRES CONCILIARES, Blocos B – 3; D – HELDER CAMARA –10; E – 1; G - 4		893-01
18	PLURES EPISCOPI BRASILIENSES – JAIME DE BARROS		935-38

	CÂMARA + 64		
19	ANTONIO DE CASTRO MAYER		1029-34
	VOL IV PARS III		
20*	AGNELLO ROSSI – 70	62-64 CXXXIX	
21*	CANDIDO PADIN (promoção da cultura)	140-41 CXL	
22	ANTONIO DE CASTRO MAYER		181
23	JORGE MARCOS DE OLIVEIRA		181-87
24	GIOCONDO MARIA GROTTI		199-02
25	JAIME DE BARROS CÂMARA + ESTRANGEIROS		243
26	JORGE MARCOS DE OLIVEIRA		314-19
27	GIOCONDO MARIA GROTTI		330-31
28	PLURES PATRES CONCILIARES BRASILIENSES – HELDER CAMARA -12 (Falta no índice o nome de João Batista da Motta e Albuquerque)		350-53
29	ANTONIO DE CASTRO MAYER		422
30	GIOCONDO MARIA GROTTI		440
31	JOSE MARIA PIRES 48		463-64
32	PLURES EPISCOPI BRASILIAE – HELDER CAMARA 11		496-99
33*	JAIME DE BARROS CAMARA – 57 da AL	710-11 CXLIV	
34	JORGE MARCOS DE OLIVEIRA		792-94
35	HENRIQUE HEITOR GOLLAND TRINDADE		801-03
36	GIOCONDO MARIA GROTTI		809
37	JOSE MARTENETZ		832
38	PLURES PATRES CONCILIARES BRASILIENSE (HELDER CAMARA)		860-61
	VOL IV PARS IV		
39*	GIOCONDO MARIA GROTTI – 56 + 20 AL	199-07 CXLVII	
40*	JOÃO GAZZA – 28 + 46 AL	296-01 CXLVII	
41*	ARISTIDES PIROVANO – 29 + 44 MUNDO TODO	316-9 CXLVII	
42	GABRIEL PAULINO BUENO COUTO		453-54
43	ARCANGELO CERQUA 95 + OUTROS PAÍSES		463-69
44	SERVÍLIO CONTI (OUTRAS ASSINATURAS NA p. 207)		470-72
45	BENEDITO DOMINGOS COSCIA		474
46	EUGENIO DE ARAUJO SALES		476-78
47	ANTONIO DE CASTRO MAYER		478
48	GERALDO DE PROENÇA SIGAUD		482-88
49	FERNANDO GOMES DOS SANTOS 31		518-20
50	THOMAS WILLELMUS MURPHY 11 + OUTROS PAÍSES		569-70
51	ANTONIO GAUDENCIO RAMOS 77 (ASSINATURAS NA p. 207)		594
52	TIAGO RYAN 77 p. 207 BR e AL		609-10
53	AFONSO MARIA UNGARELLI (EM NOME DOS PRELADOS NULLIUS DO BRASIL, AOS QUAIS ADEREM MUITOS BISPOS RESIDENCIAIS ASSIM COMO MUITOS PRELADOS NULLIUS, VIGÁRIOS E PREFEITOS APOSTÓLICOS DE OUTRAS NAÇÕES DA AMÉRICA LATINA)		652-55
54	CANDIDUS BAMPI		901-02
55	JOSE GONÇALVES DA COSTA		928-29
	VOL IV PARS V		
56*	AGNELLO ROSSI - 46	29-33 CL	
57	JOÃO BATISTA DA MOTA ALBUQUERQUE		275-94
58	ANTONIO DE CASTRO MAYER + 26		295-99
59	DAVID PICÃO		437-38
60	JOÃO BATISTA PRZYKLENK		454-60

Intervenções orais: 12 (Coletivas: 08/12)

Intervenções escritas 48 (Coletivas: 16/48)

Observe-se que a IV Sessão Conciliar, em que foram aprovados e promulgados 9 dos 16 documentos conciliares, caracteriza-se por um número menor de intervenções, por muitas congregações gerais consagradas às votações e pelo maior número de sessões públicas, nada menos que cinco, a metade das dez do inteiro Concílio. O menor número de intervenções não retirou o caráter dramático de algumas delas, visando que o Concílio aprovasse e promulgasse a tão esperada Constituição *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo de Hoje e a polêmica mas crucial Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa. De outro lado a minoria conciliar interveio sucessivamente, valendo-se de todas as possíveis manobras regimentais, para evitar que estes documentos fossem aprovados, insistindo para que fossem deixados para ulterior estudo de comissões pós-conciliares

Merece lugar de destaque em relação ao número de intervenções de brasileiros, o tema das missões. Brasileiros e latino-americanos opuseram-se firmemente à definição burocrática da questão que levava a considerar como áreas de missão, apenas os territórios submetidos à Congregação da *Propaganda Fidei*, excluindo assim as prelazias e prefeituras apostólicas desta região que se encontravam sob a responsabilidade da Congregação Consistorial.

Deve-se destacar igualmente que dois temas levaram a uma interconexão muito forte entre episcopado brasileiro e bispos da América Latina, Ásia e África: o tema das missões, mas também a temática da fome, do sub-desenvolvimento, das desigualdades internacionais, da justiça e da paz no mundo. Intervenções de bispos brasileiros eram apoiadas por bispos destes outros continentes e vice-versa, bispos do Brasil respaldavam suas intervenções.

QUADROS SINTÉTICOS COMPARATIVOS DAS INTERVENÇÕES DOS PADRES CONCILIARES BRASILEIROS

São apresentados, a seguir, uma série de listas e quadros comparativos, para melhor se situar as intervenções dos padres conciliares brasileiros ao longo dos quatro períodos do Concílio:

1. Lista dos padres conciliares brasileiros, pelo número decrescente de intervenções orais ou escritas. O nome do bispo vem precedido por seu número de ordem na Prosopografia e seguido por “Vat. II” e a indicação dos períodos conciliares em que esteve presente. Na linha seguinte, o algarismo em negrito colocado entre colchetes assinala o número de intervenções realizadas. Estas estão arroladas, na ordem em que foram apresentadas, com a respectiva localização nas *AS* ou nos *APPENDICES*. Quando se trata de intervenção oral, aparece em algarismos romanos, o número da Congregação Geral em que foi proferida.
2. Quadro sintético de todas estas intervenções, indicando o número de padres por elas responsáveis, em ordem decrescente.
3. Quadro sintético das intervenções individuais e coletivas, orais e escritas.
4. Reprodução do quadro elaborado por Giovanni Caprile das intervenções apresentadas oralmente na Aula Conciliar dos padres conciliares por continentes e países.
5. Quadro comparativo entre as intervenções orais do Brasil e dos demais continentes.

1. LISTA DOS PADRES E DE SUAS INTERVENÇÕES: I a IV PERÍODOS

110- Dom Giocondo Maria A, Grotti, osm Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos

[33] AS II/1, 384-85 –XXXVIII; AS II/2, 162-170; AS II/2, 763-66; AS II/3, 720-734; AS II/4, 64-68-LIX; AS II/4, 535; AS II/4, 671-76; AS II/5, 134-35; AS II/5, 310-11; AS II/5, 372; AS II/5, 790-91; AS II/6, 119-21; AS II/6, 270-71; AS III/1, 582-87; AS III/2, 121-34; AS III/2, 691-92; AS III/2, 795-96; AS III/2, 906; AS III/3, 460-64; AS III/4, 592-95; AS III/5, 408-13; AS III/6, 408-13 CXVII; AS III/7, 621-22; AS III/8, 291-97; AS III/8, 513-14; AS IV/2, 15-16 CXXXIII; AS IV/2, 743-50; AS IV/3, 199-202; AS IV/3, 330-31; AS IV/3, 440; AS IV/3, 809; AS IV/4, 199-207 CXLVII; AS APPENDIX PRIMA, 609-11 (AS IV/2, pp. 15-16)

32 - Dom Antônio de Castro Mayer Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[30] AS I/2, 695-97; AS I/3, 312-13; AS I/3, 445-46- XXV; AS I/3, 772-75;
AS II/2, 721-23; AS II/3, 438-41; AS II/4, 631-33 – LXIII; AS II/5, 124-25; AS II/5, 288-90; AS II/5, 365; AS II/5, 784-85; AS II/6, 109-12;
AS III/2, 109-11; AS III/2, 485-86 LXXXVII; AS III/3, 161-62; AS III/3, 449-50; AS III/3, 545; AS III/4, 295-96; AS III/4, 562-63; AS III/5, 247-48; AS III/5, 339-41 CVII; AS III/7, 223-26;
AS IV/1, 712-14; AS IV/2, 371-73 CXXXIV; AS IV/2, 1029-34; AS IV/3, 181; AS IV/3, 422; AS IV/4, 478; AS IV/5, 295-99;
AS VI/2 393 (Periodus II – 1963)

59– Dom Carlos E. de Saboia Bandeira de Mello O.F.M. Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[26] AS I/1, 334-35 – IV; AS I/1, 542-47 – VIII; AS I/2, 117-18 – XII; AS I/2, 378-79; AS I/2, 567-69; AS I/3, 819-20; AS II/2, 114-23 – XLI; AS II/2, 194; AS II/3, 532-33; AS II/3, 674; AS II/3, 785-86; AS II/4, 493-95 – LXI; AS II/4, 692; AS II/IV, 742-44 – LXIV; AS II/5, 337; AS II/5, 384; AS II/5, 869-70; AS III/1, 752; AS III/2, 160-61; AS III/3, 738; AS III/3, 871-72; AS III/4, 753; AS III/4, 919; AS III/5, 817; AS III/7, 899; AS III/8, 1013-14;

126 – Dom Jaime de Barros Câmara Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[23] AS I/1, 367 – V; AS I/2, 195-96; AS I/2, 491-92; AS I/2, 588-90 – XVII; AS I/3, 68-69- XX; AS I/3, 615-16-XXXVIII; AS APPENDIX PRIMA 680-82 (Adde AS IV/5, pp. 209-541; AS II/1, 422-25-XXXIX; AS II/2, 388-392 - XLV; AS II/3, 54-57 – LI; AS II/3, 592-95 – LVII; AS II/4, 612-615 – LXIII; AS III/3, 515; AS III/4, 403-04 CI; AS III/4, 966-67; AS III/5, 11-12 CII; AS III/7, 422-26 CXX; AS III/7, 703-05 CXXII; AS IV/2, 935-38; AS IV/3, 243; AS IV/3, 710-11 CXLIV.
AS VI/1, 237-38 (Periodus I - 1962); AS VI/1, 398 (Periodus I – 1962);

134 - Dom João Batista Przyklenk, MSF

Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[21] AS I/1, 647-48; AS I/2, 68-71 – XI;
AS II/1, 701-02; AS II/3, 229-31 – LIV; AS II/3, 770-75; AS II/4, 889-92; AS II/5, 903; AS III/1, 489; AS III/2, 154; AS III/2, 433-34; AS II/3, 910;
AS III/3, 171-72; AS III/3, 490-91; AS III/3 867-69; AS III/4, 629-30; AS III/4, 916-17; AS III/VI, 594-98; AS III/7, 892-93;
AS IV/2, 806-10; AS IV/5, 454-60;
AS VI/1, 213-14 (Periodus I – 1962);

224 - Dom Salomão Ferraz

Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[11] AS I/1, 581-83 – IX; AS I/3, 328; AS II/1, 662; AS II/3, 459-60; AS II/4, 853-55; AS II/5, 890-91; AS III/4, 730; AS III/4, 894-97; AS III/7, 844; AS III/8, 992-93; AS IV/2, 153-53;

102- Dom Geraldo de Proença Sigaud SVD

Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

[10] AS I/3, 224-29-XXIII; AS II/2, 34-36 – XL; AS II/2, 366-369 – XLIV; AS II/6, 112-13; AS VI/2, 503-04; AS III/1, 678-80; AS III/3, 648-57; AS IV/2, 47-50 CXXXIII; AS IV/2, 130-32; AS IV/4, 482-88;

- 114 - Dom Helder Pessoa Camara Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[10] AS VI/1 (Periodus I – 1962), 294-98; AS VI/1 (Periodus I – 1962), 298-99; AS II/5, 150-52; AS III/5, 509-10; AS III/7, 941-43; AS II/8, 1039-42; AS IV/2, 893-901; AS IV/III, 860-61; AS IV/3, 350-53; AS IV/3, 496-99;
- 184 - Dom Luiz Gonzaga da Cunha Marelím Vat. II: 1º, 2º e 4º períodos
[10] AS I/1, 496-97 – VIII; AS I/2, 78 – XI; AS I/2, 355; AS I/2, 509; AS I/2, 691; AS II/4, 664-65; AS II/5, 120-22; AS II/5, 287; AS II/6, 382; AS IV/2, 118;
- 8 - Dom Agnello Rossi Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[9] AS I/3, 353-54; AS III/1, 492; AS III/2, 227-29 LXXXIV; AS III/2, 738-39; AS III/3, 177-78; AS IV/1 399-03 CXXXI; AS IV/2, 460-65 CXXXVI; AS IV/3, 62-64 CXXXIX; AS IV/5, 29-33 CL;
- 18- Dom Aloísio Lorscheider, OFM Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[7] AS II/5, 801-02; AS II/6, 123; AS III/4, 964; AS III/7, 631-32; AS III/8, 929-30; AS IV/2, 211-13; AS II/3, 510-11
- 65 - Dom Clemente José Carlos Isnard, osb Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/1, 489-90 – VII; AS I/2, 238-40; AS I/2, 300-01 – XIV; AS II/2, 787-88; AS II/5, 137-38; AS II/5, 321;
- 86 – Dom Eugênio de Araújo Salles Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/3, 574-75; AS I/4, 453-54; AS III/5, 450; AS III/7, 604-05; AS IV/2, 126; AS IV/4, 476-78;
- 90 - Dom Fernando Gomes dos Santos Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/3, 331-33; AS II/4, 488-491 - LXI; AS III/4, 420-22 CI; AS III/4, 422- 25 CI; AS III/7, 265-66; AS IV/4, 518-20;
- 100- Dom Gabriel Paulino Bueno Couto O. Carm. Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS II/2, 685-88; AS II/4, 116-119; AS VI/2, 545-46; AS III/2, 635-37; AS IV/2, 92-95; AS IV/4, 453-54;
- 119 - Dom Hugo Bressane de Araújo Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/2, 210-11; AS II/1, 485-88; AS II/3, 695; AS II/5, 847-49; AS III/V, 777-79; AS IV/II, 685;
- 116 - Dom Henrique Heitor Golland Trindade, ofm Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/2, 645-46-XVIII; AS II/3, 179-81 – LIII; AS II/6, 227-29 – LXXVII; AS III/V, 552-55 CIX; AS IV/3, 801-03;
- 132 - Dom João Batista da Mota e Albuquerque Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/2, 216-17; AS II/2 714-18; AS II/6, 383-84; AS III/2, 180-81; AS III/2, 182-85.
- 243 - Dom Zacarias Rolim de Moura Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/1, 519-20 – VIII; AS I/2, 267-68; AS I/2, 267-68; AS I/2, 751-52; AS I/3, 352-54; AS VI/1, 355;
- 14 - Dom Alfonso (ou Afonso) Maria Ungarelli Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS I/1, 336-38 – IV; AS I/1, 658-61; AS III/6, 633-34; AS IV/4, 652-55;
- 51 - Dom Benedito Zorzi Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS II/5, 872-73; AS III/2, 750; AS III/4, 662-63; AS III/8, 23-27 CXXIII;
- 57 - Dom Cândido Padin Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS II/3, 27-29 – L; AS III/4, 172-76 XIC; AS III/8, 528; AS IV/3, 140-41 CXL;
- 89 - Dom Felipe Condurú Pacheco Vat. II: ausente

- [4] AS II/4, 840; AS III/3, 889; AS III/7, 828; AS III/8, 981;
- 167 - Dom José Romão Martenetz
[4] AS II/1, 718; AS II/3, 474; AS II/5, 252; AS IV/3, 832; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 179 - Dom José Vicente Távora
[4] AS APPENDIX PRIMA 412 (pp. 552 ante caput IV); AS II/2, 199; AS II/3, 549-52; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 13 - Dom Alexandre Gonçalves do Amaral
[3] AS I/1, 417-18 – VI; AS II/5, 308-10; AS II/6, 115-17; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 56- Dom Cândido Maria Júlio Bampi, ofm cap.
[3] AS II/1, 472-75; AS II/3, 686-88; AS IV/4, 901-02; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 142 - Dom Jorge Marcos de Oliveira
[3] AS IV/3, 181-87; AS IV/3, 314-19; AS IV/3, 792-94; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 196- Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra
[3] AS I/2, 354, AS II/2, 712-13; AS II/4, 145; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 206 - Dom Orlando Chaves, sdb
[3] AS APPENDIX PRIMA 401 (II/2, pp. 703); AS II/2, 702-03; AS II/4, 125; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 236 - Dom Vicente Angelo José Zioni
[3] AS VI/1, 259; AS VI/1, 300-01; AS II/2, 179; Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
- 11 - Dom Alberto Gaudêncio Ramos
[2] AS III/6, 602-04; AS III/6, 653-55 Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 79- Dom Eliseu Maria Coroli B., crsp
[2] AS I/2, 213-215; AS I/3 572-73 Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 29 - Dom Antônio Ferreira de Macedo, CSSR
[2] AS APPENDIX PRIMA 522-23 (III/8, pp. 239-359); AS III/4, 413-15 CI; Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
- 44 - Dom Augusto (de) Carvalho
[2] AS III/8, 708; AS, Appendix Prima 619 (III/6, pp. 471-655) Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 93 – Dom Francesco Mansour Zayek
[2] AS II/5, 169-70; AS III/7, 935-39; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 94 - Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho
[2] AS I/2, 203; AS IV/2, 81-82; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 122 - Dom Inácio Krause, CM
[2] AS APPENDIX PRIMA 523 (III/8, p. 301); AS III/8, 301-303; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 207 - Dom Oscar de Oliveira
[2] AS APPENDIX PRIMA, 517-18 (III/7, pp. 569-663); AS III/6, 504-05; Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
- 242 - Dom Wilson Laus Schmidt
[2] AS II/2, 877-78; AS III/1, 603-04 Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 7 - Dom Adriano Mandarino Hypólito, OFM
[1] AS III/4, 324-25 Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 16 - Dom Alfredo Vicente Scherer
[1] AS III/8, 756-58; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
- 40 - Dom Arcângelo Cerqua, PIME
[1] AS IV/4, 463-69; Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

41 - Dom Aristides Pirovano, PIME [1] AS IV/4, 316-9 CXLVII;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
50 - Dom Benedito Domingos Coscia OFM [1] AS IV/4, 474	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
54- Dom Caetano Antônio Lima dos Santos, ofm cap. [1] AS II/2, 797	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
58- Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta [1] [AS II/4, 612-615 – LXIII intervenção apresentada por Dom Jaime de Barros Câmara em nome de Dom Carlos e de 110 outros bispos brasileiros];	Vat. II: 1º e 2º períodos
72 - Dom Daniel Tavares Baeta Neves [1] AS II/2, 887 (cf. 65);	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
73 - Dom David Picão [1] AS IV/5, 437-38;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
104- Dom Geraldo Maria de Moraes Penido [1] AS APPENDIX PRIMA, 353 (I/2, pp. 195-287);	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
109- Dom Giovanni Gazza, sx [1] AS IV/4, 296-01 CXLVII;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
113 - Dom Guido Maria Casullo [1] AS III/2, 266-69;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
120 - Dom Idílio José Soares Bispo de Santos – SP [1] AS II/5, 870;	Vat. II: 1º e 2º períodos
125 - Dom Jaime Antônio Schuck, ofm [1] AS III/6, 655	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
143 - Dom José Adelino Dantas [1] AS I/2, 217;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
145 – D. José Alvarez Mácuca do Pérpetuo Socorro, ORSA [1] AS I/2, 345	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
149 - Dom José Brandão de Castro, CSSR [1] AS III/6, 480-81	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
160 - Dom José Gonçalves da Costa, CSSR [1] AS IV/4, 928-29;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
163 - Dom José Lafayette Ferreira Álvares [1] AS I/2, 724-25	Vat. II: 1º período
164 - Dom José Lamartine Soares [1] AS III/6, 304-07;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
166 - Dom José Maria Pires [1] AS IV/3, 463-64;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
176 - Dom José Thurler [1] AS III/6, 341-43;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
181 - Dom Lafayette Libânio [1] AS I/2, 724-25	Vat. II: 1º período

192 - Dom Manuel da Silveira d'Elboux [1] AS VI/1 (Periodus I – 1962), 333	Vat. II: 1º, 2º e 3º períodos
194- Dom Manoel Pereira da Costa [1] AS I/1, 244 – III	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
201 - Dom Martinho Michler, osb [1] AS III/1, 739;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
211- Paulo Hipólito de Souza Libório [1] AS APPENDIX PRIMA, 419 (III/1, pp. 629-796);	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
228 – Pe. Servílio Conti, imc [1] AS IV/4, 470-72	Vat. II: 4º período
232 - Dom Tiago M. Ryan, ofm [1] AS IV/4, 609-10;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
233 - Dom Tomás (Thomas) Guilherme Murphy, cssr [1] AS IV/4, 569-70;	Vat. II: 2º e 4º períodos
241 - Dom Walmor Battú Wichrowski [1] AS II/3, 693-94;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

2. QUADRO SINTÉTICO DAS INTERVENÇÕES EM ORDEM DECRESCENTE

INTERVENÇÕES	NÚMERO DE PADRES	TOTAL
33	1: Grotti ⁴⁹⁸	33
30	1: Castro Mayer ⁴⁹⁹	30
26	1: Bandeira de Melo ⁵⁰⁰	26
23	1: Jaime de Barros ⁵⁰¹	23
21	1: Przyklenk	21
11	1: Salomão Ferraz	11
10	3: Sigaud, Helder, Marelim	30
09	1 :Rossi ⁵⁰²	09
07	1 :Lorscheider	07
06	5: Isnard, Eug. Salles, Paul.Couto, F.Gomes, Hugo B.de Araujo	30
05	3 :Golland Trindade, Mota e Albuquerque, Zacarias	15
04	6	24
03	6	18
02	9	18
01	30 ⁵⁰³	30
TOTAL	70	325

⁴⁹⁸ Giocondo Grotti foi de início um franco atirador mas, a partir de determinado momento da III sessão, tornou-se porta-voz dos prelados da região amazônica.

⁴⁹⁹ Castro Mayer apresenta-se de início como franco atirador, mas cada vez mais, a partir do II Período é visto como porta-voz das posições do *Coetus Internationalis Patrum*.

⁵⁰⁰ Bandeira de Mello foi exclusivamente franco-atirador, sendo inúmeras vezes admoestado pelos Moderadores que lhe caçaram a palavra, por fugir do assunto em exame ou por exceder-se no tempo a ele concedido pelo regulamento. Alinhou-se várias vezes às posições mais extremadas do *Coetus*.

⁵⁰¹ D. Jaime de Barros Câmara foi o responsável pela maior parte das intervenções coletivas do episcopado brasileiro na Aula Conciliar (14/25). Foi o porta-voz institucional da CNBB da qual era presidente na primeira e segunda sessões, até sua renúncia em novembro de 1963. Na falta de outro cardeal brasileiro durante a III Sessão, pela ausência tanto de Dom Álvaro Augusto da Silva, como do Cardeal de Aparecida, Dom Jaime continuou prestando este serviço ao episcopado.

⁵⁰² Dom Agnelo Rossi fez cinco intervenções antes de ser eleito presidente da CNBB em 1964 e ser nomeado cardeal em fevereiro de 1965. Como cardeal e presidente da CNBB durante a última sessão, foi responsável por mais quatro intervenções, todas elas coletivas, em nome do episcopado brasileiro.

⁵⁰³ Não está incluída nesta soma a intervenção de Dom Carlos Carmelo Motta, apresentada por Dom Jaime de Barros Câmara e já computada sob seu nome.

Somente 70 padres conciliares brasileiros apresentaram algum tipo de intervenção no Concílio, 30 dos quais com apenas uma interferência, número inferior ao de um único padre conciliar, Giocondo Grotti, responsável por 33 intervenções. Note-se ainda que Grotti compareceu só aos três últimos períodos conciliares. A maioria preferiu aderir às intervenções preparadas coletivamente pelo episcopado brasileiro.

3. QUADRO GERAL DAS INTERVENÇÕES COLETIVAS E INDIVIDUAIS, ORAIS OU ESCRITAS

INTERVENÇÕES	COLETIVAS	INDIVIDUAIS	TOTAL
ORAIS	25	38	63
ESCRITAS	62	187	249 (262) ⁵⁰⁴
TOTAL	87	225	312

Das 25 intervenções coletivas orais, 18 foram proferidas pelos cardeais brasileiros, D. Jaime de Barros Câmara (14) e D. Agnelo Rossi (4) e só sete por outros padres conciliares, sinal evidente de que o episcopado brasileiro valeu-se amiúde do privilégio de precedência concedido regimentalmente aos cardeais, para suas intervenções individuais ou coletivas na Aula Conciliar.

Dentre os cardeais brasileiros, Dom Álvaro Augusto da Silva, cardeal primaz da Bahia, já com 86 anos de idade, compareceu apenas à primeira sessão, sem fazer entretanto nenhuma intervenção oral ou por escrito. Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, cardeal arcebispo de São Paulo compareceu à primeira sessão, mas apenas de 11 a 26 de outubro de 1962 e à segunda sessão. No intervalo entre a segunda e a terceira sessões, em abril de 1964, renunciou à Arquidiocese de São Paulo, sendo transferido para Aparecida do Norte. Deixou de comparecer à terceira e quarta sessões do Concílio. Não fez também

⁵⁰⁴ O total alcança 262, se incluimos outros tipos de interventos escritos de padres brasileiros durante o período conciliar, registrados nos papéis da Secretaria Geral do Concílio, mas que não se encaixam diretamente no estilo das intervenções.

nenhuma intervenção oral ou por escrito. A única intervenção por ele encabeçada (AS II/4, 612-615) foi lida na Aula Conciliar durante a LXIII Congregação Geral por Dom Jaime de Barros Câmara. Este último era o presidente da CNBB durante a primeira e segunda sessões. Renunciou porém à presidência, durante a II Sessão, em novembro de 1963. No decurso de toda a III Sessão (setembro a dezembro de 1964), foi o único cardeal brasileiro presente. A esse título, continuou apresentando as intervenções coletivas do Brasil. Fez ao todo 23 intervenções, 14 das quais coletivas, como porta-voz do episcopado brasileiro, lendo as intervenções produzidas colegialmente e anunciando, por vezes, que só concordava em parte com o conteúdo do que estava apresentando⁵⁰⁵. Dom Agnelo Rossi, arcebispo de Ribeirão Preto foi eleito presidente da CNBB durante a III Sessão, sendo empossado a 12 de outubro de 1964. Logo depois (01-11-1964) foi nomeado Arcebispo de São Paulo e elevado ao cardinalato a 22 de fevereiro de 1965. Substituiu Dom Jaime na qualidade de porta-voz do episcopado brasileiro, pronunciando quatro intervenções coletivas durante a quarta sessão.

É elevada a soma das intervenções coletivas orais (25) ou escritas (62) apresentadas pelos padres conciliares brasileiros, ultrapassando um quarto de todas suas intervenções ($87/312 = 27\%$). Sem ter podido conferir esta percentagem, país por país, há indícios de que seja das mais elevada do Concílio, visto o precedente de que as duas primeiras intervenções coletivas foram do episcopado brasileiro, antes mesmo que o regulamento estimulasse este tipo de procedimento, e a forma organizada e colegialmente articulada, de como procedeu ao longo de todo o Concílio.

⁵⁰⁵ “Nomine em.mi ac rev.mi D. card. De Vasconcellos Motta, arch. Paulopolitani, necnon 110 aliorum episcoporum brasiliensium qui congregati examinavimus cap. I decreti *de episcopis et de dioecesium regimine*, sequentes praesentamus augusto consessui observationes, quibus partim tantum adhaereo.” (grifo nosso) AS II/4, 612

4 INTERVENÇÕES DOS PADRES CONCILIARES POR CONTINENTES E PAÍSES⁵⁰⁶

I. Africa

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Africa Sud-Ovest	1	1	Mozambico	3	14
Algeria	2	6	Nigeria	5	6
Alto Volta	2	5	Rep. Sudafricana	5	16
Burundi	4	6	Rhodesia	1	3
Camerun	4	8	Rwanda	3	8
Congo (Leo)	6	8	Senegal	1	2
Costa d'Avorio	1	3	Sudan	2	5
Dahomey	2	2	Tanzania	2	17
Egitto	7	29	Uganda	3	5
Ghana	1	1	Zambia (Rhod.. Del Nord)	4	13
Guinea	1	3			
Kenya	1	1			
Madagascar	1	1			
				62	163

II. America Settentrionale

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Canada	18	56	Stati Uniti	44	124
Messico	12	33		74	213

⁵⁰⁶ CAPRILE V, 556-557

III. America Centrale

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Costarica	2	4	Is. di Guadalupa	1	3
El Salvador	1	2	Panama	2	7
Giamaica	1	1	Rep. Dominicana	1	1
Haiti	1	1		<u>9</u>	<u>19</u>

IV. America Meridionale

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Argentina	17	39	Guyana Britannica	1	2
Bolivia	2	3	Paraguay	1	2
Brasile	19	64	Perù	9	23
Cile	9	25	Uruguay	1	1
Colombia	7	13	Venezuela	4	8
Ecuador	7	19		<u>77</u>	<u>199</u>

V. Asia

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Ceylon	2	6	Libano	13	45
Cina e Formosa	12	36	Pakistan	1	2
Corea	2	2	Palestina	3	12
Giappone	5	12	Siria	7	25
India	21	80	Thailandia	1	2
Indonesia	14	30	Vietnam	7	16
Iraq	5	7			
Isole Filippine	9	19		<u>102</u>	<u>294</u>

VI. Europa

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Austria	7	33	Monaco (Principato)	1	10
Belgio	15	62	Norvegia	1	1
Cecoslovacchia	4	8	Olanda	8	32
Francia	63	231	Polonia	23	75
Germania	30	142	Portogallo	12	24
Gibilterra	1	1	Romania (in esilio)	1	1
Gran Bretagna	10	44	Spagna	55	237
Grecia	2	2	Svizzera	6	12
Irlanda	6	36	Turchia	1	4
Italia	91	309	Ungheria	3	5
Iugoslavia	17	50	URSS (Ucraina)	1	5
Lituania	2	2			
Lussemburgo	1	1			
Malta	2	3			
				363	1330

VII. Oceania

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Australia	6	12	Polinesia	1	3
Melanesia	1	1		8	16

VIII. Riepilogo per Continenti

	Padri	Interventi		Padri	Interventi
Africa	62	163	Asia	102	294
America Sett.	74	213	Europa	363	1330
America Centrale	9	19	Oceania	8	16
America Meridionale.	77	199		695	2234

5. RESUMO E DAS INTERVENÇÕES POR CONTINENTES E PELO BRASIL

	Padres	%	Interv.	%		Padres	%	Interv.	%
África	62	8.92	163	7.29	Ásia	102	14.68	294	13.16
América do Norte.	74	10.64	213	9.53	Europa	363	52.23	1330	59.54
América Central	9	1.30	19	0.08	Oceania	8	1.15	16	0.07
América do Sul	77	11.08	199	8.90					
[Brasil]	19	2.73	64	2.86		695	100.00	2234	100.00

Do total dos padres conciliares, que ficou ao redor de 2.500 ao longo das quatro sessões, apenas 695 intervieram na Aula Conciliar, sendo que 19 dentre estes foram do Brasil.

Na América do Sul, um quarto dos padres que intervieram, eram do Brasil ($19/77 = 24.68\%$), enquanto um terço das intervenções provieram de padres brasileiros ($64/199 = 32.16\%$).

Fica claro, pelo quadro acima que os europeus dominaram inteiramente a cena dos debates conciliares, alcançando cerca de 60% das intervenções, seguidos pela Ásia, com 13.16%, América do Norte, com 9.53%; América do Sul, com 7.29%; África, com 7.29% e Oceania, com 0.07%. Boa parte, porém, dos padres asiáticos eram, por sua vez, constituídos por bispos missionários europeus, valendo o mesmo para a África e para as regiões de missão das Américas, o que elevaria ainda muito mais o número de intervenções realizadas por padres europeus, residindo fora do seu continente.

Esta realidade alterou-se substancialmente nas décadas posteriores ao Concílio, de tal modo que, num novo concílio, a voz dos países não-europeus, com sua problemática e suas teologias dariam um rosto totalmente diferente à Assembléia.

Isso já foi visível dez anos após o encerramento do Concílio, quando do Sínodo sobre a Evangelização (1974).⁵⁰⁷ Cada continente, a partir de sua perspectiva, apresentou um horizonte muito diferente de preocupações e de perspectivas. Assim, a Ásia indicou o diálogo com as grandes religiões, como o maior desafio para a evangelização

⁵⁰⁷ CAPRILE, G. Il Sinodo sulla Evangelizzazione, Roma: Civiltà Cattolica, 1976; LIBÂNIO, João Batista et alii, *O Sínodo de 1974: A Evangelização no Mundo de Hoje – Reflexões Teológico-Pastorais*. São Paulo: Loyola, 1975

daquele continente; a África, a inculturação do evangelho; a América Latina, a libertação dos pobres e oprimidos; o leste europeu, a presença de Estados militantemente ateus, enquanto a Europa e os Estados Unidos apontavam a secularização como o desafio maior. Paulo VI recolheu na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* esse caleidoscópio já consolidado de novos pontos de partida tendo por base a realidade vivida em cada continente e o que se apresentava como o grande desafio para os propósitos apostólicos, missionários e pastorais da Igreja.⁵⁰⁸ Os vários continentes já haviam escapado de um ponto de vista de leitura e de propostas hegemonicamente europeus e alçavam vôo próprio na sua prática eclesial, na sua reflexão teológica e na sua estratégia pastoral.

⁵⁰⁸ PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975

II.7.2. Temáticas próprias e intervenções desaparecidas

Como assinalamos acima, no grupo Igreja dos Pobres, a presença nacional mais numerosa foi a brasileira. Isso revela a importância que o tema da pobreza havia adquirido na igreja do Brasil, pelo compromisso já anteriormente existente e que fora aguçado pelo debate interno do país relativo às questões do subdesenvolvimento, da miséria, da desnutrição, analfabetismo e pelo engajamento da própria Igreja na superação destas condições de vida desumanas.

Outra questão que preocupava círculos minoritários, mas influentes do Episcopado brasileiro era o de um diálogo norte-sul. No continente americano, por iniciativa de D. Helder Câmara e do CELAM, o diálogo fora inaugurado em 1959, num encontro na Georgetown University (2 a 3 de novembro de 1959) que reuniu seis bispos da América Latina, seis do Canadá e seis dos Estados Unidos, além de um representante da Santa Sé, Mons. Antonio Samorè.¹ Desta reunião, nasceu um programa de cinco pontos de cooperação entre a Igreja dos Estados Unidos e as Igrejas da América Latina e do Caribe:

1. Envolvimento de padres diocesanos dos Estados Unidos no trabalho missionário na América Latina;
2. Estabelecimento de missões diocesanas na América Latina;
3. Criação de um grupo de missionários leigos;
4. Recrutamento de missionários para a América Latina, entre as comunidades religiosas dos Estados Unidos;
5. Estabelecimento de um fundo nacional em favor da Igreja da América Latina.⁵⁰⁹

O Concílio revelou-se uma oportunidade única para estender este diálogo noutras direções, envolvendo, num primeiro momento, também a Europa do lado dos desenvolvidos e a África com a América Latina, do lado dos subdesenvolvidos para, mais tarde, alcançar a Ásia igualmente.

Já na primeira sessão do Concílio, o diálogo havia se estabelecido ao interior do grupo Igreja dos Pobres, mas se desdobrava em iniciativas mais amplas, como a descrita por Helder Câmara:

⁵⁰⁹ Cfr. GALLIVAN, David, "Another Anniversary", in CLEARY, Edward (editor), *Path from Puebla - Significant Documents of the Latin American Bishops*, Secretariat Bishops' Committee for the Church in Latin America, NBCC, Washington D.C., 1988, 1. Cfr. igualmente COSTELLO, Gerald, *Mission to Latin America - The Successes and failures of a Twentieth Century Crusade*, New York, Orbis Books, 1979, págs. 42-43

“Às 19, 30 do dia 29 [de novembro de 1962], houve o início do diálogo entre os dois Mundos. Foi emocionante. Ali estava, na presidência, o sucessor de Mercier [Cardeal Leo Suenens, sucessor do Cardeal Mercier no Arcebispado de Malines-Bruxelles], que se mostrou absolutamente à altura da missão que a Providência lhe confia ..., ali estava um resumo altamente representativo do Mundo subdesenvolvido e do Mundo desenvolvido. O Pe. Houtart correspondeu de todo às nossas esperanças. Abri o diálogo de que participaram, interessadíssimos, os dois Mundos. Mas grande mesmo foi Suenens, ao encerrar o Encontro. Disse verdades fortes e de maneira admirável. Algumas amostras:

- afirmou, de público, o que já dissera ao Papa: precisamos atualizar a *Mater et Magistra*, tornando-a três vezes mais forte (porque o capítulo sobre supérfluo, segundo o Papa foi muito alterado).

- falando de educação de base (que revelou conhecer por dentro), salientou que há um trabalho educacional pelo menos tão urgente a realizar no mundo desenvolvido, e a começar, por vezes, de Bispos e Padres e Religiosos... É urgente arrancar os cristãos do egoísmo, do comodismo, e acordá-los para os grandes problemas da hora atual...

- lembrou (a propósito das riquezas espirituais que o mundo desenvolvido descobre, com espanto, no mundo subdesenvolvido) que o importante não é levar riquezas, aos outros, mas despertar as riquezas que neles estão adormecidas.

Acabou declarando que amanhã se baterá na Comissão de Assuntos Extraordinários, pela criação do Secretariado, ao qual deseja dedicar o melhor de sua inteligência e coração. (O querido Mercier [Mgr. Georges Mercier, bispo de Laghouat no Saara argelino] teve uma entrada magnífica sobre os pobres. Fizemos o pacto entre o Sahara e o Ceará). Terminada a palestra e finda a discussão, fiquei ainda meia hora com o Cardeal, soprando-lhe a idéia de unir a Igreja européia (a união econômica foi possível: como não seria a religiosa e cristã?). Além do mais tenho em vista um modo hábil de países como a França, a Alemanha e a Bélgica ajudarem o desenvolvimento espiritual da Espanha e da Itália, dentro da amizade fraterna. Não existe apenas subdesenvolvimento econômico. Ele vibrou com a idéia.”⁵¹⁰

Muitas dessas temáticas encontraram seu desaguadouro natural, no assim chamado esquema XVII, que devia englobar toda a questão do diálogo entre a “Igreja e o Mundo de hoje”. O esquema virou depois o esquema XIII, ganhando sua forma final na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Mas mesmo a *Gaudium et Spes* acolheu

⁵¹⁰ HC 46, 28-29/11/62

insatisfatoriamente a temática do Terceiro Mundo e a América Latina buscará com Medellín ir mais a fundo nas questões que ficaram represadas durante o Concílio.

Outra área de preocupação, bastante forte no caso brasileiro, foi a do atendimento pastoral insuficiente ou inexistente em amplas regiões do país, por escassez de clero.

Quando se iniciou, na terceira sessão, a discussão do esquema *Presbyterorum Ordinis*, houve geral insatisfação com seu tom. Em notável intervenção, a nome de 112 Bispos do Brasil e de outras nações, D. Fernando Gomes, arcebispo de Goiânia, assinalou as graves deficiências do esquema:

“O esquema, mesmo em sua nova redação, causou a nós e a muitos outros Padres Conciliares, uma grande desilusão. Julgamos que o texto das proposições constitui uma injúria aos nossos diletísimos sacerdotes que trabalham conosco na vinha do Senhor. Se o Concílio Vaticano II disse coisas tão belas e sublimes quando tratou dos Bispos e dos Leigos, por que agora, ao tratar dos sacerdotes diz tão pouco e de modo tão imperfeito?”

Concluiu, pedindo que o esquema fosse rejeitado e reescrito um novo, a ser discutido e votado na próxima sessão do Concílio.

Nesse meio tempo, a discussão acerca dos ministérios que tocara o tema do restabelecimento do diaconato permanente, evoluiu, na quarta sessão, no sentido de se discutir a possível ordenação de homens casados, por um lado, e o acesso de diáconos casados ao presbiterado, por outro. Ambas as questões tocavam a vinculação entre ministério presbiteral e celibato na tradição latina.

Assim, provocou agitação no Concílio, quando vazou para a imprensa o texto da intervenção preparada pelo Bispo de Lins, D. Pedro Paulo Koop, pedindo a ordenação de homens casados, de modo a cumprir o mandato evangélico da evangelização e do pastoreio das comunidades, privadas longamente da presença sacerdotal e da celebração eucarística, por escassez de padres. D. Pedro Paulo Koop havia preparado sua intervenção e entregue, como de praxe, ao secretariado do Concílio. Distribuiu-a também a muitos outros padres conciliares, em busca de apoio ao seu texto. Foi, entretanto, advertido pelos moderadores para que não pronunciasse oralmente sua intervenção na Aula Conciliar. Para sua surpresa, uma tradução em francês do original em latim, apareceu no jornal *Le Monde*, no dia 12 de outubro de 1965. A publicação coincidiu com a carta de Paulo VI ao Cardeal Tisserant, retirando a discussão do tema da agenda conciliar e deixou o bispo de Lins, novato ainda no Episcopado, em situação difícil entre seus pares da conferência episcopal. Foi ali atacado, violentamente, por alguns de seus colegas e acusado de desonrar o

Episcopado brasileiro, colocando-se contra o Santo Padre.⁵¹² Anos mais tarde, sua posição tornava-se majoritária no seio da conferência episcopal brasileira!

O essencial de sua intervenção, depois das justificativas, vinha na proposta de se acrescentar ao texto do esquema, sobre a vida e o ministério dos presbíteros, no seu parágrafo 14, a partir da linha 26, as seguintes frases:

“Cum vero numerus presbyterorum in statu coelibatus constitutorum in permagnis regionibus Ecclesiae (latinae) summopere insufficiens sit, ac tendat gradatim minuire in virtute disproportionati augmenti demographici, Sacrosancta haec Synodus, considerans bonum magnae copiae animarum ex vi mandati divini salvandum, statuit: “Ad competentes varii generis territoriales Episcoporum coetus, approbante ipso Summo Pontifice, decernere spectat utrum et ubinam pro cura animarum presbyteratum conferri poterit, de consensu Romani Pontificis viris maturioribus aetatis, saltem quinque abhinc annis in matrimonio viventibus juxta normas ab apostolo Paulo in Epistolis ad Titum et Timotheum statutas. Dixi” .

Paulo VI interveio imediatamente na agenda conciliar, através de uma carta ao Cardeal Tisserant, chamando a si a questão e suspendendo sua discussão na aula conciliar: “Nous savons, *écrit le Pape*, que quelques pères ont l'intention de traiter au concile de la loi du célibat ecclésiastique tel qu'il est établi dans l'Eglise Latine. C'est pourquoi, tout en laissant la liberté d'expression aux pères, nous donnons notre opinion personnelle: il n'est pas opportun de débattre publiquement de ce thème, qui requiert la plus grande prudence et revêt une telle importance. Nous avons le propos non seulement de conserver autant qu'il est en nous cette loi ancienne, sainte et providentielle, mais encore de renforcer son observance, rappelant les prêtres de l'Eglise latine à la conscience des causes et des raisons

⁵¹² “Houve uma reunião da CNBB, no Pio Brasileiro onde foi dito que D. Pedro Paulo Koop estava envergonhando o Episcopado brasileiro. D. Alexandre Gonçalves do Amaral, arcebispo de Uberaba, falou bravamente, porque era contra o Papa e não sei o que. Eu me levantei e tomei a defesa de D. Pedro. Eu disse que não era vergonha e que tinha liberdade para se falar. Ele escreveu e não tinha porque escandalizar ninguém. E eu também ia fazer uma intervenção e 42 dos aqui presentes assinaram. Eu mesmo alimentava a esperança de ordenar homens casados, ao menos diáconos casados. Eu não tive muito respaldo. Ninguém bateu palmas, mas também não me vaiaram.” FAM.

⁵¹³ Livro de Tombo I - Diocese de Lins, 110. Reproduzimos esta passagem tal como foi publicada no “Le Monde”, por Fesquet: “Comme le nombre des prêtres célibataires dans d'immenses régions de l'Église est totalement insuffisant et tend peu à peu à diminuer en vertu de l'augmentation démographique disproportionnée, le concile, considérant le bien d'une multitude d'âmes à sauver, en vertu du commandement divin, décide: il appartient aux assemblées épiscopales territoriales compétentes, avec l'arobation du souverain pontife, de décider si et où pour le bien des âmes, on pourrait conférer le sacerdoce avec le consentement du pontife romain à des hommes d'âge mûr vivant déjà depuis cinq ans au moins dans le mariage, selon les normes établies par l'apôtre Paul dans les Epîtres à Tite et à Timothée”. FESQUET, Henri, *Le Journal du Concile*, Robert Morel Editeur, Forcalquier, 1966, 966

O texto em português desta intervenção apareceu um ano mais tarde na Revista Vozes, num entrevista dada à revista por KOOP, D. Pedro Paulo: VOZES, nov. 1996, 899-913 e ainda na REB, “O Presbiterato para Homens Casados”, in REB XXVI, 4, dez. 1996, 912-916

qui, aujourd'hui précisément, de façon spéciale, font que l'on doit considérer comme très adaptée cette même loi grâce à laquelle les prêtres peuvent consacrer tout leur amour uniquement au Christ, et se donner totalement et généreusement au service de l'Eglise et des âmes. Si l'un ou l'autre père veut parler de cette question, qu'il le fasse par écrit et qu'il remette son exposé à la présidence du Concile qui nous le transmettra”⁵¹⁴.

Os bispos foram assim convidados, de todo modo, a entregar, por escrito, suas intervenções que seriam tomadas em conta pelo Secretariado do Concílio.

Estranhamente, as intervenções depositadas no Secretariado do Concílio, não deixaram nenhum traço nas atas conciliares, desaparecendo do registro histórico, como se nunca houvessem existido.

Além de D. Pedro Paulo Koop, depositou na Secretaria do Concílio, com data de 10-10-1965, uma intervenção semelhante, o jovem bispo Francisco Austregésilo de Mesquita, da diocese de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco. Havia combinado sua intervenção com D. Pedro Paulo Koop. Enquanto Koop pedia a ordenação de “*viri probati*”, ele solicitava a de diáconos casados. Sua intervenção havia recolhido a assinatura de 43 padres conciliares, dentre eles a de Mons. Hakim de Nazareth, participante, como ele, do grupo da Igreja dos Pobres.⁵¹⁵ Seu argumento não partia, em primeiro lugar, da necessidade pastoral das comunidades e dos fiéis, privados dos sacramentos e, mormente, da eucaristia, por falta de sacerdotes. Insistia, de início, na distinção entre vocação para o sacerdócio e vocação para o celibato, podendo alguns assumir o carisma do celibato, sem necessariamente se sentirem chamados ao presbiterado. Inversamente, havia zelosos presbíteros que não se sentiam chamados ao celibato. Postulava, pois, a liberdade de escolha, sem medo de perder ministros por esta razão: “*nonne melius est et pro illis et pro Ecclesia honestam in mundo ducere vitam quam remanere in ministerio miseram quidem trahentes existentiam totis ac tantis subductam peccatis?*”⁵¹⁶. Mas, num segundo momento, insistia igualmente nas necessidades pastorais de inúmeras regiões do mundo, citando o exemplo da própria diocese, Afogados da Ingazeira em Pernambuco, em que apenas oito sacerdotes deviam ocupar-se de mais de 250.000 pessoas.⁵¹⁷

⁵¹⁴ FESQUET, *Journal*, p. 970

⁵¹⁵ FAM

⁵¹⁶ MESQUITA, Francisco Austregésilo de, *Interventus Domini F.A. de Mesquita, Episcopi Afogadensis de Ingazeiras in Brasilia, Roma, die 10 mensis octobris anni 1965*”, 2 mimeo – FVatII/SP.

⁵¹⁷ “Secundo - humiliter etiam rogamus, Venerabiles Patres, ut, concretis exigentiis regionum illarum consideretis, ubi superest multitudo baptizatorum possibilitate verae evangelizationis omnino carentium, propter defectum et absentiam cleri (exemplum tradam tantummodo meae propriae dioecesis ubi octo sunt sacerdotes pro plus quam ducentis quinquaginta milium incolarum) Concilium nostrum, quod praeprimis pastorale est, attente pendat mandatum Domini: “Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae” (Mc. 16, 15).

O Sínodo de 1971 foi precedido, na Assembléia Geral da CNBB de julho de 1969, de um voto massivo em favor da admissão de homens casados ao presbiterado. Aprovou-se por maioria de dois terços que fosse encaminhado pedido à Santa Sé no sentido de que, face à lamentável escassez de sacerdotes, agravada naquele momento pela saída de quase um terço dos efetivos sacerdotais e pelo explosivo crescimento populacional, fosse reconsiderada a questão da ordenação de homens casados. Sobre os delegados brasileiros ao Sínodo de 1971, entretanto, foi feita pressão direta da Secretaria de Estado. Um a um foram chamados por Mons. Giovanni Benelli, antigo secretário da Nunciatura Apostólica no Rio de Janeiro, urgindo que não tocassem no tema, pois entristeceriam o Santo Padre⁵¹⁸. Evidentemente, que o secretário da CNBB, naquela época, D. Aloísio Lorscheider, não poderia deixar de apresentar o resultado dos estudos e votações da CNBB acerca da questão. A CNBB postulava que, por razões pastorais, fosse tratado o tema da admissão de homens casados ao ministério presbiteral. A posição da Santa Sé continuou sendo de manter inalterada a disciplina do celibato na Igreja Latina.

Isto não impediu que, no Sínodo dos Bispos de 1990, voltasse D. Valfredo Tepe a falar, novamente, em nome da Conferência episcopal do Brasil, solicitando a ordenação de homens casados: “I presbiteri realizzano la propria identità nella profonda unione tra ministero e vita (*Presbyterorum Ordinis*, n. 14); il vincolo sacerdotale consiste nell’esercizio della carità pastorale. Se le situazioni pastorali si modificano, anche l’identità sacerdotale è sfidata e posta in questione. In Brasile oggi la maggior parte dei sacerdoti lavora nelle strutture parrocchiali, in comunità numericamente immense, le cui esigenze e attese superano ogni umana possibilità del presbitero, che per lo più deve provvedere ad esse da solo. Queste situazioni richiedono una urgente ristrutturazione pastorale. Perché la *salus animarum* è la legge suprema dell’azione pastorale, nel corso della storia, la Chiesa ha saputo con prudenza e coraggio procedere alla ristrutturazione dei suoi quadri ministeriali.

Quinimo - et hoc etiam audeo dicere - propter zelum venerandae quidem summeque laudandae traditionis, quae tamen consilium divinum est, ne viam claudamus possibilitati ulterius discutendi - si bonum evangelizationis quod quid praeceptum Dei est id postulaverit - utrum opportunum sit Sacrum Presbyteratus Ordinem etiam diaconis illis coniugatis conferre, qui ope fructuosi ministerii iam satis probati vere idonei ab omnibus aestimentur.”

⁵¹⁸ Testemunho dado ao autor, pelo então Pe. Otto Santana, meio irmão de D. Eugênio Sales e que o acompanhou a Roma, durante o Sínodo. A respeito desta informação precisou D. Eugênio: “Há um engano: eu fui eleito para o Sínodo. Em seguida, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil aprovou, como posição, o apoio à ordenação de homens casados. Como eu era contrário, fui à Presidência, ao Presidente ou ao Secretário, para renunciar à eleição, pois não iria votar contra minha consciência. E expressamente recebi a determinação de continuar, pois assim, atenderia a uma parte do Episcopado que pensava como eu. Não tenho lembrança de qualquer entendimento com Monsenhor Benelli de que eu era muito amigo. Estive em audiência particular com o Papa Paulo VI, na véspera da minha intervenção, aliás muito forte. Encontrei-o triste. Ele fez referência a esta situação e lhe disse que ia falar contra a ordenação de homens casados e ouvi dele essa expressão: “Fale claro, fale firme, fale forte!”. Carta de D. Eugênio Araújo Sales ao autor, C/1080/97, Rio de Janeiro, 08-09-1997.

Così, per esempio, nella Chiesa di Gerusalemme vennero eletti i 7 diaconi; nel sec. 5^o vennero create le parrocchie. Oggi nelle Chiese del Terzo Mondo si avverte *un mormorio* analogo a quelle di Gerusalemme, perchè esse non si sentono rispettate nelle proprie situazioni pastorali, essendo inquadrare in modelli caratteristici delle Chiese del Primo Mondo, dove c'è ancora un numero sufficiente di Vescovi e di sacerdoti per i bisogni delle comunità, in particolare per quanto concerne la celebrazione eucaristica, nelle quali si raduna la comunità cristiana. In Brasile ci sono parrocchie di 50 e perfino di 100 mila abitanti, con un parroco che, pur celebrando 5 o più messe ogni domenica, non riesce ad assistere se non un piccolo gruppo di comunità; le altre rimangono a lungo prive dell'Eucaristia e diventano solo "comunità della Parola", quasi alla pari delle tante sette che spuntano dappertutto, specialmente per la mancanza di assistenza sacerdotale. È il momento storico di pensare a una ristrutturazione del servizio pastorale, nella forma seguente: i parroci potrebbero essere considerati "vicari episcopali", assumendo così ancor di più il ministero della sintesi, del coordinamento e dell'animazione, e cessando di essere semplici celebratori di messe moltiplicate. Ciò risponde pure agli auspici del Documento di Puebla (nn. 631; 644; 650), nella prospettiva di fare della parrocchia il centro promozionale di servizi che le comunità minori non possono garantire. Il parroco avrebbe funzione di supervisore e di animatore dello sviluppo di una molteplicità di nuovi ministeri nelle comunità minori che costituiscono la realtà della parrocchia. Si studi pure seriamente, senza paura di tabù, la necessità e possibilità di ordinare presidenti dell'Eucaristia per le numerose comunità i "viri probati" presenti e operanti in esse. Questo studio è reso necessario per motivi pastorali, dato che non ci sono previsioni umane che nelle prossime generazioni sorgano sufficienti vocazioni autenticamente celibatarie per il servizio pastorale di tante comunità ecclesiali. Queste sono in pericolo di cadere in mano alle sette, dal momento che non celebrano l'Eucaristia, culmine e fonte della vita cristiana. Del resto l'identità del sacerdote è scossa anche quando si sente impotente e frustrato dinanzi alle sfide d'una parrocchia con un numero eccessivo di abitanti, praticamente irraggiungibili per mancanza di clero. Che le Chiese del Centro (ossia del Primo Mondo) ascoltino *il mormorio* delle Chiese della periferia (Terzo Mondo), perchè insieme possano trovare il cammino della ristrutturazione pastorale e garantire così meglio l'identità del presbitero nel rispetto delle differenti situazioni"⁵¹⁹.

⁵¹⁹ CAPRILE, Giovanni, *Il Sinodo dei Vescovi - Ottava Assemblea Generale Ordinaria (30 settembre - 27 ottobre 1990)*, Edizioni "La Civiltà Cattolica", Roma, 1991, 81-83

Uma entrevista de D. Aloísio Lorscheider sobre o tema provocou enorme repercussão na imprensa.⁵²⁰

O registro da questão é feito aqui, sobretudo no sentido de alertar os futuros historiadores para o fato de que, na documentação histórica do Concílio⁵²¹, sob os cuidados de Mons. Vincenzo Carbone, responsável pelo Arquivo do Concílio Vaticano II, de modo incompreensível, sumiram dos registros e não constam das Atas, pelo menos duas intervenções de bispos do Brasil, protocolarmente depositadas na Secretaria Geral do Concílio. Haveria outros casos de seleção indevida do material conciliar?

Concluimos com o depoimento de um dos protagonistas do episódio, o Bispo de Afogados da Ingazeira, D. Francisco Austregésilo de Mesquita, que ainda há pouco, em entrevista ao autor, confessou ter ficado, na época, profundamente decepcionado:

“Até hoje, não consigo engolir que o Papa impediu-nos de tratar três assuntos: celibato, paternidade responsável (pílula) e o problema do divórcio. [...] Deixei de assinar dois documentos, o dos presbíteros, magoado com aquela intervenção que não tive liberdade de fazer, e o das Igrejas Orientais, porque eu achei que elas não estavam sendo tratadas do jeito que deviam ser tratadas. Houve certas idéias que os orientais pediram e não obtiveram. Achei que ficavam sempre numa situação de uma meia inferioridade, como se fossem tolerados”⁵²².

⁵²⁰ cfr. Entrevista de D. A.Lorscheider a *Famiglia Cristiana* (24-10-1990) 51:

-- *Al Sinodo si discute molto sull' ordinazione dei cosiddetti "viri probati", cioè uomini sposati di provata fede. Lei è d' accordo?*

“ In certe situazioni si devono poter ordinare queste persone. Vi sono comunità cristiane, e non solo nel Terzo Mondo, che desiderano l' Eucaristia e non possono riceverla. Bisogna studiare seriamente la questione.”

-- *Al Sinodo del 1971, sempre sul sacerdozio, 87 padri sinodali votarono una mozione nella quale si chiedeva alla Santa Sede di studiare questa stessa questione. Dopo vent'anni siamo ancora al punto de partenza?*

“Puó darsi che la Santa Sede abbia studiato la questione. A noi finora non è stato detto nulla circa i risultati. E allora io insisto e dico: si ancora non avete studiato, mettetevi al lavoro”.

-- *In Brasile sarebbero stati già ordinati due "viri probati". È vero?*

Si, in due diocesi e con l'approvazione del Papa, a condizione che essi con le loro spose vivano come fratelli e sorelle. Ma per questo motivo ci sono state delle critiche”. Citado por CAPRILE, o. cit., 504

⁵²¹ Por decisão do Papa Paulo VI, logo após o término do Concílio, iniciou-se a publicação das “*Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II (1962-1965), cura et studio Archivi Concilii Oecumenici Vaticani II, Typis Polyglottis Vaticanis*”.

⁵²² Entrevista FAM

II.7.3. Mensagens dos bispos ao povo brasileiro

Ao final da primeira sessão, não foi enviada nenhuma mensagem, tendo a CNBB provavelmente deixado que cada ordinário se dirigisse aos seus diocesanos, relatando-lhes o desenrolar da primeira sessão. Seria interessante recolher, pelo menos, algumas destas mensagens nos jornais e boletins diocesanos, para uma análise comparativa do que aos bispos pareceu importante transmitir a seus diocesanos, acerca da experiência vivida na primeira sessão. Esta parcimônia da conferência, enquanto conferência, talvez tenha sido ditada pelo escasso resultado palpável dos trabalhos da primeira sessão. Embora não tenha enviado uma mensagem, a CNBB, num balanço interno acerca da 2ª Sessão Conciliar, assim julgava a 1ª Sessão:

“A 1ª Sessão do Concílio - a não ser no que diz respeito à Liturgia - havia principalmente, aberto o caminho, deixando tudo ainda a ser feito para a construção de um novo edifício, em lugar daquele que foi completamente - ou quase completamente - desmorronado. Como lembrou o Santo Padre no seu discurso de abertura, era *preciso mostrar a Igreja em si mesma e em face do mundo*, pensando, especialmente, nos irmãos separados”⁵²³.

Foram três as mensagens coletivas do Episcopado brasileiro, aprovadas ao final da segunda, terceira e quarta sessões do Concílio: uma, a 04-13-1963; outra em dezembro de 1964 e a última, a 08-12-65.

Elas são de diferente tamanho e estilo: a de 1963 é mais breve, a de 1964 é a mais longa e a de 1965, um pouco maior do que a de 1963. Tanto na de 1963, quanto na de 1964, a palavra estruturante do texto é o diálogo, palavra que desaparece, porém, na mensagem de 1965. Em todas as três, João XXIII, é evocado com muito carinho, ao lado de Paulo VI que deu continuidade ao Concílio, por ele convocado.

⁵²³ “Balanço da 2ª Sessão Conciliar”, in CNBB - CM 139-140, abril-maio 1964, 44

7.3.1. Saudação do Episcopado brasileiro após a segunda sessão

Entre a primeira e a segunda sessão do Concílio havia-se agravado a situação política e social do país e crescido o confronto ideológico interno, arrastando igualmente forças de Igreja numa irreconciliável oposição entre movimentos (Ação Católica e MEB x Congregações Marianas e TFP), entre órgãos de imprensa (“Brasil Urgente” x “O Catolicismo”) e mesmo entre Bispos. É debaixo de uma extrema apreensão, com os destinos do país e da Igreja, que os Bispos deixam o Brasil. A edição de “O Conciliábulo” escrita a bordo do avião da PANAIR do Brasil que trazia os bispos para Roma, traduz esses sentimentos no seu editorial:

“Abandonamos nossos rebanhos. Nesta hora grave da nossa Pátria, os Pastores se retiram, não, numa atitude de fuga ou covardia. Somente os mais altos interesses da Igreja nos impelem, para irmos buscar junto do *Pastor Magnus*, as forças e as luzes necessárias. Se deixássemos de ir ao Concílio passaríamos ao mundo um atestado da irrecuperação [sic!] do Brasil e nossos rebanhos ficariam mais intranquilos. Nossa viagem vale por um ato de fé na Providência”⁵²⁴.

Dias depois, é convocada reunião geral da CNBB para examinar o agravamento da situação do país, tornada mais crítica pela distância e pelas notícias alarmantes que chegavam pela imprensa. O tom do “Conciliábulo” transmite novamente grave preocupação:

“Na reunião de amanhã, deveríamos tratar seriamente da situação de nosso Brasil e pensar até na eventualidade da partida de alguns bispos para os pontos-chaves, se assim se julgar oportuno”⁵²⁵.

Compreende-se todo o espaço dedicado na última parte à realidade do país e à proposta de diálogo num clima de ânimos acirrados.

Depois de um parágrafo introdutório, a mensagem que tem por título *Saudação do Episcopado Brasileiro, após a Segunda Sessão*, desdobra-se em três blocos, abordando respectivamente: *O Concílio*; *O Diálogo com Deus* e *O Diálogo com os Homens*. Este último bloco comporta dois momentos distintos, um mais doutrinal e outro voltado para a realidade brasileira.

⁵²⁴ CO II, 1, 29-09-1963

⁵²⁵ CO II, 9, 06-10-1963

Na *introdução*, os bispos dizem-se felizes, depois de duas sessões conciliares, de poderem “anunciar que já trazemos nas mãos os primeiros frutos concretos dos muitos que o Concílio vai produzir para a Igreja e para o mundo”⁵²⁶.

Quanto ao *Concílio*, apresentaram-se, ali, não em nome próprio, mas como “testemunhas da fé de seus rebanhos e lhes interpretaram seus anseios e esperanças”⁵²⁷. Renovam “sua integral adesão ao plano do Concílio, esse que inspirara o Santo Padre João XXIII e que é retomado com plena decisão pelo seu grande sucessor, Paulo VI [...]”⁵²⁸.

Entram então no coração de sua mensagem, o empenho pastoral no sentido de promover o diálogo com Deus e com os homens.

No quadro, *O Diálogo com Deus*, apresentam a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, como a linguagem por excelência para se falar com Deus: a oração.

O Concílio é visto “como o ponto culminante de um movimento que vem amadurecendo com a experiência e a reflexão dos últimos anos; e, sob a luz do Espírito Santo, estabelece de forma solene e para o mundo inteiro normas felizes de um culto renovado, enriquecido, libertado de elementos que eventualmente lhes desfiguravam a genuína beleza e eficácia. Essa renovação, temos certeza, nos dará um cristianismo marcado cada vez mais pela opção consciente e não pela simples adesão a um rumo histórico e tradicional”⁵²⁹.

Prometem, para breve, as normas para a execução da Constituição no Brasil.

Tratando do *Diálogo com os homens*, anunciam a promulgação pelo Concílio do Decreto sobre os Meios de Comunicação Social e já entram de cheio na situação brasileira. Esta chegara a um ponto de ruptura, com enormes tensões sociais, políticas e ideológicas que se refletiam também no interior da Igreja, onde o diálogo entre os próprios bispos fazia-se cada vez mais difícil, pela radicalização das posições⁵³⁰.

⁵²⁶ KLOP III, 551

⁵²⁷ *ibidem*, 551

⁵²⁸ *ibidem*, 551

⁵²⁹ *ibidem*, 552

⁵³⁰ Já antes da promulgação da *Mater et Magistra*, uma polêmica pública havia oposto o arcebispo de Goiânia, D. Fernando Gomes, favorável à reforma agrária, como, de resto, a maioria da CNBB, ao bispo de Campos, D. Antônio de Castro Mayer que publicara juntamente com D. Geraldo Proença Sigaud (naquela época bispo de Jacarezinho (PR) e logo depois arcebispo de Diamantina (MG), Plínio Correia de Oliveira, fundador e presidente da Sociedade “Tradição, Família, Propriedade”, o livro *Reforma Agrária, Questão de Consciência*, Vera Cruz, São Paulo, 1960. A polêmica entre ambos, encontra-se nas páginas da Revista Eclesiástica Brasileira: GOMES, D. Fernando, “Reforma Agrária”, in REB, vol. 21, fasc. 2, junho 1961, 387-390; CASTRO MAYER, D. Antônio, “As objeções do Exmo. Sr. Arcebispo de Goiânia”, in REB, vol. 21, fasc. 3, set. 1961, 661-668; GOMES, D. Fernando, “As omissões do livro”, in REB, vol. 21, fasc. 3, set. 1961, 669-671. Para o ponto de vista da TFP sobre aquele período e seus conflitos sociais e eclesiais, confira também MATTEI, o. cit., p 201-258; TFP, *un ideal, un lema, una gesta - La Cruzada del siglo XX*, São Paulo: Artpress, 1990, p 64-82

“Queremos que o Brasil viva o diálogo fraterno, para sermos um povo unido e grande diante de Deus e das nações. Conhecemos os nossos problemas. Talvez até a distância e a altura histórica do Concílio Ecumênico nos proporcionaram um posto de observação ainda mais apto para conhecer melhor nossa Pátria. Temos confiança no seu futuro. A índole de nossa gente e o bom-senso de cunho sinceramente cristão que marcou as grandes etapas de nossa história têm sempre atenuado as conseqüências de nossos desacertos e nos têm projetado para as mais imprevisíveis conquistas do progresso e da cultura.

Hoje, no entanto, sentimos com consciência muito mais viva o mal-estar das desigualdades sociais, ao lado da incerteza dos rumos que se devam tomar. Vemos com tristeza como há ainda milhões de brasileiros à margem daqueles direitos básicos elencados na encíclica *Pacem in Terris*. Porém cremos na força do Evangelho, que será capaz de guiar uma sociedade que se preza do nome de cristã na solução segura de seus angustiosos problemas. E continuaremos a pregar as normas da justiça e da verdade. Porque não temos compromissos senão com a justiça e a verdade. No dia da nossa sagração episcopal, ouvimos uma grave admoestação: ‘Que ele nunca dê o nome de mal ao bem, nem o nome de bem ao mal’. A fidelidade a esse mandamento nos merecerá a permanente confiança de nossos fiéis, porque nos dará energia para clamar contra o egoísmo dos que não pensam no bem comum; para dizer que os bens da terra foram feitos para o homem e não serão justos o lucro e o enriquecimento adquiridos com o menosprezo e a diminuição da pessoa humana; para saber incentivar o nosso laicato cristão a quem compete a ação no plano temporal - a trabalhar para o advento de dias melhores e a fazê-lo com retidão, com firmeza, e sobretudo com absoluta fidelidade aos ensinamentos do evangelho e das encíclicas pontifícias”⁵³¹.

Concluem com uma advertência, num momento em que muitos passavam a acreditar, à direita e à esquerda, em soluções de força para os impasses do país:

“A ninguém iluda a sedução das soluções pela violência, pelo terror, pelo aniquilamento da liberdade. O Brasil tem inesgotáveis recursos no quadro de sua vocação cristã e democrática. Ninguém será capaz de apresentar alguma fórmula miraculosa que resolva tudo de um momento para outro. Porém, a solução virá como fruto do trabalho constante, da honestidade, da lealdade, da ação harmoniosa e decidida de irmãos que querem construir juntos uma Pátria feliz”⁵³².

⁵³¹ KLOP III, 552

⁵³² *ibidem*, 552-553

Sobre a mensagem o comentário de D. Helder não é entusiasta: “Foi lida e aprovada a *mensagem ao Brasil* (os regionais encarregaram Dom Rezende Costa de redigi-la). Documento vago e fraco...”⁵³³.

⁵³³ HC Circ. III/57, 02-03/12/1963

7.3.2. Mensagem dos bispos do Brasil sobre o Concílio, após a III sessão

Muda-se, em primeiro lugar, o título de “*Saudação*”, para “*Mensagem*” Mantém-se, entretanto, o eixo central em torno do tema do diálogo, apresentado agora como *diálogo interno da Igreja, diálogo com os irmãos separados, diálogo com o mundo de hoje*. É importante notar que esta mensagem vem após as profundas mudanças políticas ocorridas no país, com o golpe de 31 de março de 1964, que levou o país a 21 anos de ditadura militar. Ocorre também depois das eleições na CNBB, realizadas durante a VI Assembléia da CNBB realizada em Roma, ao longo da III Sessão do Concílio, de 26 de setembro a 16 de novembro de 1964.

As eleições aconteceram nos dias 28 e 29 de setembro no Colégio Pio Brasileiro e resultaram no fim dos doze anos de D. Helder Câmara à frente da Secretaria Geral, ocupada por ele, desde a fundação da entidade e no fim de uma certa hegemonia de bispos do Nordeste, entre eles, D. Helder, D. José Vicente Távora, D. Eugênio Sales e D. Fernando Gomes, que foi o candidato derrotado por D. Agnelo Rossi, para a presidência da CNBB.

A decisão de se enviar uma mensagem, ao final da 3ª Sessão, foi tomada em reunião da nova Comissão Central da CNBB, a 06 de novembro de 1964. Ali foram recolhidas sugestões para a mesma: “D. Eugênio Sales concordou [com a elaboração da mensagem], desde que verse sobre as linhas mestras já traçadas e aprovadas pelo Concílio. D. Cândido Padin igualmente aprovou a sugestão, contanto que seja uma peça que impressione realmente o país pela interpretação exata das linhas e do espírito do Concílio. D. Alberto Ramos aprova e pediria que o documento incluisse uma menção ao grande Pio XII, no momento em que sua figura é enxovalhada por determinado dramaturgo [trata-se da peça o “Vigário” de Hochhut - nota do autor]. D. Fernando Gomes, na mesma linha de pensamento, recomenda que não seja uma simples saudação, o documento, mas tenha o sentido profundo de uma orientação para o nosso povo. D. Clemente Isnard insiste na base conciliar da peça. Todos os demais concordaram com esses pareceres, sendo que o Secretário Geral sugeriu que o grupo encarregado de redigir o texto, sobre ser competente, fosse escolhido de molde a refletir as várias tendências do plenário. Designados foram os Srs. D. João Resende Costa, D. Clemente Isnard, D. Cândido Padin e D. Aloísio Lorscheider”⁵³⁴.

⁵³⁴ Ata da Comissão Central da CNBB, 06-11-1964, in CM 146-147, nov./dez. 1964, 50. É interessante notar que todos os quatro nomes escolhidos eram de bispos religiosos: um salesiano (D. João

Na sua primeira parte, “*Diálogo interno da Igreja*”, a mensagem reflete diretamente a aprovação da constituição sobre a Igreja, insistindo sobre sua dimensão pastoral e ecumênica. Aponta como sinais desta nova atitude de diálogo e abertura, o próprio Concílio, a viagem de Paulo VI à Terra Santa, “para o encontro com o Oriente Cristão, muçulmano e israelita, e agora a viagem à Índia, num incomensurável gesto de compreensão e amor para com o mundo das grandes religiões asiáticas, onde não faltam consoladores sintomas das preparações evangélicas que Deus semeou na História”⁵³⁵.

Os bispos relatam sua nova experiência de serem bispos de uma igreja local mas que “recebem do Concílio, novos estímulos para sua ação pastoral e alargam o coração na solicitude para com a Igreja inteira”⁵³⁶. Prosseguem os bispos com uma palavra dirigida aos sacerdotes, aos religiosos e aos leigos.

Apresentam o diálogo com os irmãos separados, a partir do Decreto sobre o Ecumenismo, como um “novo estilo de relações que devem orientar a atitude dos católicos para com os cristãos não-católicos”⁵³⁷. Confessam que aprenderam no Concílio com os observadores não católicos, com os bispos orientais, com os bispos dos países de predominância protestante, vastos horizontes de esperança e concluem: “É realmente justo considerarmos mais o que nos une do que o que nos separa”⁵³⁸.

Sabem, entretanto, que pisam um terreno particularmente delicado, depois de secular orientação anti-protestante do catolicismo brasileiro, sobretudo após o período da romanização e do forte anti-catolicismo da maior parte das igrejas oriundas do protestantismo de missão ou do movimento pentecostal. Sentem-se obrigados a defender o decreto e a explicá-lo, num tom até mais restrito: “Não se trata de um perigoso irenismo em que se fazem concessões doutrinárias em troca de uma falsa paz; nem de indiferentismo que afirme que todas as religiões são boas, que todas as confissões cristãs são legítimas. A Igreja tem certeza de estar de posse da verdadeira doutrina de Cristo, não vacila diante de sua posição e deseja que todos venham integrar-se com Ela na unidade verdadeira da fé. Convida no entanto a uma atitude de compreensão, de diálogo, de caridade, reconhecendo o que de há de bom nas comunidades cristãs dissidentes. Vamos caminhar juntos pelo

Rezende Costa), dois beneditinos (Dom Clemente Isnard et Dom Cândido Padin) e um franciscano (D. Aloisio Lorscheider), sendo todos eles bispos vivendo em estados do sul do país, respectivamente, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Do Nordeste, Norte e Centro-Oeste do país e do antigo grupo de D. Helder Câmara que estava deixando a secretaria da CNBB, depois de 12 anos sob sua responsabilidade, ninguém foi escolhido. Aliado da direção da CNBB e sem ninguém de seu círculo mais íntimo na equipe de redação da mensagem, D. Helder inquieta-se acerca do teor do documento

⁵³⁵ KLOP IV, 625

⁵³⁶ *ibidem*, 625

⁵³⁷ *ibidem*, 626

⁵³⁸ *ibidem*, 626

amor e respeito. A lealdade, a firmeza, humildade no diálogo irão fazendo cair muitas barreiras. E aparecerão facetas novas da verdade a iluminar o caminho da verdade”⁵³⁹.

Há ainda temor e restrições quanto ao diálogo: “Os diálogos ecumênicos evidentemente são reservados à pessoas devidamente credenciadas pela cultura e pela aprovação da Igreja; os simples fiéis podem também concorrer para facilitar esse diálogo por meio de uma renovação interior da própria vida cristã, rezando pelos irmãos separados, evitando um eventual clima de acusações e ofensas e colaborando quando for possível, em obras de assistência social”⁵⁴⁰.

No *Diálogo com o Mundo de Hoje*, abordam o esquema 13, já debatido amplamente nesta sessão:

“Agora a Igreja em Concílio sente todo o peso da expectativa que do mundo, ao qual Ela quer responder com o mais sincero de sua solicitude. São os grandes problemas da liberdade, da dignidade humana, da justiça, da cultura, da vida econômica e social, da pobreza e da fome, da família e da educação, da paz e da comunidade das nações. A Igreja não promete uma fórmula misteriosa que possa resolver num momento todos estes graves problemas. Porém, à luz do Evangelho, que é destinado a todos os homens e a todos os tempos, Ela redobra sua solicitude e encoraja todos os legítimos esforços que levam a encontrar novas soluções”⁵⁴¹.

Sobre a realidade do país, a mensagem não diz uma única palavra, contrastando com a saudação do ano anterior. O trauma do golpe militar, apoiado com alacridade por um setor do Episcopado e condenado vivamente por outro, provocando igual e insanável divisão dentro do Episcopado e entre os movimentos leigos e as famílias religiosas, impedia a CNBB de descer a aspectos concretos da realidade política do país.

Refere-se, assim, apenas à situação intra-ecclesial, elogiando o empenho com que se iniciou a aplicação das decisões conciliares, mormente no campo da liturgia: “Neste caso, como não se trata apenas de modificação de textos ou ritos, mas é toda a mentalidade, uma vivência em que se visa firmar, o Episcopado brasileiro se empenha em dar ao clero e ao laicato os instrumentos para uma séria formação litúrgica. Daí a criação do Instituto Superior de Pastoral Litúrgica que funcionará no Rio de Janeiro”⁵⁴².

Nesta mensagem, o Episcopado fará, por primeira vez, uma auto-avaliação de sua participação no Concílio:

⁵³⁹ ibidem, 626

⁵⁴⁰ ibidem, 626

⁵⁴¹ ibidem, 627

⁵⁴² ibidem, 627

“Consola-nos verificar como tem sido valiosa a contribuição do Episcopado brasileiro. Os estudos de nossos teólogos e peritos, a presença e colaboração de vários bispos brasileiros nas Comissões do Concílio, nossas intervenções sóbrias⁵⁴³, porém cuidadosamente preparadas, permitiram-nos ver incluídas nos textos conciliares várias sugestões por nós apresentadas”⁵⁴⁴.

7.3.3. Mensagem do Episcopado brasileiro no encerramento do Vaticano II

Esta última mensagem, datada de 8 de dezembro, dia do encerramento do Concílio, está dividida em três partes: *O Concílio; A Igreja e sua Presença no Mundo; A Igreja no Brasil*.

É mais curta do que a anterior e a seu respeito D. Helder exprime profunda angústia, em sua correspondência, acerca do teor do documento em preparação, chegando até a exprimir a disposição de não assiná-lo, caso não espelhasse alguns pontos tidos por ele como essenciais. Vão reproduzidos trechos de suas circulares em que abre seu coração para seus colaboradores do Recife e amigos e amigas do Rio de Janeiro: “Peçam a Deus que a querida CNBB consiga saltar a última barreira da assembléia, aqui, 2ª feira, 29 [novembro 1965], o plenário discutirá a célebre mensagem de retorno. Prometi ao meu clero e ao meu laicato não assinar documento que seja um contra-sinal...”⁵⁴⁵.

Na circular seguinte, D. Helder dá notícias acerca do laborioso trabalho de redação da mensagem: “Acompanhem, agora, as informações e o raciocínio que lhes deixo aqui e, por favor, arranjem meio de enviar-me, pelo próximo correio, uma palavra de conselho

⁵⁴³ Nesta terceira sessão, houve treze intervenções na Aula Conciliar de bispos brasileiros, sendo cinco de caráter coletivo e sete, em nome próprio: Agnelo Rossi (em nome de 108), sobre o múnus pastoral dos bispos; Antonio de Castro Mayer (em nome próprio), sobre a liberdade religiosa; Cândido Padin (em nome próprio), sobre o apostolado dos leigos; Card. Jaime de Barros Câmara (em nome próprio), sobre a vida e o ministério sacerdotal; Antonio Ferreira de Macedo (em nome próprio), sobre a vida virtuosa do sacerdote; Fernando Gomes dos Santos (em nome de 112, do Brasil e de outras nações), sobre a vida sacerdotal; Card. Jaime de Barros Câmara (em nome próprio) sobre as Igrejas Orientais na diáspora; Antonio de Castro Mayer (em nome próprio), sobre a Igreja no mundo contemporâneo; Henrique Golland Trindade (em nome próprio), sobre a pobreza; Giocondo Grotti (em nome de 38 Prelados *nullius*), sobre a atividade missionária da Igreja; Card. Jaime de Barros Câmara (em nome de 103), sobre os religiosos; Card. Jaime de Barros Câmara (em nome próprio), sobre a formação dos sacerdotes; Benedito Zorzi (em nome de 102), sobre a formação dos sacerdotes. Cfr. KLOP IV, o cit., 635.

⁵⁴⁴ *ibidem*, 627. Foram sete os bispos brasileiros eleitos a 22-10-1962 e um oitavo nomeado pelo Papa. Outros dois foram eleitos a 29 de novembro de 1963, durante a 77ª Congregação Geral: D. Helder Pessoa Câmara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, RJ, para a Comissão do Apostolado dos Leigos e D. Aloísio Lorscheider, bispo de Santo Ângelo, RS, para o Secretariado para a União dos Cristãos. Assim, no total, foram dez os bispos brasileiros que trabalharam nas Comissões Conciliares.

⁵⁴⁵ HC, Circular 71/65, 20-21/11, 2

fraterno e, de qualquer maneira, rezem daí, pedindo que Deus nos inspire, a nós, bispos do Brasil... Como sempre surgiu a idéia do manifesto ou declaração de chegada. A comissão incumbida da redação apresentou um texto, cujo principal defeito consiste em parecer vir da lua... Não houve nada no Brasil ou não chega notícia nenhuma aqui. Surgiu então, 2ª comissão que preparou um substitutivo. Já à esta altura, os substitutivos são 5. Nenhum recolherá sequer maioria absoluta. É possível e fácil, antes da assembléia da 2ª feira, dia 29, fundir os vários substitutivos. Os bispos enfrentariam, então, 2 textos: o oficial e o projeto de substitutivo, que até já poderia chegar com umas 80 ou mais assinaturas. Perguntas que não terão tempo de receber resposta, mas são feitas para que vocês sintam como é difícil ser bispo e para que acompanhem, daí, com orações:

- na impossibilidade de chegar-se a um texto único (impossibilidade: porque a divisão é clara e irredutível) que será preferível:

a) fazer sair 2 textos, cada um recolhendo assinaturas que conseguir recolher? Mas depois de 3 anos de concílio de união e nesta hora grave para o Brasil é este o testemunho que devemos prestar? Estou ouvindo daqui respostas apaixonadas e contraditórias: “Não, de maneira alguma. Que absurdo! Que horror”. “Sim. É evidente. Enquanto se ficar nesta água parada, nesta covardia, estaremos no pólo oposto da presença no mundo desejado e exigido pelo concílio”.

b) Bloquear o texto coletivo e deixar a cada um o encargo de falar aos seus? Mas esta é a conferência que parte para um plano quinquenal de pastoral de conjunto e se confessa, de saída, incapaz de chegar a um acordo na hora em que o País precisa de orientação e de alento? Estou ouvindo daqui respostas apaixonadas e contraditórias: “Sem dúvida! Não é possível o texto único, tenhamos a coragem de ser realistas. Impossível é repetir textos de compromisso em que se assinam barbaridades em nome da paz que é uma falsa paz e do entendimento que é uma ilusão e u’a mentira”. “Não! Será a morte da CNBB e do Plano de Pastoral de Conjunto”.

Não interessa resposta apaixonada. Interessa resposta meditada diante de Deus. Igreja não é só a hierarquia. Todos somos Igreja. Todos somos povo de Deus. Mas os pastores têm missão especial.

O que é belo, indispensável, mas terrivelmente difícil é que o pastor é de todos. Como ser de todos e falar, em hora de terríveis radicalizações? Como ser de todos e optar, quando há várias opções, certa ou erradamente, abraçadas por filhos nossos, já que todos são filhos?... Falar generalidades, falar para nada dizer? Falar, dizendo, mas desconhecendo

um realidade sofrida dolorosamente por filhos esmagados?...Terei a confiança de dizer o que penso:

- prometi a Deus, à família e a mim mesmo, jamais assinar documento que, em consciência, não possa assinar, nem mesmo a pretexto de salvar a unidade pela qual tanto anseio e tanto sofro...

- apesar dos pesares (e a menos que surja o milagre de um texto que, em consciência, todos possamos aceitar), apertarei o coração e combatarei tanto a Declaração geral como os 2 textos (o oficial e o da oposição).

- Salvo melhor juízo e dadas as circunstâncias atuais (às vezes, quando menos se esperava, abre-se uma clareira), ainda preferirei que cada bispo fale a seu povo ou, se possível, cada regional (no caso do NE tentarei unir os 3 nordestes). Minha esperança é ver os regionais trocarem, entre si, as declarações; apararem, quem sabe, as arestas mais cortantes e, das bases, poder-se-ia chegar ao sonhado texto comum...

Supondo o mais triste: imaginando que cada bispo tenha de escrever aos seus: pergunto (e esta resposta chegará em tempo, porque valerá para a chegada no Recife):

- Achar possível que, do texto enviado incluso, em francês, se extraia o essencial da mensagem de chegada, que D. José [Lamartine] e eu assinaríamos? Cairia o tom de conferência. Viraria conversa escrita, do pai e amigo que regressa do concílio...

- para salvar a alusão à realidade atual: o que acrescentar? Onde, quando, como?

Claro que a responsabilidade maior, no caso, é da família do Recife. Peça ao querido Mons. Barreto que lidere, em pessoa - como nem podia deixar de ser - o encaminhamento da resposta.

Comprometo-me a adotar o que vocês mandarem daí. E então:

- se ninguém mais aceitar, sairá a carta de D. José e minha, ao chegarmos...

- se o Nordeste aceitar o texto refeito da palestra do CCCC, mais as indicações de vocês, sairá declaração do NE.

- texto comum, só se o essencial do que vocês propuserem for aceito⁵⁴⁶.

⁵⁴⁶ HC, Circular 72/65, 21-22/11, 1-3

Em outra circular, D. Helder, volta ao tema, propondo acrescentar a uma possível mensagem sua, os compromissos assumidos pelos bispos vinculados ao grupo da Igreja dos Pobres:

“Volto [...]: que tal u’a mensagem de regresso do concílio, de D. José e minha, extraída da palestra no CCCC (cfr. a circular de ontem) e com o anúncio do [pacto] das catacumbas?...”

Mandarei um projeto do texto, a família [apoiará] ou rejeitará... Como a idéia [...], a hora propícia de veicular o texto seria o encontro com o clero, com as religiosas e os leigos...”⁵⁴⁷.

Retornando à Mensagem enviada pelo episcopado, esta na primeira parte, tratando do *Concílio*, inclui novamente uma auto-avaliação do Episcopado brasileiro acerca de sua atuação, mas vista em simbiose com os bispos e outros atores do mundo todo:

“Nós fomos testemunhas e, com os Bispos de todo o mundo, fomos atores do Concílio. Nos documentos promulgados, vemos um pouco de nós mesmos, um pouco do mundo inteiro. Vemos condensado todo o imenso trabalho desses quatro anos. É o trabalho harmonioso de cerca de 2.500 Padres Conciliares, com a colaboração de peritos, com a presença e o incentivo de párocos, de observadores não católicos e de ouvintes leigos que mais de uma vez ajudaram a definir aspectos concretos da atuação do Evangelho”⁵⁴⁸.

Insistem que os textos todos levam a marca da solicitude pastoral.

Na segunda parte, da *Igreja e sua Presença no Mundo*, retomam as linhas fundamentais da *Lumen Gentium* e apresentam os aspectos mais salientes da *Gaudium et Spes*:

“A Igreja, consciente de seu mistério, sabe que tem também a palavra certa para todos os homens nas várias conjunturas da vida: para a santidade e a fecundidade dos lares, para a educação dos filhos, para o diálogo do mundo do trabalho, para a justa distribuição dos bens da terra, para os direitos do homem à liberdade, à cultura, à responsabilidade de pessoa e de cidadão, para os problemas da paz e da guerra, enfim para tudo isso que faz a vida do ‘mundo de hoje’. É o que procurou fazer o esquema 13. Nesse documento, que representa uma novidade em matéria conciliar, empenhou-se a Igreja em realizar um justo equilíbrio de doutrina e de solicitude pastoral. Fala sobretudo como mestra dos cristãos, mas estende sua palavra responsável e autorizada para todos os homens”⁵⁴⁹.

⁵⁴⁷ D. Helder HC, Circular 79/65, 30-11/1-12, 3

⁵⁴⁸ KLOP V, o cit., 522

⁵⁴⁹ ibidem, 523

Na terceira parte, ao tratar da *Igreja no Brasil*, depois de afirmarem que a tarefa da Igreja é sobretudo espiritual, acrescentam que é dessa missão espiritual que

“[...] se derrama a luz para iluminar também os caminhos da cidade terrena. Por isso mesmo, não nos sentimos desvinculados da Pátria terrena onde exercemos nosso múnus pastoral. Convosco sentimos a gravidade de nossos problemas e convosco desejamos as mais felizes soluções para os homens nossos concidadãos e nossos irmãos. A exemplo do divino Mestre, que perante os homens desnutridos, lançou o seu *misereor super turbam*, condoemo-nos profundamente por ver tantos irmãos nossos na miséria e na ignorância, por ver o doloroso quadro de desigualdades sociais injustas, por ver o desconhecimento da doutrina social da Igreja, que é no entanto o remédio certo para sanar o desequilíbrio social”⁵⁵⁰.

Recorrem, em seguida, ao discurso de Paulo VI, ao Episcopado latino-americano para falar dos problemas do Brasil. Evitam, cuidadosamente, qualquer condenação ao regime de força instalado no país e dos seus abusos. Será preciso esperar a Assembléia da CNBB, em 1970, e o agravamento das torturas, para que a Igreja denuncie ao próprio presidente o quadro das prisões e o sistemático desrespeito dos direitos humanos. Terminam falando do desejo de todos

“por uma Pátria grande, livre, democrática, onde todos possam viver com dignidade. Tenham certeza nossos diocesanos que no campo de nossa missão, não nos queremos omitir. Exortamos todos à paz e à concórdia. Afastem-se ódios e vinganças, para que possa expandir-se o Reino de Deus na Pátria terrestre. Não ignoramos as dificuldades da hora presente. Confiamos no bom-senso e no espírito cristão que sempre nortearam nossos destinos, mesmo nas horas mais difíceis, a fim de podermos palmilhar os caminhos da verdade e da justiça. Com nossas preces, às quais se unem as de todo o Povo cristão, pediremos a Deus que inspire aos que têm sobre os ombros as responsabilidades do governo temporal”⁵⁵¹.

Esta nota final, de velada benevolência para com os governantes do momento, os militares que haviam tomado o poder à força, fazia parte da ambigüidade nas relações entre a Igreja e o Estado, desde a época de Vargas (1930-1945)⁵⁵², onde ao lado da cooperação entre ambos os poderes em favor do bem comum, estabeleceram-se também promiscuidade e troca de favores. Mesmo para as quatro sessões do Concílio, o Governo

⁵⁵⁰ *ibidem*, 524

⁵⁵¹ *ibidem*, 525

⁵⁵² Cfr. BEOZZO, José Oscar, “A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a Redemocratização”, apud *História Geral da Civilização Brasileira*, T. III, vol. 11, p 271-341.

assegurara, às suas expensas, a ida e a volta dos bispos brasileiros, colocando-lhes à disposição um voo especial da PANAIR do Brasil, com recursos *ad hoc*, aprovados no parlamento, com a oposição dos deputados evangélicos que reclamavam a estrita observância do preceito constitucional de separação entre a Igreja e o Estado. Este favor do Estado não mudou, com a troca de regime, a 31 de março de 1964. E durante esta última sessão do Concílio, o Governo acabara de aprofundar seu caráter arbitrário. O presidente Marechal Castelo Branco, decretara, a 27 de outubro de 1965, o Ato Institucional nº 2, em que dissolvia os partidos políticos, prorrogava o próprio mandato até março de 1967, mantendo o poder de, a qualquer hora, dissolver o parlamento e decretar estado de sítio.

Era esta dificuldade de a Igreja do Brasil posicionar-se com clareza e audácia frente aos problemas do país que fez surgir nas cartas de D. Helder, nos últimos dias da quarta sessão, uma angustiante expectativa face à mensagem que o Episcopado faria ao final do Concílio. Parece que finalmente ele decidiu levar para sua arquidiocese, como mensagem final do Concílio, os treze pontos do *Pacto das Catacumbas*:

“Não lhes parece que aí está uma bela mensagem de regresso, um belo programa de vida? Já pensaram se, ontem, ao invés da palestra que eu fiz, pura e simplesmente tivesse lido e comentado o Pacto das catacumbas?...”⁵⁵³

⁵⁵³ HC, Circular 80/65, 1-2/12, 2

II.8. - PASTORALIDADE E COLEGIALIDADE:

II.8.1. Do Plano de Emergência ao Plano de Pastoral de Conjunto

A Igreja do Brasil viveu uma singular trajetória em relação ao Concílio, pois este encontra-se em contraponto com o seu esforço de planejar sua ação pastoral para o conjunto do país. O Concílio encaixa-se, no tempo, exatamente entre dois planos de pastoral da Igreja do Brasil, o *Plano de Emergência* (PE), em 1962 e o *Plano de Pastoral de Conjunto* (PPC), em 1965.⁵⁵⁴

Instada por João XXIII, provocada pelo Núncio Apostólico D. Armando Lombardi e sob a liderança do secretário geral da conferência episcopal, D. Helder Câmara, a igreja do Brasil viveu, paralelamente ao Concílio, uma experiência inédita: a do planejamento pastoral para sua ação no conjunto do país.

Às vésperas do Concílio, na sua V Assembléia Ordinária, antecipada de agosto para 02 a 05 de abril de 1962, e transferida de Fortaleza para o Rio de Janeiro, por causa da convocação do Concílio para 11 de outubro, a CNBB discutiu e aprovou o seu primeiro Plano de Pastoral de Conjunto, batizado com o nome de *Plano de Emergência*.(PE).⁵⁵⁵ Inspirado em boa parte na experiência da arquidiocese de Natal - RN, sob a responsabilidade de D. Eugênio de Araújo Sales, como administrador apostólico, o Plano comportava duas partes, uma *pastoral* e outra *econômico-social*.

- Na parte *pastoral*, insistia no princípio da Pastoral de Conjunto, como a chave para uma ação mais eficaz da igreja e previa um esforço de renovação de áreas tradicionais da igreja:

- . A paróquia;
- . o ministério sacerdotal;
- . e as escolas católicas.

⁵⁵⁴ Para um testemunho de quem viveu de dentro e foi um dos atores importantes na caminhada da Igreja do Brasil, leia-se, SERVUS MARIAE (Raimundo Caramuru de Barros), *Para entender a Igreja do Brasil - A Caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*, Vozes, Petrópolis, 1994. Sobre o planejamento pastoral especificamente, cfr. BARROS, Raimundo Caramuru de, *Brasil, uma Igreja em renovação. A experiência brasileira de planejamento pastoral*, Vozes, Petrópolis, 1967; BEOZZO, José Oscar, "O Planejamento Pastoral em Questão", in REB, vol. 42, fasc. 2, set. 1982, 490-505. Cfr. também, QUEIROGA, Gervásio F. de, *CNBB - Comunhão e Corresponsabilidade*, São Paulo, Paulinas, 1977, 351-373; 374-392.

⁵⁵⁵ CNBB, *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*, Rio de Janeiro, 1962. Para as Atas da V Assembléia Geral da CNBB (Rio de Janeiro, 2-5 de abril de 1962), que aprovou o plano e a mensagem que o acompanhou: CM 116, maio 1962, 1-29. Cfr. também, SERVUS MARIAE, o. cit., 137-143; QUEIROGA, o. cit., 351-373

- Na parte *econômico-social*, centrava-se em dois pontos:

. A questão das Frentes Agrárias⁵⁵⁶;

. a Sindicalização Rural e o Movimento de Educação de Base (MEB), juntamente com a atitude da Igreja frente à Aliança para o Progresso, recém-lançada pelo Governo dos Estados Unidos, como meio de bloquear o fermento revolucionário na América Latina, após a vitória da revolução em Cuba.

O PE, para sua execução, apoiou-se fortemente no Movimento por um Mundo Melhor (MMM), que ganhara a confiança dos bispos, após retiro pregado pelo Pe. Ricardo Lombardi ao Episcopado brasileiro, por ocasião do Congresso Eucarístico de Curitiba - PR, em maio de 1960.⁵⁵⁷

Ao longo do Concílio, percebeu-se um duplo movimento:

- O de implementação do PE, acompanhado de revisões periódicas⁵⁵⁸;

- a premente necessidade de se repensar o conjunto das decisões pastorais e da teologia que as embasavam, à luz das novas realidades eclesiais e teológicas que emergiam do Concílio, sob o duplo impacto da *Lumen Gentium* e da *Gaudium et Spes*, mas também das mudanças na liturgia, da afirmação do ecumenismo e do repensar do apostolado dos leigos.

O certo é que a partir do final da terceira sessão, na subsequente inter-sessão e durante toda a quarta, a CNBB estará empenhada em preparar o pós-concílio, encaixando suas linhas mestres na trama da realidade do país e da igreja e das necessidades de ambos.

Pe. Raimundo Caramuru de Barros, autor do primeiro esboço do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), assim narra sua preparação:

⁵⁵⁶ Sobre as Frentes Agrárias escreve D. Eugênio: “A questão das Frentes Agrárias é anterior ao Movimento de Educação de Base. Até então havia seis ou sete sindicatos rurais, com proibição formal de serem reconhecidos outros. Há toda uma longa e dolorosa história, com a vitória da Igreja que, aliás, foi inteiramente desconhecida”. Carta de D. Eugênio Araújo Sales ao autor, C/1080/97, Rio de Janeiro, 08-09-1997

⁵⁵⁷ SERVUS MARIAE, o. cit., 139-141

⁵⁵⁸ Assim, sob o título “Balanço promissor de um ano do Plano de Emergência”, a CNBB envia dois trabalhos aos bispos, antes da segunda sessão do Concílio, trabalhos que embasaram a reunião dos Secretariados Nacionais, bem como a dos Representantes dos Regionais: CM 130-131, julho-agosto 1963, 11-42.

- Durante a segunda sessão do Concílio, em 1963, os bispos secretários dos regionais da CNBB e os membros da Comissão Central e dos organismos nacionais, encontraram-se por dez vezes, para uma revisão dos trabalhos realizados nos regionais, à luz do Plano de Emergência, apresentando um relatório (02-12-1963), fruto destas reuniões, onde se encontram propostas práticas de aprimoramento do trabalho em comum. Cfr. CM 136, janeiro 1964, 2-9

- De 25 a 27 de maio de 1964, em reunião da Comissão Central com os presidentes das Comissões Episcopais e os Secretários dos Regionais, a CNBB toma ciência do relatório preparado pelos coordenadores dos secretariados regionais, em reunião dos dias 20 a 22 de maio de 1964. Uma ampla avaliação do PE e das atividades da CNBB de 1962 a 1964 é programada para a VI Assembléia Ordinária, a realizar-se, em Roma, durante a 3ª Sessão do Concílio. CM 141, junho de 1964, 2-3

“Ao final de 1964, ao encerrar-se a terceira sessão conciliar e a VI Assembléia Ordinária da CNBB, que aprovara os novos estatutos e, por conseguinte, a nova estrutura organizacional da Conferência, três questões eram levantadas:

- A solicitação de João XXIII era de que se elaborasse não apenas um plano imediato e de curto prazo, mas também um plano pastoral de médio e longo prazos; o Plano de Emergência atendia apenas à primeira parte do apelo pontifício.

- O Concílio abria perspectivas novas, mais amplas e mais profundas; era necessário que a Igreja no Brasil se inserisse nesse movimento de maior envergadura da Igreja universal e se deixasse, assim, conduzir pelo sopro do Espírito.

- A CNBB ia crescendo em complexidade e, assim, era necessário conferir ao secretariado geral e aos secretários nacionais um tipo e um estilo de organização que correspondessem melhor às novas exigências.

Antes de retornar ao Brasil, após a terceira sessão conciliar, recolhi-me, durante uma semana, a um mosteiro beneditino para um retiro espiritual. Sob a inspiração dos textos conciliares e do livro de D. Gréa (*D'Église et de sa divine constitution*), procurei refletir mais profundamente sobre a Igreja no Brasil, incluindo também as questões acima apontadas. Regressando ao país, procurei conversar sobre esses pontos com D. Agnelo Rossi, novo presidente da CNBB e arcebispo de São Paulo, e com D. José Gonçalves, novo Secretário-Geral. Em princípio, concordaram e permitiram que se começasse o trabalho.

Foi pensando, sobretudo, no terceiro aspecto, isto é, na reorganização do secretariado geral e dos secretariados nacionais que lembrei-me, por sugestão de alguém, de Francisco Whitaker Ferreira, que fora antigamente da JUC e que conhecera como diretor de planejamento da Superintendência de Reforma Agrária (SUPRA). Francisco era também conhecido pelo papel de destaque que havia desempenhado na elaboração e execução do plano de governo de Carvalho Pinto, em São Paulo. [...] Após uma longa troca de pontos de vista, ficou acertada sua participação como assessor do secretariado geral e começou-se a estabelecer o programa de trabalho”⁵⁵⁹.

Ao findar o Concílio, os bispos voltaram para casa, não apenas com os 16 documentos conciliares aprovados e promulgados, mas também com um ambicioso *Plano de Pastoral de Conjunto*, PPC, destinado a colocar em prática em cada diocese e em cada aspecto da vida da igreja, as grandes intuições e decisões do Concílio.

⁵⁵⁹ SERVUS MARIAE, o. cit., , 170-171

Sobre o PPC, vale a pena transcrever o comentário de D. Helder Câmara, no dia mesmo que a CNBB encontrava-se em assembléia para sua discussão:

“Enquanto D. Eugênio e eu participávamos, no Vaticano, da plenária encarregada do XIII Esquema, a querida CNBB vivia a mais bela de suas assembléias gerais. Que grande caminhada! Na pré-história, os planos eram elaborados por grupos pequeníssimos, aprovados de modo bastante inconsciente e ficavam no papel.

O plano de emergência e a criação dos regionais constituíram um marco. Ontem, depois de um trabalho metódico, paciente, com ampla colaboração das bases (umas 200 pessoas estiveram em ação), após reuniões numerosas de todos os regionais, veio à assembléia geral o Plano de Pastoral de Conjunto.

Um a um, os 11 regionais se manifestaram. Não se tratava, de modo algum, de aprovação ou rejeição no escuro. Pareceres escritos, analisando o Plano. Afirmações justificadas. Análises fundamentadas. Goiânia e Recife (redação de D. José)⁵⁶⁰ estiveram entre os melhores...

Na hora da votação: 114 a favor; 17 contra.

Perdido na assembléia, o herói da batalha: aquele a quem chamamos de abbé Barros⁵⁶¹, pela razão muito simples de que, se escrevesse em francês, estaria correndo mundo, ao lado da primeiríssima turma de teólogos...

Temí pelo Plano, vocês sabem. Mas o milagre se deu. O abbé ganhou o jeitão de falar a bispo. Ia ao essencial, apresentando de modo simples. Descascou o Plano. Provou que a complexidade era aparente. Demonstrou-lhe a flexibilidade, a adaptabilidade a qualquer região e a qualquer diocese. Conseguiu que o Plano fosse lido e adotado de coração.”⁵⁶²

E termina com uma ponta de mal disfarçado orgulho:

“Conclusão: está o Brasil na dianteira da aplicação do Vaticano II. Vocês sabem que eu conheço as conferências [episcopais]: enquanto todos vão começar a pensar em como tentar a aplicação do concílio, o Brasil já está com o seu plano conhecido, discutido, assumido pelo Episcopado...”⁵⁶³.

A CNBB reorganizou-se para enfrentar a nova tarefa, criando os mecanismos necessários para a sua realização, como o das *Campanhas da Fraternidade*, para darem-lhe um

⁵⁶⁰ Provavelmente, D. José Lamartine, bispo auxiliar de Olinda e Recife.

⁵⁶¹ Pe. Raimundo Caramuru de Barros, naquele momento no papel de subsecretário da CNBB.

⁵⁶² HC, Circular 40/65, Roma, 20-21/10, 1

⁵⁶³ *ibidem*, 1

tempo de evangelização intensiva, a cada ano, durante a quaresma, criando ao mesmo tempo uma nova fonte de recursos para os trabalhos da CNBB.

A maior novidade, entretanto, é que com o PPC, a CNBB havia aceito o desafio e a tarefa de converter, em linhas de trabalho pastoral, o conjunto da caminhada e dos documentos conciliares. A pastoralidade⁵⁶⁴ era, com efeito, a grande meta que o Papa João XXIII havia proposto para o Concílio. A porta de entrada para a compreensão do Concílio no Brasil foi portanto a pastoral e não a discussão teórica dos documentos, sob o aspecto doutrinal.

No esforço para plasmar as opções pastorais, segundo a complexidade das diversas realidades do país, os regionais discutiram longamente as propostas do plano, votando-as uma a uma e apresentando emendas para a redação final. A CNBB colocou assim em ato, de forma intensa, a outra dimensão conciliar, a da colegialidade episcopal, buscando mecanismos cada vez mais eficazes para o seu exercício. Por isso mesmo, emerge da experiência conciliar, da experiência de trabalho na *Domus Mariae* e da própria preparação do PPC, uma proposta de profunda reformulação dos Estatutos da CNBB. Esta visava entre outras coisas criar mecanismos internos para uma eficaz aplicação das opções pastorais assumidas no PPC.

II.8.2. Concílio e nova dinâmica episcopal

O PE e o Concílio propiciam na prática uma refundação da CNBB, em quatro sentidos: dois ligados mais diretamente ao Plano de Emergência (PE) e dois ao Concílio.

O PE criou, pela primeira vez, *diretrizes pastorais gerais* para todo o país e deu início, através da criação de sete regionais, à *descentralização* da CNBB, até então centrada no Secretariado e mais particularmente na figura do secretário geral, D. Helder Câmara. O Concílio foi responsável pela criação de um verdadeiro corpo episcopal e pela democratização da entidade onde, por primeira vez, não apenas os cardeais e arcebispos tinham um peso decisivo, mas os “*ranks and files*” (os peixes miúdos) começavam a participar, a ter voz, voto e influência, através do seu peso numérico e de sua articulação

⁵⁶⁴ Para o conflito entre um “pastoral” ou “doutrinal”, já na fase preparatória, cfr. KOMONCHAK, Joseph, “Preparare un Concilio “Pastorale”; Preparare un Concilio “dotttrinale”, in ALBERIGO, Giuseppe, Storia del Concilio Vaticano II, t. II, Peeters/ il Mulino, Bologna, 1995, p 189-320.

em torno a unidades menores, os regionais. O levante das bases, sobretudo das mais marginalizadas, prelados e bispos auxiliares, faz-se sentir no comentário de D. Helder Câmara, em carta particular, onde busca explicar o resultado adverso das eleições, para substituir o Secretário Nacional do Ministério Sacerdotal:

“Ontem na Assembléia da CNBB, cabia-nos eleger o Secretário Nacional do Ministério Sacerdotal (dada a renúncia de D. Manuel D’Elboux) e o representante do Brasil no CELAM (de vez que terminam agora tanto o mandato de Delegado do Brasil, como do Vice-Presidente do CELAM). Houve propaganda eleitoral ampla. Para o 1º posto, vital no tocante à aplicação do Concílio, havia dois candidatos: D. José Maria Pires e D. Vicente Zioni. Os Estatutos exigiam maioria absoluta. Venceu, tranqüilamente, D. Zioni.

Fenômeno estranho!

A querida CNBB, dentre todas as Conferências Episcopais é a que está mais avançada para o após-concílio. Dispõe de um Plano de Pastoral de Conjunto, calcado nas Constituições e Decretos Conciliares, desdobrado em cinco anos e já contando com recursos financeiros (recebido da Hierarquia alemã) e de excepcional equipe humana.

Como explicar que, após 4 anos de Concílio, os Bispos do Brasil elejam por maioria absoluta, para o S. N. [Secretariado Nacional] do Ministério Sacerdotal, um Irmão nosso que não faz segredo de sua posição reacionária, muito mais distante da abertura conciliar?

Inconsciência? Não. A eleição foi conscientíssima. Democrática. Disputada voto a voto, em campanha aberta. E o resultado põe em dificuldade completa o trabalho do Pe. Marins.

O que temos de mais vivo e dedicado dentro da CNBB ficou em estado de desolação. Sem entender. Parece que a chave do enigma, desta como da eleição da Presidência, reside no fenômeno dos Prelados. Eles são 40. Quase todos estrangeiros. Muitos alheios à verdadeira problemática do Brasil. Preocupam-se com verbas e as verbas que lhes permitam expandir o trabalho missionário...

Há sem dúvida dedicação apostólica, mas a serviço de uma pastoral desatualizada e muito pouco Vaticano II. As Prelazias constituem, sem dúvida, um dos grandes desafios pastorais lançados à CNBB⁵⁶⁵.

A respeito das eleições para o CELAM, o comentário é também amargo, mas ao mesmo tempo, como era do seu gênio e espírito, acompanhado de novos sonhos e esperanças:

⁵⁶⁵ HC Circ. IV/62, Roma 10-11/11/ 1965

“Para o CELAM, os candidatos eram 2: D. José Delgado e D. Avelar Brandão. Venceu tranqüilo, D. Avelar. Adeus, visão da América Latina, tal como surge do Discurso de abertura do Seminário Regional do NE. Adeus, a Campanha do que chamo o novo Bolívarismo, tese que espero expor, na 1ª oportunidade que Deus me der, de um Encontro latino-americano.

A circunstância de eu deixar agora, a vice-presidência do CELAM e a própria representação do Brasil, me dá maior autonomia de vôo. Não comprometo ninguém. Não arrasto ninguém.

Minha posição - muito na linha do querido Manoelito (D. Manoel Larrain, que também agora deixa a presidência do CELAM)⁵⁶⁶ : ‘Desarrollo, éxito o fracaso en America Latina’ - consiste em considerar o desenvolvimento o problema nº 1 do Continente. Problema humano ao qual a Igreja não pode de modo algum, ser insensível. Nosso problema de paz social, ou nos desenvolvemos ou, então, o Continente se ensangüentará. Aí, sim, virá o Comunismo.

Bolívar pregou a independência política. O caminho da indispensável independência econômica, supõe a superação de vaidades ridículas de Povos adolescentes. Não chegamos a um Mercado Comum latino-americano que nos permita defender-nos dos trusts [norte-americanos] e do Mercado Comum Europeu...”⁵⁶⁷.

O que se assiste, em 1964, é também a transição do carisma da pessoa, para a instituição, de D. Helder Câmara, para a CNBB. Transição igualmente e, neste sentido, já fruto da nova prática conciliar, de uma direção pessoal, para uma outra mais colegiada. Mas há também lados obscuros nesta transição. Não se pode negar que chega, de certo modo, ao fim o cordão umbilical que ligava a CNBB aos leigos em geral e à Ação Católica em particular. A CNBB nasceu nos locais da Ação Católica e seu fundador, e primeiro secretário geral, por doze longos anos no cargo (1952-1964), D. Helder Câmara, era o assistente nacional da Ação Católica. Esta ofereceu não apenas os locais, mas também os elementos humanos para o seu funcionamento secretarial, apoio logístico e assessoria técnica e ideológica para o andamento da entidade. No Concílio, dá-se a definitiva episcopalização da entidade e uma progressiva clericalização. Para a implementação do novo Plano de Pastoral de Conjunto, são chamados para o posto de subsecretários, teólogos e pastoralistas tirados dentre sacerdotes, religiosos e religiosas. A perda de hegemonia da Ação Católica já era de certo modo visível em 1962, onde o principal

⁵⁶⁶ Para alegre surpresa de D. Helder, D. Larrain foi reconduzido à presidência do CELAM.

⁵⁶⁷ *ibidem*, 2

instrumento para a implantação do PE, não são mais os leigos da Ação Católica, mas sim a equipe nacional do Movimento por um Mundo Melhor. Ali, privilegia-se não mais o testemunho e ação da igreja no mundo, mas sim a renovação das suas estruturas internas, simbolizadas na dinamização das paroquiais e das escolas e colégios católicos.

Com a tomada do poder pelos militares a 31 de março de 1964, à derrota política das esquerdas no país, segue-se a derrota eclesiástica de seus aliados internos na igreja: os membros da hierarquia à frente da CNBB, os militantes da Ação Católica, em especial da JEC e da JUC, os responsáveis pelo MEB (Movimento de Educação de Base) e pelos trabalhos de sindicalização rural. Grande parte deste grupo perde sua hegemonia, por ocasião das eleições internas da CNBB, durante a III Sessão do Concílio, no segundo semestre de 1964. D. Helder Câmara e praticamente todo seu grupo são afastados do comando da CNBB, pelos menos nos postos chaves: presidência, vice-presidência e secretaria geral.⁵⁶⁸ As alterações contemplam não apenas a CNBB, mas também dioceses fundamentais. O Cardeal D. Carlos Carmelo Motta até então presidente da CNBB e cardeal arcebispo de São Paulo, a mais importante cidade do país, é transferido, logo em abril de 1964, a seu pedido, para a insignificante arquidiocese de Aparecida do Norte. D. Helder Câmara, até então secretário da CNBB e arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, ex-capital da República e segunda cidade mais importante do país, é nomeado para São Luís do Maranhão. A súbita vacância de Olinda e Recife, pelo falecimento de D. Carlos Gouvêa Coelho, arcebispo de 1960 a 1964, fez com que Paulo VI, antes mesmo de assumir São Luís⁵⁶⁹, o transferisse para o Recife, no Nordeste. Simbolicamente, esta geração da primeira CNBB, deixa não apenas a entidade, mas o cenário mais visível e o centro nervoso da nação, no plano econômico e político.

O Plano de Pastoral de Conjunto, preparado pela anterior equipe, deve ceder à nova hegemonia menos politizada e situada mais ao centro. Sem tocar-se praticamente no plano preparado pelo padre Caramuru Barros e assessorado pelo então jovem técnico em planejamento e ex-membro da equipe nacional de JUC, Francisco Whitaker, opera-se um

⁵⁶⁸ D. Clemente Isnard em carta ao autor, de 11 de agosto de 1997, comentando estas eleições, aclara alguns pontos: “Nossa derrota nas eleições internas de 1964 se deveu, em boa parte, ao trabalho sistemático de D. José D’Angelo Neto, bispo de Pouso Alegre, que formou sua consciência no sentido de que era para o bem da Igreja derrubar D. Helder. E conseguiu. Ele ganhou a Presidência, mas não os Secretariados Gerais. Depois da derrota de nosso candidato a Secretário Geral (já estávamos derrotados para Presidente e Vice-Presidente), D. Helder, que dirigia a Assembléia, disse que os Bispos estavam cansados e que era bom deixar as outras eleições para o dia seguinte. Essa interrupção nos deu tempo de articular melhor as candidaturas. E, no dia seguinte, ganhamos os Secretariados quase todos. - Algo parecido se deu nas últimas eleições da CNBB: perdemos a Presidência e o Secretariado Geral, mas ganhamos a Vice Presidência e 8 cadeiras na CEP, perdendo aí apenas 1”.

⁵⁶⁹ O episódio encontra-se bem retratado na recente biografia de D. Helder Câmara: Nelson Piletti e Walter Praxedes, *Dom Helder Câmara - Entre o Poder e a Profecia*, Ática, São Paulo, 1997, 287-294.

sutil deslocamento nas prioridades. Inverte-se a ordem entre as linhas de ação propostas no plano: a linha 1, torna-se a linha 6 e vice-versa. Ora, a linha 1 contemplava o engajamento da Igreja no mundo e a proposta de ação social da CNBB, enquanto a linha 6, estava dedicada à vida interna, aos presbíteros e comunidades. Esta última torna-se a prioridade número 1 do plano, enquanto a que seria a linha 1, converte-se em linha 6.⁵⁷⁰

Podemos, resumidamente, dizer que a primeira CNBB tinha um rosto muito visível o do seu secretário geral, com suas inigualáveis qualidades humanas e espirituais: homem de ação, mas também de oração e contemplação; cheio de sonhos, mas atento aos caminhos práticos para a sua realização; comprometido com os pobres, mas capaz de atrair simpatia e colaboração de pessoas de outras classes e segmentos sociais para seus projetos e iniciativas sociais; profundamente convencido de que os leigos eram a igreja e os únicos capazes de ser o fermento evangélico no meio do mundo. Mas a CNBB não era apenas D. Helder. Ela se apoiava em pelo menos quatro pilares: um chão que eram os leigos da Ação Católica, dos quais o Pe. Helder Câmara fora o assistente nacional, a partir de 1950; um núcleo central formado por bispos do nordeste amigos entre si; uma janela para a Santa Sé, através da confiança do núncio Armando Lombardi e para a América Latina, através do CELAM e um estreito laço de cooperação com o poder civil. O chão era propiciado pela rede de fidelidades, amizades e competências tecidas pelos longos anos de D. Helder como assistente da Ação Católica. Esse chão comportava, de um lado, as equipes nacionais da Ação Católica e, de outro, pessoas que constituíram uma equipe de trabalho discreta e eficiente, respaldando D. Helder na CNBB e em todas as iniciativas⁵⁷¹. Um nome deve ser lembrado, em especial, o de Cecília Monteiro. O núcleo episcopal provinha de grupo de ex-assistentes da Ação Católica, levados ao episcopado pela ação de D. Helder e do Núncio D. Armando Lombardi. Eram pessoas que, pela prática da Ação Católica, trabalhavam com método, estavam próximos dos leigos e dos seus problemas e anseios e haviam ganho uma visão nacional e não apenas paroquial dos problemas, através das semanas nacionais de Ação Católica. Alguns dentre eles haviam alcançado mesmo uma visão mais latino-americana e internacional, pela própria estrutura de determinados movimentos como a

⁵⁷⁰ Depoimento prestado ao autor, em 25 de novembro de 1996, nas dependências do Centro Universitário Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, por Marina Bandeira, da direção do MEB.

⁵⁷¹ Quando da preparação das primeiras propostas do esquema XVII, D. Helder contou no Rio de Janeiro, com a colaboração de jovens intelectuais leigos, como Cândido Mendes de Almeida, Luiz Alberto Gomes de Souza e sua esposa, Lúcia Ribeiro de Oliveira, assim como de pessoas de uma mais longa trajetória, como Dr. Alceu Amoroso Lima, Ernani Fiori, Pe. Fernando de Bastos Ávila S.J., prof. de sociologia da PUC do Rio de Janeiro; Mons. Tapajós, assim como do Pe. J.J. Lebreton O., fundador de *Économie et Humanisme*, em Paris, Pe. Houtart, prof. da Université Catholique de Louvain e Pe. Émile Pin S.J., professor de sociologia da Universidade Gregoriana de Roma.

JOC. Entre estes bispos, encontrava-se um punhado de amigos fieis, de origem nordestina, como D. Helder: D. José Vicente Távora⁵⁷², D. Eugênio de Araújo Sales⁵⁷³, D. Fernando Gomes dos Santos⁵⁷⁴, D. José de Medeiros Delgado⁵⁷⁵, D. Antônio Fragoso⁵⁷⁶, D. Austregésilo de Mesquita Filho⁵⁷⁷.

Os conflitos entre a Ação Católica e a hierarquia que eclodiram em 1960, no congresso dos dez anos da JUC, agravaram-se ao longo dos anos seguintes e enfraqueceu esta base da CNBB e evidentemente o grupo de D. Helder. É um combate de retaguarda que comanda D. Helder após o golpe militar de 64, na tentativa de salvar dos destroços políticos e eclesiásticos, os militantes caçados pelos militares e abandonados pela hierarquia mais conservadora.⁵⁷⁸

O deslocamento de D. Helder para o Recife, tira-o do centro nervoso do país, o Rio de Janeiro, ex-capital federal, embora deslocando-o, para a principal cidade da área mais antiga do país, o Nordeste, região rica em tradições e cultura, mas ao mesmo tempo assolada pelo latifúndio, pela monocultura da cana, pelas secas e pela pobreza.

O Concílio provocara efeitos insuspeitados, como o surgimento de novas lideranças, em função das novas tarefas que exigia. A discussão do esquema sobre a liturgia,

⁵⁷² Entre eles, cabe destacar D. José Vicente Távora, pernambucano, colega de trabalho com D. Helder Câmara, na Ação Católica, onde foi assistente eclesiástico da JOC. Com D. Helder foi, bispo auxiliar do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, até 1957, quando foi transferido para Aracaju, no Sergipe, como bispo diocesano. Tornou-se arcebispo em 1960, desempenhando notável papel à frente do MEB (Movimento de Educação de Base). Faleceu prematuramente, em 1970). A intimidade entre os dois era tão grande que em sua correspondência, Helder Câmara trata-o de “Eu”.

⁵⁷³ D. Eugênio Araújo Sales, outro amigo constante e, no início, seu discípulo, foi administrador apostólico de Natal (RN), durante a última parte do longo episcopado de D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1929-1967), administrador apostólico de São Salvador da Bahia e, em seguida, seu cardeal arcebispo (1968-1971) e, finalmente, cardeal arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro (1971-1997).

⁵⁷⁴ Nascido em Souza, na Paraíba, D. Fernando Gomes dos Santos, foi bispo de Aracaju - SE (1949-1957) e primeiro arcebispo de Goiânia - GO - (1957-1985). Foi o candidato derrotado do grupo de D. Helder, à presidência da CNBB, nas fatídicas eleições de 1964.

⁵⁷⁵ D. Delgado foi arcebispo de São Luís do Maranhão de 1951 a 1963 e devia ter sido substituído por D. Helder Câmara que chegou a ser nomeado para lá, sendo porém, redirecionado por Paulo VI, pessoalmente, para o Recife, pela imprevista morte de D. Carlos Coelho. Foi um dos sustentáculos do MEB no Maranhão, entregou as terras da Igreja para a Reforma Agrária e as faculdades católicas, para constituírem parte da Universidade Federal do Maranhão.

⁵⁷⁶ Antônio Batista Fragoso, nascido em Teixeira, a 10 de dezembro de 1920, foi assistente da JOC. Eleito bispo titular de Ucles e auxiliar de São Luís do Maranhão, aos 36 anos, em 13 de março de 1957. tornou-se o primeiro bispo diocesano da recém-criada diocese de Crateús (28-09-1963), no Ceará, para onde foi transferido a 28 de abril de 1964.

⁵⁷⁷ Francisco Austregésilo de Mesquita, nascido em Reriutaba a 3 de abril de 1924 e eleito bispo de Afogados da Ingazeira, aos 37 anos, a 25 de maio de 1961.

⁵⁷⁸ Sobre esta difícil fase pós-64, cfr. Cândido Mendes de Almeida, *Memento dos Vinos - A esquerda católica no Brasil*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1966; Charles Antoine, *L'Eglise et le Pouvoir au Brésil*, Desclée, Paris, 1971; Márcio Moreira Alves, *O Cristo do Povo*, Sabiá, Rio de Janeiro, 1968; *L'Église et la Politique au Brésil*, 1974; Luiz Gonzaga de Souza Lima, *Evolução Política dos Católicos e da Igreja do Brasil - Hipóteses para uma interpretação*, 1979; Luiz Alberto Gomes de Souza, *Les étudiants chrétiens et la politique au Brésil*, Sorbonne, Paris, 1980, 2. vol. (o texto foi posteriormente traduzido e publicado pelas Vozes); José Oscar Beozzo, *Os Cristãos na Universidade e na Política*. Petrópolis: Vozes, , 1984.

projetou imediatamente um homem que pela sua pertença beneditina e pelo papel que sua ordem desempenhara no movimento litúrgico brasileiro, estava melhor preparado para os debates e para a posterior aplicação da reforma litúrgica. O jovem bispo beneditino, Clemente Isnard, a partir do Concílio, e por 23 anos, ficará à frente da linha pastoral da CNBB encarregada da liturgia.

As questões teológicas fizeram emergir a figura de Aloísio Lorscheider, até então professor do Ateneu Franciscano em Roma, o Antonianum, e recém-nomeado para a diocese de Santo Ângelo no interior Rio Grande do Sul. Na segunda sessão do Concílio, a 29 de novembro de 1963, seu nome foi agregado ao Secretariado para a União dos Cristãos. No pós-concílio, continuará cuidando desta dimensão teológica na vida da conferência episcopal. Sua competência e firmeza, aliadas à capacidade de diálogo levaram os bispos a elegê-lo para a secretaria geral da CNBB (1967-71) e, em seguida, por duas vezes, para a presidência da CNBB (1971-74; 1974-77). Foi, mais tarde, o primeiro presidente, várias vezes reeleito, da Comissão Episcopal de Doutrina. O episcopado brasileiro elegeu-o também delegado ao CELAM, onde se tornou o primeiro vice-presidente (1972-1974) e, depois, presidente, por três períodos consecutivos (1974-75; 1975-76 e 1976-78). Este último mandato, por causa do falecimento de Paulo VI e, logo em seguida, de João Paulo I, foi prolongado até a realização da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em janeiro de 1979. D. Aloísio foi um dos seus três presidentes, ao lado do legado pontifício, Sebastiano Baggio, cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina - CAL - e Ernesto Corripio Ahumada, cardeal arcebispo do México. Foi várias vezes delegado aos Sínodos dos Bispos, onde a Santa Sé o nomeou para o Secretariado do mesmo. Transferido para a arquidiocese de Fortaleza - CE, em 1973, foi elevado ao cardinalato por Paulo IV, em 1976.

Enquanto D. Helder fazia sua transição de volta do Rio de Janeiro para o Nordeste, radicalizando ali muitas de suas posições, face à dramaticidade da pobreza que encontrara no Recife, outro bispo do seu grupo faria o caminho inverso: D. Eugênio de Araújo Sales sairá do Nordeste, da diocese de Natal onde fora administrador apostólico sede plena (1954-1964), para ser o administrador apostólico da Arquidiocese da Bahia (1964-1968) e depois seu Arcebispo primaz (1968-1971) e finalmente Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (1971-2001), amenizando sempre mais suas posições no campo social e político e tornando-se finalmente o mais autorizado porta-voz da posição conservadora na Igreja do Brasil.

II.8.3. Encaminhando a recepção: o olhar voltado para o futuro

Havia uma forte consciência no Episcopado brasileiro de que o Concílio não era um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para que a igreja traçasse, à luz da inspiração conciliar e frente aos desafios sócio-econômico-políticos e religiosos da realidade, seu próprio caminho pastoral. D. Helder o diz claramente, retomando uma palavra de Paulo VI, na alocução da sessão pública de 17 de novembro de 1965:

“Insiste o Santo Padre na idéia de que ‘o fim do Concílio é o seu verdadeiro início’⁵⁷⁹ .

De outro lado, há clareza de que a igreja do Brasil está de certo modo preparada para enfrentar estes desafios:

“A Providência permitiu que o Brasil não fosse apanhado de surpresa. Há dez anos, temos nossa Conferência [episcopal] e o após concílio encontra a CNBB com um ‘plano de pastoral de conjunto’, previsto para 5 anos, conscientemente assumido pelo Episcopado que dispõe de um Secretariado Geral, 13 Secretariados Regionais, para, com a graça de Deus, por em prática o Vaticano II”⁵⁸⁰ .

O Concílio, no Brasil, não se converteu num ajuste de contas com o passado, como em outros lugares, em particular na Europa, a não ser de modo muito marginal e periférico. Foi visto ao contrário, como uma grande oportunidade para enfrentar os desafios do presente e o futuro, reinventando de um certa forma a igreja, com comunidades de base e pastorais populares.

Foi essa forma de recepção, cheia de sonhos e projetos para o futuro que marcou a Igreja do Brasil, com seu Plano de Pastoral de Conjunto e, em grande parte, a Igreja Latino-Americana que se encaminhou rapidamente para Medellín, como forma de traduzir o Concílio para a realidade latino-americana e caribenha.

No campo da recepção do Vaticano II, Medellín representou experiência impar da qual não puderam desfrutar os outros continentes, pois a África precisou esperar três décadas para realizar o que o Cardeal Malula do Zaire havia sonhado, para o pós-concílio, como um grande Concílio da África. Malula faleceu sem ver a sua realização que, nas mudadas circunstâncias eclesiais, veio apenas tardiamente e sob a forma, não de uma

⁵⁷⁹ HC, Circ IV/69, Roma, 18-19/11/1965

⁵⁸⁰ *Ibidem*

conferência deliberativa como foi Medellín, mas de um Sínodo, realizado em Roma e cujos resultados foram transmitidos, sob a forma de um documento do Papa e não dos bispos da África⁵⁸¹.

Esse é o tom predominante nas cartas de D. Helder Câmara nos últimos dias de Roma. Nota-se uma atividade febril, para assegurar continuidade ao que de melhor se havia experimentado no Concílio, de modo particular, através das redes ali estabelecidas ou aprofundadas: o “Ecumênico”, a “Igreja dos Pobres”, o CELAM, a CNBB.

“Ontem, houve a última reunião do Ecumênico. Embora caísse um temporal e já estivéssemos em férias conciliares, às 17 hs, não faltava ninguém. Até o último instante, trabalhamos:

- pelo Concílio: combinamos medidas concretas para a 1ª reunião hoje da Comissão de Reforma do Código de Direito Canônico, presente o Santo Padre; articulamos a defesa das Conferências Episcopais em face de uma investida da [Congregação] Consistorial que nos envia um modelo de Estatutos para as Conferências (Paulo VI já está alertado: em vários pontos, o tal modelo fere o Decreto Conciliar sobre a função pastoral dos Bispos).

- pelo após Concílio: Vamos ter ainda, se Deus quiser, na 5ª-feira, 2 de dezembro, um jantar fraterno de despedida. Mas tomamos todas as medidas para a continuação do Ecumênico. Entre os cuidados maiores: reforço técnico às Conferências Episcopais; estímulo aos Organismos Continentais da Hierarquia, ajudando-os a abrirem-se para o Diálogo do Século, estímulo a Sínodos e Concílios pastorais (grifo do autor) que prolonguem, aprimorem e completem o Concílio Ecumênico Pastoral (grifo do autor); aproveitamento da experiência de Viamão (encontro de Teólogos do 3º Mundo com Teólogos do Mundo desenvolvido, com proveito para as duas partes); início da preparação do Vaticano III, através, sobretudo, da formação de teólogos leigos e teólogos abertos às ciências.

Amanhã, se Deus quiser, almoço de despedida do ‘Grupo da Pobreza’, que também não termina... Já houve a Concelebração na Catacumba (em torno de Mons. Himmer) e a Concelebração na Igreja de Cardijn”⁵⁸².

Os passos seguintes vão-se revelar na prática, bem mais difíceis, como já começava a transparecer no projeto de modelo de estatuto para as Conferências Episcopais avançado pela Congregação Consistorial e no empenho que colocará Roma, em desfazer as

⁵⁸¹ Cfr. JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, in SEDOC 28, n.º 254, jan./fev. 1966.

⁵⁸² *ibidem*, 2

redes de articulação e solidariedade eclesiais, sobretudo entre conferências episcopais e que não passassem pelo centro romano e pelo seu controle.

Assim, a CNBB viu-se interromper a fecunda experiência do projeto “Jornadas Internacionais por uma sociedade superando as dominações”, que a uniu com as Conferências Episcopais da França, do Canadá, dos Estados Unidos da América, com a Federação das Conferências Episcopais da Ásia, o Conselho das Conferências Episcopais da Europa, a Comissão Internacional dos Juristas das Conferências Episcopais Europeias, a Coordenação Ecumênica de Serviços (CESE). Roma interveio dizendo que a CNBB não podia “tomar iniciativa de tal amplitude e que teria ultrapassado sua competência, ao convidar outras conferências episcopais, para se associarem ao projeto”⁵⁸³.

Assim, a solicitude pelo conjunto de toda a Igreja, como parte das tarefas e responsabilidades de cada igreja particular, um dos frutos maiores da eclesiologia do Vaticano II, vinha interpretada de maneira restritiva.

Internamente, também, revelou-se por vezes penosa a aplicação de determinados pontos do Vaticano II e não faltaram na reforma litúrgica conflitos dolorosos com comunidades locais e sua forma específica de religiosidade.

No conjunto, porém, a recepção do Concílio foi vivida como graça e tarefa eclesial primordial, a tal ponto que se pode dizer que a Igreja do Brasil, sente-se filha do Vaticano II e que, tendo contribuído de maneira limitada para a sua realização, empenhou-se porém, sem limites, na sua recepção e aplicação pastoral.

⁵⁸³ Ata da Reunião Privativa da Comissão Representativa da CNBB (20-11-1977), in CM 302, nov. 1977, 1246. Para o conjunto da questão, cfr. BEOZZO, José Oscar, *A Igreja do Brasil*, o. cit., 216-218

ANEXO I

O PACTO DA IGREJA SERVIDORA E POBRE

Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos irmãos do Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

1) Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à *habitação*, à *alimentação*, aos *meios de locomoção* e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33-34; 8,20.

2) Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mt 6,9; Mt 10, 9-10; At 3,6. Nem ouro nem prata.

3) Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo em nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6, 19-21; Lc 12, 33-34.

4) Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em nossa diocese e uma comissão de leigos competentes e cômicos do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6, 1-7.

5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre. Cf. Mt 20, 25-28; 23, 6-11; Jo 13, 12-15.

6) No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir *privilegios*, *prioridades* ou mesmo uma *preferência* qualquer aos *ricos e aos poderosos* (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13, 12-14; 1 Cor 9,14-19.

7) Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a *vaidade* de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6, 2-4; Lc 15, 9-13; 2 Cor 12, 4.

8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4, 18-19; Mc 6,4; Mt 11, 4-5; At 18, 3-3; 20, 33-35; 1 Cor 4, 12 e 9, 1-27.

9) Côncios de exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos *transformar* as obras de “beneficência” em *obras sociais* baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25, 31-46; Lc 13, 12-14 e 33-34.

10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as *leis*, as *estruturas* e as *instituições sociais* necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo e em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At. 2, 44-45; 4, 32-35; 5,4; 2 Cor 8 e 9 inteiros; 1 Tim 5, 16.

11) Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade - comprometemo-nos:

- a participarmos, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres;

- a requerermos juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como e fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

12) Comprometemo-nos a *partilhar*, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim: - esforçar-nos-emos para “revisar nossa vida” com eles; - suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; - procuraremos ser o mais humanamente presentes,

acolhedores...; - mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8, 34-35; At 6, 1-7; 1 Tim 3, 8-10.

13) Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

Ajude-nos Deus a sermos fiéis.

III. PROSOPOGRAFIA DO EPISCOPADO BRASILEIRO

III.1 INTRODUÇÃO

A elaboração da prosopografia⁵⁸⁵ dos padres conciliares brasileiros, passa por uma questão prévia, aparentemente óbvia e de fácil resposta, mas que esconde algumas surpresas e armadilhas. Esta questão resume-se em saber quais eram “de direito” as pessoas habilitadas a tomar parte no Concílio e quais “de fato” participaram do evento conciliar em um ou mais dos seus períodos, na qualidade de padres conciliares “brasileiros”.

Em outras palavras, quais as pessoas canonicamente habilitadas a participarem de um concílio ecumênico e dentre estas, quais e, a partir de que critérios, foram incluídas na lista oficial ou em outras listas, como “brasileiras”.

A resposta ao primeiro quesito sobre os membros *de jure* dos concílios, nem sempre foi fácil, pois houve, historicamente, uma flutuação na definição dos que podiam participar, visto que, além dos bispos, membros natos dos concílios, leigos também tomaram neles parte. Veja-se, para tanto, que os oito primeiros concílios, realizados no Oriente⁵⁸⁶, a partir do primeiro deles, o Niceno (325), foram todos eles convocados pelos imperadores que neles intervieram, pessoalmente ou por meio de seus legados, cobrando posteriormente a aplicação dos cânones doutrinários e disciplinares dos concílios, como leis do império, urgidas e sancionadas como tais⁵⁸⁷.

Giuseppe Alberigo adverte que, nos concílios da antiguidade, “a participação nos trabalhos conciliares apresenta-se *aberta* tanto para teólogos quanto para leigos, embora seja essencial (mas não exclusiva) a intervenção de bispos e, aos poucos, torna-se *conditio*

⁵⁸⁵ Acatando sugestão da professora Nanci Leonzo, por ocasião do exame de qualificação, lançamo-nos à tarefa, mais complexa e trabalhosa do que imaginávamos, de organizar uma prosopografia dos padres conciliares brasileiros no Concílio Vaticano II.

⁵⁸⁶ Os oito concílios ecumênicos realizados no Oriente foram, pela ordem: Nicéia (325), I Constantinopla (381), Éfeso (431), Calcedônia (451), II Constantinopla (553), III Constantinopla (680-681), II Nicéia (692) e IV Constantinopla (869-870).

⁵⁸⁷ Sobre o papel e o peso do Imperador Constantino na convocação e realização do Concílio de Nicéia, escreve o historiador Lorenzo Perrone: “Embora a ação do imperador em favor do cristianismo tenha se estendido a muitos setores, nenhum sentiu tão profundamente a sua intervenção quanto a vida conciliar. A partir de Constantino, o instituto sinodal obtém um preciso reconhecimento jurídico e suas decisões passam a ter efeito no âmbito das leis imperiais. O caráter público das assembleias eclesásticas é, em particular, enfatizado pelo fato de que o imperador se atribui também a tarefa de convocar os concílios - ao menos os de interesse mais geral -, de definir os modos de participação e do seu desenvolvimento, além de dar sanção legal às suas decisões”. PERRONE Lorenzo, “De Nicéia (325) a Calcedônia (453)”, in ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 16-17

sine qua non o envolvimento dos cinco patriarcas apostólicos (pentarquia). Constitui também fator bastante destacado a participação de representantes dos ambientes monásticos, dado seu crescente prestígio espiritual e social”⁵⁸⁸.

Nos Concílios posteriores realizados no Ocidente, foi praxe a presença dos príncipes cristãos ou de seus legados⁵⁸⁹, até que essa presença fosse interrompida, por ocasião do vigésimo concílio, o Vaticano I (1869-1870), *in quo principes catholici exclusi non fuerunt sed nullus hac libertate interveniendi usus est, imo plures id adversati sunt*⁵⁹⁰. Nesse sentido, Vaticano I foi o único concílio exclusivamente clerical.

À luz da experiência do Vaticano I, as normas relativas aos Concílios e a seus participantes foram assim fixadas pelo Código de Direito Canônico, *Codex Iuris Canonici* (CIC) de 1917, nos cânones de 222 a 229:

O cânon. 223 previa três categorias de participantes:

Os que gozavam de voto deliberativo, estando aí incluídos quatro grupos de eclesiásticos:

os cardeais, mesmo os que não fossem bispos⁵⁹¹;

os patriarcas, primazes, arcebispos, bispos residenciais, mesmo os ainda não consagrados;

abades e prelados *nullius*;

⁵⁸⁸ ALBERIGO, o.cit., p. 6

⁵⁸⁹ Veja-se o papel crucial da intervenção de Sigismundo da Hungria, eleito rei alemão, em 1411, para a convocação do Concílio de Constança (1414-1418), ou o papel não menos fundamental da dieta dos príncipes alemães de 1523 que pede “um concílio livre e cristão, reunido em terra alemã” e o papel do Imperador Carlos V, para que, finalmente, se reunisse o Concílio de Trento (1545-1563). Para a história de Constança, cfr. WOHLMUTH, Joseph, “Os concílios de Constança (1414-1418) e Basiléia (1431-1449)”, in ALBERIGO, o. cit. pp.219-236, e para o Concílio de Trento, cfr. VENARD, Marc, “O Concílio Lateranense V e o Tridentino”, in ALBERIGO, o. cit. pp. 313-363. Para todas as vicissitudes das intervenções políticas e a presença dos embaixadores das potências cristãs em Trento, que se reunia em terras do príncipe-bispo de Trento, membro ele mesmo da dieta dos príncipes alemães, cfr. a monumental história de JEDIN, Hubert, *Storia del Concilio di Trento*, 4 vol. Em 5 tomos. Brescia: 1973² - 1981

⁵⁹⁰ WERNZ, *Jus Decret.*, p. 703-704, citado por COCCHI, Guidus, *Commentarium in Codicem Iuris Canonici ad usum Scholarum*, Liber II. Taurinorum Augustae: Marietti, 1931 3 ed., p. 32, nota 1. Cocchi acrescenta, à respeito da antiga tradição de se convocarem príncipes leigos aos concílios: “Etiam principes laici possunt invitari, sed tantum ad maius Concilii praesidium et ad eorum desideria exponenda in causis attingentibus disciplinam ecclesiasticam; in Concilio Vaticano (primo), attenta malitia temporum, invitatio non reperitur et tantum rogantur ut cooperentur ad bonum Ecclesiae.” Ibidem, p. 36

⁵⁹¹ João XXIII interrompeu, com o motu-proprio *Cum gravissima*, de 15 de abril de 1962, a antiga tradição do colégio cardinalício que comportava três ordens, a dos cardeais diáconos, a dos presbíteros e a dos bispos. Ele dispôs que todos os cardeais fossem investidos da dignidade episcopal, devendo ser consagrados bispos os que não o fossem. Foi, assim, que o cardeal Agostinho Bea, sacerdote jesuíta, investido da dignidade cardinalícia, na ordem dos diáconos (14-12-1959), mas não do caráter episcopal e que se encontrava à frente do Secretariado para a União dos Cristãos, foi eleito para a Igreja titular de Germania da Numidia, como arcebispo, e consagrado por João XXIII a 19-04-1962. Hoje persiste a antiga nomenclatura das três ordens, mas esvaziada de seu conteúdo real e prático, pois não há mais cardeais que sejam apenas diáconos ou presbíteros.

abades primazes, abades superiores de congregações monásticas e superiores maiores de institutos religiosos clericais isentos, mas não de outros institutos religiosos, a não ser que o decreto de convocação estabelecesse diferentemente.

Os bispos titulares, convocados para o concílio, gozariam também de voto deliberativo, a não ser que, de modo expresso, se estabelecesse diferentemente.

Teólogos e peritos nos sagrados cânones eventualmente convocados para o Concílio, teriam direito a um voto apenas consultivo.

O c. 224 contemplava a possibilidade de um bispo enviar procurador, desde que provasse seu impedimento para comparecer. Este procurador, caso fosse um dos padres conciliares, não gozaria do direito a um duplo sufrágio; e se não o fosse, poderia participar apenas das sessões públicas, sem direito a voto. Terminado porém o Concílio, o procurador teria o direito de subscrever as suas atas.

O c. 225 versava sobre a obrigação de os membros do concílio permanecerem do começo ao fim de sua duração. Apenas por razões muito graves poderiam afastar-se, mas com o conhecimento, aprovação e licença de quem presidisse o concílio.

O novo Código de Direito Canônico, promulgado em 1984, ao incorporar a eclesiologia do Vaticano II, eliminou todas as distinções entre cardeais, arcebispos, bispos, prelados e, portanto, o inciso que permitia que cardeais, mesmo sem serem bispos, pudessem tomar assento deliberativo nos concílios. Abandonou também as quatro categorias anteriores, reduzindo tudo à figura do bispo e do colégio episcopal, como sujeitos ativos e deliberantes da assembléia conciliar. O atual cânon 339, sucinto e enxuto, reza o seguinte:

“§ 1º. Todos e só os Bispos que sejam membros do Colégio Episcopal têm o direito e o dever de participar no Concílio Ecumênico com voto deliberativo”.

No parágrafo segundo, são contempladas outras pessoas cuja participação pode ser eventualmente requisitada:

“§ 2º. Podem também alguns, que não possuam a dignidade episcopal, ser chamados a participar no Concílio Ecumênico pela autoridade suprema da Igreja, à qual pertence determinar o papel que lhes cabe no Concílio”.

No comentário a este cânon, para a edição do Código organizado por Pedro Lombardia, observa-se: “No Concílio Vaticano II tomaram parte, como voz e voto, superiores supremos (maiores) de institutos religiosos e das então chamadas sociedades de vida comum sem votos. Foram nomeados também peritos, com função consultiva técnica, especialmente no trabalho das distintas comissões para elaborar os projetos de documentos

conciliares. E também foram convidados observadores, pertencentes a comunidades não em comunhão com a Igreja Católica”⁵⁹².

O comentário, nas suas omissões e linguajar, trai de certo modo, quão pouca assimilação houve, em certos meios jurídicos católicos, de algumas linhas mestras do concílio, como a da perspectiva eclesiológica do Povo de Deus. O comentário “esquece” simplesmente que a nova eclesiologia desembocou no convite para que leigos e leigas tomassem parte no Concílio, como *auditores* e *auditrices*, praxe que continuou a ser observada nos Sínodos, após o concílio e muito mais ainda em sínodos e assembléias pastorais diocesanas, onde leigos e leigas, eleitos como delegados, assumem função deliberante.

O linguajar do comentário demonstra também quão pouco penetrou nas consciências, a sensibilidade ecumênica, ao usar a expressão “comunidades não em comunhão com a Igreja Católica”. Toda a perspectiva do Decreto sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, assim como a da Constituição dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*, vai noutra direção, colocando o acento na comunhão já existente entre as diferentes igrejas cristãs. Ambos os documentos conciliares, ao falarem das igrejas e comunidades cristãs, constataam que elas estão *em comunhão*, “ainda que imperfeita”, entre si e com a Igreja Católica:

“Aqueles que crêem em Cristo e foram devidamente batizados estão constituídos num certa comunhão, embora não perfeita com a Igreja católica” (UR 3)⁵⁹³.

No caso do Vaticano II, a tendência curial de repetir o padrão do Concílio de Pio IX, restringindo-o a uma assembléia apenas clerical, manifesta-se claramente na elaboração de seu Regulamento⁵⁹⁴, baseado no Código de 1917⁵⁹⁵:

⁵⁹² *Código de Direito Canônico*, edição anotada a cargo de Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta. Braga: Edições Teológicas, 1997 2ª. ed., p. 308.

⁵⁹³ Paulo VI, na sua alocação de abertura do IV período conciliar (14-09-1965) usava de linguagem semelhante: “Sane quidem Ecclesia, cum Concilium Vaticanum secundum agebatur, amabat animo oecumenico, id est animo qui humiliter blandeque aperiebatur omnibus fratribus christianis, *perfecta communionem nondum coniunctis* (grifo nosso) cum hac Ecclesia nostra, quae est una, sancta, catholica et apostolica”. AS IV, Pars I, p. 131. Sempre na linha de uma unidade real e já existente mas que precisa alcançar sua plenitude, vai a homilia de Paulo VI na celebração de despedida dos observadores presentes ao Concílio, que teve lugar, a 4 de dezembro de 1965, na Basílica de São Paulo fora dos Muros, no mesmo local onde João XXIII anunciara, seis anos antes (25-01-1959), a convocação de um concílio ecumênico destinado, entre outras coisas, a buscar o restabelecimento da unidade entre os cristãos. Fazendo um balanço da convivência durante quatro anos com os observadores Paulo VI ressaltava: “... à travers vos personnes, nous sommes entrés en contact avec des communautés chrétiennes, qui vivent, prient et agissent au nom du Christ; avec des systèmes de doctrines et de mentalités religieuses, disons-le sans crainte: avec des trésors chrétiens de haute valeur. Loin de susciter en nous un sentiment de jalousie, cela augmente plutôt en nous le sens de la fraternité et le désir de rétablir entre nous la parfaite communion voulue par le Christ”. AS IV, Pars VII, p. 625

⁵⁹⁴ *Ordo Oecumenici Vaticani II celebrandi*, como parte da Carta Apostólica de João XXIII *Appropinquante Concílio* de 6 de agosto de 1962. AD II, I, pp. 306-325. A tradução portuguesa do regulamento foi publicada por KLOP II, 273-286

“§ 1. Constituem o Concílio Ecumênico, com o Sumo Pontífice, os Bispos e outras pessoas para ele convocadas pelo Sumo Pontífice; sendo todos chamados ‘Padres Conciliares’”.

No § 2º, prevê-se para os que estiverem impedidos, a possibilidade de enviar um procurador para representá-los, segundo as normas do direito canônico (c. 224 §§ 1º e 2º).

O parágrafo seguinte lista os que são convocados para auxiliar o concílio:

“§ 3º. Os Padres serão auxiliados por teólogos, canonistas e outros peritos. Terão a seu serviço um secretariado geral, subsecretários, mestres de cerimônias, pessoas que lhes indicarão o seu lugar (*assignatores locorum*), notários, promotores, escrutinadores, secretários-arquivistas, leitores, intérpretes, tradutores, estenógrafos e técnicos”.

Tendo diante dos olhos estas normas conciliares, pode-se elaborar a lista das pessoas que *de jure* foram convocadas, no Brasil, para tomar parte no Concílio Vaticano II.

Um cuidado posterior é o de verificar quais destas pessoas compareceram efetivamente em Roma para um, dois ou mais períodos conciliares.

Um último cuidado é o de verificar os critérios para a inclusão ou não de determinado padre conciliar no elenco do Brasil.

Havia-me debruçado, anos atrás, sobre a relação da Igreja do Brasil com o pontificado de João XXIII e sobre a participação brasileira no Vaticano II, estabelecendo um primeiro quadro da presença dos bispos no Concílio⁵⁹⁶. Retornei ao tema, ao organizar a pesquisa dos “vota” dos bispos latino-americanos nos diversos países do continente e das ilhas do Caribe, para o Simpósio Internacional de Houston (Texas – USA)⁵⁹⁷, consagrado à análise comparativa destes *vota* dos episcopados das Américas.

⁵⁹⁵ No entanto, por vontade de João XXIII, esta tendência foi rompida desde a sua abertura (11-10-1962), pela presença dos observadores não católicos, muitos deles não clérigos, pelo convite ao acadêmico francês Jean Guitton, praticamente assimilado aos observadores, por sua trajetória ecumênica e, a partir do segundo período do Concílio (1963), pela inclusão de leigos e leigas na condição de *auditores* e *auditrices* - categoria até então não prevista no Regulamento.

⁵⁹⁶ BEOZZO, José Oscar, “Recepção do Pontificado de João XXIII na Igreja do Brasil”, in BEOZZO, José Oscar, ALBERIGO, Giuseppe (orgs.), *A herança espiritual de João XXIII – Um olhar posto no amanhã*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993, pp. 105-175

⁵⁹⁷ O Simpósio organizado pelo Istituto per le Scienze Religiose de Bologna e sob os auspícios da Rothko Chapel de Houston (Texas), realizou-se de 12 a 15 de janeiro de 1991. Cfr. BEOZZO, José Oscar (org.), *A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio – História do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993, de modo particular, a “Apresentação”, pp. 5 a 9 e “A Igreja no Brasil”, pp. 45-77

Luiz Baraúna, por sua vez, apresentou um penetrante estudo dos *vota* do episcopado brasileiro, analisando as 132 respostas provindas dos 174 bispos existentes naquela época, respostas estas que correspondem a 76% do total dos bispos interpelados⁵⁹⁸.

Preparei um quadro mais acurado dos bispos presentes e ausentes em cada uma das quatro sessões conciliares, em estudo ainda inédito, realizado para o Colóquio Internacional de Bologna, *Experience, Organisations and Bodies at Vatican II*, uma parte do qual foi dedicada à participação das conferências episcopais⁵⁹⁹.

Neste mesmo Colóquio, Luiz Baraúna ofereceu densa contribuição sobre participação brasileira no Vaticano II⁶⁰⁰.

Fernando Altemeyer Jr. lançou-se igualmente à uma pesquisa da participação brasileira no Vaticano I e Vaticano II, transmitindo ao autor em duas cartas, os dados recolhidos⁶⁰¹.

Para o Vaticano II, Altemeyer preocupou-se em estabelecer, a partir do elenco atualizado, a cada ano, dos bispos ordinários, titulares e eméritos e do obituário anual inserido nos diretórios litúrgicos da CNBB, a lista dos padres conciliares ainda em função em suas dioceses, a lista dos eméritos e daqueles que já haviam falecido.

⁵⁹⁸ BARAÚNA, Luiz J. “Brasil”, *ibidem*, pp. 146-177

⁵⁹⁹ FATTORI, M.T – MELLONI, A. (eds.), *Experience, Organisations and Bodies at Vatican II. Proceedings of the Bologna Conference. December 1996*, Leuven: Biblioteek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1999.

⁶⁰⁰ BARAÚNA, Luiz J., “Alguns aspectos da participação brasileira no Concílio Vaticano II”, FATTORI, o.cit. pp. 1-22

⁶⁰¹ Cartas de Fernando Altemeyer Junior a José Oscar Beozzo: 29-04-1994 e 29-05-1994. Para suas conclusões acerca dos bispos brasileiros que participaram do Concílio Vaticano I, Altemeyer cruzou os dados contidos em: Pius Bonifacius GAMS, *Series Episcoporum Ecclesiae Catholicae*, Graz, 1957; V. FROND, *Actes et histoire du Concile Oecuménique à Rome (1869-1870)*, Paris, 1971; *Acta et Decreta sacrosancti oecumenici concilii Vaticani*, Roma, 1872; R. RITZLER- P. SEFRIN, *Hierarchia Catholica - medii et recentioris Aevi*, vol. VII, 1800-1846, Patavii, 1968 et ID., *Hierarchia Catholica - medii et recentioris Aevi*, vol. VIII, 1846-1903, Patavii, 1978. A partir desta pesquisa, corrigiu um lapso ocorrido em estudo meu (“Recepção do Pontificado de João XXIII na Igreja do Brasil”, in BEOZZO, José Oscar e ALBERIGO Giuseppe, *Herança Espiritual de João XXIII*, o.cit, p. 153), onde se dizia que apenas 4 dos 11 bispos (o 12º. seria o da Sé de São Paulo, que estava vacante pelo falecimento do seu ordinário, Dom Sebastião Pinto do Rego [1863-1868], sem que tivesse chegado seu substituto, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho [1873-1894] teriam participado do Concílio. A informação correta é que apenas 4 dos 11 não compareceram, segundo estudo de RUPERT, Arlindo, “Os Bispos do Brasil no Concílio Vaticano I (1869-1870)”, in REB, vol. 29, fasc. 1, março 1969, pp. 103-120. Os que compareceram foram: Dom Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo metropolitano da Bahia, Dom Antônio Macedo Costa, bispo de Belém do Pará; Dom Luiz Antônio dos Santos, bispo de Fortaleza, CE; Dom Francisco Cardoso Ayres, bispo de Olinda e Recife, PE (falecido em Roma, a 12-05-1870); Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro – RJ; Dom João Antônio dos Santos, bispo de Diamantina, MG; Dom Sebastião Dias Laranjeira, bispo de São Pedro do Rio Grande, RS. Não compareceram, Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, já enfermo e com 81 anos de idade; Dom José Antônio dos Reis, bispo prelado de Cuiabá, também idoso, com mais de 70 anos e impedido de navegar pelo Rio Paraguai, por causa da guerra da Tríplice Aliança (1865-1870); Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, bispo de Goiás – GO e Dom Luiz Saraiva, bispo de São Luís do Maranhão.

Mas foi preciso esperar o minucioso levantamento realizado por Luiz Carlos Luz Marques, para deslindar vários dos problemas e imprecisões existentes nas listas relativas aos participantes brasileiros no Vaticano II⁶⁰².

Marques, trabalhando para sua tese de doutorado sobre Dom Helder Camara, compulsou sistematicamente todos os Anuários Pontifícios (AP) entre 1950 e 1997, tendo por base o que foi publicado em 1966 e que, em princípio, atualizava a situação dos bispos e prelados, até dezembro de 1965, quando terminou o Concílio. Valeu-se também do *Elenco dei Padri Conciliari* de 1962, 1963, 1964 e 1965 e, finalmente, do caderno publicado em 1966, *I Padri presenti al Concilio Vaticano II*, todas publicações da Secretaria Geral do Concílio. Sua pesquisa foi completada pelas *Acta et Documenta* (AD), assim como pela *Acta Synodalia* (AS), por diversos números do Comunicado Mensal da CNBB, da Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB e pela Revista Eclesiástica Brasileira – REB.

Nesta lista de Marques, constam os seguintes dados: nome do padre conciliar, data e local de nascimento; data da ordenação sacerdotal e da eleição episcopal, sede residencial ou titular por ele ocupada durante o Concílio e eventual transferência, ao longo da duração do concílio; condição de secular ou religioso; de cardeal, arcebispo, bispo, bispo auxiliar, bispo titular, prelado, prelado *nullius*, administrador apostólico. É assinalada ainda, para cada um, sua presença ou não, às sessões conciliares, assim como eventual função exercida em algum dos organismos conciliares. No estudo preliminar à sua lista, Marques arrola as dificuldades para a inclusão ou não na lista dos padres conciliares brasileiros de alguns dos bispos, como, por exemplo, Dom Manuel Könner, que foi prelado da extinta Prelazia de Foz de Iguaçu e como emérito residia na Alemanha e de Gérard de Milleville que foi arcebispo de Conakry na Guiné e prestou serviços como bispo auxiliar em Fortaleza, CE. O problema dizia respeito aos critérios adotados em Roma, para a elaboração do opúsculo *I Padri presenti al Concilio Vaticano II*, publicado no imediato pós-concílio. O critério adotado foi o de listar os Padres Conciliares, por países, em função da sua residência em 1966, critério que criava problemas para os que tivessem mudado seu local de residência, de um país a outro, durante o Concílio⁶⁰³.

Marques interroga-se sobre a maneira de tratar alguns dos casos complicados. Seja permitida uma longa citação, que traduzi do italiano para o português, resumindo

⁶⁰² MARQUES, Luiz Carlos Luz, “Membri della ‘Conferência Nacional dos Bispos do Brasil’, presenti al Concilio Vaticano II”, in *Il Carteggio Conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara. Università di Bologna – Dottorato di Ricerca in Storia Religiosa*, VIII Ciclo, Bologna, 1998, pp. 745-783.

⁶⁰³ “I nomi dei Padri [sono] divisi per nazioni secondo la sede residenziale o, se trattasi di Vescovi titolari, secondo il luogo di residenza abituale”. Citato por MARQUES, L. C. L., o. cit. p. 747.

alguns destes casos e a solução encontrada, cotejando-se várias fontes da Santa Sé e brasileiras:

“Como tratar, por exemplo, os poucos mas reais casos de bispos nascidos no exterior, nomeados para sedes não brasileiras e que, por vários motivos, optaram por viver no Brasil? Casos, como o de Inácio Krause, CM, nascido na Polónia, bispo expulso de Shunteh [China], e que aparece na lista chinesa no *I Padri*, mas que já desde 1957, fontes brasileiras indicavam como bispo auxiliar de Curitiba⁶⁰⁴? Ou o francês, Gérard de Milleville, de 1955 a 1962, arcebispo de Conakry (Guiné)⁶⁰⁵, que em *I Padri*, encontra-se na lista brasileira, desde o primeiro Período, mas que no *AP*, só depois de 1968, aparece como residente em Fortaleza, arquidiocese da qual seria vigário geral (1968-1970) e, sucessivamente, vigário geral para as religiosas (1970-1985)⁶⁰⁶? Ou ao contrário, os casos de Giuseppe Nepote-Fus, IMC, que foi prelado *nullius* de Rio Branco (hoje Roraima) até, pelo menos, 29 de abril de 1963 e de Aristide Pirovano, PIME, que foi prelado *nullius* de Macapá, até 27 de março de 1965, quando foi eleito Superior geral do seu Instituto missionário? Como haviam retornado à Itália, foram arrolados no *I Padri*, entre os Padres italianos, para todos os quatro períodos do Concílio.

Uma segunda dificuldade é a de estabelecer-se o número exato de prelados, com ou sem caráter episcopal, *de iure* e *de facto* reconhecidos pela CNBB como seus membros, que, por estarem vivos entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, tinham direito de participar das sessões conciliares⁶⁰⁷. A fonte primária para os dados biográficos esquemáticos do episcopado mundial, o *Annuario Pontificio*, não apresenta, ainda hoje, um quadro sinótico consistente, que permita enumerar, sem uma operação ‘manual’ de identificação, todos os prelados ‘em função’ ou eméritos, sejam eles residenciais ou titulares (coadjutores, auxiliares etc.), membros de uma determinada conferência episcopal. Nos

⁶⁰⁴ Cf. “CM” 59 (1957), p. 6; no seu *votum* (redigido em Laranjeiras do Sul, a 3 de setembro de 1959 e que entrou na lista chinesa, mesmo tratando de assuntos pastorais brasileiros), ele assina como administrador apostólico de Toledo e Campo Mourão: AD I/II, Pars IV, pp. 559-560. A lista do *Departamento de Estatística da CRB* (“RvCRB”, 8 (1962), p. 168) e o *Elenco* de 1962, adscrevem-no ao episcopado brasileiro, mas o seu nome passa para a lista chinesa nos elencos posteriores. *Ibidem*, p. 747, nota 11.

⁶⁰⁵ República da Guiné, a distinguir-se da Guiné Equatorial, capital, Malabo e da Guiné Bissau, capital Bissau.

⁶⁰⁶ Entre 1968 e 1970 será também administrador apostólico *ad nutum Sanctae Sedis* de Basse-Terre (Guadalupe, Antilhas Francesas). A partir de 1985 retorna à França. Seu nome vem mencionado entre os bispos brasileiros a partir do *Elenco* de 1964. *Ibidem*, p. 747-48, nota 12.

⁶⁰⁷ A questão não é teórica. F. Condurú Pacheco, emérito desde 1959, não participou ‘fisicamente’ de nenhuma atividade conciliar, embora tenha escrito quatro breves interventos (um em 1963 e 3 em 1964, cf. AS /II, pars IV, p. 840; AS/III, pars IV, p. 889, pars VII, p. 828 e pars VIII, p. 981). M. A. Biennès, TOR, administrador apostólico de São Luís de Cáceres, como simples sacerdote, não deixou de emitir o seu *votum* (cfr. AD I/II, Pars VII, p. 248), mas depois não foi convocado para o Concílio. L. Gomes de Arruda, TOR, nomeado ainda como presbítero, em 1964, coadjutor c.d.s. do prelado de Guajará-Mirim, teria podido participar do 4º. Período ou não?. *Ibidem*, p. 748, nota 13.

anos 60, antes da revolução eclesiológica do Vaticano II e da conseqüente reavaliação teológica do ministério episcopal, o *Annuário*, além de eventuais erros ou omissões, não reconhecia às figuras do prelado *nullius* e do bispo residencial demissionário, uma intrínseca ligação com a sede episcopal da qual tivessem sido pastores. Quando, por algum motivo, um prelado residencial deixava o ministério ativo e era transferido para uma sede titular, a memória burocrática do seu serviço eclesial não era mantida, como hoje, anexa ao registro de sua sede originária. No caso dos bispos titulares, a partir do momento em que não exercem mais funções numa diocese (como coadjutores, auxiliares, administradores apostólicos ou outras), os registros destes serviços vinham eliminados das correspondentes biografias esquemáticas.

Uma acurada operação de identificação, tomando por base o *Annuario* de 1966, cujos dados estavam ou deveriam estar atualizados até 31 de dezembro de 1965, permitiram-me arrolar os cardeais, arcebispos, bispos e prelados *nullius* (com ou sem caráter episcopal), residenciais ou eméritos (no sentido hodierno do termo) e todos os outros prelados titulares, cuja condição de membros de pleno direito da Conferência Episcopal brasileira era indiscutível: ou eram de origem brasileira, ou residiam no território brasileiro e suas sedes ou igrejas, nas quais prestavam ou haviam prestado serviço, estavam em território brasileiro. Muito mais problemática foi a identificação dos outros casos como o de bispos que, nascidos no exterior, voltaram ao seu país de origem, uma vez terminado o próprio ministério em sedes brasileiras”⁶⁰⁸.

A criação de um banco de dados com todas estas informações permitiu a construção de várias tabelas comparativas, a partir de listas construídas segundo diferentes critérios, atualizadas até novembro de 2000⁶⁰⁹ e pelas quais somos devedores a Luiz Carlos Marques. Estas diferentes listas e tabelas encontram-se nos anexos finais:

Relação nominal dos padres conciliares brasileiros “de jure” e os “de fato” presentes, em cada período do Concílio;

Relação segundo o local de nascimento: no Brasil ou no exterior, para os padres conciliares religiosos e os seculares;

⁶⁰⁸ Além de Nepote-Fus e de Pirovano, já citados, indicamos o caso de L.-M. Galibert, TOR, bispo titular de Platea, antigo prelado *nullius* de São Luís de Cáceres, que retornou à França em 1954; G. Veja Campon, ORSA, bispo titular de Oreó, antigo prelado *nullius* de Jataí, que retornou à Espanha em 1956 e o do checoslovaco M. Könnner, SVD, bispo titular de Modra, antigo prelado *nullius* de Foz de Iguaçu. Este último, tendo-se transferido para Bad Driburg, Vestefália, Alemanha, participou como ‘bispo alemão’ nos quatro períodos do Concílio. As informações do AP são insuficientes para determinar a data exata da sua renúncia e partida da diocese. No AP, a prelazia de Foz de Iguaçu desaparece sem deixar traço de 1959 a 1960, retornando como diocese, em 1978. Ibidem, p. 759, nota 14.

⁶⁰⁹ Vali-me para tanto do Banco de Dados da CNBB, repassado integralmente, por nímia gentileza de seu secretário geral, Dom Raymundo Damasceno, a quem agradeço pela confiança e cooperação.

Tabela dos Padres conciliares brasileiros, por ordem de elevação ao episcopado;

Tabela dos Padres conciliares brasileiros por idade cronológica e por tempo de episcopado;

Tabela dos Padres Conciliares brasileiros, por idade arredondada, no momento da elevação (data de publicação). Nascidos no século XIX;

Tabela dos Padres Conciliares brasileiros, por idade arredondada, no momento da elevação (data de publicação). Nascidos no século XIX;

Tabela dos Padres Conciliares brasileiros, por ordem de nascimento.

Explorando-se estas tabelas, pode-se extrair uma compreensão de certas dimensões, apenas intuídas e que afetam o conjunto dos padres conciliares brasileiros, como idade, anos de exercício episcopal, pertença ao clero religioso ou secular, condição de brasileiro ou estrangeiro e assim por diante.

Sobre esta base inicial, lancei-me ao enriquecimento da prosopografia destes padres conciliares, em duas direções: uma ligada à trajetória pessoal de cada padre conciliar, antes e depois de ser incorporado ao corpo episcopal e outra vinculada diretamente à sua participação no concílio. Para a trajetória pessoal, acrescentou-se, sempre que possível, novos elementos: nomes dos genitores, estudos realizados, atividades pastorais ou civis, antes e depois do episcopado. Quanto à participação no Concílio, ademais do nome do padre conciliar, dos períodos em que tomou parte no Concílio, da sede que ocupava naquele momento, dados já estabelecidos por Luiz Carlos L. Marques, foi acrescentada a lista das suas intervenções e eventuais cartas pastorais por ele escritas.

Os elementos biográficos foram retirados de duas publicações internas da CNBB, uma de 1983⁶¹⁰ e outra de 1997⁶¹¹ dedicadas ambas aos membros do episcopado brasileiro e complementadas por pesquisa no banco de dados da própria CNBB, atualizado até novembro de 2000.

Outros dados, sobretudo os de transferências de uma circunscrição eclesiástica para outra, de renúncia aos encargos episcopais, por idade ou doença e, finalmente, de falecimento, foram conferidos, compulsando-se, sistematicamente, ano a ano, os diretórios litúrgicos da CNBB e ainda as diferentes edições, em princípio, quinqüenais do Anuário Católico do Brasil, mas cuja cadência foi sendo dilatada ou encurtada, por diferentes

⁶¹⁰ CNBB, *Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983

⁶¹¹ CNBB, *Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (30-11-1997)*. Brasília: CNBB, 1997.

vicissitudes, ao longo destes anos: 1957, 1960⁶¹², 1965⁶¹³ (com os suplementos de 1966, 1967, 1968), 1970/71, 1977, 1981, 1985, 1993, 1997 e 2000. O Anuário foi publicado, primeiro, sob a responsabilidade da CNBB e, a partir de 1962, confiado ao CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social).

Para aqueles padres conciliares que faleceram, entre 1959 (ocasião do *votum*) e 1983, antes do primeiro opúsculo da CNBB “Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”, só restou o caminho de se organizar uma pequena biografia, a partir das notícias publicadas no Necrológio de eclesiásticos brasileiros, publicados regularmente pela Revista Eclesiástica Brasileira. Este recurso revelou-se errático, pois muitos dos falecidos não tiveram sua notícia ali estampada.

Trilhou-se, finalmente, a vereda mais trabalhosa do recurso direto aos próprios interessados, quando ainda vivos; às dioceses onde atuaram ou às congregações religiosas a que pertenceram, quando falecidos⁶¹⁴. A elas solicitou-se por telefone, fax ou correio eletrônico, estes dados, que foram quase sempre pronta e cortesmente fornecidos e, por isso, registro aqui o mais sincero agradecimento a cada uma destas pessoas e instituições que nos socorreram⁶¹⁵. Dois casos de bispos que haviam deixado o ministério episcopal, um ainda vivo e outro falecido, exigiram uma busca suplementa, mas que foi igualmente coroada de êxito⁶¹⁶.

Concluída esta parte da trajetória pessoal, passou-se à mais laboriosa, a de se pesquisar a participação conciliar de cada um dos padres conciliares brasileiros.

A pesquisa incluiu todos os que *de iure* e *de facto* foram arrolados entre os padres conciliares, quer tenham ido ao Concílio ou não, pois houve casos, como o de Felipe Conduru Pacheco, na época, bispo emérito de Parnaíba, PI, em que mesmo não

⁶¹² CNBB, Anuário Católico – 1957 (1960). Petrópolis: Vozes, 1957

⁶¹³ CERIS, Anuário Católico do Brasil, 1965 (1970/1... 2000). Rio de Janeiro: CERIS, 1965.

⁶¹⁴ Fernando Altemeyer Júnior desdobrou-se para obter os contatos com as pessoas necessárias.

⁶¹⁵ O Abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, D. José Palmeiro Mendes OSB, para os dados de D. Martinho Michler OSB; o Arquivo da Cúria de São Paulo, para os de D. Carlos Carmelo Vasconcelos Motta; D. Erwin Krätler para seu antecessor na Prelazia de Xingu, D. Clemente Geiger; D. Geraldo Verdier, para seu antecessor na Prelazia de Guajará-Mirim, D. Frei Luiz Roberto Gomes de Arruda; D. Joseph Maphouz OLM, eparca maronita de São Paulo, para D. Francisco Zayek; a Congregação do Verbo Divino para D. Manoel Könnner; a Cúria Metropolitana de Ribeirão Preto, para D. Frei Felício César da Cunha Vasconcellos e Dom Bernardo José Miele; o professor Antônio Caetano, sobre seu tempo como bispo de Ilhéus; Frei Márcio Couto O.P. sobre D. Alano Maria du Noday O.P. Muitas outras pessoas colaboraram enviando os dados solicitados. Agradeço aqui a cada uma delas de coração.

⁶¹⁶ Trata-se de Antônio Lima dos Santos, quando capuchinho e bispo de Ilhéus, BA, (1958-1968), Frei Caetano, hoje professor, residindo em Governador Valadares e Marcos Antônio Noronha, bispo de Itabira, MG, (1965-1969), falecido há três anos.

comparecendo a nenhuma das quatro sessões conciliares, enviou, por escrito, suas observações e sugestões a alguns dos esquemas em discussão na Aula Conciliar.⁶¹⁷

O método seguido foi, pois, o de compulsar o *Index Onomasticus* das *Acta Synodalia*, onde se encontram registrados os nomes de todos os padres conciliares, presentes ou ausentes do Concílio e que, por alguma razão, encontram-se citados em algum dos volumes dos 25 volumes das *AS* e dos dois *Appendix*. As diferentes razões pelas quais os nomes estão inseridos é que tornaram a pesquisa extremamente difícil, pois foi preciso verificar, a cada vez, para cada um dos nomes, a que tipo de evento se referia o registro. Os principais eventos para o registro do nome eram:

intervenção oral pronunciada na Aula Conciliar;

intervenção depositada por escrito na Secretaria Geral do Concílio;

assinatura, apoiando o texto de alguma intervenção oral ou escrita de outro padre conciliar;

inclusão na lista dos nomes dos padres que tomaram parte nas comissões preparatórias do Concílio⁶¹⁸;

menção na lista dos nomes apresentados pelas Conferências Episcopais para serem sufragados na eleição para as comissões conciliares⁶¹⁹;

notificação na lista dos 160 eleitos como membros das comissões⁶²⁰;

inclusão na listas de nomes propostos pelas Conferências Episcopais para preencher as novas vagas de membros das comissões conciliares⁶²¹;

arrolamento na lista dos eleitos ou nomeados pelo Papa para estas mesmas comissões, no segundo período⁶²²;

arrolamento na lista dos novos padres escolhidos por Paulo VI, para as comissões no III período⁶²³;

assinaturas apostas aos documentos aprovados pelo Concílio, em cada uma das sessões públicas para sua solene promulgação pelo Concílio: Sessão III – 4-12-1963: Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia e o Decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social⁶²⁴; Sessão V – 21-11-1964: Constituição dogmática *Lumen Gentium*

⁶¹⁷ As anotações de Conduru Pacheco consignadas nas Atas Conciliares referem-se aos esquemas: “*De regimine Episcoporum*”, AS II/4, 840; “*De Vita et Ministerio Presbyterorum*”, AS III/5, 889; “*De sacrorum alumnis formandis*”, AS III/7, 828 e ao “*De scholis catholicis*”, AS III/8, 981.

⁶¹⁸ AS I/1, 27-39

⁶¹⁹ AS I/1, 40-77

⁶²⁰ AS I/1, 82-88

⁶²¹ AS II/1, 80-89

⁶²² AS II/1, 90-93

⁶²³ AS III/, 17-19

⁶²⁴ AS II/6, 401ss

sobre a Igreja; Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais Católicas; Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo⁶²⁵; Sessão VII – 28-10-1965: Decreto *Christus Dominus* sobre o ministério pastoral dos Bispos na Igreja, Decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a renovação da vida religiosa, Decreto *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal, Decreto *Gravissimum Educationis*, sobre a educação cristã, Decreto *Nostra Aetate*, sobre as relações da Igreja com as Religiões não Cristãs⁶²⁶; Sessão VIII – 18-11-1965, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Divina Revelação, Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos⁶²⁷; Sessão IX – 07-12-1965, Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa, Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre a Vida e o Ministério dos Presbíteros e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje⁶²⁸;

relação dos nomes inscritos para falar numa das 168 Congregações Gerais (1 a 36 do I período; 37 a 79 do II período; 80 a 127 do III período; 128 a 168 do IV período);

relação dos nomes dos que efetivamente intervieram, pois podia suceder de um padre estar inscrito e não aparecer para ler sua intervenção; de estar inscrito e ficar sua intervenção para a próxima congregação, pois o tempo se esgotara; de estar inscrito e simplesmente não apresentá-la, porque o moderador do dia submeteu à Assembléia o quesito, se esta queria ou não prosseguir na discussão do tema ou se julgava que a matéria já fora suficientemente tratada. No caso de um voto afirmativo, as intervenções daquele dia ainda não pronunciadas, eram dispensadas e seguiam diretamente, por escrito, para a secretaria do concílio.

Sucedia ainda de o nome de algum padre ser arrolado porque viera a falecer, o que não era raro acontecer, visto a idade avançada de muitos deles. No início da Congregação Geral, era dada a notícia pelo Secretário do Concílio, sendo então pedidas, em seu sufrágio, as orações dos presentes. A seguir o Presidente do Conselho de Presidência, o Cardeal Eugène Tisserant, convidava os padres a recitarem alternadamente o salmo 123, o *De Profundis*.⁶²⁹

⁶²⁵ AS III/8, 777 ss

⁶²⁶ AS IV/5, 555ss

⁶²⁷ AS IV/6, 593 ss

⁶²⁸ AS IV/7, 647ss

⁶²⁹ Valha de exemplo o relato consignado no processo verbal da Congregação Geral de 2 de dezembro de 1965: “*Secretarius Generalis*: Congregationem Generalem 166, moderabitur em.mus ac rev.mus D. card. Iacobus Lercaro, arch. Bononiensis. Ex hac vita discessit, Patres venerabiles, exc.mus D. Ioseph Albers, ep. Lansingensis in Statibus Foederatis Americae Septemtrionalis. Oremus pro anima ipsius! Em.mus P. D. Eugenius Card. Tisserant: *De profundis clamavi ad te, Domine...* (et prosequitur alternatim cum Patribus).” AS IV/7, 103.

Todo este arco de diferentes alternativas escondidas por detrás do rol de vezes em que foi registrado o nome de um padre conciliar no Índice Onomástico, com a correspondente página da *AS*, onde se situa sua ocorrência, obrigou à verificação, um a um, de todos estes registros, para selecionar os que nos interessavam para a tese: as intervenções orais ou escritas, tanto individuais como coletivas de cada um dos padres.

Este resultado foi anexado à ficha de cada um dos padres brasileiros, constituindo um mapa exaustivo deste aspecto de sua atividade conciliar. Foi indicado igualmente o número de vezes em que determinado padre interveio, acrescido do registro da intervenção na *AS* (volume, parte, página). Este número, colocado entre colchetes [], precede o rol das intervenções de cada padre⁶³⁰.

Quando se tratou de intervenção oral, na Aula Conciliar, foi acrescentado depois do registro da página nas *AS*, o número de ordem da Congregação Geral, em algarismos romanos.

Pude constatar ainda que há omissão de nomes nos índices do Concílio. Procurei assinalar estas ocorrências, no capítulo dedicado às intervenções nas quatro sessões conciliares.

Sobrou ainda um certo número de registros de intervenções por escrito que se desgarraram nos arquivos das comissões conciliares e foram posteriormente publicadas no *Appendix* e no *Appendix Altera* das *AS*. São reconhecíveis pela sua localização nestes volumes das *AS*.

Foram recolhidos ainda outros tipos de papéis, cartas, apelos, memorandos, produzidos por padres conciliares brasileiros e dirigidos à Secretaria de Estado, ao Papa ou a algum dos organismos de direção do concílio: moderadores, conselho de presidência, comissão de coordenação dos trabalhos conciliares, secretariado do Conselho de Negócios *extra ordinem*, espécie de tribunal de apelação à disposição dos padres conciliares⁶³¹. Foram revisados também os quatro volumes de Atas da Secretaria Geral do Concílio⁶³². Pelo número de série da *AS* (V e VI), pode-se depreender facilmente que estes papéis

⁶³⁰ Maria Helena Arrochellas Corrêa encarregou-se de inserir estes dados na biografia de cada padre.

⁶³¹ Os processos verbais dos órgãos de direção do Concílio foram publicados nos três tomos do vol. V das *Acta Synodalia AS V*, Pars I: Consilium Praesidentiae (1962); Secretariatatus de Concilii negotiis extra ordinem (1962); Commissio de Concilii laboribus coordinandis (sessiones I-VII: 21 ianuarii – 23 octobris 1963).

Pars II: Commissio de Concilii laboribus coordinandis (sessiones VIII-XVII: 29 octobris 1963 – 7 octobris 1964)

Commissio de Concilii laboribus coordinandis (sessiones XVIII-XXIII: 15 octobris 1964 – 1 decembris 1965). Moderatores (30 octobris 1963 – 26 octobris 1965).

⁶³² Os papéis da Secretaria Geral do Concílio foram publicados em quatro novos tomos das *Acta Synodalia VI – Acta Secretariae Generalis*, publicados entre 1996 e 1999: *AS VI*, Pars I - IV

pertencem, não mais às intervenções na Aula ou depositadas por escrito e diretamente referentes a um tema em discussão nas Congregações Gerais. (AS I a IV).

Foi agregado, finalmente aos dados de cada padre conciliar, um outro tipo de documentação, de caráter pastoral, diretamente vinculada ao evento conciliar. Com pronta permissão do Pe. Jamil Abib, pároco da Matriz de São João Batista de Rio Claro, pesquisei em sua riquíssima biblioteca e arquivo, a coleção de pastorais dos bispos brasileiros, procurando levantar as que foram publicados, tendo por tema o concílio, algum de seus documentos ou que faziam substanciais referências aos mesmos, a fim de completar o esboço biográfico dos bispos, com estas informações. As que estão precedidas por duas estrelinhas (* *) dizem respeito a pastorais inteiramente consagradas ao Concílio, enquanto as assinaladas com uma estrelinha (*), indicam que as que consagram partes substanciais do texto ao concílio e finalmente as que não levam nenhum sinal, tratam do concílio, em alguma parte do texto.

O nome das pastorais, a data e local de sua publicação e, por vezes, um breve aceno ao conteúdo, foram acrescentados aos dados dos padres conciliares. Pe. Luiz Carlos Marques fotocopiou estas pastorais, mas não foi possível explorá-las, sistematicamente, para esta tese⁶³³.

Um último elemento foi acrescentado à vida de cada biografado, assinalado por uma cruzinha (+). Caso tenha falecido, consta depois da cruz, a data de seu falecimento. Estando vivo, foi acrescentado depois da cruz a notificação: “vivo em 31-12-2000”.

Os padres conciliares brasileiros incluídos nesta Prosopografia somam 243 e seus dados biográficos seguem abaixo, em ordem alfabética.

⁶³³ Trata-se de um excelente campo de pesquisa que enriqueceria sobremaneira nossa compreensão de como os bispos brasileiros viveram e procuraram transmitir aos seus diocesanos sua experiência conciliar. Da leitura das atividades dos bispos, vê-se também que um grande número mantinha colunas regulares nos jornais de suas cidades, além de programas, semanais e mesmo diários nas Rádios locais. Se a volatilidade dos programas radiofônicos dificulta uma exploração deste registro, o mesmo não se pode dizer dos jornais diocesanos ou civis onde os bispos expressaram, durante o concílio, suas opiniões e pontos de vista. Constituem junto com as pastorais outro vasto campo de pesquisa sobre a mentalidade dos padres conciliares, suas prioridades e a forma de transmitirem ao seu povo o evento conciliar, os documentos ali aprovados, as mudanças daí decorrentes para a vida da igreja, tanto na liturgia como na eclesiologia, na disciplina dos sacramentos e na participação dos fieis e no estilo de vida sacerdotal ou religiosa.

III.2. BISPOS BRASILEIROS À ÉPOCA DO CONCÍLIO

Título e função eclesiástica em 31/12/1965

Participação no Vaticano II da consulta (18-06-1959) ao encerramento (08-12-1965)

Dados biográficos atualizados até 31/12/2000

1 - Dom Abel Ribeiro Camelo

Bispo residencial de Goiás (Goiânia, GO), desde 14/05/1960

Votum: ADA II/7, p. 196

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Silvânia, Goiânia, GO, Brasil, em 22/09/1902

Ord. sac.: Silvânia-GO, 08/05/1927

Elev.: 06/07/1946 à Igreja titular de Curio

Consagr.: S. Paulo, SP, 27/10/1946

Estudos: cursou o primário em Silvânia, antiga Bonfim, GO. Fez os estudos de Humanidades no Seminário de Goiás; cursou a Teologia em Mariana

Antes do Episcopado: Foi Vigário em Bonfim, Santa Cruz, Anápolis, Jaraguá, Goiás e outras cidades, devendo lembrar-se que foi o primeiro Vigário da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, hoje Catedral de Goiânia; Secretário de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás

Como Bispo: em 06/07/1946, foi nomeado Bispo titular de Curio, Auxiliar de Goiás; em 1955 foi designado Administrador Apostólico da Prelazia de Jataí; Vigário Capitular da Arquidiocese Em janeiro de 1957, foi nomeado 1º Bispo Diocesano de Jataí e depois transferido para a Sé de Goiás, em 1960; foi o primeiro Diretor do Ginásio Anchieta, em Silvânia; Diretor do Ginásio Arquidiocesano Municipal de Anápolis, hoje Colégio Estadual; fundou e dirigiu a Escola Normal da Anápolis

Observ.: Goiás foi prelazia em 06/12/1745; diocese em 15/07/1826; sé metropolitana em 18/11/1932; retornou a diocese com a criação de Goiânia, GO.

Lema: “Pro Aris et Focis” (Pelos altares e pelos lares)

+ 24-11-1966

2 - Dom Acácio Rodrigues Alves

Bispo residencial de Palmares (Olinda e Recife, PE), desde 11/07/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Garanhuns, PE, Garanhuns, Brasil, em 09/04/1925

Ord. sac.: Roma, 12/03/1949

Elev.: 11/07/1962 a Palmares

Consagr.: Garanhuns, PE, 16/09/1962

Pais: Antônio Alves do Nascimento e Maria Rodrigues Alves

Estudos: 1º Grau (1932-1941), Garanhuns; 2º Grau e Filosofia (1942-1945), Olinda, PE; Teologia (1945-1949), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; Direito Canônico (1949-1951), licenciatura pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Reitor e Diretor Espiritual do Seminário de Garanhuns; Pároco de Santa Terezinha, Garanhuns; Pároco de Belém de Maria, PE; Professor de Religião no Colégio Diocesano de Garanhuns; Assistente Eclesiástico da JEC e da Legião de Maria de Garanhuns

Como Bispo: 1º Bispo de Palmares, desde 23/09/62; Assistente Regional do MEC; Membro da Comissão Episcopal do Seminário Regional; Movimento dos Focolares (ramo sacerdotal, bispos); Membro Honorário do Rotary Clube de Palmares; Presidente da Rádio Cultura de Palmares; Presidente da Comissão de Desenvolvimento da Mata Sul de Pernambuco (CODEMAS)

Lema: “Unum in Christo” (Um em Cristo)

+ vivo em 31-12-2000

3 - Dom Frei Adalberto Domênico Marzi, OFM Cap.

Bispo titular, Prelado *nullius* de Alto Solimões (Manaus, AM), desde 04/02/1961

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Spello, Foligno, Itália, em 12/04/1922

Ord. sac.: Foligno, Itália, 02/02/1947

Elev.: 04/02/1961 à Igreja titular de Sesina

Consagr.: Foligno, Itália, 09/07/1961

Pais: Giuseppe Marzi e Diotallevi Giuseppina

Estudos: 1º e 2º Graus (1928-1938) em Spello e Gualdo Tadino, Itália; Filosofia (1940-1942) Spoleto, Itália; Teologia (1943-1947), Foligno, Itália; Psicologia (1950-1951), Nápoles, Itália

Antes do Episcopado: Diretor do Seminário Menor de Gualdo Tadino, Itália; Vigário Cooperador, Benjamin Constant, AM; Vigário em São Paulo de Olivença, AM; Administrador Apostólico, em Alto Solimões, AM

Como Bispo: Prelado de Alto Solimões, AM

Lema: “Adveniat Regnum tuum” (Venha o teu Reino)

+ vivo em 31-12-2000

4 - Dom Adelmo Cavalcanti Machado

Arcebispo residencial de Maceió, AL, desde 19/10/1963

Votum: ADA II/7, p. 316-317

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Penedo, AL, Penedo, Brasil, em 05/03/1905

Ord. sac.: 04/12/1927

Elev.: 03/04/1948 a Pesqueira

Consagr.: Maceió-AL, 15/08/1948

Pais: Mateus de Souza Machado e Rosa Cavalcanti Machado

Estudos: Primário: Escola Particular Pe. Epifânio Moura, São Miguel dos Campos AL; Humanidades, Filosofia e Teologia: Seminário Metropolitano N.S. da Assunção, Maceió-AL

Antes do Episcopado: Vice-Reitor do Seminário de Maceió; Orientador da Catequese, Missões e Trabalhos pelos Índios; Capelão da Casa do Bom Pastor e Reeducandos; Reitor do Seminário de Maceió; Visitador apostólico dos Seminários do Norte e Nordeste; Assistente Eclesiástico de Ação Católica; Vigário Geral de Maceió; Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais; Organizador do IPREC

Como Bispo: Bispo de Pesqueira-PE (1948-1955); Arcebispo Coadjutor de Maceió, Titular de Leontópolis (1955-1963); Arcebispo Metropolitano de Maceió (1963-1976); Fundador da Escola de Serviço Social, da Rádio Educadora Palmares de Alagoas, do MEB, do Movimento de Evangelização dos Lares; Promotor de Semanas Ruralistas; Propugnador da formação e ordenação de Diáconos e Coordenador do Museu de Arte Sacra

Escritos de sua autoria: “O alfabeto Português”. Diretor do periódico “Apóstolo”

Cartas pastorais durante o Concílio: Mensagem aos lares cristãos, Maceió, 4 pp. s/d 1966? - Cita CD 30, PO 5, 13, 18 sobre a confissão

Lema: “Apostolus Jesu Christi” (Apóstolo de Jesus Cristo)

+ 28-11-1983

5 - Dom Frei Adolfo Luís Bossi, OFM Cap.

Bispo titular, Coadjutor c.d.s. da prelazia *nullius* de São José do Grajaú (São Luís do Maranhão, MA), desde 18/06/1958

Votum: ADA II/7, p. 320

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Sesto San Giovanni, Milão, Itália, em 23/06/1908

Ord. sac.: 23/07/1933

Elev.: 18/06/1958 à Igreja titular de Parnasso

Consagr.: 14/09/1958

Pais: Lucas e Inês Berreta

Estudos: Teologia: Capuchinhos, Lembarbas, Milão

Antes do Episcopado: Professor no Seminário Diocesano em Barra do Cervo
Bispo Emérito de Grajaú, MA, desde 22/08/1970

+ vivo em 31-12-2000

6 - Pe. Adriano Jaime Miriam Veigle, TOR

Presbítero, Prelado *nullius* de Borba (Manaus, AM), desde 18/06/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em Lilly, Pensilvânia, Altoona-Johnstown, USA, em 15/09/1912

Ord. sac.: 22/05/1937

Elev.: 23/03/1966 à Igreja titular de Gigtí

Consagr.: 09/06/1966

Pais: Frederico Jacó Foster Veigle e Anna Maria Sloan Veigle

Estudos: 1º grau: Lilly da Pa. / USA (1918-1926); 2º Grau: Loretto da Pa. / USA (1928-1930);

Filosofia: Loretto da Pa. / USA (1931-1934); Teologia: Loretto da Pa. / USA (1935-1938);

Especialização: Química, States College, Pensilvânia- USA (1941-1944)

Antes do Episcopado: Professor de Química, Reitor da Universidade, Ministro Provincial, Superior Local, em Loretto da Pa. / USA (1944-1964); Prelado de Borba, AM (1964-1966)

Como Bispo: Bispo titular de Gigtí, Prelado de Borba, AM, desde 1966, Membro da Sociedade Química Americana; Emérito de Borba, AM, desde 06/07/1988

Escritos de sua autoria: “Estudos de Sulfanilamides”; “Estudos de Dipicrylamino para determinar Potássio no Sangue”

Lema: “Ave Maria, Mater Christi” (Ave Maria, Mãe de Cristo)

+ vivo em 31-12-2000

7 - Dom Frei Adriano Mandarino Hypólito, OFM

Bispo titular, Auxiliar de São Salvador da Bahia, BA, desde 22/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/4, 324-25

N. em Aracajú, Aracajú, SE, Brasil, em 18/01/1918

Ord. sac.: Salvador, BA, 18/10/1942

Elev.: 22/11/1962 à Igreja titular de Diospoli de Tracia

Consagr.: Salvador, BA, 17/02/1963

Pais: Nicolau Antonio Hypólito e Izabel Mandarino Hypólito

Estudos: 1º Grau (1929-1934), Salvador, BA e João Pessoa, PB; 2º Grau (1935-1936), Rio Negro, PR;

Filosofia (1938-1939), Olinda, PE; Teologia (1940-1943), Salvador, BA e Lagoa Seca, PB

Antes do Episcopado: Prof. e Educador no Sem. Menor, OFM, (1943-1948/1951-1961); Mestre de Teologia, OFM (1961-1963), Salvador, BA; Definidor da Província OFM; Visitador da Província Franciscana de São Paulo (1961)

Como Bispo: Bispo Auxiliar, Salvador, BA (1963-1966); Padre Conciliar, Vaticano. II (1963/1964/1965); Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, desde 1966; Secretário do Regional Leste I; Delegado ao Sínodo Romano (1977); Dr. Theol. Honoris Causa da Univ. de Tübingen (1977); Delegado à 3º Conf. do Episc. Latino-americano em Puebla (1979). Membro da Ordem Franciscana Menor

Escritos de sua autoria: “Em amor e verdade” (opúsculo pedagógico); “Literatura Latina”; “Cancioneiro da Iduarana” (canto a 4 vozes mistas); coluna permanente em A Folha (Semanaário litúrgico da diocese de Nova Iguaçu)

Lema: “Mitte, Domine, operarios” (Enviai, Senhor, operários)

+ 10-8-1966

8 - Dom Agnelo Rossi

Cardeal Presbítero do Título da Grande Mãe de Deus (22/02/65), Arcebispo residencial de São Paulo, SP, desde 01/11/1964

Votum: ADA II/7, p. 134-135

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: Cpm

Intervenções [9] AS I/3, 353-54; AS III/1, 492; AS III/2, 227-29 LXXXIV; AS III/2, 738-39; AS III/3, 177-78; AS IV/1 399-03 CXXXI; AS IV/2, 460-65 CXXXVI; AS IV/3, 62-64 CXXXIX; AS IV/5, 29-33 CL

N. em Joaquim Egídio, Campinas, SP, Brasil, em 04/05/1913

Ord. sac.: Roma, Itália, 27/03/1937

Elev.: 05/03/1956 a Barra do Pirai

Consagr.: Campinas, SP, 15/04/1956

Pais: Vicente Rossi e Vitória Colombo Rossi

Estudos: 2º grau; Filosofia, Campinas, SP; Teologia Pontifícia Univ. Gregoriana, Roma; Especializações: Protestantismo na América Latina, Pontifícia Univ. Gregoriana, Roma; Ação Católica, Rosário e Buenos Aires, Argentina; Catequese, San Antonio, Texas, EUA

Antes do Episcopado: Secretário particular do Bispo de Campinas; Assistente da Juventude de Ação Católica (JIC e JUC); Professor no Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP; Catedrático da Univ. Católica de Campinas. Em 1944, foi nomeado Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Diretor da Faculdade de Odontologia, na mesma diocese de Campinas. Foi ao mesmo tempo diretor do jornal diocesano “A Tribuna”. Nomeado cônego honorário do Cabido diocesano. A 17 de junho de 1953, conferiu-lhe Pio XII o título de Monsenhor

Como Bispo: Bispo Diocesano de Barra do Piraí, RJ (1956-1962); Administrador Apostólico da diocese de Valença, RJ (15/06/1959 a 15/04/1961); Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto, SP (1962-1964). Deve-se a Dom Agnelo Rossi a criação das seguintes paróquias: Bento Quirino, Município de São Simão (Santo Antônio de Pádua) 14/07/1963, Ribeirão Preto, bairro do Ipiranga (São Pedro Apóstolo) 03/08/1963, Ribeirão Preto, Centro (São José) 29/03/1964, Ribeirão Preto, Sumaré (Nossa Senhora de Fátima) 29/03/1964, Ribeirão Preto, Vila Lapa (Senhor Bom Jesus da Lapa) 28/08/1964. Arcebispo Metropolitano de São Paulo, SP (1964-1970); Presidente da CNBB (1964-1967 e 1968-1972); **Cardeal Presbítero** do Título da Grande Mãe de Deus (22/02/65 - Paulo VI); Congr. Cúria em 65: Concílio, Religiosos; Com. Cúria em 65: rev. Dir. Canônico; em 22/10/1970 transferido de São Paulo para o Vaticano, como *Prefetto* da S. Congr. para Evangelização dos Povos; posteriormente **Cardeal Bispo** (Ostia e Sabina, 1984 e Poggio Mirteto, 1986), **Decano do Sacro-Colégio** (1984-93); Membro do Conselho para os Negócios Públicos da Igreja; Membro da SS. Congr. para a Doutrina da Fé, para os Bispos, para as Igrejas Orientais, para o Clero, para os Religiosos e Institutos Seculares, para as causas dos Santos e para a Educação Católica; Membro dos Secretariados para a União dos Cristãos, para os Não-Cristãos; Membro das Comissões Pontifícias para a Revisão do Código de Direito Canônico, do Código do Direito Canônico Oriental, da Com. Cardinalícia de Vigilância para as Obras de Religião.

Escritos de sua autoria: Livros: Publicou artigos especializados na “Revista Eclesiástica Brasileira” e na “Vozes de Petrópolis”, além de vários livros, Diretório Protestante no Brasil, Campinas: Paulista, 1938; A Questão Protestante no Brasil. São Paulo: O. C. Colombo, 1940; Formação de Estagiários para a Ação Católica; Preparação para o Casamento. Petrópolis: Ed. Vozes; A Filosofia do Comunismo. Petrópolis: Ed. Vozes; Manual do Catequista Popular. Petrópolis: Ed. Vozes; O Apostolado Bíblico e Ação Bíblica Protestante no Brasil. São Paulo: Ed. Vozes, 1952; Leitura de Doutrina Cristã. Petrópolis: Ed. Vozes, 1958; Cartas Pastorais, Artigos em “Revista Eclesiástica Brasileira” e em Revistas Estrangeiras.

Cartas Pastorais: Despedida e saudação (Ribeirão Preto, 15-09-1962): duas brevíssimas alusões (p. 4 e 5) ao Concílio, a menos de um mês de sua abertura, pp. 7. Carta de saudação de D. Agnelo Rossi, Arcebispo eleito de São Paulo aos seus diocesanos, 08-12-1964, pp. 15. * * Carta Pastoral - A execução da Reforma Litúrgica, São Paulo, 25-01-1965, 5 pp. Discurso: Hora Santa do Clero, 17-06-1968, São Paulo, (calcado no PO) 10 pp. * * Carta Pastoral: Diretrizes Pastorais sobre os Sacramentos do Batismo, Confirmação e Matrimônio, São Paulo, 20-12-1969, 22 pp (baseado na SC, UR trata dos casamentos mistos, reconhecimento do Batismo de outras igrejas cristãs etc.), pp. 22. * * Carta Pastoral sobre a aplicação do Concílio Vaticano II na Arquidiocese de São Paulo, São Paulo, 08-12-1966, pp. 19

Lema: “Oportet Illum Regnare” (É preciso que Ele reine)
+ 21-5-1995

9 - Dom (João) Alano Maria du Noday, OP

Bispo residencial de Pôrto Nacional (Goiânia, GO), desde 21/03/1936

Votum: ADA II/7, p. 240

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Saint-Servant, Vannes, França, em 03/11/1899

Ord. sac.: 04/08/1928

Elev.: 21/03/1936 a Porto Nacional

Consagr.: 01/05/1936

N. Saint Servant, França, 02/11/1899

Pais: Arthur Roland Du Noday e Antoinette Roland Du Noday

Estudos: No dia 04 de agosto de 1928 é ordenado sacerdote, vindo para o Brasil em 1932, sendo nomeado assistente de Ação Católica pelo Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme

Antes do Episcopado: Foi encaminhado pela família para carreira militar, prestando serviços na então colônia francesa de Marrocos (1917)

Como Bispo: Bispo de Porto Nacional (1936-1976); Membro da Ordem dos Padres Pregadores - Dominicanos. Assumindo sua Diocese, Dom Alano a ela se consagrou de corpo e alma, só vindo ao Sul do Brasil quando as necessidades de sua Diocese assim o exigiam. Somente uma vez voltou à Europa, por ocasião da I Sessão do Concílio Vaticano II (outubro-novembro de 1962). De sua imensa diocese foram depois sendo desmembradas as Prelazias do Tocantinópolis (1954), de Cristalândia (1956) e de Miracema (1966). Graças a D. Alano, o Brigadeiro Eduardo Gomes, seu amigo pessoal, sentiu-se incentivado para o pioneirismo do Correio Aéreo Militar, criando a rota do Rio de Janeiro até Belém do Pará, passando por todo o norte goiano. Por serviços prestados, foi agraciado com a comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul (02/10/1953) e a de Grande Oficial da Ordem do Mérito da Aeronáutica (23/19/1965). Renunciando ao seu posto de bispo diocesano em 1976, foi terminar seus dias como simples vigário em um pequeno lugarejo (Campos Belos), entre seus queridos fiéis
+ 04-12-1985

10 - Dom Alberto Frederico Etges

Bispo residencial de Santa Cruz do Sul (Porto Alegre, RS), desde 01/08/1959

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Santa Cruz do Sul, diocese de Santa Cruz do Sul, Brasil, em 11/07/1910

Ord. sac.: Roma, Itália, 20/04/1935

Elev.: 01/08/1959 a Santa Cruz do Sul

Consagr.: Porto Alegre, RS, 25/10/1959

Pais: João Etges e Otilia Eidt

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia (1924-1931), São Leopoldo, RS; Teologia (1932-1937), São Leopoldo e Roma na Pontifícia Universidade Gregoriana

Antes do Episcopado: Assistente da Ação Católica de Porto Alegre. De volta ao Brasil, iniciou suas atividades pastorais na Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, como Cooperador. A seguir, exerceu importantes apostolados especializados em diversos setores. Dirigiu, em Porto Alegre, a Obra das Vocações Sacerdotais, que organizou e levou a rápido florescimento em numerosas Paróquias. Foi o fundador e também assistente, em 1941, da Juventude Universitária Católica (JUC). Muitos estudantes encontraram nele, nos anos decisivos de formação, um amigo, educador e conselheiro, compreensivo e dedicado. Ideou e concretizou uma iniciativa muito boa para os estudantes que vinham do interior para a capital: as “Casas do Estudante”, que se espalharam pela capital. Desempenhou também as funções de Secretário Auxiliar do Arcebispado, Diretor das Conferências Pastorais do Clero, Assistente Eclesiástico do Serviço Católico de Imigração, Assistente Eclesiástico da secção regional das Bandeirantes, Capelão do Asilo Providência, da Comunidade das Irmãs Paulinas e da Casa Coração Eucarístico das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado

Como Bispo: Bispo de Santa Cruz do Sul (1959-1986); Membro da Comissão Episcopal de Pastoral do Regional Sul 3

Escritos de sua autoria: Coluna permanente “Os caminhos da Igreja”, na “Gazeta do Sul, e “Igreja em Comunhão”, no “Riovale”

Programas: “Palavra do Pastor” e “Somos todos irmãos”, Cadeia Diocesana de Emissoras

Lema: “Parare plebem perfectam” (Preparar um povo perfeito)

+ 08-01-1996

11 - Dom Alberto Gaudêncio Ramos

Arcebispo residencial de Belém do Pará, PA, desde 09/05/1957

Votum: ADA II/7, p. 137-139

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS III/6, 602-04; AS III/6, 653-55

Cartas pastorais durante o Concílio: * * III Carta Pastoral, Belém, 02-02-1965, pp. 15 - Aplicação da Reforma Litúrgica do Vaticano II

Observ.: Autor de o *Conciliábulo*, jornal mural diário publicado na *Domus Mariae* durante os quatro períodos conciliares (originais do 2º, 3º e 4º volume no FVatII/SP)

N. em Belém do Pará, PA, Brasil, em 30/03/1915

Ord. sac.: Belém, PA, 01/10/1939

Elev.: 30/08/1948 a Manaus, AM

Consagr.: Belém, Arquidiocese de Belém, PA, 01/01/1949

Pais: Manoel Gaudêncio Ramos e Aurora d'Abreu Pereira Ramos

Estudos: 1º grau (1925-1931), Belém, PA; 2º grau, Filosofia e Teologia (1932-1939), Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Secretário do Arcebispado, Vigário Geral, Capelão, Assistente Eclesiástico, Professor de Seminário e Prof. de Religião, (1941-1948), Belém, PA

Como Bispo: Bispo de Manaus, AM (1949); Arcebispo de Belém, PA (1957-1990); Administrador Apostólico da Arquidiocese de Manaus e da Prelazia de Parintins, AM, Abaeté do Tocantins e Ponta de Pedras, PA; Presidente do Secretariado Nac. do Ensino de Religião da CNBB; Presidente da Comissão Episcopal do Regional Norte - 2; vice-presidente da CNBB; Membro da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB; Membro da Academia Paraense de Letras; da Academia Amazonense de Letras; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; do Conselho Estadual de Cultura do Pará

Escritos de sua autoria: Livros: "A última aula"; "Cronologia Eclesiástica da Amazônia"; "No Silogeu amazonense"; "Discursos"; "Mensagem do Círio de Nazaré"; "Quatro dias com o Papa": 6 Cartas Pastorais. Coluna Permanente, Notícias Católicas Diárias, em "A Província do Pará" e Recanto do Pastor, semanal, em "A Voz de Nazaré"; Programas: "A Voz do Pastor", Rádio Clube do Pará; "Religião é Cultura", Rádio Cultura do Pará; "Programa de Oséias", Rádio Marajoara

Lema: "Semper inhaerere mandatis" (Aderir sempre aos mandamentos)

+ 26-11-1991

12 - Dom Alberto Trevisan, SAC

Bispo titular, Auxiliar do vigário castrense no Brasil, desde 25/02/1964

Vaticano II: não participou

N. em Novo Treviso, Santa Maria, Brasil, em 22/06/1916

Ord. sac.: 27/12/1942

Elev.: 25/02/1964 à Igreja titular de Centuriones

Consagr.: 17/05/1964

Pais: Jacob Trevisan e Amabile Daros Trevisan

Estudos: 2º grau: Seminário S. José, Santa Maria, RS; Filosofia e Teologia: Seminário Central, São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Pároco, Capelão Militar, Provincial. Em 1944, foi nomeado Vigário Cooperador em Cruz Alta e Capelão do Ginásio Cristo Redentor. Em 1945, trabalhou no Patronato A. Ramos, de Santa Maria, como secretário do Pe. Rafael Iop. Em 1946, fez estágio para a Capelania Militar. Em 1947, foi nomeado Capelão da Vila Militar do Estado da Guanabara, trabalhando como Cooperador na Paróquia de São José de Magalhães Bastos. Em 1949, recebeu encargo de Capelão da Escola de Pára-quedistas. Pe. Alberto foi o primeiro sacerdote brasileiro a fazer o curso de pára-quedismo, acompanhando o grupo em todos os saltos pelos vários Estados brasileiros. Em 1954, foi transferido para Cruz Alta, para ser o Capelão da guarnição local. De 1959 a 1961, sem deixar a Capelania Militar, exerceu o cargo de Provincial Palotino da Província de Nossa Senhora Conquistadora, com sede em Santa Maria. Os sacerdotes palotinos trabalham no Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso e Guanabara. De 1961 até 1964, foi Capelão Militar, Vigário Cooperador e Professor em Cruz Alta

Como Bispo: Bispo Auxiliar para o Vicariato Militar (1964-1967); Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1967-1976). Exerceu as funções de Bispo auxiliar do Vicariato Militar e da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Nessa mesma Diocese, exerceu diversas funções, dentre as quais, a de Vigário Episcopal do Centro Pastoral Oeste, atualmente Vicariato Episcopal Oeste. Bispo Auxiliar Emérito de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, desde 31/13/1976

Escritos de sua autoria: Verdade e Vida (Catecismo)

Lema: Soldado de Cristo Jesus

+ 18-03-1998

13 - Dom Alexandre Gonçalves do Amaral

Arcebispo residencial de Uberaba, MG, desde 14/04/1962

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [3] AS I/1, 417-18 - VI; AS II/5, 308-10; AS II/6, 115-17

N. em Carmo da Mata, Oliveira, então Belo Horizonte, MG, Brasil, em 12/06/1906

Ord. sac.: 22/09/1929

Elev.: 05/08/1939 a Uberaba

Consagr.: 29/10/1939

Pais: Benjamim Gonçalves e Maria Cândida do Amaral

Estudos: Humanidades, Filosofia e Teologia, no Seminário Coração Eucarístico, Belo Horizonte, MG

Antes do Episcopado: Vigário do Calafate; Reitor do Seminário; Professor e Diretor Espiritual; Assistente da Ação Católica em Belo Horizonte, MG

Como Bispo: Bispo de Uberaba, MG (1939-1961); Arcebispo de Uberaba, MG (1962-1978)

Obras Publicadas: “Primeira Carta Pastoral”, de saudação aos diocesanos de Uberaba (1939); Circular sobre os “Católicos e o Censo” (1940); “Pastoral Coletiva” do Episcopado da Prov. Eclesiástica de Belo Horizonte (1941); “Segunda Carta Pastoral” (em defesa do clero) (1943); “Oração Fúnebre de D. José Gaspar de Affonseca e Silva” (1943); “Conceito Cristão da Autoridade”, (1944); “Os Católicos e a Política” (1946); Três discursos sobre a Ação Católica, (1947); “Plenitude Cristã do intelectual pela Liturgia”, (1952); “Esposa do Rei”. 4.982 artigos doutrinários do “Correio Católico” de Uberaba; “Menor Abandonado e Criminalidade”, (1979)

Lema: “Ut vitam habeant” (Para que tenham a vida)

+ vivo em 31-12-2000

14 - Dom Alfonso Maria Ungarelli, MSC

Bispo titular, Prelado *nullius* de Pinheiro (São Luís do Maranhão, MA), desde 13/11/1948

Votum: ADA II/7, p. 286-298

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: MIm

Intervenções [4] AS I/1, 336-38 - IV; AS I/1, 658-61; AS III/6, 633-34; AS IV/4, 652-55

N. em Marrara, Ferrara, Itália, em 02/05/1897

Ord. sac.: Roma, Itália, 22/12/1928

Elev.: 13/11/1948 à Igreja titular de Azura

Consagr.: São Paulo, SP, 27/03/1949

Pais: Gaetano Ungarelli e Cecília Bergami Ungarelli

Estudos: Em 02/05/11897, fez o Curso de Química e se incorporou ao exército na Primeira Grande Guerra (1914-1918). Esteve na frente de batalha, caiu prisioneiro dos austríacos e passou grandes privações em um campo de concentração, na Hungria. Libertado no fim da guerra, procurou um meio de realizar sua vocação missionária, e ingressou na Congregação dos Missionários do Sagrado Coração (MSC); Doutor em Química pela Universidade de Bolonha, Itália (1921); Bacharel em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana, Roma; Doutor em Teologia pela Univ. Gregoriana, Roma (1929)

Antes do Episcopado: Superior Religioso em Florença, Itália; Diretor dos Estudantes de Filosofia e Teologia em Florença, Itália; Diretor do Seminário Menor dos Religiosos Missionários do Sagrado Coração em Narni, Itália; Administrador Apostólico de Pinheiro, MA

Como Bispo: Administrador Apostólico de Pinheiro MA (1946-1948); Bispo Prelado de Pinheiro, MA (1948-1975); Administrador Apostólico de Cândido Mendes, MA

Lema: “Ex forti dulcedo” (Do forte saiu a doçura)

+ 23-05-1988

15 - Dom Alfonso Niehues

Arcebispo titular, Coadjutor c.d.s. de Florianópolis, SC, desde 03/08/1965

Votum: ADA II/7, p. 203-205 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em São Ludgero, Tubarão, Brasil, em 23/08/1914

Ord. sac.: Roma, Itália, 16/04/1938

Elev.: 08/01/1959 à Igreja titular de Eureka do Epiro

Consagr.: Brusque, SC, 05/04/1959

Pais: Germano Niehues e Teresa Rohden

Estudos: 1º grau (1922-1926) S. Ludgero, SC; 2º grau e Filosofia, Brusque, SC (1927-1934); Teologia (1935-1938) São Leopoldo, RS e Pontifícia Univ. Gregoriana, Roma, Itália; Faculdade de Direito Canônico (1939), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália

Antes do Episcopado: Prefeito de Disciplina e Professor no Seminário Menor de Brusque, Azambuja, SC (1940-1942); Reitor do Pré-Seminário de S. Ludgero, SC (1943-1946); Reitor do Seminário Menor de Brusque, Azambuja, Sc (1947-1958)

Como Bispo: Bispo Coadjutor c.d.s., Lages, SC (1959-1965), Arcebispo Coadjutor c.d.s. e Adm. Apostólico *sede plena* (1966-1967); Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, SC (1967-1991); Secretário nacional dos Seminários (1966-1970); Secretário Regional da CNBB Sul - 4 (1970-1979); Delegação Bispos do Brasil na III Conf. Episcopal Latino-Americana, em Puebla; Presidente da Fundação D. Jaime de Barros Câmara (1973-1979)

Escritos de sua autoria: artigos esparsos

Lema: “Ite in vineam” (Ide para a vinha)

+ 30-09-1993

16 - Dom Alfredo Vicente Scherer

Arcebispo residencial de Porto Alegre, RS, desde 30/12/1946

Votum: ADA II/7, p. 239

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: TEM

Intervenções [1] AS III/8, 756-58

N. em Bom Princípio, Montenegro, RS, Porto Alegre, RS, Brasil, em 05/02/1903

Ord. sac.: Roma, Itália, 03/04/1926

Elev.: 13/06/1946 à Igreja titular de Emeria

Consagr.: Porto Alegre, RS, 23/02/1947

Pais: Pedro Scherer e Ana Oppermann

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1914-1924), Seminário Provincial de São Leopoldo, RS; Teologia (1924-1928), São Leopoldo, RS e Pontifícia Univ. Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Secretário Particular de D. João Becker; foi depois enviado para o centro de Guaíba, a fim de organizar as Paróquias de Barra do Ribeiro e de Tapes. Quando exercia a função de Vigário na Paróquia de São Geraldo, Pio XII o nomeou Bispo titular de Emeria

Como Bispo: Arcebispo de Porto Alegre, RS, (1947-1981); **Cardeal Presbítero** do Título de N. Sra. de La Salette (28/04/1969 - Paulo VI); Presidente do Regional Sul III; 1º. Vice-presidente da CNBB (1968-1972); Presidente da CNBB, no lugar de Dom Agnelo Rossi, chamado a Roma (1970-1972); Membro do Secretariado dos Leigos do CELAM; Membro das Congr. Romanas dos Bispos e da Propagação da Fé; Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Renunciou em 16/09/81. Desenvolveu uma diversificada e incansável atividade pastoral, que se desdobrava nos campos religiosos e sociais. Dentre as suas mais importantes contribuições podem ser lembradas: a construção do Seminários de Arroio do Meio e Bom Princípio bem como a reorganização do Seminário Maior de Viamão, na ocasião o maior de toda a América Latina, que voltou para a responsabilidade do clero secular, depois de estar por muitas décadas com os padres jesuítas, em São Leopoldo, RS. O incremento dado às vocações sacerdotais levou Dom Scherer a prover à distribuição dos seminaristas segundo uma nova estruturação dos limites da Arquidiocese. No período em que esteve à frente da Arquidiocese porto-alegrense, Dom Vicente Scherer ordenou 435 sacerdotes, dos quais nove são bispos, e fundou 85 Paróquias. Desenvolveu intensa atividade também no terreno social: organizou e erigiu, em Viamão, uma casa para a recuperação de menores abandonados; fundou o Secretariado da Ação Social para a coordenação de inúmeros centros de assistência, dentre os quais se destaca a “Cidade de Deus”. Diante dos freqüentes conflitos na zona rural, Dom Vicente fundou a “Frente Agrária”, movimento de inspiração cristã para promover socialmente os agricultores gaúchos, e uma Escola Rural. A Reforma Agrária, de que tanto se fala até hoje, teve nele um pioneiro e infatigável advogado. Ele criou, em Porto Alegre, novos organismos, como o Conselho Presbiteral e a Comissão para o Apostolado dos Leigos

Escritos de sua autoria: Alocuções sobre “Os Problemas do Trabalhador Rural” (compiladas em livros por pessoas interessadas). Publicações em jornais das alocuções feitas pelo Rádio; artigos em revistas e jornais

Programa: “A Voz do Pastor” (semanal), na Rádio local, há 19 anos (sem interrupção)

Lema: “Evangelizare misit me” (Enviou-me a evangelizar)

+ 08-03-1996

17 - Dom Almir Marques Ferreira

Bispo residencial de Uberlândia (Uberaba, MG), desde 19/08/1961

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º período

N. em Patrocínio, Patos de Minas, Brasil, em 11/11/1911

Ord. sac.: 17/11/1935

Elev.: 23/04/1957 à Igreja titular de Arindela

Consagr.: 05/08/1957

+ 01-01-1984

18 - Dom Frei Aloisio Lorscheider, OFM

Bispo residencial de Santo Ângelo (Porto Alegre, RS), desde 03/02/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: Ucm

Intervenções [7] AS II/5, 801-02; AS II/6, 123; AS III/4, 964; AS III/7, 631-32; AS III/8, 929-30; AS IV/2, 211-13; AS II/3, 510-11

N. em Estrela, Porto Alegre, RS, Brasil, em 08/10/1924

Ord. sac.: Divinópolis, MG, 22/08/1948

Elev.: 03/02/1962 a Santo Ângelo

Consagr.: Porto Alegre, RS, 20/05/1962

Pais: José Aloisio Lorscheider e Verônica Gerhardt Lorscheider

Estudos: 1º e 2º graus: Seminário Seráfico São Francisco, Taquari, RS (1934-1942); Filosofia: Daltro Filho e Divinópolis, MG, Convento dos Franciscanos (1945-1948); Teologia: Divinópolis, Convento dos Franciscanos (1945-1948); Doutorado: Licenciatura e Doutorado em Teologia Dogmática (1949-1952) - Pontifício Ateneu Antoniano, Roma/ Itália

Antes do Episcopado: Professor do Colégio Seráfico de Taquari, RS (1949-1952); Professor de Teologia Dogmática, Espiritualidade e Pastoral em Divinópolis, MG (1953-1958); Professor de Teologia Dogmática e Diretor dos Estudantes no Pontifício Ateneu Antoniano em Roma (1958-1962); Conselheiro Provincial na Província Santa Cruz, MG; Diretor dos Estudantes, Divinópolis, MG; Visitador Canônico da Província Franciscana Portuguesa

Como Bispo: Bispo de Santo Ângelo, RS (1962-1973); Secretário Geral da CNBB (06/1968-1971); Presidente da CNBB (1971-1978); Secretário Nacional de Teologia e Ecumenismo da CNBB (1964-1971); Coordenador da Comissão Episcopal de Doutrina; Arcebispo de Fortaleza, CE (1973-1995); Vice-presidente do CELAM (1972-1974); Presidente do CELAM (1974-75; 76-79); **Cardeal Presbítero** do Título de S. Pedro de Montorio (24/05/1976 - Paulo VI); 1º Vice-Presidente e Presidente da Cáritas Internacional; Membro do Secretariado para a União dos Cristãos; Membro do Conselho Pontifício “Cor Unum”; Membro do Conselho Permanente do Sínodo; Representante da CNBB junto ao CELAM; Membro de Congregação para os Bispos; Membro da Congregação para o Clero; Membro da Congregação para os Institutos de Vida Religiosa e Vida Apostólica; Membro do Conselho Pontifício da Cultura; Delegado à Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América em função do ofício (1997); transferido a Aparecida, SP em 12/07/1995

Lema: “In Cruce Salus et Vita” (Na Cruz, a salvação e a vida)

+ vivo em 31-12-2000

19 - Dom Alonso Silveira de Mello, SJ

Bispo titular, Prelado *nullius* de Diamantino (Cuiabá, MT), desde 13/06/1955

Votum: ADA II/7, p. 274-275

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Cruz Alta, Santa Maria, Brasil, em 21/01/1901

Ord. sac.: Porto Alegre, RS, 06/12/1932

Elev.: 13/06/1955 à Igreja titular de Nasai

Consagr.: Porto Alegre, RS, 21/08/1955

Pais: João de Deus Oliveira de Mello e Rosalina Morais Silveira

Estudos: 1º grau (1908-1914), Cruz Alta, RS; 2º grau (1915-1919), São Leopoldo, RS; Filosofia (1924-1926) Nova Friburgo, RJ; Teologia (1930-1933), São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Professor em Florianópolis, SC, (1926-1929); Regente do Seminário, São Leopoldo, RS (1934); Pároco, Missionário, Administrador Apostólico da Prelazia de Diamantino, MT,

(1944-1955). Designado para a missão de Diamantino, MT, ali chegou em abril de 1936, em uma hora delicada, pois os missionários designados para aquela área tinham sido forçados a recuar da estação telegráfica Major Amarante para a de Utiariti. Em Major Amarante, foi destinado para ministro da missão de Santa Terezinha do Mangabal. Empenhou-se então em trabalhar na aculturação dos índios Nhambiquara, na margem direita do Rio Juruena e ao exercício da catequese

Como Bispo: Bispo Prelado de Diamantino, MT (1955-1971); Fundou o Aeroclube de Diamantino e favoreceu as emissoras de rádio

Escritos de sua autoria: “Gramática do Idioma Pareci” (1942)

Lema: “Ut Iesum cognoscant” (Para que conheçam a Jesus)

+ 02-10-1987

20 - Pe. Alquilio Alvarez Díez, OAR (ou ORSA)

Presbítero, Prelado *nullius* de Marajó (Belém do Pará, PA), desde 06/05/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Carrizal, León, Espanha, em 11/07/1919

Ord. sac.: Ribeirão Preto, SP 10/10/1944

Elev.: 13/06/1967 à Igreja titular de Giunca di Mauritania

Consagr.: Soure, Ilha de Marajó, PA 03/09/1967

Pais: Constantino Alvares Díez e Maria Díez

Estudos: 1º e 2º graus (1933-1940), San Sebastian, Espanha; Filosofia e Teologia, Franca, SP

Antes do Episcopado: Membro da Ordem dos Agostinianos Recoletos; Coadjutor (1955); Vigário; Secretário da Prelazia; Superior Religioso; Vigário Geral em Soure, Marajó; Delegado por duas vezes ao Capítulo Provincial, São Paulo e Madri, Espanha; de 06/05/65 a 13/06/67 foi Prelado, mas não Bispo

Como Bispo: Prelado de Soure, Ilha de Marajó, PA. (1967-1985)

Lema: “Pro salute animarum” (Pela salvação das almas)

+ 03-11-1985

21 - Dom Altivo Pacheco Ribeiro

Bispo residencial de Barra do Pirai-Volta Redonda, RJ, desde 04/04/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Cataguases, MG, Leopoldina, Brasil, em 24/05/1916

Ord. sac.: 08/12/1948

Elev.: 04/04/1963 a Barra do Pirai

Consagr.: 11/06/1963

Pais: Narciso Ribeiro e Celestina Pacheco Ribeiro

Estudos: Seminários de Juiz de Fora e Mariana, MG

Antes do Episcopado: Pároco em Bias Fortes, MG e Rio Preto, MG

Como Bispo: Bispo de Barra do Pirai e Volta Redonda, RJ. (1963-1966); Bispo de Araçuaí, MG. (1966-1973); Auxiliar de Juiz de Fora, MG (1973-1987)

Lema: “In omnibus Christus” (Cristo em Todos)

+ 13-06-1987

22 - Dom Amedeo González Ferreiros, O. de M.

Bispo titular, Prelado *nullius* de São Raimundo Nonato (Teresina, PI), desde 23/12/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em San Pedro de Sindrán, Monfort, Lugo, Espanha, em 23/07/1911

Ord. sac.: 22/12/1934

Elev.: 18/02/1963 à Igreja titular de Metre

Consagr.: Rio de Janeiro, RJ, 19/05/1963

Estudos: Fez todos os estudos exigidos em Monforte de Lemos, Espanha

Antes do Episcopado: Presbítero Prelado *nullius* de São Raimundo Nonato (1962-1963)

Como Bispo: Bispo Prelado *nullius* de São Raimundo Nonato (1963-1968)

+ 20-03-1995

23 - Dom Amleto De Angelis, MSC

Bispo residencial de Viana (São Luís do Maranhão, MA), desde 30/05/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Artena, Segni, Itália, em 07/01/1919

Ord. sac.: 18/07/1943

Elev.: 30/05/1963 a Viana

Consagr.: 14/07/1963

Estudos: Após o Ginásio e o Liceu, matriculou-se na Pontifícia Universidade Gregoriana, licenciando-se em Teologia

Antes do Episcopado: Trabalhou como Coadjutor e Pároco nas Arquidioceses de Fortaleza e São Luís do Maranhão. Na capital maranhense, além do ministério na Igreja de Sant'Ana e no Hospital Português, ainda se dedicou ao ensino e ao Movimento Familiar Cristão. Exerceu também o múnus de Vigário Geral da Prelazia de Pinheiro

Como Bispo: Bispo de Viana (1963-1967)

+ 25-02-1967

24 - Pe. Angelo Maria Rivato, SJ

Presbítero, Prelado *nullius* de Ponta de Pedras (Belém do Pará, PA), desde 29/04/1965

Vaticano II: 4º período

N. em San Giovanni Ilarione, Vicenza, Itália, em 03/12/1924

Ord. sac.: Vicenza, Itália, 29/06/1951

Elev.: 13/06/1967 à Igreja titular de Germania di Numidia

Consagr.: Ponta de Pedras, PA, 06/08/1967

Pais: Leonardo Rivato e Elvira Cavazza Luigia

Estudos: 1º grau: S. Giovanni Iparione, Verona, Itália; 2º grau: Verona / Itália; Filosofia: Seminário, Vicenza / Itália (1946-1951); Teologia: Seminário, Vicenza (1948-1951); Outros cursos: De Comunicação, Pastoral Social, Psicologia. Em 1958 entrou na Companhia de Jesus

Antes do Episcopado: Vigário e Cooperador em Vicenza, Itália (1951-1959); Superior dos Jesuítas e Assistente Regional do MFC, CCMM e Leigos, Belé, PA (1963-1965); a prelazia foi criada em 25/06/1963; de 29/04/65 a 13/06/67 Prelado, mas não Bispo

Como Bispo: renunciou à sede titular em 26/05/1978; confirmado Bispo residencial da nova diocese de Ponta de Pedras (16/10/1979) em 04/12/1979

Escritos de sua autoria: Orientações para a evangelização (catequese) para o requerimento das CEBs (1967)

Lema: “Ubi Caritas Ibi Deus” (Onde está o amor, aí está Deus)

+ vivo em 31/12/2000

25 - Dom Aniger Francisco Maria Melillo

Bispo residencial de Piracicaba (Campinas, SP), desde 29/05/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Campinas, Campinas, SP, Brasil, em 07/06/1911

Ord. sac.: Campinas, SP, 31/12/1933

Elev.: 29/05/1960 a Piracicaba

Consagr.: Campinas, SP, 29/06/1960

Pais: Vicente Melillo e Regina Morato Melillo

Estudos: Colégio São Luís, São Paulo, SP; Seminário Menor de Campinas; Filosofia e Teologia em Campinas, antes da centralização dos Seminários de São Paulo

Antes do Episcopado: Coadjutor da Matriz do Carmo; Secretário particular de D. Barreto; Coadjutor de Santo Antônio de Piracicaba, SP; Pároco da Matriz do Carmo, Campinas; Reitor do Seminário Menor de Campinas; Vigário de Iracemápolis, SP; Cônego do Cabido da Catedral de Campinas

Como Bispo: Bispo de Piracicaba, SP (1960-1984)

Escritos de sua autoria: “Carta Pastoral de Saudação”

Lema: “Omnes unum sint” (Que todos sejam um)

+ 17-04-1985

26 - Dom Frei Anselmo Pietrulla, OFM

Bispo residencial de Tubarão (Florianópolis, SC), desde 11/05/1955

Votum: ADA II/7, p. 263

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Knurow, Katowice, Polônia, em 12/09/1906

Ord. sac.: Salvador, BA, 21/05/1932

Elev.: 13/12/1947 à Igreja titular de Comana

Consagr.: Salvador, BA, 08/02/1948

País: Roberto Pietrulla e Ana Pietrulla

Estudos: 1º e 2º graus, Colégio Federal, Alemanha; Filosofia e Teologia (6 anos), Salvador, BA e Olinda, PE, no Seminário dos Franciscanos; Cursos intensivos diversos

Antes do Episcopado: Coadjutor em Igreja Nova, AL; Coadjutor e Vigário em Aracajú, SE; Administrador Apostólico da Prelazia de Santarém, PA(1941-1948)

Como Bispo: Bispo Prelado de Santarém, PA (1948-1949); Bispo de Campina Grande, PB (1949-1955); Bispo de Tubarão, SC de 1955 a 30/09/81; Visitador Apostólico das Monjas Clarissas e Irmãs Concepcionistas, desde 1971; Visitador Apostólico da Cong. dos Santos Anjos, (1973-1974)

Programas: “Voz do Pastor”, aos domingos

Lema: “Gratiae et Veritati” (Para a Graça e Verdade)

+ 25-05-1992

27 - Dom Antonio Barbosa (Guimarães), SDB

Bispo residencial de Campo Grande (Cuiabá, MT), desde 23/01/1958

Votum: ADA II/7, p. 150-155

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, em 10/05/1911

Ord. sac.: São Paulo, SP, 06/12/1936

Elev.: 23/01/1958 a Campo Grande

Consagr.: São Paulo, SP, 01/05/1958

País: Benedito Barbosa e Cecília Giorgi Barbosa

Estudos: 1º grau (1919-1923), São Paulo, SP; 2º grau e Filosofia (1924-1930) Lavrinhas, SP, Teologia (1933-1936) São Paulo, SP; Direito Canônico (1937-1939), Pont. Univ. Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Professor de Direito Canônico no Pont. Ateneu Salesiano de Turim, Itália (1940-1945); Professor de Direito Canônico e Reitor do Instituto Pio XI, São Paulo, SP (1947-1952); provincial Salesiano (1952-1958)

Como Bispo: 1º Bispo (1958-1978) e 1º Arcebispo de Campo Grande, MS (27/11/78-1986); Membro da Comissão Central e Representativa; Presidente do Regional Extremo-Oeste da CNBB

Lema: “Evangelizare divitias Christi” (Anunciar as riquezas de Cristo)

+ 03-05-1993

28- Dom Antonio de Almeida Lustosa, SDB

Arcebispo titular, emérito de Fortaleza, CE, desde 16/02/1963

Votum: ADA II/7, p. 174–175

Vaticano II: 1º período

N. em São João Del Rei, São João Del Rei, Brasil, em 11/02/1886

Ord. sac.: 28/01/1912

Elev.: 10/06/1924 a Uberaba

Consagr.: 11/02/1925

Exerceu seu ministério episcopal em Uberaba-MG (1925-1929), Corumbá-MT (1928-1931); Arquidiocese de Belém do Pará-PA (1931-1941), e como arcebispo de Fortaleza-CE (1941-1963).

Renunciou em 16 de fevereiro de 1963

+ 14-08-1974

29 - Dom Antonio Ferreira de Macedo, CSSR

Arcebispo titular de Gangra, coadjutor *sedi datus* de Aparecida, SP, desde 22/06/1964

Votum: ADA II/7, p. 315-316; 251-254 coletivo

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS APPENDIX PRIMA 522-23 (III/8, pp. 239-359); AS III/4, 413-15

N. Graminha, em Guaratinguetá, SP, Taubaté, SP, Brasil, em 30/10/1902

Ord. sac.: München, Alemanha, 20/07/1928

Elev.: 20/04/1955 à Igreja titular de Attuda

Consagr.: Aparecida - SP, 26/06/1955 titular e coadjutor *sedes datus* de Aparecida-SP

Pais: Cláudio Ferreira de Macedo e Cecília Macedo

Estudos: 1º e 2º graus (1916-1922); Filosofia e Teologia (1923-1929), München, Alemanha; Arqueologia Cristã (1929), Roma, Itália

Antes do Episcopado: Vigário Coadjutor e Prof. no Sem. Menor de Aparecida, SP, (1930-35); Missionário Popular (1935-1939); Reitor do Sem. Maior da Congregação, Tietê, SP. (1939-42); Reitor do Convento dos Redentoristas, Cachoeira do Sul, SP, (1946-47); Superior Provincial da Congregação (1947-1955). Fez construir o prédio atual do Seminário de Santo Afonso, em Aparecida. Iniciou, igualmente, a construção dos conventos da Penha e do Jardim Paulistano, em São Paulo, SP

Como Bispo: Bispo Auxiliar de São Paulo (1955-1964); Arcebispo Coadjutor de Aparecida, SP (1964-1977); Emérito desde 01/12/1977

Escritos de sua autoria: Livro: “Histórico sobre o Santuário de Aparecida”. Artigos em jornais e revistas, v.g. “Ecos Marianos”

Lema: “Ex amore Jesu et Mariae” (Por amor de Jesus e de Maria)

+ 28-02-1989

30 - Dom Antônio Batista Fragoso

Bispo residencial de Crateús (Fortaleza, CE), desde 28/04/1964

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Teixeira, Patos, então Paraíba, PB, Brasil, em 10/12/1920

Ord. sac.: João Pessoa, PB, 02/07/1944

Elev.: 13/03/1957 à Igreja titular de Ucres

Consagr.: João Pessoa, PB, 30/05/1957

Pais: José Fragoso da Costa e Maria José Batista da Costa

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia, Seminário da Paraíba, (1934-1944)

Antes do Episcopado: Capelão do Colégio Pio X e de N. Sra. de Lourdes em João Pessoa, PB; Assistente do Círculo Operário Católico, em João Pessoa; vice-reitor e Prof. no Seminário de João Pessoa (1945-1957); Assistente Rel. da JOC no Nordeste (1950-1957)

Como Bispo: Bispo Auxiliar de S. Luís do Maranhão (1957-1963); Vigário Capitular em São Luís do Maranhão (1963-1964); Bispo Diocesano de Crateús, CE (1964 a 18-02-1998). Encarregado do Departamento de Catequese no NE 1, Membro da Comissão Episcopal do Departamento de Leigos do CELAM; Membro da Comissão Representativa da CNBB

Escritos de sua autoria: Livros: “Évangile et Révolution Sociale”, Ed. Du Cerf, Paris, 1969: “El Evangelio de la Esperanza”. Ed. Sigueme, Madrid, 1973

Cartas pastorais durante o Concílio: Primeira Carta Pastoral - Dom Antônio Batista Fragoso, bispo de Crateús, 09-08-1964, pp. 11. Duas alusões ao Concílio: “Deus me quer o Animador, em toda a Diocese, da Renovação Litúrgica recomendada pelo Concílio Vaticano II.”, p. 6; propõe-se a dar uma presença no SENTIDO PASTORAL. “Pastoral Litúrgica: Educação Litúrgica nas Paróquias, desenvolvimento do Movimento Litúrgico na linha do Concílio.” p. 6]

Lema: “Opportet illas adducere” (É necessário trazê-las)

+ vivo em 31-12-2000

31 - Dom Antônio Campelo de Aragão, SDB

Bispo residencial de Petrolina (Olinda e Recife, PE), desde 18/12/1956

Votum: ADA II/7, p. 232-234

Vaticano II: 1º, 3º períodos

N. em Garanhuns, Garanhuns, Brasil, em 05/10/1904

Ord. sac.: Turim, Itália, 05/07/1936

Elev.: 15/06/1950 à Igreja titular de Sesta

Consagr.: Fortaleza, CE, 13/08/1950

Pais: Aurélio Aragão e Enedina Campelo de Aragão

Estudos: 1º e 2º graus, filosofia (1920-1925), Lavrinhas, SP; Teologia (1931-1936), Lavrinhas, SP e Turim, Itália

Antes do Episcopado: Diretor de Colégio, Cajazeiras, PB, (1939-1941) e em Aracajú, SE, (1942-1945); Diretor da Escola Profissional Salesiana Dom Bosco, da Piedade e Vigário em Fortaleza, CE, (1946-1950)

Como Bispo: Bispo Auxiliar em Cuiabá, MT; Bispo Diocesano de Petrolina, PE, (1957-1975), renunciando em 1975. Fundador do Instituto Social das Medianeiras da Paz, em Poções, BA; Membro da Congregação Salesiana

Como Bispo: Dom Antônio Campello sempre se distinguiu no trabalho de organizar associações religiosas, de catequese, das vocações sacerdotais e da promoção do homem do campo. Mas era no púlpito, na pregação da Palavra de Deus, que inflamava seus diocesanos à procura de uma vida cristã de justiça e de amor. Orador brilhante, a todos fazia chegar a Boa Nova, com o mesmo ímpeto dos Apóstolos, no dia de Pentecostes

Lema: “Omnia propter electos” (Tudo por causa dos eleitos)
+ 10-09-1988

32 - Dom Antônio de Castro Mayer

Bispo residencial de Campos (Niterói, RJ), desde 03/01/1949

Votum: ADA II/7, p. 155-162

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [30] AS I/2, 695-97; AS I/3, 312-13; AS I/3, 445-46- XXV; AS I/3, 772-75; AS II/2, 721-23; AS II/3, 438-41; AS II/4, 631-33 - LXIII; AS II/5, 124-25; AS II/5, 288-90; AS II/5, 365; AS II/5, 784-85; AS II/6, 109-12; AS III/2, 109-11; AS III/2, 485-86 LXXXVII; AS III/3, 161-62; AS III/3, 449-50; AS III/3, 545; AS III/4, 295-96; AS III/4, 562-63; AS III/5, 247-48; AS III/5, 339-41 CVII; AS III/7, 223-26; AS IV/1, 712-14; AS IV/2, 371-73 CXXXIV; AS IV/2, 1029-34; AS IV/3, 181; AS IV/3, 422; AS IV/4, 478; AS IV/5, 295-99; AS VI/2 393 (Periodus II - 1963)

N. em Campinas, Campinas, SP, Brasil, em 20/06/1904

Ord. sac.: Roma, Itália, 30/10/1927

Elev.: 06/03/1948 à Igreja titular de Priene

Consagr.: São Paulo, SP, 23/05/1948

Pais: João Mayer e Francisca de Castro Mayer

Estudos: 1º e 2º graus (1911-1916), Pari, São Paulo e Pirapora, SP; Filosofia (1917-1922) São Paulo, SP; Teologia, Lâurea pela Univ. Gregoriana, Roma, Itália (1924-1927)

Antes do Episcopado: Prof. no Seminário Prov. de São Paulo (1928-1942); Assistente Geral da Ação Católica, (1940); Côn. Catedral, Tesoureiro Mor, (1941); Vigário Geral, Arquid. de São Paulo (1942); Vigário Econômico de São José do Belém, São Paulo, (1945)

Como Bispo: Coadjutor com direito à sucessão, em Campos (1948); Bispo Diocesano de Campos (1949-1981); Prof. da Faculdade de Direito de Campos; representante da Prov. Ecles. do Rio de Janeiro, na 1ª. Reunião do Episcopado Latino-americano, no Rio de Janeiro (1955); Cavaleiro de Graça Magisterial da Ordem Constantiniana de S. Jorge; Comenda de Mérito da “Polônia Restituta”; Notabilizou-se como um dos fundadores do movimento ultraconservador: Tradição, Família e Propriedade (TFP) e, durante mais de 30 anos, à frente da Diocese de Campos, RJ, região mais pobre do Estado do Rio, liderou a corrente tradicionalista do catolicismo no Brasil. Não aceitou, juntamente com o Bispo francês Dom Marcel Lefebvre, as reformas conciliares e proibia na sua diocese, enquanto titular, movimentos como os Cursilhos de Cristandade. Como tivesse participando das cerimônias, em 1988, das ordenações episcopais efetuadas por Dom Marcel Lefebvre, foi também atingido pela pena de excomunhão que atingira o prelado francês. Dom Antônio de Castro Mayer publicou, em 1961, o livro “Reforma Agrária, Questão de Consciência”, em parceria com Dom Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, Plínio Correia de Oliveira, fundador da TFP e Luiz Mendonça de Freitas

Escritos de sua autoria: Livros: “Reforma Agrária - Questão de Consciência”, em colaboração com D. Geraldo de Proença Sigaud, Dr. Plínio Correia de Oliveira e Dr. Luiz Mendonça de Freitas, (1964); “Por um Cristianismo autêntico”, coletânea de Pastorais; “E eles o crucificaram”, Sermões da Sexta-feira Santa, “Cursilhos da Cristandade”, Ed. Vera Cruz (1972); “Pelo Casamento Indissolúvel”, Ed. Vera Cruz, (1975); “A Realeza de Nossa Senhor Jesus Cristo”, Ed. Vera Cruz (1977); “A Mediação Universal de Maria Santíssima”, Ed. Vera Cruz (1979); Coluna Semanal em: “O Monitor Campista”, sobre o pseudônimo de DAC

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral - Os documentos Conciliares sobre a Sagrada Liturgia e os Instrumentos de Comunicação Social - Notas Pastorais, ed. Vera Cruz, São Paulo, 08-12-1963, pp. 45; * * Instrução Pastoral sobre a Igreja, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 02-03-1965, pp. 63; * * Carta Pastoral - Considerações à propósito da aplicação dos documentos promulgados pelo Concílio Vaticano II, Editora Vera Cruz, São Paulo, 19-03-1966, pp. 48; Como bispo de Campos, participou do Concílio Vaticano II: "... ao longo do qual se salientou como um dos líderes da corrente conservadora. Foram então particularmente notadas as suas intervenções em defesa do latim na Liturgia, sobre a estrutura monárquica da Igreja, pela manutenção dos privilégios que na ordem social cristã devem distinguir das seitas heréticas, a Santa Igreja, e pela condenação explícita do comunismo no esquema da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo. Ainda por ocasião do Concílio, foi um dos coordenadores das petições de centenas de padres conciliares em prol da Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria e da condenação do comunismo e do socialismo pelo Concílio". in Dom Antônio de Castro Mayer - Jubileu Episcopal, São Paulo 1948, 23 de maio, Campos, 1973, Vera Cruz, São Paulo, pp. 47, p. 8; Juntou-se à Fraternidade Pio X do Arcebispo Marcel Lefebvre e foi excomungado por sagrar novos bispos
Lema: "Ipsa coneretur" (Ela [a serpente] esmagará)
 + 25-11-1991

33 – Dom Antônio de Almeida Moraes Junior

Arcebispo residencial de Niterói, RJ, desde 23/04/1960

Votum: ADA II/7, p. 219-220

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Sapucaí Mirim, Pouso Alegre, MG, Brasil, em 26/06/1904

Ord. sac.: Taubaté, SP, 02/10/1927

Elev.: 29/09/1948 a Montes Claros

Consagr.: Guaratinguetá, SP, 12/12/1948

País: Antônio de Almeida Moraes e Julieta de Oliveira Moraes

Estudos: 1º grau (1914-1918), S. Bento do Sapucaí, SP; 2º grau, Filosofia e Teologia (1918-1927) Taubaté, SP

Antes do Episcopado: Prof. no Sem. Menor de Taubaté, SP; Assistente Eclesiástico da 4º Brigada (5º e 6º RI), Lorena e Caçapava, SP (1928-1938); Assistente da JOC e dos Círculos Operários Católicos, Taubaté e Guaratinguetá, SP; Pároco da Matriz Sto. Antônio de Guaratinguetá, SP. (1938-1948)

Como Bispo: Bispo de Montes Claros, MG (1949-1951); Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife, PE (1952-1960); 1º Arcebispo de Niterói, RJ, (1960-1976); Membro da Comissão Central da CNBB; Doutor Honoris Causa pela Univ. Federal Fluminense, da Academia Mineira de Letras, da Academia Fluminense de Letras, do Instituto Arqueológico de Pernambuco; do Instituto de Direito Social de São Paulo, do Instituto Histórico de São Paulo, do Cenáculo de Artes e Letras de Niterói, Conselheiro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Cons. da Cruz Vermelha Brasileira

Escritos de sua autoria: Livros: "Palavras de Moço"; "Capital e Trabalho"; "A Doutrina de Freud"; "Evolução e Espiritismo"; "Problemas Atuais"; "No Limiar do Casamento"; "Filosofia da Libertação"; "O Comunismo"; "Jesus e os Filósofos"; "Eloqüência dos Tempos novos"; "Pregação da Palavra de Deus"; "O Coração do Homem-Deus"; "Breviário de Maio"; "Ressonância da Palavra de Deus"; "O Coração do Homem-Deus"; "Padre Santificado"; "Almas de criança"; "Civilização em crise"; "Mocidade Nova"; etc; Colunas Permanentes em: "O Lábaro", Taubaté, SP; "Diário de Pernambuco"; "O Dia", Rio de Janeiro; Programas: Rádio Clube, Guaratinguetá, SP; Rádio Difusora Fluminense, Niterói, RJ; Rádio Club de Recife, PE

Lema: "Annuntiabo veritatem" (Anunciarei a verdade)

+ 12-11-1984

34 - Dom Antônio dos Santos Cabral

Arcebispo residencial de Belo Horizonte, MG, desde 01/02/1924

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º período hemiplégico desde 1956 (s/ D. Arnaldo Ribeiro, consultado por Baraúna)

N. em Propriá, Propriá, SE, Brasil, em 08/10/1884

Ord. sac.: 01/11/1907

Elev.: 01/09/1917 a Natal

Consagr.: 14/04/1918

Pais: Antônio dos Santos Cabral e Amélia da Glória Cabral

Estudos: Fez o curso primário em Propriá, SE. Continuou os estudos em Alagoas e em 1899 entra para o Seminário Santa Teresa, São Salvador, BA. Cursou Filosofia e Teologia

Como Bispo: exerceu como bispo em Natal, RN (1917-1921) e depois bispo e arcebispo de Belo Horizonte, MG (1922-1967). Foi nomeado Cônego Capitular de Aracajú, SE; já bispado em 1918, recebeu do Papa, em janeiro de 1914, o título de Monsenhor; foi o primeiro bispo de Belo Horizonte, MG (1922-1958); criou a Universidade Católica de Minas Gerais, o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, o jornal católico mineiro “O Diário”; a Obra da Adoração Perpétua, além de ter organizado a vida paroquial da cidade e estimulado o apostolado nos bairros e vilas; assistente ao Sólido Pontifício.

Escritos de sua autoria: Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral (1943); Carta Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral saudando seus diocesanos (1922); Carta Pastoral de Dom Antônio dos Santos Cabral “A igreja e o ensino” (1925); Circular Dom Antônio dos Santos Cabral (1942)

Lema: “Eucharistiam vivat in nobis Christus” (Cristo viva em nós pela Eucaristia)

+ 15-11-1967

35 - Dom Antônio Maria Alves de Siqueira

Arcebispo titular de Calcide da Síria, coadjutor de São Paulo, SP, desde 19/07/1957

Votum: ADA II/7, p. 251-254 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: SAM

N. em São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, em 14/11/1906

Ord. sac.: São Paulo, SP, 15/08/1930

Elev.: 10/05/1947 à Igreja titular de Aricanda

Consagr.: São Paulo, SP, 20/07/1947

Pais: Antônio Alves de Siqueira e Luiza Alves de Siqueira

Estudos: 1º grau (1911-1917), São Paulo, SP; 2º grau (1918-1923), Pirapora, SP; Filosofia e Teologia (1924-1930), São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Professor, Prefeito dos Estudos, Vice Reitor do Sem. Maior; Diretor da Liga das Senhoras Católicas; Presidente da Comissão de Música Sacra, São Paulo, SP (1931-1947)

Como Bispo: Bispo Auxiliar em São Paulo (1947-1968), Arcebispo Coadjutor em Campinas (1968-1982); Membro das Seguintes Comissões da CNBB: Comissão Nacional para a Educação Católica, da Comissão Representativa, Comissão Episcopal para Traduções Litúrgicas, Comissão Nacional da Basílica de Aparecida; Membro da Ordem dos Cavaleiros de Malta; Cidadão Jundiense (1966) e Campineiro (1975); Medalha do Pacificador e Brigada Anhanguera (1973)

Escritos de sua autoria: Livros: “Gólgota” (1946); “Filosofia da Educação”, Ed. Vozes, 1948; “N.Sra. Aparecida”, Ed. Sete Magazine, 1956; “Consolando os que sofrem”, 1959; “Itinerário”, 1959; “A Serviço da Rainha”, 1961; “Livro de Maria”, 1963; “Crux Fidelis”, 1980; Coluna permanente (diária): no Correio Paulistano (1957)

Lema: “In fide et lenitate” (Na fé e na mansidão)

+ 20-04-1993

36 - Dom Antônio Mazzarotto

Bispo titular de Ottabia, “emérito” de Ponta Grossa (Curitiba, PR), desde 20/03/1965

Votum: ADA II/7, p. 235-238

Vaticano II: 1º período

N. em Santa Felicidade, Curitiba, PR, Brasil, em 01/09/1890

Ord. sac.: 23/11/1914

Elev.: 16/12/1930 a Ponta Grossa

Consagr.: 23/02/1930

N. Santa Felicidade, Curitiba-PR, 01.09.1890

Ord. s.: 23/11/1914

Ord. e. 23/02/1930

Como Bispo: Bispo de Ponta Grossa (1930-1965)

Cartas pastorais durante o Concílio: Carta Pastoral - Solene Assembléia, 23-02-1961, pp. 15; Carta Pastoral - Preparação e fruto, 23-2-1963 (33º Aniversário de sagração episcopal) pp. 19

+ 15-07-1980

37 - Dom Antônio Mendonça Monteiro

Bispo residencial de Bonfim (São Salvador da Bahia, BA), desde 07/03/1957

Votum: ADA II/7, p. 141

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Cachoeira, São Salvador da Bahia, BA, Brasil, em 07/11/1907

Ord. sac.: 04/04/1931

Elev.: 31/01/1950 à Igreja titular de Sozusa da Palestina

Consagr.: 16/04/1950

Estudos: Ingressou no Seminário Menor da Bahia aos 9 de fevereiro de 1920. Aos 27 de fevereiro de 1922, transferiu-se para o Seminário de Maceió, onde completou os estudos preparatórios e fez o curso de Filosofia. Seguiu em 1927 para Roma, estudando Teologia na Universidade Gregoriana e obteve o doutorado em 1931

Antes do Episcopado: De volta ao Brasil, iniciou a vida sacerdotal na Arquidiocese de Alagoas, onde ensinou Teologia no seminário arquiépiscopal de 1932 a 1935, e regeu de 1935 a 1941, a Freguesia de Nossa Senhora Mãe do Povo, no bairro do Jaraguá, na capital alagoana. Voltou para a Arquidiocese de Salvador em 1942, e foi nomeado Vigário da Freguesia da Boa Vista, que serviu de 22 de março desse ano até agosto de 1947. Escolhido já em 1944, para assistente geral da Ação Católica. Aos 21 de janeiro de 1948, assumiu a reitoria do Seminário Central, em cuja direção permaneceu até abril de 1950. Aos 19 de março de 1948 recebeu nomeação para Cônego efetivo do Cabido primacial (de Salvador)

Como Bispo: Sua eleição como Bispo titular de Souza e auxiliar do Primaz da Bahia deu-se em fevereiro de 1950, e sua ordenação episcopal aos 16 de abril do mesmo ano. Após essa função, foi nomeado Bispo residencial de Bonfim, diocese da qual tomou posse no dia 9 de junho de 1957. Bispo sábio e virtuoso dedicou-se como Bom Pastor, por mais de 15 anos, ao rebanho que Deus lhe confiara, e procurou sempre atender às necessidades espirituais e materiais do seu povo. Exerceu como bispo auxiliar de Salvador-BA (1950-1957), sendo titular de Sozusa, e depois foi transferido para Bonfim (06/03/1957-1972)

Lema: “Justiça e Caridade”

+ 23-12-1973

38 - Dom Antônio Ribeiro de Oliveira

Bispo titular, Auxiliar de Goiânia, GO, desde 25/08/1961

Vaticano II: 4º período

N. em Orizona, Ipameri, então Goiânia, GO, Brasil, em 10/06/1926

Ord. sac.: Mariana, MG, 02/04/1949

Elev.: 25/08/1961 à Igreja titular de Arindela

Consagr.: 29/10/1961

Pais: José Ribeiro de Oliveira e Luiza Marcelina de Castro

Estudos: 1º grau: Escola Primária, Orizona, GO e Seminário de Mariana, MG; 2º grau: Seminário Santa Cruz, Silvânia, GO; Filosofia: Seminário Central, Imaculada Conceição, Ipiranga, São Paulo, SP (1943-1944); Teologia: Seminário São José, Mariana, MG (1945-1948)

Antes do Episcopado: Secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Goiânia, (1949); Reitor e Professor do Seminário Santa Cruz, Silvânia, GO, (1950-1955); Vigário Ecônomo, Orizona, GO, Professor no Colégio local (1955-1957); Pároco da Catedral de Goiânia, GO, (1957-1961) e Vigário Geral da Arquidiocese de Goiânia (1958-1961)

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Goiânia (10/1961 a 02/1976); Administrador Apostólico de Goiás, GO(1966-1967); Administrador apostólico de Itumbiara, GO, (1972-1973); Bispo de Ipameri, GO (1975-1985); Membro da Comissão Representativa da CNBB, até 1976; Vice-Secretário da Regional Centro Oeste (1974-1976); Secretário do Regional Centro Oeste desde 1976; Membro da Comissão Episcopal para revisão de Tradução dos Textos Litúrgicos; Membro do Conselho Estadual de Educação de Goiás, Padre Conciliar (1962-1965). Arcebispo de Goiânia, desde 1986

Escritos de sua autoria: Semana Santa sem Padre - Diocese de Ipameri, Carta Pastoral sobre Eleições - Ipameri; Artigos e Cartas Circulares - Ipameri Pronunciamentos vários - Ipameri

Lema: “Ut unum sint” (Para que todos sejam um)

+ vivo em 31-12-2000

39 - Dom Antônio Zattera

Bispo residencial de Pelotas (Porto Alegre, RS), desde 20/02/1942

Votum: ADA II/7, p. 229-230

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Garibaldi, Caxias, RS, Brasil, em 25/07/1899

Ord. sac.: Leopoldo, RS, 12/08/1923

Elev.: 20/02/1942 a Pelotas

Consagr.: Bento Gonçalves, 31/05/1942

Pais: Bartolomeu Zattera e Marina Evangelista

Estudos: 1º grau (1908-1910), Garibaldi, RS; 2º grau (1911-1912), Porto Alegre, RS; Filosofia e Teologia (1913-1923), São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Coadjutor, Caxias do Sul, RS, (1924); Coletor de Recursos para AS obras da Catedral de Porto Alegre, (1925-1926); Vigário em Coronel Pilar, Garibaldi, RS, (1927); Vigário em Bento Gonçalves, RS, (1927-1942); Chefe dos Capelães Militares de Porto Alegre e do Rio (1930); Fundador dos Círculos Operários Católicos de Bento Gonçalves e Nova Prata, RS

Como Bispo de Pelotas (1942-1977): Fundador e Reitor da Univ. Católica de Pelotas, RS; Fundador e Presidente do Inst. do Menor em Pelotas, RS; Fundador do Abrigo de menores, Bagé, RS; Fundador da Rádio Univ. de Pelotas, RS; Fundador do Colégio Diocesano; Fundador do Círculo Operário Católico e das Faculdades de Filosofia e Direito do Rio Grande, RS; Fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé

Lema: “Cristo é minha vida” (Fl 1,28); “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13)

+ 16-10-1987

40 - Dom Arcângelo Cerqua, PIME

Bispo titular, Prelado *nullius* de Parintins (Manaus, AM), desde 04/02/1961

Votum: ADA II/7, p. 285-286

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 463-69

N. em Giugliano di Campania, Aversa, Itália, em 02/01/1917 (naturalizado brasileiro em 07/08/1969)

Ord. sac.: Milão, Itália, 29/06/1940

Elev.: 04/02/1961 à Igreja titular de Olbia

Consagr.: Parintins, AM, 14/05/1961

Pais: Antônio Cerqua e Maria Assunta Cecere

Estudos: 1º grau, (1930-1933), Ducenta-Nápoles, Itália; 2º grau e Filosofia (1934-1936), Monza, Itália; Teologia (1937-1941), Gênova, Treviso e Milão, Itália

Antes do Episcopado: Prof. e Assistente no Seminário Filosófico de Aversa, Itália, (1941-1942); Prof. Ecônomo e Pregador, Ducenta, Itália, (1943-1948); Vigário de Macapá e Vigário Geral de Prelazia de Macapá, AP, (1948-1952); Superior do PIME (Vigário Regional), Manaus, AM, (1952-1955)

Como Bispo: Administrador da prelazia de Parintins (1956-1961) e Bispo Prelado (1961-1989); Membro da Comissão Central da CNBB (1968-1971) e da Representativa (1975); Membro do PIME (Pontifício Instituto das Missões), Membro do CDN do MEB e Delegado à III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla (1979)

Escritos de sua autoria: Livros: “Missione nell’Amazônia” 2º Edição, 1964; “Nell’Inferno Verde”, 2º Edição, 1964; “Clarões de Fé no Médio Amazonas”, 1980

Programas: “A Voz do Pastor”, na Rádio Alvorada (dominical)

Lema: “Duc in altum” (Conduza para o alto)

+ 16-02-1990

41 - Dom Aristide Pirovano, PIME

Bispo titular, de Adriani, desde 21/07/1955; prelado “emérito” de Macapá-AP; superior geral do PIME de 1965-1977

Votum: ADA II/7, p. 281-282

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 316-9 CXLVII

N. em Erba, Milão, Itália, em 22/02/1915

Ord. sac.: Milão, Itália, 20/12/1941

Elev.: 21/07/1955 à Igreja titular de Adriani

Consagr.: Erba, Itália, 13/11/1955

Pais: Pedro Pirovano e Maria Cazzaniga

Estudos: 1º grau, Treviso, Itália; 2º e Filosofia, Monza, Itália; Teologia, Milão, Itália

Antes do Episcopado: Superior dos padres do PIME, em Macapá (1948-1950); Administrador Apostólico da Prelazia *nulius* de Macapá (1950-1955)

Como Bispo: Bispo-Prelado de Macapá (1955-1965); Superior Geral do PIME (1965-1977); Capelão Auxiliar na Colônia de Hansenianos de Marituba, Belém, PA, desde 1976

Lema: “Ut vitam habeant” (Para que tenham vida)

+ 03-02-1997

42 - Dom Armando Círio, OSJ

Bispo residencial de Toledo (Curitiba, PR), desde 14/05/1960

Vaticano II: 1º, 3º períodos

N. em Calamandrana, Acqui, Itália, em 30/04/1916

Ord. sac.: Asti, Itália, 29/06/1940

Elev.: 14/05/1960 a Toledo

Consagr.: Apucarana, PR, 28/08/1960

Pais: Giovanni Círio e Margherita Gibelli

Estudos: 1º grau (1923-1931), Calamandrana (Asti), Itália; 2º grau (1931-1933) Canelli (Asti), Itália; Filosofia (1934-1937), Armeno (Novara), Itália; Teologia (1937-1941), Asti, Itália

Antes do Episcopado: Diretor de Orfanato (Asti - Itália) e de Colégio; Professor no Seminário Diocesano de Nuoro (Sardenha), Itália; Vigário Cooperador em Botucatu, (SP) (1947-1948); Vigário de Apucarana, PR (1948-1960); Superior Provincial (1958-1960)

Como Bispo: Bispo de Toledo, PR (1960-1978); Bispo Diocesano de Cascavel, PR; Arcebispo de Cascavel, PR (1979-1996); Membro da Congregação dos Oblatos de São José; Arcebispo emérito a 27-12-1995

Lema: “Ardere et illuminare” (Arder e iluminar)

+ vivo em 31-12-2000

43- Dom Armando Lombardi

Arcebispo titular, de Cesarea di Filippo, desde 13/02/1950

Faleceu enquanto Núncio Apostólico no Brasil, em 04/05/1964

Votum: ADA II/7, p. 310-314

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Cercepicola, Boiano-Campobasso, Itália, em 12/05/1905

Ord. sac.: 22/06/1928

Elev.: 13/02/1950 à Igreja titular de Cesarea di Filippo (pro hac vice arciv.)

Consagr.: 16/04/1950

Estudos: cursou Humanidades no Colégio Santa Maria de Pallanza, Itália. Entrou para o seminário em 1921, e cursou Filosofia e Teologia no Pontifício Seminário Campano, em Nápoles. Chamado a Roma em 1934 pelo Cardeal Bisleti, então Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários, freqüentou um ano a Pontifícia Academia Eclesiástica, onde adquiriu o diploma em Ciências Diplomáticas

Antes do Episcopado: de 1928 a 1934 foi Vive-Reitor do Seminário Diocesano de Campobasso, professor de Religião no liceu estadual da mesma cidade e, também, Assistente Eclesiástico da Juventude Católica Masculina. Em 1º de outubro de 1935, foi nomeado Secretário de Nunciatura e destinado à Nunciatura Apostólica do Chile, na qual permaneceu durante 4 anos, sendo transferido em 1939, como Secretário de primeira classe para a Nunciatura Apostólica da Colômbia. Em 1940, foi chamado para trabalhar na Secretaria de Estado de Sua Santidade (então Pio XII) onde, pelo espaço de dez anos dirigiu a Seção dos Negócios da América Latina, passando sucessivamente pelos graus de Auditor e Conselheiro de Nunciatura. Durante este período, em que trabalhou junto com Mons. Montini (futuro Paulo VI), Mons. Lombardi ocupou também a cátedra de Estilo Diplomático na

mencionada Academia Eclesiástica, e foi primeiro Assistente Nacional do Centro Italiano Feminino de Ação Católica

Como Bispo: a 13 de fevereiro de 1950 foi nomeado Núncio Apostólico na Venezuela e preconizado Arcebispo Titular de Cesarea de Felipe. Recebeu a saagração episcopal a 16 de abril de 1950, em Roma. Durante 4 anos exerceu o ofício de Núncio Apostólico na Venezuela. Em 24 de setembro de 1954, foi transferido para a Nunciatura Apostólica do Brasil; chegou ao Rio de Janeiro em 18 de novembro e apresentou as Cartas Credenciais ao Presidente da República em 25 do mesmo mês. Em pouco menos de dez anos de trabalho consagrado ao bem da Igreja Católica no Brasil, o Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, cuidou da criação de 48 novos Bispados, 11 Arcebispadados, 16 Prelazias; foram eleitos 109 novos Bispos e 24 novos Arcebispos, dos quais ele pessoalmente sagrou 35; instalou canonicamente 29 novas Circunscrições Eclesiásticas, 4 Prelazias foram elevadas a Bispados, e 9 Dioceses a Arquidioceses; fundaram-se neste decênio dez novos Seminários diocesanos no Brasil
+ 04-05-1964

44 - Dom Augusto (de) Carvalho

Bispo residencial de Caruaru (Olinda e Recife, PE), desde 08/08/1959

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS III/8 , 708; AS, Appendix Prima 619 (III/6, pp. 471-655)

N. em Santa Maria, Dist. de S. José de Belmonte, Afogados da Ingazeira, Brasil, em 26/05/1917

Ord. sac.: Floresta, PE, 08/12/1943

Elev.: 08/08/1959 a Caruaru

Consagr.: Pesqueira, PE, 25/10/1959

Pais: Prudenciano Ivo de Carvalho e Maria Alves da Silva

Estudos: 1º grau (1929-1932), Floresta, PE; 2º grau (1933-1937), Pesqueira e Olinda, PE; Filosofia e Teologia (1938-1943), Olinda, PE; Direito Civil (1970-1975), Caruaru, PE; Bacharel em Filosofia pela Universidade de Pernambuco.

Antes do Episcopado: Reitor do Seminário São José e Diretor Espiritual do Ginásio Cristo Rei de Pesqueira; Pró-Vigário Geral da Diocese de Pesqueira; Professor de Cultura Religiosa, Português e Latim no Ginásio Cristo Rei.

Como Bispo: Juiz Corregedor do Tribunal Arquidiocesano de Olinda e Recife; Membro do Lar Sacerdotal; Presidente e Fundador da Associação Diocesana de Ensino Superior, Caruaru, PE; Professor de Cultura Religiosa na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru, PE

Escritos de sua Autoria: Livro: “Pedras e Flores do Caminho”. Coluna permanente no Jornal “A Defesa” (semanal)

Programas: “Mensagem e Vida”, na Rádio Cultura do Nordeste, Caruaru

Lema: “Ut unum sint” (Para que todos sejam um)

+ 08-08-1997

45 - Dom Augusto Álvaro da Silva

Primaz do Brasil; Cardeal Presbítero do Título de S. Angelo in Pescheria, Diaconia *pro hac vice* Presbiteral (12/01/1953); Arcebispo residencial de São Salvador da Bahia, BA, desde 18/12/1924

Votum: ADA II/7, p. 255-256

Vaticano II: 1º período

N. em Recife, Olinda e Recife, PE, então OLINDA, Brasil, em 08/04/1876

Ord. sac.: 05/03/1899

Elev.: 12/05/1911 a Floresta (depois Pesqueira)

Consagr.: 22/10/1911

Antes do Episcopado: foi primeiramente Cerimoniário da Catedral e, no ano seguinte, Pároco de Olinda e assumiu o curato de Maranguape. Em 16/01/1905, Pároco de São José, no Recife, e nesse mesmo ano nomeado Camareiro Secreto de Pio X

Como Bispo: exerceu como bispo de Floresta - PE(1911-1915), de Barra do Rio Grande - BA (1915-1924). Durante dez anos dedicou-se à organização de sua nova Diocese, coordenando a catequese e edificando colégios, fundando associações religiosas, levantando o Seminário Menor e até editando um jornal. Pio XI o elevou a Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, em 17/09/1924. Tomou posse em 18/12/1924. Atacou decididamente os problemas que encontrou na Arquidiocese, intensificou a vida religiosa, promoveu o primeiro Congresso de Vocações Sacerdotais (1926), organizou em 1933 o

primeiro Congresso Eucarístico Nacional e ainda promoveu mais um Congresso de Vocações Sacerdotais (1949). Em 1935, obteve a criação do Bispado do Bonfim (no nordeste da Bahia) e em 1941 o de Amargosa (no sudoeste), tendo em vista a enorme extensão territorial de sua circunscrição. Instituiu ainda muitas novas Paróquias, construiu e restaurou igrejas, muitas de valor histórico e artístico. Obteve o título de Basílicas Menores para os Santuários do Senhor do Bonfim e de N. S. da Conceição da Praia, em Salvador. Criou a Casa dos Padres para sacerdotes idosos e empenhou-se na construção do Seminário Central da Bahia. Também auxiliou na fundação da Faculdade Católica de Filosofia. **Cardeal Presbítero** do Título de S. Angelo in Pescheria (12/01/1953 - Pio XII), fez parte das Congregações para a Disciplina dos Sacramentos e para os Religiosos e Institutos Seculares

Cartas pastorais durante o Concílio: * Carta Pastoral comunicando aos seus diocesanos a próxima realização do Concílio Vaticano II - 21/03/1962, (16 páginas, com uma oração pelo Concílio); Em 1963, o Cardeal escreve duas cartas: “Rosário em Família”, 05-05-1963, Salvador, Ed. Nova Era, pp. 14 e “Sobre o Perigo do Comunismo na Hora Presente”, 01-12-1963, pp. 10, sem tocar no Concílio + 14-08-1968

46 - Dom Augusto Petró

Bispo residencial de Uruguaiana (Porto Alegre, RS), desde 12/03/1964

Votum: ADA II/7, p. 265-266

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre, RS, Brasil, em 03/05/1918

Ord. sac.: Porto Alegre, RS, 30/11/1944

Elev.: 16/05/1958 a Vacaria, RS

Consagr.: Porto Alegre, RS, 27/07/1958

Pais: José Petró e Maria Monticelli Petró

Estudos: 1º grau (1921-1931), Santo Antônio da Patrulha, RS; 2º grau, Filosofia e Teologia (1932-1944), São Leopoldo, RS; Curso de Noções de Parapsicologia, Porto Alegre, RS; Curso de Cultura Cinematográfica (1964) e Metodologia e Pesquisa, (1965), em Uruguaiana, RS; Comunicação Social (1970), São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador; Vigário Econômico; Pároco; Assistente da Ação Católica; Diretor do Secretariado das Escolas Particulares Católicas; Diretor do Novo Lar dos Menores (Viamão); Pró-Vigário Geral da Arquidiocese; Vice-Procurador da Mitra Arquidiocesana, em Porto Alegre, RS (1945-1957)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Vacaria, RS, (1958-1964); Bispo de Uruguaiana, RS (1964-1995); Membro da Comissão Econômica do Seminário de Viamão, Porto Alegre, RS (1965); Membro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências de Uruguaiana, RS.

Escritos de sua autoria: Artigos nos jornais: “Gazeta” de Alegrete; “Jornal da Fronteira”, de São Borja; “Santa Cruz do Sul”; “Jornal de Uruguaiana”

Programas: “Hora Católica” na Rádio Farroupilha, Porto Alegre (1952-1957); “Horizontes Cristãos” na Rádio São Miguel de Uruguaiana, (1964-1977); “Mensagem Cristã” (semanal) na TV Uruguaiana (1978)

Cartas pastorais durante o Concílio: * Pastoral de Saudação - Uruguaiana, 07-05-1964, pp. 15. Sobre o Concílio: “Certamente o Concílio Vaticano II, em pleno andamento, nos abrirá novos caminhos e novas possibilidades de apostolado”; “As três grandes metas do Concílio nos apontam o alcance que deverá obter: Investigar a essência íntima a Igreja, na medida em que isto é possível à linguagem humana, para dar-lhe uma definição que lhe é própria e ou melhor nos instrua sobre a constituição real e fundamental dela e nos manifeste sua missão múltipla e salvífica; Atualização da vida litúrgica, fazendo viver as lindas e significativas cerimônias até agora, mais ou menos incompreensíveis a muitos fieis; Abrir um diálogo fraterno com nossos irmãos separados”. p. 5 (apoio explícito ao golpe militar de 31 de março pp. 11 e 12)

Lema: “Fac et vives” (Faze e viverás)

+ vivo em 31-12-2000

47 - Dom Aureliano Matos

Bispo residencial de Limoeiro do Norte (Fortaleza, CE), desde 30/01/1940

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º período

N. em Itapagé, Fortaleza, CE, Brasil, em 17/06/1889

Ord. sac.: 30/11/1914

Elev.: 30/01/1940 a Limoeiro do Norte

Consagr.: 29/09/1940

Estudos: Matriculou-se no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, CE (11/03/1906), onde fez todos os seus estudos

Antes do Episcopado: A 05/03/1915 foi nomeado vigário de Pentecostes; em 31/01/1927 foi nomeado vigário de Itapipoca

Como Bispo: Foi sagrado Bispo na Catedral de Limoeiro do Norte, em 29/09/1940. Durante os 27 anos de episcopado, D. Aureliano criou 11 paróquias; fundou o Ginásio Pe. Anchieta; o Seminário Diocesano Cura d'Arts; o Patronato Santo Antônio dos Pobres; a Maternidade São Raimundo; a Casa de Saúde São José; a Rádio Educadora Jaguaribana

Escritos de sua autoria: Escreveu seis cartas pastorais, obtendo grande repercussão sua Quinta carta pastoral sobre a posição da Igreja em face do desenvolvimento econômico-social do Vale Jaguaribano; Bispo diocesano de Limoeiro de 1940 a 1967; assistente ao Sólido Pontifício.

+ 19-08-1967

48 - Dom Avelar Brandão Vilela

Arcebispo residencial de Teresina, PI, desde 05/11/1955

Votum: ADA II/7, p. 262

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Viçosa, Maceió, AL, Brasil, em 13/06/1912

Ord. sac.: 27/10/1935

Elev.: 13/06/1946 a Petrolina

Consagr.: 27/10/1946

País: Elias Brandão Vilela e Izabel Brandão Vilela

Estudos: Primário em Viçosa; Ginásio em Viçosa e Seminário de Maceió, AL; prosseguiu os estudos no Seminário Sagrado Coração de Jesus, de Aracaju, SE

Antes do Episcopado: Secretário do Bispo de Aracaju; Professor no Seminário de Aracaju e Ateneu Sergipano; Capelão da Igreja de São Salvador, de Aracaju; Assistente Geral da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica

Como Bispo: Bispo de Petrolina, PE (1945-1955); Arcebispo de Teresina, PI, (1955-1971); Primaz do Brasil e Arcebispo de São Salvador da Bahia (1971-1986); transferido a São Salvador da Bahia, BA, como Primaz do Brasil, em 25/03/1971; **Cardeal Presbítero** do Título dos Santos Bonifácio e Alex (05/03/1973 - Paulo VI); Vice-Presidente da CNBB (1965); Delegado junto ao CELAM; Membro da Comissão Representativa; Presidente da Comissão de Ação Social; Presidente da Comissão de Opinião Pública; Presidente da Comissão Nacional do Clero; Presidente do SCAI; Vice-Presidente do CELAM (1966-1967); Presidente do CELAM pelo falecimento de Dom Manuel Larrain do Chile (1966-1967), Presidente eleito (1968-1969; 1969-1970 e 1971-1972), um dos presidentes da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968); Presidente da Comissão Organizadora da Assembléia Geral de Medellín, Colômbia (1976); Membro da Sagrada Congregação para a causa dos santos; Membro da Sangrada Congregação para a Educação Católica; Vice-Presidente da COGECAL (Conselho Geral da Pontifícia Comissão para América Latina); Grão Chanceler da Universidade Católica de Salvador

Escritos de sua autoria: Cartas Pastorais, Conferências; Coluna permanente: "Oração por um dia feliz", no jornal "Mensageiro", Salvador, BA. Programas: "Oração por um dia feliz", na Rádio Cultura da Bahia (semanal); "Sementes de Contemplação" na TV Itapoã, Canal 5, Salvador, BA

Lema: "De Plenitudine Christi" (Da Plenitude de Cristo)

+ 19-12-1986

49 - Dom Belchior Joaquim da Silva Neto, CM

Bispo titular, Coadjutor c.d.s. e Administrador apostólico *sede plena* de Luz (Belo Horizonte, MG), desde 13/02/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Araújos, Divinópolis, Brasil, em 07/11/1918

Ord. sac.: Petrópolis, RJ, 08/12/1945

Elev.: 13/02/1960 à Igreja titular de Cremna

Consagr.: Belo Horizonte, MG, 24/04/1960

Pais: Belchior Joaquim Zico e Anita Maria de Jesus

Estudos: 1º e 2º graus (1932-1938) Caraça, MG; Filosofia e Teologia (1938-1945), Petrópolis, RJ; Revalidação da Filosofia (1972-1973), São João Del Rei, MG; Letras (1967-1977), Faculdade de Luz, MG - UCMG

Antes do Episcopado: Professor, Prefeito dos Estudos e Reitor do Seminário de Diamantina, MG (1946-1953 e 1956); Reitor dos Seminários de Fortaleza (1953-1955; 1957-1960): Seminário São Vicente de Paulo e Seminário da Prainha

Como Bispo: Administrador Apostólico *sede plena* da Diocese de Luz, MG; Bispo Diocesano de Luz (1967-1994); Membro da Academia Divinopolitana de Letras

Escritos de sua autoria: Livros: “Oásis do meu deserto” (poesias), Ed. Cinelândia, 1950, São Paulo; “Sinos da Madrugada” (poesias), 1952; “Anita” (biografia), Ed. S. Vicente, Belo Horizonte, 1962; “Dom Viçoso, Apóstolo de Minas” (biografia), Ed. Impr. Oficial, MG, 1964; “O Louco nas Furnas” (Romance Pastoral sobre a desapropriação das terras para a represa de Furnas) Ed. São Vicente, em 1974 e Ed. Paulinas, 1978; “Flor do Brejo” (Romance pastoral sobre o Êxodo rural), Ed. São Vicente, Belo Horizonte

Lema: “Charitas Christi Urget” (2Cor 5,14) (O amor de Cristo nos urge)

+ 24-05-2000

50 - Dom Frei Benedito Domingos Coscia, OFM

Bispo residencial de Jataí (Goiânia, GO), desde 08/06/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 474

N. em Brooklyn, Brooklyn, USA, em 10/08/1922

Ord. sac.: Washington, D.C., USA, 11/06/1949

Elev.: 08/06/1961 a Jataí

Consagr.: Brooklyn, N. Y., USA, 21/09/1961

Pais: Domingos Spano Coscia e Ângela C. Coscia

Estudos: 1º grau (1928-1935), Brooklyn, N.Y; Filosofia (1939-1945), ST. Francis, Brooklyn, NY e Croghan, Butler, NJ; Teologia (1945-1949), Washington, DC; Mestrado em História da América Latina (1945-1948), St. Bonaventure University

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Anápolis, GO, (1950-1957); Pároco e Superior, Pires do Rio, GO, (1957-1961)

Como Bispo de Jataí (1961 a 24-02-1999): Cooperador do Setor de Opinião Pública do Regional Centro Oeste; Membro da Comissão de Três Bispos para acompanhar a construção da nova sede da CNBB em Brasília, DF

Programas: Missa Dominical, na Rádio Difusora de Jataí, GO

Lema: “Pax et Bonum” (Paz e Bem)

+ vivo em 31-12-2000

51 - Dom Benedito Zorzi

Bispo residencial de Caxias (Porto Alegre, RS), desde 24/06/1952

Votum: ADA II/7, p. 162-165

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [4] AS II/5, 872-73; AS III/2, 750; AS III/4, 662-63; AS III/8, 23-27 CXXIII

N. em Nova Pádua, Caxias RS, Brasil, em 27/05/1908

Ord. sac.: Nova Pádua, RS, 30/11/1933

Elev.: 27/08/1946 a Ilhéus, BA

Consagr.: Pelotas, RS, 30/11/1946

Pais: Arcângelo Zorzi e Libera Carli

Estudos: Escola primária: Travessão Paredos - Nova Pádua, RS, Seminário Menor, Filosofia e Teologia no Seminário Provincial N. Sra. da Conceição, São Leopoldo, RS (1921-1933)

Antes do Episcopado: Vigário de São José, Estação Eng. Ivo Ribeiro, RS, (1934); Reitor do Seminário São Francisco de Paula, Pelotas, RS (1939-1946)

Como Bispo: Bispo de Ilhéus, BA, (1946-1952); Bispo de Caxias do Sul, RS (1952-1983); Membro da Comissão. do SCAI; Responsável perante o DENTEL das Rádios Miriam de Caravaggio e Maristela

de Torres, RS; Fundador e Membro do Conselho Diretor da Univ. de Caxias do Sul. Tomou parte em todo o Concílio Ecumênico Vaticano II

Escritos de sua autoria: Dez cartas pastorais. Orientou a publicação do livro: “I Congresso Diocesano de Caxias do Sul” (1959); Colaborou nas revistas: “O Seminário”, “REB” e “A Diocese”; Colunas nos jornais: “Staffetta Riograndense”, “A Palavra” de Pelotas; “Voz de Ilhéus”, Ilhéus, BA; “Pinheiro”, Caxias, RS; “Eco do Vale”, Bento Gonçalves, RS; “Cruzeiro do Sul” Rio Grande, RS; Programas: Rádio Cultura de Pelotas; de Ilhéus, Rádio Caxias, Rádio Miriam do Santuário de Caravaggio e Rádio Maristela de Torres. Atualmente, “Mensagem do Pastor”, na Rádio São Francisco de Caxias do Sul

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral - Concílio Ecumênico, 26-05-1962 pp. 28: “Estando a Santa Madre Igreja às portas de um novo Concílio Ecumênico, é Nosso dever chamar a vossa atenção para o grande acontecimento da cristandade afim de que vós, sacerdotes, religiosos e fiéis possais trazer vosso contributo, como é da obrigação de um fervoroso católico”. p. 3; O que é um Concílio Ecumênico, p. 5; Para que o Concílio Ecumênico?, p. 11; Preparação do Concílio Ecumênico, p. 13, O que quer o Concílio Ecumênico?, p. 15; O Concílio é de todos, p. 20; Oração pelo êxito do Concílio, p. 21; Recomendações, p. 23; Determinações, p. 24: “Não carecemos aqui dizer que a celebração de um Concílio Ecumênico vai acarretar enormes despesas: para que a Diocese de Caxias ajude um pouco as despesas, os sacerdotes recomendem uma generosidade especial aos fiéis, por ocasião da coleta do Óbulo de São Pedro, que será feita no daí 29 de junho, festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.”. p. 25

* * Carta Pastoral - Renovação dos costumes do povo cristão na luz do Concílio Vaticano II - 12-01-1964, A Diocese, ano X, 1963, n ° 2 pp. 17: “E, se diversos são os fins propostos pelo Concílio Ecumênico, como o incremento da fé católica, maior conhecimento das verdades religiosas, união com os não católicos, conversão dos pagãos, queremos aqui tratar de um fim que nos diz mais respeito, qual seja a renovação dos costumes do povo cristão.” p. 3

* * Carta Pastoral - Orientações de Renovação Pós-Conciliar, Caxias, 09-11-1969, pp. 29 (Relatório para visita ad Limina): “Já são quatro anos, desde que, após a conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II, esta diocese, como as demais suas co-irmãs, vem trabalhando com empenho em sua renovação da vida cristã e na sua adaptação à imagem da Igreja, conforme a preconiza e quer o supra-referido Concílio”. (PPC, pg. 25) p. 4; **Ação ecumênica:** “Nesta diocese, cujos habitantes em sua quase totalidade são de religião católica, o movimento ecumênico é em si inexpressivo. Este movimento desencadeado pelo Concílio Ecumênico compreende as atividades e iniciativas no sentido de unir todos os que se gloriam do nome de cristãos”; **Intervenções [...]** Uma orientação prática a esse respeito: uma coisa é o diálogo e estudo sério sobre questões religiosas, como já tivemos alguma ocasião de fazer, com ministros de outras igrejas cristãs, outra coisa é o proselitismo que algumas seitas pouco sérias procuram fazer também entre nós, iludindo por vezes o povo. Contra o proselitismo solerte, fútil e enganador, deve haver a palavra dos cristãos esclarecidos, sobretudo das famílias de tais vítimas. Tais movimentos proselitistas não são ecumenismo, que procura a união dos cristãos, mas são o joio na seara. É condenado pelo Concílio (DH 2, 4, 10)”. pp. 26-27

* Carta Pastoral Dom Benedito Zorzi - Bispo Emérito de Caxias - A ação pastoral ontem e hoje, 30-11-1983, pp. 35, 4. A Pastoral após o Concílio Vaticano II: **Intervenções [...]** Apesar do grande trabalho e as coisas boas existentes na nossa diocese, não é errado dizer que a renovação da vida cristã e da ação pastoral também se fazia necessária, para atender os sinais dos tempos, de mudanças rápidas e profundas, e para sintonizar com a Igreja, em estado de Concílio. Por isso, nossa diocese, após este Concílio, revisou sua pastoral e a direcionou para a orientação conciliar, certa e válida: a Igreja, Luz dos Povos, no mundo de hoje. Concretamente, para o cristão significou o convite para a integração da religião-vida, isto é, a fé testemunhada em todo o agir cristão, no amor. “Ama, dizia Santo Agostinho, e faz o que quiseres”. Todo o esforço, que a pastoral hoje faz, é no sentido de criar, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, este tipo de cristão que ama a Deus e a seus semelhantes, no compromisso de transformação da realidade, para um mundo de justiça e de paz; no testemunho de serviço aos outros; na entre ajuda mútua, não só na hora do encontro de oração, em todas as atividades: no trabalho, na profissão, no lazer, no convívio comunitário.” p. 24

Lema: “Ut benedictionem possideatis”. (Para que possuais a benção)

+ 02-12-1988

52 - Dom Bernardo José Bueno Miele

Bispo titular, Auxiliar de Campinas, SP, desde 22/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em São Bernardo do Campo, Santo André SP, Brasil, em 10/09/1923

Ord. sac.: 08/12/1950

Elev.: 22/11/1962 à Igreja titular de Bararo

Consagr.: 16/01/1963

Antes do Episcopado: Assistente da Ação Católica, diretor espiritual do Seminário Nossa Senhora da Assunção – Ipiranga, São Paulo, SP.

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Campinas (1962-1967); Arcebispo coadjutor de Ribeirão Preto (25/01/1967-1972); Arcebispo de Ribeirão Preto, SP (1972-1982)

+ 22-12-1982

53 - Dom Bernardo Nolker, CSSR

Bispo residencial de Paranaguá, PR (Curitiba), desde 07/01/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Baltimore, Md, Baltimore, USA, em 25/09/1912

Ord. sac.: Esopus, NY, USA, 18/06/1939

Elev.: 07/01/1963 a Paranaguá

Consagr.: Baltimore, Md, USA, 25/04/1963

Pais: Frederick J. Noecker e Mary E. Yake

Estudos: 1º grau (1920-1927), Baltimore, Md, USA; 2º grau (1927-1933), Erie Penna, USA; Filosofia e Teologia (1934-1940), Esopus, NY, USA

Antes do Episcopado: Vigário Coadjutor em Ponta Grossa, Tibagi e Monte Alegre, PR e Bela Vista, MT, (1941-1947); Pároco de Ponta Porã, MT (1947-1950) e de Paranaguá, PR, (1951-1956 e 1961-1963); Reitor do Seminário Menor de Ponta Grossa, PR (1956-1961)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Paranaguá (1963-1989)

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral de Dom José Nolker, C.S.S.R., bispo de Paranaguá, aos seus diocesanos, 10-03-1965, pp. 12 (toda sobre o Concílio: Liturgia (2), Cuidado Pastoral (4) Ecumenismo (5), Constituição sobre a Igreja (7), os Leigos (8), Ecclesiam Suam (9))

Lema: “Voluntas Dei - Pax Nostra” (A vontade de Deus - Nossa Paz)

+ 18-01-2000

54 - Dom Frei Caetano Antônio Lima dos Santos, OFM Cap.

Bispo residencial de Ilhéus (São Salvador da Bahia, BA), desde 16/04/1958

Votum: ADA II/7, p. 180

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS II/2, 797

N. em Altamira, São Salvador da Bahia, BA, Brasil, em 26/10/1916

Ord. sac.: 15/12/1940

Elev.: 16/04/1958 a Ilhéus, BA.

Consagr.: 10/08/1958

Pais: José Christiano dos Santos e Josepha Lima dos Santos

Antes do Episcopado: Dava palestras ao público, mantinha contato com os grupos religiosos, escrevia, pregava, dirigia retiros

Observ.: renunciou e solicitou a redução ao estado leigo em 1969. Casou-se e vive em Governador Valadares, como professor, com o nome de batismo Antônio Lima dos Santos

+ vivo em 31-12-2000

55 - Dom Camilo Faresin, SDB

Bispo titular, Prelado *nullius* de Registro do Araguaia (Cuiabá, MT), desde 13/08/1956 (14/09/1956)

Votum: ADA II/7, p. 299-300

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Maragnole, Vicenza, Itália, em 22/05/1914

Ord. sac.: Roma, Itália, 09/06/1940

Elev.: 13/08/1954 à Igreja titular de Bubastis

Consagr.: São Paulo, SP, 24/10/1954

Pais: Gabriel Faresin e Anselma Brian

Estudos: 1º e 2º graus (1927-1935), Vicenza, Itália; Filosofia e Teologia (1937-1943), Pont. Univ. Gregoriana, Roma, Itália

Antes do Episcopado: Diretor dos Estudos, Lorena, SP, (1946-1947); Diretor do Liceu Salesiano, Cuiabá, MT (1948-1953); Professor de Teologia, São Paulo, SP (1954)

Como Bispo: Bispo-Prelado de Registro do Araguaia (1954-1969), posteriormente nomeado para Guiratinga, MT (1969-1991). Membro da Academia Sto. Tomás e da Academia Mariana de Roma, Itália; Membro da Associação dos Filósofos Católicos do Brasil

Escritos de sua autoria: Livros: “Problema Gnoseológico de G. B. Vico”; “Retiro aos Moços”; Várias Conferências

Lema: “In Christo Jesu” (Em Cristo Jesus)

+ vivo em 31-12-2000

56 - Dom Frei Cândido Júlio Bampi, OFM

Bispo titular, Auxiliar de Caxias, desde 09/04/1957

Votum: ADA II/7, p. 337-340

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [3] AS II/1, 472-75; AS II/3, 686-88; AS IV/4, 901-02

N. em Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil, em 25/01/1889

Ord. sac.: Ivrea, Itália, 10/08/1914

Elev.: 27/06/1936 à Igreja titular de Tlos

Consagr.: 04/10/1936

Estudos: Ingressou no Seminário Seráfico de Garibaldi em 1900. Concluiu o Curso Ginásial em Veranópolis (1904). Nos anos 1906-1910 cursou o 2º grau e a Filosofia em Flores da Cunha; em Garibaldi, de 1911 a 1914 fez os estudos teológicos

Antes do Episcopado: em 1914 os superiores mandaram-no a Roma, a fim de cursar a Universidade Gregoriana. No dia 10/08/1914 recebeu, em Ivrea, Itália, a ordenação sacerdotal e, em 1919, voltou ao Brasil com o título de Doutor em Direito Canônico. Nos anos de 1917-1927 exerceu os cargos de Diretor dos cursos de Filosofia e Teologia em Garibaldi, professor de Direito Canônico e Teologia Dogmática, além de Guardião do Convento de São Francisco e Capelão das Irmãs de São José. De 1927 a 1932 desempenhou o cargo de Comissário Provincial dos Frades Menores Capuchinhos, RS. De 1933 a 1936 esteve novamente em Garibaldi, onde foi diretor dos estudantes, professor e capelão das Irmãs de São José

Como Bispo: em 26/06/1936, o Pio XI designou-o bispo titular de Tlos e Prelado *nullius* de Vacaria, RS. Transferido 1957 como bispo auxiliar de Caxias do Sul, RS, cargo que exerceu por vinte anos (1957-1978)

+ 07-07-1978

57 - Dom Cândido Padin, OSB

Bispo auxiliar do Rio de Janeiro desde 25/06/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [4] AS II/3, 27-29 - I; AS III/4, 172-76 XIC; AS III/8, 528; AS IV/3, 140-41 CXL

N. em São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, em 05/09/1915

Ord. sac.: São Paulo, SP, 15/09/1946

Elev.: 25/06/1962 à Igreja titular de Tremontonte

Consagr.: São Paulo, SP, 05/08/1962

Pais: Cândido Padin Perez e Paulina Velardo Padin

Estudos: 1º grau (1925-1928), S. Carlos, SP; 2º grau e Filosofia (1929-1938); São Paulo, SP; Teologia (1943-1946) Três Poços e São Paulo; Direito na Univ. de São Paulo.

Antes do Episcopado: Reitor do Colégio São Bento (1947-1950); Diretor da Fac. de Filosofia de S. Bento (1948-1955); Diretor da Revista da Univ. Católica de S. Paulo (1953-1955); Membro do Conselho Técnico da Secr. de Educação de São Paulo (1954-1960); Membro da Comissão Reg. do Fundo Nacional do Ensino Médio, do MEC (1954-1955); Vice-Presidente da Associação de Educ. Católica do Brasil, (1960-1961); Membro do Cons. Federal de Educ. do MEC (1962-1966)

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1962-1966); Bispo de Lorena, SP (1966-1970); Bispo de Bauru (1970-1990); Assistente Nacional da Ação Católica Brasileira (1962-1965); Responsável pelo Secretariado de Educação da CNBB (1962-1968); Presidente do Departamento de Educação do CELAM (1967-1972); Consultor da Sagr. Congr. para a Educação Católica (1968-1973); Membro da

Comissão Representativa da CNBB (1976-1978); Coordenador das Jornadas Internacionais da CNBB, (1976-1978); Delegado da CNBB junto ao CELAM (1972-1979)

Escritos de sua autoria: Livros: “O Problema do Conhecimento em Edmond Goblot” - tese de doutoramento em filosofia; “O Universitário e o Jornalista”, São Paulo, 1942; “Objetivos da Orientação Educacional”, CADES, 1957; “A Orientação Educacional e Escola” - Corpo Docente - CADES - 1959; “Educar para um mundo novo” Vozes, 1965; “La transformación humana del tercer mundo, exigencia de la conversión” (no vol. Fe Christiana y Cambio Social en América Latina) - Ed. SIGUEME - Salamanca - 1973; “A missão da Igreja na perspectiva da libertação - “A missão dos leigos cristãos” (no vol. Missão da Igreja no Brasil) - Ed. Loyola - São Paulo - 1973; “A doutrina da Segurança Nacional” (na Revista Eclesiástica Brasileira) junho de 1977

Cartas pastorais durante o Concílio: * * “Saudação aos diocesanos de Lorena - 1966 (propõe como seu programa o evangelho: a vida; o Concílio e o PPC)

Lema: “Veritas in Caritate” (A verdade na caridade)

+ vivo em 31-12-2000

58 - Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta

Cardeal Presbítero do Título de S. Pancrácio (18/02/46), Arcebispo residencial de Aparecida, SP, desde 18/04/1964

Votum: ADA II/7, p. 251-254 coletivo

Vaticano II: 1º e 2º períodos

Intervenções [1] AS II/4, 612-615 - LXIII

N. em Bom Jesus do Amparo, Mariana, MG, Brasil, em 16/07/1890

Ord. sac.: 20/06/1918

Elev.: 29/07/1932 à Igreja titular de Algiza

Consagr.: 30/10/1932

Pais: João Vasconcelos Teixeira Motta e Francisca Josina dos Santos Motta

Estudos: 1º grau: Fazenda paterna da Quinta do Lago e Colégio de Matozinhos (Irmãos Maristas, Congonhas do Campo, MG; 2º grau: Seminário de Mariana, MG); Curso Universitário: terminado o curso de Humanidades, entrou no Seminário Diocesano e logo o abandonou para se dedicar ao estudo de Direito Civil. Laureado nesta ciência jurídica, exerceu diversos cargos na administração pública, mas ouviu o chamamento do Senhor, reingressou no Seminário e foi completar seus estudos seminarísticos de Teologia no Seminário Maior de Mariana, MG

Antes do Episcopado: Coadjutor, Taquarassú, MG (1918 a 29/03/1919); Capelão do Convento dos Macaúbas, MG (1922); Pároco de Caeté, MG; Reitor do Sem. de B. Horizonte, MG (1932); Monsenhor Camareiro Secreto, 1925; Vigário capitular, Diamantina, MG (1933). Exerceu o múnus sacerdotal como Pároco em Sabará (Belo Horizonte), trabalhou como Diretor das Irmãs Auxiliadoras da Piedade, MG (1922) e como Capelão do Asilo da Piedade, MG (1919). Foi nomeado Reitor do Seminário Maior de Belo Horizonte, e passou a dedicar-se à formação dos futuros sacerdotes até que Pio XI, aos 29/07/1932, o nomeou Bispo titular de Algiza e Auxiliar do Arcebispo de Diamantina, Dom Silvério

Como Bispo: Arcebispo de São Luiz do Maranhão (1935-1944), ali se notabilizou por uma boa administração, cujos frutos foram a restauração do Seminário e, entre outras coisas, a divisão do grande território eclesial, de que se desmembrou a nova Diocese de Caxias, MA e a Prelazia de Pinheiro, MA; Arcebispo de São Paulo, SP (1944-1964); **Cardeal presbítero** do Título de S. Pancrácio (18/02/1946 - Pio XII); Administrador Apostólico da Arquidiocese de Aparecida do Norte (1958-1964); Arcebispo de Aparecida do Norte (1964-1982). Grão-Chanceler da PUC, SP (25/01/1947); **Primeiro Presidente - CNBB** (16/10/1952; 1952-1958; vice-presidente: 1958-1963 e presidente: nov. 1963 a 12-1-1964, em substituição ao Cardeal Câmara); Deixou seu nome para sempre ligado à Arquidiocese de São Paulo que administrou por 20 anos: a cidade, após o término da Grande Guerra, sofreu grande crescimento populacional (principalmente levadas de nordestinos) e os problemas de ordem material, social e moral se multiplicaram. A tudo procurava o Cardeal acorrer com respostas apropriadas, multiplicando estruturas paroquiais, mandando construir novas igrejas e dando impulso às organizações católicas e ao trabalho de promoção vocacional. No seu governo, o clero se aperfeiçoou em qualidade e cresceu muito. Erigiu o novo Seminário Menor de São Roque; reformou o “Colegião” de Aparecida, para receber os filósofos e reestruturou o Seminário do Ipiranga, para a Teologia. A ele se deve o término das obras da grandiosa Catedral da Sé, inaugurada em 1954 (IV Centenário de São Paulo) e a construção do movimento “Confederação das Famílias Cristãs”. Em 1964, Paulo VI o designou Arcebispo de Aparecida, aceitando seu pedido de renúncia ao governo da Arquidiocese de São Paulo. Em Aparecida, pôde Dom Motta seguir mais de perto as obras de

conclusão da nova Basílica (a segunda maior do mundo católico) e incrementar a devoção mariana.. As novas instalações da Basílica foram inauguradas por João Paulo II, na sua visita ao Brasil (04/07/1980). O nome do Cardeal Motta ainda se fez ligar à criação de Brasília, capital nova do Brasil, por ter dado uma notável contribuição para que se realizasse esse sonho mais que centenário, concretizado por Juscelino Kubitschek; membro da Congr. Religiosos, Cerimonial, Seminários e Universidades
+ 18-09-1982

59 - Dom Frei Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, OFM

Bispo residencial de Palmas (Curitiba, PR), desde 11/04/1958

Votum: ADA II/7, p. 220-225

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [26] AS I/1, 334-35 - IV; AS I/1, 542-47 - VIII; AS I/2, 117-18 - XII; AS I/2, 378-79; AS I/2, 567-69; AS I/3, 819-20; AS II/2, 114-23 - XLI; AS II/2, 194; AS II/3, 532-33; AS II/3, 674; AS II/3, 785-86; AS II/4, 493-95 - LXI; AS II/4, 692; AS II/IV, 742-44 - LXIV; AS II/5, 337; AS II/5, 384; AS II/5, 869-70; AS III/1, 752; AS III/2, 160-61; AS III/3, 738; AS III/3, 871-72; AS III/4, 753; AS III/4, 919; AS III/5, 817; AS III/7, 899; AS III/8, 1013-14

N. em Petrópolis, Petrópolis, RJ, Brasil, em 01/07/1902

Ord. sac.: Petrópolis, RJ, 04/01/1925

Elev.: 13/12/1947 à Igreja titular de Girba

Consagr.: 14/01/1948

Antes do Episcopado: Aos 04/01/1925 foi ordenado sacerdote em Petrópolis e iniciou sua atividade no magistério do Seminário de Rio Negro, PR, juntamente com o cargo de Prefeito dos Estudos.

Como Bispo: Em 09/12/1933 foi criada a Prelazia *nullius* de Palmas, com território desmembrado dos bispados de Ponta Grossa e Lages; Dom Carlos foi nomeado a 01/08/1936 seu primeiro Prelado. Das quatro paróquias que então tinha a Prelazia, 1 ficava no Paraná e 3 em Santa Catarina. Administrador Apostólico de Palmas (1936-1947); Bispo Prelado *nullius* de Palmas (1947-1958); Bispo diocesano de Palmas de 1958 a 1969

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral sobre o Concílio Vaticano II, Vozes, Petrópolis, 04-11-1961; * * Carta Pastoral sobre a Celebração do 2º Concílio do Vaticano, Vozes, Petrópolis, 19-03-1963 (relato da primeira sessão, com fotos) pp. 16; Carta Pastoral sobre a Missa Comunitária, Vozes, Petrópolis, 14-03-1963 pp. 15; * * Carta Pastoral sobre a 2ª e 3ª Sessão do 21º Concílio Vaticano II, em relação aos ensinamentos do Apóstolo - As epístolas de São Paulo Apóstolo aos Colossenses e Efésios, Vozes, Petrópolis, 21-1-1964, pp. 52 (oferece aos diocesanos, em tradução livre, o texto das duas cartas de Paulo, por ocasião do debate sobre a Igreja no Concílio)
+ 07-02-1969

60- Dom Carlos Gouvêa Coelho

Falecido em 27-02-1964, como Arcebispo residencial de Olinda e Recife, PE

Votum: ADA II/7, p. 218-219

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em João Pessoa, Paraíba, PB, Brasil, em 28/12/1907

Ord. sac.: 09/02/1930

Elev.: 10/01/1948 a Nazaré

Consagr.: 02/05/1948

N. João Pessoa PB, 28/12/1907

Ord. s.. 09/02/1930

Ord. e. 10/01/1948

Estudos: Fez os estudos eclesiais no seminário da Paraíba

Antes do Episcopado: exerceu os cargos de secretário do Bispado, vigário coordenador de Cajazeiras, diretor do ginásio Padre Rolim daquela cidade, professor no seminário de João Pessoa, capelão do Colégio Pio X de João pessoa, diretor do jornal católico *A Imprensa*, capelão do Colégio N. S. de Lourdes, diretor do Departamento de Educação da Paraíba, presidente da Comissão de Educação da C.N.B.B., membro e presidente do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco

Como Bispo: em 1948 foi eleito Bispo de Nazaré, PE. Em 1954 foi transferido para Niterói, RJ, e em 1960 para Olinda e Recife, PE, onde sua atividade pastoral se distinguiu pela renovação da vida paroquial, através da aplicação do Plano de Emergência; criação de novas paróquias; exercícios do Mundo Melhor; reaparelhamento das oficinas da Boa Imprensa; difusão doutrinária pela imprensa, rádio e televisão; cuidado especial com a Obra das Vocações Sacerdotais, em todas as paróquias e educandários da Arquidiocese; atenção constante aos problemas do Seminário Maior de Olinda e do Seminário Menor da Imaculada Conceição da Várzea; construção do Seminário Regional do Nordeste, em andamento, com a contribuição dos católicos norte-americanos; aumento do número de sacerdotes, inclusive com a vinda de vários sacerdotes e seminaristas da Europa; instalação de novas casas religiosas femininas e de sacerdotes religiosos; renovação pedagógica do Colégio Arquidiocesano; incremento do apostolado dos leigos; centralização dos organismos arquidiocesanos, no Juvenato Dom Vital, cuja sociedade mantenedora fez entrega do mesmo à Arquidiocese; reorganização do patrimônio da Arquidiocese; aquisição de uma emissora de rádio (Rádio Olinda), destinada principalmente ao M.E.B. Em menos de quatro anos de governo, deixou uma marca da presença da Igreja nos diversos setores da vida da Arquidiocese. Firmou admiravelmente o prestígio da Igreja, permitindo que, apesar da hora difícil em que exerceu o seu governo, uma ação prudente de serenidade, de equilíbrio e de larga compreensão humana tornasse respeitada a autoridade de sua palavra e do seu trabalho eminentemente apostólico
+ 27-02-1964

61 - Dom Frei Carlos Schmitt, OFM

Bispo residencial de Dourados (então Cuiabá, MT), desde 29/08/1960

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Gaspar, Joinville, SC, Brasil, em 27/01/1919

Ord. sac.: Petrópolis, RJ, 28/11/1943

Elev.: 29/08/1960 a Dourados, MS

Consagr.: Vaticano, 28/10/1960

Pais: Nicolau e Cecília Schmitt

Estudos: 1º grau (1927-1934), Gaspar, SC e Rio Negro, PR; 2º grau (1934-1938), Alemanha; Filosofia (1939-1940), Rodeio, SC e Curitiba, PR; Teologia (1941-1944), Petrópolis, RJ

Antes do Episcopado: Prof. no Seminário de Luzerna, SC, Rodeio, SC e Guaratinguetá, SP (1946-1954); Missionário Popular, Florianópolis, SC (1955); Pároco de Xaxim, SC (1956-1960)

Como Bispo: Bispo Residencial de Dourados, MS (1961-1970); transferido à Igreja titular de Sufar em 14/02/1970, renunciou em 16/03/1971; Bispo Auxiliar de Lages, SC (1971-1973); emérito de Dourados MS, residindo em Blumenau, SC (1973-2000)

Lema: "Iustitia et Pax" (Justiça e Paz)

+ vivo em 31-12-2000

62 - Dom Frei Cesário Alexandre Minali, OFM Cap.

Bispo titular, Prelado *nullius* de Carolina (São Luís do Maranhão, MA), desde 09/04/1958

Votum: ADA II/7, p. 271 - 273

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Colognola al Piano, Bergamo, Itália, em 08/11/1897

Ord. sac.: 02/06/1928

Elev.: 01/03/1955 à Igreja titular de Achirao

Consagr.: 05/06/1955

Estudos: Interrompeu os estudos para prestar serviço militar durante a I Grande Guerra. Tendo obtido a láurea em Teologia em 1929, veio para o Brasil no ano seguinte, como missionário. Sua residência foi São Luís do Maranhão.

Antes do Episcopado: De 1931 a 1934 ocupou o cargo de secretário do bispo da Prelazia de Grajaú e foi em seguida três anos guardião do Convento de Fortaleza, CE; seis anos Custódio Provincial do MA

Como Bispo: Aos 13/03/1953 foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de Alto Solimões e, a 01/03/1955, Prelado da mesma Prelazia e bispo titular de Achyraus. Recebeu a ordenação episcopal em Milão aos 05/06/1955, tomando posse a 18 de dezembro do mesmo ano. Criada a nova Prelazia de Carolina, MA, Dom Cesário foi o seu primeiro bispo, tomando posse aos 29/06/1958. Em janeiro deste de 1969, por motivo de saúde, apresentou sua renúncia

+ 13-06-1969

63 - Dom Claudio Colling

Bispo residencial de Passo Fundo (Porto Alegre, RS), desde 23/03/1951

Votum: ADA II/7, p. 227

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Harmonia, Porto Alegre, RS, Brasil, em 24/06/1913

Ord. sac.: 10/08/1937

Elev.: 12/12/1949 à Igreja titular de Corone

Consagr.: 29/01/1950

Pais: João Colling e Maria Colling

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1925-1937), São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador da Paróquia do Menino Deus e da Paróquia São Geraldo, Vigário da Paróquia Nossa Senhora da Glória; Assistente Arquidiocesano dos Homens da Catedral; Diretor da Federação das Congregações Marianas e das Pias Uniões das Filhas de Maria; Capelão no Colégio das Irmãs Filhas de Maria Imaculada; Secr. do 6º Congresso Eucarístico Nacional e Cura da Catedral de Porto Alegre, RS

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Santa Maria (1950-1951); Bispo de Passo Fundo (1951-1981); Arcebispo de Porto Alegre (1981-1991). Fundador de 4 Seminários, da Faculdade de Filosofia, da Rádio Planalto, agora Fundação, reorganizador da Fundação Beneficente Lucas Araújo; Membro da Com. Episcopal da Ação Católica; Membro da Com. Reg. de Pastoral

Escritos de sua autoria: Colunas periódicas na Imprensa de Passo Fundo

Programas: na Fundação Rádio Planalto de Passo Fundo: diariamente; na TV (esporadicamente)

Lema: "Illum oportet crescere" (É necessário que Ele cresça)

+ 03-09-1992

64 - Dom Clemente Geiger, CPPS

Bispo titular, Prelado *nullius* de Xingú (Belém do Pará, PA), desde 17/01/1948

Votum: ADA II/7, p. 308-309

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Leuterschach, Augsburg, Alemanha, em 27/01/1900

Ord. sac.: Klagenfurt, 29/06/1930

Elev.: 17/01/1948 à Igreja titular de Olena

Consagr.: 19/05/1948

Pais: Matthias e Maria Geiger

Estudos: Entrou na Congregação dos Missionários do Sangue de Cristo em 25 de setembro de 1922. Estudou em Feldkirch (Áustria), Roma e Klagenfurt (Áustria)

Antes do Episcopado: Chegou em Belém do Pará em 2 de janeiro de 1931. Em 8 de setembro de 1935 foi nomeado Administrador Apostólico do Xingú

Como Bispo: Nomeado em 17 de janeiro de 1948 Bispo Titular de Olena e Prelado *nullius* do Xingú. Sagrado bispo em 19 de maio de 1948. Renunciou em 1970. Faleceu em Rankweil, Áustria, em 14 de junho de 1995.

Lema: "Redemptio per Crucem" (A Redenção pela Cruz)

+ 14-06-1995

65 - Dom Clemente José Carlos Isnard, OSB

Bispo residencial de Nova Friburgo (Niterói, RJ), desde 23/04/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [6] AS I/1, 489-90 - VII; AS I/2, 238-40; AS I/2, 300-01 - XIV; AS II/2, 787-88; AS , II/5,137-38; AS II/5, 321

N. em Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em 08/06/1917

Ord. sac.: 19/12/1942

Elev.: 23/04/1960 a Nova Friburgo

Consagr.: 25/07/1960

Pais: Ernesto Isnard e Sulmira de Gouvêa Isnard

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1927-1943), Rio de Janeiro, RJ; Faculdade de Direito (1931-1935), Rio de Janeiro, RJ

Antes do Episcopado: Zelador de Noviços, Mordomo, Ecônomo e Prior do Mosteiro de São Bento e Diretor das Oblatas, Rio de Janeiro, RJ (1944-1960)

Como Bispo: Bispo de Nova Friburgo (1960-1992); Membro do Conselho Federal de Cultura (1961) e do Conselho Estadual de Educação (1961-1964); Membro do *Consilium ad Exequendam Constitutionem de Sacra Liturgia* (1964-1969); Secretário Nacional de Liturgia (1964-1971); Membro do Conselho da Presidência do *Consilium* (1966-1969); Presidente da Comissão Nacional da Liturgia da CNBB (1971-1979); Secretário do Regional Leste I (1972-1974); Membro da Sagrada Congregação para o Culto Divino (1969-1974); Membro da Comissão Episcopal do Departamento de Liturgia do CELAM (1972-1974); Membro da Academia Friburguense de Letras; Vice-presidente da CNBB (1979-1982); Presidente do Departamento de Liturgia do CELAM (1979-1980); Vice-Presidente do CELAM.

Escritos de sua autoria: Seus muitos artigos estão reunidos no volume: Dom Clemente Isnard, Magistério Episcopal, Editora Marques Saraiva, 1989, pp. 560

Programas: Na Rádio Sociedade de Friburgo (2 semanas)

Lema: “Te Pastorem Sequens” (Seguindo a Ti, Pastor)

+ vivo em 31-12-2000

66 - Dom Climério Almeida de Andrade

Bispo residencial de Vitória da Conquista (São Salvador da Bahia, BA), desde 24/09/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Salvador, Amargosa, BA, Brasil, em 26/02/1924

Ord. sac.: 27/06/1948

Elev.: 24/09/1962 a Vitória da Conquista, BA

Consagr.: 30/12/1962

+ 24-05-1981

67 – Pe. Frei Constantino Koser, OFM

Presbítero, Vigário Geral de *Ordo Fratrum Minorum*, desde 03/11/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Curitiba, Curitiba, PR, Brasil, em 09/05/1918

Ord. sac.: 12/06/1941

Observ.: Admitido ao noviciado em 20/12/1934; profissão dos votos temporários em 21/12/1935; profissão dos votos solenes em 10/05/1939, na província franciscana da Imaculada Conceição, de São Paulo (cfr. “L'Osservatore Romano” n° 255, de 05/11/1995, p. 4); Frei Constantino Koser OFM, nasceu em Curitiba a 5 de maio de 1918. Fez-se franciscano e foi professor de teologia em Petrópolis, RJ, aproximadamente durante vinte anos. Foi assíduo colaborador das revistas da Editora VOZES, sobretudo da REB. Em 1965, foi transferido para Roma. Em 1965, foi eleito Ministro Geral da Ordem Franciscano. Voltou ao Brasil em 1979. Posteriormente passou a ser pregador de retiro e a dar cursos. Em 1983 teve que se submeter à implantação de marca-passo. Manifestaram-se incompatibilidades de saúde e por isto teve que suspender toda atividade externa.

Escritos de sua autoria: *O pensamento franciscano*, 2 edição, Vozes, 1998: “O autor do livro foi professor de teologia em Petrópolis. Convidado a propor meditações de retiro, inventou um modo franciscano de o fazer. Para os 25 anos de franciscano redigiu o retiro em forma literária de exposição. O livro não chegou a ser um best-seller mas teve a sua clientela. Passou a ser uma raridade bibliográfica. Clientes teimosos continuam a procurar e ler o livro. O autor, aos 80 anos, acha que, se o livro agradou da maneira como foi publicado em 1960, não seria o caso de fazer modificações. 'Habent fata sua libelli', também os livros têm seu destino.

+ 19-12-2000

68 - Dom Cornelio Veerman, CM

Bispo titular, Prelado *nullius* de Cametá (Belém do Pará, PA), desde 27/02/1961

Vaticano II: 2º, períodos

N. em Volendam, Haarlem, Holanda, em 06/11/1908

Ord. sac.: 21/07/1935

Elev.: 27/02/1961 à Igreja titular de Numida

Consagr.: 22/05/1961

Antes do Episcopado: Chegou ao porto de Recife, PE aos 08/09/1935. Lecionou no Seminário da Prainha, Fortaleza, CE, e seguiu depois para Belém do Pará, como Capelão. Em 1940, foi transferido para Cametá, no Rio Tocantins. Pe. Cornélio lançou-se ao trabalho missionário, visitando o povo nas barrancas do rio, nas ilhas e nas matas. Malária e outros males o atacaram, tendo que deixar a missão no Tocantins, em 1945. Foi Vigário de Cametá. Em 1952, foi nomeado Vigário Geral da nascente Prelazia; Administrador Apostólico, *permanenter constitutus*, da Prelazia de Cametá

Como Bispo: Além da assistência pastoral e sacramental, ainda fez muito pela promoção humana dos habitantes da região, principalmente na área da educação. Com seu apoio, as Irmãs Filhas da Caridade implantaram boas escolas primárias e até uma Escola de Segundo Grau em Cametá, para a formação de professores primários, enquanto o Estado se esquecia da região. Dom Cornélio ajudou a implantar postos médicos em todas as Paróquias (cidades), geralmente com o auxílio das Filhas da Caridade. Ele queria promover humanamente o camponês e educá-lo para uma prática agrícola que lhe desse mais segurança do que o mero extrativismo, mas não se esqueceu da formação do clero autóctone. Em 1962, criou o Seminário da Prelazia. Já no último ano em que esteve à frente à Prelazia, Dom Cornélio passou a incentivar a nova experiência das comunidades eclesiais de base (CEBs) que, desde o primeiro instante, foram batizadas como Comunidades Cristãs (CCs)

Administrador Apostólico de Cametá (1955-1961); Bispo Prelado (1961-1969)

+ 12-09-1994

69 - Dom Cornélio Chizzini (della Piccola), ODP

Bispo titular, Prelado *nullius* de Tocantinópolis (Goiânia, GO), desde 12/04/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Casalsigone, Cremona, Itália, em 17/11/1914

Ord. sac.: 16/06/1940

Elev.: 12/04/1962 à Igreja titular de Ege

Consagr.: 29/06/1962

Como Bispo: Administrador Apostólico de Tocantinópolis (1960-1962), Bispo Prelado (1962-1980); Bispo Diocesano (1980-1981)

+ 12-08-1981

70 - Dom Cristiano Portela de Araújo Pena

Bispo residencial de Divinópolis (Belo Horizonte, MG), desde 19/02/1959

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em 11/08/1913

Ord. sac.: 18/09/1937

Elev.: 19/02/1959 a Divinópolis, MG

Consagr.: 17/05/1959

País: Antônio Gonçalves de Araújo Pena e Ana Portela de Araújo Pena

Estudos: Secundários, Colégio Arnaldo, Belo Horizonte, MG; Filosofia e Teologia, Seminário Arquidiocesano de Belo Horizonte, MG (1932-1937)

Antes do Episcopado: Diretor Espiritual do Seminário Arq. de Belo Horizonte, MG; Pároco de Sta. Luzia, Pároco do Div. Espírito Santo, Divinópolis, MG

Como Bispo: 1º Bispo Diocesano de Divinópolis, MG (1959-1979); governou também, como administrador apostólico, a Diocese de Oliveira; por problemas de saúde, em 1978, Dom Cristiano pediu à Santa Sé seu afastamento do governo da Diocese; Tornou-se capelão do Sanatório Marques Lisboa (Hospital Madre Teresa), Belo Horizonte, MG

Lema: "Apostolus Caritatis Christi" (Apóstolo do amor de Cristo)

+ 02-08-2000

71 - Dom Frei Daniel Hostin, OFM

Bispo residencial de Lajes (Florianópolis, SC), desde 02/08/1929

Votum: ADA II/7, p. 203-205 coletivo

Vaticano II: não participou

N. em Gaspar, Joinville, SC, Brasil, em 02/04/1890

Ord. sac.: 30/11/1917

Elev.: 02/08/1929 a Lajes, SC.

Consagr.: 29/09/1929

Antes do Episcopado: Professou solenemente aos 20/11/1914. Como sacerdote, trabalhou nas dioceses de Florianópolis, SC, Curitiba, PR e Niterói, RJ. Ocupou os cargos de professor no seminário seráfico de Blumenau, SC (1919), vigário de Blumenau (1920-1926), superior do Convento Bom Jesus em Curitiba, PR (1926-1928), e superior dos franciscanos em Petrópolis, RJ (1928-1929), de onde sairia eleito bispo

Como Bispo: Seus 44 anos de bispado haveria de consagrá-los totalmente à sua diocese de Lages, SC. Eis algumas datas importantes de seu longo e profícuo pastoreio: a 11/10/1929, partiu rumo à serra, via Florianópolis, Bom Retiro e Lages, acompanhado de uma caravana de automóveis (uma semana de viagem). A 18/10/1929 tomou posse solene da sua diocese. Uma semana depois já iniciava sua primeira visita pastoral ao interior (São Joaquim). Em 1930, fazia outra visita pastoral, de maior duração, indo a Campos Novos e Cruzeiro, hoje, Joaçaba. Em julho de 1931, inaugurou o Colégio Diocesano, construído com suas economias pessoais. A 12/08/1939, seguiu para a Alemanha, visando fazer depois sua visita *ad limina*, em Roma. Mas, dois dias depois de ter embarcado em Hamburgo, explodiu a Segunda guerra mundial. Dom Hostin achava-se de volta à sua diocese a 05/12/1939. Em 1942, celebrou o jubileu de prata sacerdotal. Em 1943, deu-se o desmembramento de Chapecó, SC, para a Prelazia de Palmas, PR. Em março de 1944, Dom Hostin inaugurou seu pré-seminário diocesano São Norberto (em Bom Retiro), que depois seria transferido para a sede episcopal. Em 1950 (março) instalou o funcionamento das aulas no prédio definitivo de seu seminário diocesano, que acabou inaugurando oficialmente em 1954. Nesse mesmo ano, celebrou o jubileu de prata da ordenação episcopal. Entre 21 e 28/10/1956 celebrou o primeiro congresso eucarístico em sua diocese. Em 1959 (janeiro) recebeu primeiro bispo coadjutor, na pessoa de Dom Afonso Niehues, nomeado por João XXIII. Transferido Dom Afonso para Florianópolis, SC, Dom Hostin recebe o segundo coadjutor, Dom Honorato Piazzera (03/04/1966), transferido de Nova Iguaçu, RJ. Em 1967 celebrou o jubileu áureo sacerdotal e, dois anos depois, assistia à sagração e posse de Dom Tito Buss, da nova diocese de Rio do Sul, SC, desmembrada de Joinville, SC e Florianópolis, SC, e também à instalação da nova diocese de Caçador, SC (de Dom Orlando Dotti), que foram desmembradas de Lages. Em 1969, já hospitalizado, festeja o 40º de sua ordenação episcopal e, em 1971, recebeu como auxiliar Dom Carlos Schmitt, nomeado por Paulo VI. Dentre suas realizações, destaca-se a fundação duma congregação religiosa, as Irmãs Franciscanas do Apostolado paroquial, com casa generalícia em Lages, SC. Em sua avançada idade, Dom Daniel Hostin esteve muitas vezes hospitalizado, submetido a tratamentos prolongados, mas mesmo assim não deixava de ir, sempre que podia, ao Secretariado diocesano de Pastoral, ao convento franciscano, à casa paroquial, pela manhã; de tarde ainda ia visitar alguma família, benzer uma casa ou visitar um enfermo

+ 08-11-1973

72 - Dom Daniel Tavares Baêta Neves

Bispo residencial de Sete Lagoas (Belo Horizonte, MG), desde 04/06/1964

Votum: ADA II/7, p. 195

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS II/2, 887 (cf. 65)

N. em Conselheiro Lafaiete, MG, Mariana, MG, Brasil, em 11/03/1911

Ord. sac.: 30/11/1935

Elev.: 29/03/1947 à Igreja titular de Parnasso

Consagr.: 29/06/1947

Estudos: cursou, na infância, o Colégio de Nossa Senhora de Nazaré, das Pequenas Irmãs da Divina Providência, e fez um ano de curso primário no Grupo Escolar “Domingos Bibiano”

Antes do Episcopado: recebeu a Tonsura na capela do Seminário Menor aos 30/11/1932. Na mesma capela, as ordens menores do ostiariato e leitorato (nov. 1933); as de exorcista e acólito na catedral (08/12/1933); presbiterado na catedral aos 30/11/1935. Celebrou sua primeira Missa solene, na terra natal. Secretário particular de Dom Helvécio, exerceu também as funções de tesoureiro da cúria e primeiro pároco da vizinha vila de Passagem de Mariana, MG.

Como Bispo: o mesmo bispo, que lhe conferira a ordem do presbiterado, Dom Helvécio, também o consagrou bispo titular de Parnaso e auxiliar do metropolitano aos 29/06/1947. Desenvolveu intensa atividade pastoral em sua função de auxiliar: congressos eucarístico, mariano, vocacional e muitas visitas pastorais. Em 1958, transferência: assumiu como primeiro bispo a criada diocese de Januária,

BA (até 1962). Em 1962, foi transferido para Sete Lagoas, que pastoreou até seu falecimento. Exerceu seu ministério episcopal em Mariana, MG (1947-1958), Januária, MG (1958-1962), titular de Alessandreta (1962-1964) e Sete Lagoas, MG (04/06/1964-1980).
+ 07-07-1980

73 - Dom David Picão

Bispo titular, Coadjutor c.d.s. de Santos, desde 10/05/1963

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/5, 437-38

N. em Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil, em 18/08/1923

Ord. sac.: 10/10/1948

Elev.: 14/05/1960 a São João da Boa Vista, SP

Consagr.: 31/07/1960

Pais: Joaquim Ramos Picão e Maria da Piedade Escaroupa Picão

Estudos: Primário (1931-1936), Ribeirão Preto, SP; Secundário (1937-1941), Campinas, SP; Filosofia e Teologia (1942-1947), São Paulo, SP; Complementação em Teologia e Licenciatura em Direito Canônico (1947-1950), Pont. Univ. Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Chanceler do Bispado (1950-1960); Prof. e Diretor Espiritual do Sem. Diocesano de Ribeirão Preto, SP (1950-1957); Capelão do Col. N. Sra. Auxiliadora (1951-1952); Assistente Eclesiástico do Círculo Operário Católico (1951-1952), da Juventude Independente Católica (JIC), da Juventude Estudantil Católica (JEC); Diretor das Federações Marianas da Arquidiocese de Ribeirão Preto, SP; Assistente Geral da Ação Católica; Diretor da Obra da Adoração ao Ssmo. Sacramento e do MFC; Procurador da Mitra Arquidiocesana de Ribeirão Preto. SP (1958-1960)

Como Bispo: 1º Bispo da Diocese de São João da Boa Vista, SP, (1960-1963); Fundador da IDAR (Instituição Diocesana de Ação Rural); Bispo Coadjutor com direito à sucessão, de Santos, SP (1963); Bispo Diocesano de Santos, SP (1966-26/07/2000); Membro da Com. de Providência do Clero; Membro da Com. Representativa do Reg. Sul I; Diretor Nacional do Apostolado do Mar; Assistente da Com. Reg. da Pastoral da Família; Conselheiro Esp. do Secr. Nacional dos Cursilhos de Cristandade; Pres. da “Sociedade Visconde de São Leopoldo”, responsável pela Universidade Católica de Santos; Diretor Geral da Assoc. “A Casa do Senhor” e da Associação Promocional e Educativa (ASPE); Pres. do Cons. Deliberativo do Centro de Formação para o Apostolado de Santos (CEFAS)

Escritos de sua autoria: Coluna Semanal no diário “Cidade de Santos”; “A Bíblia hoje”; no Boletim Diocesano: “Avisos e Comunicados”; Artigos freqüentes na revista “Alavanca”, dos Cursilhos

Cartas pastorais durante o Concílio: * Segunda Carta Pastoral - Concílio Vaticano II, Dom David Picão, bispo de São João da Boa Vista e Vigário Capitular da Arquidiocese de Ribeirão Preto, Gráfica do Diário de Notícias, Ribeirão Preto, 15-08-1962, pp. 14: “Vivemos uma hora histórica. Dentro de pouco menos de dois meses, estaremos, Deus querendo, por obra e graça de sua Infinita Bondade e Misericórdia, tomando assento junto ao Vigário de Cristo na terra, o Santo Padre João XXIII, em companhia de milhares de irmãos nossos, os Venerandos Pastores da Igreja de Deus, no XXI Concílio Ecumênico Vaticano II.” p. 3

Lema: “Omnibus omnia factus” (Fiz-me tudo para todos)

+ vivo em 31-12-2000

74 - Dom Delfim Ribeiro Guedes

Bispo residencial de São João Del Rei, MG (Juiz de Fora), desde 23/07/1960

Votum: ADA II/7, p. 206

Vaticano II: 1º, 3º e 4º períodos

N. em Maria da Fé, Pouso Alegre, MG, Brasil, em 02/05/1908

Ord. sac.: 25/10/1931

Elev.: 26/06/1943 a Leopoldina, MG

Consagr.: 03/10/1943

Pais: Lucas Evangelista Guedes e Amélia Ribeiro Guedes

Estudos: 1º e 2º graus (1920-1925), Pouso Alegre, MG; Filosofia (1925-1928) e Teologia (1928-1932), Pont. Univ. Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Pároco em Soledade de Itajubá, MG (hoje Delfim Moreira) (1932-1934); Pároco em Maria da Fé, MG (1934-1935); Reitor do Sem. Episcopal Nossa Sra. Auxiliadora (1935-

1943), Pouso Alegre, MG; Professor de Latim e Italiano, no Seminário; Capelão dos Militares; Membro do Cabido Diocesano

Como Bispo: Bispo de Leopoldina, MG (1943-1960); Bispo de São João Del Rei, MG (1960-1983). Pregador de Retiros; Assistência aos enfermos e desvalidos

Escritos de sua autoria: Diversas cartas pastorais, principalmente sobre a vocação

Programas: ocasionais em Rádio e TV

Lema: “Contra spem, in spem” (“Na esperança, contra toda esperança” Rm 4,18)

+ 23-02-1985

75 - Dom Diogo Parodi, FSCJ

Bispo titular, Prelado *nullius* de Santo Antônio de Balsas, MA (São Luís do Maranhão, MA), desde 09/05/1959

Votum: ADA II/7, p. 304-305

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Leonardo di Linarolo, Pavia, Itália, em 08/10/1916

Ord. sac.: 07/07/1940

Elev.: 09/05/1959 à Igreja titular de Centenaria

Consagr.: 21/06/1959

Estudos: Após ter freqüentado o ginásio, a Filosofia e parte da Teologia no Seminário de Pavia, dois anos antes de ser ordenado sacerdote entrou no Noviciado Comboniano e emitiu a profissão religiosa aos 19/07/1940.

Antes do Episcopado: de 1941 até 1950 serviu a Congregação no setor da formação dos jovens seminaristas, enfrentando situações difíceis e com perigo de vida, durante a II Guerra e a ocupação nazista do norte da Itália. Em 1952, após um período de preparação em Portugal, chefiou a primeira turma de Combonianos destinados ao Brasil, alcançando Balsas, MA, aos 12/06/1952, onde permaneceu até 1965, escalando as várias etapas até o episcopado, primeiro como vigário-geral, depois como administrador apostólico, e enfim sendo sagrado bispo aos 21/07/1959.

Como Bispo: foi o primeiro Bispo de Diocese de Balsas, MA. Todo o povo teve o modo de apreciar seu zelo e dinamismo apostólico infatigáveis, seu caráter forte e batalhador, seu grande amor à Igreja e aos pobres. Durante sua administração foram construídos o Seminário-Colégio São Pio X, a Escola Normal Dom Daniel Comboni, as Oficinas de Artes e Ofícios, a residência episcopal, o Hospital São José. Foi iniciada outrossim a construção da Catedral de Balsas. Apesar de reinar em Balsas uma certa indiferença e até desconfiança, acreditou na possibilidade de formar sacerdotes nativos e dedicou parte notável de suas energias para que Balsas tivesse o seu Seminário. Tanto viajou e se desdobrou para o bem e progresso da região e do povo de Balsas, que sua forte constituição, seu nobre coração não resistiram. Em 1965, teve que pedir demissão da responsabilidade do governo da Igreja de Balsas. E, humilde e silenciosamente, deixou Balsas e o Brasil, como o servo bom e fiel do Evangelho. De dezembro de 1969 a março de 1972, esteve em Gúbio na Itália central, e em seguida, até à morte, ficou sendo bispo de Ischia, perto de Nápoles

+ 09-01-1983

76 - Dom Frei Edilberto Dinkelborg, OFM

Bispo residencial de Oeiras (Teresina, PI), desde 20/06/1959

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Epe, Münster, Alemanha, em 07/11/1918; naturalizado brasileiro em 09/08/74

Ord. sac.: 19/07/1943

Elev.: 20/06/1959 a Oeiras, PI.

Consagr.: 11/10/1959

Pais: Bernardo Dinkelborg e Gertrudes Dinkelborg

Estudos: 1º grau (1925-1935), Alemanha; 2º grau e Filosofia (1935-1940), Escola Part. e Conv. dos Franciscanos, Olinda, PE; Teologia, Conv. Franc. de Salvador, BA

Antes do Episcopado: Assistente do Circ. Operário da Bahia, Salvador (1944-1948); Vigário Coop., João Pessoa, PB (1949); Vigário Cooperador e Vigário, Aracajú, SE (1949-1957); Superior do Convento Santo Antônio, Aracajú, SE (1951-1957); Assistente Eclesiástico do Circ. Operário da Bahia e Diretor das Obras Sociais, Salvador, BA (1958-1959).

Como Bispo: Bispo Diocesano de Oeiras, PI, desde 1959; Membro da Com. Representativa da CNBB, pelo Regional NE I; Secr. Regional NE I (1975-1978); Visitador Apostólico e Assistente Rel.

da Cong. das Filhas de Sta. Teresa; Membro da Ordem dos Frades Menores da Província Franciscana de Santo Antônio do Nordeste do Brasil. A partir de 16/06/78, com a instalação da Catedral de São Pedro de Alcântara, PI; Bispo da Diocese de Oeiras-Florianópolis, PI; Presidente da Regional Nordeste IV (1980) e membro do Conselho Permanente da CNBB (1980)

Lema: “In finem dilexit” (Amou-os até o fim)

+ 31-12-1991

77 - Dom Edmundo Luís Kunz

Bispo titular, Auxiliar de Porto Alegre, RS, desde 01/08/1955

Votum: não enviou

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Venâncio Aires, Porto Alegre, RS, Brasil, em 11/03/1919

Ord. sac.: 30/11/1944

Elev.: 01/08/1955 à Igreja titular de Tolemaide da Fenícia

Consagr.: 30/10/1955

Pais: José R. Kunz e Ana Cecília Wilke

Estudos: Primário (1926-1931), Venâncio Aires, RS; Ginásio e 2º grau, Filosofia e Teologia (1932-1944); Sem. São Leopoldo, RS; Revalidação da Filosofia (Licenciatura) PUC-RS (1970); Doutorado e Livre Docência em Filosofia, PUC-RS (1975)

Antes do Episcopado: Capelão, Vigário Cooperador e Vigário (1945-1953), Porto Alegre, RS; 1º Reitor do Seminário de Viamão, RS (1954-1955); Prof. Universitário da PUC, Porto Alegre, RS (1947-1979); Prof. da Faculdade de Filosofia de Viamão, RS (1965-1979).

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Porto Alegre, desde 1955; Assistente Geral da Ação Católica (1965-1966); Fundador e Pres. do Conselho Deliberativo da Frente Agrária Gaúcha (1961-1978); Diretor da Revista “Renovação” da CNBB Sul 3; Prof. de Filosofia na PUC-RS e no Sem. de Viamão, RS

Escritos de sua autoria: Livros: “Farias Brito (Vida e Pensamento)” (1940); “Mocidade Nova para o mundo rural” (1962); “Normas Práticas para a Fundação de Sindicatos Rurais” (1962); “Deus no espaço existencial”, (1975); “Queremos ser gente”, PAG (1977); “Estamos aí”. (Roteiro de reflexão e de ação). PAG. (1978); “O ser do valor e valores”, (1978); Coluna Permanente: “Conversa com o leitor”, na revista “Renovação”, Porto Alegre; Programas Permanentes: “Mão no arado e não olhe para trás” na Rádio Gaúcha (programa semanal para agricultores)

Lema: “In fraternitatis amore” (No amor da fraternidade)

+ 12-09-1988

78 - Dom Elias Cueter

Bispo titular, Auxiliar para os gregos-melquitas no Brasil de Ordinariato 1 (Rio de Janeiro, RJ), desde 25/11/1960

Vaticano II: 1º e 4º períodos

N. em Damasco, Damasco, Síria, em 15/08/1896

Ord. sac.: Jerusalém, 20/07/1925

Elev.: 25/11/1960 à Igreja titular de Taua

Consagr.: São Paulo, SP, 05/02/1961

Pais: Antônio Couéter e Wacilé Sada

Estudos: 1º grau, Damasco; 2º grau, Sem. Melquita de Jerusalém; Filosofia e Teologia (1920-1925), Jerusalém

Antes do Episcopado: Prof. Ecônomo, Prefeito de Disciplina e de estudos no Colégio Patriarcal de Beirute (1925-1928); Prefeito no Colégio Patriarcal do Cairo (1929); Diretor da Escola Paroquial e Coadjutor (1930), Damasco; Prefeito no Colégio Patriarcal de Damasco (1931-1935); Capelão das Religiosas de Besançon e Diretor Espiritual e Orientador dos Estudos Árabes (1936), Alexandria, Egito; Coadjutor do Pároco Melquita em Detroit nos Estados Unidos (1936-1939); Pároco e Vigário Geral dos Melquitas, Rio de Janeiro, RJ (1939-1961)

Como Bispo: Bispo Auxiliar para os Melquitas (1961-1973) Rio de Janeiro, RJ; Eparca Melquita da Diocese Nossa Senhora do Paraíso, São Paulo, SP (1973-1978)

Lemas: “Ut omnes unum sint” (Que todos sejam um)

+ 16-06-1985

79 - Dom Eliseu Maria Coroli, CRSP

Bispo titular, Prelado *nullius* de Guamá (Belém do Pará, PA), desde 10/08/1940

Votum: ADA II/7, p. 276-279

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS I/2, 213-215; AS I/3 572-73

N. em Castelnuovo di Val Tidone, Piacenza, Itália, em 09/02/1900

Ord. sac.: 15/03/1924

Elev.: 10/08/1940 à Igreja titular de Zama maggiore

Consagr.: 13/10/1940

+ 29-07-1982

80 - Dom Eliseu Simões Mendes

Bispo residencial de Campo Mourão, PR (Curitiba), desde 17/10/1959

Votum: ADA II/7, p. 215-216

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Coração de Maria, Feira de Santana, BA, Brasil, em 18/05/1915

Ord. sac.: 04/12/1938

Elev.: 21/08/1950 à Igreja titular de Nisiro

Consagr.: 03/12/1950

Pais: Agnelo Mendes da Silva e Elisa Simões da Silva

Estudos 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1928-1938), Seminário de Salvador, BA

Antes do Episcopado: (1939-1940); Secretário Geral do Arcebispo (1940-1950); Assistente da Ação Católica e Obras Sociais (1942-1950); Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais na Diocese, Diretor da Imprensa Católica “Era Nova”, Capelão da Adoração Perpétua e da Igreja de São Raimundo, Capelão do Convento da Lapa-Obra do Bom Pastor (1938-1950); em 1949, dirigiu a Secretaria Geral do 1º Congresso Nacional de Vocações, Salvador, BA

Como Bispo: Auxiliar do Arcebispo de Fortaleza, CE (1951-1953); promoveu obras sociais e obras de combate às secas, por meio de Centros Sociais da Comunidade e Missões Rurais; Bispo de Mossoró, RN (1954-1960). Desenvolveu vasto plano de Ação Social, com atuação nos Vales do Açú e Apodi; Presidente Executivo de um Plano Regional de Promoção Humana no Oeste do Rio Grande do Norte com realização nas áreas de educação, saúde, agricultura, crédito e habitação popular; Bispo de Campo Mourão, PR, desde 1960; Membro da Com. de Ação Social da CNBB (1956-1958); Participante da 1º Conferência do Episcopado Latino-americano do CELAM, no Rio de Janeiro (1955), Membro da Com. de Teologia, Regional Sul 2 (1968-1971); Membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia; Fundador do “Instituto Social Lar Paraná” (Centro de Formação de Líderes). Pioneiro na organização de uma Pastoral Renovada no norte do Paraná, após o Concílio Vaticano II

Lema: “Salus Gregis” (Salvação do Rebanho)

+ vivo em 31-12-2000

81 - Dom Eliseu van de Weijer, O. Carm.

Bispo emérito de Paracatu, desde 11/06/1962

Votum: ADA II/7, p. 284-285

Vaticano II: não participou

N. em Harderwijk, Utrecht, Holanda, em 29/12/1880

Ord. sac.: 17/06/1905

Elev.: 25/05/1940 à Igreja titular de Gor

Consagr.: 27/09/1940

Antes do Episcopado: Em 1907, dois anos após sua ordenação, chegou ao Brasil, onde foi designado mestre de noviços, professor de Filosofia e Teologia da Província Carmelitana do Rio de Janeiro, RJ. Esteve em São Paulo, SP, e no Rio, RJ, como Prior da comunidade

Como Bispo: Em março de 1929, Pio XI criou a Prelazia *nullius* de Paracatu, MG, que recebeu na sua pessoa o primeiro Administrador Apostólico. Em 25 de maio de 1940 é eleito Bispo Titular de Gor, e Prelado *nullius* de Paracatu. Enquanto sacerdote foi administrador apostólico da Prelazia (1929-1940). Foi o 1º. bispo prelado (1940-1962) e o 1º bispo diocesano (14/04/1962)

+ 25-01-1966

82 - Dom Frei Emiliano José Lonati, OFM Cap.

Bispo titular, Prelado *nullius* de São José do Grajaú, MA (São Luís do Maranhão, MA), desde 10/01/1930

Votum: ADA II/7, p. 306

Vaticano II: 1º período

N. em Brescia, Brescia, Itália, em 03/02/1886

Ord. sac.: 06/08/1913

Elev.: 10/01/1930 à Igreja titular de Epifania da Cilícia

Consagr.: 08/06/1930

Antes do Episcopado: Foi enviado pelos Superiores para as missões no Brasil

Como Bispo: Governou a Prelazia por 38 anos, até sua renúncia ao governo por motivos de idade avançada em 1966

+ 29-09-1971

83 - Dom Epaminondas José de Araújo

Bispo residencial de Rui Barbosa (São Salvador da Bahia, BA), desde 14/12/1959

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Caiçara, Guarabira, então Paraíba, PB, Brasil, em 19/03/1922

Ord. sac.: 12/08/1945

Elev.: 14/12/1959 a Rui Barbosa, BA

Consagr.: 27/03/1960

Pais: José Epaminondas de Araújo e Lídia Queiroz de Araújo

Estudos: Primários (1931-1934), Guarabira, PB; Ginásio (1935-1938), Filosofia (1939-1940), Teologia (1941-1945), João Pessoa, PB; Sociologia Religiosa (1956), Rio de Janeiro, RJ

Antes do Episcopado: Vigário Coadjutor (1946), Guarabira, PB; Prof. no Sem. de João Pessoa, PB (1947-1950); Vigário de Alagoinha, PB (1951), de Araruna, PB (1952-1953), de Alagoa Grande, PB, (1954-1957), da Catedral de João Pessoa, PB (1958); Diretor de “A Imprensa”, João Pessoa, PB (1958-1959)

Como Bispo: 1º Bispo de Rui Barbosa, BA (1960-1966); 1º Bispo de Anápolis, GO (1966-1978); Bispo de Palmeira dos Índios, AL, (1978-1984); Membro da Com. Representativa da CNBB (1966-1978); Participante do Concílio Vaticano II.

Escritos de sua autoria: Livros: *O Leigo na Igreja. Petrópolis*, Ed. Vozes, 1971; *Caminhos de Crescimento*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1975; *Minha Igreja Peregrina*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977. Colunas permanentes, quando esteve nas cidades abaixo relacionadas: em “A Imprensa”, João Pessoa, PB; “O Popular”, Goiânia, GO; “O Cinco de Março”, Goiânia, GO

Programas: na Rádio S. Francisco de Anápolis, GO; na Rádio Sampaio, de Palmeira dos Índios, AL (semanal)

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral - O Concílio Vaticano II, Rui Barbosa - Bahia, Gráfica A Imprensa, João Pessoa - Paraíba, 01-01-1963, pp. 6: “Ao voltarmos de Roma, onde tivemos a alegria imensa de assistir à solene abertura e à primeira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, sentimos a necessidade de dizer uma palavra aos fiéis de nossa diocese”; “Ainda é cedo para avaliarmos as repercussões e as conseqüências do Concílio. Ele apenas começou. Dos 70 esquemas que foram preparados pelas várias comissões, só 5 entraram em plenário para a apreciação de 2.300 padres conciliares. Em setembro, terá início a segunda fase. O Concílio Ecumênico não é uma festa ou uma simples reunião de bispos que ditam normas de aplicação imediata; e, sim, é o Supremo Magistério da Igreja...” p. 3

Lema: “In verbo tuo” (Na tua Palavra)

+ vivo em 31-12-2000

84 - Dom Ernesto de Paula

Bispo titular de Gerocesarea, “emérito” de Piracicaba, SP (Campinas, SP), desde 09/01/1960; Auxiliar em S. Paulo

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, em 05/02/1899

Ord. sac.: 14/07/1927

Elev.: 22/11/1941 a Jacarezinho, PR.

Consagr.: 04/01/1942

Pais: Luiz de Paula e Constantina de Paula

Estudos: 1º grau (1906-1910), São Paulo, SP; 2º grau, Seminário Menor de Pirapora, SP; Filosofia e Teologia, Sem. Prov. São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Vigário Coop. da Par. São José do Belém, de Santa Efigênia, na cidade de São Paulo, SP; vice-Chanceler do Arcebispado; Vigário Geral do Arcebispado; diretor da Confederação das Associações Católicas de São Paulo, SP; Capelão do Col. Arquid. e das Irmãs Sacramentinas; Dir. da Liga do Professorado Católico e das Associações Diocesanas; Assistente dos Vicentinos e das Damas de Caridade, Presidente do Tribunal Eclesiástico; Juiz Sinodal, Cônego Catedrático, Chantre do Cabido

Como Bispo: Bispo de Jacarezinho, PR (1942-1945); Bispo de Piracicaba, SP (1945-1960); Membro da Irmandade de São Pedro dos Clérigos, da Soberana Ordem Militar de Malta e da Ordem Terceira de São Francisco

Lema: “Omnia per Mariam” (Tudo por Maria)

+ 31-12-1994

85 - Dom Estanislau Arnoldo Van Melis, CP

Bispo titular, Prelado *nullius* de São Luís de Montes Belos, GO (Goiânia, GO), desde 26/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Zeeland, 's-Hertogenbosch, Holanda, em 19/03/1911

Ord. sac.: Mook, Holanda, 10/05/1936

Elev.: 26/11/1962 à Igreja titular de Polemonio

Consagr.: Mook, Holanda, 02/02/1963

Pais: Peter van Melis e Jacoba Dirks

Estudos: 1º grau (1918-23), Zeeland; 2º grau (1923-28), Haastrecht; Filosofia e Teologia (1929-36), Mook; Especialização em História Oriental (1949-52) e Doutorado (1953) no Pont. Institutum Orientalium Studiorum, Roma, Itália

Antes do Episcopado: Prof. no Sem. de Haastrecht, Holanda (1949-52); Diretor do Seminário em Svistov, Bulgária (1937-42); Vigário da Paróquia e Assist. dos Estudantes em Svistov (1942-47); vice-Provincial dos Padres Passionistas, na Bulgária (1947-49); Expulso da Bulgária pelo Governo Comunista (1949); Diretor dos Estudantes Universitários Passionistas em Roma (1949-52); Cons. Prov. da Província Holandesa, na Holanda (1952); Provincial da Prov. Holandesa dos Passionistas (1952-58); Vice-Provincial dos passionistas holandeses no Brasil (1958-62); Vigário da Paróquia São Pio X, em Goiânia, GO (1959-61); Vigário da Paróquia de S. Luís de Montes Belos, GO (1961-62); Vigário Geral da nova Prelazia e São Luís de Montes Belos, GO (1962)

Como Bispo: Bispo Prelado de São Luís de Montes Belos, GO; Membro da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas). Em 1987, por motivo de saúde, apresentou a renúncia ao Papa que nomeou novo Bispo. Dom Estanislau foi autor de toda infra-estrutura pastoral e social da Diocese de São Luís de Montes Belo, com o auxílio de seus companheiros passionistas

Lema: “In aedificationem Corporis Christi” (Para a edificação do Corpo de Cristo)

+ 23-11-1998

86 - Dom Eugênio de Araújo Sales

Bispo titular, Administrador apostólico *sede plena* de São Salvador da Bahia, BA, desde 1964

Votum: ADA II/7, p. 336

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: ALm

Intervenções [6] AS I/3, 574-75; AS I/4, 453-54; AS III/5, 450; AS III/7, 604-05; AS IV/2, 126; AS IV/4, 476-78

N. em Acari, Caicó, RN, Brasil, em 08/11/1920

Ord. sac.: 21/11/1943

Elev.: 01/06/1954 à Igreja titular de Tibica

Consagr.: 15/08/1954

Pais: Celso Dantas Sales e Josefa de Araújo Sales

Estudos: 1º grau: Escola particular em Natal, RN (1930); 2º grau: Colégio Marista e Seminário Menor em Natal, RN (1931-1935); Filosofia: Seminário de Fortaleza, CE (1937-1939); Teologia: Seminário de Fortaleza, CE (1940-1943)

Antes do Episcopado: Vigário cooperador da Paróquia de Nova Cruz, Natal, RN (1943); Capelão do Colégio Nossa Senhora do Carmo, Nova Cruz, Natal, RN; Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais da Arquidiocese de Natal, RN; Assistente Eclesiástico e iniciador do movimento da “Juventude Masculina Católica” em Natal, RN; Professor de Apologética no Seminário de São Pedro em Natal, RN; Professor de Cultura Religiosa na Escola de Serviço Social de Natal; Diretor das Obras Sociais da Arquidiocese (1945); Capelão da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte; outras atividades, inclusive o Movimento de Natal

Como Bispo: Administrador Apostólico *sede plena* de Natal, RN (1954-1964) e de São Salvador da Bahia (1964-1968); Arcebispo primaz do Brasil (1968-1971); Encarregado do Departamento de Ação Social do CELAM (1964-1965; 1966-1967; 1968-1969; 1969-1970; 1970-1971); Secretário Regional Nordeste 3; Presidente do Secretariado de Ação Social da CNBB; Presidente do Secretariado de Opinião Pública do CELAM; Membro Eleito no Concílio Vaticano II para a Comissão do Apostolado dos Leigos; Membro e Presidente da Comissão de Promoção Humana da Pontifícia Comissão Justiça e Paz; representante eleito para o Sínodo dos Bispos (1976); Legado Papal ao VIII Congresso Eucarístico Nacional em Brasília (1980); Nomeado pelo Santo Padre para o Sínodo dos Bispos (1980); Membro do Conselho Permanente da CNBB; Membro da Congregação do Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, para a Evangelização dos Povos, para o Clero e para as Igrejas Orientais; membro para revisão do Código de Direito Canônico; Membro do conselho permanente de Cardeais para estudo de problemas organizativos e econômicos da Santa Sé; Vice-Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura; Membro da Pontifícia Comissão Justiça e Paz e da Segunda Secção da Secretaria de Estado; Membro da Sagrada Congregação para os Bispos, para o Clero e para a Evangelização dos povos; Membro da Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social; **Cardeal Presbítero** do Título de S. Gregório VII (28/04/1969 - Paulo VI); Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro (1971-2001); Ordinário para os fiéis de Rito Oriental residentes no Brasil e sem Ordinário do próprio Rito; Atividades desenvolvidas em Natal, RN, Salvador, BA e Rio de Janeiro, RJ: promoção de encontros de estudos para Bispos, Padres, Religiosas e Leigos de todo o Nordeste; Obra pioneira na promoção da sindicalização rural; Instituição das Cooperativas de Artesanato, Crédito e Consumo de Natal, RN; criação da Fundação Pio XII de Colonização Agrícola; disseminação pelo Interior e na Capital dos Centros Sociais da Comunidade; iniciador da campanha de motorização do clero no Nordeste; fundador da Assistência Social Penitenciária; promotor dos encontros mensais com o clero, para oração e revisão pastoral; iniciador dos cursos de aperfeiçoamento para Bispos; criação de um serviço permanente para refugiados políticos latino-americanos, realizando em seguida convênio com a ONU; criação de um sistema contábil, centralizando todas as contabilidades paroquiais através da utilização da informática; criação da assessoria leiga técnica para consulta sobre posições a serem tomadas pela Igreja, frente a problemas nacionais e locais; criação de uma assessoria teológico-pastoral à Arquidiocese do Rio de Janeiro, RJ; construção do Edifício João Paulo II, onde estão centralizados todos os órgãos da Arquidiocese e os Movimentos Apostólicos; ereção da Faculdade Eclesiástica de filosofia “João Paulo II”; iniciador da edição brasileira da revista “Communio”; implantação de um serviço de Telex para a Arquidiocese; ereção do Instituto Superior de Direito Canônico; criação na Arquidiocese do RJ de diversas pastorais Vocacionais, do Trabalho, das Favelas, da Catequese Diferencial, do Sistema Penal, do Alcoólico Anônimo, das Domésticas, dos meios Culturais e da Saúde; Delegado à Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América em função do ofício (1997)

Escritos de sua autoria: Colunas permanentes em “Jornal do Brasil”, “O Globo”, “O Dia”, “Jornal da Comunicação e outros”. Livros: “A Voz do Pastor”, “Viver a Fé em um Mundo a Construir”

Lema: “Impendam et Superimpendam”

+ vivo em 31-12-2000

87 - Dom Expedito Eduardo de Oliveira

Bispo residencial de Patos (Paraíba), desde 25/02/1959

Votum: ADA II/7, p. 228-229

Vaticano II: 1º e 4º períodos

N. em Pacatuba, Fortaleza, CE, Brasil, em 08/01/1910

Ord. sac.: 30/11/1933

Elev.: 01/10/1953 à Igreja titular de Barca

Consagr.: 13/12/1953

Pais: Alfredo Augusto de Oliveira e Elvira Eduardo de Oliveira

Estudos: 1º grau em casa dos pais e em Escolas Particulares; 2º grau, Filosofia e Teologia (1924-1933), Seminário de Fortaleza, CE; Curso Por um mundo Melhor (1963), em Ponta Negra, Natal, RN

Antes do Episcopado: vigário-Substituto (1934); Pároco de São Geraldo e de N. Sra. do Carmo (1934-1948); Cura da Catedral (1952-1953); Pró-Vigário (1948-1953) em Fortaleza, CE

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Fortaleza, CE (1953-1959); Bispo Diocesano de Patos, PB (1950-1983)

Escritos de sua autoria: Cartas Pastorais e diversos Anuários Diocesanos; coluna Semanal no Jornal “A Fortaleza”, Fortaleza, CE; algumas Orações Gratulatórias, em jubileus sacerdotais e no centenário de D. Manuel da Silva Gomes, Mons. Antônio Tabosa e Pe. Guilherme Wassen, CM, publicada na Revista do Instituto Histórico do Ceará

Lema: “Sub tuum praesidium” (Sob tua proteção)
+ 08-05-1983

88 - Dom Frei Felício César da Cunha Vasconcelos, OFM

Arcebispo residencial de Ribeirão Preto, desde 25/03/1965

Votum: ADA II/7, p. 342-343

Vaticano II: 2º e 4º períodos

N. em Dolores de Camaquã, Porto Alegre, RS, Brasil, em 25/05/1904

Ord. sac.: 01/11/1933

Elev.: 30/03/1949 a Penedo

Consagr.: 29/06/1949

Pais: Joaquim da Cunha Vasconcellos e Edviges Lopes Vasconcellos

Estudos: Fez os primeiros estudos na Escola Mista de Dolores de Camaquã, RS, e posteriormente, falecido seu pai, transferiu-se para Porto Alegre, RS. Fez Filosofia e Teologia em São Leopoldo, RS.

Antes do Episcopado: Na capital, trabalhou como funcionário do Banco Nacional do Comércio, mas aos 20 anos despediu-se dos colegas de serviço para atender ao chamamento do Senhor. Seguiu para o Seminário de São Leopoldo, RS, prestou o Serviço Militar no 8º Batalhão de Caçadores e terminou posteriormente o seu curso de Teologia. A ordenação sacerdotal recebeu-a das mãos de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, RS, no dia primeiro de novembro de 1933. Seu ministério sacerdotal principiou na Paróquia de Nossa Senhora da Glória; depois foi Vigário Cooperador em Gramado, RS e Capela, RS; Vigário substituto em São Sebastião. No intuito de seguir seu ideal missionário, entrou para a Ordem Franciscana: foi admitido ao noviciado em 30/01/1941, professou temporariamente em 1942 e solenemente aos 31/01/1945. Entre 1942 e 1945, em Petrópolis, RJ, lecionou, na Faculdade Teológica dos Franciscanos, Teologia Pastoral, Homilética e Catequética e em vários colégios de Petrópolis, RJ, até 1945 e foi também capelão da assim chamada “Guarda Imperial”. Desde 1945, passou a dirigir uma equipe de missionários populares. A seus cuidados foram confiadas as missões franciscanas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná (1945-1949)

Como Bispo: aos 30/03/1949 recebeu sua nomeação para Bispo diocesano de Penedo, AL. Em Penedo, erigiu o Seminário Nossa Senhora de Fátima, do qual foi primeiro Reitor, e também incentivou a criação da Colônia Pindorama. Pio XII o nomeou Arcebispo Coadjutor de Florianópolis, SC. Aí ficou até 1965, quando, a 27 de março, Paulo VI o designou Arcebispo de Ribeirão Preto, SP. Na nova sede, procurou viver seu lema “Darei tudo e a mim mesmo imolar-me-ei pelo bem das vossas almas” e, apesar da saúde abalada, não fugiu aos deveres pastorais. Não obstante sua precária saúde, visitou quase todas as paróquias do arcebispado e promoveu a criação das seguintes novas paróquias: Estreito, SP, Município de Pedregulho, SP (São Francisco de Assis) 19/03/1966; Ribeirão Preto, SP, Vila Seixas (Nossa Senhora Aparecida) 14/07/1966; Batatais, SP, (São Sebastião) 16/06/1967; Batatais, SP, Imaculada Coração de Jesus, 15/06/1967; Ribeirão Preto, SP, Vila Recreio (Santo Antônio Maria Claret) 23/12/1967, Ribeirão Preto, SP, Vila Abranches (Cristo Operário) 02/02/1968; Itirapuã, SP, (Nossa Senhora Aparecida) 02/02/1968; Franca, SP, (Santa Rita de Cássia) 13/03/1968; Dumont, SP, (Nossa Senhora da Conceição) 13/05/1968; Franca, SP, (São Benedito) 13/05/1958; Franca, SP, Capelinha, (Nossa Senhora Aparecida) 25/05/1968; Franca, SP (Santo Antônio) 13/06/1968; Franca, SP (São Judas Tade) 28/02/1969; nos sete anos de administração criou novas Paróquias, contribuiu para a ereção da diocese de Franca, SP (maio de 1971) e, em 1966, pediu à Santa Sé que lhe desse um Coadjutor com direito à sucessão e o obteve na pessoa de Dom Bernardo José Bueno Miele. Uma obra que lhe mereceu atenção especial foi a Casa Dom Luis, para cujo término contou com a cooperação e apoio do novo Coadjutor, de movimentos e de grupos leigos da Arquidiocese. Essa obra se destina à formação e treinamento especialmente de apóstolos leigos para o mundo de hoje. Também a Dom Felício se deveram reformas no prédio do antigo Salão Dom

Alberto; instalou o Secretariado de Pastoral e mudou a sede da Cúria Metropolitana para melhor funcionamento de seus serviços
+ 11-07-1972

89 - Dom Felipe Condurú Pacheco

Bispo titular de Decoriana, emérito de Parnaíba (Teresina, PI), desde 17/01/1959

Votum: ADA II/7, p. 316

Vaticano II: não participou

Intervenções [4] AS II/4, 840; AS III/3, 889; AS III/7, 828; AS III/8, 981

N. em São Bento, São Luís do Maranhão, MA, Brasil, em 18/07/1892

Ord. sac.: 21/11/1915

Elev.: 22/04/1941 a Ilhéus, BA

Consagr.: 06/07/1941

Estudos: Na cidade natal, fez os primeiros estudos, continuando-os no Seminário de Santo Antônio onde cursou Humanidade e, depois, no da Prainha (Fortaleza, CE) no qual concluiu Filosofia e Teologia

Antes do Episcopado: pároco de sua terra natal, onde ainda hoje se notam os sinais de sua atenção pastoral, foi chamado de volta para São Luís, MA, aos 30/01/1931, pelo primeiro Arcebispo do Maranhão, Dom Otaviano Pereira de Albuquerque, pelo qual foi nomeado Vigário Geral. Exerceu esse cargo cumulativamente com os de Pároco da Catedral, professor do Seminário, Capelão do Colégio Santa Teresa e, mais tarde, Diretor da Associação das Noelitas, da União dos Moços Católicos e de outras organizações religiosas. Além das atividades pastorais, dedicava-se ainda à pesquisa, à música, às atividades literárias em prosa e verso, jornalismo, historiografia. Foi também sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Escreveu *A Paróquia de São Bento* (nótulas), *A Santa Missa explicada a todos os fiéis*, *Dom Francisco de Paula e Silva, Vida de Dom Luis de Brito, primeiro Arcebispo de Olinda* e *História Eclesiástica do Maranhão*. Na prolongada ausência de Dom Otaviano, ocupou por alguns anos o cargo de Vigário Geral no governo da Arquidiocese, que outrora regera como Vigário Capitular

Como Bispo: em 1941, Pio XII elegeu-o Bispo de Ilhéus, BA (1941-1946). Depois de cinco anos à frente daquela diocese baiana, o mesmo Pio XII nomeou-o para Parnaíba, PI (1946-1959), da qual foi o primeiro Bispo. Em 1959, renunciou o governo da sua segunda diocese, recebendo então a designação de titular de Decoriana. Voltou a viver em São Luís, MA, acolhido por Dom José Delgado na própria residência episcopal, onde passou os últimos dias de sua vida terrena. Aproveitou então para efetuar pesquisas em diversos Estados, publicando finalmente sua obra de maior vulto *A História Eclesiástica do Maranhão* (1968). A edição teve financiamento do governo maranhense que também lhe concedeu uma pensão vitalícia, em vista de seus méritos e de sua reconhecida pobreza

+ 01-10-1972

90 - Dom Fernando Gomes dos Santos

Arcebispo residencial de Goiânia, GO, desde 07/03/1957

Votum: ADA II/7, p. 176-179

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [6] AS I/3, 331-33; AS II/4, 488-491 - LXI; AS III/4, 420-22 CI; AS III/4, 422- 25 CI; AS III/7, 265-66; AS IV/4, 518-20

N. em Patos, Patos, PB, Brasil, em 04/04/1910

Ord. sac.: 01/11/1932

Elev.: 09/01/1943 a Penedo, AL.

Consagr.: 04/04/1943

Pais: Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Lustosa Gomes

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1921-1939), João Pessoa, PB; Teologia (1930-1932), Pont. Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Diretor do Colégio Diocesano Padre Rolim de Cajazeiras, PB, (1933-1935) e Vigário de Cajazeiras, PB, (1936); Vigário de Patos, PB, (1937-1943)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Penedo, AL (1943-1949); Bispo Diocesano de Aracajú, SE (1949-1957); Arcebispo de Goiânia, GO, (1957-1985), logo no mês seguinte, fazia publicar a "Revista da Arquidiocese", que tem circulado regularmente até hoje; Secretário do Regional Centro_Oeste da CNBB; Membro da Com. Central da CNBB; participante do Conc. Vaticano II; Grão Chanceler da

Univ. de Goiás. Em 1959, dá início a uma experiência de reforma agrária, na Fazenda Conceição, em Corumbá de Goiás. Serviu-se do maior imóvel arquidiocesano, para o assentamento de 52 famílias pobres, com distribuição de lotes de terra, construção de moradias e prestação de assistência técnica. Adquiriu para a arquidiocese de Goiânia, GO, a Rádio Difusora de Goiânia (atualmente, com a Congregação dos Redentoristas). Ainda em 1959, aos 17/10, funda a Universidade Católica de Goiás. Quando se festejou o jubileu de prata da UCG foi decidido conferir-lhe o título de doutor “honoris causa”, mas não chegou a recebê-lo, por causa do debilitamento de sua saúde. De 1962 a 1965, tomou parte em todas as sessões do Vaticano II. Em 1968, na qualidade de Delegado eleito pela CNBB, tomou parte na Conferência de Medellín (coordenava a comissão de estudos sobre os Meios de Comunicação Social). Em 1982, celebrou a primeiro de novembro o seu jubileu de Ouro de ordenação sacerdotal. E, na mesma data, com todo o povo a ele confiado, celebrou também o jubileu de Prata da Arquidiocese de Goiânia; assistente ao Sóló Pontifício.

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Concílio Ecumênico Vaticano II, Carta Pastoral de D. Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia aos seus diocesanos, Goiânia, 30-09-1962 (seguida do Regimento Interno do Concílio), pp. 22. I. O que é o Concílio?, p. 1. II. O que podemos esperar do Concílio?, 4. III. O que devemos fazer pelo Concílio?, 9. IV. A arquidiocese e o Concílio, 10

Lema: “Praedica Verbum” (Prega a Palavra)

+ 29-04-1985

91 - Dom Frei Filippo Broers, OFM

Bispo residencial de Caravelas (São Salvador da Bahia, BA), desde 02/05/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Oosterblokker, Holanda, em 13/07/1916

Ord. sac.: 04/08/1943

Elev.: 02/05/1963 a Caravelas

Consagr.: 25/07/1963

Pais: Pieter Broers e Trijntje Neefjes

Estudos: 1º grau (1923-1930), Brokker, Holanda; 2º grau (1930-1936), Megen, Holanda; Filosofia (1937-1939), Venray, Holanda; Teologia (1939-1943), Wychen e Weert, Holanda; Curso de Pastoral, Baexem (1934 até a expulsão do convento pelos nazistas, em princípios de 1944)

Antes do Episcopado: Cooperador e Assistente em Druten, na fronteira da Bélgica, até o fim da guerra e trabalho na reconstrução da cidade até 1946, quando chegou ao Brasil. Cooperador (1946-1950), Corinto, MG; Cooperador (1950-1951), Cavalcante, RJ e Vigário Substituto em Quintino Bocaiuva, RJ; Orientador Espiritual no Ginásio São José (1951-1952); Teófilo Otoni, MG; vigário de Guiricema, MG (1952-1955); Vigário subst. em Carlos Chagas, MG (1955-1956); Vigário em Fátima, Teófilo Otoni, MG, (1956-1963); Definidor da Província da Santa Cruz em Minas Gerais (1961-1963)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caravelas, BA (1963-1983); Presidente da Cáritas Diocesana de Caravelas, BA

Lema: “Venite et Videte” (Vinde e Vede)

+ 26-03-1990

92 - Dom Florêncio Sisínio Vieira

Bispo residencial de Amargosa (São Salvador da Bahia, BA), desde 11/04/1942

Votum: ADA II/7, p. 130-131

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Jequiricá, BA, Brasil, em 11/05/1901

Ord. sac.: 30/11/1923

Elev.: 11/04/1942 a Amargosa, BA

Consagr.: 02/08/1942

Estudos: 1º grau (1909-13), Jequiricá e Mutuípe, BA; 2º grau (1914-17); Filosofia (1918-19), Teologia (1920-1923); Seminário Santa Tereza, Salvador, BA

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador de São Felipe (um ano); Vigário de São Felipe (1924-30); Vigário de Amargosa, BA (1931-1932); Vigário de N. Sra. da Penha, Salvador, BA (1932-1942); Vigário em Vitória da Conquista, BA e Vigário de Santo Antônio de Jesus, BA (4 meses em cada Paróquia em missão especial)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Amargosa, BA (1942-69); Representante da Província na Fundação do CELAM (Rio de Janeiro RJ, 1955); Irmandade de São Pedro dos Clérigos, Salvador, BA; Capelão

do Carmelo da Bahia; transferido à Igreja titular de Macomades Rusticana (11/01/1969), renunciou em 16/03/1971

Lema: “Fortiter et suaviter” (Forte e suavemente)

+ 02-10-1994

93 - Dom Francesco Zayek

Bispo titular, Auxiliar para os Maronitas no Brasil no Ordinariato dos Católicos de Rito Oriental no Brasil (Rio de Janeiro, RJ), desde 30/05/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Manzanillo, Santiago de Cuba, Cuba, em 18/10/1920

Ord. sac.: 17/03/1946

Elev.: 30/05/1962 à Igreja titular de Callinico

Consagr.: 05/08/1962

Estudos: Fez os estudos Filosóficos no Líbano e direito Canônico em Roma

Como Bispo: Bispo titular de Callinico auxiliar no Rio de Janeiro, RJ, para os fiéis de Rito Maronita do Ordinariato dos Católicos dos Ritos Orientais no Brasil; em 10/01/66 transferiu-se aos USA, como Esarca Apostólico para os Maronitas nos USA; confirmado Bispo da nova *Saint Maron of Detroit*, depois do *Brooklyn* (a partir de 27/06/1977) em 29/11/1971; elevado, com título pessoal de Arcebispo em 10/12/1982

+ vivo em 31-12-2000

94 - Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho

Bispo residencial de Afogados da Ingazeira (Olinda e Recife, PE), desde 25/05/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS I/2, 203; AS IV/2, 81-82

N. em Reriutaba, Sobral, CE, Brasil, em 03/04/1924

Ord. sac.: 08/12/1951

Elev.: 25/05/1961 a Afogados da Ingazeira, PE

Consagr.: 24/08/1961

Pais: Francisco Austregésilo de Mesquita e Maria Claudía Macedo de Mesquita

Estudos: 1º grau (1942), Reriutaba e Sobral, CE; 2º grau (1945) Sobral, CE; Filosofia e Teologia (1947-1951), Fortaleza, CE; Filosofia, Sociologia e Direito (1970-1974) Recife, PE

Antes do Episcopado: Prof. e Reitor do Seminário; Professor do Col. Diocesano; Assistente de Ação Católica, Sobral, CE (1952-1955)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Afogados da Ingazeira, PE, desde 1961; Responsável pelo Setor da Pastoral Rural do Regional Nordeste II, da CNBB

Programas: “Nossa palavra”, Rádio Pajeú de Educação Popular Ltda; Afogados da Ingazeira, PE

Lema: “Ut vitam habeant” (Para que tenham a vida)

+ vivo em 31-12-2000

95 - Dom Francisco Borja do Amaral

Bispo residencial de Taubaté (Aparecida, SP), desde 03/10/1944

Votum: ADA II/7, p. 260-261

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Campinas, Campinas, SP, Brasil, em 10/10/1898

Ord. sac.: 15/08/1922

Elev.: 21/12/1940 a Lorena, SP

Consagr.: 16/02/1941

Pais: Manoel Pereira do Amaral e Escolástica Toledo do Amaral

Estudos: 1º grau (1908), Campinas, SP; 2º grau (1910-1915), Piracicaba, SP; Filosofia e Teologia (1916-22) São Paulo, SP; Música (1918-22) Campinas, SP; (1908) e (1916-1925) com o Professor Maestro Fúrio Franceschini

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Itapira, SP (1923) e em Mogi-Mirim, SP (1924); Diretor Espiritual e Prof. do Seminário e Ginásio Santa Maria (1925-1926) Campinas, SP; Pároco do Senhor Bom Jesus de Piracicaba, SP e de N. Sra. do Carmo de Campinas, SP

Como Bispo: Bispo Diocesano de Lorena, SP (1941-1944); Bispo Diocesano de Taubaté (1944-1976); Secretário das Reuniões do Episcopado Paulista (durante vários anos); Cavaleiro de Graça Magistral na Ordem Militar de Malta

Escritos de sua autoria: Livro: *Maria Abençoando o Brasil* (Mãe de Maria com fatos históricos da Pátria). Colaboração nos jornais diocesanos: “O Município”, de Lorena, SP e “O Lâbaro”, de Taubaté, SP. Devocionário para jovens: “Momentos Preciosos” (1925). Várias Cartas Pastorais

Lema: “Glória Deo, Pax Hominibus” (Glória a Deus e Paz aos Homens)

+ 01-05-1989

96 - Pe. Francisco Paulo McHugh, SFM

Presbítero, Prelado *nullius* de Itacoatiara, AM (Manaus, AM), desde 20/07/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Woodslee, London, Canadá, em 21/08/1924

Ord. sac.: 08/12/1954

Elev.: 04/08/1967 à Igreja titular de Legis de Vomumnio

Consagr.: 03/10/1967

Pais: Peter Mchugh e Mary Henry

Estudos: 1º grau: St. John the Evangelist School / Canadá; 2º grau: St. John the High Evangelist School, graduação em junho de 1942; Filosofia: St. Francis Xavier Seminary, Scarboro-ON / Canadá (1948-1951); Teologia: St. Francis Xavier Seminary Scarboro / ON / Canadá (1951-1955); Outros cursos: Idioma espanhol, na República Dominicana e Idioma Português, no Amazonas

Antes do Episcopado: Diretor de propaganda da fé “Propagation of the faith for english speaking” no Canadá até 14 de maio de 1981. Atividade interrompida por impedimento de saúde (Derrame)

Como Bispo: Participação no 4º Período do Concílio Vaticano II como presbítero prelado *nullius* (1965); 1º Bispo Prelado (1967-1972)

+ vivo em 31-12-2000

97 - Dom Francisco Prada Carrera, CMF

Bispo residencial de Uruaçu (Goiânia, GO), desde 17/01/1957

Votum: ADA II/7, p. 263-264

Vaticano II: 1º período

N. em Priaranza, Astorga, Espanha, em 27/07/1893

Ord. sac.: 02/06/1917

Elev.: 03/09/1946 à Igreja titular de Bisica

Consagr.: 20/10/1946

Pais: Tirso Prada e Cristina Carrera

Estudos: 1º e 2º graus (1904-1908), Valmaseda e Sto. Domingo de La Calzeda, Espanha; Filosofia (1909-1913), Segovia e Beire, Espanha; Teologia (1914-1917), Sto. Domingo de La Calzada, Espanha; Direito Canônico, Ciências Naturais, Língua Hebraica, grega; Francês e Inglês; História Eclesiástica e História Universal

Antes do Episcopado: Pregador de Missões (1919-1931); Superior e Pároco (1931-1936); Vice-Provincial (1936-1938)

Como Bispo: Administrador Apostólico da Prelazia de S. José do Alto Tocantins, GO (1938-1946); Bispo Prelado de São José do Alto Tocantins, GO (1946-1957); 1º Bispo Diocesano de Uruaçu, GO (1957-1976); Membro da Congregação Claretiana (Filhos do Imaculado Coração de Maria)

Escritos de sua autoria: Livros: *Migalhas* (Dados sobre a Prelazia de S. José do Alto Tocantins). Coluna Permanente em “Voz de Tocantins”; *Gênese das Circunscrições Ecl. de Goiás*; *Nas Pegadas do Pai Bosco*; *Reminiscências de um Bispo*; *Diocese de Uruaçu*; *Prelazia Claretiana*

+ 07-06-1995

98 - Dom Francisco Xavier Nierhoff, MSF

Bispo residencial de Floresta (Olinda e Recife, PE), desde 04/08/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em Fröndenberg, Paderborn, Alemanha, em 25/03/1913

Ord. sac.: 23/06/1940

Elev.: 04/08/1964 a Floresta, PE

Consagr.: 29/11/1964

Pais: Kaspar Nierhoff e Dorotheia Rusc Henbaum

Estudos: 1º e 2º graus (1920-1934) Leberhan, Alemanha (Baviera); Filosofia (1934-1937), Grave, Holanda; Teologia, (1937-1941), Recife, PE; Lingüística Filosofia, Língua Portuguesa (1943-1964) Crato, CE; Psicologia e Sociologia

Antes do Episcopado: Vigário no Recife, PE (1940-1943), Prefeito Disciplinar (1943-1956), Vigário (1948-1949); Reitor do Seminário, (1953-1954 e 1960-1964); Superior Provincial (1954-1960); Diretor de Estudos (1960-1964), em Crato, CE

Como Bispo: 1º Bispo de Floresta, PE; Membro da Congregação dos Missionários da Sagrada Família

Escritos de sua autoria: Livro: *Edith Stein*

Programa: “A Voz do Pastor”, Mini Rádio da Diocese (diário)

Lema: “Ministrare, non ministrari”(Servir, não ser servido)

+ 05-03-1994

99 - Dom Frei Francisco Xavier Rey, TOR

Bispo titular, Prelado *nullius* de Guajará-Mirim (Cuiabá, MT), desde 19/05/1945

Votum: não enviou

Vaticano II: não participou

N. em Fauch, ALBI, França, em 29/06/1902

Ord. sac.: 23/06/1929

Elev.: 19/05/1945 à Igreja titular de Facusa

Consagr.: 09/09/1945

Pais: Jules Rey e Marie Combes Rey

Estudos: Primário: Escola do Governo; Secundário: Seminário Menor de Valence, França; Teologia, no Seminário Maior da T.O.R. (la Dréche), perto de Albi, França

Antes do Episcopado: Professor no Colégio dos Padres e Missionário ambulante, em Cáceres, MT (1930-1931); Fundador e Administrador apostólico da Prelazia de Guajará-Mirim, RO (1932-1945)

Como Bispo: Bispo Prelado de Guajará-Mirim, RO (1945-1966). As mesmas atividades apostólicas de antes, na sede e pelo interior dos seringais

Lema: “Per Cruces ad Lucem” (Pela Cruz à Luz)

+ 20-01-1994

100- Dom Gabriel Paulino Bueno Couto, O. Carm.

Bispo titular, Auxiliar de São Paulo, SP, desde 1965

Votum: ADA II/7, p. 318-319

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [6] AS II/2, 685-88; AS II/4, 116-119; AS VI/2, 545-46; AS III/2, 635-37; AS IV/2, 92-95; AS IV/4, 453-54

N. em Itú, São Paulo, SP, Brasil, em 22/06/1910

Ord. sac.: 09/06/1933

Elev.: 26/10/1946 à Igreja titular de Leuce

Consagr.: 15/12/1946

Como Bispo: Exerceu como bispo auxiliar em Jaboticabal, SP (1946-1954), auxiliar de Curitiba, PR (1954-1956), auxiliar de Taubaté, SP (1956-1965), auxiliar de S. Paulo, SP (1965-1966); bispo diocesano de Jundiá (1966-1982)

+ 11-03-1982

101 - Dom Gentil Diniz Barreto

Bispo residencial de Mossoró (Natal, RN), desde 11/06/1960

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Olinda, Olinda e Recife, PE, Brasil, em 23/11/1910

Ord. sac.: 23/06/1933

Elev.: 11/06/1960 a Mossoró, RN

Consagr.: 21/09/1960

Pais: Arthur Diniz Barreto e Maria Diniz Barreto

Estudos: 1º e 2º graus (1922-1927) Olinda, PE; Filosofia (1930) João Pessoa, PB; Teologia (1933), Olinda, PE

Antes do Episcopado: Capelão (1935), Nazaré, PE; Vigário Coop. (1936), Goiana, PE, Secr. do Bispado (1938), Nazaré, PE; Vigário (1940), Macapá/Nazaré, PE; Diretor de Colégio (1944), Mossoró, RN; Pároco (1949-1960), També, Ocobó e Limoeiro, PE

Como Bispo: Bispo de Mossoró, RN (1960-1984); Membro do Rotary Clube de Mossoró, RN. Durante seu governo pastoral, foram instalados o Centro de Treinamento da Diocese e o Secretariado Diocesano de Pastoral. O mesmo Dom Gentil inaugurou a Rádio Rural de Mossoró

Lema: “Emitte Spiritum tuum” (Envia Teu Espírito)
+ 09-10-1988

102- Dom Geraldo de Proença Sigaud, SVD

Arcebispo residencial de Diamantina, desde 20/12/1960

Votum: ADA II/7, p. 180-195

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [10] AS I/3, 224-29-XXIII; AS II/2, 34-36 - XL; AS II/2, 366-369 - XLIV; AS II/6, 112-13; AS VI/2, 503-04; AS III/1, 678-80; AS III/3, 648-57; AS IV/2, 47-50 CXXXIII; AS IV/2, 130-32; AS IV/4, 482-88

N. em Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil, em 26/09/1909

Ord. sac.: 12/03/1932

Elev.: 26/10/1946 a Jacarezinho, PR.

Consagr.: 01/05/1947

Pais: Paulo da Nóbrega Sigaud e Maria de Proença Sigaud

Estudos: 1º e 2º graus (1919-1926), Filosofia (1927-1928), Juiz de Fora, MG; Teologia (1928-1932), Roma

Antes do Episcopado: Prof. em Santo Amaro, SP (1933-1946), em São Paulo, SP (1936-1946) e em Estella, Espanha (1946-1947); Assistente da JECM (1938-1944) e da JECF (1938-1944), Assistente dos Engenheiros, São Paulo. Ajudou a fundar a primeira casa da Congregação do Verbo Divino em Portugal.

Como Bispo: Bispo Diocesano de Jacarezinho, PR (1947-1961); Arcebispo Metropolitano de Diamantina, MG (1961-1980); Membro da Comissão Pastoral do Leste II; Membro da Comissão Representativa da CNBB; Secretário-Fundador do *Coetus Internationalis Patrum Conciliarium* no Concílio Vaticano II; fundador: Centro Arquidiocesano de Catequese (DAC-DI); Ação Social Centro Norte de Minas Gerais (ASCENOMIG); Artesanato Comercial de Tapetes Arraiolos de Diamantina; Faculdade de Ciências e Letras de Jacarezinho. Professor Catedrático de Direito Escolar, Filosofia da Educação, História da Educação da Faculdade “Sedes Sapientiae”, da Universidade Católica de São Paulo, SP; professor Catedrático de História da Filosofia da Faculdade de Filosofia de Jacarezinho, PR; Membro da Congregação do Verbo Divino

Escritos de sua autoria: Livros: Pastoral sobre a Seita Comunista, Catecismo Anticomunista

Lema: “Da per Matrem”. (Dá por intermédio da Mãe)

+ 05-09-1999

103 - Dom Geraldo Fernandes Bijos, CMF

Bispo residencial de Londrina (Curitiba, PR), desde 16/11/1956

Votum: ADA II/7, p. 208-209

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil, em 02/02/1913

Ord. sac.: 25/10/1936

Elev.: 16/11/1956 a Londrina, PR

Consagr.: 13/01/1957

Estudos: Fez seus estudos e sua primeira profissão religiosa na Congregação Claretiana. Em Roma, doutorou-se em Direito Canônico. Fundou, juntamente com madre Leônia Milito, a Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret

Como Bispo: Bispo (1956-1970) e depois Arcebispo de Londrina (1970-1982)

+ 29-03-1982

104 - Dom Geraldo Maria de Moraes Penido

Arcebispo residencial de Juiz de Fora, desde 14/04/1962

Votum: ADA II/7, p. 200-203**Vaticano II:** 1º, 2º, 3º e 4º períodos**Intervenções [1] AS APPENDIX PRIMA, 353 (I/2, pp. 195-287)**

N. em Rio Manso de Bonfim, Belo Horizonte, MG, Brasil, em 06/09/1918

Ord. sac.: 04/04/1942**Elev.:** 10/03/1956 à Igreja titular de Avissa**Consagr.:** 11/05/1956**Pais:** Francisco R. Moraes Júnior e Maria C. A. Moraes Penido**Estudos:** 1º e 2º graus (1930-1935) e Filosofia (1935-1937), Seminário de Belo Horizonte, MG; Biênio de Filosofia (1937-1938); Teologia (1937-1942) e Sagrada Escritura (1941-1942), Roma**Antes do Episcopado:** Professor no Seminário de Belo Horizonte, MG (1943-1953); Capelão, (1943-1953) em diversos lugares; Tribunal Eclesiástico Arquidiocesano de Belo Horizonte, MG (1948-1953); Pároco (1953-1956), Pará de Minas, MG**Como Bispo:** Bispo Auxiliar de Belo Horizonte, MG (1956-1957); coadjutor, Bispo Residencial e Arcebispo de Juiz de Fora, MG (1958-1978); Coadjutor com direito à sucessão e Administrador Apostólico, *sede plena* de Aparecida do Norte, SP (19/02/78); Vice-Presidente da CNBB; Pastoral Especial; Membro da Comissão Central do IPREC (C.P.C); Membro da Comissão Central do Regional Leste II; Membro da Academia de Letras de São João Del Rei, MG; do Museu “Mariano Procópio”, Juiz de Fora, MG**Escritos de sua autoria:** *Visita à Terra de Jesus; Introdução às Epístolas Pastorais de São Paulo*, (Colab. na Bíblia da Ed. das Américas); conferências e alocações ocasionais. Artigo semanal em “Santuário de Aparecida”**Programas:** Rádio Aparecida (Mariologia), diário**Lema:** “In lumine Tuo” (Na Tua Luz)

+ vivo em 31-12-2000

105 - Dom Geraldo Micheletto Pellanda, CP

Bispo residencial de Ponta Grossa (Curitiba, PR), desde 24/04/1965

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Umbará, Curitiba, PR, Brasil, em 01/09/1916

Ord. sac.: 23/09/1939**Elev.:** 09/11/1960 à Igreja titular de Mades**Consagr.:** 11/02/1961**Pais:** Nicola Pellanda e Paulina Micheletto Pellanda**Estudos:** 1º grau (1923-1927), Curitiba, PR; 2º grau (1928-1930), São Paulo, SP; Filosofia (1933-1936), São Carlos, SP; Teologia (1936-1940) Universidade Teológica (1940-1942), Música Sacra (1939-1942), Roma**Antes do Episcopado:** Diretor do Seminário Maior Passionista, Professor de Teologia, Examinador Sinodal (1942-1947), São Paulo, SP; Superior do Convento Cabral, Vigário da Paróquia do Bom Jesus, Prof. de Teologia (1947-1958), Curitiba, PR; Presidente da CRB do Paraná, Curitiba, PR (1952-1960); Examinador Sinodal e Censor de Livros, Juiz do Tribunal Eclesiástico, Assistente Eclesiástico das Religiosas (1954-1960); Superior do Convento do Noviciado e Vigário da Paróquia, Colombo, PR**Como Bispo:** Bispo Coadjutor com direito à sucessão (1960-1965); Administrador Apostólico, *sede plena* (1965); Bispo Diocesano de Ponta Grossa, PR (1965-1991); Administrador Apostólico *sede plena* de Palmas, PR, (1969-1970); Coordenador da Linha de Catequese, da CNBB, PR; Membro da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas)**Programas:** Na Rádio Sant’Ana, Ponta Grossa, PR, (quinzenal)**Lema:** “Passio Christi urget” (A Paixão de Cristo urge)

+ 02-01-1991

106 - Dom Gérard de Milleville

Arcebispo titular de Gabala, desde 10/03/1962; Auxiliar de Fortaleza, CE

Votum: ADA II/5, p. 225-226 (como arcebispo de Conakry)**Vaticano II:** 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. Londinières, Rouen, França: 27/05/1912

Ord. s.. Langonette, França, 26/08/1939

Ord. e. Conakry, Guiné Francesa, 20/11/1955

Antes do Episcopado: Durante 20 anos, missionário na Guiné Francesa (África). Em data de 08 de maio de 1955, recebeu a nomeação episcopal para a Vigararia Apostólica de Conakry na Guiné Francesa.

Como Bispo: Foi sagrado, naquela sede episcopal, no dia 20 de novembro de 1955, por D. Martin, Arcebispo de Rouen, sua diocese natal. Por imperativos políticos, deixou sua missão na Guiné Francesa, vindo para Fortaleza, em janeiro de 1964, a convite de Dom José Medeiros Delgado, ocupando o cargo de Vigário Geral para as Comunidades Religiosas (1970 - 1981) e encarregando-se da Coordenação do Departamento Regional do Apostolado das Religiosas, do Nordeste I. Entre 1969 e 1970 (04/10) será também Administrador apostólico *ad nutum Sanctae Sedis* de Basse-Terre (Guadalupe, Antilhas Francesas). Regressou à sua Congregação em 1981, voltando a residir na França + vivo em 31-12-2000

107 - Dom Gerardo Ferreira Reis

Bispo residencial de Leopoldina (Juiz de Fora, MG), desde 16/06/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Alpinópolis, Guaxupé, MG, Brasil, em 01/10/1911

Ord. sac.: 26/06/1936

Elev.: 16/06/1961 a Leopoldina, MG

Consagr.: 24/08/1961

Pais: Domingos Pinto dos Reis e Maria da Anunciação Ferreira

Estudos: 1º grau (1919-1922), Alpinópolis, MG; 2º Grau e Filosofia (1926-1931), Guaxupé, MG; Teologia (1931-1936), Belo Horizonte, MG

Antes do Episcopado: Vigário Substituto (1937), Poços de Caldas, MG; Reitor do Seminário Menor Diocesano (1938-1940), Guaxupé, MG; Capelão (1941-1949), Poços de Caldas, MG; Pároco em Monte Santo de Minas, MG (1941-1954); Reitor do Seminário Maior e Vigário Geral da Diocese de Guaxupé, MG (1955-1960)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Leopoldina, MG, desde 1961

Lema: “Cum Sanctis Tuis” (Com os teus Santos)

+ 22-06-1995

108 - Dom Gerrit Jean Hermanus M. (Artur) Horsthuis, AA

Bispo residencial de Jales (Ribeirão Preto, SP), desde 13/02/1960

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Diepenveen, Utrecht, Holanda, em 17/07/1912

Ord. sac.: 26/02/1939

Elev.: 13/02/1960 a Jales, SP.

Consagr.: 29/06/1960

Estudos: Fez os estudos preliminares em Roterdã e Breda. cursou o Seminário Menor da Congregação dos Assuncionistas (Agostinianos da Assunção) em Boxtel, de 1924 a 1931. Vestiu o hábito de assuncionista, fez o noviciado e professou em 1932 adotando o nome religioso de Artur (nome de Batismo: Gerrit Jan Hermanus Maria Horsthuis). Estudou Filosofia em Saint Gérard, Bélgica, de 1932 a 1934 e a complementou em Lovaina, onde cursou Teologia até 1939

Antes do Episcopado: fez um curso de especialização missionária (1941-1942) em Nimega; organizou cursos para estudos eclesiais em Lutte e, ao final da Grande Guerra, trabalhou como cooperador em Hertogensbosch (Bois-le-Duc) até janeiro de 1946 Veio para o Brasil em 1946, e aqui aportou aos 24/06. Trabalhou no Seminário Menor Diocesano de São José do Rio Preto, SP; cooperador na catedral e capelão de Vila Macedo. Em 1947, vigário substituto de Votuporanga, SP, dando ainda assistência a cidades vizinhas como Fernandópolis, SP, Jales, SP e Cardoso, SP. De janeiro de 1948 a 1953, vigário em Além-Paráiba e Porto Novo, MG. Nomeado Vigário de Fernandópolis, SP, ali trabalhou de março de 1953 a dezembro de 1958. Deu grande impulso à construção de uma bela igreja matriz e organizou a pastoral na cidade e nas capelas rurais. Em dezembro de 1958, nomeado Vice-Provincial dos Assuncionistas do Brasil, transferiu-se para São Paulo, SP (Tatuapé) e começou a construir o Seminário Assuncionista em Pinhal, SP.

Como Bispo: em 02/02/1960, João XXIII nomeou-o primeiro bispo diocesano de Jales, SP, seu campo de apostolado até 1968, quando renunciou por motivo de saúde. Nesses anos, desenvolveu intensa atividade pastoral, auxiliado por uma equipe de Padres Assuncionistas, Irmãzinhas da Assunção, Catequistas. A ele se deve a fundação de obras como a Rádio Assunção de Jales, a Escola Vocacional de Jales, organização da Cúria diocesana e a estruturação do patrimônio diocesano. Após renunciar, em 1968, permaneceu como vigário-administrativo até a posse do sucessor Dom Luís Eugênio Perez. Depois de um ano de tratamento na Holanda, voltou ao Brasil e passou a colaborar na arquidiocese de São Paulo, SP, como Assistente Eclesiástico dos Dirigentes Cristãos de Empresa e cooperador na paróquia de São Judas Tadeu (Tatuapé). Desde agosto de 1972, fixou residência em Ribeirão Preto, SP, sendo nomeado vigário episcopal. Colaborava nos trabalhos da Cúria e ainda assistia pastoralmente a paróquia de Cássia dos Coqueiros, SP (onde construiu nova casa paroquial), Luís Antônio, SP e São Sebastião de Batatais, SP.
+ 11-04-1979

109 - Dom Gianni (Giovanni, João) Gazza, SX

Bispo titular, Prelado *nullius* de Abaeté do Tocantins (Belém do Pará, PA), desde 12/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 296-01 CXLVII

N. em Parma, Parma, Itália, em 19/07/1924

Ord. sac.: 29/06/1949

Elev.: 12/11/1962 à Igreja titular de Circesio

Consagr.: 08/12/1962

Estudos: Entrou para os Xaverianos na casa de Grumone (CR) em 24/09/1949. Em Parma, continuou seus estudos de liceu e Teologia.

Antes do Episcopado: Trabalho no Brasil desde janeiro de 1957 até setembro de 1966. Em primeiro lugar como diretor do Centro Xaveriano de Animação Missionária (SXAM) de São Paulo, SP (1957-1959); Depois em Juguapitã, PR (1959-1962), como reitor do primeiro Seminário Xaveriano do Brasil

Como Bispo: Bispo Prelado de Abaetetuba, PA (1962-1966); Bispo diocesano (1966-1977); Entre 1977 e 1980 permaneceu em Parma. Em 27/11/1980 foi nomeado Bispo de Aversa na Itália

Lema: “Respice Stellam” (Olha a estrela)

+ 06/12/1998

110 - Dom Giocondo Maria Grotti, OSM

Bispo titular desde 08/07/1965, Presbítero Prelado *nullius* de Acre e Purús (Manaus, AM), desde 16/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [33] AS II/1, 384-85 - XXXVIII; AS II/2, 162-170; AS II/2, 763-66; AS II/3, 720-734; AS II/4, 64-68-LIX; AS II/4, 535; AS II/4, 671-76; AS II/5, 134-35; AS II/5, 310-11; AS II/5, 372; AS II/5, 790-91; AS II/6, 119-21; AS II/6, 270-71; AS III/1, 582-87; AS III/2, 121-34; AS III/2, 691-92; AS III/2, 795-96; AS III/2, 906; AS III/3, 460-64; AS III/4, 592-95; AS III/5, 408-13; AS III/6, 408-13 CXVII; AS III/7, 621-22; AS III/8, 291-97; AS III/8, 513-14; AS IV/2, 15-16 CXXXIII; AS IV/2, 743-50; AS IV/3, 199-202; AS IV/3, 330-31; AS IV/3, 440; AS IV/3, 809; AS IV/4, 199-207 CXLVII; AS APPENDIX PRIMA, 609-11 (AS IV/2, pp. 15-16)

N. em Pieve de Budrio, Bologna, Itália, em 13/03/1928

Ord. sac.: 07/06/1952

Elev.: 08/07/1965 à Igreja titular de Tunigaba

Consagr.: 22/08/1965

+ 28-09-1971

111 - Dom Gregório Alonso Aparicio, OAR

Bispo titular, emérito de Marajó (Belém do Pará, PA), desde 1965?

Votum: ADA II/7, p. 283

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Fuentelsaz, Sigüenza, Espanha, em 24/04/1894

Ord. sac.: 15/03/1919

Elev.: 02/02/1943 à Igreja titular de Pogle

Consagr.: 11/07/1943

País: Pedro Alonso e Juliana Aparício

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1908-1915) Berlanga, Espanha; Teologia (1915-1919) Monachil, Espanha e Ribeirão Preto, SP

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Franca, SP (1919), Pirancy (1920), Rio de Janeiro, RJ, (1920-1923); Pároco de Pirancy (1923-1924); Cooperador e Pároco em Bueno Aires, Argentina (1924-1930); Presbítero Prelado *nullius* de Marajó, PA (1930-1943)

Como Bispo: Prelado *nullius* de Marajó, PA (1943-1965); Membro da Ordem dos Padres Agostinianos Recoletos; Participante da 1ª Sessão do Concílio Vaticano II

Lema: “Caritas Christi urget nos” (A Caridade de Cristo nos impele)

+12-05-1982

112 - Dom Gregório Warmeling

Bispo residencial de Joinville (Florianópolis, SC), desde 03/04/1957

Votum: ADA II/7, p. 197-199

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Pindotiba, então Orleães (ou São Ludgero), Tubarão, SC,, Brasil, em 17/04/1918

Ord. sac.: 05/09/1943

Elev.: 03/04/1957 a Joinville, SC

Consagr.: 29/06/1957

País: Henrique Warmeling e Rosa Wessaler

Estudos: 1º Grau (1927-1929), São Ludgero, SC; 2º grau (1930-1935) Azambuja, Brusque, SC; Filosofia (1935), Azambuja, SC e Seminário Central São Leopoldo, RS (1938-1939); Teologia (1940-1943), Seminário Central São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Prof. no Seminário de Azambuja, SC (1936-1937); Vigário Coadjutor em Itajaí, SC (1943-1944); Prefeito de Disciplina do Seminário de Azambuja, (1945-1947); Vigário Cooperador em Criciúma, SC (1947-1948); Vigário na Matriz Santo Antônio, Laguna, SC, (1948-1957)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Joinville, SC, (1957-1994); Responsável pela Pastoral do Ecumenismo no Regional Sul 4 da CNBB; Participante do Congresso Latino-americano do Mov. Familiar Cristão, no Chile; Pres. do Cons. de Igrejas para a educação religiosa, no Estado (CIER); Participante do Concílio Vaticano II (todas as sessões)

Escritos de sua autoria: Livros: “Catecumenato Crismal”, Ed. Vozes (8 edições). Programa Dominical “Em Busca de Novos Horizontes”, TV Coligadas Canal 3 em Blumenau, SC, (desde 1968)

Lema: “Mihi vivere Christus” (Meu viver é Cristo)

+ 03-01-1997

113 - Dom Guido Maria Casullo

Bispo titular, Prelado *nullius* de Cândido Mendes, MA, hoje Zé Doca (São Luís do Maranhão, MA), desde 20/12/1965

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/2, 266-69

N. em Monteleone di Puglia, Foggia-Bovino, então Ariano, Itália, em 27/05/1909

Ord. sac.: 16/07/1932

Elev.: 27/05/1951 a Nusco (hoje Sant'Angelo dei Lombardi-Conza-Nusco-Bisaccia)

Consagr.: 15/07/1951

País: José Antônio Casullo e Catarina Contella Casullo

Estudos: 1º grau (1920-1925), Seminário Diocesano de Ariano Irpino, Itália; 2º grau (1925-1926), Seminário Liceal de Nápoles, Itália; Filosofia (1926-1928) Seminário Lateranense, Roma; Laurea em Teologia (1932), Nápoles, Itália

Antes do Episcopado: Vice-Reitor, Prof. de Filosofia, Teologia Pastoral e Missionária (1932-1940), no Pontifício Instituto Missionário de Benevento, Itália; Pároco; Delegado Episcopal para a Ação Católica Diocesana; Diretor Diocesano das PPOOMM e dos Retiros de Perseverança (1940-1951), Ariano Irpino, Itália

Como Bispo: Bispo de Nusco, Itália (1951-1963); Bispo Auxiliar de Pinheiro, MA (1963-1965); 1º Bispo-Prelado de Candido Mendes, MA, (1965-1985); Membro do Instituto Secular dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus

Programas: Rádio Difusora de São Luís, MA, (1967-1970)

Lema: “Omnis spes vitae” (Toda esperança de vida)

+ vivo em 31-12-2000

114 - Dom Helder Pessoa Camara

Arcebispo residencial de Olinda e Recife, PE, desde 12/03/1964

Votum: ADA II/7, p. 325-327

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: ALm

Intervenções [10] AS VI/1 (Periodus I - 1962), 294-98; AS VI/1 (Periodus I - 1962), 298-99; AS II/5, 150-52; AS III/5, 509-10; AS III/7, 941-43; AS II/8, 1039-42; AS IV/2, 893-901; AS IV/III, 860-61; AS IV/3, 350-53; AS IV/3, 496-99

N. em Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil, em 07/02/1909

Ord. sac.: 15/08/1931

Elev.: 03/03/1952 à Igreja titular de Salde

Consagr.: 20/04/1952

Pais: João Camara Filho e Adelaide Pessoa Camara

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1923-1931), Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Diretor do Departamento de Educação do Estado do Ceará (1935), Fortaleza, CE; Diretor do Serviço de Medidas e Programas da Secretaria de Educação (1936); Técnico do Ministério de Educação, Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1952-1955); Assistente Nacional da Ação Católica Brasileira (1952-1962); 1º Secretário Geral da CNBB (1952-1964); Presidente da Comissão Brasileira de Migração; Participante efetivo da Reunião Preparatória da 1º Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (1955), para a fundação do CELAM; Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ (1955-1964); Delegado do Brasil no CELAM e 2º Vice-presidente (1959-1960; 1961-1963 e 1964-1965); Membro do Conselho Supremo de Imigração; Membro da Comissão “Para a Disciplina do Clero”, preparatória do Concílio Vaticano II; padre conciliar do Vaticano II (4 sessões) (1962-1965); Membro da Comissão ao “Apostolado dos Leigos e Meios de Comunicação Social” no Concílio Vaticano II (1964); Arcebispo de Olinda e Recife, (1964-1985); Secretário da Ação Social da CNBB (1964-1968); Delegado do Episcopado Brasileiro à II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín-1968); Delegado Episcopal Brasileiro ao III Sínodo dos Bispos (1974); Fundador da Operação Esperança e do Banco da Providência no Rio de Janeiro e em Recife; Cidadão Honorário de Pernambuco, Recife, PE, Olinda, PE, Aracajú, SE, Garanhuns, PE, Sergipe, São Paulo, SP, Carpina, PE, Juiz de Fora, MG; *Doctor Honoris Causa* - 11 títulos - sendo o último em “Economia e Comércio” pela Universidade de Florença, Itália (1977); 12 Prêmios da Paz; Membro do SIPRI - Scientific Council of SIPRI; do Instituto de Viena para o desenvolvimento, Viena, Áustria; da “Organization Internationale Justice et Développement”, Genebra, Suíça; do “Consejo Consultivo Internacional de la Fundación del Hombre”, Buenos Aires; ONU, Universal Human Rights - Journal of the Social Sciences, Philosophy and Law - New York; Membro do Conselho Permanente da CNBB, desde 1979; Delegado à III Assembléia (Puebla) 1979.

Escritos de sua autoria: *Revolução dentro da Paz*, Ed. Sabiá Ltda., Rio de Janeiro, 1º Edição, 1968; *Terzo Mondo Defraudato*, Ed. Missionária Italiana, Milão, 1968; *Spirale de Violence*, Ed. Desclée de Brouwer, Paris, 1970; *Pour arriver à temps*, Desclée de Brouwer, Paris, 1970; *Le désert est fertile*, Ed. Desclée de Brouwer, Paris, 1971 traduzido em português em 1975; *Prier pour des riches*, Ed. Pendo-Verlag, Zürich, 1972; *Um olhar sobre a cidade*, Ed. Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1977; “*Les conversions d’un évêque*”, Ed. du Seuil, Paris. *Mil razões para viver*, Ed. Civilização Brasileira, 1978; *Mille raisons pour vivre*, Méditations, Ed. du Seuil, Paris, 1980

Lema: “In manus tuas” (Nas tuas mãos)

+ 27-08-1999

115 - Dom Henrique Gelain

Bispo residencial de Vacaria (Porto Alegre, RS), desde 28/03/1964

Votum: ADA II/7, p. 207-208

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Flores da Cunha, Caxias, RS, Brasil, em 12/06/1910

Ord. sac.: 28/10/1935

Elev.: 29/07/1944 a Cajazeiras, PB

Consagr.: 08/12/1944

Estudos: 1º e 2º graus (1923-1928), Filosofia e Teologia (1929-1935), no Seminário Central de São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Vigário Coadjutor de Bento Gonçalves, RS (1935-1937); Pároco de Vista Alegre, RS (1937-1938); Pároco de Antônio Prado, RS (1938-1944)

Como Bispo: Bispo de Cajazeiras, PB (1944-1948); Bispo de Cafelândia, SP (1948-1950). A sede foi transferida de Cafelândia para Lins, SP (1950-1964); fundador do Jornal Bandeirantes, da Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras de Lins, SP e da Faculdade de Serviço Social de Lins, SP; Bispo de Vacaria, RS (1964-1993)

Escritos de sua autoria: Artigos em jornais locais, por ocasião de datas importantes; 2 Cartas Pastorais

Programa: diário “Ave Maria”, na Rádio Fátima, Vacaria, RS

Lema: “In corde regnat omnium” (Que [Cristo] reine no coração de todos)

+ 31-12-1993

116 - Dom Frei Henrique Heitor Golland Trindade, OFM

Arcebispo residencial de Botucatu, SP, desde 19/04/1958

Votum: ADA II/7, p. 142-143

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [5] AS I/2, 645-46-XVIII; AS II/3, 179-81 - LIII; AS II/6, 227-29 - LXXVII; AS III/V, 552-55 CIX; AS IV/3, 801-03

N. em Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil, em 27/05/1897

Ord. sac.: 18/12/1926

Elev.: 27/03/1941 a Bonfim, BA

Consagr.: 08/06/1941

Estudos: Freqüentou normalmente as aulas ministradas nos conventos franciscanos de Curitiba, PR e Petrópolis, RJ. Após ter concluído seus estudos teológicos, foi transferido em 1928 para Rio Negro, PR

Antes do Episcopado: No Rio Negro, PR foi professor e prefeito dos alunos, no Colégio Seráfico do Rio Negro. Em 1932 foi nomeado diretor das revistas franciscanas *Vozes*, *Eco Seráfico*, *Arauto* e *Voç de Santo Antônio*. Durante sua permanência em Petrópolis, RJ, além de dirigir estas revistas, fundou diversas instituições de apostolado salientando-se a “Mocidade Franciscana”, “Amigos de São Francisco”, “Círculo Santa Isabel da Hungria” etc. Dom Henrique foi notável como orador de talento e exímio conferencista, tendo deixado agradabilíssima recordação suas atividades culturais no Círculo de Estudos São Norberto, na Congregação Mariana da Anunciação, na Academia Petropolitana de Letras e no Centro de Estudos Franciscanos. Como pregador, é ainda lembrado pelas suas piedosas exortações, homilias e sermões nas igrejas do Convento Franciscano de Petrópolis, de Lourdes, do Amparo, de São, de Santa Isabel, de Santa Catarina e de São Vicente de Paulo. Igualmente lembrado com espiritual afeto pelos inúmeros retiros espirituais pregados ao Clero, às Comunidades Religiosas e aos fiéis. Em 1941, o Capítulo Provincial franciscano o transferiu para o Convento de Ipanema, Rio de Janeiro, RJ, como Guardião e Vigário da Paróquia

Como Bispo: Foi nesse último campo de apostolado que a Santa Sé o escolheu para reger os destinos da Diocese de Bonfim, na Bahia, onde permaneceu até 1948, quando então foi transferido para o bispado de Botucatu, SP. Dom Henrique Golland Trindade foi portanto ordenado Sacerdote aos 18 de dezembro de 1926, eleito Bispo de Bonfim, BA, no dia 19 de março de 1941, consagrado a 8 de junho do mesmo ano; transferido para a diocese de Botucatu, SP, aos 15 de maio de 1958, tendo sido promovido a Arcebispo no dia 19 de abril de 1958. A partir de sua posse, radicando-se na cidade de Botucatu, Dom Henrique exerceu grandíssima atividade ministerial apostólica e pastoral. Foi notável o seu zelo pela pastoral litúrgica, tendo por isso sido eleito Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Litúrgica da CNBB. Criou apreciável número de paróquias tanto no território de Botucatu, como naquele que em breve haveria de ser o território de nova Diocese, a de Bauru, SP, por ele idealizada, querida e realizada a 17 de maio de 1964. Legou à Diocese que apostolicamente dirigiu uma congregação de religiosas destinadas a auxiliar a autoridade diocesana na pastoral rural e catequética. Depois denominou sua congregação de Servas do Senhor.

+ 06-11-1974

117 - Dom Hermínio Malzone Hugo

Bispo residencial de Governador Valadares (Mariana, MG), desde 29/01/1957

Votum: ADA II/7, p. 179-180

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Guaxupé, Guaxupé, MG, Brasil, em 06/03/1915

Ord. sac.: 27/03/1938

Elev.: 29/01/1957 a Governador Valadares, MG

Consagr.: 05/05/1957

Pais: Hércules Héctor Hugo e Adelaide Malzone Hugo

Estudos: 1º e 2º graus (1922-1930) e Filosofia (1932-1933), Guaxupé, MG; Teologia (1934-1937), Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, Belo Horizonte, MG

Antes do Episcopado: Professor e Disciplinário no Seminário Coração Eucarístico de Jesus, Belo Horizonte, MG (1939-1940); Capelão do Colégio Paula Frassinetti (1941), São Sebastião do Paraíso, MG; Cura da Catedral e Vigário Geral (1942-1957), Guaxupé, MG

Como Bispo: Bispo de Governador Valadares, MG (1957-1977); Capelão da Beneficência Portuguesa, RJ (1977-1978); Diretor Espiritual da Casa de Oração Frei Jordão Mai, (1978), Nova Iguaçu, RJ

Lema: “Dominus regit me” (O Senhor é meu Pastor)

+ vivo em 31-12-2000

118 - Dom Honorato (Antonio) Piazero, SCJ

Bispo residencial de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro, RJ), desde 14/12/1961

Votum: consultado, apesar da data da elevação ao episcopado, não enviou resposta

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Jaraguá do Sul, Joinville, SC, Brasil, em 16/11/1911

Ord. sac.: 30/11/1936

Elev.: 11/07/1959 à Igreja titular de Termesso

Consagr.: 11/10/1959

Pais: Vitorino Piazero e Edviges Bortolini Piazero

Estudos: Primário (1920-1924), Nereu Ramos, SC; Secundário (1924-1930), Seminário Sagrado Coração de Jesus de Brusque, SC; Noviciado, Filosofia e Teologia (1931-1937) Taubaté, SP

Antes do Episcopado: Reitor do Seminário de Corupá, SC (1940-1947 e 1953); Superior do Colégio Dehon (1947-1953), Tubarão, SC; Conselheiro Provincial (1942-1953); Superior Provincial (1953-1959)

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ (1959-1961); Administrador Apostólico e Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, RJ, (1961-1966); Bispo Coadjutor com direito à sucessão (1966-1973) e Bispo Diocesano de Lages, SC desde 1973; Membro da Congregação dos Padres do Coração de Jesus

Lema: “Pro animabus vestris” (Pelas vossas almas)

+ 23-10-1990

119 - Dom Hugo Bressane de Araújo

Arcebispo (a título pessoal), Bispo residencial de Marília (Botucatu, SP), desde 07/10/1954

Votum: ADA II/7, p. 210-213

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [6] AS I/2, 210-11; AS II/1, 485-88; AS II/3, 695; AS II/5, 847-49; AS III/V, 777-79; AS IV/II, 685

N. em Machado, Guaxupé, MG, Brasil, em 04/09/1899

Ord. sac.: 11/02/1923

Elev.: 19/12/1935 a Bonfim, BA

Consagr.: 16/02/1936

Pais: Olímpio Teodoro de Araújo e Maria José Bressane de Araújo

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia no Seminário de Campanha, MG

Antes do Episcopado: Cônego do Colendo Cabido (1924), Prelado Doméstico de S.S. o Papa Pio XI, Chanceler do Bispado e Cura da Catedral de Campanha, MG

Como Bispo: Bispo Diocesano de Bonfim, BA, (1936-1940); Bispo Diocesano de Guaxupé, MG, (1940-1951); Arcebispo Coadjutor, com direito à sucessão, de Belo Horizonte, MG (1951-1954); Administrador Apostólico de Marília, SP; Arcebispo-Bispo de Marília, SP (1954-1975); Participante do Concílio Plenário Brasileiro (1939) e do Concílio Vaticano II; Assistente ao Sólido Pontifício (nomeado pelo Papa João XXIII a 24/07/61); Membro do Instituto Histórico Geográfico da Bahia; construiu o Colégio N. Sra. do SSmo. Sacramento, em Bonfim, BA; a Catedral de Guaxupé, MG e o Seminário Menor São Pio X de Marília, SP; fundador do Colégio Cristo Rei, de Marília, SP

Escritos de sua autoria: Livros: “O aspecto religioso da obra de Machado de Assis”, 2º edição, Ed. Paulinas, São Paulo, 1978. 9 Pastorais e Notícias Históricas

Lema: “Qui perseveraverit usque in finem hic salvus erit”. “Quem perseverar até o fim será salvo”
+ 09-06-1988

120 - Dom Idílio José Soares

Bispo residencial de Santos (São Paulo, SP), desde 15/06/1943

Votum: ADA II/7, p. 246-247

Vaticano II: 1º e 2º períodos

Intervenções [1] AS II/5, 870

N. em Limeira, Campinas, SP, Brasil, em 26/10/1887

Ord. sac.: 28/10/1914

Elev.: 16/09/1932 a Petrolina, PE

Consagr.: 30/11/1932

Estudos: Recebeu o diploma de Bacharel em Ciências e Letras, no ano de 1908. Coursou o seminário maior de Campinas, SP, e no ano de 1911 recebeu as Ordens Menores. Seguiu para Roma, onde foi aluno do Colégio Pio Latino-americano e se doutorou em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Ordenado presbítero, a 28/10/1914, regressou ao Brasil

Antes do Episcopado: Professor de Filosofia e Teologia no Seminário Diocesano de Limeira, SP. Em 1917, Reitor do Seminário menor. Recebeu o canonicato em 1920 e logo a seguir foi nomeado Vigário Geral, cargo que ocupou até 1923. Foi então feito Vigário de Pirassununga, SP e em 1924, foi transferido para a Igreja do Carmo, em Campinas, SP, permanecendo ali até 1932.

Exerceu o episcopado em Petrolina, PE (1932-1943) e foi transferido para Santos, SP, em 1943.

Como Bispo: Criou, entre outras obras, o Seminário Diocesano, a Faculdades de Direito e Filosofia, o jornal “Santos”. Deu também grande impulso às obras da Catedral de Santos. Da Santa Sé, recebeu o título de Assistente ao Sólido Pontifício, por ocasião do jubileu de Episcopado. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico de Santos

Escritos de sua autoria: Deixou diversas pastorais e um livro *Mensagem do Além*
+ 10-12-1969

121 - Dom Frei Ignácio João dal Monte, OFM Cap.

Falecido em 29/05/1963, como Bispo diocesano de Guaxupé (Pouso Alegre, MG), desde 21/05/1952

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º período

N. em Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil, em 28/08/1897

Ord. sac.: 05/04/1924

Elev.: 15/03/1949 à Igreja titular de Agbia

Consagr.: 22/05/1949

Antes do Episcopado: a 4 de outubro de 1925, chegava a Santos, SP. Exerceu o ministério em Curitiba, PR, Campo Magro, PR (Almirante Tamandaré). De 1932 a 1937, foi Superior do Convento de Botiatuva. De 1937 a 1938, foi vigário de Jaguariáiva, PR, e de 1939 a 1949, de Santo Antônio da Platina, PR. Foi Custódio Provincial dos Capuchinhos do Paraná e Santa Catarina, durante doze anos, até 1949

Como Bispo: quando comemorava seu jubileu sacerdotal foi sagrado bispo coadjutor de Joinville, SC, a 26 de maio de 1949, em Santo Antônio da Platina, PR. Depois de três anos de profícuo apostolado em Joinville, SC, foi transferido para a diocese de Guaxupé, MG, a 21 de maio de 1952, tomando posse a 7 de setembro. Dom Frei Inácio foi verdadeiro apóstolo que sabia cativar a simpatia de todos

para levá-los a Nosso Senhor. Em toda parte onde trabalhou, foi querido, queridíssimo do povo, por suas maneiras simples, afável com todos assim como pelos importantes trabalhos apostólicos desenvolvidos por dez anos, em Guaxupé, MG, construindo a nova catedral e o Seminário Diocesano, onde funciona também o Seminário Maior
+ 29.05.1963

122 - **Dom Inácio Krause, CM**

Bispo residencial de Shunteh (Hsing-Tai ou Xingtai), China, desde 11/04/1946 (expulso em 1949); auxiliar (informal?) de Curitiba, PR

Votum: ADA II/4, p. 559-560

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS APPENDIX PRIMA 523 (III/8, p. 301); AS III/8, 301-303

N. em Mielno, Pozán, Polônia, em 09/06/1896

Ord. sac.: 22/06/1919

Elev.: 13/01/1944 à Igreja titular de Blinda

Consagr.: 23/04/1944

País: Jan e Agnieszka Krause (agricultores)

Estudos: 1º grau (1903-1906), Gora, Polônia, 2º grau, Filosofia e Teologia (1907-1920), Cracóvia, Polônia

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Prudentópolis, PR, (1921-1929); Vigário da Paróquia de Shunteh, Hopei, China (1930-1933); Prefeito Apostólico de Shunteh, Hopei, China (1933-1944)

Como Bispo: Vigário Apostólico de Shunteh, Hopei, China (1944-1946); bispo da Diocese de Shunteh, Hopei, China (1946-1949); Expulso da China pelos Comunistas (1949); Pregador de missões nos Estados Unidos (1949-1953); Bispo auxiliar de Joinville, SC (1953-1954); Administrador Apostólico de Joinville, SC (1954-1957); Administrador da Prelazia de Laranjeiras do Sul, PR (1958-1959); Administrador Apostólico das Dioceses de Campo Mourão e Toledo, PR (1959-1960); Bispo Auxiliar de Curitiba, PR (1960-1965)

Lema: “Fides per caritatem” (Fé pela caridade)

+ 31-08-1984

123 - **Dom Ivo Lorscheiter**

Bispo titular, Auxiliar de Porto Alegre, RS, desde 12/11/1965

Vaticano II: 4º período

N. em São José do Hortêncio, Porto Alegre, RS, Brasil, em 07/12/1927

Ord. sac.: 20/12/1952

Elev.: 12/11/1965 à Igreja titular de Tamada

Consagr.: 06/03/1966

Estudos: 1º grau: Seminário Menor, Gravataí, RS (1939-1942); 2º grau: Seminário Menor, Gravataí, RS (1943-1945); Filosofia: Seminário de São Leopoldo, RS (1946-1948); Teologia: Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma / Itália; Especialização: Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma / Itália (1949-1953); Doutorado: Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma / Itália (1953-1955)

Antes do Episcopado: Professor e Reitor do Seminário Menor de Gravataí, RS; professor e Diretor na Faculdade de Filosofia do Seminário de Viamão, RS; professor e Reitor do Seminário Maior de Viamão, RS e na PUC de Porto Alegre, RS

Como Bispo: Bispo auxiliar, em Porto Alegre (1966-1974); Subsecretário Regional da CNBB, Sul 3; Secretário Geral da CNBB (1971-1974 e 1975-1978); Membro do Departamento Pastoral do CELAM; Membro da FEBPLAM (Fundação Educacional Padre Landel de Moura); Presidente da CNBB (1979-1982 e 1983-1986); Membro da Congregação para o Clero (2 mandatos); Delegado da CNBB junto ao CELAM (1987-1990); Membro da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB e como tal, responsável por Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso e Comunicação Social (1991-1994 e 1995-1998); Delegado à Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América por eleição da Assembléia da CNBB e confirmado pelo Papa João Paulo II (1997), impedido de participar por doença

Lema: “Nova et Vetera” (Coisas novas e velhas)

+ vivo em 31-12-2000

124 - **Dom Jackson Berenguer Prado**

Bispo residencial de Feira de Santana (São Salvador da Bahia, BA), desde 24/09/1962

Votum: ADA II/7, p. 269-271

Vaticano II: 1º, 3º e 4º períodos

N. em Tucano, Paulo Afonso, então Bonfim, BA, Brasil, em 04/05/1918

Ord. sac.: 13/06/1943

Elev.: 16/04/1958 a Vitória da Conquista, BA

Consagr.: 10/08/1958

Pais: Manuel Pereira do Prado e Teodora Berenger Prado

Estudos: 1º grau (1927-1931), Tucano, BA; 2º grau (1931-1936), Salvador, BA; Filosofia e Teologia (1936-1943), Salvador, BA

Antes do Episcopado: Capelão e Prof. do Educandário N. Sra. do Ssmo. Sacramento, BA (1943-1944); Reitor do Seminário de Bonfim, BA (1944-1948 e 1958); Vigário em Euclides da Cunha, BA; Encarregado da Paróquia de Abaré, BA, (1948-1958)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Vitória da Conquista, BA (1958-1962); Bispo Diocesano de Feira de Santana, BA (1962-1971); Bispo Diocesano de Paulo Afonso, BA, desde 1971

Lema: “Lucerna Verbum Tuum” (A Tua Palavra é a Lâmpada)

+ vivo em 31-12-2000

125 - Dom Frei Jaime Antônio Schuck, OFM

Bispo titular, Prelado *nullius* de Cristalândia (Goiânia, GO), desde 25/11/1958

Votum: ADA II/7, p. 274

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/6, 655

N. em Treverton, Harrisburg, USA, em 17/01/1913

Ord. sac.: 11/06/1940

Elev.: 25/11/1958 à Igreja titular de Avissa

Consagr.: 24/02/1959

Pais: Francis Schuck e Agnes Kurtz

Estudos: 1º grau (1929-33), Callicon, N. Y., USA; 2º grau (1934-1937), Croghan e Butler, N. Y., USA; Filosofia (1935-1937), Butler, N. Y., USA; Teologia (1937-1941), Washington, D. C., USA; História e Línguas (1938-1943), Univ. de S. Boaventura, N. Y., USA

Antes do Episcopado: Professor na Universidade de São Boaventura, N.Y., USA (1941-43); Vigário da Paróquia de Santana, Anápolis, GO (1944); Diretor do Colégio São Francisco, Anápolis, GO (1945-1955); Delegado Provincial - Comissariado de Ss. Nome de Jesus (1955-1958).

Como Bispo: Bispo Prelado de Cristalândia, GO, desde 1959; Membro da Ordem dos Frades Menores

Escritos de sua autoria: “Felipe II e Maria Tudor”. (Tese)

Lema: “Vos non vestra quaero” (2 Cor 12,14) (Procuro a vós, não aos vossos bens)

+ 31-01-1993

126 - Dom Jaime de Barros Câmara

Cardeal Presbítero Título dos Santos Bonifácio e Aleixo (18/02/1946); Arcebispo residencial de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, desde 03/07/1943

Votum: ADA II/7, p. 256-260

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: STv

Intervenções [23] AS I/1, 367 - V; AS I/2, 195-96; AS I/2, 491-92; AS I/2, 588-90 - XVII; AS I/3, 68-69- XX; AS I/3, 615-16-XXVIII; AS APPENDIX PRIMA 680-82 (Adde AS IV/5, pp. 209-541; AS II/1, 422-25-XXXIX; AS II/2, 388-392 - XLV; AS II/3, 54-57 - LI; AS II/3, 592-95 - LVII; AS II/4, 612-615 - LXIII; AS III/3, 515; AS III/4, 403-04 CI; AS III/4, 966-67; AS III/5, 11-12 CIII; AS III/7, 422-26 CXX; AS III/7, 703-05 CXXII; AS IV/2, 935-38; AS IV/3, 243; AS IV/3, 710-11 CXLIV AS VI/1, 237-38 (Periodus I - 1962); AS VI/1, 398 (Periodus I - 1962)

N. em São José, Florianópolis, SC, Brasil, em 03/07/1894

Ord. sac.: 01/01/1920

Elev.: 19/12/1935 a Mossoró, RN.

Consagr.: 02/02/1936

Estudos: cursou o primário em escola pública na cidade de São José, SC. Em 1906 matriculou-se no ginásio Catarinense, onde fez o curso de Humanidades. Entrou para o Seminário de São Leopoldo, RS, e a 01/01/1920 recebeu em Florianópolis, SC, o presbiterado

Antes do Episcopado: foi coadjutor da Paróquia de Tijucas e, de 1921 a 1924, exerceu a capelania no Hospital de Florianópolis, SC, como também a direção da Escola Diocesana de Santa Catarina. Ainda em 1924, nomeado Cura da Catedral, e depois Reitor do Seminário de Brusque, SC. Cônego em 1928, Pio XI agraciou-o com o título de Monsenhor (1935)

Como Bispo: nomeado Bispo de Mossoró, RN, aos 19/12/1935 e ordenado aos 02/02/1936; realiza uma série de obras, destacando-se o Seminário e o Abrigo para a velhice desamparada. Em 1939, tomou parte influente no Concílio Plenário Brasileiro; assistente a seguir ao Congresso Eucarístico do Recife, PE, e foi nomeado Arcebispo de Pará, PA, em 1941, em substituição a Dom Antônio de Almeida Lustosa, transferido para Fortaleza, CE. Foi em 21//05/1942 que Dom Jaime dirigiu, a bordo do “Vaticano”, em Belém, PA a maior procissão fluvial do mundo, durante onze dias, subindo o Amazonas com o Santíssimo exposto dia e noite no navio. Em Manaus, AM, dirigiu a reunião da Província Eclesiástica do Pará, PA. Em julho de 1943, recebeu a notícia de sua nomeação para substituir o Cardeal Leme, à frente da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ. Em sua nova sede metropolitana, Dom Câmara se dedicou a uma ampla obra de apostolado e assistência social. Atestam-no o Seminário Maior do Rio Comprido, a fundação de uma Escola Superior de Música Sacra, a ereção de novas paróquias, numerosas visitas e Cartas Pastorais. No Rio, que era então o centro político do País, notabilizou-se por sua linha enérgica e prudente de orientação espiritual, principalmente através das Cartas Pastorais e de suas palestras semanais (*A Voz do Pastor*) na Rádio Vera Cruz. **Cardeal Presbítero**, do Título de São Bonifácio e Aleixo no Aventino (18/02/1946 – Pio XII). Sempre solícito pela paz e pela defesa da família, fez numerosos apelos durante a guerra para uma reconstrução da sociedade com base na fraternidade. Um dos fundadores da CNBB, presidiu-a por dois períodos (1958-1962 e 1962-1964, tendo porém renunciado à presidência em novembro de 1963). Fez com o Governo um acordo para a construção de uma vasta rede radiofônica para transmissão de programas educativos, projeto que se concretizou na construção de 15.000 audio-postos, espalhados pelas regiões mais afastada de nosso território. Orador e escritor, deixou entre outras obras uma *História Eclesiástica*, um *Manual de Teologia Pastoral e Ugandenses, Campeões da Fé* (biografia dos 40 mártires de Uganda). Atuou com destaque no Concílio Vaticano II, primeiro como membro da Comissão Central preparatória, e depois como membro da Comissão para a revisão do Código de Direito Canônico. O Cardeal Câmara era membro das Sagradas Congregações para a Igreja Oriental, para os Religiosos e os Institutos Seculares, para as Causas dos Santos e para a Educação Católica, e membro da Comissão Pontifícia para a revisão do Código de Direito Canônico. No Brasil, além de ter sido o Vigário Castrense, era desde 1951 o Ordinário para os fiéis de Rito Oriental, com jurisdição sobre os gregos melquitas e os maronitas. Participou nos trabalhos da XII Assembléia Geral da CNBB.

Presidente do CELAM (1956-1959)

Cartas pastorais durante o Concílio: * * 35ª Carta Pastoral - XXI Concílio Ecumênico, Vozes, Petrópolis, 29-06-1961, pp. 32; * * 40ª Carta Pastoral - Liturgia e Catequese, Vozes, Petrópolis, 01-09-1964, pp. 20; * * 41ª Carta Pastoral - A Igreja e o Mundo, Vozes, Petrópolis, 14-09-1964, pp. 40; * * 43ª Carta Pastoral - Sacramentos de Iniciação: Batismo e Crisma - Série de Atualização Conciliar, Vozes, Petrópolis, 13/01/1968, pp. 31; * * 44ª Carta Pastoral - Sacerdotes Ministros de Cristo - Série de Atualização Conciliar, Vozes, Petrópolis, 1970, pp 48
+ 18-02-1971

127 - Dom Jaime Luís Coelho

Bispo residencial de Maringá (Curitiba, PR), desde 03/12/1956

Votum: ADA II/7, p. 214

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Franca, Ribeirão Preto, SP, Brasil, em 26/07/1916

Ord. sac.: 07/12/1941

Elev.: 03/12/1956 a Maringá, PR

Consagr.: 20/01/1957

Pais: João Amélio Coelho e Guilhermina Cunha Coelho

Estudos: 1º grau (1924-1928), Cristais Paulista, SP; 2º grau (1929-1934), Franca, SP Batatais, SP e Campinas, SP; Filosofia (1935-1937) e Teologia (1938-1941), Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador da Catedral de Ribeirão Preto, SP (1942-1944); Secretário Geral do Bispado (1942-1944) e Cura da Catedral (1944-1956), Ribeirão Preto, SP; Diretor Diocesano da FCCMM e da Catequese (1942-56); Assistente da JEC, JOC e JUC; Professor de Religião no Ginásio do Estado (1942-1964), Ribeirão Preto, SP; Promotor Vocacional e Procurador do Seminário Diocesano de Ribeirão Preto, SP (1955-1956)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Maringá, PR (1957-1959); Arcebispo desde 16/10/79; 1º Secretário Geral do Regional Sul II, Paraná (1964-1965); Secretário Geral da Província Eclesiástica de Curitiba, PR (1957-1970); Membro da Comissão Representativa da CNBB (1974-1978); Fundador do Jornal Diário “Folha do Norte do Paraná” (1962); Jornalista Profissional (Certificado nº 275, Curitiba, 1963). Promoveu a criação da Diocese de Paranavaí, PR, desmembrada integralmente da Diocese de Maringá, SP; Membro da Presidência do Regional Sul 2, Paraná desde 1978.

Escritos de sua autoria: “Plenitude do Sacerdócio” (Pastoral de saudação, Colunas permanentes: “Por um mundo melhor”, no “Diário da Manhã”, Ribeirão Preto, SP (1942-1956); “Reconstruir o Mundo”, no “Jornal de Maringá”, PR. Artigos semanais na “Folha do Norte do Paraná” (1962-1978)

Programas: na Rádio Cultura de Ribeirão Preto, SP (1942-1965); “Por um Mundo Melhor”, na Rádio Cultura de Maringá, PR (1957-1980); “Horizontes no Infinito”, programa semanal na TV Cultura, Canal 8, Maringá, PR, desde 1975

Lema: “In Omnibus Christus” (Cristo em Todos)

+ vivo em 31-12-2000

128 - Dom Jerônimo Mazzarotto

Bispo titular, Auxiliar de Curitiba, PR, desde 29/04/1957

Votum: ADA II/7, p. 314-315

Vaticano II: 4º período

N. em Curitiba, Curitiba, PR, Brasil, em 11/04/1898

Ord. sac.: 24/04/1921

Elev.: 29/04/1957 à Igreja titular de Arsinoe di Arcadia

Consagr.: 21/07/1957

Pais: Angelo Mazzarotto e Amélia Gasparin Mazzarotto

Estudos: 1º grau (1906), Santa Felicidade, PR; 2º grau (1910) e Filosofia (1915) Seminário de Curitiba, PR; Teologia (1917), Mariana, MG

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador e Auxiliar da Cúria do Bispado (1921); Professor do Seminário Menor e Internato do Ginásio do Estado; Reitor da Igreja de S. Francisco de Paula (1923-1928); Lente, por concurso, de Filosofia e História da Filosofia do Colégio Estadual Paranaense, e Vigário Cooperador na Catedral (1929-1933); Pároco de Castro, PR (1933-1935)

Professor de Psicologia e Lógica no Curso pré-jurídico e pré-médico (1935-1936); Capelão do Hospital Psiquiátrico (1935-1941); Professor no Instituto de Educação (1937-1957); Professor de Psicologia na Faculdade de Filosofia (1945-46); Prof. de Ética na Escola de Enfermagem (1954-56); Pároco da Freguesia de Santa Teresinha (1941-57); Presidente do Cabido Metropolitano (1953-78); Vigário Geral (1954-71); Presidente do Tribunal Eclesiástico (1952-78). Monsenhor - Camareiro Secreto de S. S. Pio XII (1952)

Como Bispo: Bispo auxiliar, Vigário Geral, Presidente do Tribunal Eclesiástico e do Cabido Metropolitano de Curitiba, PR, Reitor da Universidade Católica do Paraná; Membro do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Filiado ao Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas; Diploma da Ordem Nacional do Mérito Educativo do Brasil; Medalha de Cultura “Vermeil” da Itália; Reitor Emérito da Universidade Católica do Paraná

Lema: “Ecce mitte me” (Eis-me, envia-me)

+ 23-05-1999

129 - Dom João Aloysio Hoffmann

Bispo residencial de Frederico Westphalen (Porto Alegre, RS), desde 26/03/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Nova Petrópolis, São Leopoldo, RS, Porto Alegre, RS, Brasil, em 24/06/1919

Ord. sac.: 19/12/1943

Elev.: 26/03/1962 a Frederico Westphalen, RS

Consagr.: 10/06/1962

Pais: Frederico Hoffmann e Elizabetha Seibel

Estudos: 1º grau (1930), Selbach, RS; 2º grau (1931-1936), Seminário de Santa Maria, RS; Filosofia e Teologia (1937-1943), Seminário São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: vigário cooperador em Carazinho, RS (1944); Pároco em Tapera, RS (1945-1957); Secretário Geral e Vigário Geral em Passo Fundo, RS (1957-1962); Professor na Faculdade de Filosofia e na Escola de Auxiliares de Enfermagem

Como Bispo: 1º Bispo de Frederico Westhalen, RS (1962-1971); 1º Bispo de Erechim, RS, desde 1971. Com dinamismo e visão pastoral, governou a Diocese até 26/01/1994, dando ênfase, entre outros pontos, à pastoral vocacional e à formação do clero, aos meios de comunicação social, à educação, à devoção mariana, valorizando sempre os padres e diáconos, religiosos e leigos engajados nos mais diversos ministérios

Escritos de sua autoria: Coluna Semanal em “Voz da Serra”, Erechim, RS

Programas: na “Rádio Difusão” de Erechim, RS (semanal); na TV RBS - Canal 2 Gaúcha (semanal): “Mensagem de Fé”

Lema: “Messis in semine” (A messe está na semente)

+ 27-06-1998

130 - Dom João Batista Cavati, CM

Bispo titular de Eucarpia, emérito de Caratinga (Mariana, MG), desde 20/10/1956

Votum: um dos dois vivos a quem não foi solicitado (ver S.G. Jardim)

Vaticano II: não participou

N. em Todos os Santos, Vitória, ES, Brasil, em 05/05/1892

Ord. sac.: 20/03/1920

Elev.: 03/08/1938 a Caratinga, MG

Consagr.: 30/10/1938

Pais: Caetano Cavati e Filomena Magre

Estudos: 1º grau (1900-1904), Vitória, ES; 2º grau (1909-1912), Caraça, MG; Noviciado (1913-14), Seminário São Vicente de Paulo, da Congregação da Missão, Petrópolis, RJ; Filosofia, (1914-16) Petrópolis, RJ; Teologia (1916-1920), Dax, França

Antes do Episcopado: Professor no Seminário Diocesano de Fortaleza, CE (1920-1924); Prof. e Ecônomo no Caraça, MG (1924-1926); Prof. e Ecônomo no Seminário Diocesano de Mariana, MG (1927-1930); Prof. e Diretor da Escola Apostólica de Irati, PR (1931-1935); Diretor de Noviços (1936-1938), Petrópolis, RJ

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caratinga, MG (1938-1956); sua principal atividade foi a difusão do ensino de catecismo nas igrejas e nas escolas, e o fomento da Obra das Vocações; fundador do Instituto das Missionárias de N. Sra. das Graças (Gracinas); já resignatário, fundou a Estação de Rádio da Diocese de Governador Valadares, MG, Membro da Congregação da Missão, lazaristas.

Escritos de sua autoria: Livro: “História da Imigração Italiana no Espírito Santo” e o folheto “Céu ou Inferno”

Lema: “Pasce oves meas” (Apascenta minhas ovelhas)

+ 30-06-1987

131 - Dom João Batista Costa, SDB

Bispo titular, Prelado *nullius* de Porto Velho (Manaus, AM), desde 01/10/1946

Votum: ADA II/7, p. 298-299

Vaticano II: 1º e 4º períodos

N. em Luís Alves, Florianópolis, SC, Brasil, em 22/12/1902

Ord. sac.: 09/07/1933

Elev.: 01/10/1946 à Igreja titular de Scilio

Consagr.: 30/11/1946

Pais: Luiz Costa e Esperança Lazzaris Costa

Estudos: 1º e 2º graus (1919-1927), Lavrinhas, SP; Filosofia (1927-1929), Lavrinhas, SP; Teologia (1929-1933), Turim, Itália

Antes do Episcopado: Diretor do Externato São João de Campinas, SP (1937-1940); Diretor do Colégio Leão XXIII, Rio Grande, RS (1940-1943); Diretor do Liceu Coração de Jesus, SP (1943-1946); Diretor dos Estudos no Instituto Teológico e Professor (1935-1937)

Como Bispo: Prelado Bispo de Porto Velho, RO, desde 1947; Membro da Congregação de São Francisco de Sales (Salesiano)

Lema: “Da Mihi animas et coetera tolle” (Dá-me almas e tirai-me o resto)

+ 17-04-1996

132 - Dom João Batista da Mota e Albuquerque

Arcebispo residencial de VITÓRIA, ES, desde 26/05/1958

Votum: ADA II/7, p. 267-269

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [5] AS I/2, 216-17; AS II/2 714-18; AS II/6, 383-84; AS III/2, 180-81; AS III/2, 182-85

N. em Niterói, NITERÓI, RJ, Brasil, em 02/09/1909

Ord. sac.: 25/04/1933

Elev.: 29/04/1957 a Vitória, ES

Consagr.: 25/07/1957

Pais: Francisco Feliciano da Mota e Albuquerque e Francisca do Carmo Mota e Albuquerque

Estudos: 1º grau (1918-1922), Laguna, SC; 2º grau (1923-1927), Seminário Menor de Pirapora, SP; Filosofia (1927-1930), Pontifício Colégio Pio Latino-americano, Roma; Teologia (1930-1934), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Diretor Espiritual e Professor no Seminário São José, Rio de Janeiro, RJ; Assistente Eclesiástico da Juventude Feminina de Ação Católica e da JUC; Capelão do Colégio do Sion; Vigário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus e da Matriz da Glória; Presidente da Comissão de Música Sacra, Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo do Espírito Santo, ES (1957-1958); Arcebispo de Vitória, ES, desde 1958; Membro da Comissão Pro Pontifício Colégio Brasileiro de Roma (1958-1964). Participou no Vaticano II do Grupo da "Igreja dos Pobres", trazendo uma Fraternidade de Jesus Carpinteiro para a Arquidiocese, após o Concílio.

Programas: NA Rádio Capixaba, diário; Missa dominical na TV-Gazeta, Vitória, ES

+ 27-04-1984

133 - Dom João Batista Muniz, CSSR

Bispo residencial de Barra (São Salvador da Bahia, BA), desde 24/08/1942

Votum: ADA II/7, p. 135-137

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em São Sebastião da Chácara, JUIZ DE FORA, MG, Brasil, em 14/01/1900

Ord. sac.: 22/09/1926

Elev.: 24/08/1942 a Barra

Consagr.: 15/11/1942

Estudos: Começou os seus estudos de formação sacerdotal no Seminário de Aparecida, SP. Terminou os estudos na Holanda

Antes do Episcopado: de volta ao Brasil, exerceu os cargos de professor no Seminário Bom Jesus, até 15/11/1942 quando foi ordenado bispo e designado para a diocese de Barra, BA.

Como Bispo: em Barra, Bahia, passou 24 anos, pastoreando o rebanho com zelo e prudência, tendo-se destacado por sua campanha pioneira no Brasil de combate à malária e à esquistossomose. Fundou também uma Congregação feminina, que recebeu o nome de Filhas de Fátima. Em 1966, devido à idade e debilidade física, renunciou ao cargo e foi morar em Belo Horizonte, MG, no convento redentorista de São José.

+ 10-12-1977

134 - Dom João Batista Przyklenk, MSF

Bispo residencial de Januária (DIAMANTINA, MG), desde 01/06/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [21] AS I/1, 647-48; AS I/2, 68-71 - XI; AS II/1, 701-02; AS II/3, 229-31 - LIV; AS II/3, 770-75; AS II/4, 889-92; AS II/5, 903; AS III/1, 489; AS III/2, 154; AS III/2, 433-34; AS II/3, 910; AS III/3, 171-72; AS III/3, 490-91; AS III/3 867-69; AS III/4, 629-30; AS III/4, 916-17; AS III/VI, 594-98; AS III/7, 892-93; AS IV/2, 806-10; AS IV/5, 454-60; AS VI/1, 213-14 (Periodus I - 1962)

N. em Brandewalde-Wiesengrund, Essen, Alemanha, em 30/12/1916

Ord. sac.: 08/12/1940

Elev.: 01/06/1962 a Januária, MG

Consagr.: 19/06/1962

Pais: Agostinho Przyklenk e Teresa Kessler

Estudos: 1º e 2º graus (1922-1935), Gelsenkirchen, Baviera; Filosofia (1935-1938) Grave/Nimega, Holanda; Teologia (1938-1941), S. Leopoldo, RS; Direito Canônico (1952-1955), Latrão, Roma; Escola Prática de Administração da S. C. dos Religiosos (1953-1955) Roma.

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador e Professor em Santo Ângelo, RS (1942-1944) e em Passo Fundo, RS (1944-1947); Secretário Geral dos Missionários da Sagrada Família.

Como Bispo: Bispo de Januária, MG (1962-1976); bispo em Tromsø, Noruega Setentrional (1976-1977); Bispo de Januária, MG, desde 1977; Membro da Comissão Episcopal de Pastoral do Leste II (1970-1974); Membro da CEP Nacional (1975-1976); Membro da CEP (linha 5: Ecumenismo) desde 1979. (Linha 1: Vida Consagrada - Tribunais Eclesiásticos)

Escritos de sua autoria: Livro: “De apostasia a religione”. Artigos diversos

Lema: “Pascam ut Vitam habeant” (Pastoreio para que tenham vida)

+ 03-05-1984

135 - Dom João de Sousa Lima

Arcebispo residencial de Manaus, AM, desde 16/01/1958

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Tacaratú, Pesqueira, PE, Brasil, em 22/03/1913

Ord. sac.: 12/11/1939

Elev.: 14/05/1949 à Igreja titular de Derbe

Consagr.: 21/09/1949

Pais: José de Souza Lima e Maria Cezaldina de Lima

Estudos: 1º grau (1922-1927), Tacaratu, PE; 2º grau (1928-1932), Recife, PE; Filosofia (1933-1935), Seminário de Olinda, PE; Teologia (1936-1939). S. Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Secretário do Bispado, Membro do Conselho dos Consultores da Diocese, Diretor do Colégio Diocesano Cristo Rei de Pesqueira, PE; Diretor Diocesano das Obras Missionárias e Capelão da Igreja de Cristo Rei, Pesqueira, PE (1940-1949)

Como Bispo: Bispo auxiliar de Diamantina, MG (1949-1955); Bispo diocesano de Nazaré da Mata, PE (1955-1958); Arcebispo de Manaus, AM (1958-1980); Presidente da Comissão Regional Norte I (1966-1975); Membro da Comissão Representativa da CNBB (1966-1975); Membro do Conselho Diretor do MEB (1964-1974); Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do Lar Sacerdotal do Recife; Diretor Presidente da Rádio Rio Mar Ltda., Manaus (1962-1980); Sócio Patrimonial do Touring Club do Brasil, Arcebispo Coadjutor “sedi datus” de Salvador, BA, desde 1980

Escritos de sua autoria: “Por um mundo melhor” (Carta Pastoral aos Diocesanos de Nazaré da Mata, PE)

Colunas: “O Amazonas no Concílio” no Diário “A Crítica” de Manaus, durante as 4 sessões do Concílio Vaticano II

Programas: “Mensagem Pastoral” (semanal), a Missa Dominical e o programa diário: “Um olhar para a vida”, na Rádio Rio Mar”

Lema: “Illum oportet crescere”. (É preciso que ele cresça)

+ 01/10/1984

136 - Dom Frei João Floriano Loewenau, OFM

Bispo titular, Prelado *nullius* de Obidos (Belém do Pará, PA), desde 12/09/1957

Votum: ADA II/7, p. 284

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Snopken, Warmia, Polónia, em 24/05/1912

Ord. sac.: 22/05/1937

Elev.: 08/09/1950 à Igreja titular de Drivasto

Consagr.: 26/11/1950

+ 04-06-1979

137 - Dom João José da Mota e Albuquerque

Arcebispo residencial de São Luís do Maranhão, MA, desde 28/04/1964

Votum: ADA II/7, p. 129-130

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

AS III/2, 180-81; **AS III/2,** 182-85; **AS III/3,** 444-49

N. em Recife, Olinda e Recife, PE, Brasil, em 27/03/1913

Ord. sac.: 28/04/1935

Elev.: 04/02/1957 a Afogados da Ingazeira, PE

Consagr.: 28/04/1957

Pais: José Feliciano da Motta e Albuquerque e Aline Ramos

Estudos: 1º grau (1919-1924), Nazaré da Mata, PE; 2º grau, Filosofia e Teologia (1925-1934), Seminário de Olinda, PE; Cursos Intensivos promovidos pela CNBB

Antes do Episcopado: Capelão de Casas Religiosas; Pároco de Nazaré; Pró-Vigário Geral da Diocese de Nazaré, PE; Diretor do Colégio São José

Como Bispo: Bispo de Afogados de Ingazeira, PE (1957-1961); Bispo de Sobral, CE (1961-1964); Arcebispo de São Luís do Maranhão, desde 1964; Secretário do Regional NE 1; Membro da Comissão de Educação, da Comissão Central e da Representativa da CNBB; Padre Conciliar, do Concílio Vaticano II (1962-1965); Membro Efetivo por nomeação pontifícia, da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla, México (27/01 a 13/02/79)

Escritos de sua autoria: Coluna Dominical no “Imparcial” e no “Estado do Maranhão”, de São Luís, MA

Programas: “A Voz do Pastor”, na Rádio Educadora (semanal); na TV Difusora, canal 4 (semanal)

Lema: “In manus tuas” (Em tuas mãos)

+ 12-09-1987

138 - Dom João Marchesi, SDB

Bispo titular, Coadjutor c.d.s. de Rio Negro (Manaus, AM), desde 21/05/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Villa di Serio, Bergamo, Itália, em 24/06/1889

Ord. sac.: 09/04/1916

Elev.: 21/05/1962 à Igreja titular de Cela

Consagr.: 24/08/1962

Estudos: Aos 15 anos entrou no Seminário de Bergamo

Antes do Episcopado: Fez o serviço militar e tendo dado baixa no posto de sargento. Voltou ao Seminário e continuou a teologia. Em 1916, no terceiro ano de Teologia, foi chamado novamente para o serviço militar para a primeira guerra mundial

Observ.: Nas Agendas pessoais de papa João XXIII (RAG) encontram-se as seguintes notícias: RAG 62.05.23: “Due notizie car.me: ... il mio caro don Giovanni Marchesi nominato vescovo di Cela e Coad. di Pietro Massa, Prelat. *nullius* di Rio Negro (Brasile) *cum jure successionis*”; RAG 62.05.24: “Don Giovanni Marchesi dei Salesiani ieri nominato alla Chiesa titolare vescovile di Cela presso Eraclea: coadiutore con diritto di successione di mgr Pietro Massa vescovo titolare di Ebron (n. 20.VI.1880) Prelato *nullius* di Rio Negro (Brasile). È uno dei più buoni e cari sacerdoti Bergamaschi di cui io fui professore, confessore e superiore nella Casa dello Studente S. Salvatore, in Bergamo Alta, negli anni 1919 - 20 - 21. Bontà, umiltà e saggezza sono le sue doti caratteristiche. Perciò *placuit Deo et hominibus*”; RAG 62.09.22: “Fra le udienze che seguirono felicissima quella di mgr Giovanni Marchesi già mio carissimo figlio spirit. e collaboratore alla casa dello Studente in Bergamo Alta. Ora è Vescovo a Rio Negro in Brasile: ha raggiunto i 73 anni anche lui: sempre mite e fervoroso. Gli ho fatto un regaluccio di Doll. 1000 Mille e di un orologio prezioso”⁶³⁴.

+ 03-06-1980

139 - Dom João Rezende Costa, SDB

Arcebispo titular de Martiropoli, Coadjutor c.d.s. e Administrador apostólico *sede plena* de Belo Horizonte, MG, desde 19/07/1957

⁶³⁴ Devo a Luiz Carlos Luz Marques estas citações da Agenda de João XXIII.

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Borda da Mata, POUSO ALEGRE, MG, Brasil, em 19/10/1910

Ord. sac.: 28/07/1935

Elev.: 23/02/1953 a Ilhéus, BA

Consagr.: 24/05/1953

Pais: Francisco Marquês da Costa Júnior e Mariana Resende Costa

Estudos: 1º grau (1918-1923), Borda da Mata, MG e Cruzeiro, SP; 2º grau (1924-1926), Cruzeiro e Lavrinhas, SP; Filosofia (1927-1929), Lavrinhas, SP; Teologia (1932-1937) com Laurea, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Professor de Ciências Teológicas, Diretor de Estudos de Teologia, Diretor do Liceu Coração de Jesus, Reitor do Seminário de Teologia, Provincial Salesiano (1948-1952), São Paulo, SP; Membro do Conselho Geral Salesiano, Turim, Itália (1952); Membro da Delegação Brasileira nos Congressos Interamericanos de Educação em Bogotá, Buenos Aires e Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo de Ilhéus, BA (1953-1957); Arcebispo Coadjutor de Belo Horizonte, MG; com direito à sucessão e Administrador Apostólico (1957); Arcebispo de Belo Horizonte, MG, desde 1967; Membro do Conselho Episcopal de Imprensa no Vaticano II; Secretário Nacional das Religiosas, de CNBB (1964-1968); Secretário e Presidente do Regional Leste II, desde 1964; Delegado a Medellín (1968) e ao Sínodo dos Bispos (1977); Presidente da Delegação Brasileira no Congresso Interamericano de Educação, em Havana, Cuba; Presidente da “Sociedade Mineira de Cultura” (Mantenedora da Universidade Católica de Minas) e Grão-Chanceler da Universidade; Membro da Congregação de São Francisco de Sales (Salesianos)

Escritos de sua autoria: “L’Influsso di De Dominis nella Dottrina di Martin de Barcos” (Tese de Laurea), “Palavras do Caminho”, “Mensagens, Vidas e Fatos”, “Na Seara da Palavra”, “Opúsculos na Coleção “Leituras Católicas””, “Dom Bosco” de Auffray. Coluna semanal “Mensagem de Pastoral” no jornal Estado de Minas e no Boletim da Arquidiocese, Cartas Pastorais

Lema: “In laudem gloriae Dei” (Para o louvor da glória de Deus)

+ vivo em 31-12-2000

140 - Dom Joaquim Domingues de Oliveira

Arcebispo residencial de Florianópolis, SC, desde 17/01/1927

Votum: ADA II/7, p. 173-174

Vaticano II: 1º período

N. em Vilanova de Gaia, Porto, Portugal, em 04/12/1878

Ord. sac.: 21/12/1901

Elev.: 02/04/1914 a Florianópolis, SC (então Santa Catarina)

Consagr.: 31/05/1914

Estudos: Fez os estudos na escola pública, depois no Liceu Sagrado Coração de Jesus (Salesianos), por último no Ginásio Paulista. Matriculou-se em 1908 no Seminário Episcopal de São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Exerceu o cargo de professor no Seminário até 08/10/1905, quando se dirigiu a Roma para doutorar-se em Direito Canônico, na Universidade Gregoriana. Formado, regressou para São Paulo, continuando o magistério no Seminário e sendo também Diretor Espiritual no Colégio Arquidiocesano (Irmãos Maristas). Em 1910, foi nomeado Cônego da Catedral; em 1911, Secretário do Arcebispado

Como Bispo: Reformou a Catedral; construiu o Paço Episcopal e dois grupos escolares. Em 1927, conseguiu da Santa Sé a criação das dioceses de Joinville, SC e Lajes, SC; e no mesmo ano iniciou o Seminário Diocesano; em 1941, construiu o Pré-Seminário em S. Ludgero. Criou dezenas de paróquias; realizou três Sínodos, vários Congressos: um Católico, dois Catequéticos e dois Eucarísticos; várias Concentrações Marianas. Ordenou mais de 70 sacerdotes e sagrou 05 bispos. Em 1954, a seu pedido, a Santa Sé criou a diocese de Tubarão; assistente ao Sólido Pontifício.

+ 18-05-1967

141 - Dom Joaquim de Lange, CSSp

Bispo titular, Prelado *nullius* de Tefé (Manaus, AM), desde 18/04/1952

Votum: ADA II/7, p. 307-308

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Nicolaasga, UTRECHT, Holanda, em 05/03/1906

Ord. sac.: 25/07/1933

Elev.: 18/04/1952 à Igreja titular de Fotice

Consagr.: 06/07/1952

Pais: Iede de Lange e Aaltje Veltman

Estudos: 1º e 2º graus (1919-1925), Weert, Holanda; Filosofia (1926-1927), Gennepe, Holanda; Teologia (1930-1933), Gemert, Holanda

Antes do Episcopado: Professor no Seminário Menor (1930); Missionário em Vila da Ponte, Cuango, Angola (1933-1946); Prefeito Apostólico (1947-1950) e Administrador Apostólico (1950-1952) Tefé, AM

Como Bispo: Prelado de Tefé, AM, de 1952 a 1982; Presidente da Sociedade de Obras Sociais e Educacionais da Prelazia de Tefé; Presidente Local do MEB; Membro da Congregação do Espírito Santo

Escritos de sua autoria: “50 anos de existência da Prefeitura apostólica de Tefé”

Programa: “Hora Pastoral” (semanal)

Lema: “Iter para tutum” (Prepara um caminho seguro)

+ 14-07-1992

142 - Dom Jorge Marcos de Oliveira

Bispo residencial de Santo André (São Paulo, SP), desde 26/07/1954

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [3] AS IV/3, 181-87; AS IV/3, 314-19; AS IV/3, 792-94

N. em Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em 10/11/1915

Ord. sac.: 08/12/1940

Elev.: 03/08/1946 à Igreja titular de Bagi

Consagr.: 27/10/1946

Pais: Carlos José de Oliveira e Angelina Ruffo Oliveira

Estudos: Seminário São José e Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Professor do Seminário Menor; Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais; Assistente da Juventude Masculina Católica, da JOC; Oficial Maior do Tribunal Eclesiástico do Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ (Atividades Gerais); Bispo Diocesano de Santo André, SP (1954-1975); Fundador e atual Presidente da Associação Lar do Menino Jesus

Escritos de sua autoria: Artigos para jornais

Lema: “Omnia in Christo” (Tudo em Cristo)

+ 28-05-1989

143 - Dom José Adelino Dantas

Bispo residencial de Garanhuns (Olinda e Recife, PE), desde 03/05/1958

Votum: ADA II/7, p. 175-176

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS I/2, 217

N. em São Vicente, NATAL, Brasil, em 17/03/1910

Ord. sac.: 18/11/1934

Elev.: 10/06/1952 a Caicó, RN

Consagr.: 14/09/1952

Pais: Antônio Adelino Dantas e Jovelina de Oliveira Dantas

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1925-34), nos Dantas, RN e no Seminário de João Pessoa, PB e de Natal, RN

Antes do Episcopado: Professor de Português e Latim (1935-1952); Reitor do Seminário Menor de São Pedro (1935-1952); Professor de Português nos Estabelecimentos Oficiais de Ensino (1945-1952), Natal, RN

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caicó, RN (1952-1958); Bispo de Garanhuns, PE (1958-1967); Bispo de Ruy Barbosa, BA (1967-1975); Membro da Comissão de Revisão das Traduções de Textos Litúrgicos, Representante do Nordeste III; Membro da Academia de Letras Norte-riograndense; Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Escritos de sua autoria: Livros: “Formação do Seminarista”, Natal, RN, 1942; “Fatos e Homens do Seridó Antigo” (Pesquisas históricas e genealógicas); “Um inventário revelando um Homem”. Coluna no Jornal Diocesano “A Ordem”, Natal, RN (1945-1952); colunas ocasionais na imprensa de Pernambuco e Bahia

Lema: “In finem dilexit” (Amou-os até o fim)
+ 24-03-1983

144 - **Dom José Alberto Lopes de Castro Pinto**

Bispo titular, Auxiliar de Rio de Janeiro, RJ, desde 25/02/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em Itaqui, Uruguaiana, RS, Brasil, em 05/08/1914

Ord. sac.: 16/04/1938

Elev.: 25/02/1964 à Igreja titular de Gerapoli da Isauria

Consagr.: 01/05/1964

Pais: Antônio de Castro Pinto e Bernardina Lopes de Castro Pinto

Estudos: Primário e Admissão (1921-1925), Rio de Janeiro, RJ; ginásio (1926-1930), Belém, PA, Recife, PE, Rio de Janeiro, RJ; Filosofia (1931-1933), Seminário Provincial de São Paulo, SP; Teologia (1933-1937), Pont. Universidade Gregoriana, Roma; Latindade em Roma (1937-38); Sagrada Escritura (1947-1950), Pont. Instituto Bíblico de Roma; Biblioteconomia (1947-1948), Biblioteca Vaticana, Roma.

Antes do Episcopado: Professor, Ministro, Ecônomo, Vice-Reitor, Reitor e Diretor Espiritual nos Seminários Menor e Maior do Rio de Janeiro, RJ; Capelão em vários Colégios e Capelão da Penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, RJ; Representante no Brasil do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma; Provedor da Veneranda Irmandade de São Pedro; Diretor da “Casa do Padre”; Cônego Honorário do Cabido do RJ; Mons. sob o Pontif. de Pio XII, João XXIII e Paulo VI; Membro da Liga de Estudos Bíblicos (LEB); Co-fundador da associação S. Pedro “in vinculis” (proteção aos ex-presidiários); Representante do Sr. Cardeal do RJ no Cons. Administrativo da PUC, RJ, e do Sr. Núncio Apostólico.

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ (1964-1976); Bispo Diocesano de Guaxupé, MG, desde 1976; Secretário do Regional Leste; Tesoureiro da Comissão Central da CNBB; Membro da Comissão Episcopal do Departamento de Ecumenismo do CELAM; Membro da LEB (Liga de Estudos Bíblicos) e atual Presidente; Membro da Associação dos Padres de São Francisco de Sales; Fundador do Centro de Ecumenismo e da Comunidade Judaico-Cristã do Rio de Janeiro; Co-Fundador da Associação São Pedro “in vinculis” (para proteção dos ex-presidiários); Membro do Cons. de Administração da PUC no Rio de Janeiro; Representante Regional e Diocesano do IPREC e Membro do seu Conselho Fiscal; Pároco de Nossa Sra. de Copacabana; Diretor da “Casa do Pobre de Nossa Sra. de Copacabana”

Escritos de sua autoria: Traduções: “Livros dos Provérbios”. Comentário para a Edição da “Bíblia da Família”; “Paixão de Cristo segundo o Cirurgião”, de Pierre Barbet; Introdução dos livros de Josué, Juízes, Ruth e Epístolas Católicas na “Bíblia Sagrada” da Ed. das Américas

Programas Radiofônicos: “Diálogo com a Bíblia e a Religião”, na Rádio Nacional (já encerrado)

Lema: “Ministrare non ministrari” (Servir e não ser servido)

+ 06-03-1997

145 - **Dom José Alvarez Mácuca** (do Pérpetuo Socorro), **OAR**

Bispo titular, Prelado *nullius* de Lábrea (Manaus, AM), desde 13/12/1947

Votum: ADA II/7, p. 280-281

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS I/2,345

N. em Dicastillo, Pamplona, Espanha, em 20/03/1906

Ord. sac.: 15/12/1929

Elev.: 13/12/1947 à Igreja titular de Colibrasso

Consagr.: 01/02/1948

+ 26-02-1974

146 - **Dom José Alves de Sá Trindade**

Bispo residencial de Montes Claros (Diamantina), desde 27/05/1956

Votum: ADA II/7, p. 215

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Lagoa Dourada, São João del Rey, então Mariana, MG Brasil, em 07/10/1912

Ord. sac.: 27/03/1937

Elev.: 04/10/1948 a Bonfim, BA

Consagr.: 21/11/1948

Pais: Antônio Alves da Trindade e Maria das Dores Almeida

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia, Seminário de Mariana, MG; Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana como aluno fundador do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, inclusive a Láurea (1940)

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador da Paróquia Nossa Sra. do Pilar, de São João Del Rei; Professor nos Seminários Menor e Maior de Mariana, MG, e no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, MG, também Capelão do Noviciado das Irmãs Carmelitas; Vigário Econômico do Sumidouro e Chanceler do Arcebispado

Como Bispo: 3º Bispo Diocesano do Senhor do Bonfim, BA (1949-1956); 5º Bispo Diocesano de Montes Claros, MG

Escritos de sua autoria: Mensagens e cartas de âmbito diocesano; Tese de Teologia “magna cum laude” “A Moral das leis penais segundo Afonso de Castro, OFM” (não publicada)

Lema: “Omnes unum” (Que todos sejam um)

+ vivo em 31-12-2000

147 - Dom José André Coimbra

Bispo residencial de Patos de Minas (Uberaba, MG), desde 08/06/1955

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Carbonita de Tamarandiba, DIAMANTINA, MG, Brasil, em 10/11/1900

Ord. sac.: 13/07/1924

Elev.: 26/02/1938 a Barra do Piraí, RJ

Consagr.: 24/07/1938

Como Bispo: Foi ordenado Bispo de Barra do Piraí (RJ) aos 26/02/1938, recebendo a sagração episcopal a 24/07/1932. Ao ser criada a nova Diocese de Patos de Minas (MG), em 1955, Dom José foi nomeado o seu primeiro Bispo aos 08/06/1955. Além de sua atividade apostólica, ainda exerceu o magistério no Seminário de Diamantina, MG.

+ 16-08-1968

148 - Dom José Bezerra Coutinho

Bispo residencial de Estância (Aracajú, SE), desde 28/01/1961

Votum: ADA II/7, p. 341-342

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Capistrano, então Independência, Quixadá, CE, então Sorocaba, Brasil, em 07/02/1910

Ord. sac.: 03/12/1933

Elev.: 04/08/1956 à Igreja titular de Utina

Consagr.: 28/10/1956

Pais: João Pedro Coutinho e Maria José Bezerra Coutinho

Estudos: 1º e 2º graus (1923-27), Filosofia (1927-28) e Teologia (1931-33), Fortaleza, CE; Curso de Psicologia

Antes do Episcopado: Vigário de Massapé e Meruoca, CE (1934-35); Vigário de São Benedito, CE (1936-56); Diretor do Colégio Farias Brito e Presidente da Sociedade Cultural de São Benedito, CE (1953-56)

Como Bispo: Bispo Auxiliar (1956-59) e Vigário Capitular (1959-61), Sobral, CE; Bispo Diocesano de Estância, SE, desde 1961; Presidente da Comissão da Pastoral da Família; Membro da Comissão Representativa da CNBB; Membro do Instituto Geográfico e da Associação de Imprensa, Aracaju, SE; Presidente da Sociedade Educacional Farias Brito e da FACEME; Membro da Academia de Letras, Sobral, CE; Presidente da Sociedade Beneficente Amparo de Maria, Mantenedora do Hospital Amparo de Maria

Escritos de sua autoria: Cartas Pastorais. Coluna no “Correio da Semana”, Sobral, CE, e na “Folha Trabalhista”, Estância, SE

Lema: “Dominus illuminatio mea” (O Senhor é minha luz)
+ vivo em 31-12-2000

149 - **Dom José Brandão de Castro, CSSR**

Bispo residencial de Propriá (Aracajú, SE), desde 25/06/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/6, 480-81

N. em Rio Espera, MARIANA, MG, Brasil, em 24/05/1919

Ord. sac.: 06/01/1944

Elev.: 25/06/1960 a Propriá, SE

Consagr.: 21/09/1960

País: César Augusto de Oliveira Castro e Maria Afonso Brandão de Castro

Estudos: 1º grau (1927-35), Rio Espera e Mariana, MG; 2º grau (1936-37), Congonhas do Campo, MG; Filosofia e Teologia (1939-44), Tietê, SP; Licenciatura Plena em Filosofia (1973-74), São João Del Rei, MG

Antes do Episcopado: Redator e Diretor da Revista “S. Geraldo” (1945-68) e Professor da Religião (1945), Cel. Fabriciano, MG; Missionário (1946-52); Pregador de Retiro (1958), Belo Horizonte; Vigário em Cel. Fabriciano, MG e Belo Horizonte, MG (1953-60)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Propriá, SE, desde 1960; 2º Suplente da Comissão Representativa da CNBB; membro da Comissão da Pastoral da Terra; Participante do Concílio Vaticano II; Membro da Associação Sergipana de Imprensa e da Academia Sergipana de Letras

Escritos de sua autoria: Livro: “Vida de São Geraldo Majella” (3 edições); “O Homem diante da técnica”; Cartas Pastorais. “Os estranhos Sermões de Antônio Vieira” - cordel. Colaboração no jornal diocesano “A Defesa”, desde 1961

Programa: semanal (por 2 anos), na Rádio de Aracaju, SE

Lema: “Clarificetur nomen Christi” (Para que o nome de Cristo seja glorificado)

+ 23-12-1994

150 - **Dom José Carlos de Aguirre**

Bispo residencial de Sorocaba (São Paulo, SP), desde 04/07/1924

Votum: ADA II/7, p. 260

Vaticano II: não participou

N. em Itaquerí da Serra, São Carlos, SP, Brasil, em 28/04/1880

Ord. sac.: 08/12/1904

Elev.: 04/07/1924 a Sorocaba, SP.

Consagr.: 08/12/1924

Estudos: Depois dos primeiros estudos na própria terra natal, foi aluno do Liceu Coração de Jesus, dos padres salesianos, em São Paulo, SP. Saiu do liceu para ingressar como aluno no seminário episcopal de São Paulo, SP, entre 1896 a 1904

Antes do Episcopado: ainda no tempo de seminarista, Dom Antônio Cândido Alvarenga, bispo de São Paulo, SP, nomeou-o mestre de cerimônia da catedral paulista, aos 06 de fevereiro de 1904, cargo que ele exerceu até o dia da ordenação. Ordenado padre aos 24 anos de idade (1904), começou a trabalhar como secretário e professor do colégio diocesano e como coadjutor da paróquia de Santa Cecília, também em São Paulo, SP. Em agosto de 1908, foi nomeado vigário da paróquia de São José de Belém, ainda em São Paulo, SP. No ano de 1910, nomeado cônego honorário do cabido de São Paulo e, em março de 1911, designado vigário de Bragança Paulista, SP. Nessa época, haviam sido suspensos os estudos para a criação da nova diocese paulista de Sorocaba, SP, em vista da revolução chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes. Terminado o movimento dos insurretos, padre José foi chamado a São Paulo, SP, por seu arcebispo Dom Duarte. Foi então que se deu uma das históricas que Dom José mais gostava de contar. Perguntou-lhe Dom Duarte Leopoldo e Silva se era verdade que havia estourado uma bomba na casa paroquial, durante a revolução. O então cônego, surpreendido, disse que não, nada houvera. Dom Duarte, porém, exibindo prontamente a carta do Vaticano com a nomeação de padre José, para bispo, disse-lhe: “Explodiu uma bomba, sim, senhor. O senhor foi escolhido para ser o primeiro bispo da diocese de Sorocaba, que o Papa Pio XI vai criar brevemente”.

Como Bispo: Dom José ocupou o governo da diocese durante 48 anos. Foi Dom Carlos de Aguirre o bispo brasileiro que, em toda a nossa história eclesiástica, durante maior lapso de tempo ocupou o episcopado numa única diocese e também o que maior número de padres ordenou, ao todo, 278.
+ 08-01-1973

151 - Dom José Costa Campos

Bispo residencial de Valença (Rio de Janeiro, RJ), desde 09/12/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Três Pontas, Campanha, MG, Brasil, em 23/08/1918

Ord. sac.: 23/03/1941

Elev.: 09/12/1960 a Valença, RJ.

Consagr.: 24/02/1961

02/1961

Pais: Benjamim Ferreira Campos e Maria Costa Campos

Estudos: 1º e 2º graus (1930-36), Campanha, MG; Filosofia e Teologia (1936-40), Mariana, MG; Complementação da Filosofia (1972-73), São João Del Rei, MG

Como Bispo: Bispo Diocesano de Valença, RJ (1961-79); Secretário Diocesano de Catequese, Campanha, MG; Secretário Nacional e Responsável do Secretariado de Catequese (1961-71); Delegado do Comitê Latino-americano da Fé, do CELAM; Bispo de Divinópolis, MG, desde 12/03/1979

Programas: “Voz do Pastor”, Valença, RJ, (1968-79)

Lema: “Gloriam Regni Tui” (A glória do teu Reino)

+ 10-07-1997

152 - Dom José D'Angelo Neto

Arcebispo residencial de POUSO ALEGRE, MG, desde 14/04/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Ibituruna, MARIANA, MG, Brasil, em 11/10/1917

Ord. sac.: 01/12/1940

Elev.: 12/03/1960 a Pouso Alegre, MG

Consagr.: 26/05/1960

Pais: Vicente D'Angelo e Mercedes Moreira da Rocha

Estudos: 1º grau (1928-1929), Ibituruna e São João Del Rei, MG; 2º grau (1930-1934); Filosofia (1935-1936); Teologia (1937-1940), Mariana, MG

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador (1941-1943), entre Rios de Minas, MG; Pároco (1943-1960), Lagoa Dourada, MG

Como Bispo: Bispo de Pouso Alegre, MG, desde 29 de junho de 1960; Professor Universitário na Faculdade de Direito do Sul de Minas; Presidente da Fundação do Ensino Superior do Vale do Sapucaí, MG

Lema: “Veritatem in Caritate” (A Verdade na Caridade)

+ 31-05-1990

153 - Dom José Dalvit, FSCJ

Bispo residencial de São Mateus (Vitória, ES), desde 16/05/1959

Votum: ADA II/7, p. 250-251

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Pressano di Lavis, Trento, Itália, em 15/09/1919

Ord. sac.: 10/04/1943

Elev.: 16/05/1959 a São Mateus, ES

Consagr.: 29/06/1959

Estudos: Tinha feito os estudos eclesiásticos nas casas de formação da Congregação dos Missionários de Verona (FSCJ, Filhos do Sagrado Coração de Jesus) em Trento, Brescia e Verona

Antes do Episcopado: Foi professor na Escola Apostólica de Trento e diretor espiritual na Escola Apostólica de Brescia. Chegou ao nosso país em 1953 e foi designado vigário cooperador de Nova Veneza, SP e, mais tarde, pároco sucessivamente de São Mateus, ES e Montanha.

Como Bispo: Quando exercia o cargo de pároco de Santo Antônio do Caxingui, na cidade de São Paulo, SP, foi nomeado primeiro bispo de São Mateus, ES, em 1959. Foi ordenado bispo em Vitória, ES, no dia 29 de junho, festa dos Santos Apostólicos Pedro e Paulo. Dom José Dalvit manteve-se à frente da diocese de São Mateus, ES, até 1970, quando renunciou ao cargo por motivo de saúde. Desde 1973, vinha exercendo o cargo de bispo auxiliar em Belo Horizonte, MG.
+ 17-01-1977

154 - Dom José de Almeida Batista Pereira

Bispo residencial de Guaxupé (POUSO ALEGRE, MG), desde 02/04/1964

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em São Gonçalo, NITERÓI, RJ, Brasil, em 26/07/1917

Ord. sac.: 22/12/1940

Elev.: 22/12/1953 à Igreja titular de Baris da Pisidia

Consagr.: 02/02/1954

Pais: Balthazar Bernardino Baptista Pereira e Maria Carolina de Oliveira Baptista Pereira

Ord. s.: 22/12/1940

Ord. e. 02/02/1954

Estudos: 1º grau: Escola Pública em Niterói, RJ (1924-1929); 2º grau: Seminário de São José, em Niterói, RJ (1929-1933); Filosofia: Seminário Central do Ipiranga, SP (1934-1936); Teologia: Seminário Central do Ipiranga, SP (1937-1940); Outros cursos: Validação do curso filosófico na Faculdade Salesiana de São João Del Rei, MG, em 1972

Antes do Episcopado: professor nos Seminário de São Paulo, Rio de Janeiro e Niterói; Reitor do Seminário de São José, em Niterói, RJ; Pároco de São Lourenço, em Niterói, RJ

Como Bispo: Bispo auxiliar de Niterói, RJ (1954-1955); 1º Bispo de Sete Lagoas, MG (1955-1964); Bispo de Guaxupé, MG (1964-1976); Colaborador na Diocese de Nova Friburgo, RJ até hoje

Escritos de sua autoria: “O Homem, Desafio de Hoje e Sempre”; “Catequese Bíblica do Rosário da Virgem”; “Introdução à Sociologia” (pro manuscrito); “História de São José do Ribeirão, RJ” (inédito)

Lema: “Ipsa Conteret” (Ela esmagará)

+ vivo em 31-12-2000

155 - Dom José de Aquino Pereira

Bispo residencial de Presidente Prudente (Botucatu, SP), desde 26/03/1960

Votum: ADA II/7, p. 172-173

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Adrães, Vila Real, Portugal, em 22/04/1920

Ord. sac.: 03/12/1944

Elev.: 23/01/1958 a Dourados, MS

Consagr.: 13/04/1958

Pais: Manuel de Aquino Pereira e Maria do Rosário Ribeiro

Estudos: 1º grau (1927-1931), S. Cibrão, Portugal; 2º grau (1931-1936) Vila Real, Portugal; Filosofia e Teologia (1938-1944) Ipiranga, São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Professor do Seminário de São Carlos, SP (1945); Pároco de São Bento (1945-1949), Araraquara, SP; Cura da Catedral de São Carlos, SP (1949-1958)

Como Bispo: Bispo de Dourados, MS (1958-1960), Bispo de Presidente Prudente, SP (1960-1968)

Lema: “Oportet illum regnare” (É preciso que Ele reine)

+ vivo em 31-12-2000

156 - Dom José de Medeiros Delgado

Arcebispo residencial de Fortaleza, CE, desde 10/05/1963

Votum: ADA II/7, p. 248-249

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Pombal, Cajazeiras, PB, Brasil, em 28/07/1905

Ord. sac.: 02/06/1929

Elev.: 15/03/1941 a Caicó, RN

Consagr.: 29/06/1941

Pais: Manoel Porfírio Delgado e Francisca de Medeiros Delgado

Estudos: 1º grau, iniciado em Malta e Esperança, PB, e concluído no Seminário de João Pessoa, PB; 2º grau, no dito Colégio e Seminário Diocesano Pio X; Filosofia, todo o curso no Seminário de João Pessoa, PB; Teologia Dogmática, Moral e Direito Canônico, na Universidade Gregoriana, Roma; Bacharel em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; Sacramentos no Seminário de João Pessoa, PB

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Campina Grande e Bananeiras, PB (1930); Pároco de Campina Grande, PB (1931-41)

Como Bispo: 1º Bispo Diocesano de Caicó, RN (1941-52); Arcebispo de São Luís do Maranhão (1952-63); Arcebispo de Fortaleza, CE (1963-73); Pres. do Secr. de Ação Social da CNBB; Presidente do Regional Nordeste I; Membro da Associação Cearense de Imprensa.

Escritos de sua autoria: Pastorais: “Saudação a Caicó”, 1941; “Vida Cristã, Paróquia e Ação Católica”, 1942; “Mistério da Vida Cristã”, 1943; “Amor Fraternal”, 1949; “A Igreja e os Sacramentos” (Saudação aos diocesanos do Maranhão), 1952; “Maria, Sacerdócio e Eucaristia”, 1954; “Mistério da Igreja”, 1962; Opúsculos: “A Magia do Amor”; “Leais ao Amor”; “Faculdades de Medicina”; “Mensagem de Pentecostes”; “Problema da Terra”; “Problema do Desemprego”. Livros: “O homem e a comunidade”, 1956; “Reflexões sobre a santidade”, 1965; “Juazeiro, Padre Cícero e Canindé”, 1968; “Evangelho, Fé e Concílio”, 1966; “O homem, o Sacerdócio e o Sexo”, 1969; “Igreja, Fé e Pastoral”, 1969; “O Cristão, a Vocação e a Prática do Amor”, 1969; “Igreja, Liberdade e Mundo Moderno”, 1970; “Padre Cícero: Mártir da Disciplina”, 1970; “Testemunho”, 1971; “Pedacinhos de mim mesmo”, 1973; “Memórias da Graça Divina”, 1978; “Deus e a Igreja em Você”, 1979 (em comemoração dos 50 anos de sacerdócio); “Tapete de Mistérios”, 1980

Colunas em jornais: “A Ordem”, Natal, RN; “O Imparcial”, dos Diários Associados, e o Jornal do Maranhão, da Arquidiocese, São Luís, MA; “O Nordeste” da Arquidiocese e “O Povo” e “A Tribuna”, Fortaleza, CE; “A Imprensa”, Jornal da Arquidiocese de João Pessoa, PB; “Idade Nova”, Paróquia de Campina Grande

Lema: “Ita, Pater” (Sim, Pai)

+ 09-03-1988

157 - Dom José de Medeiros Leite

Bispo residencial de Oliveira (Belo Horizonte, MG), desde 14/08/1945

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Mossoró, Mossoró, RN, Brasil, em 16/11/1898

Ord. sac.: 29/05/1924

Elev.: 14/08/1945 a Oliveira, MG

Consagr.: 28/10/1945

+ 06-03-1977

158 - Dom José Eugênio Corrêa

Bispo residencial de Caratinga (Mariana, MG), desde 19/08/1957

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Lima Duarte, Juiz de Fora, MG, Brasil, em 30/05/1914

Ord. sac.: 26/10/1941

Elev.: 19/08/1957 a Caratinga, MG

Consagr.: 10/11/1957

Pais: Antônio Eugênio de Miranda e Camila Augusto de Almeida

Estudos: 1º grau (1926-30), Lima Duarte, MG; 2º grau (1930-35), Seminário de Juiz de Fora, MG; Filosofia (1935-36), Mariana, MG e Academia Santo Tomás, Roma; Teologia (1937-41), Pont. Universidade Gregoriana, Roma; Complementação de Filosofia (1971-72), Faculdade Dom Bosco, São João Del Rei, MG

Antes do Episcopado: Pároco da Catedral (1942-45); Assistente da Ação Católica (1943-45); Reitor do Seminário Menor (1945-47), Juiz de Fora, MG; Pároco de Rio Preto, MG (1947-57)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caratinga, MG (1957-78)

Escritos de sua autoria: Colunas em “O Lampadário”, Juiz de Fora, MG; “Mensagem”, Rio Preto, MG; “Diretrizes”, Caratinga, MG
Lema: “Omnibus omnia” (Tudo para todos)
 + vivo em 31-12-2000

159 - Dom José Gomes

Bispo residencial de Bagé (Porto Alegre, RS), desde 18/03/1961

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Erechim, Santa Maria, agora Passo Fundo, RS, Brasil, em 25/03/1921

Ord. sac.: 21/12/1947

Elev.: 18/03/1961 a Bagé, RS

Consagr.: 25/06/1961

Pais: Antônio Gomes e Maria Maggioni Gomes

Estudos: 1º grau (1928-32), Erechim, RS; 2º grau (1935-40), Santa Maria, RS; Filosofia e Teologia (1941-47), São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador de Espumoso, RS (1948-49); Cooperador na Catedral de Santa Maria, RS (1950-51); Cura da Catedral (1951-57) e Diretor da Faculdade de Filosofia (1957-61), Passo Fundo, RS

Como Bispo: Bispo Diocesano de Bagé, RS (1961-68); Bispo Diocesano de Chapecó, SC, desde 1968; Membro da Fundação Universitária do Oeste-SC - FUNDEST

Escritos de sua autoria: Artigos Opcionais

Lema: “Ut diligatis invicem” (Para que vos ameis uns aos outros)

+ vivo em 31-12-2000

160 - Dom José Gonçalves da Costa, CSSR

Bispo titular, Auxiliar de Rio de Janeiro, RJ, desde 25/06/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 928-29

N. em Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil, em 27/04/1914

Ord. sac.: 18/12/1938

Elev.: 25/06/1962 à Igreja titular de Rodopoli

Consagr.: 19/08/1962

Pais: João Gonçalves da Costa e Amélia Martins Costa

Estudos: 1º grau (1922-26), Belo Horizonte, MG; 2º grau (1926-32), Congonhas do Campo, MG; Filosofia (1933-36), Roermond, Holanda; Teologia (1935-38), Witten, Holanda e Tietê, SP

Antes do Episcopado: Professor em Congonhas, MG (1939-41); Missionário em Curvelo, MG, Congonhas, MG, Belo Horizonte, MG (1942-47); Pároco em Cel. Fabriciano, MG (1947-50); Diretor da Casa de Retiros São José, Belo Horizonte, MG (1951-57); Ecônomo da Província Redentorista do Rio de Janeiro, RJ (1958); Pároco de Santo Afonso no Rio de Janeiro, RJ (1959-62); Provincial dos Redentoristas no Rio de Janeiro, RJ (1962)

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ; Secretário Geral da CNBB (1964-68); Bispo Diocesano de Presidente Prudente, SP (1969-75); Arcebispo de Niterói desde março de 1976

Artigos de sua autoria: “Recado Pastoral” em “O Dia”, Rio de Janeiro, RJ

Lema: “Amoris officium pascere” (Apascentar como serviço de amor)

+ vivo em 31-12-2000

161 - Dom José Hascher, CSSp

Bispo titular, Prelado *nullius* de Juruá (Manaus, AM), desde 22/03/1947

Votum: ADA II/7, p. 279-280

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

N. em Michelbach-le-Haut, Strasbourg, França, em 09/12/1890

Ord. sac.: 28/10/1920

Elev.: 22/03/1947 à Igreja titular de Elie

Consagr.: 05/06/1947

Antes do Episcopado: durante a primeira grande guerra atuou como enfermeiro (1914-1918). Recebeu sua designação apostólica como missionário aos 10/07/1921. Na qualidade de missionário, trabalhou em Angola, na África, de 1922 a 1932. Em 1947, foi designado visitador da Congregação no Brasil e recebeu a ordenação de Bispo aos 5 de junho de 1947, mas permaneceu como Superior em Blotzheim até 1948, quando então veio para o Brasil assumir a Prelazia do Alto Juruá, sediada em Cruzeiro do Sul, no Acre.

Como Bispo: durante os 24 anos em que esteve à frente de seu rebanho, distinguiu-se por sua grande bondade e simplicidade. Muito culto, procurou logo elevar o nível cultural do povo e, com esse objetivo, criou o Instituto Santa Teresinha, entregue às Irmãs Dominicanas, que ministra ensino primário, secundário e pedagógico. Fundou também a Escola São José, em 1948, confiando-a a sacerdotes brasileiros e hoje aos Irmãos Maristas. Muito influenciou na catequese, especialmente pela formação de professoras na citada Escola Normal, que vieram a trabalhar tanto nas cidades como nos seringais. Lançou a pedra fundamental da atual catedral na festa patronal da Assunção aos 15/08/1957. Em 1966, recebeu como Bispo Auxiliar Dom Henrique Rüh e, aos 2 de outubro daquele mesmo ano, renunciou à cátedra episcopal por motivo de idade e saúde, pois lhe era difícil acompanhar pessoalmente seu rebanho numa área de 130.000 km², onde os únicos caminhos são rios e as trilhas da mata dos seringais. Recolheu-se a uma dependência do Convento das Irmãzinhas Dominicanas, onde exerceu as funções de guia espiritual da comunidade, do Colégio e do Noviciado até às vésperas de seu falecimento

+ 08-05-1973

162 - Dom José Joaquim Gonçalves

Bispo titular, Auxiliar de Rio Preto, SP, desde 14/03/1957

Votum: ADA II/7, p. 240-243 coletivo

Vaticano II: não participou

N. em Jaboticabal, Jaboticabal, Brasil, em 21/10/1917

Ord. sac.: 08/12/1941

Elev.: 22/08/1951 à Igreja titular de Elo

Consagr.: 08/12/1951

Pais: Antônio Maria Gonçalves e Isaltina da Costa Gonçalves

Estudos: 1º grau (1926-29), Jaboticabal, SP; 2º grau (1930-34), Campinas, SP e Rio Preto, SP; Filosofia e Teologia (1935-41), Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Pároco de Vila Macedo (1942-44) e Cura da Catedral (1944-51); Cônego Penitenciário (1944-51); Membro do Conselho de Administração Temporal da Diocese de São José do Rio Preto, SP.

Como Bispo: Bispo do Espírito Santo, ES (1952-57); Bispo Auxiliar de S. José Rio Preto, SP (1957-68); Coordenador dos Leigos e Auxiliar nas Visitas Pastorais, Curitiba, PR (1968-71); Bispo Auxiliar de Curitiba, PR (1971-73); 1º Bispo Diocesano de Cornélio Procópio, PR (1973-79); Responsável pela Obras das Vocações e Diretor das Federações Masculina e Feminina em S. José do Rio Preto, SP, e em Curitiba, PR; Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo.

Escritos de sua autoria: Fundador e Redator do Jornal Diocesano de Vitória, ES; colunas no jornal "A Voz do Paraná", Curitiba, PR, e nos jornais da Sede Episcopal de Cornélio Procópio, PR

Programas: Ocasionais

Lema: "In corde Matris" (No coração da Mãe)

+ 23-06-1988

163 - Dom José Lafayette Ferreira Álvares

Bispo titular, Auxiliar de São Paulo, SP, desde 26/07/1965

Vaticano II: não participou

N. em Conceição do Rio Verde, Campanha, MG, Brasil, em 30/11/1903

Ord. sac.: 15/08/1934

Elev.: 26/07/1965 à Igreja titular de Carcábia

Consagr.: 08/09/1965

Pais: Manoel Luiz Álvares e Auzenda Amélia Ferreira

Estudos: 1º grau (1910-16), Conc. Rio Verde, MG; 2º grau (1917-19), Itajubá, MG; Escola Superior de Farmácia (1920-22), Ouro Fino, MG; Filosofia (1928-30) e Teologia (1931-34), Seminário Provincial e Central de São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Secretário do Arcebispo de São Paulo, SP (1945-46); Professor no Seminário Central (1936-39), São Paulo, SP; Pároco de São Roque, SP (1940-43) e de Mogi das Cruzes, SP (1947-48); Assistente Arquidiocesano da Ação Católica, Cônego Arcipreste do Cabido Metropolitano (1948-65); Chanceler do Arcebispo (1949-52) e Vigário Geral (1953-76), São Paulo, SP; Reitor do Seminário Maior (1951), Belo Horizonte, MG

Como Bispo: Bispo Auxiliar de São Paulo, SP (1965-70); Bispo Diocesano de Bragança Paulista, SP (1971-73); Provedor da Mitra, Juiz do Tribunal Eclesiástico, Capelão de Religiosas

Escritos de sua autoria: Livros: “Retalhos”, Ed. Paulinas; “Palestras Radiofônicas”; Redator e Diretor do Jornal “O São Paulo”; artigos nos jornais “Correio Paulistano” (1968-69) e “Diário Popular” (1970) e na Revista “Vida Pastoral”

Programas: na Rádio Excelsior (1940-43); Diretor e Colaborador da Rádio 9 de Julho (1952-73)

+ 07-03-1997

164 - Dom José Lamartine Soares

Bispo titular, Auxiliar de Olinda e Recife, PE, desde 16/11/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/6, 304-07

N. em Bezerros, Caruaru, PE, Brasil, em 27/02/1927

Ord. sac.: 29/10/1950

Elev.: 16/11/1962 à Igreja titular de Fussala

Consagr.: 03/03/1963

Pais: Antônio Soares de Oliveira e Clotilde Cunha Soares

Estudos: 1º e 2º graus (1939-44) e Filosofia (1945-46), Seminário de Olinda, PE; Teologia (1946-50), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Professor de Teologia Fundamental no Seminário (1951-52); Secretário do Arcebispo (1951-54); Diretor do Ensino Religioso (1953-58); Vigário Econômico de Jaboatão, PE (1956); Assistente Regional da Ação Católica e da JECF do Recife, PE (1951-57) e Assistente Nacional (1957-62); Vigário Episcopal, Olinda, PE; Cônego Honorário do Cabido do Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Recife, PE, desde 1963; Membro do Secretariado de Liturgia da CNBB, desde 1964 e do Departamento de Liturgia do CELAM (1965-69); Secretário da Comissão Episcopal Regional NE II, desde 1980

Lema: “Illum oportet crescere” (É preciso que Ele cresça)

+ 18-08-1985

165 - Dom José Lázaro Neves, CM

Bispo residencial de Assis (BOTUCATU, SP), desde 11/02/1956

Votum: ADA II/7, p. 133-134

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Campo Belo, Oliveira, MG, Brasil, em 28/04/1902

Ord. sac.: 19/12/1926

Elev.: 30/08/1948 à Igreja titular de Abari

Consagr.: 21/11/1948

Pais: Licério Octaviano Rodrigues Neves e Henriqueta Carolina Massote Neves

Estudos: 1º grau (1909-13), Campo Belo, MG; 2º grau (1914-19) Caraça, MG; Filosofia e Teologia (1921-26), Petrópolis, RJ

Antes do Episcopado: Prefeito do Seminário Menor (1927-34); Professor e Reitor dos Seminários Menor e Maior (1935-48), Mariana, MG

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Assis, SP (1949-51); Bispo Coadjutor de Assis, SP, com direito à sucessão (1934-48); Membro da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo (Lazaristas)

Lema: “Deus adjutor” (Deus é auxílio)

+ 01-05-1991

166 - Dom José Maria Pires

Arcebispo residencial de PARAÍBA, PB, desde 02/12/1965

Votum: *ADA* II/7, p. 131-133

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/3, 463-64

N. em Córregos, DIAMANTINA, MG, Brasil, em 15/03/1919

Ord. sac.: 20/12/1941

Elev.: 25/05/1957 a Araçuaí, MG.

Consagr.: 22/09/1957

Pais: Eleutério Augusto Pires e Pedralina Maria de Jesus

Estudos: 1º e 2º graus (1931-35); Filosofia (1936-37); Teologia (1938-41), Diamantina, MG

Antes do Episcopado: Professor em Diamantina, MG (1942); Pároco em Açucena, MG (1943-46); Diretor do Colégio em Governador Valadares, MG (1946-53); Missionário Diocesano em Diamantina, MG (1953-55); Pároco em Curvelo, MG (1956-57)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Araçuaí, MG (1957-65); Arcebispo Metropolitano da Paraíba, PB, desde 1966. Responsável pela Linha de Catequese no NE II, 1967; Secretário Nacional das Vocações, 1968; Membro de comunicações Sociais do CELAM; Membro da Comissão Central e Com. Representativa da CNBB; Responsável pelo Setor de Centros de Defesa dos Direitos Humanos do NE II; Membro do Conselho Diretor Nacional do MEB. Presidente da Comissão Episcopal Regional do Nordeste II (1979)

Escritos de sua autoria: Sete Cartas Pastorais; Livro “Do Centro para a Margem”, Vozes, Petrópolis, 1980

Lema: “Scientiam Salutis” (A Ciência da Salvação)

+ vivo em 31-12-2000

167 - Dom José Romão Martenetz, OSBM

Bispo titular de Soldaia, Exarca ap. para os fiéis do rito Ucrâniano no Brasil, desde 10/05/1958

Votum: *ADA* II/7, p. 332-336

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [4] AS II/1, 718; AS II/3, 474; AS II/5, 252; AS IV/3, 832

N. em Lwów, Lwów, Ucrânia, em 07/02/1903

Ord. sac.: 01/01/1928

Elev.: 10/05/1958 à Igreja titular de Soldaia

Consagr.: 15/08/1958

Pais: Josino Rodrigues de Souza e Maria Joana de Jesus

Estudos: 1º e 2º graus (1935-44), Serra Azul, SP, e Aparecida, SP; Filosofia e Teologia (1946-51) Tietê, SP; Catequese e Pastoral no “Lumem Vitae” Bruxelas, Bélgica (1967-68)

Antes do Episcopado: Prof. de Português e Dir. Espiritual no Sem. Santo Afonso (1952-66), Aparecida, SP; Missionário Redentorista (1968-70), São Paulo e Goiás; Sup. Provincial dos Redentoristas (1970-74) Goiás, GO e Brasília, DF.

Como Bispo: Bispo Diocesano de Juazeiro, BA, desde 1975; Membro da Comissão de Pastoral da Terra do Nordeste III e do Secretariado Justiça e Não-Violência; Membro da Congr. Do SS. Redentor (Padres Redentoristas)

Escritos de sua autoria: Livro: “Lembrança do Santuário do Divino Pai Eterno”, Trindade, GO, 1974. Coluna “Diocese em Foco”, semanal, no Jornal Rivale de Juazeiro, BA

Programas: “Coisas da Cidade” (semanal), na Rádio Juazeiro, BA; “Semeando a Verdade” (semanal), na Emissora Rural; “A Voz de São Francisco”, da Diocese de Petrolina, PE

Lema: “Evangelizare misit me” (Enviou-me a evangelizar)

+ 22-02-1989

168- Dom José Maurício da Rocha

Bispo residencial de Bragança Paulista (Campinas, SP), desde 04/02/1927

Votum: *ADA* II/7, p. 143-145

Vaticano II: 1º período

N. em Traipu, Penedo, SE, Brasil, em 18/06/1885

Ord. sac.: 29/06/1908

Elev.: 10/03/1919 a Corumbá

Consagr.: 20/07/1919

Como Bispo: Em 1919 eleito e sagrado Bispo de Corumbá, MT. Depois de ter governado a Diocese de Corumbá, MT, durante oito anos, foi transferido para Bragança Paulista, SP, a 04/02/1927. Instalou a diocese, fundou o Colégio São Luís e numerosas paróquias. Nos últimos anos de vida ele se vinha dedicando à construção da nova Catedral. Deixou numerosas pastorais em defesa da moral e dos bons costumes e contra o comunismo

Cartas pastorais durante o Concílio: Duas Cartas Pastorais: * * 1ª Sobre o Concílio Ecumênico; 2ª Apresentando a Encíclica Mater et Magistra, Empresa Gráfica Diocesana, A Voz de Bragança, Bragança 24-05-1961, seguida da oração pelo Concílio, pp. 1-5; * * Carta Pastoral - O Brasil, o Concílio, o Rosário, Empresa Gráfica Diocesana, A Voz de Bragança, Bragança, 05-08-1964, pp. 12; * Carta Pastoral Quaresmal - Notas características da Verdadeira Igreja: Unidade, Santidade, Catolicidade e Apostolicidade (O Comunismo), Empresa Gráfica Diocesana, A Voz de Bragança, Bragança, 11-02-1965; * Carta Pastoral, A Igreja Vítima da Revolução Universal, Empresa Gráfica Diocesana, A Voz de Bragança. Bragança, 21-11-1967, pp. 20 (catilinária contra os católicos progressistas e os rumos do pós-concílio)
+ 24-11-1969

169 - Dom José Mauro Ramalho de Alarcón Santiago

Bispo residencial de Iguatú (Fortaleza, CE), desde 13/10/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Russas, Limoeiro do Norte, CE, Brasil, em 14/05/1925

Ord. sac.: 05/12/1948

Elev.: 13/10/1961 a Iguatú, CE

Consagr.: 06/01/1962

Pais: José Ramalho de Alarcón e Santiago e Maria Ramalho de Alarcón e Santiago

Estudos: 1º grau (1931-36), Russas, CE; 2º grau (1937-42); Filosofia (1943-44); Teologia (1945-48), Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Diretor do Ginásio Diocesano de Limoeiro do Norte, CE (1949-53); Capelão do Ginásio Marista (1954-55) e Vigário (1955-61), Aracati, CE

Como Bispo: Bispo de Iguatú, CE (1962-2000)

Escritos de sua autoria: Editorial do Boletim Mensal da Diocese
Programa: “Voz do Pastor”, na Rádio Iracema (semanal), Iguatú, CE

Lemas: “Reple Cordis Intima” (Encha o íntimo do coração)

+ vivo em 31-12-2000

170 - Dom José Melhado Campos

Bispo titular, Coadjutor c.d.s. de Sorocaba (São Paulo, SP), desde 22/02/1965

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Limeira, Campinas, SP, Brasil, em 29/11/1909

Ord. sac.: 15/08/1934

Elev.: 29/05/1960 a Lorena, SP

Consagr.: 17/07/1960

Pais: Gabriel Melhado e Teresa Campos

Estudos: 1º e 2º graus (1924-28), Birigui, SP e Ginásio Diocesano de Botucatu, SP; Filosofia (1928-30), Seminário Maior de Botucatu, SP; Teologia (1931-34), Seminário Maior de Botucatu e Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP (1934)

Antes do Episcopado: coadjutor em Avaré, SP (1935); Vigário de Piratininga, SP (1936); Reitor do Seminário Menor (1936-52) e Vigário da Catedral (19353-59); Botucatu, SP; Vigário de Bauru, SP (1960); Diretor da Federação das CCMM, Sociedade Vicentina, Legião de Maria, Escoteiros e Bandeirantes e Vigário Geral da Diocese, Cônego do Cabido; enquanto Reitor, Vigário de Pardinho, SP e Itatinga, SP; Diretor do Círculo Operário

Como Bispo: Bispo Diocesano de Lorena, SP (1960-65); Bispo Coadjutor (1965), Administrador Apostólico (1966-73) e Bispo de Sorocaba, SP (1973-81); Membro da Academia Botucatuense de Letras e da Academia Sorocabana

Escritos de sua autoria: Cartas Pastorais: “Maternidade Divina de Maria e Saudação aos Diocesanos”; “Jubileu Áureo da Diocese”; “Crônicas de um Peregrino” (Ano Santo, 1950). Várias Poesias e Hinos

Colunas Permanentes: Editorial do Boletim da Diocese “Notas e Notícias”; Noticiários e Artigos, em vários jornais de Botucatu, SP, Lorena, SP e Sorocaba, SP.

Programas: Na Rádio Emissora PRF 8, Botucatu, SP e na Rádio Cacique, Sorocaba, SP 1973-1981)

Lema: “Cum Matre Jesu” (Com a Mãe de Jesus)

+ 21-09-1996

171 - Dom José Nepote-Fus, IMC

Bispo titular, emérito de Roraima (então Rio Branco) (Manaus, AM), desde ?/?/1963 ou 64

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Mathi Canavese, TORINO, Itália, em 25/04/1893

Ord. sac.: 18/12/1920

Elev.: 18/04/1952 à Igreja titular de Elo

Consagr.: 06/07/1952

Estudos: Iniciou os estudos eclesiais no Seminário de Turim

Antes do Episcopado: Após o serviço militar na I Guerra Mundial, entrou para o Instituto Missionário da Consolata, em Turim, Itália. Ordenado sacerdote em 18/12/1920, passou a ocupar cargos de confiança, nomeado pelo próprio Fundador do Instituto. Foi Mestre de noviços e de 1929-1933 e Vigário Geral do Instituto. Em 1936, nomeado pela S. Sé Prefeito Apostólico de Meru (Quênia)

Era Bispo de Elo e ex-Prelado de Roraima. Como padre, foi administrador apostólico da Prelazia (1948-1952) e seu primeiro bispo prelado (1952-1964)

Lema: “Scio cui Credidi” (Sei em quem acreditei)

+ 09-08-1966

172 - Dom José Newton de Almeida Baptista Pereira

Arcebispo residencial de Brasília, DF, desde 12/03/1960

Votum: ADA II/7, p. 170-172

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Niterói, NITERÓI, RJ, Brasil, em 16/10/1904

Ord. sac.: 28/10/1928

Elev.: 10/06/1944 a Uruguaiana, RS

Consagr.: 03/09/1944

Pais: Balthazar Bernardino Baptista Pereira e Maria Carolina de Almeida Baptista Pereira

Estudos: 1º grau (1910-15), Niterói, RJ; 2º grau (1916-21), Pirapora, SP; Filosofia e Teologia (1922-29), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Cooperador (1930), Lagoa, RJ; Vigário Substituto (1930-31), Inhaúma, RJ; Pároco de Oswaldo Cruz, S. Mateus de O. C. (1931-33), de Paquetá, RJ (1933-36), de Santa Cruz, RJ (1936-40); Professor no Seminário e Capelão no Rio Comprido, Rio de Janeiro, RJ (1940-44)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Uruguaiana, RS (1944-54); Arcebispo de Diamantina, MG (1954-60); Arcebispo de Brasília, DF (1960-1984); Ordinário Militar (vigário castrense) do Brasil; renunciou em 31/10/1990; Membro da Comissão Central da CNBB e da Prev. do Clero; Delegado do Brasil na III Conf. Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín; Presidente do Regional “Centro”; Membro do “Comité” Permanente dos Congressos Eucarísticos Internacionais (Roma)

Escritos de sua autoria: *A Palavra do Pastor* (8 volumes); *Pastorais* (1 volume)

Coluna Permanente: em “O Povo de Deus” (Semanário da Arquidiocese)

Lema: “Adveniat Regnum Tuum” (Venha o teu Reino)

+ vivo em 31-12-2000

173 - Dom José Nicomedes Grossi

Bispo residencial de Bom Jesus da Lapa (São Salvador da Bahia, BA), desde 28/08/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Cipotânea, MARIANA, MG, Brasil, em 15/09/1915

Ord. sac.: 21/09/1940

Elev.: 28/08/1962 a Bom Jesus da Lapa, BA

Consagr.: 25/01/1963

Pais: Alberto Grossi Filho e Alexandrina Catarina da Trindade

Estudos: 1º grau (1923-33), S. Caetano do Sopotó (Cipotânea) MG e Seminário Menor de Mariana, MG; 2º grau, Filosofia e Teologia (1934-40) Seminário Maior de Mariana, MG

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Barbacena, MG (1940-41); Pároco em Calambau (Pres. Bernardes), MG (1941-63); Vigário Econômico (1941-46), Braz Pires, MG; Orientador da Construção de um Pavilhão do Seminário de Mariana, MG (1955-58)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Bom Jesus da Lapa, BA (1963-1990); Membro da LABRE (Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão), e da Rádio Bom Jesus da Lapa, BA

Lema: “Respice Stellam” (Olha para a Estrela)

+ vivo em 31-12-2000

174 - Dom José Pedro de Araújo Costa

Bispo residencial de Caetité (São Salvador da Bahia, BA), desde 25/05/1957

Votum: ADA II/7, p. 146-147

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Serro, DIAMANTINA, MG, Brasil, em 19/10/1913

Ord. sac.: 06/12/1936

Elev.: 25/05/1957 a Caetité, BA

Consagr.: 15/09/1957

Pais: José do Nascimento e Rita Cândida de Araújo Costa

Estudos: 1º grau (1921-25), Serro, MG; Filosofia e Teologia (1926-36), Seminário de Diamantina, MG

Antes do Episcopado: Redator de “A Estrela Polar”; Capelão Militar; Professor de Teologia no Seminário de Diamantina, MG; Reitor do Colégio Diamantinense; Vigário de Rio Manso, MG.

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caetité, BA (1957-68); Arcebispo Coadjutor de Uberaba, MG (1969-70); Administrador Apostólico de Uberaba, MG (1970-78), cargo ao qual renunciou a 19/07/78

Escritos de sua autoria: Cartas Pastorais (6) e vários opúsculos sobre diversos temas

Colunas nos jornais: “A Estrela Polar”, Diamantina, MG; “Lavoura e Comércio”, Uberaba, MG; “Jornal da Manhã”, Uberaba, MG; artigos em outros jornais e revistas

Programa: “Palavra de Deus”, na TV de Uberaba, MG, canal 5 (semanal); na Rádio Sociedade, Rádio Sete Colinas e Rádio Cultura, Uberaba, MG

Lema: “Veritas liberabit vos” (A verdade vos libertará)

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Quinta Carta Pastoral - Vaticano II, o Concílio da Esperança, Caetité, Bahia, 14-04-1963, pp. 40; * * Sexta Carta Pastoral - Caminhos da Igreja, Caetité, Bahia, 11-02-1965, pp. 40

+ 27-07-1996

175 - Dom José Terceiro de Souza

Bispo residencial de Penedo (Maceió, AL), desde 09/11/1957

Votum: ADA II/7, p. 231

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Boa Viagem, Limoeiro do Norte, CE, Brasil, em 07/07/1908

Ord. sac.: 30/11/1933

Elev.: 13/02/1948 a Caetité, BA

Consagr.: 20/06/1948

Pais: Alfredo de Sousa Terceiro e Maria Camelo de Sousa

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia e Teologia (1921-33) Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Teve como primeira paróquia a de Boa Viagem. Designado posteriormente para Aratuba, CE e, em seguida, Pereiro, CE, ali exerceu profícua ação evangelizadora e administrativa até ser sagrado bispo aos 20/06/1948

Como Bispo: Da diocese de Caetité, BA, sua primeira designação episcopal, transferiu-se para Salvador (1951), na qualidade de bispo-auxiliar. De 09/11/1957 até 18/05/1976 pastoreou a Diocese de Penedo, AL, de onde retornou a Fortaleza, CE, depois que lhe fora concedida, a pedido, a resignação a seu múnus eclesiástico, por ato de Paulo VI. Preocupou-se com a pobreza de sua gente e o desenvolvimento regional. Dentre suas obras para o fomento do progresso, merecem lembradas: muitos serviços de melhoramento urbano e social, a primeira rede de eletrificação em Penedo, SE, a

construção de uma Casa Paroquial em Russas, CE, seminário, ginásio diocesano, uma emissora de rádio, construção de um hotel e estabelecimento de uma cooperativa de agricultores. Depois de resignatário, não se entregou simplesmente ao lazer do ócio que a idade avançada lhe permitia. Preferiu cooperar com o arcebispo de Fortaleza, CE, em visitas pastorais, e assumiu a Capelania do Colégio das Dorotéias, a assistência espiritual da Sociedade de São Vicente de Paulo e mantendo, em sua própria residência, uma capelinha onde oficiava a Santa Missa, diariamente. Manteve-se ativo e diligente até seus últimos dias de peregrinação terrena; Bispo Diocesano de Caetité, BA (1948-55); Bispo Diocesano de Penedo, AL (1958-76)

Lema: “Laxabo retem” (Lançarei a rede)

+ 14-07-1983

176 - Dom José Thurler

Bispo titular de Capitoliade, Auxiliar de São Paulo, SP, desde 22/03/1962

Votum: ADA II/7, p. 165-167

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/6, 341-43

N. em Nova Friburgo, Nova Friburgo, RJ, Brasil, em 19/06/1913

Ord. sac.: 04/04/1942

Elev.: 12/02/1959 a Chapecó, SC

Consagr.: 05/04/1959

Pais: Prudenciano Thurler e Maria da Glória Cardoso Thurler

Estudos: 1º grau (1922-26), Mogi das Cruzes, SP; 2º grau (1931-35) Seminário de Pirapora, SP; Filosofia (1936-38), Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP; Teologia (1938-42), Pont. Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador na Igreja Bom Jesus do Brás de São Paulo, SP (1942-44); Ministro de Disciplina no Seminário Central do Ipiranga (1944-46); Pároco na Igreja São João Batista do Brás (1946-53); Capelão da PUC (1953); Cura da Catedral, Assistente da Ação Católica; Tribunal Eclesiástico (1954-59), São Paulo

Como Bispo: Bispo Diocesano de Chapecó, SC (1959-62); Bispo Coadjutor com direito à sucessão, de Sorocaba, SP (1962-64); Secretário do Secretariado Nac. das Vocações (1964-68); Bispo Auxiliar de São Paulo, Titular de Capitoliade e Vigário Episcopal da Região Lapa da Arquidiocese de São Paulo, SP (1968-70); vigário Geral para as Religiosas da Arquidiocese e Auxiliar da Região Sé, desde 1971; Membro do Conselho de Orientação do Museu de Arte Sacra de São Paulo

Programas: “Stella Matutina”, na Rádio 9 de Julho (3 anos)

Lema: “Ita Pater, Fiat” (Sim, Pai, faça-se)

+ 23-04-1992

177 - Dom José Varani

Bispo residencial de Jaboticabal (RIBEIRÃO PRETO, SP), desde 07/02/1961

Votum: ADA II/7, p. 240-243 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Jaboticabal, Jaboticabal, SP, Brasil, em 14/10/1915

Ord. sac.: 23/12/939

Elev.: 27/08/1950 à Igreja titular de Altava

Consagr.: 01/11/1950

Pais: Fernando Varani e Élide G. Varani

Estudos: 1º grau (1924-27), Jaboticabal, SP; 2º grau (1928-32), Pirapora do Bom Jesus, SP; Filosofia (1933-35), Seminário Central do Ipiranga, SP; Teologia (1936-39), Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP e Roma; Direito Canônico, (1940-41), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Secretário da Cúria Diocesana e Diretor do Sem. de Jaboticabal, SP (1941-42); Prof. de Filosofia, Teologia Moral, Direito Canônico; Prof. dos Estudos e Reitor do Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP (1942-50); Prof. no Instituto do Serviço Social e na Faculdade Paulista de Direito da PUC; Examinador Pró-Sinodal e Juiz Vice-Oficial do Tribunal Eclesiástico (1946-50), São Paulo, SP

Como Bispo: Bispo Coadjutor com direito à sucessão de Jaboticabal, SP (1950-57), Administrador Apostólico *sede plena* (1957-61); Bispo Diocesano de Jaboticabal, SP (1961-1981); Padre Conciliar do Vaticano II (1962-65); Visitador Apostólico dos Seminários do Brasil Meridional; Secretário das

Reuniões da Província Eclesiástica de Ribeirão Preto, SP; Membro da Comissão Representativa Episcopal do Regional Sul I da CNBB (1975-79)
Lema: “Virtus ex Alto” (A força do alto) Lc 24,49
 + 24-06-1990

178 - Dom José Vásquez Díaz, O. de M.

Bispo titular, Prelado *nullius* de Bom Jesus do Piauí (Teresina, PI), desde 08/03/1958

Votum: ADA II/7, p. 271

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Monforte de Lemos, Lugo, Espanha, em 20/11/1913

Ord. sac.: 08/11/1936

Elev.: 08/07/1956 à Igreja titular de Usula

Consagr.: 09/09/1956

Pais: Jesus Vasquez e Manuela Diaz

Estudos: 1º grau (1921-25), Monfor Espanha, 2º grau (1925-30), Poyo e Sarria; Filosofia e Teologia (1930-36), Poyo, Espanha; Ciências Químicas (1950), Madrid e Salamanca, Espanha

Bispo Prelado de Bom Jesus do Piauí PI, (1958-1981) e Bispo de Bom Jesus do Gurguéia (1981-1989); Membro da Ordem de N. Sra. das Mercês (Mercedários)

Lema: “Viriliter age” (Age varonilmente)

+ 30-05-1998

179 - Dom José Vicente Távora

Arcebispo residencial de Aracajú, SE, desde 30/04/1960

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [4] AS APPENDIX PRIMA 412 (pp. 552 ante caput IV); AS II/2, 199; AS II/3, 549-52

N. em Orobó, Nazaré, PE, Brasil, em 19/07/1910

Ord. sac.: 08/05/1934

Elev.: 23/06/1954 à Igreja titular de Prusiade

Consagr.: 25/07/1954

Estudos: Fez os estudos no Seminário Menor da diocese de Nazaré, PE e no Seminário Maior de Olinda, PE.

Antes do Episcopado: Como padre, assistente da JOC. Paroco de Nazaré, PE (1934), sede da diocese do mesmo nome onde exerceu várias funções de Visitador Diocesano. Foi Pároco de Goiana, PE, tendo ali organizado e presidido o segundo Congresso Operário de Pernambuco. Exerceu ainda as funções de professor e diretor do semanário católico *Gazeta de Nazaré*. Em 1939 foi convidado pelo Arcebispo de Olinda e Recife para atuar junto aos sindicatos onde gracejou grandes simpatias nos círculos operários e na Juventude Operária de que foi assistente eclesiástico. Em 1941, aceitou o convite das autoridades eclesiásticas para exercer seu apostolado sacerdotal na capital, então o Rio de Janeiro, RJ. Aí foi nomeado Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários. Desempenhou também no Rio as funções de professor da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula e ensinou Doutrina Social da Igreja na Escola de Serviço Social e no Instituto Social, ambos da PUC-RJ. Quando Dom Jaime assumiu o governo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, escolheu a Monsenhor Távora para seu assistente nos assuntos referentes à Ação Social. No exercício dessa missão, foi colaborador íntimo do Cardeal Câmara na fundação da Ação Social Arquidiocesana (ASA), órgão oficial de coordenação das atividades sociais católicas no Rio, na restauração da Casa da Empregada Doméstica e na instalação de muitas outras instituições, entre as quais a fundação Leão XIII, destinada a prestar assistência material e espiritual aos moradores das favelas cariocas. Ocupou os cargos de Assistente Eclesiástico da ASA, da Liga Independente das Senhoras da Ação Católica, Presidente da Fundação Leão XIII, Assistente da Federação da Juventude Operária Católica, Vice-Presidente da Legião Brasileira de Assistência, Superintendente religioso da Fundação Cristo Redentor e Assistente Eclesiástico do MFC-RJ. Foi membro da Comissão executiva central do 36º Congresso Eucarístico Internacional (1955) e Presidente de duas comissões, a de Publicidade e Publicações e da Ação Social. Tomou parte ativa na Semana de Estudos Internacionais da JOC, no Canadá, em 1947 e na Bélgica, em 1950, presidindo delegações dos jocistas brasileiros. Em 1950 chefiou uma peregrinação jocista ao Ano Santo, havendo então durante três meses percorrido, com mais seis

sacerdotes dirigentes jocistas, os centros mais desenvolvidos desse movimento da Ação Católica Operária, em Portugal, França, Bélgica, Holanda, Suíça e Itália

Como Bispo: No dia 25/07/1954 foi ordenado Bispo titular de Prusiade, tornou-se auxiliar do Rio de Janeiro, RJ. Em 1957, participou do Encontro Nacional dos Bispos do Nordeste e do Encontro Internacional do MFC, em Montevidéu. Acompanhou a delegação jocista brasileira ao grande Encontro Internacional da Juventude Operária Católica, em Roma, em agosto de 1957. Após o encontro, participou como delegado do Brasil no Congresso Internacional de Representantes Jocistas, em Roma. Percorrendo vários países europeus, estudou o movimento de renovação litúrgica, de sociologia religiosa e pastoral paroquial. No dia 20/11/1957, foi nomeado Bispo de Aracaju. Em plano nacional, Dom José foi o Presidente do Movimento de Educação de Base (MEB) da CNBB, e membro da Comissão Episcopal da Ação Católica e apostolado leigo, também da CNBB. Na Arquidiocese de Aracaju, Dom José desenvolveu uma atividade intensa em todos os setores, sobressaindo-se a criação da Rádio Católica de Sergipe, fundação do MEB, construção e organização do Centro de Treinamento da Arquidiocese, ampliação do Serviço e Assistência à Mendicância (SAME), constituição da Colônia de Itacanema (experiência de colônia agrícola), ligada à Fundação Manuel Cruz, criação do Centro Social do Bairro América, construção da nova Casa Santa Zita e reforma da antiga para um Centro de Formação das Domésticas. Reorganizou o Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, através do qual vinha proporcionando aos sacerdotes, religiosos e leigos, cursos, encontros, sessões, procurando assim transmitir a toda arquidiocese as grandes linhas da renovação da Igreja. Deu nova estrutura à Arquidiocese, dividindo-a em “zonais” pastorais, criou várias paróquias, o Conselho Presbiteral e a Assembléia Arquidiocesana. No setor catequético, criou o Instituto de Catequese Paulo VI, para formação de catequistas, e uma equipe volante para dinamização da catequese em todo Sergipe.

+ 03-04-1970

180 - **Dom Ladislau Paz, SDB**

Bispo residencial de Corumbá (Cuiabá, MT), desde 28/11/1957

Votum: ADA II/7, p. 167-168

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Taubaté, Taubaté, SP, Brasil, em 29/06/1903

Ord. sac.: 03/07/1932

Elev.: 21/07/1955 à Igreja titular de Amatunte da Palestina

Consagr.: 12/10/1955

Pais: Júlio Paz e Maria Manuela

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1918-25), Lavrinhas, SP; Teologia (1928-32), Turim, Itália

Antes do Episcopado: Encarregado dos Estudos (1933-37), Lavrinhas, SP; Diretor Espiritual no Colégio Santa Rosa (1938-39), Niterói, RJ; Diretor do Colégio de Lavrinhas, SP (1939-44); Mestre de Novíços (1944), Pindamonhangaba, SP; Diretor do Colégio São Joaquim (1945-46), Lorena, SP; Inspetor (provincial) Salesiano do Norte e Nordeste (1947-55)

Como Bispo: Bispo Auxiliar (1955-57) e Bispo Diocesano de Corumbá, MS, (1958-78)

Lema: “Justitia et Pax” (Justiça e Paz)

+ 24-06-1994

181 - **Dom Lafayette Libânio**

Bispo residencial de Rio Preto (Ribeirão Preto, SP), desde 08/08/1930

Votum: ADA II/7, p. 240-243 coletivo

Vaticano II: 1º período

Intervenções [1] AS I/2, 724-25

N. em Pouso Alegre, Pouso Alegre, MG, Brasil, em 01/10/1886

Ord. sac.: 25/12/1909

Elev.: 08/08/1930 a Rio Preto, SP

Consagr.: 27/12/1930

Como Bispo: Bispo de Rio Preto (1930-1966)

+ 28-07-1979

182 - Dom Frei Louis-Marie Galibert, TOR

Bispo titular, emérito de São Luís de Cáceres (Cuiabá, MT), desde 27/04/1954

Votum: não residia mais no Brasil, em 1959

Vaticano II: não participou

N. em Lasfaillades, ALBI, França, em 31/12/1877

Ord. sac.: 24/06/1902

Elev.: 15/03/1915 a São Luís de Cáceres, MT

Consagr.: 15/08/1915

Estudos: Realizou os estudos no Colégio Apostólico dos Frades da Ordem Terceira Regular de S. Francisco de Albi, França

Em 1902, ordenado sacerdote, vindo para Mato Grosso em 1905, com um grupo de confrades, chamados para dirigir o Seminário de Cuiabá, MT, pelo então Bispo Diocesano D. Carlos Luis d'Amour

Como Bispo: Percorria todos os recantos da enorme diocese, a cavalo. Por duas vezes foi conhecer e auxiliar as populações das margens do Guaporé e Madeira até Santo Antônio do Rio Madeira, conseguindo enfim a ereção das Prelazias de Porto Velho, RO, e a de Guajará-Mirim, RO. Bispo de Cáceres (1915-1954)

+ 24-12-1965

183 - Dom Luís Antônio Palha, OP

Bispo titular, Prelado *nullius* de Santíssima Conceição do Araguaia (Belém do Pará, PA), desde 20/02/1951

Votum: ADA II/7, p. 303-304

Vaticano II: 1º período

N. em Santa Rita do Rio Preto, Barra do Rio Grande, BA, Brasil, em 10/05/1896

Ord. sac.: 11/04/1925

Elev.: 20/02/1951 à Igreja titular de Lunda

Consagr.: 13/05/1951

Como Bispo: Bispo Prelado de Conceição do Araguaia, PA (1951-1976)

+ 21-08-1981

184 - Dom Luís Gonzaga da Cunha Marelim, CM

Bispo residencial de Caxias do Maranhão (São Luís do Maranhão, MA), desde 19/07/1941

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º e 4º períodos

Intervenções [10] AS I/1, 496-97 - VIII; AS I/2, 78 - XI; AS I/2, 355; AS I/2, 509; AS I/2, 691; AS II/4, 664-65; AS II/5, 120-22; AS II/5, 287; AS II/6, 382; AS IV/2, 118

N. em São Salvador da Bahia, BAHIA, Brasil, em 17/04/1904

Ord. sac.: 11/06/1927

Elev.: 19/07/1941 a Caxias do Maranhão

Consagr.: 07/07/1941

Pais: Manuel da Cunha Marelim e Adélia Ramos Marelim

Estudos: Primário (1912-13); Secundário, Salvador, BA (1914) e Caraça, MG (1915-19); Noviciado (1920-22), Filosofia e Teologia (1921-27), Petrópolis, RJ

Antes do Episcopado: Professor e depois Reitor do Seminário de São Luís do Maranhão

Como Bispo: Merece destaque o fato de ter sido ele o primeiro Bispo de Caxias, MA, diocese pobre, onde trabalhou com afinco e zelo apostólico de 1941-1981

Lema: "Adveniat Regnum Tuum" (Venha o teu Reino)

+ 21-12-1991

185 - Dom Luís Gonzaga Fernandes

Bispo titular, Auxiliar de VITÓRIA, ES, desde 06/11/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Marcelino Vieira, Mossoró, RN, Brasil, em 24/08/1926

Ord. sac.: 08/12/1950

Elev.: 06/11/1965 à Igreja titular de Mididi

Consagr.: 05/12/1965

Pais: João Batista Fernandes e Ubaldina Fernandes

Ord. s.. Roma, Itália, 08/12/1950

Ord. e. Roma, Itália, 05/12/1965

Estudos: 1º grau (1936-38), Uiraúna, PB; 2º grau (1939-44), João Pessoa, PB; Filosofia (1945-47), Seminário Arquidiocesano de João Pessoa, PB; Teologia (1947-51), Roma, Itália; diversos cursos sobre Teologia, Liturgia, CEBs, etc

Antes do Episcopado: Reitor do Seminário Menor e do Maior da Paraíba; Professor Universitário de Antropologia e Iniciação à Filosofia; Assistente da JUC e ACO; Assistente Geral da Ação Católica; Membro da Associação Brasileira de Filosofia, João Pessoa, PB

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Vitória, ES (1965 a 1981); Membro da Comissão Teológica e Litúrgica da CNBB; Membro do Departamento de Ação Social e de Leigos do CELAM; da Comissão Episcopal Regional Leste II; Bispo de Campina Grande, PB (1981-2000). Responsável pelo I Encontro Intereclesial das CEBs, Vitória, ES (1975) e do II Intereclesial, Vitória, ES (1976), continuou acompanhando os demais Intereclesiais, o último dos quais foi o Xº em Ilhéus, BA (2.000).

Escritos de sua autoria: Artigos ocasionais em revistas e colunas permanente no “Correio da Paraíba”, e em “A Gazeta” de Vitória

Programas: “A Missa no Lar”, TV de Vitória; “Mensagem da Tarde”, na Rádio Capixaba

Lema: “In Christo Jesu” (Em Cristo Jesus)

+ vivo em 31-12-2000

186 - Dom Luís Felipe de Nadal

Faleceu em 01/07/1963 como Bispo diocesano de Uruguaiana (Porto Alegre, RS), desde 09/05/1955

Votum: ADA II/7, p. 265

Vaticano II: 1º período

N. em Mussum, Porto Alegre, RS, Brasil, em 01/05/1916

Ord. sac.: 22/10/1939

Elev.: 09/05/1955 a Uruguaiana, RS

Consagr.: 29/06/1955

Pais: Francisco de Nadal e Teresa de Nadal

Estudos: Em 1927, Dom Luís iniciou os estudos ginasial, filosófico e teológico no Seminário menor de São Leopoldo, RS.

Antes do Episcopado: Iniciou sua vida sacerdotal como vigário coadjutor da paróquia Santa Cecília, bairro Petrópolis. Em 1952, foi nomeado cura da Catedral e cônego honorário do Cabido de Porto Alegre, RS.

Como Bispo: Em 19 de junho de 1955, quando foi sagrado bispo, assumiu a diocese de Uruguaiana. Na paróquia da Santa Cecília, iniciou a construção do Instituto Santa Cecília. Criou e dirigiu, em Porto Alegre, o programa radiofônico “Tio Valeriano”. Mais tarde, produziu e apresentou os programas “Noturno de Fé” e “Hora do Ângelus”. Na diocese de Uruguaiana, criou faculdades e concluiu o Seminário Menor. Foi o criador da diocese de Santo Ângelo, RS. Em Uruguaiana, RS, organizou a Rádio S. Miguel, pela qual pretendia promover campanha para alfabetização de adultos. Bispo de Uruguaiana (1955-1963)

+ 01-07-1963

187 - Dom Luís Gonzaga Peluso

Bispo residencial de Cachoeiro do Itapemirim (VITÓRIA, ES), desde 25/07/1959

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 3º e 4º períodos

N. em Bragança Paulista, Bragança Paulista, SP, Brasil, em 08/07/1907

Ord. sac.: 25/10/1931

Elev.: 13/06/1946 a Lorena (Aparecida, SP)

Consagr.: 18/08/1946

P, 18/08/1946

Pais: Daniel Peluso Júnior e Maria Luíza Peluso

Estudos: 1º grau (1914-18), Bragança Paulista, SP; 2º grau (1920-24), Seminário Menor de Pirapora, SP; Filosofia (1924-28), Seminário Central do Ipiranga, SP; Teologia (1928-31), Licenciado; em Direito Canônico (1929), Bacharelado, Pont. Universidade Gregoriana, Roma. Especialização em Filosofia (1930), Academia Santo Tomás, Roma

Antes do Episcopado: Vice-Diretor do Ginásio Diocesano (1932); Secretário do Bispado (1933-46); Vigário Cooperador na Catedral (1933-40); Capelão do Rosário (1935-45); Vigário da Catedral (1945-46); Diretor Diocesano das CCMM, da Ação Católica e do Ensino Religioso; Consultor Diocesano; Chanceler da Cúria; Professor de Português no Colégio Diocesano, Bragança Paulista, SP

Como Bispo: Bispo Diocesano de Lorena (1946-59); 1º Bispo de Cachoeiro do Itapemirim, ES (1959-1985)

Escritos de sua autoria: Coluna: “Coluna Católica”, em “Cidade de Bragança” (1933-43)

Lema: “Ipse firmitas et spes mea” (Ele é minha força e minha esperança)

+ 07-11-1993

188 - Dom Luiz Victor Sartori

Bispo residencial de Santa Maria (Porto Alegre, RS), desde 14/09/1960

Votum: ADA II/7, p. 244-246 coletivo

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Caxias do Sul, Caxias, RS, Brasil, em 30/08/1904

Ord. sac.: 09/01/1927

Elev.: 04/03/1952 a Montes Claros, MG

Consagr.: 01/06/1952

Estudos: Realizou seus estudos eclesiásticos em São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Exerceu o apostolado sacerdotal na Catedral de Caxias do Sul, RS e posteriormente de São João e de São Francisco de Assis na capital gaúcha. No ano de 1948, foi o Presidente da Comissão do 5º Congresso Eucarístico de Porto Alegre, RS. Mais tarde, Presidente da Comissão encarregada das obras do Seminário de Viamão, RS.

Como Bispo: Em março de 1952, Pio XII o elegeu Bispo de Montes Claros, em Minas Gerais. Daí, em 1956, Dom Luís foi transferido como Coadjutor, com direito à sucessão, para Santa Maria, RS. (1960-1970)

+ 09-04-1970

189 - Pe. Frei Luiz Roberto Gomes de Arruda, TOR

Presbítero, Coadjutor c.d.s. de Guajará-Mirim, RO (Cuiabá, MT), desde 24/04/1964

Vaticano II: não participou

N. em São Luiz de Cáceres, São Luiz de Cáceres, MT, Brasil, em 21/06/1914

Ord. sac.: 29/06/1945

Elev.: 23/03/1966 à Igreja titular de Feradi minore

Consagr.: 15/08/1966

Pais: José Gomes de Arruda e Antônia Inocência de Arruda

Ord. s.. Poconé, MT 29/06/1945

Ord. e. Mogi-Mirim, SP 15/08/1966

Estudos: 1º grau: Cáceres, MT (1930-1935); 2º grau: Poconé, MT e São Paulo, SP (1935-1937); Filosofia: São Paulo, SP e Ambialet, França (1938-1940); Teologia: Ambialet, França e Cáceres, MT (1940-1946), iniciada em Ambialet, na França e, por conta da Guerra Mundial, terminada em Cáceres - MT (1938-1946)

Antes do Episcopado: sacerdote da Terceira Ordem Regular Franciscana foi Missionário ambulante (1946-1952), Cáceres, MT, e Poconé, MT; Superior do Seminário Nossa Senhora de Fátima, Mogi-Mirim, SP (1953-1961); Superior do Comissariado Brasileiro do TOR (1960-1964); Prelado Coadjutor em Guajará-Mirim, RO (1964-1966)

Como Bispo: Bispo Prelado de Guajará-Mirim, RO (1966-1978); sucedeu por coad. em 12/03/1966. Foi missionário incansável nas linhas e eixos fundando e preparando as comunidades rurais que tiveram surto extraordinário. "Os líderes daquela época lembram comovidos o bispo Dom Roberto, de cacaio nas costas, comendo mamão à beira da estrada, dormindo nos barracos, celebrando a Eucaristia debaixo das ramadas e dando curso aos animadores..." Afastou-se da Administração da Prelazia a 08/12/1978, reassumindo o trabalho de Missionário ambulante. Para espanto do nuncio e

ainda jovem e com saúde, foi com Frei Luis dos Reis Pacheco para Colorado do Oeste, RO, tornar-se primeiro vigário em 08.12.1978, na recém formada paróquia. Resolve em 1983, a crise na Rádio Educadora pertencente à prelazia. Afinal foi viver com os ORO-WARI de Sagarana e trabalhar a língua desta nação indígena. Com eles continua con-vivendo conforme informou em 19 de dezembro de 2000 o atual bispo de Guajará-Mirim, D. Geraldo Verdier

Lema: "Cum Christo, lux mundi" (Com Cristo, Luz do mundo)

+ vivo em 31-12-2000

190 - Dom Manoel Nunes Coelho

Bispo residencial de Luz (Belo Horizonte, MG), desde 10/06/1920

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: não participou

N. em Virginópolis, Diamantina, MG, Brasil, em 12/02/1884

Ord. sac.: 07/04/1907

Elev.: 10/06/1920 a Luz, MG

Consagr.: 17/11/1920

Estudos: cursou o primário em Virginópolis, MG. Ingressou no Seminário de Diamantina, MG, onde cursou Humanidade, Filosofia e Teologia

Antes do Episcopado: Nomeado Vigário de Sant'Ana de Suassuhy (hoje Coroaci, MG), tomou posse em 31/05/1908. Fundou Conferências, organizou a Confraria de N. S. das Vitórias e das Mães Cristãs, como também a Legião de São Joaquim. Fundou a Liga pelas Vocações Sacerdotais, imprimiu a Primeira Folhinha Eclesiástica Popular, criou a Revista Vésper, para a instrução religiosa dos paroquianos

Como Bispo: Criou a Tipografia Diocesana, escrevendo folhetos, livros de instrução religiosa, mais de 30 Cartas Pastorais, jornal diocesano e Boletim do Clero. Organizou entre outras iniciativas a Cruzada da Boa Imprensa, construiu a Vila do Reino, com o Monumento a Cristo-Redentor, instituiu Retiros Vicentinos. Elevou a Catedral de Luz, MG, construiu o primeiro prédio do Colégio São Rafael; o Hospital São Rafael

+ 07-07-1967

191 - Dom Manuel Könnner, SVD

Bispo titular de Modra, Prelado *nullius* "emerito" de Foz do Iguaçu, PR, desde 1959

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos (lista alemã)

N. em Sabschuetz, Olomouc, Checoslováquia, em 15/08/1885

Ord. sac.: 29/09/1910

Elev.: 13/12/1947 à Igreja titular de Modra

Consagr.: 19/03/1948

Antes do Episcopado: Recebeu a ordenação sacerdotal e logo foi enviado às missões na África onde trabalhou até a I Guerra Mundial, quando pelos superiores foi designado para o Brasil. Em Minas, além de outras funções, foi Diretor do Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte, MG, e Reitor do Seminário de sua Congregação em Sítio, MG.

Como Bispo: A 13/13/1947 foi eleito Bispo titular de Modra. Presbítero Prelado *nullius* de Foz de Iguaçu, PR (1940- 1948), Bispo Prelado (1948-1959); Durante a época do Concílio, residia como emérito na Missionshaus St. Xaver dos Verbitas em Bad Driburg, Vestefália, Alemanha

+ 09-12-1968

192 - Dom Manuel da Silveira d'Elboux

Arcebispo residencial de Curitiba, PR, desde 19/08/1950

Votum: ADA II/7, p. 169-170

Vaticano II: 1º, 2º, 3º períodos

Comissão: ORm

Intervenções [1] AS VI/1 (Periodus I - 1962), 333

N. em Itú, São Paulo, SP, Brasil, em 29/02/1904

Ord. sac.: 15/08/1931

Elev.: 10/01/1940 à Igreja titular de Barca

Consagr.: 31/05/1940

Pais: Osório Florêncio d'Elboux e Maria Francisca da Silveira

Estudos: Fez o curso primário de 1912 a 1916 em Itu, SP, no Grupo Escolar Cesário Motta, e o curso ginásial de 1918 a 1924, em São Paulo, SP, no Ginásio de Nossa Senhora do Carmo, dirigido pelos Irmãos Maristas.

Antes do Episcopado: No breve espaço de nove anos, ocupou os cargos de Vigário cooperador de Santa Cecília, Secretário Particular do Arcebispo Dom Duarte até 28 de fevereiro de 1935, Reitor do Colégio Arnaldo de Belo Horizonte, MG, Reitor do Instituto Missionário SVD, em Sítio, MG. Em fevereiro de 1936, foi escolhido para vice-reitor do Seminário Central da Imaculada Conceição, do Ipiranga, São Paulo, SP, até que por um rescrito da Santa Sé foi efetivado como reitor desse estabelecimento, substituindo Dom José Gaspar de Affonseca e Silva. Depois de muitos serviços, foi denunciado por outros dois padres como mau administrador. Sem ser ouvido e sem a possibilidade de se defender, foi praticamente deposto do cargo.

Como Bispo: em 1940 foi eleito Bispo Titular de Barca a 10/01/1940 consagrado a 31/03/1940, Bispo auxiliar de Ribeirão Preto, SP (1940-1946). Como bispo auxiliar empreendeu as visitas pastorais a todas as paróquias da diocese e cuidou em organizar e dinamizar a Obra das Vocações Sacerdotais e pôr em funcionamento o Seminário menor da Maria Imaculada, de Ribeirão Preto, SP. Apoiou a fundação do Círculo Operário Riberopretano (com mais de dois mil sócios), incentivou o zelo das Federações Marianas (masculina e feminina), promoveu a construção do salão Dom Alberto, a reforma da igreja de São Benedito, aparelhando-a para sede da Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento. Bispo diocesano de Ribeirão Preto, SP (1946-1950). Como bispo diocesano, empenhou-se Dom Manuel na fundação da Liga das Senhoras Católicas e do Centro do Professorado Católico. Erigiu as seguintes paróquias: Ribeirão Preto - Campos Elíseos - (Santo Antônio de Pádua) em 15/03/1947; Guatapará (São Martinho e São Pedro) em 19/06/1948; Miguelópolis (São Miguel Arcanjo), em 28/09/1948; Franca - Bairro da Estação - (São Sebastião), em 06/10/1948; Águas da Prata (Nossa Senhora de Lourdes), em 08/01/1952. Voltado, como lhe cumpria, para a formação do clero diocesano, Dom Manuel chegou a planejar a construção de um novo seminário menor, mais adequado, e com esse propósito adquiriu nas cercanias de Ribeirão Preto a Chácara São José, em Vila Virgínia, e iniciou a construção de uma capela na casa de férias dos seminaristas dentro de uma área doada em Altinópolis; Arcebispo de Curitiba, PR (1950-1970). Erigiu em Curitiba, PR, novas Paróquias e novas igrejas e marcou sua atividade no setor educacional: criou a Universidade Católica do Paraná, incentivou a criação das Faculdades de Ciências Sociais e Econômicas, a Escola de Enfermagem Madre Leonie e a nova sede da Escola do Serviço Social. Também apoiou os estabelecimentos de ensino primário e secundário. Deu novo incremento à Obra das Vocações Sacerdotais, pois encontrou 23 seminaristas menores. Ampliou o Seminário Menor de São José, no Batel, com novo pavilhão e Casa das Irmãs. Abriu na própria casa episcopal o Seminário Menor, em 1957, depois transferindo-o para o Seminário Menor. Amparou também as obras assistenciais e sociais, como o Asilo São Luís, o Lar Nossa Senhora do Rocio, o Educandário da Imaculada etc. Amparou a fundação na Arquidiocese de dois Cursos de Catequese, um de nível básico e outro de nível superior. Promoções de vulto de sua administração foram o Congresso Eucarístico Provincial do Paraná (1953) e o VII Congresso Eucarístico Provincial Nacional (1960). Por ocasião de seu jubileu de prata de ordenação episcopal, a Santa Sé lhe conferiu, por mérito, o título de "Conde Romano"; assistente ao Sólido Pontifício.

Lema: "Stat crux dum volvitur orbis" (A cruz está sempre de pé - mesmo que o mundo mude e se altere)

+ 07-02-1970

193 - Dom Manuel Lisboa de Oliveira

Bispo residencial de Nazaré (Olinda e Recife, PE), desde 25/02/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Mairi, então Monte Alegre da Bahia, Ruy Barbosa, então Rui Barbosa, BA, Brasil, em 25/02/1916

Ord. sac.: 27/06/1948

Elev.: 25/02/1963 a Nazaré, PE

Consagr.: 26/05/1963

Pais: Antônio Lisboa de Oliveira e Maria Madalena de Oliveira

Estudos: Primário (1924-29), Mairi, BA; Ginásio (1936-42), Seminário Santa Teresa, Salvador, BA e Seminário Provincial de Maceió, AL; Filosofia (1943-44); Seminário Provincial de Maceió, AL; Teologia (1945-48), Seminário Central da Bahia, Salvador, BA, Curso Intensivo para formadores de futuros Sacerdotes (1960), Viamão, RS

Antes do Episcopado: Secretário Geral do Bispado de Bonfim, BA; Procurador da Mitra Diocesana; Capelão do Educandário N. Sra. do Ssmo. Sacramento; Diretor da Catequese Paroquial; Assistente Eclesiástico da Ação Católica; Fundador e Diretor do Instituto de Assistência à Infância e Juventude; Tesouro da OVS; Fundador e Diretor da Escola Paroquial Senhor do Bonfim; Pró-Vigário Geral; Diretor Esp. e Prof. do Seminário Menor Diocesano; Consultor Diocesano; Diretor Diocesano do Ensino Religioso (1949-63), Senhor do Bonfim, BA; Cônego Honorário da Catedral de Salvador, BA (1960-63)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Nazaré da Mata, PE (1963-1986)

Programas: Ocasionais nas Emissoras existentes na Diocese

Lema: “Narrabo opera Domini” (Narrarei as Obras do Senhor)

+ vivo em 31-12-2000

194 - Dom Manuel Pereira da Costa

Bispo residencial de Campina Grande, PB, desde 23/08/1962

Votum: ADA II/7, p. 217-218

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS I/1, 244 - III

N. em Pocinhos, Campina Grande, então Paraíba, Brasil, em 12/09/1915

Ord. sac.: 23/03/1940

Elev.: 31/05/1954 à Igreja titular de Tino

Consagr.: 15/08/1954

Pais: Libânio Pereira da Costa e Vicência de Jesus Pereira da Costa

Estudos: 1º e 2º graus (1928-33), Seminário de João Pessoa, PB; Filosofia (1934-36), Seminário Central do Ipiranga, SP; Teologia (1937-40), com Licenciatura pela Univ. Gregoriana, Roma; Biênio de Filosofia (1938-39), Academia Romana Santo Tomás de Aquino, Roma

Antes do Episcopado: Vice-Reitor; Professor no Seminário Arquidiocesano; Capelão do Colégio Nossa Sra. das Neves; Professor Fundador da Escola de Filosofia da Universidade da Paraíba, da Escola de Serviço Social (1941-54), João Pessoa, PB; Assistente Geral da Ação Católica, em João Pessoa, PB

Como Bispo: Bispo Auxiliar da Paraíba, PB (1954-59); Bispo Diocesano de Nazaré da Mata, PE (1959-62); Bispo de Campina Grande, PB (1962-81); Membro da Comissão Representativa da CNBB NE II; Representante da Província Eclesiástica da Paraíba, na 1º Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, no Rio de Janeiro (1955); Padre Conciliar do Conc. Ecum. Vaticano II

Lema: “Ignem amoris accende” (Acenda o fogo do amor)

+ vivo em 31-12-2000

195 - Dom Manuel Tavares de Araújo

Bispo residencial de Caicó (Natal, RN), desde 08/01/1959

Votum: ADA II/7, p. 147-148

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em São José de Mipibú, Natal, RN, Brasil, em 07/07/1912

Ord. sac.: 25/10/1936

Elev.: 08/01/1959 a Caicó, RN

Consagr.: 05/04/1959

Pais: João Feliciano de Araújo e Maria Fortunato Tavares de Araújo

Estudos: 1º e 2º graus, Filosofia (1927-32), Seminário de São Pedro, Natal, RN; Teologia (1933-36), Seminário São Pedro, Natal e Prainha, Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Vigário em Angicos, RN (1936-59)

Como Bispo: Bispo Diocesano de Caicó, RN (1959-78)

Programas: “Cristo em tudo” e Missa Dominical na Emissora de Educação Rural de Caicó, RN

Lema: “In omnibus Christus” (Cristo em todos)

+ vivo em 31-12-2000

196 - **Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra**

Bispo residencial de Petrópolis (Niterói, RJ), desde 03/01/1948

Votum: ADA II/7, p. 235

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [3] AS I/2, 354, AS II/2, 712-13; AS II/4, 145

N. em Piracaia, Bragança Paulista, então São Paulo, SP, Brasil, em 11/11/1906

Ord. sac.: 26/10/1930

Elev.: 03/01/1948 a Petrópolis, RJ

Consagr.: 28/03/1948

Pais: Cândido da Cunha Cintra e Antonieta da Cunha Cintra

Estudos: 1º grau (1918), Caconde, SP; 2º grau (1922) Botucatu, SP; Filosofia e Teologia (1927-31), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Cura da Sé (1931-36), Cafelândia, SP; Professor e Reitor no Seminário Central do Ipiranga, SP, (1936-48). Em 1944, foi designado pela Santa Sé Visitador Apostólico dos Seminários do Brasil, função que exerceu até 1956, quando já era Bispo Diocesano de Petrópolis, RJ.

Como Bispo: Bispo Diocesano de Petrópolis, RJ (1948-1984); Visitador Apostólico dos Seminários do Brasil (1944-1956); Fundador e Grão-Chanceler da Universidade Católica de Petrópolis, RJ. No seu pastoreio, Dom Manoel Pedro se distinguiu em três aspectos. O primeiro, a formação do clero diocesano, visto que a nova Diocese era quase totalmente atendida pelo clero regular. Com o apoio da Embaixatriz Lavínia Guimarães, que doou à Diocese a Granja São Luís, em Corrêas, Petrópolis, às margens da Rodovia União e Indústria, Dom Manoel Pedro inaugurou no dia 25/03/1949 o novo Seminário Diocesano, onze meses após a sua tomada de posse. Com o apoio de sacerdotes procedentes de São Paulo e da diocese italiana de Pádua, o Seminário, consagrado a Nossa Senhora de Amor Divino, está funcionando há 50 anos, inicialmente como Seminário Menor e, hoje, com os cursos de Filosofia e Teologia. O segundo aspecto foi o desenvolvimento da pastoral da diocese. Quando assumiu a Diocese, ela contava apenas com 19 paróquias. Nos seus 36 anos de governo, Dom Manoel criou mais 17 paróquias, das quais oito na atual Diocese de Duque de Caxias, RJ. Intensificou também a participação dos fiéis leigos na atividade pastoral, apoiando movimentos religiosos, não somente os que já existiam na Diocese, mas também atraindo outros como o Serra Clube, Legião de Maria, Equipes de Nossa Senhora, Cursilhos de Cristandade e Encontros de Casais com Cristo. Deus especial apoio aos grupos de jovens que foram se formando nas diversas Paróquias. Para os fiéis leigos construiu, no bairro do Retiro, o CEFAS (Centro de Formação Apostólica e Social), casa de encontros e retiros. Quando encerrou seu governo, a Universidade Católica de Petrópolis publicou um volume com suas cartas pastorais, alocuções e mensagens. O terceiro aspecto foi o trabalho educacional de Dom Cintra. Aqui se destaca a criação da Universidade Católica de Petrópolis fundada em maio de 1953. Dom Manoel Pedro incentivou também o trabalho no Curso Fundamental: 30 Escolas conveniadas com a Prefeitura Municipal oferecem o Curso Fundamental gratuito a cerca de dez mil crianças, especialmente na periferia e na zona rural de Petrópolis, RJ.

Lema: "In bonitate et veritate" (Na bondade e na Verdade)

+ 30-03-1999

197 - **Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas**

Arcebispo residencial de Natal, RN, desde 16/02/1952

Votum: não enviou

Vaticano II: não participou

N. em Janhambupe, Bahia, Brasil, em 22/01/1888

Ord. sac.: 30/10/1910

Elev.: 01/03/1929 a Natal, RN

Consagr.: 19/05/1929

Como Bispo: Entre as realizações mais importantes do seu Episcopado, destacam-se: a construção do Seminário de S. Pedro. com a conseqüente reorganização do Seminário e incremento das vocações; por suas mãos passaram mais de 40 presbíteros e desses, 04 foram elevados à dignidade episcopal; a presença em Natal, RN, de numerosas ordens e congregações religiosas; a construção do Colégio das Neves e incentivo à instalação de outros educandários; a criação da Ação Católica e apoio a outras formas de apostolado leigo; a criação das Dioceses de Mossoró, RN, e Caicó, RN; a elevação de Natal

a Arcebispo. Pertenceu à Academia Potiguar de Letras e ao Instituto Histórico do Rio Grande do Norte.
Bispo de Natal, RN (1929-1967); assistente ao Sólido Pontifício.
+ 08-04-1967

198 - Dom Marcos Antônio Noronha

Bispo residencial de Itabira (MARIANA, MG), desde 07/07/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Areado, Guaxupé, MG, Brasil, em 18/09/1924

Ord. sac.: 08/12/1947

Elev.: 07/07/1965 a Itabira, MG

Consagr.: 24/08/1965

Observ.: Bispo de Itabira (1965-1970).

Afastou-se do ministério episcopal.

Lema: "In caricati radicati" (Enraizados na caridade)

+ 16/02/1988

199 - Dom Mario de Miranda Villas-Bôas

Arcebispo titular de Gibba, emérito de Paraíba, desde 18/05/1965

Votum: ADA II/7, p. não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Rio Grande, Pelotas, RS, Brasil, em 04/08/1903

Ord. sac.: 06/12/1925

Elev.: 26/05/1938 a Garanhuns, PE

Consagr.: 30/10/1938

Como Bispo: Bispo de Garanhuns, PE, (1938-1944), Arcebispo de Belém do Pará (1944-1956), transferido para a Igreja titular de Cirro (23-10-1956); Arcebispo da Paraíba (1959-1965)

+ 23-02-1968

200 - Pe Mario Roberto Emett Anglim, CSSR

Presbítero, Prelado *nullius* de Coarí (Manaus, AM), desde 24/04/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em Lombard, Chicago, USA, em 04/03/1922

Ord. sac.: 06/01/1948

Elev.: 23/03/1966 à Igreja titular de Gaguari

Consagr.: 02/06/1966

Antes do Episcopado: Veio para o Brasil, em 1949 e aqui passou a fazer parte da Missão redentorista na Amazônia. Exerceu o cargo de Vice-Provincial dessa mesma missão, entre 1961 e 1964; em 1964 foi nomeado Prelado *nullius* de Coarí; no ano seguinte obteve sua naturalização como brasileiro; a maior parte de sua existência Dom Mário passou-a no interior da Amazônia, trabalhando como missionário nos municípios de Manacapuru, AM, Codajaz, AM e Coarí, AM, que constituem o território da Prelazia, de mais de 140 mil km²

Como Bispo: Bispo Prelado *nullius* de 1966 a 1973

+ 13-04-1973

201 - Dom Abade Martinho (Josef) Michler, OSB

Presbítero, Abade *nullius* de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ), desde 19/05/1948

Votum: ADA II/7, p. 309-310

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS III/1, 739

N. em Ravensburg, Alemanha, em 11/08/1901

Ord. sac.: 22/08/1926

Elev.: 19/05/1948 a Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro, RJ.

Nomeado abade *nullius* em 26/06/1948

Observação: Em carta ao autor o atual Abade do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, RJ, Dom José Palmeiro Mendes, enviou o seguinte esboço biográfico de Dom Michler: “Nasceu a 11.8.1901 na cidade de Ravensburgo, então reino de Württemberg, Alemanha. Foi batizado com o nome de Josef. Frequentou o movimento de juventude orientado pelo grande teólogo alemão Romano Guardini. Tal movimento e os primeiros contatos com o Mosteiro de Beuron despertaram nele o desejo de se tornar monge. Ingressou em 1920 em Beuron, recebendo a 24 de dezembro daquele ano o hábito de noviço e o nome de Martinho. Nesta época estava sendo restaurada pela Congregação de Beuron a antiga Abadia de Neresheim (Württemberg), sendo o jovem Martinho escolhido pelos superiores para acompanhar os restauradores, sendo assim o primeiro noviço e o primeiro professo do velho mosteiro restaurado. Emitiu os votos trienais a 26.12.1921 e a profissão solene a 15.8.1925. Foi ordenado sacerdote a 22.8.1926. Fez os estudos filosóficos na Abadia de Maria Laach, ali conhecendo o famoso liturgista Odo Casel, que muito o influenciou, juntamente com Romano Guardini. Estudou Teologia e fez o Doutorado no Colégio Santo Anselmo, Roma (1924-1928). Em 1930, veio ao Brasil, a fim de, por três anos, ensinar Teologia na Escola Teológica da Congregação Beneditina Brasileira, instalada no Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro, então sofrendo grandes dificuldades por falta de professores. Por dez anos, exerceu o magistério, lecionando diversas cadeiras. Os superiores do Brasil pediram que ele continuasse a ajudar e Dom Martinho foi ficando... Em 1933, foi convidado por Alceu Amoroso Lima para dar aulas de religião no Instituto Católico de Estudos Superiores. Ali mostrou toda a sua vitalidade, e suas aulas de Liturgia cativaram um grupo de universitários, muitos dos quais, por sua influência, entraram no Mosteiro do Rio (entre eles Dom Clemente Isnard, futuro bispo de Nova Friburgo, três outros serão abades de mosteiros brasileiros). Dom Martinho pode ser considerado o implantador do movimento litúrgico no Brasil, apesar de algumas iniciativas anteriores de outros monges e sacerdotes no campo da pastoral litúrgica. Foi ele quem primeiro pregou eficazmente a missa dialogada e a recitação comum do Ofício Divino pelos fiéis, bem como o primeiro que deu um curso de Liturgia para leigos. Sua ação e influência não se limitaram ao Rio de Janeiro, mas pregou para a Ação Católica em Belo Horizonte, MG, Juiz de Fora, MG, Uberaba, MG, e em outros lugares. Muitas vocações surgiram entre moças universitárias para a vida monástica. Em 1938, mudou sua estabilidade de Neresheim para o Rio de Janeiro. Em 1939, foi nomeado Prior e Reitor da Casa de Estudos da Congregação Beneditina do Brasil. No ano seguinte, foi escolhido Mestre de Noviços do Mosteiro do Rio. Foi eleito abade a 19 de maio de 1948, dia em que também a Santa Sé restituiu ao Mosteiro do Rio o título de Abadia *nullius*. Foi confirmado abade pela Congregação dos Religiosos a 26 do mesmo mês. Recebeu a bênção abacial no dia 24.6.1948, das mãos do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara. Foi membro fundador e primeiro presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), 1955-1965. Foi também presidente da CLAR (Conferência Latino-americana dos Religiosos). Participou, como abade *nullius*, de todas as sessões do Concílio Vaticano II. Renunciou ao cargo abacial a 6/10/1969. Faleceu no Mosteiro do Rio de Janeiro a 25.10.1988.”⁶³⁵

+ 25-10-1988

202 - Pe. Frei Máximo André Biennès, TOR

Presbítero, Administrador apostólico de São Luís de Cáceres (Cuiabá, MT), desde 1954

Votum: ADA II/7, p. 248

Vaticano II: não participou

N. em Albi, (arqui) diocese de ALBI, França, em 29/07/1921

Ord. sac.: 20/06/1947

Elev.: 03/11/1967 a São Luís de Cáceres, MT

Consagr.: 25/02/1968

Pais: Eduardo Biennès e Marie Donadille

Estudos: 1º. grau: Albi, França (1927-1933); 2º. grau: Albi, França (1934-1936); Filosofia: Albi, França (1939-1942); Teologia: Albi, França (1943-1947); Especialização: Filosofia e Pedagogia, São João Del Rey, MG (1974-1977)

Antes do Episcopado: vigário em Guajará-Mirim, RO (1948-1955); Administrador apostólico de São Luís de Cáceres, MT (1955-1967)

Como Bispo: bispo diocesano (1967-1991)

⁶³⁵ Carta de Dom José Palmeiro Mendes a Pe. José Oscar Beozzo, Rio de Janeiro, 27/11/2000

Escritos de sua autoria: *Journées d'horreur au milieu des indiens; Uma Diocese na Fronteira; Missão Franciscana na Fronteira*
+ vivo em 31/12/2000

203 - Dom Miguel D'Aversa, SDB

Bispo titular, Prelado *nullius* de Humaitá (Manaus, AM), desde 21/05/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Cercemaggiore, CAMPOBASSO-BOIANO, então BENEVENTO, Itália, em 13/06/1915

Ord. sac.: 08/12/1945

Elev.: 21/05/1962 à Igreja titular de Macri

Consagr.: 05/08/1962

Pais: Francisco D'Aversa e Vitória Di Florio

Estudos: 1º grau (1931-35), Gaeta, Itália; 2º grau e Filosofia (1936-41), Jaboatão, PE; Teologia (1941-45), São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Orientador Vocacional (1946-50); Diretor e Mestre de Novíços (1951-55); Provincial (1955-58), Recife, PE; Provincial (1958-62), Manaus, AM

Como Bispo: Bispo de Humaitá, AM, (1962-1991); Membro da Congregação Salesiana

Escritos de sua autoria: Livro: História do Santuário de Nossa Sra. Auxiliadora de Jaboatão; História da Catedral de Humaitá no seu ano centenário, 1976; Biografia de 57 Salesianos que faleceram nos 60 anos da Província de Recife; Livros de leituras, reflexões e cânticos; Esclarecimentos-respostas às perguntas dos protestantes (baseado nas Sagradas Escrituras e com a lista dos 262 Papas); Artigos no Cooperador Salesiano, Recife, PE; no Boletim Salesiano (ed. Italiana e portuguesa) e no Boletim "Clama"

Lema: "Ut cognoscant Te" (Para que te conheçam)

+ vivo em 31-12-2000

204 - Dom Milton Pereira Corrêa

Bispo titular, Auxiliar de Belém do Pará, PA, desde 23/08/1962

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Cametá, Cametá, Brasil, em 18/11/1919

Ord. sac.: 29/06/1943

Elev.: 23/08/1962 à Igreja titular de Coronea

Consagr.: 30/09/1962

Pais: Manoel José Pereira e Francisca Corrêa Pereira

Estudos: Curso Primário, Cametá, PA, e Belém, PA; Curso Secundário e Superior, Seminário Metropolitano Nossa Sra. da Conceição, Belém, PA

Antes do Episcopado: Professor de Teologia Dogmática, Filosofia, Latim, Francês e Português no Seminário de Belém, PA; Vice-Reitor do Colégio Progresso Paraense, da Arquidiocese; Capelão do Bom Pastor; Vigário Cooperador da Paróquia Nossa Sra. de Nazaré (Vigia, PA); Reitor do Seminário Metropolitano Nossa Sra. da Conceição, Belém, PA; Vigário Capitular (junho a outubro de 1957) e Vigário Geral (1957-67), Belém, PA

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Belém, PA (1962-1967); Assistente Geral da Ação Católica de Belém; Vigário Episcopal da Comarca São José, de Castanhal; Membro da Representação Brasileira no Encontro Episcopal Latino-americano sobre Pastoral Universitária em Buga, Colômbia (fev. de 1967). Bispo de Garanhuns - Pernambuco (1967-73); Membro da Equipe Episcopal responsável pelo Sem. Regional do NE II; Presidente da Comissão de Desenvolvimento do Agreste Meridional (CODEAM); Arcebispo Coadjutor de Manaus, AM (1973-1981); com direito à sucessão; Arcebispo de Manaus, AM (1981-1984); Presidente da Comissão Episcopal Regional Norte I, da CNBB (1975-79); Presidente do Conselho Diretor do CENESC (1976-80); Membro da Comissão Representativa da CNBB (1975-79); Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

Programas: "Mensagem Pastoral" (semanal) e "Isto é Igreja" (quinzenal)

Lema: "Unitas in Veritate" (A Unidade na Verdade)

+ 23-05-1984

205 - Dom Nivaldo Monte

Bispo titular, Administrador apostólico *sede plena* de Natal, RN e Auxiliar de Aracajú, SE, desde 25/04/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Natal, Natal, RN, Brasil, em 15/03/1918

Ord. sac.: 12/01/1941

Elev.: 25/04/1963 à Igreja titular de Eluza

Consagr.: 21/07/1963

Pais: Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Sobral do Monte

Estudos: 1º e 2º graus (1926-33), Seminário São Pedro, Natal, RN; Filosofia e Teologia (1934-38), Fortaleza, CE; Cursos Intensivos de Aperfeiçoamento

Antes do Episcopado: Professor de Psicologia, História e Filosofia da Educação; Vice-Presidente do Centro de Estudos Sociais e da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência; Diretor Presidente da Escola de Serviço Social; Administrador do Serviço Social Rural; Membro do conselho Universitário da UFRN; Diretor Técnico da Emissora de Educação Rural; Jornalista Profissional; Capelão Militar; Assistente Eclesiástico de organizações Católicas e Sociais

Como Bispo: Administrador Apostólico de Natal, RN (1965-67); Arcebispo Metropolitano de Natal, RN (1967-1988); Membro da Comissão Representativa da CNBB (1971); da Comissão Episcopal de Pastoral; Coordenador de linha 6 da CEP (Ação Social e Meios de Comunicação) (1974-79); Presidente da Cáritas Nacional (1975-79); Membro do Conselho Diretor do MEB (1970-77) e Vice-Presidente do MEB Nacional (1971-77); Membro do Departamento de Com. Social do CELAM e Representante da Linha 6 da CNBB junto ao setor de Ação Social do CELAM (1975-78); Membro Honorífico do Cons. Municipal de Cultura; Membro Fundador do Instituto de Antrop. da UFRN e do Conselho Estadual de Cultura e Educação de Natal, RN; Membro Nato do Conselho de Repres. da Escola Técnica Federal e do Conselho Estadual de Cultura do RN; Membro da Academia Norteriograndense de Letras, Natal, RN; Prof. Emérito da UFRN; Assistente Social Honoris Causa pela Escola de Serviço Social; Presidente da Fundação Paz na Terra; Presidente do Secretariado Arquidiocesano de Ação Pastoral

Escritos de sua autoria: *Formação do Caráter*, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ (1948); *Pensamentos*, Tip. Melo Matos, Natal; *Clima*, Ed. Vozes, (1951); *Os Temperamentos*, Ed. Vozes, (1958); *O Coração é para amar*, Ed. Vozes, (1958); *Se todos os homens conhecessem o dom de Deus* (poemas), Tip. Do SAR, Natal, RN, (1963); *Toda Palavra é uma semente*, Ed. Vozes, (1966); *Reflexão sobre a Oração*, Ed. Paulinas, (1974); *Amanhã será um novo dia*, Ed. Univ., Natal, RN, (1977); *A Granja e Eu*, Ed. Univ., (1980)

Artigo Semanal: Na Tribuna do Norte, Natal, RN

Programas: “Meditação Matinal” (diário) e “Missa das Escolas Radiofônicas” (dominical), na Emissora de Educ. Rural; “Voz do Pastor” (dominical), programa oficial da Diocese pela Rádio Poli em cadeia com a Emissora de Educação Rural

Lema: “Mihi vivere Christus” (Meu viver é Cristo)

+ vivo em 31-12-2000

206 - Dom Orlando Chaves, SDB

Arcebispo residencial de Cuiabá, MT, desde 18/12/1956

Votum: ADA II/7, p. 168-169

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [3] AS APPENDIX PRIMA 401 (II/2, pp. 703); AS II/2, 702-03; AS II/4, 125

N. em Campina Verde, Uberaba, MG, Brasil, em 17/02/1900

Ord. sac.: 10/07/1927

Elev.: 28/02/1948 a Corumbá, MS

Consagr.: 24/05/1948

Pais: João Evangelista Chaves e Matilde Rodrigues Alves

Estudos: Concluído o curso primário, o Colégio Santa Rosa de Niterói vai ser o seu segundo lar

Antes do Episcopado: Clérigo assistente e professor; Conselheiro escolar; Professor de Dogma, Mestre de Canto; Diretor do Colégio Santa Rosa; Diretor salesiano, trabalhou na inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, do sul do Brasil, compreendendo casas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Como Bispo: Bispo de Corumbá, MS, (1948-1956); Arcebispo de Cuiabá, MT (1956-1981); Organização da Ação Católica; Cruzada Catequética Diocesana com o 1º Congresso Catequístico; Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá. Fundou uma Congregação feminina, à qual deu o nome de Instituto Missionário do Bom Jesus.

+ 15-08-1981

207 - Dom Oscar de Oliveira

Arcebispo residencial de MARIANA, MG, desde 25/04/1960

Votum: ADA II/7, p. 320-324

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS APPENDIX PRIMA, 517-18 (III/7, pp. 569-663); AS III/6, 504-05

N. em Entre Rios de Minas, MG, então João Ribeiro, MARIANA, MG,, Brasil, em 09/01/1912

Ord. sac.: 27/10/1935

Elev.: 25/05/1954 à Igreja titular de Irenopoli da Cilícia

Consagr.: 22/08/1954

Pais: José Esteves de Oliveira e Judite Augusta Ferreira

Estudos: 1º grau (1920-24), Entre Rios de Minas, MG; 2º grau e Filosofia (1925-30), Seminário de Mariana, MG; Teologia (1931-34), Mariana e Roma; Doutorado em Direito Canônico (1938). Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Professor de Direito Canônico, História Eclesiástica, Patrologia, Ação Católica (1938-54), Seminário Maior de Mariana, MG; Professor de Latim, História da Igreja; Cura da Catedral e Cônego do Cabido Catedrático (1944-54) de Mariana, MG.

Como Bispo: Bispo Auxiliar, Bispo Coadjutor, com direito à sucessão, e Administrador Apostólico de Pouso Alegre, MG (1954-59); Arcebispo Coadjutor (1959-60) e Arcebispo Metropolitano de Mariana, MG (1960-1988); Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e de São Paulo; Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Vice-Presidente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais; Professor de Direito Canônico no Seminário Maior de Mariana, MG, desde 1968

Escritos de sua autoria: *Os Dízimos Eclesiásticos do Brasil nos períodos da Colônia e do Império* (Tese de Doutorado em Direito Canônico) 1940 e 1960; *De delictis et poenis* (Comentário de todo o livro V do Código de Direito Canônico); *A fé*, 1968; *Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Homens*, 1970; *As mais belas histórias da Bíblia*, 1962; *A Família*, 1974; *Sagrado Coração de Jesus*, 1976; *A Santíssima Eucaristia, inefável mistério de fé*, 1970; *Moinho d'água* (Poesias), 1979 Coluna Semanal em "O Arquidiocesano", desde 1959.

Lema: "Ipsa Duce" (da frase de S. Bernardo: "Ipsa duce, non fatigaris" - (Se Ela Maria) te conduzir, não te cansará)

+ 24-02-1997

208 - Dom Otávio Barbosa Aguiar

Bispo residencial de Palmeira dos Índios (Maceió, AL), desde 04/07/1962

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Orobó, então Queimadas, Nazaré, PE, Brasil, em 22/04/1913

Ord. sac.: 28/04/1935

Elev.: 06/11/1954 à Igreja titular de Gergi

Consagr.: 30/01/1955

Pais: Antônio Bertino Aguiar e Zita Barbosa Aguiar

Estudos: 1º grau, Orobó, PE; 2º grau, Seminário de Olinda, PE; Filosofia, Seminário de Nazaré, PE; Teologia, Seminário de Olinda, PE; Extensão Rural, Universidade Rural

Antes do Episcopado: Secretário do Bispado e Capelão das Religiosas (1935-37), Nazaré, PE; Professor Secundário (1937-41) e Pároco (1941-55), Limoeiro, PE

Como Bispo: Bispo Auxiliar de São Luís, MA (1955-56); Bispo Diocesano de Campina Grande, PA (1956-63); Bispo Diocesano de Palmeira dos Índios, AL (1962-78)

Escritos de sua autoria: *Alagoas, uma experiência de vida* (Discursos), 1979

Colunas permanentes: na "Gazeta Campinense", Campina Grande (desaparecida). No "Correio do Sertão", Palmeira dos Índios, AL (desaparecido); no "O Semeador" (periodicamente)

Programas: "A Igreja em Foco", na Rádio Educadora Sampaio, Palmeira dos Índios, AL

Lema: "Servire" (Servir)

+ vivo em 31-12-2000

209 - Dom Othon Motta

Bispo residencial de Campanha (POUSO ALEGRE, MG), desde 16/05/1960

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em 12/05/1913

Ord. sac.: 12/01/1936

Elev.: 10/03/1953 à Igreja titular de Uzita

Consagr.: 24/05/1953

Estudos: Fez seus estudos eclesiásticos nos Seminários do Rio de Janeiro, RJ e de São Paulo, SP, completando-os em 1935

Antes do Episcopado: Foi ordenado presbítero e escolhido para Professor de diversas disciplinas no Seminário de São José do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, RJ; Cônego da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, RJ; Diretor Espiritual no Seminário Arquidiocesano São José no Rio Comprido, Rio de Janeiro, RJ.

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, MG (1953-55); Bispo Coadjutor com direito à sucessão, MG (1955-59); Bispo de Campanha, MG (1960-1982)

Lema: “In vinculis caritatis” (Nos vínculos da caridade)

+ 04-01-1984

210 - Dom Paulo de Tarso Campos

Arcebispo residencial de Campinas, SP, desde 19/04/1958

Votum: ADA II/7, p. 150

Vaticano II: 1º e 2º períodos

N. em Jaú, São Carlos, SP Brasil, em 24/08/1895

Ord. sac.: 15/08/1920

Elev.: 01/06/1935 a Santos, SP

Consagr.: 14/07/1935

Estudos: Fez os estudos primários no Grupo Escolar Pádua Sales, de Jaú, SP, e na Escola Modelo São Caetano de Campos, na capital paulista. Ingressou a seguir no Seminário Menor de Pirapora, SP, e em 1913 passou para o então Seminário Provincial de São Paulo, SP. De 1928 a 1931 cursou a Universidade de Lovaina, na Bélgica, tendo-se doutorado em Teologia

Antes do Episcopado: exerceu sucessivamente os cargos de Vice-Comissário da Venerável Ordem Terceira do Carmo (São Paulo, SP), Vigário Cooperador de Bragança Paulista, SP, professor do Seminário Provincial e Pároco de Santa Cecília. Quando Pároco de Santa Cecília, foi eleito para Bispo de Santos, SP (1935-1941)

Como Bispo: Bispo de Santos, SP (1935-1941). Ente outras realizações, assinalou sua passagem pelo bispado santista com a criação da ALA (Assistência ao Litoral de Anchieta), entidade pioneira para atendimento das populações pobres do litoral. Bispo de Campinas, SP (1941-1958), 1º Arcebispo de Campinas, SP (1958-1968), que entre outras obras, atuou na construção de novo Seminário, a restauração da Catedral, construção do edifício da Cúria, fundação da Cruzada das Senhoras Católicas, criação de muitas novas paróquias. Graças ao seu apoio pôde Mons. Salim concretizar a fundação da Universidade Católica de Campinas, SP, primeira a instalar-se no interior paulista. Dela Dom Paulo foi o Grão-Chanceler. Simultaneamente exerceu os cargos de Reitor da Universidade Católica de São Paulo, SP; Presidente do Secretariado de Educação da CNBB e Vice-Presidente do Conselho Mundial de Universidades Católicas

+ 02-03-1970

211- Dom Paulo Hipólito de Souza Libório

Bispo residencial de Parnaíba (Teresina, PI), desde 20/06/1959

Votum: ADA II/7, p. 226-227

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS APPENDIX PRIMA, 419 (III/1, pp. 629-796)

N. em Picos, Oeiras, PI, Brasil, em 10/10/1913

Ord. sac.: 08/04/1939

Elev.: 15/03/1949 a Caruaru, PE

Consagr.: 05/06/1949

Como Bispo: Bispo de Caruaru, PE (1949-1959); Bispo de Parnaíba, PI (1959-1980)
Cartas pastorais durante o Concílio: Carta Pastoral sobre o Concílio Ecumênico Vaticano II, Parnaíba, Piauí, 20-02-1966, pp. 11
 + 31-03-1981

212 - Dom Paulo Rolim Loureiro

Bispo residencial de Mogi das Cruzes (São Paulo, SP), desde 04/08/1962

Votum: ADA II/7, p. 251-254 coletivo

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil, em 10/08/1908

Ord. sac.: 15/08/1934

Elev.: 22/05/1948 à Igreja titular de Briá

Consagr.: 15/08/1948

Estudos: Fez os primeiros estudos em Sorocaba, SP. Continuou-os no Seminário Menor Metropolitano do Bom Jesus de Pirapora onde, após cinco anos, concluiu Humanidades. Em março de 1928 ingressou no Seminário Provincial de São Paulo, SP. Terminados seus estudos filosófico-teológicos no Seminário Central da Imaculada Conceição (Ipiranga), São Paulo, SP.

Antes do Episcopado: Em 1935 desempenhou as funções de vigário cooperador na Paróquia de Jundiá e, em seguida, na de São João Batista, na capital paulista. Foi então que o novo bispo auxiliar de São Paulo, Dom José Gaspar escolheu-o para seu secretário particular. Em 1936, Pe. Paulo fundou a Pia União das Filhas de Maria do Colégio Maria Imaculada, no Ipiranga. De 1936 a 1938 exerceu as funções de capelão das religiosas Filhas de Maria Imaculada. E, em novembro de 1939, foi nomeado cônego honorário do cabido metropolitano e chanceler do arcebispado. Em fevereiro de 1942, nomeado presidente da comissão de recepção do Legado Pontifício ao IV Congresso Eucarístico Nacional, realizado em São Paulo, SP. No ano seguinte, em outubro provisionado diretor espiritual da Congregação Mariana dos Alunos do Ginásio do Estado. Em julho de 1945, em reconhecimento aos trabalhos que prestara sobretudo durante a última guerra, a Santa Sé outorgou-lhe o título de Monsenhor Camareiro Secreto de Pio XII “in abito paonazzo”; Em abril de 1947 seguiu para a Europa, a fim de fazer estudos nas cúrias de Roma, Milão e Paris e visitar as universidades de Milão e Lião.

Como Bispo: Bispo auxiliar de São Paulo, SP (1948-1962), bispo de Mogi das Cruzes, SP (1962-1975); Titular de Briá aos 22 de maio de 1948, exerceu funções de bispo auxiliar e vigário geral da Arquidiocese de São Paulo, SP, e colaborador direto do Cardeal Motta. Durante 23 anos trabalhou na Cúria Metropolitana até que, criada a diocese de Mogi das Cruzes, SP, por João XXIII, tomou posse da nova diocese a 30 de dezembro de 1962

Cartas pastorais durante o Concílio: * * Carta Pastoral ao regressar da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado em Roma, de 29 de setembro a 4 de dezembro de 1963, Gráfica N.S. da Glória, Mogi das Cruzes, 30-12-1963, pp. 11

* * Carta Pastoral a todos os diocesanos sobre o Concílio Ecumênico Vaticano II e a Constituição Apostólica *Mirificus Eventus* do Papa Paulo VI, concedendo o Jubileu Extraordinário para a Igreja, Gráfica N.S. da Glória, 30-12-1965, pp. 19

+ 02-08-1975

213 - Dom Pedro Filipak

Bispo residencial de Jacarezinho (Curitiba, PR), desde 08/02/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Irati, Ponta Grossa, PR, Brasil, em 26/12/1920

Ord. sac.: 22/12/1945

Elev.: 08/02/1962 a Jacarezinho, PR.

Consagr.: 13/05/1962

Pais: Lucas Filipak e Sofia Filipak

Estudos: 1º grau (1928-32), Irati, PR; 2º grau (1935-37), Brusque, SC; Filosofia e Teologia (1938-45), São Leopoldo, RS; Complementação da Filosofia com Licenciatura (1975-76), São João Del Rei, MG

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador (1946); Capelão de 3 hospitais, Assistente do Círculo Operário, Prof. e Reitor do Seminário (1947-52), Ponta Grossa, PR; Vigário de Curiúva, PR (1955-59); Vigário Geral e Vigário Capitular (1960-62), Jacarezinho, PR

Como Bispo: Bispo Diocesano de Jacarezinho, PR (1962-1991)

Programa: Rádio de Ponta Grossa, PR, até 1958; na Rádio Educadora, Jacarezinho, PR

Lema: “Alma Mater Ducor” (Por Mãe nutriz sou conduzido)
+ 10-06-1991

214 - **Dom Pedro Massa, SDB**

Bispo titular, Prelado *nullius* de Rio Negro (Manaus, AM), desde 05/04/1941

Votum: ADA II/7, p. 300-301

Vaticano II: 1º período

N. em Cornigliano, Genova, Itália, em 29/06/1880

Ord. sac.: 15/01/1905

Elev.: 05/04/1941 à Igreja titular de Ebron

Consagr.: 01/05/1941

Como Bispo: Depois de ter sido Procurador Geral dos Salesianos do Brasil e Inspetor em Mato Grosso, foi em 1920 nomeado Prefeito Apostólico e Administrador Apostólico do Rio Negro, AM (1921-1941), pois em princípios deste século o Bispo de Manaus conseguira de Santa Sé que o Rio Negro fosse confiado aos Salesianos. Em 1941 foi nomeado Bispo Titular de Ebron e designado para Prelado do Rio Negro, AM. 1º. Bispo Prelado (1941-1967)

Observ.: Baraúna duvida de sua presença à 1ª Sessão: tinha 82 anos - mas era italiano e poderia estar em férias

+ 19-02-1968

215 - **Dom Pedro Paulo Koop, MSC**

Bispo residencial de Lins (BOTUCATU, SP), desde 27/07/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

AS II/7, 660-63

N. em Hillegom, Rotterdam, Holanda, em 04/09/1905

Ord. sac.: 10/08/1930

Elev.: 27/07/1964 a Lins, SP

Consagr.: 08/09/1964

Pais: Joseph Petrus Koop e Bernardina Groot

Estudos: 1º grau (1911-17), Hillegom, Holanda; 2º grau (1918-25), Tilburg, Holanda; Filosofia (1925-27), Arnhem, Holanda; Teologia (1927-31), Stein, Holanda

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Itajubá, MG (1932), Pirajuí, SP (1933-37), Campinas, SP (1937-39); Assistente na Arquidiocese de São Paulo, SP (1939-46); Vigário (1946-64) e Diretor do Seminário “A Fé” (1950-64), Bauru, SP. Em 1937 deu início à publicação dos “Anais de N. S. Do Sagrado Coração”, revista que ainda continua circulando. Preparou a fundação do Santuário Nacional de Nossa Senhora de Vila Formosa, na cidade de São Paulo, SP. Desempenhou simultaneamente, atividades como capelão das Irmãs Salesianas, assistente de Círculos Operários, assistente da Juventude Operária Católica Feminina (JOCF), assistente do Serviço Social de Menores (atual FEBEM) e capelão da Casa Maternal Leonor Mendes de Barros, no Belém. Filho ele mesmo de um mineiro, trabalhador nas minas de carvão da Holanda, preocupou-se com a sorte da classe proletária; participou de passeatas reivindicatórias do operariado e abriu, no Braz, um restaurante para fornecer comida quente aos operários, a preços módicos. Em 1945, inaugurou a “Casa da Criança” de famílias operárias. A fundação depois lançou ramos para bairros vizinhos e transformou-se em “Associação Brasileira de Lares- Escolas para Filhos de Trabalhadores”, onde os meninos ganhavam assistência educacional, sanitária e social. Em fevereiro de 1947, inicia nova fase do seu apostolado. De volta das férias na pátria, foi nomeado Vigário paroquial do Divino Espírito Santo, em Bauru, SP, e ao mesmo tempo Reitor da Igreja Santa Terezinha, na mesma cidade. Em 1952, cria-se a Paróquia de Santa Terezinha e Pe. Paulo torna-se seu primeiro Pároco. Foi também designado Vigário forâneo do Decanato de Bauru, *ratione personae*. Estendeu seu apostolado para os meios de comunicação social, imprensa falada e escrita. Levantou e deu nova orientação ao semanário “A Fé”, dedicando-lhe por muitos anos boa parte de seus melhores esforços. Na Rádio de Bauru, falava diariamente na hora da Ave-Maria. No ano de 1954, centenário da Congregação do S. Coração, teve grandes realizações: inaugurou e abençoou o Ambulatório Junqueira Ortiz; abriu a Casa do Garoto e publicou o livro sobre o centenário da Congregação. Em 1959, tornou-se Diretor da Associação Nipo-Brasileira Estrela da Manhã, que levava de Presidente Prudente, SP, para Bauru, SP. Promoveu então uma grande concentração de “nisseis” católicos de que participaram 2.200 nisseis, 40 sacerdotes e cinco

bispos. Aos 03/03/1961, organiza a criação da Diocese de Bauru, SP. Saiu-se muito bem e conseguiu terrenos para a residência do Bispo e para o Seminário

Como Bispo: Bispo Diocesano de Lins, SP, (1964-1980); participante do concílio Vaticano II; Co-Fundador e Presidente do Instituto Paulista de Promoção Humana (IPPH), Lins; do Instituto Noroestino de Trabalho, Educação e Cultura (INTEC), Araçatuba, SP; da Comunidade Educacional do Trabalho (CET), Lins, SP; do Instituto Teológico Pastoral de Lins (ITEL); Membro da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus. Como Bispo de Lins, participou ativamente das duas últimas sessões do Vaticano II e marcou história com uma intervenção que não chegou a proferir na Aula Conciliar, mas que o jornal *Le Monde* publicou, preconizando o acesso de homens casados ao presbiterado na Igreja Católica romana, a partir das Comunidades de base e em função delas. Sempre lutou pela melhoria das condições do povo pobre e, particularmente, se interessou pelos mais necessitados e pelas crianças. Por seu empenho, surgiram obras promocionais como Instituto Noroestino de Trabalho, Educação e Cultura (INTEC), na cidade de Araçatuba; o Instituto Paulista de Promoção Humana (IPPH) e a Comunidade Educacional do Trabalho (CET), com sede em Lins, SP. Em 1974, a 03/05, criou o ITEL (Instituto Teológico-Pastoral de Lins), como centro de formação de agentes de pastoral, dirigentes de comunidades, lideranças da Pastoral da Juventude, Pastoral Universitária e Catequese. Em 1980, quando completava 75 anos de idade, ganhou do Papa um Bispo Coadjutor com direito à sucessão. No mesmo ano em que comemorava o jubileu de ouro de sacerdócio, recebeu da Rainha da Holanda a grã-cruz de Oficial na Ordem de Orange e Nassau.

Escritos de sua autoria: Artigos na “Revista Eclesiástica Brasileira (REB)” e “Vozes” de Petrópolis, RJ

Lema: “In corde Jesu” (No coração de Jesus)

* * Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Pedro Paulo Koop, enviada de Roma, anunciando o término do Concílio Ecumênico Vaticano II, 10/11/1965
+ 26-03-1988

216 - Dom Pio Freitas Silveira, CM

Faleceu em 1963, como Bispo titular de Voncearia desde 19/01/1955, “emérito” de Joinville, SC.

Votum: não enviou

Vaticano II: não participou

N. em Campina Verde, Uberaba, MG, Brasil, em 29/04/1885

Ord. sac.: 13/06/1908

Elev.: 25/01/1929 a Joinville, SC

Consagr.: 09/06/1929

Como Bispo: Bispo de Joinville, SC (1929-1955); Bispo titular de Voncearia
+ 19-05-1963

217 - Dom Frei Quirino Adolfo Alwin Schmitz, OFM

Bispo residencial de Teófilo Otoni (Diamantina, MG), desde 22/12/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Gaspar, Joinville, SC, Brasil, em 22/11/1918

Ord. sac.: 28/11/1943

Elev.: 22/12/1960 a Teófilo Otoni, SC

Consagr.: 25/04/1961

Pais: João José Schmitz e Catarina Moser Schmitz

Estudos: 1º grau (1926-1930), Gaspar, SC; 2º grau (1931-1937), Rio Negro, PR; Filosofia (1939-1940) Curitiba, PR; Teologia (1941-44), Petrópolis, RJ; Cursos de Aprofundamento Teológico; Curso Por um Mundo Melhor (1963), Rocca di Papa, Itália

Antes do Episcopado: Diretor do Colégio (1945-1952), Curitiba, PR; Prefeito do Internato (1952-1954), Lages, SC; Pároco e Guardiã (1955-1957), São Paulo, SP; Reitor do Seminário e Guardiã (1958-1960), Bélgica

Como Bispo: Bispo Diocesano de Teófilo Otoni, MG (1961-1985); Membro da Comissão Pastoral do Leste I; Membro da Ordem Franciscana, desde 1937

Programa: “Oração da Manhã” (diário) e “Meditação” (dominical), na Rádio local

Lema: “Evangelio inhaerere” (Aderir ao Evangelho)

+ vivo em 31-12-2000

218 - **Dom Raimundo de Castro e Silva**

Bispo titular de Uzali, Auxiliar de Fortaleza, CE, desde 09/11/1957

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Aracoyaba, Fortaleza, CE, Brasil, em 01/05/1905

Ord. sac.: 04/12/1932

Elev.: 17/06/1950 à Igreja titular de Eluza

Consagr.: 15/08/1950

Pais: Raimundo de Castro e Silva e Maria Iles de Castro e Silva

Estudos: Seminário Maior de Fortaleza, CE (Praínha), CE

Antes do Episcopado: Vigário de Areias, CE; Pentecostes, CE, Irairi, CE, Pacatuba, CE, Maranguape (interior de Fortaleza, CE) e Catedral (Fortaleza, CE)

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Teresina, PI (1950-1954), bispo de Oeiras, PI (1954-1957) e Bispo Auxiliar de Fortaleza, CE (1957-1991)

Escritos de sua autoria: Carta Pastoral como Bispo Diocesano de Oeiras

Lema: “Ad Jesum per Mariam” (A Jesus por Maria)

+ 02-08-1991

219 - **Dom Raimundo Lui, O. Carm.**

Bispo residencial de Paracatu (Uberaba, MG), desde 11/06/1962

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Itú, Jundiaí, SP, Brasil, em 22/07/1912

Ord. sac.: 08/12/1939

Elev.: 11/06/1962 a Paracatu, MG

Consagr.: 29/07/1962

Pais: Celeste Lui e Domenice Maria Marchini

Estudos: 1º 2º graus (1929-1934), Itu, SP; Filosofia e Teologia (1935-1940), São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Vida Conventual (Prior no Convento de Woelfnitz, na Áustria, Definidor Provincial) e Auxiliar do Vigário nas paróquias, São Paulo, SP; Pregador de Missões, BA; Capelão da Marinha, Rio de Janeiro, RJ; Vigário em Santa Bárbara do Oeste, SP. Membro da Ordem Carmelita

Como Bispo: Bispo Diocesano de Paracatu, MG (de 1962 a 20 de junho de 1977)

Lema: “Fiat voluntas tua” (Faça-se a tua vontade)

+ 10-08-1994

220 - **Dom Ranulpho da Silva Faria**

Faleceu em 19/10/1963, como Arcebispo metropolitano de Maceió, AL, desde 05/08/1939

Votum: não enviou

Vaticano II: não participou

N. em Nazareth, São Salvador da Bahia, Brasil, em 12/09/1887

Ord. sac.: 03/04/1910

Elev.: 22/04/1920 a Guaxupé, MG

Consagr.: 12/09/1920

Estudos: Fez seus estudos no Seminário de Santa Teresa, na capital

Antes do Episcopado: Celebrizou-se então pela série de artigos em torno da ascese sacerdotal, entre outros temas

Como Bispo: Deixou em Guaxupé, MG, traços marcantes de um apóstolo. Criou o Seminário diocesano ao qual legou um promissor patrimônio. Foi o clero a pupila de seus olhos e contou com ele para a difusão do apostolado leigo. Promovido a Arcebispo a 5 de agosto de 1939, tomou posse da Arquidiocese de Maceió, AL, em dezembro do mesmo ano. Aí concentrou suas energias na organização oficial da Ação Católica, que obteve ressonância em vários setores sociais e religiosos, tendo sido despertar de convicções cristãs. Desde o início, voltou suas atenções para a difusão do ensino religioso, criando um departamento arquidiocesano e estabelecendo semanas catequéticas e

curso intensivos. O Seminário Arquidiocesano supera reais problemas devido ao pulso de seu dinâmico Arcebispo. Homem, também, de gabinete, aproveitou as horas livres de atividades para o trabalho insano da restauração e redação do Arquivo Arquidiocesano, havendo escrito nada menos de 21 livros de registro. Angustiado pelas almas, desmembrou paróquias no sentido de multiplicar núcleos de vida cristã mais intensa, frutos naturais da descentralização. A Arquidiocese de Maceió, AL ainda recorda com santo orgulho os memoráveis dias do Congresso Eucarístico de Ação Católica Provincial Arquidiocesano, incluindo na época o Estado de Sergipe, que, sob a presidência efetiva do saudoso Arcebispo e colaboração de um grande número de Arcebispos e Bispos, abriu nas almas sulcos profundos de atitudes e responsabilidades cristãs; assistente ao Sólido Pontifício.
+ 19-10-1963

221 - Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena

Bispo titular de Apollonide, desde 10/02/1962, “emérito” de Valença, RJ

Votum: não enviou

Vaticano II: não participou

N. em Congonhas do Campo, Mariana, MG, Brasil, em 24/09/1890

Ord. sac.: 14/04/1914

Elev.: 13/06/1935 a Barra (do Rio Grande), BA

Consagr.: 08/09/1935

Estudos: Iniciou o curso secundário em sua terra natal, no Colégio dos Irmãos Maristas, prosseguindo-o no Seminário de Mariana, MG, até o curso teológico

Antes do Episcopado: Em 1914 começou a exercer o sagrado ministério como vigário cooperador do Pe. João Luís Espechit, em Entre Rio de Minas, MG, cargo que exerceu até 1916, quando, a convite de Dom Silvério, o acompanhou durante dois anos em visitas pastorais. Foi pároco de Catas Altas de Noruega, MG, de 1918 a 1920, e de Entre Rios de Minas, MG, de 1920 a 1935, onde entre tantas benemerências reconstruiu a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Brotas, benta por Dom Helvécio a 28 de outubro de 1928

Como Bispo: Nomeado bispo de Barra do Rio Grande, BA (1935-1942); Bispo de Valença, RJ (1942-1960), Bispo Emérito e Titular de Apollonide (1960-1975). Nesse mesmo ano de 1960, Dom Rodolfo fixava residência em Entre Rio de Minas, MG, aí exercendo o múnus de Capelão do Colégio Nossa Senhora das Brotas, durante 15 anos

+ 24-01-1975

222 - Dom Romeu Alberti

Bispo residencial de Apucarana (Curitiba, PR), desde 22/02/1965

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, em 21/04/1927

Ord. sac.: 07/10/1951

Elev.: 25/03/1964 à Igreja titular de Belali

Consagr.: 24/05/1964

N. São Paulo - SP, 21/04/1927

Pais: Augusto Alberti e Maria Fornes Alberti

Estudos: 1º grau: (1937) Lapa, São Paulo, SP; 2º grau: (1944), Pirapora, SP; Filosofia: (1947), Seminário Maior do Ipiranga, São Paulo, SP; Teologia: (Licenciatura) e Direito Canônico, licenciatura e doutorado com a tese “A mente do legislador, segundo Suarez”, (1951-1953) Pont. Univ. Gregoriana, Roma, Itália; Licenciatura Plena em Filosofia (1974), Palmas, PR

Antes do Episcopado: Dir. Espiritual e Professor de Teologia Moral no Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP; Prof. de Teologia Moral na Fac. Teol. da PUC de São Paulo, SP; Vice-Oficial do Tribunal Eclesiástico; Capelão da Esc. Preparatória de Cadetes do Exército; Vigário Geral da Arquid. de São Paulo, SP; Assistente Ecl. Arquid. e Regional da JEC Masculina; Capelão da Casa da Infância; Vigário Episc. da Zona Leste de São Paulo; Coord. da Campanha *Mater et Magistra* e o Setor das Missões Populares e dos Meios de Comunicação Social da “Cruzada do Rosário em Família”

Como Bispo: Bispo auxiliar do Cardeal Motta (1964), São Paulo, SP; Bispo Diocesano de Apucarana, PR (1965-1982); Administrador Apostólico de Botucatu, SP (1968-1969); Ribeirão Preto, SP (1982-1988); Responsável pela Linha de Liturgia e Tradução da CNBB; Presidente do Departamento de Liturgia no CELAM; Membro da CEP, responsável pela Linha 4, desde abril de 1979; Coordenador

da Pastoral Carcerária; Coord. do Secre. Reg. Sul 1 (na época São Paulo e Paraná); Participante do Conc. Vaticano II; Coordenador de Encontros Nacionais e Latino-americanos de Liturgia de Rádio e TV

Programas: “Um olhar para a vida”, na Rádio Difusora (semanal); Missa Dominical, pela Rádio Cultura; Missa na TV Tibagi (1º domingo do mês) Apucarana, PR

Lema: “Omnes unum sint” (Que todos sejam um)

+ 06-08-1988

223 - Dom Ruy Serra

Bispo residencial de São Carlos (Campinas, SP), desde 13/02/1948

Votum: ADA II/7, p. 247-248

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Campinas, Campinas, SP, Brasil, em 23/03/1900

Ord. sac.: 09/12/1923

Elev.: 13/02/1948 a São Carlos, SP

Consagr.: 01/05/1948

Pais: Joaquim de Campos Serra e Delfina Olinto Serra

Estudos: 1º grau (1907-1912), no lar; 2º grau (1912-1917), Jaú, SP; Filosofia (1917-1921), América do Norte; Teologia (1921-1924), Bélgica e Botucatu, SP

Antes do Episcopado: Diretor do Colégio Diocesano (1923-1925); Coadjutor (1926-1927), Jaú, SP; Cura da Catedral, Diretor do Colégio Diocesano, Vigário Geral, Vigário Capitular (1929-1948), São Carlos, SP

Como Bispo: Bispo Diocesano de São Carlos, SP (1948-1986)

Lema: “Omnibus Omnia” (Tudo para todos)

+ 19-09-1986

224 - Dom Salomão Ferraz

Bispo titular, de Eleuterna, desde 25/03/1960

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [11] AS I/1, 581-83 - IX; AS I/3, 328; AS II/1, 662; AS II/3, 459-60; AS II/4, 853-55; AS II/5, 890-91; AS III/4, 730; AS III/4, 894-97; AS III/7, 844; AS III/8, 992-93; AS IV/2, 153-53; Bispo titular de Eleuterna

N. em Jaú, São Carlos, SP, Brasil, em 18/02/1880

Ord. sac.: 15/08/1945

Elev.: 15/08/1945 a “Primaz” da “Igreja católica livre do Brasil”

Consagr.: 15/08/1945

N. Jaú - SP, 18/02/1880

Ord. s. 18/07/1945

Ord. e. 15/08/1945

Observ.: de família presbiteriana (pai era o pastor a Jaú); de 1902 a 17 exerceu o pastorato; de 1917 a 36 foi episcopal (anglicano), sendo pastor por 15 anos; fundou a “Ordem de Santo André”; em 1936 criou a “Igreja Católica Livre” do Brasil; ordenado e sagrado por Carlos Duarte da Costa, ex-bispo tit. de Maura em 1945; converteu-see fez pública profissão de fé em 08/12/59; João XXIII o recebeu em 25/03/1960 e o fez Bispo titular de Eleuterna; casado, com vários filhos, viveu separado consensualmente da esposa desde 1945; foi capelão da Maternidade São Paulo; no Vaticano II advogou a tese da celebração litúrgica em vernáculo (cf. resumo e comentário de um intervento em CAPRILE, vol. II, pp. 91-92); cf. REB 20/1 (1960), p. 221; REB 20/2 (1960), pp. 498-499; REB 29/2 (1969), p. 480; CC 1960/2, pp. 205-207.

+ 09-05-1969

225 - Dom Sebastiano Baggio

Arcebispo titular de Efeso desde 30/06/1953, Nuncio Apostólico no Brasil, desde 26/05/1964

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Rosà, Vicenza, Itália, em 16/05/1913

Ord. sac.: 21/12/1935
Elev.: 30/06/1953 à Igreja titular de Efeso
Consagr.: 26/07/1953

A 31/12/1965 era arcebispo titular de Éfeso, núncio apostólico no Brasil, desde 26/05/1964. Foi transferido para Cagliari, como arcebispo em 23/06/1969; **Cardeal Presbítero** (28/04/1969 - Paulo VI); **Prefeito** da Congregação dos Bispos (27/02/1973); **Cardeal Bispo** da Igreja Suburbicária de Velletri - 12/12/1974.
 + 21-03-1993

226 - Dom Serafim Fernandes de Araújo

Bispo titular, Auxiliar (do Arcebispo coadjutor) de Belo Horizonte, MG, desde 19/05/1959

Votum: ADA II/7, p. 139-141 coletivo

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Minas Novas, Araçuaí, MG, Brasil, em 13/08/1924

Ord. sac.: 12/03/1949

Elev.: 19/01/1959 a Verinopoli

Consagr.: 07/05/1959

Pais: José Fernandes de Araújo e Gabriela Leite Araújo

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1937-44), Diamantina, MG; Mestrado em Teologia (1949), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma; Mestrado em Direito Canônico (1951), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma

Antes do Episcopado: Diretor do Ensino Religioso e Professor no Seminário de Diamantina, MG, Capelão Militar do 3º Batalhão-PM (1956-57); Pároco de Gouveia, MG, e Curvelo, MG (1951-57); Capelão da Cia. Industrial S. Roberto (1951-57).

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Belo Horizonte, MG (1959-1982); Arcebispo coadjutor (1982-1986); Vigário Geral e Administrador da Arquidiocese de Belo Horizonte, MG; Arcebispo (a partir de 1986);

Cardeal Presbítero do Título de São Luís Maria Grignon de Montfort (18/01/1998 – João Paulo II); Reitor da Universidade Católica de Minas Gerais, desde 1960; Presidente da ABESC desde 1973; Membro do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho Federal de Educação, da CEP-Leste II

Observ.: promovido a Coadjutor c.d.s. em 22/11/1982, sucedeu em 05/02/1986; em *I Padri*, não consta como presente à 3ª Sessão, mas D. Arnaldo Ribeiro, consultado por Baraúna, confirma sua participação; na 1ª Sessão participou até à metade (*Idem*).

Programas: Produtor e Apresentador (por 10 anos) do programa “A Palavra de Deus”, na TV Itacolomi, BH; Programa diário na Rádio Jornal de Minas

Lema: “Per Eucharistiam Christus” (Cristo pela Eucaristia)

+ vivo em 31-12-2000

227 - Dom Serafim Gomes Jardim

Arcebispo titular de Anasarta, desde 28/10/1953, “emérito” de Diamantina, MG.

Votum: um dos dois vivo a quem não foi solicitado (ver J.B. Cavati)

Vaticano II: não participou

N. em Diamantina, DIAMANTINA, MG, Brasil, em 07/09/1875

Ord. sac.: 01/07/1901

Elev.: 12/03/1914 a Araçuaí, MG

Consagr.: 20/09/1914

Como Bispo: Bispo de Araçuaí, MG (1914-1934), Arcebispo de Diamantina, MG (1934-1953)

+ 02-11-1969

228 – Pe. Servílio Conti, IMC

Pesbítero, Prelado *nullius* de Roraima (Manaus, AM), desde 01/01/1965

Vaticano II: 4º período

Intervenções [1] AS IV/4, 470-72

N. em Vertova, Bergamo, Itália, em 19/10/1916

Ord. sac.: 08/04/1944

Elev.: 08/02/1968 à Igreja titular de Tuburbo Maggiore

Consagr.: 05/05/1968

Estudos: 1º grau: Gazzaniga, Bergamo, Itália (1922-1929); 2º grau: Torino, Itália (1933-1937); Filosofia: Seminário Missões Consolata. Cúneo, Itália (1938-1939); Teologia: Ateneo de Propaganda Fide, Roma, Itália (1940-1945); Especialização: Patrologia

Antes do Episcopado: Professor de Disciplinas Teológicas em Seminário dos Missionários da Consolata Cúneo, Itália (1945-1949) e São Manuel, SP (1950-1958); Mestre dos Noviços em São Manuel, SP (1958-1963); Pároco da Paróquia N. Sra. da Salete, em Erechim, RS (1963); Pároco de Boa Vista, RR (1964); Prelatus *nullius* de Roraima (1964 a maio de 1968)

Como Bispo: Bispo Prelado de Roraima (maio de 1968 até outubro de 1975); Vigário Geral da Diocese de Santa Maria, RS (1979-1997)

Escritos de sua autoria: *O Santo Dia* - 5ª edição, Vozes

Lema: “Servus tuus ego sum”(Sou teu Servo)

+ vivo em 31-12-2000

229 - Dom Severino Mariano de Aguiar

Bispo residencial de Pesqueira (Olinda e Recife, PE), desde 03/12/1956

Votum: ADA II/7, p. 231-232

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Queisimada, Nazaré, PE Brasil, em 14/08/1903

Ord. sac.: 25/09/1928

Elev.: 03/12/1956 a Pesqueira, PE

Consagr.: 31/03/1957

Pais: João Mariano de Aguiar e Ana Joaquina de Aguiar

Estudos: Primário, Orobó, PE; Secundário, Ginásio de Recife, PE, e Seminário de Olinda, PE, Filosofia, Seminário de Olinda, PE; Teologia, Seminário de Olinda, PE, e São Leopoldo, RS

Antes do Episcopado: Diretor Espiritual do Seminário Menor de Nazaré da Mata, PE; Vigário de Nazaré e Goiana, PE; Professor no Colégio PIO XI, Campina Grande, PB (durante 6 anos); Pároco de Campina Grande, PB, e Vigário Geral

Como Bispo: Bispo Residencial em Pesqueira, PE, até 1980

Escritos de sua autoria: Circulares ao Clero

Programa: “Um pingo de conversa”, diariamente, na Rádio Borborema, na Rádio Difusora de Pesqueira, PE, e na Rádio Bitury Belo Jardim, até 1980

Lema: “Monstra Te Matrem” (Mostra-te Mãe)

+ 07-05-1995

+230 - Dom Silvio Maria Dário

Bispo titular, Auxiliar de Botucatu, SP, desde 22/02/1965

Vaticano II: 4º período

N. em Pederneiras, Bauru, SP, Brasil, em 15/08/1919

Ord. sac.: 08/12/1944

Elev.: 22/02/1965 à Igreja titular de Oppido nuovo

Consagr.: 02/05/1965

Pais: Marcelo Dário e Marcelina Cestari Dário

Estudos: Seminário Menor de Botucatu, SP; Teologia e Filosofia: Faculdade de Filosofia e Teologia do Ipiranga, São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Padre na Cúria de Botucatu, SP; Diretor Espiritual e Professor

Como Bispo: Aos 22 de fevereiro de 1965, foi nomeado Bispo auxiliar de Dom Henrique Golland Trindade e, sagrado bispo na mesma Catedral onde foi ordenado sacerdote

+ 02-05-1974

231 - Dom Frei Tadeu Henrique Prost, OFM

Bispo titular, Auxiliar de Belém do Pará, PA, desde 23/08/1962

Vaticano II: 2º e 4º períodos

N. em Chicago, CHICAGO, USA, em 06/12/1915

Ord. sac.: 24/06/1942

Elev.: 23/08/1962 à Igreja titular de Fronta

Consagr.: 01/11/1962

Pais: Matias Prost

Estudos: 1º grau (1920-1929) Chicago, Ill.; 2º Grau (1929-1935), Chicago; Filosofia (1936-39), Cheveland, Ohio, USA; Teologia (1939-43), Teutópolis; Economia Política (1936-1939), Cheveland, Ohio; Missiologia e Mariologia (1937-1943), Cleveland e Teotópolis

Antes do Episcopado: Cooperador e Vigário na Paróquia de Santo Antônio, Belterra, PA, (1943-1951); Delegado Prov. do Comissariado do Sagrado Coração de Jesus (1948-1954), Santarém, PA; Visitador Canônico dos Franciscanos de Goiás (1951); Cooperador da 1º Fundação dos Franciscanos em Santarém, PA, (1955-1956); Capelão dos Irmãos Maristas, Colégio Nossa Sra. de Nazaré, Belém, PA, (1956-1962); Dirigente da Liga da Ação Católica, Belém, (1959-1962)

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Belém, PA, desde 1962; Diretor Regional da Cáritas Região II (1964-1980); Diretor do Escritório dos Prelados da Amazônia (1963-1972); Presidente da Cooperativa Central do Pará (1967-1972); Membro da Ordem dos Frades Menores; Vigário Geral das Religiosas; Reitor do Seminário São Pio X

Programa: Responsável pela Aulas de Instrução Religiosa, dadas pelo Rádio

Lema: “Secundum Verbum Tuum” (Segundo a Tua Palavra)

+ 02-08-1994

232 - Dom Frei Tiago M. Ryan, OFM

Bispo titular, Prelado *nullius* de Santarém (Belém do Pará, PA), desde 31/01/1958

Votum: ADA II/7, p. 302

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 609-10

N. em Chicago, CHICAGO, USA, em 17/11/1912

Ord. sac.: 24/06/1938

Elev.: 31/01/1958 à Igreja titular de Margo

Consagr.: 09/04/1958

Pais: John W. Ryan e Sara Corrigan

Estudos: 1º grau (1918-25), Chicago, Ill

2º grau (1925-31), Teutópolis, Ill. Westmont; Filosofia (1932-35), Cleveland, Ohio; Teologia (1935-39), Teutópolis, Ill.; Retórica (1940-43), Universidade de Northwestern, Evanston, Illinois

Antes do Episcopado: Professor de Retórica (1940-43), Westmont, USA; Vigário da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Fordlândia, Santarém, PA (1944-54); Delegado Provincial (1954-58) e Vigário Geral da Prelazia de Santarém, PA (1957-58)

Como Bispo: Bispo de Santarém, PA, (1958-1985); Delegado nomeado pelo Santo Padre à II Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968); Membro da Comissão Representativa da CNBB (1971); Membro da Diretoria Nacional do MEB; Membro da Ordem dos Frades Menores (OFM)

Programa: “Voz do Pastor”, na Rádio Educadora (Diário), Santarém, PA

Lemas: “In Verbo Tuo” (Na Tua Palavra)

+ vivo em 31-12-2000

233 - Dom Tomás Guilherme Murphy, CSSR

Bispo residencial de Juazeiro (São Salvador da Bahia, BA), desde 16/10/1962

Vaticano II: 2º e 4º períodos

Intervenções [1] AS IV/4, 569-70

N. em Omaha, OMAHA, USA, em 10/12/1917

Ord. sac.: 29/06/1943

Elev.: 16/10/1962 a Juazeiro, BA

Consagr.: 02/01/1963

Pais: Thomaz L. Murphy e Loretta E. Murphy

Estudos: 1º grau, Holy Name School, Omaha, Nebraska, USA; 2º grau St. Joseph’s College, Kirkwood, Missouri, USA; Filosofia e Teologia, Immaculate Conception Seminary (Seminário Redentorista), Oconomowoc, Wis, USA; Pós-Graduação em Educação, Milwaukee, Wis, Univ. Marquette e Pós-Graduação em Psicologia Pastoral, Chicago, Univ. Loyola, USA

Antes do Episcopado: Missionário no Amazonas; Cooperador, Pregador de Missões Populares; Vigário de Manacapuru, AM; Vice-Provincial da Missão Redentorista na Amazônia (1946-58); Coordenador de Programas Vocacionais; Reitor do Seminário Redentorista nos Estados Unidos; Pregador de Retiros e Missões

Como Bispo: Primeiro Bispo de Juazeiro, BA (1963-73); Bispo Auxiliar de Salvador, BA, desde 1973; Secretário do Regional Nordeste III, desde 1975; Membro da Congregação do SS. Redentor (Redentorista)

Lema: “Ad Jesum per Mariam” (A Jesus por Maria)

+ 06-07-1995

234 - Dom Tomás Vaquero

Bispo residencial de São João da Boa Vista (Ribeirão Preto, SP), desde 02/07/1963

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

N. em Pirassununga, Campinas, SP, Brasil, em 21/03/1914

Ord. sac.: 12/04/1941

Elev.: 02/07/1963 a São João da Boa Vista, SP

Consagr.: 15/08/1963

Pais: Pedro Vaquero e Teresa Seidedos Vaquero

Estudos: Primário: Grupo Escolar “Modelo”, Pirassununga, SP; 1º e 2º graus (1930-34), Seminário Diocesano de Campinas, SP; Filosofia (1935-37), Seminário Central do Ipiranga, SP; Teologia (1937-41), Licenciado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália; Cursos de Filosofia (biênio), na Pont. Academia Romana Sto. Tomás de Aquino.

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador na Paróquia de Itapira, SP (1941); Professor no Sem. Central do Ipiranga, SP (1942-49); Secretário Professor e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas, SP, da PUC; Professor da Escola de Enfermagem Madre Teodora Voiron e da Escola do Serviço Social; Redator do Jornal Diocesano “A Tribuna”; Assistente de Ação Católica; Côn. Catedrático e Honorário do Cabido de Campinas, SP (1950-60); Vigário de São José do Mogi-Mirim, SP e Vigário Forâneo da Região de Mogi-Mirim, SP (1960-63)

Como Bispo: Bispo Diocesano de São João da Boa Vista, SP (1963-1991); Professor de Estudo de “Problemas Brasileiros” nas Faculdades da Fundação “Dr. Otávio Bastos” de Educação; Presidente da Academia de Letras de São João da Boa Vista, SP; Professor Emérito da PUC de Campinas, SP

Escritos de sua autoria: Colunas permanentes nos jornais: “A Tribuna” de Campinas; “A Cidade de São João” e “Município” de São João da Boa Vista

Lema: “Ut vitam habeant” (Para que tenham vida) Jo 10,10

+ 02-08-1992

235 - Dom Vicente de Araújo Matos

Bispo residencial de Crato (Fortaleza, CE), desde 28/06/1961

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Itapagé, Itapipoca, então Fortaleza, CE, Brasil, em 11/06/1918

Ord. sac.: 29/11/1942

Elev.: 21/04/1955 à Igreja titular de Antiochia ao Meandro

Consagr.: 11/06/1955

Pais: Virgílio Fausto Matos e Estefânea Araújo Matos

Estudos: 1º grau (1931-1932), 2º grau (1933-1936); Filosofia (1937-1938); Teologia (1939-1942); Pedagogia Catequética e Psicologia Experimental, Fortaleza, CE

Antes do Episcopado: Vigário de Capistrano de Abreu, CE (1943-1944); Diretor do Colégio Castelo (1944-1955); Presidente do Sindicato de Colégios e do Cons. Estadual (1946-1951); Assistente Eclesiástico das Senhoras da Ação Católica e Membro do Conselho Arquidiocesano; Professor da Escola de Serviço Social (1948-55), Fortaleza, CE

Como Bispo: Bispo Auxiliar (1955-59), Vigário Capitular (1959-1961) e Bispo Diocesano de Crato, CE (1961-1992); Membro das Com. Vocações de Ação Social

Lema: “Vincenti dabo manna” (Ao vencedor darei o maná)

+ 06-12-1998

236 - Dom Vicente Marchetti Zioni

Bispo residencial de Bauru (Botucatu, SP), desde 25/03/1964

Votum: ADA II/7, p. 251-254 coletivo

Vaticano II: 2º, 3º e 4º períodos

Comissão: STm

Intervenções [3] AS VI/1, 259; AS VI/1, 300-01; AS II/2, 179

N. em São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, em 14/12/1911

Ord. sac.: 11/04/1936

Elev.: 20/04/1955 à Igreja titular de Lauzado

Consagr.: 29/06/1955

Pais: José Zioni e Maria Marchetti

Estudos: 1º e 2º graus (1919-28), Ginásio Nossa Sra. do Carmo e Seminário Menor de Pirapora do Bom Jesus, SP; Filosofia e Teologia (1929-33), Seminário Maior da Freguesia do Ó de São Paulo, SP; Licenciatura em Teologia e Direito Canônico (1935-38), Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália

Antes do Episcopado: Professor e Reitor do Seminário Central do Ipiranga (1938-55); Reitor do Seminário e Diretor Administrativo da Faculdade Teológica (1947-55); Fundador da Faculdade de Teologia Nossa Sra. da Assunção; Vigário Geral da Arquidiocese (1947-55); Encarregado das Religiosas (1945-55); Co-Fundador do Secretariado Nacional de Defesa da Fé (1939-50); Diretor Arquidiocesano do Apostolado da Oração; Responsável pela Administração dos Seminários da Arquidiocese até 1955

Como Bispo: Bispo Auxiliar de São Paulo (1955-64); Bispo Diocesano de Bauru, SP (1964-68); Arcebispo Metropolitano de Botucatu, SP (1968-1989); Fundador da Congregação Diocesana das Irmãs Franciscanas da Divina Providência; Fundador do Seminário de Vocações de Adultos Sto. Cura D'Arms da Freguesia do Ó, São Paulo, SP; Membro das Com. Pré-Conciliares e Conciliadores do Vaticano II que prepararam o decr. *Optatum Totius* e declaração *Gravissimum educationis*; Delegado à II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín; participante e Presidente da Reunião de FOMEQUE, na Colômbia (Encontro de Diretores Nacionais das Vocações e Seminários); participante do 1º Congresso Internacional de Vocações Sacerdotais em Roma; representante do Brasil na Inauguração da Estátua de Cristo Redentor na Almada, Lisboa; representante do Episcopado Brasileiro quando da Bênção da Rosa de Ouro para o Santuário de Aparecida, SP, em Roma; fundador do Seminário Nossa Sra. da Assunção, em Bauru, SP (1965) e do Seminário Complementar João XXIII, em Botucatu, SP (1974); restaurador do Seminário Arquidiocesano São José, de Botucatu, SP (1976); Membro da Comissão Representativa do Regional Sul I, Secr. Nac. das Vocações Sacerdotais e do Secr. Nac. para o Ministério Hierárquico, da CNBB; fundador da Revista "Cadernos Vocacionais", do "Boletim Pastoral" da Arquidiocese de Botucatu, SP; Diretor do Jornal "A Fé", de Bauru; presidente da Associação Paulista de Hospitais; Membro da Associação dos Jornalistas Católicos; fundador da Associação Paulista de Astronomia e da Liga de Estudos Bíblicos

Escritos de sua autoria: Livros: *O problema espírita no Brasil*; Tradução do *Novo Testamento*, Ed. Paulinas e do *Catecismo para Jovens*, autoria de M. de Hemptine; várias Cartas Pastorais; vários Documentos da Província Eclesiástica de São Paulo; tradução de vários Documentos Pontifícios. Colunas Permanentes em "O São Paulo"; "La Fiamma"; "Diário de Bauru"; "Jornal da Cidade"; "Correio do Noroeste"; "Folha da Sorocabana". Artigos nas revistas "REB", "Cruzado Eucarístico"; "Mensageiro da Paz"; "O Domingo"; "Correio de Botucatu"; "A Gazeta de Botucatu".

Programa: "À procura do Ideal", na Rádio 9 de Julho, São Paulo; Programa na PRF-8 e na Rádio Municipalista de Botucatu, SP.

Lema: "Caritas Fraternalitatis Maneat" (Que a caridade fraterna permaneça)

+ vivo em 31/12/2000

237 - Dom Victor Joannes H. J. Tielbeek, SS.CC.

Bispo titular, Prelado *nullius* de Formosa (Goiânia, GO), desde 04/02/1961

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Raalte, UTRECHT, Holanda, em 16/08/1919; naturalizado em 1967

Ord. sac.: 04/08/1946

Elev.: 04/02/1961 à Igreja titular de Tipasa da Numidia

Consagr.: 09/04/1961

Pais: Antônio M. Tielbeek e D. J. Thoben

Estudos: 1º e 2º graus (1932-39), St. Oedenrode, Holanda; Filosofia (1940-41), Nuland, Holanda; Teologia (1942-46), Valkenburg, Holanda

Antes do Episcopado: Professor de Biologia (1947-55), Araguari, MG; Superior do Seminário (1956), Ferraz de Vasconcelos, SP; Superior e Diretor do Colégio (1957-59), Araguari, MG; Administrador Apostólico em Formosa, GO (1959-61)

Como Bispo: Bispo de Formosa, GO, (1961-1997); Membro da Congregação dos Sagrados Corações

Lema: “Dum Christus annuntietur” (Contanto que Cristo seja anunciado)

+ 24-12-1997

238 - Dom Frei Vunibaldo Godchard Talleur, OFM

Bispo titular, Prelado *nullius* de Rondonópolis (Cuiabá, MT), desde 20/12/1947

Votum: ADA II/7, p. 273-274

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Hildesheim, Hildesheim, Alemanha, em 19/10/1901

Ord. sac.: 24/04/1927

Elev.: 23/12/1947 à Igreja titular de Magido

Consagr.: 07/03/1948

Pais: Alberto e Clara Talleur

Estudos: Formado pela Universidade de Innsbruck, Áustria

Antes do Episcopado: Veio em 1939 para o nosso país, e aqui assumiu a paróquia de Paranaíba, no Mato Grosso. Aos 19/07/1941 foi nomeado Administrador Apostólico de recém-fundada Prelazia de Chapada, com sede em Chapada dos Guimarães, MT. Naquela época era um lugar paupérrimo, com quinhentos habitantes, um único núcleo habitado do imenso sertão e do pantanal pertencente à Prelazia.

Como Bispo: Aos 07/03/1948 recebeu a ordenação episcopal e traduziu o seu programa de trabalho no expressivo lema: *Omnia Uni* (Une a todos). Sua principal preocupação, desde o início, foi procurar atrair colaboradores. Em 1944, chegaram as Irmãs Franciscanas da Ação Pastoral; em 1947, as Irmãs Franciscanas Catequistas. Acompanhando o desenvolvimento da região, fundou células de atividades pastorais em Rondonópolis, MT (1948), São Vicente, MT (1953), Jaciara, MT (1959), Itiquira, MT (1960), Vila Operária (1964), Pedra Preta, MT (1965) e Jucimeira, MT (1967). Conseguiu a vinda de quatro sacerdotes seculares alemães, alguns incardinados, outros residentes. Para a promoção humana do seu povo, construiu grande número de escolas por onde passaram milhares de estudantes, que hoje exercem lideranças diversas na vida pública da região. Em 1960 transferiu a sede da Prelazia de Chapada, MT, para Rondonópolis, MT. Em 1968 realizou a I Assembléia Diocesana de Pastoral, para dinamizar os trabalhos pastorais, culminando na criação da Coordenação Diocesana de Pastoral. Depois de 30 anos de lutas e sacrifícios, renunciou ao governo da Prelazia, passando o múnus a Dom Frei Osório W. Stoffel, ofm

Administrador Apostólico de Chapada⁶³⁶ (19401-1947), Bispo Prelado (1948-1969)

Lema: “Omnia Uni” (Una a todos)

+ 21-03-1975

239 - Dom Waldyr Calheiros de Novais

Bispo titular, Auxiliar de Rio de Janeiro, RJ, desde 25/02/1964

Vaticano II: 3º e 4º períodos

N. em Murici, Maceió, AL, Brasil, em 29/07/1923

Ord. sac.: 25/07/1948

Elev.: 25/02/1964 à Igreja titular de Mulia

Consagr.: 01/05/1964

Pais: Modesto Correia de Novaes e Maria Calheiros de Novaes

Estudos: 1º e 2º graus e Filosofia (1937-45) Seminário Menor e Maior de Maceió, AL; Teologia (1945-48) Seminário Maior do Rio de Janeiro, RJ

Antes do Episcopado: Professor, Diretor Espiritual e Vice-Reitor do Seminário do Rio de Janeiro, RJ (1949-52); Pároco da Paróquia de São Francisco Xavier (1954-64), Rio de Janeiro, RJ

Como Bispo: Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, RJ (1964-66); Bispo Diocesano de Barra do Piraí - Volta Redonda, RJ, desde 08 de dezembro de 1966 (1966-1999); Assistente Nacional do MFC (1965); Membro da Comissão Representativa do Regional (1977-78)

⁶³⁶ A Prelazia *nullius* de Chapada MT foi criada a 13/07/1940. A sede da Prelazia foi transferida a 15/11/1961 para a cidade de Rondonópolis. A 15/02/1986 tornou-se a Diocese de Rondonópolis.

Lema: “Amen, Alleluia” (Amém, Aleluia)
+ vivo em 31-12-2000

240 - **Dom Walfrido Teixeira Vieira**

Bispo residencial de Sobral (Fortaleza, CE), desde 06/01/1965

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

N. em Jaguaquara, Amargosa, BA, Brasil, em 17/12/1921

Ord. sac.: 29/06/1946

Elev.: 15/03/1961 à Igreja titular de Laranda

Consagr.: 29/06/1961

Pais: Galdino Feliciano Vieira e Honorina Teixeira Vieira

Estudos: 1º e 2º graus (1934-40); Filosofia (1940-43); Teologia (1943-47), Salvador, BA

Antes do Episcopado: Secretário do Bispado (1946-56); Reitor e Professor do Seminário (1946-61), Amargosa, BA

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Salvador, BA (1961-65); Bispo Diocesano de Sobral, CE (1965-1998); Membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras

Escritos de sua autoria: Artigos no “Correio da Semana”

Programa: Semanal na Rádio Educadora do Nordeste, Sobral, CE

Lema: “Secundum Verbum Tuum” (Segundo a Tua Palavra)

+ vivo em 31-12-2000

241 - **Dom Walmor Battú Wichrowski**

Bispo titular de Felbes, sem função eclesial durante grande parte do Concílio

Votum: ADA II/7, p. 327-332

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [1] AS II/3, 693-94

N. em Ijuí, Santa Maria, RS, Brasil, em 27/10/1920

Ord. sac.: 23/12/1945

Elev.: 14/02/1958 à Igreja titular de Sanavo

Consagr.: 25/05/1958

Pais: Koão Wichrowski e Odolontina Ferreira Battú

Estudos: 1º e 2º graus (1938-37), Ijuí, RS e Santa Maria, RS; Filosofia e Teologia (1938-45), S. Leopoldo, RS; Cursos de Catequese Pastoral, Mundo Melhor, Arte Sacra e Música Sacra (1954-58), na Itália e outros países da Europa, USA e América Central; Cinema, Cineclubismo, Cinema para Crianças, Cineforum, Curso de Medicina e Farmácia

Antes do Episcopado: Vigário Cooperador em Cachoeira do Sul, RS, Passo Fundo, RS, e Santa Maria, RS (1946-51); Assistente Diocesano da Ação Católica, Ação Social, Catequese, Movimento do Mundo Melhor e do Oásis, do Clube de Cinema; Fundador das Semanas Ruralistas do RS; Orientador da Pastoral de Cinema e Rádio, e Fundador de Boletins e Revistas; Capelão de Colégios e Presídios; Camareiro Secreto (1950-58), Santa Maria, RS

Como Bispo: Bispo Auxiliar de Santos, SP (1958-60); 1º Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, RJ (1960-61); Bispo Auxiliar de Santa Maria, RS (1961-71); Bispo Residente em Ijuí, RS (1966-68); 1º Bispo Diocesano de Cruz Alta, RS (05/06/71); Renunciou sem tomar posse (05/08/71); Assistente Diocesano da A. C., da Ação Social, Catequese, Obra das Vocações, Semanas Ruralistas, Frente Agrária, Movimento do Mundo Melhor e do Oásis, Apostolado do Cinema, Operação Caiçara ALA; Vigário Geral da Diocese de Santos, SP; Jornalista Profissional, Rádio Amador; Membro da Sociedade Geográfica Internacional (USA) e da Associação Riograndense de Imprensa, desde 1956

Escritos de sua autoria: Quando em atividade: Livros: Tradução de Obras do Mundo Melhor, Oásis, FAC e A. C.; Manuscritos sobre o apostolado do Cinema, cinema para crianças, cineforum, Publicações e anuários sobre semanas Ruralistas; Manual do Agricultor. Colunas permanentes no “Jornal do Dia”, Porto Alegre; “Jornal do Povo”, Cachoeira do Sul, RS; “Santos Jornal”, (Diretor) Santos, SP; “Correio Serrano”, Ijuí, RS; “Correio da Lavoura”, Nova Iguaçu, RJ; “Diário Serrano”, Cruz Alta, RS; “A Razão” e “Miles Christi”, Santa Maria, RS

Programas: Quando em atividade: Na Rádio Reporter, Ijuí, RS; Rádios de Santos, SP, e de Nova Iguaçu, RJ; Rádio Imembuí e Medianeira, de Santa Maria, RS

Lema: “Veni Domine Jesus” (Vem, Senhor Jesus) (Ap 22,20)

+ vivo em 31-12-2000

242 - Dom Wilson Laus Schmidt

Bispo residencial de Chapecó (Florianópolis, SC), desde 18/05/1962

Votum: não enviou

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [2] AS II/2, 877-78; AS III/1, 603-04

N. em Florianópolis, Florianópolis, SC, Brasil, em 13/05/1916

Ord. sac.: 31/12/1939

Elev.: 05/09/1957 à Igreja titular de Rodosto

Consagr.: 08/12/1957

Como Bispo: Exerceu o ministério como auxiliar no Rio de Janeiro-RJ (1957-1962); bispo de Chapecó, SC (1962-1968), Bispo titular de Sinadia da Mauritânia (1968-1982)

+ 07-05-1982

243 - Dom Zacarias Rolim de Moura

Bispo residencial de Cajazeiras (PARAÍBA), desde 27/04/1953

Votum: ADA II/7, p. 148-149

Vaticano II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

Intervenções [5] AS I/1, 519-20 - VIII; AS I/2, 267-68; AS I/2, 267-68; AS I/2, 751-52; AS I/3, 352-54; AS VI/1, 355

N. em Crato, Crato, CE, Brasil, em 13/07/1914

Ord. sac.: 08/12/1937

Elev.: 27/04/1953 a Cajazeiras, PB

Consagr.: 26/07/1953

Pais: Bonifácio Gonçalves de Moura e Ana Júlia Rolim de Moura

Estudos: 1º grau (1926-1927), Cajazeiras, PB; 2º grau (1928-1933) e Filosofia (1934-1937) João Pessoa, PB e São Paulo, SP

Antes do Episcopado: Assistente Diocesano de Ação Católica de Cajazeiras, PB; Orientador Espiritual e Professor do Colégio Diocesano Pedro Rolim; Secretário do Sr. Bispo no Conc. Plenário Brasileiro; Vigário Cooperador de Souza, PB; Pároco de Patos, PB

Como Bispo: Bispo Diocesano de Cajazeiras, PB (1953-1990); Professor Honoris Causa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, PB; Membro do Concílio Vaticano II

Programa: “No Ministério da Palavra” e “Missa Dominical”, na Rádio Alto Piranhas, Cajazeiras, PB

Lema: “Veritas et Vita” (Verdade e Vida)

+ 05-04-1992

Fontes:

Anuário Pontifício (1959-1966)

Elenco dei Padri Conciliari. Roma: Tipografia Polyglotta Vaticana, 1962 ss

I Padri presenti al Concilio Ecumenico Vaticano II, a cura della Segreteria Generale del Concilio. Roma: Tipografia Polyglotta Vaticana, 1966

Anuário Católico do Brasil (1960, 1965 [suplementos de 1966, 1967 e 1968], 1970-71, 1997 e 2000)

Diretório Litúrgico - Igreja do Brasil (1960-2001)

CNBB, *Membros da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil (1984, 1997)*

REB - Revista Eclesiástica Brasileira (Necrológio) 1962-2000

ACTA SYNODALIA I a IV; V e VI, *Appendix e Appendix Altera, Indices*

Pastorais do Episcopado Brasileiro - Coleção Mons. Jamil Abib, Rio Claro, SP.

Informações colhidas diretamente junto aos interessados, às dioceses e congregações religiosas

III.3. TABELAS

As tabelas que seguem permitem intuir o perfil dos bispos brasileiros presentes ao Concílio, por idade ao término do Concílio, em 1965 (Tabela 1); por tempo de episcopado (Tabela 2); por idade arredondada ao momento de elevação ao episcopado (Tabela 3).

A Tabela 4 já indica o grupo dos que participaram ao Concílio e que continuam vivos, por ordem de nascimento, ainda que a quase totalidade já seja de bispos eméritos.

1. Tabela dos Padres conciliares brasileiros por ordem de nascimento

Década	Número de nascimentos	Porcentagem
1870-79	4	1,65%
1880-89	18	7,41%
1890-99	26	10,70%
1900-09	55	22,63%
1910-19	107	44,03%
1920-29	33	13,58%
Total	243	100,00%

2. Tabela do Padres conciliares brasileiros, por ordem de elevação

Década	Número de elevações	Porcentagem
1910-19	6	2,47%
1920-29	7	2,88%
1930-39	15	6,17%
1940-49	60	24,69%
1950-59	77	31,69%
1960-65	68	27,98%
1966-70	8	3,29%
Outros	2	0,82%
Total	243	100,00%

3. Tabela geral dos Padres conciliares brasileiros, por idade arredondada, no momento da elevação (data da publicação)

Intervalo em anos de idade	Número de Padres elevados	Porcentagem
De 31 a 35 anos	20	8,23%
De 36 a 40 anos	64	26,34%
De 41 a 45 anos	82	33,74%
De 46 a 50 anos	47	19,34%
De 51 a 55 anos	18	7,41%
De 56 a 65 anos	10	4,12%
De 66 a 75 anos	2	0,82%
Total	243	100,00%

**4. Tabela dos Padres conciliares brasileiros vivos em 13/09/2000,
por ordem de nascimento**

Década	Número de nascimentos	Porcentagem
1900-09	4	6,90%
1910-19	31	53,45%
1920-29	23	39,66%
Total	58	100,00%

A tabela 5 indica um dos aspectos mais interessantes do episcopado “brasileiro”, o seu grande número de bispos vindos de diferentes países e que fizeram do Brasil e de sua Igreja a sua pátria e sua tarefa, ou no dizer de Nóbrega, a “sua empresa”! Outro aspecto incomum em relação a outros episcopados, fora das áreas de missão é o grande número de religiosos, elevados ao ministério episcopal, não só para as prelazias, mas para as restantes dioceses do país.

A última tabela (8) indica os padres conciliares já falecidos entre o término do Concílio e o final de 2000.

**5. Tabela dos Padres conciliares “brasileiros”
religiosos e seculares estrangeiros, por país de origem**

Países De Origem	Religiosos		Seculares		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Itália	22	36.06	3	37,50	25	36.22
USA	08	13.12	0		08	11.59
Holanda	08	13.12	0		08	11.59
Espanha	06	9.83	0		06	8.70
Alemanha	06	9.83	0		06	8.70
França	05	8.20	1	12.50	06	8.70
Polônia	03	4.92	0		03	4,35
Checoslováquia	01	1.64	0		01	1.45
Ucrânia	01	1.64	0		01	1.45
Canadá	01	1.64	0		01	1.45
Portugal	00	-	2	25.00	02	2.90
Síria	00	-	1	12.50	01	1.45
Cuba	00	-	1	12.50	01	1.45
TOTAL	61	100.00	8	100.00	69	100.00

6. Distribuição dos padres estrangeiros entre religiosos e seculares

Padres conciliares	Religiosos		Seculares		Total	
	n °	%	n °	%	n °	%
Estrangeiros	61	88.40	8	11.60	69	100.00
Brasileiros	40	22.98	134	87.02	174	100.00
total geral	101	41.56	142	58.44	243	100.00

7. Distribuição dos padres entre brasileiros e estrangeiros

NACIONALIDADE	RELIGIOSOS		SECULARES		TOTAL	
	N°	%	N°	%	N°	%
BRASIL	40	39.60	134	94.37	174	71.60
OUTROS PAÍSES	61	60.40	8	5.63	68	28.40
TOTAL GERAL	101	100.00	142	100.00	243	100.00

8. Tabela dos Padres conciliares mortos

Mortos com	N°	%	Anos de episcopado
menos de 50 anos	3	1,67%	6
entre 51 e 60	9	5,00%	16
entre 61 e 70	24	13,33%	25
entre 71 e 80	57	31,67%	33
entre 81 e 90	65	36,11%	40
entre 91 e 100	20	11,11%	46
com mais de 100	2	1,11%	46
	180	100,00%	

“Comecei a ser plenamente Bispo, com o Concílio Vaticano II, que tive a graça de viver em Roma e depois em Teófilo Ottoni. Antes me sentia como um funcionário do Vaticano”⁶³⁷.

Dom Quirino Adolfo Schmitz O.F.M.

Bispo de Teófilo Ottoni, MG (1960-1985)

CONCLUSÃO

Estas conclusões tomam como referência principal os anos do Concílio, mas num segundo momento, lançam um olhar para além do limite no tempo imposto a este trabalho: 1959-1965, a fim de captar alguns dos desdobramentos do Concílio, na vida posterior da Igreja do Brasil.

Analisando-se a participação do episcopado brasileiro no desenrolar do Concílio Vaticano II, deve-se reconhecer que esta foi modesta, sob vários pontos de vista, notadamente pela total ausência de bispos brasileiros nos órgãos de direção do concílio: Conselho de Presidência, Secretaria Geral, Comissão de Coordenação, colégio dos Moderadores, Tribunal de Assuntos Extraordinários, Presidência e Secretaria Geral das Comissões Conciliares e dos Secretariados.

Nula também a presença de brasileiros entre os *observadores* de outras Igrejas cristãs e nenhuma entre as *auditrices*. Entre os *auditores*, apenas um dentre eles, Bartolo Perez, provinha do Brasil.

Modesta pelo restrito número de bispos que tomou parte como membros nas Comissões Conciliares, eleitos por seus pares ou nomeados pelo Papa: dez ao todo num universo de mais de três centenas.

Modesta também pelo número de intervenções na Aula Conciliar ou depositadas por escrito, se comparadas com o volume de contribuições provindas dos países europeus.

Modesta enfim, senão pela qualidade, ao menos pela quantidade, bastante reduzida de seus assessores: apenas nove⁶³⁸, num universo de cerca de um milhar.

⁶³⁷ SCHMITZ, Quirino Adolfo. Pastor do Povo de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 62

⁶³⁸ São estes, em ordem alfabética os nove peritos do Brasil, cujos nomes vêm seguidos do número em algarismo romano das sessões do Concílio em que tomaram parte e em algarismo arábico do número da página do *Indices* das *Acta Synodalia*, em que estão registrados: Barauna Vilelmus [Luiz Guilherme Baraúna,

Surpreendentemente, porém esta participação revelou-se significativa, sob outros aspectos:

Numericamente, tratava-se do terceiro maior episcopado do Concílio, logo depois do italiano e do norte-americano. Apresentava, porém um grau de articulação e coesão de que os outros dois não dispunham, graças à estrutura e método de trabalho da CNBB.

Isto fez com que a dimensão da colegialidade, tão crucial na modelagem da nova eclesiologia conciliar fosse intensamente vivida na prática do episcopado brasileiro, antes mesmo que estivesse definida no decorrer do III Período conciliar, com a aprovação da *Lumen Gentium*. Indício claro desta prática colegial ficou patenteado na movimentação da CNBB e do CELAM, logo após a I Congregação Geral de 13-11-1962, no sentido de elaborar, em conjunto com as conferências episcopais da Europa central, as listas de nomes para a eleição dos membros das Comissões Conciliares. Aflorou de novo, nas congregações gerais da segunda semana, quando as duas primeiras intervenções colegiadas do Concílio, foram de iniciativa de bispos do Brasil. O episcopado brasileiro soube, ao longo do Concílio, intervir nos debates de quase todos os esquemas, de maneira bastante preparada, amadurecida e articulada, exprimindo-se colegialmente em proporções que variavam de dois terços a 4/5 dos seus membros.

“O episcopado brasileiro não é boiada”⁶³⁹, foi a expressão utilizada com vivacidade pelo novo presidente da CNBB, Agnelo Rossi, para responder à pergunta do Cardeal Suenens, um dos líderes da maioria, se poderia continuar contando nas votações com o apoio ordenado e maciço do episcopado brasileiro, até então liderado por D. Helder Camara, secretário geral da CNBB. Sem de fato ser boiada, o episcopado seguiu intervindo e votando majoritariamente, de maneira bastante compacta e disciplinada, em favor da maioria, nas questões cruciais e decisivas do Concílio.

teólogo, Roma], O.F.M., III, IV – 937; Barbosa Rocha Zephyrinus [Zeferino Barbosa Rocha, teólogo, Recife, PE], III, IV – 937; Dale Romeus [Frei Romeu Dale, teólogo, Rio de Janeiro, RJ] O.P., III, IV – 939; Guglielmi Antonius [Antonio Guglielmi, biblista, professor em Viena, Áustria, mas pertencente ao clero de Florianópolis, SC], III, IV – 942; Kloppenburg Bonaventura [Frei Boaventura Kloppenburg, teólogo, Petrópolis, RJ] O.F.M., I, II, III, IV – 943; Mascarenhas Roxo Robertus [Mons. Roberto Mascarenhas Roxo, teólogo, São Paulo, SP] III, IV – 944; Moss Tapajoz J. [Mons. José Moss Tapajóz, canonista, Rio de Janeiro, RJ], III, IV – 945; Nabuco Joachim [Mons. Joaquim Nabuco, liturgista, Rio de Janeiro, RJ], I, II, III, IV – 945; Zcrypszak Otto [Mons. Otto Zcrypszak, biblista, Porto Alegre, RS], III, IV – 949. Dos nove, dois (Nabuco e Kloppenburg) participaram dos quatro períodos conciliares e sete dos dois últimos.

⁶³⁹ Carta de D. Agnelo Rossi a José Oscar Beozzo (19-06-1989). FvatII/SP

Tratava-se de um episcopado que, pela diversidade de sua composição, movia-se no interior das muitas e complexas redes de articulação existentes no Concílio e estava permeado por múltiplas influências.

O episcopado brasileiro compensou sua ausência nos órgãos oficiais do Concílio por uma intensa participação nos grupos informais que alcançaram uma significativa capacidade de pressão e de influência sobre o andamento do próprio Concílio. Brasileiros ocuparam lugares de destaque tanto no bloco da minoria, como da maioria conciliares, operando através de dois dos principais agrupamentos que se tornaram instrumentos de articulação e de expressão destas correntes conciliares.

D. Geraldo de Proença Sigaud, atuando sempre em íntima parceria com D. Antônio de Castro Mayer, foi o secretário executivo e o verdadeiro motor do *Coetus Internationalis Patrum*, enquanto o arcebispo francês Marcel Lefebvre apresentava-se como o mentor ideológico e estampava o rosto mais visível do grupo⁶⁴⁰. O *Coetus* gozava de visível simpatia por parte da Cúria romana e contava com importantes conexões institucionais ao seu interior, encontrando nos cardeais Larraona, Browne, Pizzardo, Bacci, Ottaviani⁶⁴¹, mas também em outros cardeais fora da Cúria, como Siri, Santos e Ruffini, firme respaldo para suas iniciativas. A infra-estrutura de apoio para as operações do *Coetus* foi brindada pela TFP do Brasil, tanto em termos financeiros como de voluntariado, para todo tipo de serviços, já desde o primeiro período conciliar, antes mesmo que o *Coetus* se constituísse formalmente, como tal. Em termos de serviços de comunicação e repercussão na imprensa das atividades do *Coetus* este podia contar além da rede de revistas e boletins dos grupos conservadores e mesmo da direita européia, asiática (exilado chineses), africana (bispos europeus expulsos ou substituídas por africanos, no período das lutas pela independência) norte-americana e latino-americana e com o respaldo na Congregação de D. Sigaud, a Sociedade do Verbo Divino, SVD do Pe. Ralph M. Wiltgen S.V.D., religioso norte-americano de origem alemã que dirigia o *Divine Word News Service*, o importante e bem organizado serviço de imprensa de sua congregação.

Por outro lado, Helder Camara, com seu amigo Manuel Larrain, ao início do Concílio vice-presidentes do CELAM, que tinha por detrás de si 600 bispos latino-americanos, estiveram, por sua vez, no coração e na raiz do *Ecumênico*, a articulação de conferências episcopais dos cinco continentes, para influir na marcha do Concílio; do

⁶⁴⁰ Sobre os objetivos, composição e iniciativas do *Coetus*, cfr. PERRIN, Luc, “Il ‘Coetus Internationalis Patrum’ e la minoranza conciliare”, in FATTORI, Maria Teresa e A. MELLONI, *L’evento e le decisioni*, o. cit. pp. 173-188

⁶⁴¹ Ottaviani simpático ao grupo, por reserva devida aos cargos que ocupava como Prefeito do Santo Ofício e presidente da Comissão Teológica, nunca subscreveu publicamente as propostas do *Coetus*.

grupo da *Igreja dos Pobres*⁶⁴², integrado por uma pequena mas aguerrida equipe do Brasil; da organização dos peritos no *Opus Angeli*, três dos mais importantes e eficazes grupos de pressão do concílio. A *Domus Mariae* lugar de moradia dos bispos brasileiros acabou funcionando como local de reunião e quartel general destas articulações. Esses grupos tinham evidentemente outros pontos de apoio como São Luís dos Franceses da Conferência Episcopal Francesa que oferecia os serviços de secretaria para o *Ecumênico*, ou o pequeno apartamento onde viviam Paul Gauthier, Marie Thérèse e suas companheiras, coração pensante e orante do grupo *Igreja dos Pobres* que se reunia no Colégio belga. Enquanto este mesmo Colégio belga. foi o lugar onde se costuraram, num eficiente trabalho de cooperação, entre bispos e peritos, a composição e tecedura dos principais textos conciliares⁶⁴³, na *Domus Mariae* foram pensadas e lançadas as principais iniciativas por parte da maioria conciliar⁶⁴⁴. Se estes grupos não gozavam de nenhuma simpatia na Cúria Romana, puderam contar entretanto com um pé de apoio na Secretaria de Estado, na pessoa de Mons. Angelo Dell'Acqua⁶⁴⁵, um montiniano; nos aposentos pontifícios, em tempos de João XXIII, por intermédio de Mons. Loris Capovilla, seu secretário particular e com uma linha de transmissão direta com Paulo VI, via Dell'Acqua ou Mons. Colombo, teólogo pessoal do Papa e depois Arcebispo de Milão. Contava também, incondicionalmente, com o cardeal Leo Joseph Suenens, um dos quatro moderadores do Concílio, que trabalhava em fina sintonia, de modo particular com o *Ecumênico* e com D. Helder e que podia levar diretamente ao Papa, muitas das sugestões e propostas destes vários grupos. Dentre os moderadores, igualmente os cardeais Lercaro e Döepfner eram simpáticos e favoráveis às propostas do *Ecumênico*. Sem ser oficialmente, porta voz ou serviço da maioria conciliar, o Centro de Informações e Documentação do Episcopado holandês, na Via dell'Anima, n.º 7, o célebre *DO-C* (Dokumentatie Centrum Concilie) desempenhou um papel central na circulação de idéias e difusão das propostas desta maioria⁶⁴⁶.

⁶⁴² PELLETIER, Denis, "Une marginalité engagée: le groupe 'Jesus, l'Église et les pauvres'", in LAMBERIGTS, M., Cl. SOETENS, J. GROOTAERS (ed.). *Les Commissions Conciliaires à Vatican II*. Leuven: Bibliotheek van de Faculteit Godgeleerdheid, 1996, pp. 63-90

⁶⁴³ Sobre o colégio belga e a atuação do seus teólogos, cfr. SOETENS, Claude, "La 'squadra belga' all'interno della maggioranza conciliare", in FATTORI, o. cit. pp. 143-172

⁶⁴⁴ Sobre o papel da *Domus Mariae*, nas articulações conciliares, cfr. NOËL, Pierre C., "Gli incontri delle conferenze episcopali durante il Concilio. Il gruppo della Domus Mariae", in FATTORI, o. cit. pp. 95-134.

⁶⁴⁵ O Arcebispo Angelo dell'Acqua ocupava na Secretaria de Estado o posto de "Sostituto per gli Affari Ordinari", posição logo abaixo à do Secretário de Estado, Amleto Cicognani.

⁶⁴⁶ Sobre o papel em geral da informação religiosa no início do Concílio e de modo particular sobre o *DO-C*, cfr. GROOTAERS, Jan, art. cit., pp. 211-234.

Se outros episcopados, oficial ou oficiosamente, patrocinaram conferências de bispos e teólogos durante o Concílio, nenhum deles montou uma programação tão densa e prestigiosa, como a das *Conferências da Domus Mariae*, contando sempre com uma audiência tão numerosa e constante de padres conciliares. Estas noventa conferências distribuídas ao longo dos quatro períodos conciliares constituíram uma intensa e rica reciclagem cultural, teológica e pastoral oferecida sistematicamente ao episcopado brasileiro que como nenhum outro beneficiou-se do período conciliar para refazer sua visão dos problemas do mundo contemporâneo e da igreja.

Numa tentativa de interpretação sociológica do Concílio e do seu significado, Kaufmann levanta a hipótese de que o Concílio constituiu um momento privilegiado de *modernização* do catolicismo⁶⁴⁷. Seria possível aplicar o conceito para a experiência do episcopado brasileiro no Concílio? É certo que este significou para o episcopado brasileiro um mergulho na diversidade cultural da igreja e do mundo contemporâneos e numa até certo ponto entrada forçada na modernidade e nos seus debates mais cruciais, como o da liberdade religiosa, do diálogo ecumênico e inter-religioso, de compreensão mais histórica e sociológica das grandes correntes sociais e políticas contemporâneas, do liberalismo, ao socialismo e marxismo; de uma avaliação não apenas negativa das ciências, da técnica, da filosofia e cultura modernas e enfim de uma reavaliação histórica da reforma protestante⁶⁴⁸, da revolução francesa e em menor grau da revolução russa. Ao criar João XXIII o *Secretariado para a União dos Cristãos* (05-06-1960) e Paulo VI os *Secretariados para as Religiões não Cristãs* (1964) e, depois, para os *Não-Crentes* (09-04-1965)⁶⁴⁹, estavam ambos sinalizando

⁶⁴⁷ KAUFMANN, Franz-Xaver, “Das Zweite Vatikanische Konzil als Moment einer Modernisierung des Katholizismus”, in WITTSTADT, Karl und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.), *Der Beitrag der Deutschsprachigen und Osteuropäischen Länder zum Zweiten Vatikanischen Konzil*. Leuven: Bibliothek van de Faculteit Godgellerdheid, 1996, pp. 27-44. Cfr. KAUFMANN, Franz-Xaver - A. ZINGERLE (Hrsg.), *Vatikanum II und Modernisierung. Historische, theologische und soziologische Perspektiven*. Paderborn, 1996

⁶⁴⁸ No discurso de abertura da II Sessão do Concílio, saudando os observadores das outras Igrejas cristãs, Paulo VI admitia, por primeira vez, que as culpas pelas divisões podiam estar dos dois lados e disto pedia perdão: “Treme-nos a voz e comove-se-Nos o coração, pois o fato de achá-los hoje junto a Nós, traz-Nos tão indizível conforto e tão doce esperança, que a sua persistente separação Nos causa profundo sofrimento. Se, nas causas dessa separação, culpa pudesse ser-nos imputada, disto pedimos humildemente perdão a Deus, e solicitamos também o perdão dos irmãos que por nós se sentissem ofendidos. E, no que nos concerne, estamos prontos a perdoar as ofensas de que a Igreja Católica foi objeto, e a esquecer as dores que ela experimentou na longa série das dissensões e separações”. PAULO VI, *Discurso de abertura da II Sessão do Concílio*. 29-09-1963. KLOP III, p. 516

⁶⁴⁹ “There was no fanfares for the Secretariat for Non-believers as there had been for the Secretariat for Non-Christian Religions the previous year. The reason for this reticence were plain. If the curial conservatives could just about drag themselves to the point of recognizing some positive values in non-Christian religions, recognizing anything positive in atheism and unbelief would pose a much sterner test of nerves. For under ‘atheism’ they saw ‘atheistic Communism.’ For the three hundred or so who belonged to the *Coetus Internationalis* the only test of schema 13 that mattered was whether it would condemn ‘atheistic Communism’”. HEBBLETHWAITE, o. cit. p. 424. O Cardeal König de Viena aceitou o convite de Paulo VI para presidir o Secretariado, mas com a condição de fazê-lo desde Viena e não de Roma, demonstrando

que a época da intransigência e das condenações estava sendo substituída pela da escuta, do diálogo e da cooperação entre diferentes igrejas cristãs, entre diferentes crenças e entre diferentes éticas e visões de mundo secularizadas e não mais necessariamente religiosas e até mesmo anti-religiosas. O Arcebispo Marcel Lefebvre tropejou imediatamente, acusando que o cavalo de Tróia do mundo moderno havia penetrado a cidadela do catolicismo. De outro lado, por esta e outras iniciativas do Concílio e de Paulo VI, Hebblethwaite podia intitular sua biografia sobre Montini: *Paul VI, the first modern Pope*.

Turbanti assinala entretanto que por detrás da aprovação da *Gaudium et Spes*, o documento chave, junto com a *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa, para sinalizar a entrada da Igreja no mundo moderno, escondiam-se diversos modos e modelos de se conceber a relação entre a Igreja e Mundo moderno⁶⁵⁰.

No campo da informação, o Boletim em língua portuguesa da Sala de Imprensa do Concílio, talvez por ser menos vigiado do que os produzidos em línguas de maior circulação e prestígio, como o italiano, inglês, francês ou espanhol, passou a ser consultado por quem podia transpor a barreira da língua, por ser mais completo e fiel na transmissão das intervenções na Aula Conciliar e traduzir com maior liberdade os embates e conflitos de posições que ali aconteciam.

A iniciativa, a partir do II Período conciliar de produzir em conjunto, CRB e CNBB, um Boletim, o *Concílio em Foco* e, em seguida *Igreja em Foco*, a ser distribuído semanalmente, para todos os jornais, rádios e revistas católicas do país, para as agências de notícias⁶⁵¹, para todas as paróquias e casas religiosas, equipes dirigentes da Ação Católica e do Mundo Melhor, tirou a igreja do Brasil, na sua base, de um perigoso distanciamento e um quase inevitável hiato e mesmo possível curto-circuito, entre o que os bispos debatiam e decidiam em Roma e o desenrolar-se da vida quotidiana da igreja, nas dioceses, paróquias, associações e movimentos. .

que o Secretariado não era uma questão italiana (confronto entre Democracia Cristã e Partido Comunista nas eleições e na política italiana), mas sim internacional. “The Curia drew the short-term conclusion that a body without its head in Rome could not expect to be taken seriously since *les absents ont toujours tort*: there was no one to argue its corner. In fact König proved that it was possible to run a Vatican office without being in Rome. His minuscule Secretariat had a importance out of all proportion to its size: by its very existence it showed that the Church had something to learn from atheists and those who opposed her. This was of decisive importance in the development of schema 13, the future *Gaudium et Spes*”. Ibidem, pp. 424-425.

⁶⁵⁰ TURBANTI, Giovanni, *Un Concilio per il Mondo Moderno. La redazione della costituzione pastorale “Gaudium et Spes” del Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2000. Veja-se especialmente a sua conclusão, pp. 785-812.

⁶⁵¹ Para tanto, a CNBB adquiriu, com fundos provindos do episcopado alemão, a Agência de Notícias ASAPRESS, no terceiro período conciliar.

Enquanto em quase todas as igrejas, a experiência conciliar com a quebra do centralismo romano e com a vinda à tona de tensões e conflitos, até então abafados e reprimidos, a livre discussão das divergências e a criação de correntes e blocos, teve um enorme efeito centrífugo, no episcopado brasileiro o efeito foi atenuado por mecanismos internos e externos. Internamente, as duas assembleias da CNBB, em 1964 e 1965, alterando sua estrutura de direção, democratizando a participação, descentralizando o funcionamento por intermédio dos regionais e criando grupos de trabalho e ação, com um foco preciso - os secretariados nacionais -, ajudou a canalizar as tensões e conflitos e a criar estruturas de dimensões menores (os regionais) para processar o encaminhamento prático das decisões. Os regionais propiciaram mecanismos para a existência de um fórum de diálogo e negociação, onde a participação de cada um estivesse assegurada e as questões regionais e mais locais pudessem ser focalizadas. Sem excluir determinados grupos e correntes, que se sentiam representados num ou noutro nível na entidade, seja nos regionais, seja na comissão central, seja nos secretariados, foram evitadas fraturas institucionais graves.

O ter iniciado o Concílio com um planejamento conjunto de Pastoral, o Plano de Emergência (1962), permitiu que cada reforma conciliar fosse sendo repensada à luz deste plano, um primeiro treinamento para se trabalhar de maneira articulada e planejada. Isto permitiu que fosse assimilado esse instrumento importante de ação que é o planejamento, tornando possível ao final do Concílio, a elaboração dum ambicioso projeto, o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) de aplicação, para a realidade brasileira, da renovação conciliar em todos os níveis: pastoral, catequético, teológico e organizativo. O plano veio intimamente associado a um órgão de suporte na área da pesquisa sociológica, o CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social), encarregado de amplo levantamento da realidade sócio-religiosa do país.

O Concílio levou também a uma reforma interna da CNBB adequando-a à nova proposta eclesiológica e às novas tarefas a que esta se propunha com o PPC.

Externamente a tensão criada entre a Igreja e o novo regime militar levou tanto a Igreja como a sua direção colegiada na CNBB a lutarem pela manutenção da própria coesão frente à ameaça externa. Quanto maior a repressão, tanto maior foi a coesão interna na Igreja, com bispos apoiando publicamente outros irmãos no episcopado, dos quais podiam, em privado, discordar ou aos quais chegavam mesmo a opor-se. A estrutura descentralizada permitiu que, na impossibilidade de dar respostas aceitas consensualmente por todos, pudessem os regionais encontrar respostas setoriais para os problemas mais

conflituosos. Deste modo alguns dos documentos fundamentais da vida da igreja no Brasil, vindos à .luz, em 1973, tiveram sua origem nos regionais ou nas pastorais setoriais: assim, o documento *Eu ouvi os clamores do meu Brasil*⁶⁵², veio dos bispos e superiores maiores do Nordeste; *A marginalização de um povo*⁶⁵³, do Regional Centro Oeste; *Y Juca Pirama, o Índio, aquele que deve morrer*, divulgado no Natal de 1973, dos setores indigenistas missionários aglutinado ao redor do CIMI⁶⁵⁴. Já os dois documentos seguintes de grande impacto na opinião pública vieram de instâncias nacionais da CNBB, um do seu Conselho Permanente, a *Mensagem Pastoral ao Povo de Deus*, em 1976 e outro da própria Assembléia da CNBB de abril de 1980: *A Igreja e problemas da Terra*⁶⁵⁵. Releve-se, entretanto que o documento da terra foi fruto direto do anterior trabalho e dos estudos patrocinados pela CPT⁶⁵⁶.

A frase colocada como epígrafe para esta conclusão: “*Comecei a ser plenamente Bispo, com o Concílio Vaticano II, que tive a graça de viver em Roma e depois em Teófilo Ottoni. Antes me sentia como um funcionário do Vaticano*”⁶⁵⁷, ilustra outro aspecto chave da experiência conciliar, o da transformação das pessoas. Praticamente, nenhum bispo saiu do Vaticano II da mesma maneira em que entrou. Todos foram abalados em suas convicções tradicionais, colocadas uma a uma em questão, nos debates conciliares. Para cada ponto de doutrina ou de disciplina eclesiástica, para cada norma do direito canônico ou de regulamentação litúrgica, para cada interpretação teológica ou bíblica, surgiram visões contrastantes, com sólidos argumentos tirados da bíblia, da tradição, da teologia e da história da Igreja, obrigando os participantes do Concílio a refletirem, a se informarem e finalmente a escolherem pelo seu voto individual esta ou aquela posição, dirimindo questões de fundo ou de forma. Descobriram-se, durante o Concílio, com maior ou menor preparo, com maior ou menor projeção ou envolvimento, atores, mesmo que às vezes menores do grande jogo conciliar e co-responsáveis pela vida e doutrina do conjunto da Igreja.

Voltando às suas dioceses, trouxeram consigo esse aprendizado e herança, vivendo-a contraditoriamente em sua prática pastoral e de governo. Muitos criaram em suas dioceses, instâncias de participação colegiadas, com os conselhos diocesanos de

⁶⁵² SEDOC, vol. 6, n° 67, dez. 1973, pp. 607-628

⁶⁵³ SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga, *Evolução Política dos católicos e da Igreja do Brasil. Hipóteses para uma interpretação*. Petrópolis, Vozes, 1979, Anexo II, Documento 4, pp. 200-239.

⁶⁵⁴ SEDOC, vol. 7, n° 73, julho/agosto 1974, pp. 91-111

⁶⁵⁵ CNBB, *Igreja e problemas da terra*, SEDOC, vol. 12, n° 193, julho/agosto 1986, pp. 81-95

⁶⁵⁶ Veja-se notadamente na coleção Estudos da CNBB, os volumes elaborados pela CPT (Comissão Pastoral da Terra): CNBB/CPT, *Pastoral da Terra – Estudos da CNBB 11*. São Paulo: Paulinas, 1976 [1977 2ª. ed. revista e ampliada]; CNBB/CPT, *Pastoral da Terra: posse e conflitos*. Estudos da CNBB 13. São Paulo: Paulinas, 1976.

⁶⁵⁷ SCHMITZ, Quirino Adolfo. *Pastor do Povo de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 62

presbíteros, conselhos diocesanos de pastoral, assembleias diocesanas para definirem as opções e linhas de atuação pastoral. Surgiram assim igrejas com rostos muito próprios, rompendo com a antiga uniformidade. Outros porém seguiram atuando de forma autoritária e isolada e inseguros diante das mudanças, tomaram atitudes de controle e repressão. Foram porém minoria no quadro da igreja do Brasil.

Em relação à experiência de outras igrejas, pode-se dizer que o Concílio representou, para a Europa, o desaguadouro e ponto de chegada de importantes movimentos que, de certo modo o anteciparam e prepararam: o movimento litúrgico, o movimento bíblico, os movimentos leigos da ação católica especializada, o movimento dos padres operários e da Missão da França, o movimento missionário.

Para a Igreja do Brasil e da América Latina, em geral, sem deixar de ser desaguadouro e ponto de chegada, o Concílio foi sobretudo nascedouro e ponto de partida para importantes experiências de igreja, tanto pastorais quanto teológicas. No plano eclesiológico, as comunidades eclesiais de base (CEBs), nem sequer mencionadas no Concílio, tornam-se já uma das propostas fundamentais no PPC da CNBB. Este é um exemplo típico do que se está mencionando.

Do mesmo modo, do encontro das novas intuições do Concílio, com a realidade latino-americano, foi aos poucos formulando-se uma nova pastoral e finalmente uma teologia própria da América Latina, a Teologia da Libertação.

Não aconteceu de nenhum outro país chegar, ao final do Concílio, com um Plano de Pastoral devidamente aprovado para colocar um marcha as decisões do concílio, como se deu com a CNBB e o seu Plano de Pastoral de Conjunto.

Não aconteceu também em nenhum outro continente, evento comparável ao de Medellín, como um caso exemplar de uma recepção continental e colegiada do Vaticano II, realizada de maneira fiel, mas ao mesmo tempo seletiva e criativa em relação às inspirações maiores do concílio⁶⁵⁸. Baste citar o modo como foi recebida a *Gaudium et Spes*, o documento conciliar sobre a Igreja no Mundo de Hoje. Em Medellín, não é mais o documento final e fecho dos demais, floração sofrida e derradeira da laboriosa agenda conciliar, mas sim documento inaugural e fundante para os demais, cuja temática desdobra-se nos dois textos iniciais, o de *Justiça* e o de *Paz*. O método da *Gaudium et Spes*, partindo de uma leitura da realidade vista como lugar onde Deus fala e nos interpela e que se

⁶⁵⁸ Sobre a recepção do Vaticano II por Medellín, cfr. BEOZZO, José Oscar, “Medellín: inspiração e raíces”, in REB 58, n.º 232, dez. 1998, pp. 822-850.

transforma, teologicamente, em *sinais dos tempos*, torna-se explicitamente o método de todos os 16 documentos de Medellín, todos eles calcados no *ver, julgar e agir*, método herdado da JOC de Cardijn e dos demais movimentos da Ação Católica Especializada. Este modo de proceder transforma-se logo depois num dos pressupostos metodológicos da teologia latino-americana da libertação, tão bem analisados e teoricamente travados por Clodovis Boff na sua tese dedicada ao tema⁶⁵⁹.

O mesmo se pode dizer acerca do modo como foi tratada a questão eclesiológica em Medellín. Em vez de abordar o conjunto das questões, centrou-se no desafio crucial para a Igreja no Terceiro Mundo e mesmo para a Igreja em si, já apontado por João XXIII, às vésperas do Concílio, o desafio de ser uma Igreja dos pobres: “Altro punto luminoso. In faccia ai paesi sottosviluppati la Chiesa si presenta quale è, e vuol essere, la Chiesa di tutti, e particolarmente la Chiesa dei poveri”⁶⁶⁰.

A proposta reforçada na Aula Conciliar pelo Cardeal Lercaro, em sua célebre intervenção de 06-12-1962, na 35^a Congregação Geral, não logrou tornar-se o eixo central da *Lumen Gentium*: “Il mistero di Cristo nella Chiesa è stato sempre ed è oggi il mistero di Cristo nei poveri. Purtroppo nessuno degli schemi propostici rispecchia quest’aspetto primario ed essenziale del mistero di Cristo. Prima di concludere i nostro lavori, dobbiamo considerare nostro dovere di accogliere il mistero di Cristo nei poveri e l’evangelizzazione dei poveri, e farne il centro e l’anima del nostro lavoro, oggi che il problema della povertà è così drammaticamente sentito, e che la Chiesa sembra curarsi meno dei poveri, che la considerano lontana ed estranea”⁶⁶¹.

Por sua vez, o documento eclesiológico de Medellín, o de número 14, espelha bem esta acolhida e leva por título e por conteúdo, esta preocupação essencial: *Pobreza na Igreja*⁶⁶².

Tratava-se de um episcopado igualmente atravessado pelos conflitos, contradições e diversidade de correntes pastorais, teológicas e ideológicas em choque no Concílio, mas que encontrava um espaço e mecanismos para o confronto e o diálogo,

⁶⁵⁹ BOFF, Clodovis, *Teologia e Prática. Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis, Vozes, 1993, 3^a ed. com prefácio auto-crítico. Mais recentemente, cfr. BOFF, Clodovis, *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998 (versão didática e versão completa). Numa versão mais popular, cfr. BOFF, Leonardo e Clodovis, *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1993, 6^a ed.

⁶⁶⁰ JOÃO XXIII, *Nuntius Radiophonicus*. Romae, 11 sep. 1962. ADP I, 351-352

⁶⁶¹ CAPRILE II, p. 254. AS I/4, 327 ss

⁶⁶² CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968 – Texto oficial*. São Paulo: Paulinas, 1998, pp. 195-203

interagindo nos grupos de estudo, nas conferências, nos debates internos e na preparação das intervenções coletivas.

A trajetória da Igreja do Brasil, em tantos pontos, entremeada à da Igreja latino-americana, sofre, em outros pontos, uma evolução própria. Fruto talvez dos laços de amizade que puderam tecer os bispos com determinados expoentes do mundo protestante durante o Concílio como os irmãos de Taizé que falaram aos bispos do Brasil por diversas vezes na *Domus Mariae*, ou Oscar Culmann, responsável igualmente por uma das conferências e mercê igualmente de iniciativas comuns tomadas durante o Concílio, como o lançamento da Operação Esperança por parte da Comunidade de Taizé e a vinda para Recife de um pequeno grupo de Taizé que morou inicialmente com os monges beneditinos de Olinda, o certo é que a Igreja do Brasil empreendeu uma caminhada ecumênica sem similar nos outros países da América Latina. Essa raiz na experiência conciliar foi muito bem expressa por um bispo: “O Concílio aproximou os bispos uns dos outros. Nos fez irmãos também dos não católicos, dos quais alguns eram observadores nas assembléias”⁶⁶³. Não que o ecumenismo não tenha florescido em iniciativas corajosas em outros países do continente, como a Vicaria de Solidaridad no Chile, nos seus primórdios, ou o Serviço de Justiça e Paz (SERPAJ), na Argentina e no Uruguai para fazer frente às violações dos direitos humanos e aos desmandos das ditaduras militares no cone-sul, ou nos trabalhos em favor da paz e da acolhida e reassentamento dos refugiados das guerras civis, em El Salvador, Guatemala, Nicarágua, assumidos conjuntamente por igrejas evangélicas e pela Igreja Católica. Mas em nenhum outro país latino-americano, a Igreja Católica uniu-se a outras igrejas evangélicas ou vindas da ortodoxia, para estabelecer organismos oficiais de cooperação e comunhão, como a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços) e depois o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs)⁶⁶⁴. A cooperação no CONIC culminou recentemente num esforço coletivo nacional ao ser lançada pelas igrejas que o integram, secundadas por outras igrejas evangélicas, a Campanha da Fraternidade Ecumênica no ano 2.000: *Dignidade Humana e Paz – Novo Milênio sem Exclusões*⁶⁶⁵.

⁶⁶³ SCHMITZ, o.cit. p. 63

⁶⁶⁴ O CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), começou a articular-se em 1976, sendo oficializado em 1982. Está constituído pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Católica Romana (ICR), Igreja Metodista do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Presbiteriana Unida (IPU), Igreja Ortodoxa Siriana, Igreja Reformada Húngara.

⁶⁶⁵ CONIC, CF –2000. Texto base: Dignidade Humana e Paz – Novo Milênio sem Exclusões. Brasília: Salesianos, 1999. Para uma avaliação conjunta da CF-2000, cfr. CONIC, Documento Final da Comissão Organizadora da Campanha da Fraternidade 2000 – Ecumênica: “Dignidade Humana e Paz - “Novo Milênio sem Exclusões”. Brasília, 26 de setembro de 2.000.

Raízes anteriores de um esforço ecumênico podem ser encontradas no campo protestante, no esforço de cooperação interdenominacional liderado por Erasmo Braga, desde a década de 20 do século passado; no empenho no campo social de toda a corrente do evangelho social na Igreja metodista, desde o final da II Guerra Mundial; a Conferência do Nordeste, promovida em 1963, pela Confederação Evangélica do Brasil; mas também nos incipientes contatos entre católicos e evangélicos, nascidos da cooperação entre JUC e Juventude Evangélica no início dos anos 60, dentro do movimento estudantil; no surgimento de ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina) e de uma Teologia latino-americana da libertação integrada tanto por evangélicos como por católicos. Essa cooperação ecumênica entre católicos e evangélicos no Brasil consolidou-se de maneira mais forte no campo bíblico, tanto na esfera da produção e cooperação acadêmica com intercâmbio de professores nos centros de formação teológica, na produção conjunta da RIBLA (Revista Bíblica Latino-americana), como na bem sucedida parceria nos setores populares, com o CEBI. Deitou raízes importantes também entre o conjunto das representantes da teologia feminista latino-americana; nos movimentos da teologia negra e nos organismos ecumênicos de luta contra o racismo ou ainda nos espaços de formulação da teologia índia.

Em que pesem tensões e retrocessos, a cooperação entre bispos e teólogos tão bem amarrada durante o Concílio, prosseguiu de modo fecundo, fazendo com que nem a Pastoral se estiolasse por falta de reflexão teológica crítica que a acompanhasse e alimentasse, nem a teologia descolou da realidade, por falta de uma inserção eclesial mais orgânica e proximidade constante das pastorais, das comunidades, dos movimentos populares e dos desafios seculares vividos pelos leigos e pela própria Igreja.

Nas grandes tensões dos anos 1984 e 1986, quando de Roma partiram os documentos críticos em relação à teologia latino-americana da libertação e se abriu processo à teologia de Leonardo Boff, a ida imediata dos dois cardeais franciscanos, Paulo Evaristo Arns e Aloísio Lorscheider e do presidente da CNBB, Ivo Lorscheiter, acompanhando Leonardo e emprestando-lhe apoio diante da Congregação da Doutrina da Fé, foi sinal claro da profunda articulação operada durante o Concílio e no imediato pós-concílio entre serviço episcopal e serviço teológico na Igreja do Brasil.

A crise entre magistério e teologia nas esferas romanas, com repercussões na América Latina e no Brasil colocou a rude prova, as bases de cooperação e a confiança mútua até então existentes. Deixou também, é certo seqüelas e, ressabiados, muitos dos teólogos e teólogas, de modo particular os que sofreram restrições nas suas atividades de

ensino e publicações, particularmente duras em Recife, com o fechamento pelo arcebispo local do ITER (Instituto Teológico do Recife) e na PUC do Rio de Janeiro, onde vários teólogos foram afastados do magistério pelo seu Grão Chanceler, o Arcebispo do Rio de Janeiro. Teve por outro lado, desdobramentos positivos pois, até então, os teólogos eram convocados por um organismo da CNBB, o INP (Instituto Nacional de Pastoral), reunindo-se sob a sua égide.

A crise da década de 80, levou teólogos e teólogas a procurarem o próprio espaço de organização, resultando daí o nascimento da SOTER (Sociedade de Teologia e Estudos da Religião), uma sociedade civil e não eclesial que congrega ecumenicamente teólogos e teólogas, católicos e protestantes mas também estudiosos e pesquisadores no campo da religião. Sem perder os laços de comunhão com a hierarquia e continuando a prestar seus serviços à pastoral e à formação, à pesquisa e ensino teológico, teólogos e teólogas criaram seu próprio espaço e forjaram um caminho mais autônomo.

Esses desdobramentos positivos não teriam sido possíveis sem uma sólida base lançada pelos anos de intensa e estreita cooperação entre teologia e magistério nascida durante o Concílio.

Até mesmo a Comissão Episcopal de Doutrina (CED) da CNBB nasceu menos como instância de vigilância e repressão e mais de estímulo à produção teológica e principalmente de diálogo, de modo particular nos longos anos da presidência de Dom Aloísio Lorscheider, já nos anos do Concílio, jovem presidente da Comissão de Teologia da CNBB.

O mesmo pode-se dizer da experiência positiva de cooperação entre religiosos e religiosas e bispos, concretizada nos mecanismos institucionais em âmbito nacional, regional e diocesano estabelecidos entre CRB e CNBB, evitando as crises e tensões destrutivas que eclodiram entre CLAR (Conferência Latino-americana de Religiosos) e CELAM, na esfera latino-americana. Exemplo claro da diferença na forma de operarem, foi a proibição pelo CELAM, do ambicioso projeto de leitura bíblica em sete volumes, promovido pela CLAR, Palavra-Vida. Proibido em Bogotá pelo CELAM, foi editado no Brasil, com apoio da CNBB e da CRB e com prefácio nitidamente de aval e de solidariedade de Dom Aloísio Lorscheider, ele mesmo religioso e bispo.

De novo, deve-se dizer, que o envolvimento dos religiosos e sobretudo das religiosas na reinvenção da vida religiosa a partir do Concílio e na implantação das linhas de ação pastoral resultantes do PPC, fizeram delas e deles o principal motor, da recepção do Concílio Vaticano II no Brasil.

Por fim, o Concílio comportou tanto na pastoral como na doutrina, elementos de ruptura e de continuidade. Os riscos de ruptura foram pressentidos de modo agudo pelos assim chamados conservadores de vários matizes. No Brasil, estes articularam-se de maneira intransigente em torno dos remanescentes do *Coetus Internationalis*, de modo particular de D. Geraldo de Proença Sigaud e D. Antônio de Castro Mayer e do seu jornal *O Catolicismo*. Outros, como Gustavo Corção participaram da fundação das revistas *Hora Presente* fundada em São Paulo e *Permanência*, publicada no Rio de Janeiro, sob as bênçãos do seu Cardeal Arcebispo, D. Jaime de Barros Câmara. Paradoxalmente, a fidelidade a um passado intocável e irreformável, apoiado na tradição intransigente do papado, representado por Pio IX e o *Syllabus*, anatematizando os erros modernos, por Pio X e a encíclica *Pascendi*, condenando o modernismo; Pio XII e a *Humani Generis* estigmatizando a *Nouvelle Théologie*, o evolucionismo, levou D. Castro Mayer a romper a unidade com a própria Sé Romana, para seguir Marcel Lefebvre e sua Fraternidade Pio X. Participou da consagração de novos bispos para o seu movimento, sem consentimento de Roma, sendo por isto considerado cismático.⁶⁶⁶

A ruptura aconteceu igualmente no âmbito das formas de associação e de piedade próprias do laicato católico, desde as mais tradicionais como o Apostolado da Oração e as Congregações Marianas até as mais modernas como a Ação Católica. De um certo modo, porém, uma vez consumada a ruptura e advinda a morte de certas formas de organização, militância e espiritualidade, com o conseqüente nascimento de outras, entre a JEC e a Pastoral de Juventude, entre a JUC e a Pastoral Universitária, entre a JOC e a ACO e a Pastoral Operária, subsistiu mais de um elemento na linha da continuidade. Estes elementos podem ser encontrados seja no comum caráter de organismos leigos, seja na pedagogia, no método, na espiritualidade, mas já dentro de um novo quadro eclesiológico e pastoral. Maior dificuldade encontraram as associações tradicionais, muitas das quais prosseguiram numa vida quase vegetativa, sem grandes apoios institucionais, com exceção das Conferências Vicentinas. O enfraquecimento do tipo de cristologia por detrás das devoções e associações, como o Apostolado da Oração, vinculadas à figura do Sagrado Coração de Jesus, levou ao enfraquecimento da própria devoção e das práticas que a secundavam como a da comunhão nas Nove Primeiras Sextas Feiras do mês. O

⁶⁶⁶ Sobre a tradição intransigente na Igreja Católica, leia-se com proveito o estudo do historiador Daniele Menozzi..... Sobre os grupos que se opuseram ao Concílio e recusaram sua aplicação, veja-se do mesmo autor: “L’anticoncilio (1966-1984)”, in ALBERIGO, Giuseppe J.-P. JOSSUA (a cura de), *Il Vaticano II e la Chiesa*. Brescia: Paideia, 1985, pp. 433-464

debilitamento da proposta de instauração de uma nova cristandade, subjacente à Ação Católica e suportada pela cristologia expressa na festa do Cristo Rei e do seu reino a ser instaurado no mundo, dificultou igualmente a vigência de organizações como a Ação Católica. A mudança eclesiológica e teológica de um apostolado do leigos concebido como *manus longa* da hierarquia no mundo, através da figura do *mandato*, para um outro apostolado, enraizado na vocação apostólica de cada cristão, em virtude do próprio batismo, deixou igualmente desamparada a antiga concepção de Ação Católica. De nenhum modo, foi tranqüila a transição dos católicos tradicionais para formas eclesiais nascentes como as Comunidades Eclesiais de Base ou mesmo de antigos militantes de Ação Católica para formas de militância concretizadas nas várias pastorais sociais. O mais comum é que estas transições não tenham acontecido, sendo mais fáceis as inserções nas novas formas organizacionais e espirituais do catolicismo pós-conciliar da parte das novas gerações daqueles adultos desenraizados de seu ambiente tradicional, por conta das migrações e acolhidos num novo contexto social e eclesial onde eventualmente as comunidades eclesiais de base constituíam uma experiência viva.

Outros movimentos entretanto que floresceram no pós-concílio, guardam uma relação ambígua com o mesmo. Se de um lado o Concílio estimulou a autonomia dos leigos, enfatizou a importância dos carismas e não apenas da face institucional da Igreja e, neste sentido, pode encontrar-se na raiz de movimentos como os cursilhos de cristandade, dos movimentos carismáticos, de outro, estes mesmos movimentos afastam-se de outras linhas de fundo do próprio Concílio, como o da presença ativa e transformadora da Igreja no mundo⁶⁶⁷.

Por fim, se for estabelecida uma comparação com os dirigentes de outras áreas do sociedade brasileira: elites empresariais ou políticas, sindicais ou militares, estudantis, de jornalísticas, professores universitários ou de outras categorias profissionais, a nenhuma delas foi dado viver uma experiência semelhante à da elite eclesiástica brasileira, que foi colocada em interação consigo mesma, num intenso processo de re-socialização quotidiana, mas também em interação com a elite eclesiástica de praticamente todos os países do globo; em interação também com outras igrejas e em contato com uma larga diversidade de visões de mundo e de diferenças ideológicas e com toda gama de problemas, religiosos e

⁶⁶⁷ Sobre a Renovação Carismática Católica e sua importância na vida contemporânea da Igreja, veja o recente estudo de PRANDI, *Reginaldo, Um Sopro do Espírito*. São Paulo: EDUSP : FAPESP, 1997. Sobre o crescente pluralismo religioso da sociedade brasileira, veja-se PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo, *A realidade social das Religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

organizacionais, políticos e sociais, econômicos e culturais. O ter vivido esta experiência no exterior, isolados por meses do contexto brasileiro, conferiu a esta experiência um agudo sentido de pertença ao próprio país e de consciência de suas diferenças em relação a outros povos e culturas, tanto positiva como negativamente. Deu-lhes igualmente consciência de pertencer a uma Igreja diferente das outras, com muitas limitações mas com grandes qualidades, com sua própria história e suas próprias soluções pastorais.

Isto não aconteceu de maneira fugidia no contexto de um seminário ou de um congresso de poucos dias onde se intercambiam informações, são partilhadas pesquisas ou se discutem problemas acadêmicos, mas sem criar laços duradouros. Aconteceu dentro de um processo de longa duração que iniciou-se em 1959 e só terminou em 1965, com quatro dilatados períodos de convivência e de trabalho quotidiano em comum, que significou também para os bispos brasileiros morar, comer, estudar, discutir, gozar de momentos de lazer e rezar conjuntamente, durante vários meses.

Em meio às dramáticas mudanças políticas ocorridas no Brasil em 1964, o grupo dirigente da Igreja teve possibilidade de conferir conjuntamente, longe dos olhos dos outros, o que havia acontecido; rever posições e atitudes e traçar um mínimo de posições comuns face aos eventos, que tão profundamente haviam dividido e mesmo oposto suas lideranças.

O caráter do Concílio não era o de um espaço apenas de intercâmbio ou de aprendizado, mas sim de decisões, o que faz amadurecer as pessoas, dificultando uma participação de caráter apenas passivo.

Neste sentido, pode-se falar de uma geração do Concílio Vaticano II, cuja trajetória foi profundamente marcada por este evento e que levou esta marca para sua atuação pastoral mas também para as estruturas e formas de interagir e de agir da própria CNBB.

Dentro de seus conflitos e contradições, o episcopado brasileiro foi talvez um dos poucos segmento das elites do país que pode fazer a travessia dos anos de crise da sociedade brasileira, com alto grau de coesão e confiança mútuas, com mecanismos de discussão e tomada de decisões bastante regulares e eficazes, dentro das estruturas regionais e nacionais da CNBB, graças aos seus anos de experiência conciliar. E *last but not least*, antecipando-se aos tempos de globalização, estabeleceu laços de grande alcance com os episcopados dos outros países da América Latina, lançou pontes sólidas com bispos e conferências episcopais nos vários continentes o que permitiu à Igreja do Brasil gozar de pronta solidariedade em momentos de perigo e ter contato com um fluxo regular de

recursos em pessoas e em dinheiro vindos de outros países, para muitos dos seus projetos e iniciativas do pós-concílio.

Permitiu-lhe mesmo empreender, em julho de 1976, um ousado projeto internacional, intitulado *Jornadas Internacionais por uma sociedade superando as dominações*, copatrocinado pelas conferências episcopais do Canadá, Estados Unidos, da França, a Federação das Conferências Episcopais da Ásia, o Conselho das Conferências Episcopais da Europa, a Comissão Internacional de Juristas e a Coordenação Ecumênica de Serviços (CESE) do Brasil⁶⁶⁸. O projeto provocou entusiasmo e imediata adesão de outras Conferências Episcopais, como as da Alemanha e Bélgica e de mais de um milhar de universidades, entidades não governamentais, associações de pequeno porte ou de prestígio mundial. Esta iniciativa acabou criando um impasse com Roma, ciosa em manter um estrito monopólio sobre iniciativas da Igreja Católica em âmbito internacional. Ciosa igualmente por sustar iniciativas que escapassem ao seu direto controle e decidida a impedir que entre as conferências episcopais se estabelecesse uma rede autônoma, sem passar pelo crivo do centro romano. A concepção ali vigente continua sendo, em que pese o Concílio, a doutrina da colegialidade e da co-responsabilidade dos bispos em termos de uma solicitude universal por toda a Igreja, a de uma roda, para cujo centro convergem todos os raios, mas não de um sistema, onde as várias igrejas nacionais se articulam em rede ou funcionam como vasos comunicantes entre si⁶⁶⁹.

⁶⁶⁸ CNBB, “Lançamento das Jornadas Internacionais por uma sociedade superando as dominações”, in CM n. 286, julho 1976, pp. 626-634; “Circular do Presidente da CNBB (24-07-1976, P-C n. 1497/76); CNBB, *Por uma sociedade internacional superando as dominações*. Estudos da CNBB 19. São Paulo: Paulinas, 1978.

⁶⁶⁹ Cfr. “Igreja local e solicitude universal”, in BEOZZO, José Oscar, *A Igreja do Brasil*, o. cit. pp. 216-219

QUADROS SINTÉTICOS COMPARATIVOS DAS INTERVENÇÕES DOS PADRES CONCILIARES BRASILEIROS

São apresentados, a seguir, uma série de listas e quadros comparativos, para melhor se situar as intervenções dos padres conciliares brasileiros ao longo dos quatro períodos do Concílio:

1. Lista dos padres conciliares brasileiros, pelo número decrescente de intervenções orais ou escritas. O nome do bispo vem precedido por seu número de ordem na Prosopografia e seguido por “Vat. II” e a indicação dos períodos conciliares em que esteve presente. Na linha seguinte, o algarismo em negrito colocado entre colchetes assinala o número de intervenções realizadas. Estas estão arroladas, na ordem em que foram apresentadas, com a respectiva localização nas *AS* ou nos *APPENDICES*. Quando se trata de intervenção oral, aparece em algarismos romanos, o número da Congregação Geral em que foi proferida.
2. Quadro sintético de todas estas intervenções, indicando o número de padres por elas responsáveis, em ordem decrescente.
3. Quadro sintético das intervenções individuais e coletivas, orais e escritas.
4. Reprodução do quadro elaborado por Giovanni Caprile das intervenções apresentadas oralmente na Aula Conciliar dos padres conciliares por continentes e países.
5. Quadro comparativo entre as intervenções orais do Brasil e dos demais continentes.

AS II/1, 701-02; AS II/3, 229-31 – LIV; AS II/3, 770-75; AS II/4, 889-92; AS II/5, 903; AS III/1, 489; AS III/2, 154; AS III/2, 433-34; AS II/3, 910;
AS III/3, 171-72; AS III/3, 490-91; AS III/3 867-69; AS III/4, 629-30; AS III/4, 916-17; AS III/VI, 594-98; AS III/7, 892-93;
AS IV/2, 806-10; AS IV/5, 454-60;
AS VI/1, 213-14 (Periodus I – 1962);

224 - Dom Salomão Ferraz Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[11] AS I/1, 581-83 – IX; AS I/3, 328; AS II/1, 662; AS II/3, 459-60; AS II/4, 853-55; AS II/5, 890-91; AS III/4, 730; AS III/4, 894-97; AS III/7, 844; AS III/8, 992-93; AS IV/2, 153-53;

102- Dom Geraldo de Proença Sigaud SVD Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[10] AS I/3, 224-29-XXIII; AS II/2, 34-36 – XL; AS II/2, 366-369 – XLIV; AS II/6, 112-13; AS VI/2, 503-04; AS III/1, 678-80; AS III/3, 648-57; AS IV/2, 47-50 CXXXIII; AS IV/2, 130-32; AS IV/4, 482-88;

114 - Dom Helder Pessoa Camara Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[10] AS VI/1 (Periodus I – 1962), 294-98; AS VI/1 (Periodus I – 1962), 298-99; AS II/5, 150-52; AS III/5, 509-10; AS III/7, 941-43; AS II/8, 1039-42; AS IV/2, 893-901; AS IV/III, 860-61; AS IV/3, 350-53; AS IV/3, 496-99;

184 - Dom Luiz Gonzaga da Cunha Marelím Vat. II: 1º, 2º e 4º períodos
[10] AS I/1, 496-97 – VIII; AS I/2, 78 – XI; AS I/2, 355; AS I/2, 509; AS I/2, 691; AS II/4, 664-65; AS II/5, 120-22; AS II/5, 287; AS II/6, 382; AS IV/2, 118;

8 - Dom Agnello Rossi Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[9] AS I/3, 353-54; AS III/1, 492; AS III/2, 227-29 LXXXIV; AS III/2, 738-39; AS III/3, 177-78; AS IV/1 399-03 CXXXI; AS IV/2, 460-65 CXXXVI; AS IV/3, 62-64 CXXXIX; AS IV/5, 29-33 CL;

18- Dom Aloísio Lorscheider, OFM Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[7] AS II/5, 801-02; AS II/6, 123; AS III/4, 964; AS III/7, 631-32; AS III/8, 929-30; AS IV/2, 211-13; AS II/3, 510-11

65 - Dom Clemente José Carlos Isnard, osb Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/1, 489-90 – VII; AS I/2, 238-40; AS I/2, 300-01 – XIV; AS II/2, 787-88; AS II/5, 137-38; AS II/5, 321;

86 – Dom Eugênio de Araújo Salles Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/3, 574-75; AS I/4, 453-54; AS III/5, 450; AS III/7, 604-05; AS IV/2, 126; AS IV/4, 476-78;

- 90 - Dom Fernando Gomes dos Santos Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/3, 331-33; AS II/4, 488-491 - LXI; AS III/4, 420-22 CI; AS III/4, 422- 25 CI; AS III/7, 265-66; AS IV/4, 518-20;
- 100- Dom Gabriel Paulino Bueno Couto O. Carm. Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS II/2, 685-88; AS II/4, 116-119; AS VI/2, 545-46; AS III/2, 635-37; AS IV/2, 92-95; AS IV/4, 453-54;
- 119 - Dom Hugo Bressane de Araújo Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[6] AS I/2, 210-11; AS II/1, 485-88; AS II/3, 695; AS II/5, 847-49; AS III/V, 777-79; AS IV/II, 685;
- 116 - Dom Henrique Heitor Golland Trindade, ofm Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/2, 645-46-XVIII; AS II/3, 179-81 – LIII; AS II/6, 227-29 – LXXVII; AS III/V, 552-55 CIX; AS IV/3, 801-03;
- 132 - Dom João Batista da Mota e Albuquerque Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/2, 216-17; AS II/2 714-18; AS II/6, 383-84; AS III/2, 180-81; AS III/2, 182-85.
- 243 - Dom Zacarias Rolim de Moura Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[5] AS I/1, 519-20 – VIII; AS I/2, 267-68; AS I/2, 267-68; AS I/2, 751-52; AS I/3, 352-54; AS VI/1, 355;
- 14 - Dom Alfonso (ou Afonso) Maria Ungarelli Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS I/1, 336-38 – IV; AS I/1, 658-61; AS III/6, 633-34; AS IV/4, 652-55;
- 51 - Dom Benedito Zorzi Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS II/5, 872-73; AS III/2, 750; AS III/4, 662-63; AS III/8, 23-27 CXXIII;
- 57 - Dom Cândido Padin Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS II/3, 27-29 – I; AS III/4, 172-76 XIC; AS III/8, 528; AS IV/3, 140-41 CXL;
- 89 - Dom Felipe Condurú Pacheco Vat. II: ausente
[4] AS II/4, 840; AS III/3, 889; AS III/7, 828; AS III/8, 981;
- 167 - Dom José Romão Martenetz Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS II/1, 718; AS II/3, 474; AS II/5, 252; AS IV/3, 832;
- 179 - Dom José Vicente Távora Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[4] AS APPENDIX PRIMA 412 (pp. 552 ante caput IV); AS II/2, 199; AS II/3, 549-52;
- 13 - Dom Alexandre Gonçalves do Amaral Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS I/1, 417-18 – VI; AS II/5, 308-10; AS II/6, 115-17;

- 56- Dom Cândido Maria Júlio Bampi, ofm cap. Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS II/1, 472-75; AS II/3, 686-88; AS IV/4, 901-02;
- 142 - Dom Jorge Marcos de Oliveira Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS IV/3, 181-87; AS IV/3, 314-19; AS IV/3, 792-94;
- 196- Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS I/2, 354, AS II/2, 712-13; AS II/4, 145;
- 206 - Dom Orlando Chaves, sdb Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS APPENDIX PRIMA 401 (II/2, pp. 703); AS II/2, 702-03; AS II/4, 125;
- 236 - Dom Vicente Angelo José Zioni Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
[3] AS VI/1, 259; AS VI/1, 300-01; AS II/2, 179;
- 11 - Dom Alberto Gaudêncio Ramos Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS III/6, 602-04; AS III/6, 653-55
- 79- Dom Eliseu Maria Coroli B., crsp Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS I/2, 213-215; AS I/3 572-73
- 29 - Dom Antônio Ferreira de Macedo, CSSR Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS APPENDIX PRIMA 522-23 (III/8, pp. 239-359); AS III/4, 413-15 CI;
- 44 - Dom Augusto (de) Carvalho Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS III/8, 708; AS, Appendix Prima 619 (III/6, pp. 471-655)
- 93 – Dom Francesco Mansour Zayek Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS II/5, 169-70; AS III/7, 935-39;
- 94 - Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS I/2, 203; AS IV/2, 81-82;
- 122 - Dom Inácio Krause, CM Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS APPENDIX PRIMA 523 (III/8, p. 301); AS III/8, 301-303;
- 207 - Dom Oscar de Oliveira Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS APPENDIX PRIMA, 517-18 (III/7, pp. 569-663); AS III/6, 504-05;
- 242 - Dom Wilson Laus Schmidt Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[2] AS II/2, 877-78; AS III/1, 603-04
- 7 - Dom Adriano Mandarino Hypólito, OFM Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[1] AS III/4, 324-25
- 16 - Dom Alfredo Vicente Scherer Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
[1] AS III/8, 756-58;

40 - Dom Arcângelo Cerqua, PIME [1] AS IV/4, 463-69;	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
41 - Dom Aristides Pirovano, PIME [1] AS IV/4, 316-9 CXLVII;	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
50 - Dom Benedito Domingos Coscia OFM [1] AS IV/4, 474	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
54- Dom Caetano Antônio Lima dos Santos, ofm cap. [1] AS II/2, 797	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
58- Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta [1] [AS II/4, 612-615 – LXIII intervenção apresentada por Dom Jaime de Barros Câmara em nome de Dom Carlos e de 110 outros bispos brasileiros];	Vat. II: 1º e 2º períodos
72 - Dom Daniel Tavares Baeta Neves [1] AS II/2, 887 (cf. 65);	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
73 - Dom David Picão [1] AS IV/5, 437-38;	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
104- Dom Geraldo Maria de Moraes Penido [1] AS APPENDIX PRIMA, 353 (I/2, pp. 195-287);	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
109- Dom Giovanni Gazza, sx [1] AS IV/4, 296-01 CXLVII;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
113 - Dom Guido Maria Casullo [1] AS III/2, 266-69;	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
120 - Dom Idílio José Soares Bispo de Santos – SP [1] AS II/5, 870;	Vat. II: 1º e 2º períodos
125 - Dom Jaime Antônio Schuck, ofm [1] AS III/6, 655	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
143 - Dom José Adelino Dantas [1] AS I/2, 217;	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
145 – D. José Alvarez Mácuia do Pérpetuo Socorro, ORSA [1] AS I/2, 345	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos
149 - Dom José Brandão de Castro, CSSR [1] AS III/6, 480-81	Vat. II: 1º , 2º, 3º e 4º períodos

160 - Dom José Gonçalves da Costa, CSSR [1] AS IV/4, 928-29;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
163 - Dom José Lafayette Ferreira Álvares [1] AS I/2, 724-25	Vat. II: 1º período
164 - Dom José Lamartine Soares [1] AS III/6, 304-07;	Vat. II: 2º, 3º e 4º períodos
166 - Dom José Maria Pires [1] AS IV/3, 463-64;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
176 - Dom José Thurler [1] AS III/6, 341-43;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
181 - Dom Lafayette Libânio [1] AS I/2, 724-25	Vat. II: 1º período
192 - Dom Manuel da Silveira d'Elboux [1] AS VI/1 (Periodus I – 1962), 333	Vat. II: 1º, 2º e 3º períodos
194- Dom Manoel Pereira da Costa [1] AS I/1, 244 – III	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
201 - Dom Martinho Michler, osb [1] AS III/1, 739;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
211- Paulo Hipólito de Souza Libório [1] AS APPENDIX PRIMA, 419 (III/1, pp. 629-796);	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
228 – Pe. Servílio Conti, imc [1] AS IV/4, 470-72	Vat. II: 4º período
232 - Dom Tiago M. Ryan, ofm [1] AS IV/4, 609-10;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos
233 - Dom Tomás (Thomas) Guilherme (Willelmus) Murphy, cssr [1] AS IV/4, 569-70;	Vat. II: 2º e 4º períodos
241 - Dom Walmor Battú Wichrowski [1] AS II/3, 693-94;	Vat. II: 1º, 2º, 3º e 4º períodos

2. QUADRO SINTÉTICO DAS INTERVENÇÕES EM ORDEM DECRESCENTE

INTERVENÇÕES	NÚMERO DE PADRES	TOTAL
33	1: Grotti ¹	33
30	1: Castro Mayer ²	30
26	1: Bandeira de Melo ³	26
23	1: Jaime de Barros ⁴	23
21	1: Przyklenk	21
11	1: Salomão Ferraz	11
10	3: Sigaud, Helder, Marelim	30
09	1 :Rossi ⁵	09
07	1 :Lorscheider	07
06	5: Isnard, Eug. Salles, Paul.Couto, F.Gomes, Hugo B.de Araujo	30
05	3 :Golland Trindade, Mota e Albuquerque, Zacarias	15
04	6	24
03	6	18
02	9	18
01	30 ⁶	30
TOTAL	70	325

Somente 70 padres conciliares brasileiros apresentaram algum tipo de intervenção no Concílio, 30 dos quais com apenas uma interferência, número inferior ao de um único padre conciliar, Giocondo Grotti, responsável por 33 intervenções. Note-se ainda que Grotti

¹ Giocondo Grotti foi de início um franco atirador mas, a partir de determinado momento da III sessão, tornou-se porta-voz dos prelados da região amazônica.

² Castro Mayer apresenta-se de início como franco atirador, mas cada vez mais, a partir do II Período é visto como porta-voz das posições do *Coetus Internationalis Patrum*.

³ Bandeira de Mello foi exclusivamente franco-atirador, sendo inúmeras vezes admoestado pelos Moderadores que lhe caçaram a palavra, por fugir do assunto em exame ou por exceder-se no tempo a ele concedido pelo regulamento. Alinhou-se várias vezes às posições mais extremadas do *Coetus*.

⁴ D. Jaime de Barros Câmara foi o responsável pela maior parte das intervenções coletivas do episcopado brasileiro na Aula Conciliar (14/25). Foi o porta-voz institucional da CNBB da qual era presidente na primeira e segunda sessões, até sua renúncia em novembro de 1963. Na falta de outro cardeal brasileiro durante a III Sessão, pela ausência tanto de Dom Álvaro Augusto da Silva, como do Cardeal de Aparecida, Dom Jaime continuou prestando este serviço ao episcopado.

⁵ Dom Agnelo Rossi fez cinco intervenções antes de ser eleito presidente da CNBB em 1964 e ser nomeado cardeal em fevereiro de 1965. Como cardeal e presidente da CNBB durante a última sessão, foi responsável por mais quatro intervenções, todas elas coletivas, em nome do episcopado brasileiro.

⁶ Não está incluída nesta soma a intervenção de Dom Carlos Carmelo Motta, apresentada por Dom Jaime de Barros Câmara e já computada sob seu nome.

compareceu só aos três últimos períodos conciliares. A maioria preferiu aderir às intervenções preparadas coletivamente pelo episcopado brasileiro.

3. QUADRO GERAL DAS INTERVENÇÕES COLETIVAS E INDIVIDUAIS, ORAIS OU ESCRITAS

INTERVENÇÕES	COLETIVAS	INDIVIDUAIS	TOTAL
ORAIS	25	38	63
ESCRITAS	62	187	249 (262) ⁷
TOTAL	87	225	312

Das 25 intervenções coletivas orais, 18 foram proferidas pelos cardeais brasileiros, D. Jaime de Barros Câmara (14) e D. Agnelo Rossi (4) e só sete por outros padres conciliares, sinal evidente de que o episcopado brasileiro valeu-se amiúde do privilégio de precedência concedido regimentalmente aos cardeais, para suas intervenções individuais ou coletivas na Aula Conciliar.

Dentre os cardeais brasileiros, Dom Álvaro Augusto da Silva, cardeal primaz da Bahia, já com 86 anos de idade, compareceu apenas à primeira sessão, sem fazer entretanto nenhuma intervenção oral ou por escrito. Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, cardeal arcebispo de São Paulo compareceu à primeira sessão, mas apenas de 11 a 26 de outubro de 1962 e à segunda sessão. No intervalo entre a segunda e a terceira sessões, em abril de 1964, renunciou à Arquidiocese de São Paulo, sendo transferido para Aparecida do Norte. Deixou de comparecer à terceira e quarta sessões do Concílio. Não fez também nenhuma intervenção oral ou por escrito. A única intervenção por ele encabeçada (AS II/4, 612-615) foi lida na Aula Conciliar durante a LXIII Congregação Geral por Dom Jaime de Barros Câmara. Este último era o presidente da CNBB durante a primeira e segunda sessões. Renunciou porém à

⁷ O total alcança 262, se incluirmos outros tipos de interventos escritos de padres brasileiros durante o período conciliar, registrados nos papéis da Secretaria Geral do Concílio, mas que não se encaixam diretamente no estilo das intervenções.

presidência, durante a II Sessão, em novembro de 1963. No decurso de toda a III Sessão (setembro a dezembro de 1964), foi o único cardeal brasileiro presente. A esse título, continuou apresentando as intervenções coletivas do Brasil. Fez ao todo 23 intervenções, 14 das quais coletivas, como porta-voz do episcopado brasileiro, lendo as intervenções produzidas colegialmente e anunciando, por vezes, que só concordava em parte com o conteúdo do que estava apresentando⁸. Dom Agnelo Rossi, arcebispo de Ribeirão Preto foi eleito presidente da CNBB durante a III Sessão, sendo empossado a 12 de outubro de 1964. Logo depois (01-11-1964) foi nomeado Arcebispo de São Paulo e elevado ao cardinalato a 22 de fevereiro de 1965. Substituiu Dom Jaime na qualidade de porta-voz do episcopado brasileiro, pronunciando quatro intervenções coletivas durante a quarta sessão.

É elevada a soma das intervenções coletivas orais (25) ou escritas (62) apresentadas pelos padres conciliares brasileiros, ultrapassando um quarto de todas suas intervenções ($87/312 = 27\%$). Sem ter podido conferir esta percentagem, país por país, há indícios de que seja das mais elevada do Concílio, visto o precedente de que as duas primeiras intervenções coletivas foram do episcopado brasileiro, antes mesmo que o regulamento estimulasse este tipo de procedimento, e a forma organizada e colegialmente articulada, de como procedeu ao longo de todo o Concílio.

⁸ “Nomine em.mi ac rev.mi D. card. De Vasconcellos Motta, arch. Paulopolitani, necnon 110 aliorum episcoporum brasiliensium qui congregati examinavimus cap. I decreti *de episcopis et de diocesium regimine*, sequentes praesentamus augusto consessui observationes, quibus partim tantum adhaereo.” (grifo nosso) AS II/4, 612

V. FONTES E INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

V.1. FONTES

V.1.1 Fontes Inéditas

CAMARA, H.P., *Correspondência da Secretaria Geral da CNBB para os anos 1962 a 1964*, CNBB, Brasília (cópias in: Arquivos CNBB - Fundo Vaticano II de São Paulo e Fundo CNBB - ISR de Bolonha).

CAMARA, H.P. & AMOROSO LIMA, A. (Tristão de Athayde), pasta *Helder Camara in Correspondências*, CAALL, Petrópolis.

CONGAR, Y., *Journal* - ISR (Bolonha).

COSTA, J.G. da, *Correspondência da Secretaria Geral da CNBB para os anos 1964 a 1966*, CNBB, Brasília (cópias in: Arquivos CNBB - Fundo Vaticano II de São Paulo e Fundo CNBB - ISR de Bolonha).

FUNDO VATICANO II – Biblioteca Obra Social Redentorista Pesquisas Religiosas – São Paulo (com cerca de 5000 documentos de bispos e peritos brasileiros participantes do Concílio Vaticano II)

GLORIEUX, A., *Historia praesertim Sessionum Schematis XVII seu XIII De Ecclesia in mundo huius temporis* - ISR (Bolonha).

NICORA, A., *Diario* - ISR (Bolonha) .

RAMOS, A.G., *Conciliábulo* - Fundo Vaticano II de São Paulo (copia em microfilmes e em diapositivos no Fondo A.G.Ramos - ISR de Bolonha)

Sintesi finale e Rapporto sintetico sui consigli e suggerimenti dati dagli Ecc.mi Vescovi e Prelati dell'America latina per il futuro Concilio Ecumenico, Fondo Ganebet, III/III - ISR (Bolonha).

TROMP, S., *Relatio «de doctrina fidei et morum»*, pp. 1-10; *Relatio: Consensus plenarius Commissionis De Doctrina Fidei et Morum diebus 21 februarium usque 13 martii 1963*, pp. 1-33; *Acta Commissionis De Doctrina Fidei et Morum 13 mart. - 30 Sept. 1963*, pp. 1-41; *Relatio de laboribus Commissionis De Doctrina Fidei et Morum (15 Mart. - 16 Iulii 1964)*, pp. 1-31; *Relatio de laboribus Commissionis De Doctrina Fidei et Morum (17 Iulii - 31 Decembris 1964)*, pp. 1-65; *Relatio de laboribus Commissionis De Doctrina Fidei et Morum 22 Nov. 1964 - Iulii 1965*, pp. 1-62; *Relatio de laboribus Commissionis (14.Sept. - Dec. 1965)*, pp. 1-126. Fondo Tromp. S. ISR (Bolonha)

TUCCI, R., *Diario* - ISR (Bologna).

ZASPE, V., *Diario* - ISR (Bologna)

V.1.2. Fontes Publicadas

ACTA E DOCUMENTA CONCILIO OECUMENICO VATICANO II
APPARANDO, cura et studio Archivi Concilii Oecumenici Vaticani II, Typis
 Polyglottis Vaticanis

Serie I: *Antepreparatoria*

Volumen I: *Acta Summi Pontificis Ioannis XXIII* (1960)

Volumen II: *Consilia et vote Episcoporum ac Praelatorum*

Pars I: *Europa. Anglia - Austria - Belgium - Dania - Finnia - Gallia - Gedanum - Germania*
 (sub secreto) (1960)

Pars II: *Europa. Gibraltaria - Graecia - Helvetia - Hibernia - Hispania - Hollandia - Hungaria*
- Islandia - Iugoslavia - Lettonia - Lucemburgum - Lusitania - Melita - Norvegia -
Polonia - Portus Herculis Monoeci - Suetia - Turchia Europaea (sub secreto) (1960)

Pars III: *Europa. Italia* (sub secreto) (1960)

Pars IV: *Asia* (sub secreto) (1960)

Pars V: *Africa* (sub secreto) (1960)

Pars VI: *America septemtrionalis et centralis* (sub secreto) (1960)

Pars VII: *America meridionalis - Oceania* (sub secreto) (1961)

Pars VIII: *Superiores generalis religiosorum* (sub secreto) (1961)

Appendix volumini II: *Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab Episcopis et*
Praelatis data sunt

Pars I: *Doctrinae capita - Normae generales C.I.C. - De personis - Disciplina cleri - De*
seminariis - De religiosis - De laicis (sub secreto) (1961)

Pars II: *De sacramentis - De locis sacris - De praeceptis ecclesiasticis - De cultu divino - De*
magisterio ecclesiastico - De beneficiis et de bonis ecclesiae temporalibus - De processibus - De
delictis et poenis - De missionibus - de oecumenismo - De actuositate ecclesiae (sub secreto)
 (1961)

Volumen III: *Proposita et monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae* (sub secreto)
 (1960)

Volumen IV: *Studia et vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*

Pars I/ 1: *Universitates et facultates in Urbe* (sub secreto) (1961)

/ 2: *Universitates et facultates in Urbe* (sub secreto) (1961)

Pars II: *Universitates et facultates extra Urbem* (sub secreto) (1961)

Volumen V: *Indices* (1961)

ACTA E DOCUMENTA CONCILIO OECUMENICO VATICANO II
APPARANDO, cura et studio Archivi Concilii Oecumenici Vaticani II, Typis
 Polyglottis Vaticanis

Serie II: *Praeparatoria*

Volumen I: *Acta Summi Pontificis Ioannis XXIII* (1964)

Volumen II: *Acta Pontificiae Commissionis Centralis praeparatoriae Concilii Oecumenici Vaticani II*

Pars I: *Sessio prima: 12-20 iunii 1961; sessio secunda: 7-17 novembris 1961* (sub secreto)
 (1965)

Pars II: *Sessio tertia: 15-23 ianuarii 1962; sessio quarta: 19-27 februarii 1962* (sub secreto)
 (1967)

Pars III: *Sessio quinta: 26 martii - 3 aprilis 1962; sessio sexta: 3-12 maii 1962* (sub secreto)
 (1968)

Pars IV: *Sessio septima: 12-19 iunii 1962* (sub secreto) (1968)

Volumen III: *Acta Commissionum et Secretariatuum Praeparatoriorum Concilii Oecumenici Vaticani II*

Pars I: *Commissiones: Theologica, De episcopis et dioeceseon regimine, De Disciplina cleri et populi christiani, De religiosis, De disciplina sacramentorum* (sub secreto) (1969)

Pars II: *Commissiones: De sacra liturgia, De studiis et seminariis, De ecclesiis orientalibus, De missionibus, De apostolatu laicorum. Secretariatus: De scriptis prelo edendis et de spectaculis moderandis, Ad christianorum unitatem fovendam* (sub secreto) (1969)

Volumen IV: *Acta Subcommissionum Commissionis Centralis praeparatoriae*

Pars I: *Submissio de normis condendis* (1988)

Pars II: *Submissio de materiis mixtis* (1988)

Pars III: *Submissio de schematibus emendantis*

- 1. *Sessiones I-VII, 22 ianuarii - 11 maii 1962* (1994)

- 2. *Sessiones VIII-XIV, 15 iunii - 20 iulii 1962* (1995)

ACTA SYNODALLA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI
II (1962-1965), cura et studio Archivi Concilii Oecumenici Vaticani II, Typis
 Polyglottis Vaticanis

Volumen I: *Periodus prima*

Pars 1: *Sessio publica I. Congregationes generales I-IX* (1970)

Pars II: *Congregationes generales X-XVIII* (1970)

- Pars III: *Congregationes generales XIX-XXX* (1971)
- Pars IV: *Congregationes generales XXXI-XXXVI* (1971)
- Volumen II: *Periodus secunda*
- Pars I: *Sessio publica II. Congregationes generales XXXVII-XXXIX* (1971)
- Pars II: *Congregationes generales XL-XLIX* (1972)
- Pars III: *Congregationes generales L-LVIII* (1972)
- Pars IV: *Congregationes generales LIX-LXIV* (1972)
- Pars V: *Congregationes generales LXV-LXXIII* (1973)
- Pars VI: *Congregationes generales LXXIV-LXXIX. Sessio publica III* (1973)
- Volumen III: *Periodus tertia*
- Pars I: *Sessio publica IV. Congregationes generales LXXX-LXXXII* (1973)
- Pars II: *Congregationes generales LXXXIII-LXXXIX* (1974)
- Pars III: *Congregationes generales XC-XCV* (1974)
- Pars IV: *Congregationes generales XCVI-CII* (1974)
- Pars V: *Congregationes generales CIII-CXI* (1975)
- Pars VI: *Congregationes generales CXII-CXVIII* (1975)
- Pars VII: *Congregationes generales CXIX-CXXII* (1975)
- Pars VIII: *Congregationes generales CXXII-CXXVII. Sessio publica V* (1976)
- Volumen IV: *Periodus quarta*
- Pars I: *Sessio publica VI. Congregationes generales CXXVII-CXXXII* (1976)
- Pars II: *Congregationes generales CXXXIII-CXXXVII* (1977)
- Pars III: *Congregationes generales CXXXVIII-CXLV* (1977)
- Pars IV: *Congregationes generales CXLVI-CL* (1977)
- Pars V: *Congregationes generales CLI-CLV. Sessio publica VII* (1978)
- Pars VI: *Congregationes generales CLVI-CLXIV. Sessio publica VIII* (1978)
- Pars VII: *Congregationes generales CLXIV-CLXVII., Sessiones publicae IX-X* (1978)
- Volumen V: *Processus verbale*
- Pars I: *Consilium praesidentiae (1962); Secretariatus de Concilii negotiis extra ordinem (1962); Commissio de Concilii laboribus coordinandis (sessiones I-VII: 21 ianuarii - 23 octobris 1963)* (1989)
- Pars II: *Commissio de Concilii laboribus coordinandis (sessiones VIII-XVII: 29 octobris 1963 - 7 octobris 1964)* (1990)

Pars III: *Commissio de Concilio laboribus coordinandis (sessiones XVIII-XXIII: 15 octobris 1964 - 1 decembris 1965). Moderatores (30 octobris 1963 - 26 octobris 1965)*
(1991)

Volumen VI: *Acta Secretariae Generalis*

Pars I-IV (1996-1999)

Indices (1980)

Appendix (1983)

Appendix Altera (1984)

V.1.3. Testemunhos de participantes

BETTI U., *Pagine di diario*, in *La "Dei verbum" trent'anni dopo. Miscellanea in onore di Padre Umberto Betti o.f.m.* (a cura di N. Ciola), Roma 1995, pp. 301-373.

CHENU, M.-D., *Notes quotidiennes au Concile* (ed. A. Melloni), Paris 1995; *Diario del Vaticano II. Note quotidiane al Concilio 1962-1963* (a cura di A. Melloni), Bologna 1996.

CONGAR, Y.-M., *Le concile au jour le jour*, 4 vol., Paris 1963-1966.

EDELBY, N., *Il Vaticano II nel diario di un vescovo arabo* (a cura di R. Cannelli), Cinisello Balsamo 1996.

Elenco dei Padri Conciliari, Tipografia Poliglotta Vaticana, 1962 ss.

GIOVANNI XXIII, *Lettere 1958-1963* (a cura di L. Capovilla), Roma 1978.

I Padri presenti al Concilio Ecumenico Vaticano II (a cura della Segreteria Generale del Concilio), Tipografia Poliglotta Vaticana 1966.

LERCARO, G., *Lettere dal Concilio* (a cura di G. Battelli), Bologna 1980.

_____, *Per la forza dello spirito. Discorsi conciliari*, Bologna 1984.

Pontificie Commissioni Conciliari del Concilio Ecumenico Vaticano II, 4 vv., Tipografia Poliglotta Vaticana 1962-1965.

MOUALLEM, Kyr Pierre, *A Igreja Greco-Melquita no Concílio – Discursos e notas do Patriarca Máximo IV e dos Prelados de sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II*, Eparquia Melquita do Brasil – Loyola, São Paulo, 1992

SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM II, *Constitutiones, Decreta, Declarationes* (cura et studio Secretariae Generalis Concilii Oecumenici Vaticani II), Città del Vaticano 1966.

DOCUMENTOS DO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações (edição bilingüe com texto português revisto pelos Subsecretários da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), Prefácio: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M., Petrópolis, 1966

COMPENDIO DO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações (Introdução e Índice analítico, Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M.; Coordenação geral, Frei Frederico Vier O.F.M., Petrópolis, 1966

VATICANO II, Mensagens, Discursos, Documentos (tradução Francisco Catão), Paulinas, São Paulo, 1998

SIRI, G., *Diario*, in B. LAY, *Il Papa non eletto. Giuseppe Siri, cardinale di Santa Romana Chiesa*, Bari 1992, pp. 356-403.

Synopsis historica Constitutionis dogmaticae Lumen Gentium (a cura di G. Alberigo e F. Magistretti), Bologna 1975.

V.2. INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

2.1 Gerais

ABEL, A.M. - BIZEAU, P., *Le fond du Concile Vatican II aux archives diocésaines de Chartres*, in «Bulletin de l'Association des archivistes de l'Eglise de France» 31 (1990), pp. 8-44.

ABEL, A.M. - MARCHASSON, Y., *Présentation du fonds Blanchet des Archives de l'Institut catholique de Paris*, in «Revue de l'Institut Catholique de Paris» juillet-septembre (1990), pp. 207-223.

ABEL, A.M. - RIBAUT, J.P., *Documents pour une histoire du Concile Vatican II. Inventaire du Fonds Jacques Le Cordier*, Institut Catholique de Paris avec le concours du Département de la Recherche, 1993.

_____, *Répertoire des Archives de Vatican II en France*, in «Ensemble» (1988), pp. 209-210.

ALBERIGO, A. (a cura di) *Giacomo Lercaro. Vescovo della chiesa di Dio (1891-1976)*, Genova 1991.

ALBERIGO, A. e. G. (a cura di), «*Con tutte le tue forze*». *I nodi della fede cristiana oggi. Omaggio a Giuseppe Dossetti*, Genova 1993.

ALBERIGO, G., (a cura di), *Papa Giovanni*, Bari 1987.

_____, (a cura di), *Giovanni XXIII. Transizione del Papato e della Chiesa*, Roma 1988.

_____, *Concilio Vaticano II (1962-1965)*, in *Storia dei concili ecumenici* (a cura de ID.), Brescia 1990, pp. 399-448. Tradução brasileira: *História dos Concílios Ecumênicos*, São Paulo, 1995

_____, *A proposito di "concilio pastorale" e di Osservatori a-cattolici al Vaticano II*, Bologna 1990.

_____, (a cura di), *Per la storicizzazione del Vaticano II* in «Cristianesimo nella Storia» 13 (1992), pp. 473-658.

- _____, *Passaggi cruciali della fase antepreparatoria (1959-1960)*, in *Verso il concilio Vaticano II (1960-1962). Passaggi e problemi della preparazione conciliare* (a cura di G. Alberigo - A. Melloni), Genova 1993.
- _____, *Criteri ermeneutici per una storia del Vaticano II* in *Il Vaticano II fra attese e celebrazione* (a cura de ID.), Bologna 1995, pp. 9-26.
- _____, (a cura di), *Il Vaticano II fra attese e celebrazione*, Genova 1995.
- _____, *Luci e ombre nel rapporto tra dinamica assembleare e conclusioni conciliari* in *L'evento e le decisioni. Studi sulle dinamiche del concilio Vaticano II* (a cura di M.T. Fattori e A. Melloni), Bologna 1997, pp.
- _____, ALBERIGO, Giuseppe, *Angelo José Roncalli, João XXIII*. São Paulo: Paulinas, 2000
- ALBERIGO, G. - MELLONI, A., *L'allocuzione "Gaudet Mater Ecclesia" di Giovanni XXIII (11 ottobre 1962)*, in *Fede, Tradizione, Profezia. Studi su Giovanni XXIII e sul Vaticano II*, Brescia 1984, pp. 185-283.
- _____, (a cura di), *Verso il concilio Vaticano II (1960-1962). Passaggi e problemi della preparazione conciliare*, Genova 1993.
- AUBERT, R., *Il Concilio*, in *La Chiesa del Vaticano II*, vol. XXV/1 della *Storia della Chiesa* (a cura di M. Guasco, E. Guerriero e F. Traniello), Cinisello Balsamo 1994, pp. 121-388.
- _____, *Come vedo il Vaticano II*, in «Rivista di Teologia» 36 (1995), pp. 134 ss.
- BARAUNA, G (org.) , *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, Petrópolis, 1964
- _____, *A Igreja do Vaticano II*, Petrópolis, 1966
- _____, *A Igreja no Mundo de Hoje*, Petrópolis, 1967
- _____, *Análise dos "vota" do Episcopado Latino-americano: 4. Brasil*, in BEOZZO, J. O., *A Igreja Latino-americana às Vésperas do Concílio - História do Concílio Vaticano II*, São Paulo, 1993, 146-177
- _____, *Atuação Brasileira no Terceiro Período do Concílio Vaticano II (14-09 a 21-11-1964)*, 102 pp. (mimeo)
- BATTELLI, G., *Alcune considerazioni introduttive per uno studio sui vescovi italiani al Concilio Vaticano II*, in *Le Deuxième Concile du Vatican (1959-1965)*, Rome 1989, pp. 267-279.
- BEA, Agostino, *A União dos Cristãos*, Petrópolis, 1964

_____, *La Chiesa e il Popolo Ebraico*, Brescia, 1966

BEOZZO, J.O. (organizador), *A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio. História do Concílio Ecumênico Vaticano II*, São Paulo 1993 (trad. sp. *Cristianismo e iglesias de América Latina en vísperas del Vaticano II*, San José da Costa Rica 1992).

BERRANGER, O., *Un homme pour l'Évangile: Alfred Ancel 1898-1984*, Paris 1988.

BORMANS, Maurice, *Orientations pour un Dialogue entre Chrétiens e Musulmans*, Cerf, Paris, 1987, 2^{ème} éd.;

BOSCH NAVARRO, Juan, *Para Compreender o Ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995

BRUNET, R. - TANDONNET, R., *Actes du Concile Vatican II*, in «Bulletin de l'Association des archivistes de l'Eglise de France» 29 (1988), pp. 3-6.

BURIGANA, Riccardo, *La Bibbia nel Concilio: La redazione della costituzione "Dei Verbum" del Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 1998

CAPORALE, R., *Vatican II: Last of the councils*, Baltimore 1964.

CAPRILE, G. (a cura di), *Il concilio Vaticano II*, 5 vv., Roma 1966-1968.

CARBONE, V., *Genesi e criteri della pubblicazione degli atti del Concilio Vaticano II*, in «Lateranum» 54 (1978), pp. 479-594.

_____, *Il card. Tardini e il Concilio Vaticano II*, in «Rivista di Storia della Chiesa in Italia» 45 (1991), pp. 42-88.

CASAROLI, Agostino, *Il martirio della pazienza. La Santa Sede e i paesi comunisti (1963-89. Introduzione di Achille Silvestrini*. Torino: Einaudi, 2.000.

CAVATERRA, E., *Il prefetto del Sant'Offizio. Le opere e i giorni del cardinale Ottaviani*, Milano 1990.

CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968 – Texto oficial*. PADIN, Cândido, G. Gutierrez, F. Catão, *Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*, Paulinas, São Paulo, 1998

CHAUNU, Pierre, *Les Temps des Réformes – La crise de la chrétienté: l'éclatement 1250-1550*. Paris, Fayard, 1975

CNBB, *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil (PE) – Cadernos da CNBB n ° 1*, Rio de Janeiro, 1962

_____, *Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970) (PPC)*, Rio de Janeiro, 1966

CONZEMIUS, V., *Mythes et contre-mythes autour de Jean XXIII*, in «Cristianesimo nella Storia» 10 (1989), pp. 553-577.

- DELHAYE, P. - GUERET, M. - TOMBEUR, P. (a cura di), *Concilium Vaticanum II. Concordance, index verborum, listes de fréquence, tables comparatives*, Leuven 1974.
- DOSSETTI, G., *Il Vaticano II. Frammenti di una riflessione*, Bologna 1996.
- DUPUIS, Jacques, *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*, Brescia, 1997
- FAMEREE, F. - HULSBOSCH, L. (ed. par) , *Concile Vatican II et Eglise contemporaine. Inventaire du Fonds Ph. Delhaye*, Louvain-la-Neuve 1993.
- FAMEREE, J., *Vers une Histoire du Concile Vatican II*, in «Revue d'Histoire Ecclesiastique» 89 (1994), pp. 622-642.
- _____, (ed. par), *Concile Vatican II et Eglise contemporaine, II. Inventaire des Fonds A. Prignon et H. Wagnon*, Louvain-la-Neuve 1991.
- FATTORI, M.T. - MELLONI, A. (a cura di), *L'evento e le decisioni. Studi sulle dinamiche del concilio Vaticano II*, Bologna 1997.
- FESQUET, H., *Le journal du Concile*, Le Jas du Revest - St. Martin, Forcalquier 1966; trad. italiana *Diario del Concilio* (a cura di E. Masina), Milano 1967.
- FOUILLOUX, É. (ed. par), *Vatican II commence ... approches Francophones*, Leuven, 1993.
- GARAUDY, R., *De l'anathème au dialogue*, Paris, 1965
- GAUTHIER, P., *Les Pauvres, Jesus et l'Eglise*, Paris, 1963 e *La Chiesa dei poveri e il concilio*, Firenze 1966; Tradução brasileira: *O Concílio e "A Igreja dos Pobres"*, Vozes, Petrópolis, 1967
- GREILER, A., *Ein internationales Forschungsprojekt zur Geschichte des Zweiten Vatikanums*, in *Zeugnis und Dialog* (hrsg. von W. Weiß), Würzburg 1996, pp. 571-578.
- GROOTAERS, J., *I protagonisti del Vaticano II* , in *La Chiesa del Vaticano II*, vol. XXV/1 della *Storia della Chiesa* (a cura di M. Guasco, E. Guerriero e F. Traniello), Cinisello Balsamo 1994, pp. 389-515.
- _____, *Une forme de concertation Épiscopale au Concile Vatican II – "La Conférence des Vingt-Deux" (1962-1963)*”, in *Revue d'Histoire Ecclésiastique* XCI, 1, jan.-mars 1996, Louvain-la-Neuve, 66-112
- _____, *Une restauration de la théologie de l'épiscopat. Contribution du Cardinal Alfrink à la préparation de Vatican II*, in *Glaube im Prozess. Christsein nach dem II. Vatikanum. Für Karl Rahner* (hrsg. von E. Klinger - K. Wittstadt), Freiburg-Basel-Wien 1984, pp. 778-825.
- GROOTAERS, J. - SOETENS, Cl. (ed. par), *Sources locales de Vatican II.*, Leuven 1990.
- HEBBLETHWAITE, Peter, *John XXIII – Pope of the Council*, London, 1984

- _____, *Synod Extradordinary – The inside story of the Rome Synod, November-December 1985*, London, 1986
- _____, *Paul VI – The first modern Pope*, London: Harper Collins, 1993
- INDELICATO, A., *Difendere la dottrina o annunciare l'evangelo? Il dibattito nella Commissione centrale preparatoria del Vaticano II*, Genova 1992.
- JEDIN, Hubert, *Concílio Ecumênico – História e Doutrinas*. São Paulo: Herder, 1961
- KAUFMANN, Franz-Xaver - A. ZINGERLE (Hrsg.), *Vatikanum II und Modernisierung. Historische, theologische und soziologische Perspektiven*. Paderborn, 1996
- KLOPPENBURG, B., *Concílio Vaticano II*, vol. 1-5, Petrópolis 1962-1966.
- _____, *A Ecclesiologia do Vaticano II*, Petrópolis, 1971
- KOMONCHAK, J.A., *U.S. Bishops' Suggestions for Vatican II*, in «Cristianesimo nella Storia» 15 (1994), pp. 313-371.
- LAMBERIGTS, M. - SOETENS, Cl. (ed, par.), *À la veille du Concile Vatican II. Vota et réactions en Europe et dans le catholicisme oriental*, Leuven 1992.
- LAMBERIGTS, M., Cl. SOETENS, J. GROOTAERS (ed.). *Les Commissions Conciliaires à Vatican II*. Leuven: Bibliothek van de Faculteit Godgellerdheid, 1996
- LARRAIN ERRÁZURIZ, M., *Escritos completos, IV tomos*, Pedro de la Noi (org.), Santiago del Chile 1977-1986
- LATOURELLE, R., *Vaticano II: Bilancio & Prospettive, venticinque anni dopo – 1962-1987*, vol. 1 e 2, Roma, 1987
- LAURENTIN, R., *L'Enjeu du Concile*, vol. 1: Paris 1962; vol. 2: *Bilan de la première session, 11 octobre - 8 décembre 1962*, Paris 1963; vol. 3: *Bilan de la deuxième session, 29 septembre - 4 décembre 1963*, Paris 1964; vol. 4: *Bilan de la troisième session, 14 septembre - 21 novembre 1964*, Paris 1965; vol. 5: *Bilan du concile, Histoire - textes - commentaires avec une chronique de la quatrième session*, Paris 1966.
- La VALLE, R., *Coraggio del concilio, giorno per giorno la seconda sessione*, Brescia 1964; vol. 2: *Fedeltà del concilio, i dibattiti della terza sessione*, Brescia 1965; vol. 3: *Il concilio nelle nostre mani*, Brescia 1966.
- LAZZARETTI, L. (a cura di), *Inventario dei fondi G. Lercaro e G. Dossetti*, Bologna 1995.
- LEVILLAIN, Ph., *La mécanique politique de Vatican II. La majorité et l'unanimité dans un Concile*, Paris 1975.

- LIBÂNIO, João Batista et alii, *O Sínodo de 1974: A Evangelização no Mundo de Hoje – Reflexões Teológico-Pastorais*. São Paulo: Loyola, 1975
- LOUCHEZ, E. (ed. par), *Concile Vatican II et Eglise contemporaine. II. Inventaire des Fonds J. Dupont et B. Olivier*, Louvain-la-Neuve 1995.
- L.T.K., *Das Zweite Vatikanische Konzil – Dokumente und Kommentare*, III Bände, Herder, Freiburg, 1967
- MARTANO, Valeria, *Athenagoras, il Patriarca (1886-1972). Um Cristiano fra crisi della coabitazione e utopia ecuménica*. Bologna: Il Mulino, 1996
- MARTINA, G., *La storiografia italiana sulla Chiesa dal Vaticano I al Vaticano II*, in *Problemi di storia della Chiesa. Dal Vaticano I al Vaticano II*, Roma 1988.
- MELLONI, A., *Tipologia delle fonti per la storia del Vaticano II*, in «Cristianesimo nella Storia» 13 (1992), pp. 493-514.
- _____, *Introduzione a M.-D. Chenu, Diario del Vaticano II. Note quotidiane al Concilio 1962-1963*, Bologna 1996, pp. 9-53.
- _____, *L'altra Roma. Politica e S. Sede durante il Concilio Vaticano II (1959-1965)*. Bologna: Il Mulino, 2000.
- MICCOLI, G., *Problemi e aspetti della storiografia sulla chiesa contemporanea*, in Id., *Fra mito della cristianità e secolarizzazione. Studi sul rapporto chiesa-società nell'età contemporanea*, Casale Monferrato 1985, pp. 1-16.
- MOROZZO DELLA ROCCA, R., *Le chiese parallele: i religiosi*, in *Le Chiese di Pio XII*, a cura di A. Riccardi, Bari 1986, p. 123.
- OLIVIER, Clement, *L'Eglise Orthodoxe*. 4^a ed., Paris: PUF, 1991
- OTTAVIANI, Alfredo, Il Baluardo. Roma: Edizioni Ares, 1961.
- PELLETIER, Denis, *Une marginalité engagée: le groupe "Jesus, l'Église et les pauvres"*, in LAMBERIGTS-SOETENS-GROOTAERS (ed.), *Les Commissions Conciliaires à Vatican II*, Bibliothek van de Faculteit Godgeleerdheid, Leuven, 1996, pp. 63-89
- REYMONDON, C. e RICHARD, L.A., *Vatican II au travail, méthodes conciliaires et documents*, Tours 1965.
- RONDEAU, M.J., *La contribution du Père Danielou à l'élaboration de «Lumen gentium»*, in *L'histoire des croyants, mémoire vivante des hommes. Melanges Charles Molette*, Abbeville 1989, pp. 529-564.

- ROUTHIER, G., *Les réactions du cardinal Léger à la préparation de Vatican II*, in «Revue d'Histoire de l'Eglise de France» LXXX (1994), n. 205, 281-302.
- SCHMIDT, S., *Agostino Bea, il cardinale dell'unità*, Roma 1987.
- SILVA HENRIQUEZ, Cardenal Raul, *Memorias*, t. I-II, (Ascanio Cavallo), Ed. Copygraph, Santiago, 1991
- SOETENS, Cl., *Concile Vatican II et Eglise contemporaine. I. Inventaire des Fonds Ch. Moeller, G. Thils, Fr. Houtart*, Louvain-la-Neuve 1989.
- SOURISSEAU, P., *Le fonds «Concile a Vatican II» à la Conférence des Evêques de France*, in *Actes du 8° congrès national de l'Association des archivistes de l'Eglise de France, 30 novembre-2 décembre 1987*, Paris 1988, pp. 203-210.
- SPORTELLI, F., *La Conferenza Episcopale italiana (1952-1972)*, Potenza 1994.
- STABILE, F.M., *Il Cardinal Ruffini e il Vaticano II. Le lettere di un "intransigente"*, in «Cristianesimo nella Storia» 11 (1990), pp. 83-113.
- SUENENS, L.J., *Souvenirs et espérances*, Paris 1991.
- TAMBOURA, Angelo, *Chiesa cattolica e ortodossia russa. Due secoli di confronto e dialogo dalla Santa Alleanza ai nostri giorni*. Milano : Paoline, 1992
- TORREL, J.P., *Journet au Concile Vatican II*, negli atti del colloquio su *Charles Journet (1891-1975): un théologien en son siècle, Genève 25-26 octobre 1991*.
- TURBANTI, Giovanni, *Un Concilio per il Mondo Moderno. La redazione della costituzione pastorale « Gaudium et Spes » del Vaticano II*. Bologna : Il Mulino, 2000.
- VELATI, M., *Christianity and churches on the eve of Vatican II*, in «CrSt» 12 (1991), pp. 165-175.
- _____, *Una difficile transizione. Il cattolicesimo tra unionismo e ecumenismo (1952-1964)*. Bologna: Il Mulino, 1996
- VIGIL, J. M., *Vivendo o Concílio*, São Paulo, 1987
- VV.AA., *La chiesa in Italia. Dall'unità ai nostri giorni* (a cura di E. Guerriero), Cinisello Balsamo 1996.
- VV.AA., *Le Deuxième Concile du Vatican (1959-1965)*, Roma 1989.
- VV.AA., *Giovanni Battista Montini, arcivescovo di Milano e il Concilio ecumenico Vaticano II*, Brescia 1985.
- VV.AA., *Paolo VI e i problemi ecclesiologici al Concilio*, (Colloquio Internazionale dell'Istit. Paolo VI: Brescia 19-21 settembre 1986), Brescia 1989.
- VV.AA., *Paolo VI e il rapporto chiesa-mondo al concilio*, (Colloquio Internazionale di studio - Istit. Paolo VI - Roma 22-24 settembre 1991), Brescia, 1991.

VV.AA., *Paul VI et la modernité dans l'Eglise*, Roma 1984 .

VV.AA., *Storia del Concilio Vaticano II*, diretta da G. Alberigo, edizione italiana a cura di A. Melloni, vol. 1, *Il cattolicesimo verso una nuova stagione. L'annuncio e la preparazione*, Bologna 1995; vol. 2, *La formazione della coscienza conciliare. Ottobre 1962 - settembre 1963*, Bologna 1996; vol. 3, *Il Concilio adulto – settembre 1963-settembre 1964*, Bologna, 1998. Edição brasileira coordenada por J.O. Beozzo, vol. 1, *O catolicismo rumo à nova era. O anúncio a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962)*, Petropolis 1995. English version edited by J.A. Komonchak, vol. I, *Announcing and Preparing Vatican Council II. Toward a new Era in Catholicism*, Maryknoll NY 1995. Version française sous la direction de É. Fouilloux, vol. 1, *Le catholicisme vers une nouvelle époque. L'annonce et la préparation*, Paris 1997. Deutsche Ausgabe hrsg. von. K. Wittstadt, Band I, *Die katholische Kirche auf dem Weg in ein neues Zeitalter. Die Ankündigung und Vorbereitung des Zweiten Vatikanischen Konzils*, Mainz 1997.

WENGER, A., *Vatican II. Chronique*, vol. 1-4, Paris 1962-1966.

WILTGEN, R.M., *The Rhine flows into the Tiber. The unknown Council*, New York City 1966.

WITTSTADT, K., *Julius Kardinal Döpfner und das Zweite Vatikanische Konzil. Zum zehnten Jahrestag seines Todes am 24. Juli 1986*, Würzburg 1986, pp. 5-34 e ID., *Léon-Joseph Kardinal Suenens und das II Vatikanische Konzil*, in *ibidem*, pp. 159-181.

_____, (Hrsg) *Julius Döpfner 1913-1976*. Würzburg: Bistum Würzburg, 1996

WITTSTADT, Karl und W. VERSCHOOTEN (Hrsg.), *Der Beitrag der Deutschsprachigen und Osteuropäischen Länder zum Zweiten Vatikanischen Konzil*. Leuven: Bibliotheek van de Faculteit Godgellerdheid, 1996

ZIZOLA, G., *Roncalli e p. Lombardi*, in «Cristianesimo nella Storia» 8 (1987), pp. 79-93.

V.2.2 Brasil: Igreja do Brasil e da América Latina

- ALMEIDA, C. Mendes de, *Memento dos Vivos – A Esquerda Católica no Brasil*, Rio de Janeiro, 1966
- ALONSO, Isidoro et alii, *La Iglesia en Chile – Estructuras Eclesiásticas*. Friburgo: Feres; Madrid: OCSHA, 1962
- ALVES, M.A., *O Cristo do Povo*, Rio de Janeiro, 1968
- _____, *Igreja e a política no Brasil*, São Paulo 1979 (Original em francês, *L’Eglise et la Politique au Brésil*, Paris, 1974).
- ALVES, Rubens, *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982
- ANPUH, *Produção Histórica no Brasil (1985-1994) - Catálogo de Dissertações e Teses dos Programas e cursos de Pós-Graduação em História*, São Paulo 1995.
- ANTOINE, C., *L’Eglise et le Pouvoir au Brésil – Naissance du Militarisme*. Paris : Desclée de Brouwer, 1971
- _____, *Guerre Froide et L’Eglise Catholique – L’Amérique Latine*. Paris : Cerf, 1999
- ANTONIAZZI, Antonio et alii, CRB, *Dez Anos de Teologia*. Rio de Janeiro : Publicações CRB, 1982
- ARAÚJO, M.C. de, *O Estado e a representação da problemática regional: uma ideologia de desenvolvimento e segurança nacional - 1954-1959*, Universidade de São Paulo, Departamento de História, mimeografado 1997.
- ARAÚJO, J. C. de Souza, *Igreja Católica no Brasil – Um estudo da mentalidade ideológica*, São Paulo, 1986
- ÁVILA, F.B. de, *Neoliberalismo, socialismo, solidarismo*, Rio de Janeiro 1963.
- AZEVEDO, Marcelo, “CRB – vinte e cinco anos”, ANTONIAZZI et alii, CRB, *Dez Anos de Teologia*. Rio de Janeiro : Publicações CRB, 1982, pp. 44-58
- BADINO, L., *Dom Helder Camara: Irmão dos pobres*, Recife s.d. (ed it. *Dom Helder Camara: Fratello dei poveri*, Torino s.d.).
- BANDEIRA, M., *D. Hélder Câmara e o Vaticano II*, in «Revista de Cultura Vozes» 72/10 (1978), pp. 793-797.
- _____, *A Igreja Católica na Virada da Questão Social (1930-1964)*. Rio de Janeiro: EDUCAM, Petrópolis, Vozes, 2000.
- BARAÚNA, G., *Fontes brasileiras do Concílio: Fundo Vaticano II*, in *A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio. História do Concílio Ecumênico Vaticano II*, J.O. Beozzo (organizador), São Paulo 1993, pp. 32-33.

- BARBOSA, M., *A Igreja no Brasil. Notas para a sua história*, Rio de Janeiro 1945.
- BARROS, R.C. de, *Brasil, uma Igreja em renovação. A experiência brasileira de planejamento pastoral*, Petrópolis 1967.
- _____, *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*, Petrópolis 1994.
- BASTIDE, R., *Les religions afro-brésiliennes*, Paris 1960.
- BASTOS Irany, “Experiências de Nízia Floresta”, BIEF, 18, fev. 1964, pp. 43-46
- BEISIEGEL, C. de R., *Educação e sociedade no Brasil após 1930*, in *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, vol 4, São Paulo 1984.
- BENEVIDES, M.V., *O governo Jânio Quadros*, São Paulo 1981.
- _____, *O Governo Kubitschek: Desenvolvimento econômico e estabilidade política*, Rio de Janeiro 1976.
- BEOZZO, J.O., *Les Mouvements Universitaires Catholiques au Brésil – Aperçu Historiqueet essai d'interpretation*, Université Catholique de Louvain, Louvain - Bélgica, 1968;
- _____, *História da Igreja no Brasil*, in ARNS, D. Paulo Evaristo, *O que é Igreja*, – Coleção Primeiros Passos, no.32, Brasiliense, São Paulo, 1981, pp.121 a 141;
- _____, *Cristãos na Universidade e na Política*, Vozes, Petrópolis (RJ), 1984;
- _____, *A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização* in *O Brasil Republicano*, tomo III, vol. XII: *Brasil Republicano, 4 - Economia e Cultura (1931 a 1964)*, vol. 3, Boris Fausto (org.), São Paulo 1984, pp. 273-274.
- _____, *Igreja e Estado no Brasil*, in WANDERLEY, L. E. (org.), *Movimento Popular, Política e Religião*, 1985, pp. 41 a 63;
- _____, *O Concílio Vaticano II, 20 anos depois*, in *O Vaticano II e a Igreja Latino-americana*", pp. 05 a 16;
- _____, *Igreja Católica e Liberdade Religiosa nas Constituintes do Brasil*, in MARIN, Darci Luiz (org.), *Os Cristãos e a Constituinte*, 1986, pp.21-36;
- _____, *O clero italiano no Brasil* in BONI, Luis A. De, *A Presença Italiana no Brasil*, EST- Porto Alegre - Torino, 1987, p. 34-62; tradução italiana: *Il clero italiano in Brasile*, in Fondazione Giovanni Agnelli, *Euroamericani - La popolazione di origine italiana in Brasile*, Torino, 1987, p. 219-244;
- _____, *Recezione del pontificato (Giovanni XXIII) nella Chiesa del Brasile*, Cristianesimo nella Storia VIII/2, giugno 1987, pp. 135-217. Em português: *Recepção do Pontificado de João XXIII na Igreja do Brasil*, in BEOZZO, J. O e ALBERIGO, G.

- (orgs.), *Herança Espiritual de João XXIII – Olhar posto no amanhã*, São Paulo, 1993, pp. 105-175
- _____, *Para uma liturgia com rosto latino-americano* in Secretariado Internacional Cristiano de Solidariedad con America Latina "OSCAR ROMERO", *Conflicto y Unidad Latinoamericana*, México, 1989, pp. 159-176
- _____, *História Da Igreja Católica no Brasil*, in BEOZZO J. O. (org.), *Curso de Verão*, Ano III, São Paulo (SP), 1989, pp. 120-176;
- _____, *Lateinamerikanischer Bischofsrat - Consejo Episcopal Latino-americano/CELAM – in Evangelisches Kirchenlexikon - Internationale Theologische Enzyklopädie*, Göttingen, 1991, pp. 39-41
- _____, *Evangelização e Quinto Centenário - Passado e futuro na Igreja da América Latina*, Petrópolis (RJ), 1991;
- _____, *Reprise en main d'une Église: le Brésil*, in BERTEN, I. e LUNEAU, R., *Les Rendez-vous de Saint Domingue - Les enjeux d'un anniversaire (1492-1992)*, Paris - França, 1991, pp. 178-206;
- _____, *Iglesia Latinoamericana y movimientos de liberación: de Medellín a Santo Domingo*, in *XI Congreso de Teología - V Centenário - Memória e Liberación - 11 a 15 de septiembre 1991*, Madrid, 1991, pp. 63-72;
- _____, *Brasil: 500 anos de Migrações*, São Paulo, 1992;
- _____, *Vida Cristiana y sociedad en Brasil - in BEOZZO, J. O (editor), Cristianismo e Iglesias de América Latina en vísperas de Vaticano II*, San José, - Costa Rica, 1992, pp.49-81; *A Igreja do Brasil*”, in *A Igreja Latino-americana às vésperas do Concílio – História do Concílio Vaticano II*, São Paulo, 1993 pp. 46-77
- _____, *L'Église du Brésil dans la Tourmente: la reprise en main d'une Église* Traduction et avant-propos d'Ignace Berten, Froidmont, 1992.
- _____, *Igreja Particular e Colegialidade Episcopal: do Vaticano I ao Vaticano II*, in ARROCHELLAS, Maria Helena (org.), *A Igreja e o Exercício do Poder*, ISER (caderno do ISER número 26), Rio de Janeiro, 1992, p. 121-172;
- _____, *Amerika, Südamerika: Theologie*, in *Lexikon für Theologie und Kirche*, Freiburg, 1993, I Band, pp. 523-526
- _____, *Evangelisierung und 500 Jahre Lateinamerika. Vergangenheit und Zukunft in der Kirche* in Katholisch-Theologische Fakultät der Universität Würzburg - *Entdeckung-Eroberung-Befreiung: 500 Jahre Gewalt und Evangelium in Amerika*, Würzburg, 1993, pp. 82-98;

- _____, *As Igrejas e a Imigração* in DREHER, Martin (org.), *As Imigrações e a História da Igreja no Brasil*, Aparecida (SP), 1993, pp. 9-64
- _____, *A Igreja do Brasil, de João XXIII a João Paulo II - De Medellín a Santo Domingo*, Petrópolis 1994.
- _____, *Brasilien*, in *Lexikon für Theologie und Kirche*, Freiburg, 1994, II Band, pp. 634-655
- _____, O clima externo, cap. IV, in ALBERIGO G. (coord.), BEOZZO, J. O. (coord. Ed. Brasileira), *História do Concílio Vaticano II (1959-1965)*, Vol. I, O Catolicismo rumo a nova era: o anúncio e a preparação do Vaticano II (jan.1959 a out. 1962), Petrópolis, 1995, pp. 355-398; edição italiana: *Storia del Concilio Vaticano II*, Leuven/Bologna, 1995, pp. 381- 428; edição inglesa: *History of Vatican II*, Maryknoll/Leuven, 1995, pp. 357-404; edição francesa: *Histoire du Concile Vatican II 1959-1965 – tome I, Le Catholicisme vers une nouvelle époque. L'annonce et la préparation*, Cerf – Peeters, Paris, 1997, pp. 399-449; edição alemã: *Geschichte des Zweiten Vatikanischen Konzils 1959-1965*, Band I, *Die Katholische Kirche auf dem Weg in ein neues Zeitalter – Die Ankündigung und Vorbereitung des Zweiten Vatikanischen Konzils (Januar 1959 bis Oktober 1962)*, Mainz/Leuven, 1997, pp. 403-456;
- _____, *O Planejamento Pastoral em Questão*, in REB 42 (1982), pp. 490-505.
- _____, *A Igreja após o Vaticano II* in VIDA PASTORAL, São Paulo, ano XXVI, n° 125, nov/dez/85, pp. 33-40
- _____, *Indícios de uma reação conservadora - Do Concílio Vaticano II à eleição de João Paulo II*, in COMUNICAÇÕES DO ISER, - *Estação De Seca Na Igreja*, ano 9, número 39, 1990, Rio de Janeiro, pp. 5-16
- _____, *Medellín: vinte anos depois (1968 – 1988) – depoimentos a partir do Brasil*, in REB, Petrópolis, vol. 48, fasc. 192, Dezembro de 88, pp. 771-805;
- _____, *Medellín: inspiração e raízes*, in REB 232, dez. 1998, pp. 822-850
- _____, *Documentação: O futuro das Igrejas Particulares*, in CONCILIUM 1999/1, 159-176
- _____, *Medellin – Inspiration und Wurzeln*, in MEIER, Johannes (Hg.), *Die Armen zuerst! 12 Lebensbilder lateinamerikanischer Bischöfe*, Mainz, 1999, pp. 11-25
- _____, *Dom Helder Câmara e o Concílio Vaticano II*, in ROCHA, Zildo (org.), *Helder, o Dom – Uma vida que marcou os rumos da Igreja do Brasil*, Petrópolis, 1999, pp. 102-110

- _____, “Padre Oscar Beozzo”, in DINES, Alberto, Florestan Fernandes e Nelma Salomão (org.), *Histórias do Poder: 100 anos de política no Brasil*, vol. 1: *Militares, Igreja e Sociedade Civil*. São Paulo: Editora 34, 2000, pp. 38-65
- BETTO, Frei, *Batismo de sangue*, São Paulo 1982.
- BIDEGAIN, A. M., *La Organización de Movimientos de Juventud de Acción Católica en América Latina – Los casos de los obreros y universitarios en Brasil y en Colombia entre 1930-1955*, Louvain, 1979, 3. vol.
- BIELCHOWSKY, R., *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo do desenvolvimento*, Rio de Janeiro 1988.
- BENEDETTI, L. R., *Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido*, São Paulo, 1983
- BLASQUEZ, F., *Ideário de Helder Camara*, Salamanca 1981.
- _____, *Helder Camara: el grito del pobre*, Madrid 1976.
- BOTERO, R., J., *El Celam. Apuntes para una crónica de sus 25 años*, Medellín 1982.
- BOFF, Leonardo, *Igreja: carisma e poder - Ensaio de Ecclesiolgia Militante*, Petrópolis 1982.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *A Benção de Abril. “Brasil Urgente”: Memória e Engajamento Católico no Brasil 1963-64*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOURGEON, R., *L'Archevêque des favelles*, Paris 1968 (ed. it. *II profeta del terzo mondo: L'arcivescovo delle favelas*, Milano 1970; ed. al. *Der Rebell mit Krummstab*, Freiburg 1970).
- BROUCKER, J. de, *Dom Helder Camara: la violence d'un pacifique*, Paris 1969 (ed. al. *Dom Helder Camara: Die Leidenschaft des Friedensstifters*, Wien 1969; ed. it. *Dom Helder Camara: la violenza d'un pacifico*, Roma 1970; ed. ingl. *Dom Helder Camara: the violence of a peacemaker*, New York 1970; ed. holandesa *Dialogen met Dom Helder Camara*, Utrecht 1969; ed. *Prameny Helder*, Krasmé, Bezmracné Nebe, translated by Otomar Radina, 1970; ed. esp. *Dom Helder Camara: la violencia de un pacífico*, Bilbao 1971).
- _____, *Dom Helder Camara: Présenté par Françoise de Broucker*, Paris 1983.
- BRUNEAU, T., *O catolicismo brasileiro em época de transição*, São Paulo 1974.
- CAMARA, Helder P., *Revolução dentro da Paz*, Rio de Janeiro 1968² (edições em holandês, alemão, francês, coreano, inglês e italiano).
- _____, *Terzo mondo defraudato*, Milano 1968 (edições em francês e inglês).
- _____, *Spirale de violence*, Paris 1970 (edições em espanhol, alemão, norueguês, holandês, chinês, inglês, italiano e português).

- _____, *Pour arriver à temps*, Paris 1970 (edições em espanhol, italiano, alemão, holandês, sueco, inglês e grego).
- _____, *Le désert est fertile*, Paris 1971 (edições em espanhol, italiano, alemão, inglês, coreano, português e japonês).
- _____, *Cristianismo, socialismo, capitalismo*, Salamanca 1974.
- _____, *Um olhar sobre a cidade*, Rio de Janeiro 1976 (1985⁶; traduzido também para o alemão).
- _____, *Les conversions d'un Evêque: entretiens avec José de Broucker*, Paris 1977 (edições em italiano, alemão, inglês, espanhol e sueco).
- _____, *Mil razões para viver: meditações do Pe. José*, Rio de Janeiro 1978 (1985⁷).
- _____, *Renouveau dans l'Esprit et service de l'homme*, com o Card. Léo-Joseph Suenens, Bruxelles 1979 (*Document de Malines*, 3 «Lumem Vitae»; edições em italiano, inglês, alemão, espanhol e holandês).
- _____, *Mille raisons pour vivre: méditations*. Presentation de José de Broucker, Paris 1980 (edições em alemão, italiano, inglês, sueco, holandês, espanhol, norueguês e dinamarquês).
- _____, *Hoffen wider alle Hoffnung (Esperar contra toda a esperança)*, Vorwort: Mano von Galli, Zurich 1981 (edições em inglês e holandês).
- _____, *A mensagem a seus diocesanos* in VV.AA., *A Igreja em tempo de Concílio: o pensamento da Igreja, vol. IV*, Lisboa 1964.
- _____, *Perspectivas de novas estruturas da Igreja* in VV.AA., *Novas Estruturas da Igreja - Temas conciliares*, Lisboa 1966.
- _____, *Diálogo da Igreja com as massas na América Latina* in VV.AA., *O diálogo missionário nos tempos actuais*, Lisboa 1967.
- _____, *Lettre aux jeunes brésiliens* in VACCARI, G., *Théologie et révolution*, France 1969.
- _____, *Un programa de acción para el subdesarrollo* in «Selecciones de teología» 8/31 (1969).
- _____, *La violence, option unique?* in MOLTSMANN, J. ET ALII, *Discussion sur la théologie de la révolution*, Paris 1972, pp. 177-185.
- _____, *A pressão moral libertadora* in FRAGOSO, A. ET ALII, São Paulo 1977.
- _____, *Evangelização no início do IV século da diocese de Olinda* in VV.AA., *Pastoral Urbana*, São Paulo 1980, pp. 82-97; republicado em Potrick, M.B. et alii, *Dom Helder, pastor e profeta*, São Paulo 1984, pp. 130-136.

- _____, *O que faria S. Tomás de Aquino diante de Karl Marx?* in «Cadernos de Opinião» 2 (1975), pp. 28-42; republicado em *Perspectivas Teológico-Pastorais* 3/4 (1984), pp. 118-128.
- _____, *Mensagem de Dom Helder Câmara na tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife (12/4/1964)* in «Perspectivas Teológico-Pastorais» 3/4 (1984),
- CAMARGO, A. de A., *A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)*, in *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, vol. 3, São Paulo 1983.
- CARDOSO, L.L., *Ideologia do Desenvolvimento, Brasil: JK-JQ*, Rio de Janeiro 1978
- CARONE, E., *A Primeira República (1889-1930)*, São Paulo, 1976, 3. Ed.
- _____, *A República Velha I – Instituições e Classes Sociais*, São Paulo 1978, 4. Ed.
- _____, *A República Velha II – Evolução Política*, São Paulo 1983, 4. Ed.
- _____, *A Segunda República (1930-1937)*, São Paulo, 1978, 3. Ed.
- _____, *A República Nova (1930-1937)*, São Paulo, 1982, 3. Ed.
- _____, *A Terceira República (1937-1945)*, São Paulo, São Paulo, 1976
- _____, *O Estado Novo (1937-1945)*, São Paulo, 1977, 2. Ed.
- _____, *A Quarta República (1945-1964)*, São Paulo, 1979
- _____, *A República Liberal, II - A evolução política (1945-1964)*, São Paulo 1985
- _____, *A República Liberal, II - A evolução política (1945-1964)*, São Paulo 1985
- CARVALHO BORGES, L. de, *Comunidades de Base (CEBS) en el Brasil*, in «Recollectio» 16 (1993), pp. 111-112.
- CASTRO, G. do P., *As comunidades do Dom: um estudo de CEB's no Recife*, Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em antropologia cultural, 1984, publ. Recife 1987.
- CASTRO, M. de, *Dom Helder: o bispo da esperança*, Rio de Janeiro 1978.
- CASTRO, M. de, *64: Conflito Igreja x Estado*, Petrópolis 1984.
- CATANI, D.B., «O poder do relato e o relato do poder» na história da educação, in *Retratos da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro s/d.
- CAYUELA, J., *Helder Camara, Brasil: Um Vietnam católico?* Barcelona 1969 (ed. it. *Helder Camara, Brasile: uno Vietnam cattolico?* Bologna 1970).
- CHASIN, J., *O integralismo de Plínio Salgado - forma de regressividade do capitalismo hipertardio*, São Paulo 1978.
- CHEETHAM, N., *Helder Camara and Brazil*, London 1973.
- CIRANO, M., *Os caminhos de Dom Helder: perseguições e censura (1964-1980)*, Recife 1983.
- CLAUDINO, A., *O monstro sagrado a o amarelinho comunista*, Recife 1985.

- CLOIN, Tiago, “Uma evangelização em extensão e em profundidade: O Movimento de Natal”. Revista da CRB, julho 1962, pp. 448-457
- COMBLIN, J., *Dom Helder e o novo modelo episcopal do Vaticano II*, in M.B. Potrick et alii, *Dom Helder, pastor e profeta*, São Paulo 1984, pp. 09-21., pp. 23-45.
- _____, in *O Dom da Paz*, publicado pelas Paulinas, em homenagem aos 65 anos de sacerdócio de Dom Helder, completado a 15 de agosto de 1996.
- COSTELLO, Gerald, *Mission to Latin America - The Successes and failures of a Twentieth Century Crusade*, New York, 1979
- CPV (Centro de Pastoral Vergueiro), *As relações Igreja-Estado no Brasil*, vol. 1 a 6, São Paulo 1986ss.
- CRUZ, Mário Luís Cardoso da, *Origens e Fundação do Pontifício Colégio Pio Brasileiro (1927-1934)* - Memória apresentada na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1996, mimeo, 99 páginas
- DELLA CAVA, R., *Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916/1964* in «Estudos CEBRAP» 12 (1975)
- _____, *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro 1977.
- _____, *Fontes para o estudo de catolicismo e sociedade no Brasil*, in RELIGIÃO E SOCIEDADE 5, JUNHO 1980, pp. . 211-240
- _____, (org.), *Catolicismo e Sociedade na Imprensa Brasileira, 1964-1980*, With a bilingual introduction, CADERNOS DO ISER, 17 – Edição Especial, Rio de Janeiro, 1985
- DINES, Alberto, Florestan Fernandes e Nelma Salomão (org.), *Histórias do Poder: 100 anos de política no Brasil*, vol. 1: *Militares, Igreja e Sociedade Civil*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 66
- DREIFUSS, R. *1964: A conquista do Estado - Ação Política, poder e golpe de classe*, Petrópolis, 1981.
- DULLES, J.W.F., *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*, Rio de Janeiro 1992.
- ENGELKE, I., *Pastoral de Dom Inocêncio Engelke (Bispo de Campanha, MG - 10 de setembro 1950)* in *Pastoral da Terra*, Estudos da CNBB nº 11, São Paulo 1981.
- EIGENMANN, E., *Politische Praxis des Glaubens*, Freiburg 1984.
- FAVERO, O. (ed.), *Cultura Popular, Educação Popular - Memória dos Anos 60*, Rio de Janeiro 1986

- FERES, J.B., *Propriedade da terra, opressão e miséria: o meio rural brasileiro na história social do Brasil*, CEDLA, Latin American Studies, vol. 56, Nijmegen 1990
- FERRARINI, S.A., *A imprensa e o arcebispo vermelho*, São Paulo 1992.
- FILIUS, J. & GLISSENAAR, J., *Helder Camara in Nederland*, Utrecht 1971.
- FLORIDI, Ulisse Alessio., *O Radicalismo Católico Brasileiro – Para onde vai o catolicismo progressista no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Hora Presente, 1973.
- FONSECA, R., *Agosto*, São Paulo 1990.
- FREIRE, P., *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro 1971.
- FUSER, C., *A economia dos bispos*, São Paulo 1987.
- GOMEZ DE SOUZA, L.A., *Les étudiants chrétiens et la politique au Brésil*, Paris, 1980, 2 vol. (tradução brasileira, A JUC: *Os Estudantes Católicos e a Política*, Vozes, Petrópolis, 1984.
- _____, *Classes populares e Igreja nos caminhos da história*, Petrópolis 1982.
- GONZÁLEZ-BALADO, J.L., *Helder Camara: l'arcivescovo rosso*, Roma 1970 (ed. al. *Dom Helder Camara: Bischof und Revolutionar*, Limburg 1971; ed. esp. *Helder Camara: el arzobispo rojo*, Barcelona 1972; ed. fr. *Helder Camara: l'évêque rouge?* Paris 1978).
- _____, *Helder Camara: el grido dei poveri*. Roma 1973.
- GREGORY, Alfonso. *A Igreja no Brasil*. Lovaina: FERES, Rio de Janeiro: CERIS, 1965. 227 p.
- GOTAY, Samuel Silva, *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- GUENTHER, T., *Torres and Camara: violence and nonviolence from a mennonite perspective*, tese sobre Dom Helder, 1977.
- GUSKE, H., *Helder Camara: Katholiken Lateinamerikas suchen neue Wege*. Berlin 1973.
- HALL, M., *The impossible dream: the spirituality of Dom Helder Camara*, Belfast 1979 e New York 1979 (ed. hun. *Dom Helder Camara avagy a hibetetlen álom*, Budapest 1985).
- Helder Camara, Friendreise* 1974, Zurich 1974.
- Helder Camara, signo de contradicción*, Salamanca 1974.
- HAUCK, J.F., FRAGOSO, H., BEOZZO, J.O., VAN DER GRIJP, K. e BROD, B., *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época. A Igreja no Brasil no século XIX*, Petrópolis 1985².
- HÉLVIO, H., *Integralismo e fascismo brasileiro na década de 30*, São Paulo 1979.

- HERMANN, J., *História das Religiões e Religiosidades in Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, C.F. Cardoso e R. Vainfas (organizadores), Rio de Janeiro 1997, pp. 329-352.
- HOBBSBAUWM, E.J., *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo 1995.
- HOMENAGEM-UCBC, *Grande comunicador Helder Camara*, por ocasião do encerramento do XII Congresso de Comunicação Social realizado em sua homenagem, Recife 1983.
- HOMMAN, W., *El obispo rojo*, Salamanca 1977 (ed. ol. *De Rode bischop*, Haarlem 1977).
- HOORNAERT, E., Azzi, R., Van der Grijp K. e Brod, B., *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira época*, Petrópolis 1977.
- HOUTART, F., *L'Eglise latino-americaine a l'heure du concile*, Fribourg- Bogota 1963.
- IOKOI, Z.M.G., *Igreja e camponeses: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo - Brasil/Peru - 1964-1986*, Universidade de São Paulo, Departamento de História, mimeografado 1990.
- ITALIAANDER, Rolf, *Partisanen und Propheten; Christen für die eine Welt*, Berlin 1972.
- JAGUARIBE, H., *A renúncia de Jânio Quadros e a crise política brasileira*, in «Revista Brasileira de Ciências Sociais» I/1 (1961).
- JORGE, S., *O diabo celebra a missa*, São Paulo 1969.
- KADT, E., *JUC and AP: the rise of catholic radicalism in Brazil*, in LANDSBERGER H. A., *The Church and Social Change in Latin America*, Indiana, 1970
- _____, *Catholic Radicals in Brazil*, London, 1970
- KICK, K.R., *Dom Helder Camara: Meditation für dies Jahrhundert*, Wuppertal 1989.
- KOOP, D. Pedro Paulo, *Entrevista*, VOZES, nov. 1996, 899-913
- _____, *O Presbiterato para Homens Casados*, in REB XXVI/4, dez. 1996, 912-916
- LABAKI, A., *1961: A crise da renúncia e a solução parlamentarista*, São Paulo 1986.
- LEME, S., *Carta pastoral*, Petrópolis 1916.
- LIMA, A A, *O Papa João XXIII*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1966
- _____, *Revolução, Reação ou Reforma*, Rio de Janeiro, 1964 (2ª ed. Prefácio de Luiz Alberto Gómez de Souza, Petrópolis, 1999)
- _____, *Pelo Humanismo Ameaçado*, Rio de Janeiro, 1965
- _____, *Os Direitos do Homem e o Homem sem Direitos*, Petrópolis, 1999, 2ª ed.
- _____, Tristão de Athayde, cf. *Alceu Amoroso Lima - Memórias improvisadas - diálogo com Medeiros Lima*, Petrópolis 1973; 2000 2ª ed., Prefácio de Cícero Sandroni
- LIMA, J. de C., *Dom Hélder Câmara: 50 anos de sacerdócio*, Recife 1981.

- LIMA, L. G. de Souza, *Evolução Política dos Católicos e da Igreja do Brasil – Hipóteses para uma interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1979 (edição original em italiano: *I Cristiani e le libertà in Brasile. Ipotesi per l'interpretazione del ruolo politico della Chiesa e dei cattolici in Brasile*, Roma, 1975).
- LIMA, Maurílio César, “Notas históricas da Arquidiocese do Rio de Janeiro através das biografias de seus Prelados”, in SCHUBERT, Guilherme. *A Província Eclesiástica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1948
- LORSCHIEDER, A., *¿Qué es el Celam?*, in «Medellín» (1977), pp. 3ss
- LÖWY, M. e GARCIA-RUIZ, J., *Les sources françaises du christianisme de la libération au Brésil*, «Arch. de Sc. soc. des Rel.» 97 (1997), pp. 9-32 especialmente *Jacques Maritain et Amoro Lima e Amoro Lima: de Jacques Maritain au Père Lebrét*.
- MACEDO, C.C. de A., *Tempo de gênese - O povo das Comunidades Eclesiais de Base*, São Paulo 1986.
- MAINWARING, S., *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*, São Paulo 1989.
- MARQUES, L. C. L., *As muitas facetas da figura conciliar de Helder Câmara*, in ROCHA, Zildo (org.), *Helder, o Dom – Uma vida que marcou os rumos da Igreja do Brasil*, Petrópolis, 1999, pp. 112-122.
- _____, *Il carteggio conciliare di Mons. Helder Camara*, Bologna, 1997 (tese de doutorado na Universidade de Bologna e ISR – mimeo)
- MARTIN, R., *Dom Helder Camara, les puissants et les pauvres*, Paris 1995.
- MATTA, F.R., *Helder Camara, Universidad y revolución*, Santiago de Chile 1969.
- MATTEI Roberto de, *Il Crociato del secolo XX - Plinio Corrêa de Oliveira*, Piemme, Casale Monferrato, 1996
- MELO, A.B. de, *Uno scritto su Helder Camara*, in H.C. Camara, *Rivoluzione nella pace*, Milano 1968.
- MENEZES, Eurípides Cardoso de. *Aos Irmãos Separados*. Rio de Janeiro: Agir, 1957 2^a ed.
- MICELLI, S., *As elites eclesiásticas no Brasil*, São Paulo 1988.
- MIR, L., *A revolução impossível*, São Paulo 1994.
- MONIZ BANDEIRA, L.A., *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil, 1961-1964*, Rio de Janeiro 1978.
- MONTENEGRO, J.A. de S., *O integralismo no Ceará: variações ideológicas*, Fortaleza 1986.
- MONTELLO, J., *Diário da tarde: 1957/1967*, Rio de Janeiro 1987.
- MORAIS, F., *Chato: o rei do Brasil - A vida de Assis Chateaubriand*, São Paulo 1994.

- MORAIS, J.F.R., *Os bispos e a política no Brasil*, São Paulo 1982.
- NUTE, B.R., *Helder Camara's Latin America*, London 1974.
- PALÁCIO, Carlos, “Uma consciência histórica irreversível”, in ANTONIAZZI, CRB, *Dez Anos de Teologia*. Rio de Janeiro : Publicações CRB, 1982, pp.59-83
- PALMA, R.V., *Los obispos rojos de Latinoamérica*, Lima 1971..
- PANA, V., *Catolicismo, educação e ciência*, São Paulo 1991.
- PEREIRA, L.C.B., *As revoluções utópicas*, Petrópolis 1979².
- PÉREZ, Gustavo e WUST, Isaac. *La Iglesia en Colombia – Estructuras Eclesiásticas*. Friburgo: FERES; Bogotá: CIS, 1961
- PIERUCCI, A.F. de O., SOUZA, B.M. de & CAMARGO, C.P.F. de, *Igreja Católica: 1945-1970*, in *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, vol. 4, São Paulo 1984.
- _____, PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo, *A realidade social das Religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- PILETTI, N. - PRAXEDES, W., *Dom Hélder Câmara - Entre o Poder e a Profecia*, São Paulo 1997.
- PINHEIRO, J.E., *Dom Helder Camara, como arcebispo de Olinda e Recife - Um depoimento pastoral*, in M.B. Potrick et alii, *Dom Helder, pastor e profeta*, São Paulo 1984, pp. 09-21., pp. 46-55.
- POTRICK, M.B. et ALII, *Dom Helder: pastor e profeta*, São Paulo 1983 (tr. esp. *Dom Helder Camara: testigo del Evangelio en América Latina*, Buenos Aires 1986).
- POTRICK, M.B., *Dom Helder. Dados biográficos de um pastor, profeta universal*, in *Idem*, pp. 09-21.
- PRANDI, Reginaldo, *Um Sopro do Espírito*. São Paulo: EDUSP : FAPESP, 1997
- PRAXEDES, W., *Dom Hélder Câmara e a educação popular no Brasil*, em fase de publicação, São Paulo 1997.
- PIRES, H., *Temas de História Eclesiástica do Brasil*, São Paulo 1946.
- QUEIROGA, G.F. de, *Conferencia Nacional dos Bispos no Brasil, CNBB - Comunhão e Corresponsabilidade*, São Paulo 1977.
- QUEIRÓS, J. (organizador), *A Igreja dos pobres na América Latina*, São Paulo 1980.
- RAJA GABAGLIA, L.P. (irmã Maria Regina do Santo Rosário, o.c.d.), *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro 1962.
- RAMOS Rutilio et alii. *La Iglesia en Mexico – Estructuras Eclesiásticas*. Friburgo: Feres; Madrid: OCSHA, 1963
- REGAN, David, *Igreja para a Libertação – Retrato pastoral da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986

- RENEDO, B.T. de, *Helder Camara y la justicia*, Salamanca 1981.
- _____, *Helder Camara: proclamas a la juventud*, Salamanca 1976.
- _____, *Helder Camara, segno di contraddizione*, Assisi 1977.
- _____, *Helder Camara: Quien soy yo? Autocritica*, Madrid 1978 (ed. it. *Helder Camara: Chi sono io?* Assisi 1979).
- RIBEIRO, D., *Aos trancos e barrancos - como o Brasil deu no que deu*, Rio de Janeiro 1985.
- RICHARD, P., *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*, São Paulo, 1982
- ROCHA, A.B. da & FERREIRA, G.C., *Um Furacão varre a esperança: o caso D. Helder*, Recife 1993.
- ROMA, J.A. de, *Helder Camara: el arzobispo rojo*, Barcelona 1971.
- ROMANELLI, O. de O., *História da Educação no Brasil (1930/1973)*, Petrópolis 1985.
- ROXO, Roberto Mascarenhas, *O Concílio : Teologia e Renovação*. Petrópolis : Vozes, 1967
- SANDERS, T., *Catholicism and Development. The Catholic Left in Brazil*, in SILVERT, K. (ed.), *Church and States*, New York, 1967
- SANTAGELO, E., *Helder Camara: a voz dos que não têm voz*, São Paulo 1983.
- SANTOS, B. Beni (org.), *A Religião do Povo*, São Paulo, 1978
- SCAMPINI, J., *A Liberdade Religiosa nas Constituições Brasileiras*, Petrópolis, 1978
- SCHWARZ, Roberto, “Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969”, *Revista Temps Modernes*, n. 288, julho de 1970, pp. 37-74
- SCHEMMER, M., *Dom Helder Camara: «Stem uit zivjgende wereld»*, Nejmegen 1981.
- SCHILLING, P.R., *Helder Camara*, Montevideo 1969.
- SERVUS MARIAE [Pe. Raimundo Caramuru de Barros], *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*, Vozes 1994.
- SILVA, H., *1964: Golpe ou Contragolpe*, Rio de Janeiro 1975.
- SILVA, José Arioaldo. *O Movimento Litúrgico no Brasil – Estudo Histórico*. Petrópolis, Vozes, 1983
- SHAULL, Richard, *De dentro do Furacão – Richard Schaul e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Sagarana; CEDI; CLAI; Progr. De Pós-graduação em Ciências da Religião, 1985.
- SKIDMORE, Th., *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*, Rio de Janeiro 1969.
- _____, *Brasil: De Castelo a Tancredo*, Rio de Janeiro 1988.
- SYDOW, Evanize e FERRI, Marilda, *Dom Paulo Evaristo Arns, um homem amado e perseguido*, Vozes, Petrópolis, 1999

- TEN KATHEN, N.R., *Uma vida para os pobres: espiritualidade de Dom Helder Camara*, São Paulo 1991.
- TORRES, J. C. de Oliveira, *História das Idéias Religiosas no Brasil*, São Paulo, 1968
- TOULAT, J., *Dom Helder Camara*, Paris 1989
- TRINDADE, H., *Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30*, in *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, vol. 3, São Paulo 1983.
- VASCONCELOS, G., *Ideologia curupira - análise do discurso integralista*, Brasília 1979.
- VASSÃO, Amantino Adorno e CÉSAR, Waldo (coord.), *A Conferência do Nordeste (Cristo e o processo revolucionário brasileiro. Crônica da Conferência do Nordeste promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil – Recife, 22/29 de julho 1962*. Rio de Janeiro: Ed. Loqui, 1962;
- _____, *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro – Conferência do Nordeste, IV Reunião de Estudos – Setor de Responsabilidade Social da igreja: Confederação Evangélica do Brasil – Recife, julho de 1962*. Rio de Janeiro: Ed. Loqui, 1962.
- VERAS, E.M., *Dom Helder: ser e viver*, Olinda, 1982.
- VIANA Filho, L., *Anísio Teixeira, a polemica da Educação*, Rio de Janeiro 1990.
- VV.AA., *Declaração do Episcopado da Amazônia sobre «A Igreja e a Amazônia»* in «REB» 12 (1952), pp. 700-708.
- VV.AA., *Historia de la Iglesia en America Latina*, E. Dussel (org.), Madrid 1983⁵.
- VV.AA., *Igreja e a questão agrária*, a cura di V. Paiva, São Paulo 1985.
- WANDERLEY, L.E., *Educar para Transformar - Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base*, Petrópolis 1984
- WAINER, S., *Minha razão de viver. Memórias de um repórter*, Rio de Janeiro 1988.
- WATENWENWEILER, F., *Morgengrauen in Brasilien*, Zürich 1972.
- WEIGNER, G. & MOOSBRUGGER, B., *La voix du monde sans voix: Dom Helder Camara*, Zürich 1971 (ed. al. *Stimme der slummen Welt: Dom Helder Camara*, Zürich 1971; ed. ingl. *A voice of the third world: Dom Helder Camara*, New York 1972; ed. it. *La voce del mondo senza voce: Dom Helder Camara*, Milano 197).

VI. CADERNO ICONOGRÁFICO



Papa João XXIII assina a Bula *Humanae Generis Salutis*, convocando oficialmente o Concílio Vaticano II, em 25 de dezembro de 1961 (crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, vol. XXV/1 della *Storia della Chiesa*, a cura di M. Guasco, E. Guerriero e F. Traniello, Cinisello Balsamo 1994, p. 128).



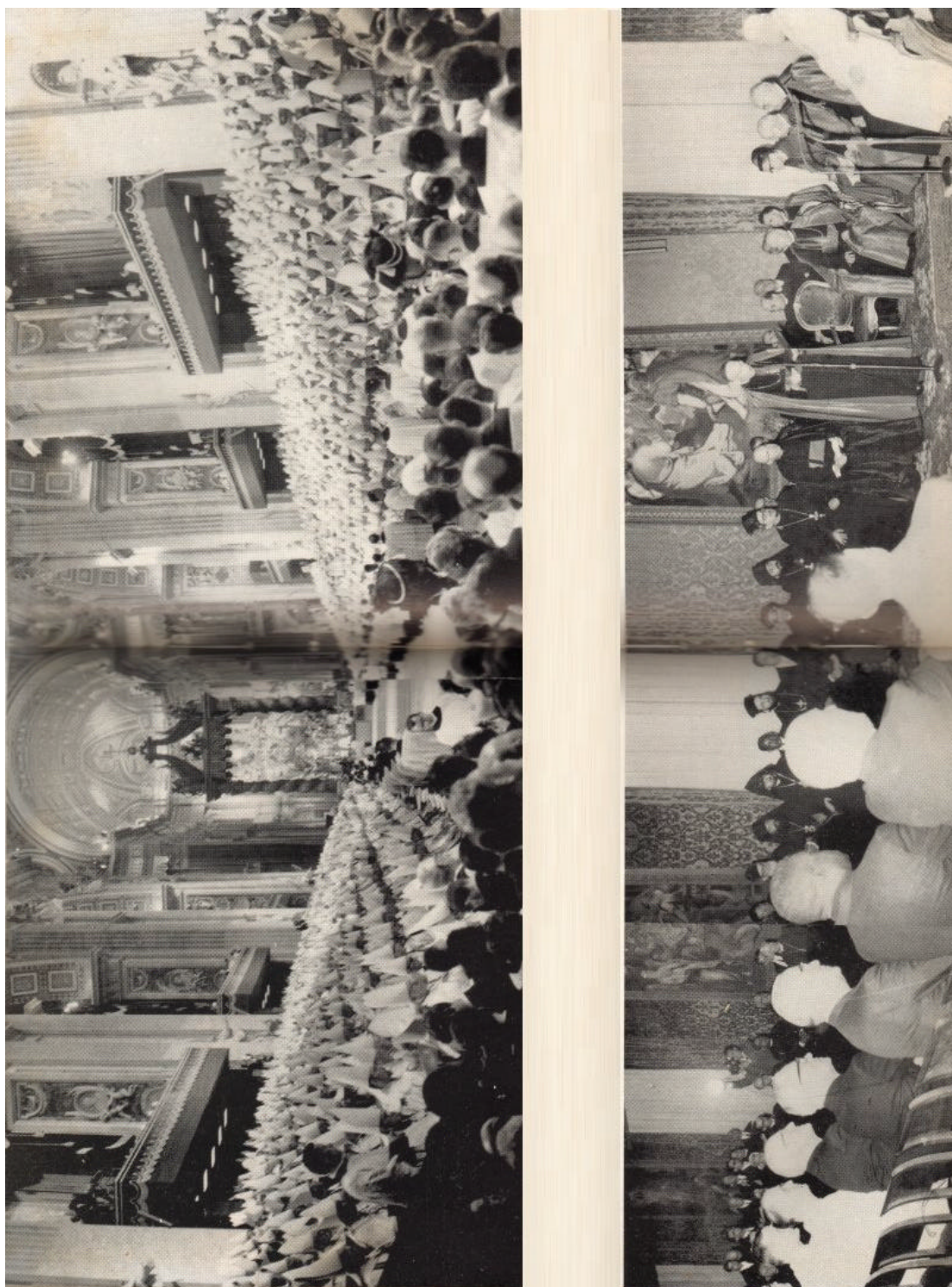
Solene ingresso na Aula conciliar (crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 513).



Papa João XXIII ladeado pelo Cardeal Alfredo Ottaviani, lê a *Gaudet Mater Ecclesia*, durante a sessão solene de abertura do Concílio: dia 11 de outubro de 1962(crédito: KLOP II, p. 32).



Panorâmica da Aula conciliar, ocupando a nave central da Basílica de São Pedro
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 257).



Outra panorâmica da Aula conciliar (à esquerda)
O cardeal Bea apresenta os Observadores não-católicos S. Santidade, Papa João XXIII (à direita)
(crédito: KLOP II, p. 248).



Roger Schutz e Max Thurian (terceiro e quinto, da esquerda para a direita), da comunidade de Taizé, presentes como Observadores não-católicos (crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 289).



Paulo VI e Jean Guitton (fotografia feita em ano posterior ao Concílio). Guitton foi convidado pessoal dos Papas João XXIII e Paulo VI e pode assistir às Congregações Gerais (crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 352).

Marie Louise Monnet da França e madre Mary Luke,
presidente das superioras gerais das religiosas nos Estados Unidos, *auditrices*,
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 352).



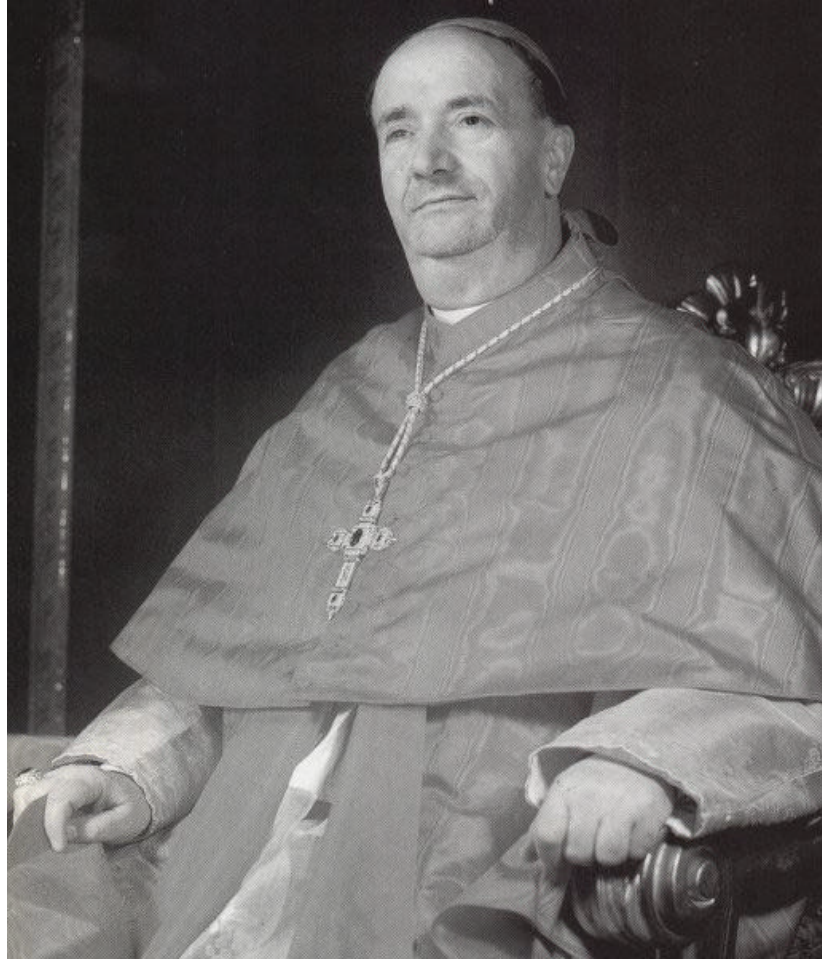
Os 4 moderadores: cardeais Agagianian, Lercaro, Döpfner e Suenens
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 353).



O secretário geral do Concílio, arcebispo Pericle Felice
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 384).



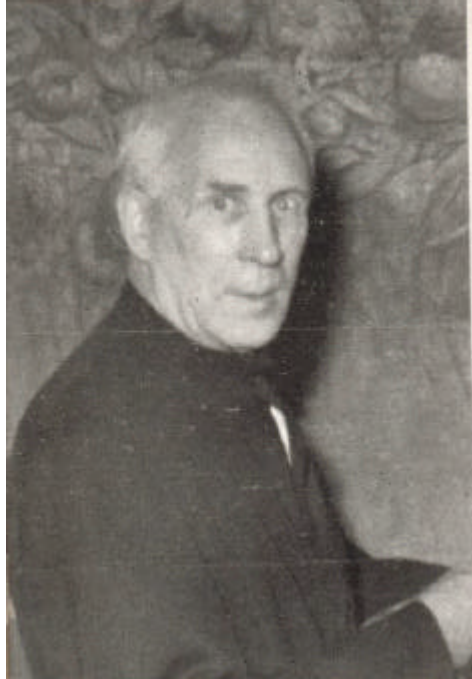
O patriarca de Antioquia, Maximos IV
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 448).



O cardeal Alfredo Ottaviani, secretário do Santo Ofício e Presidente da Comissão Teológica
(crédito: *La Chiesa del Vaticano II*, cit., p. 449).



Uma das sub-comissões da Comissão teológica preparatória: Kloppenburg, Xiberta, Labourdette e Dhanis
(crédito: KLOP I, p. 136).



Pe. H. De Lubac, S.J. (crédito: KLOPI, p. 136).



Pe. Y.-M. Congar, O.P. (crédito: KLOPI, p. 136).



Dal Vaticano, 12 Luglio 1960

LA SANTITA' DI NOSTRO Signore Si è benignamente
degnata di annoverare tra i Consultori della Pontificia Com-
missione Teologica per la preparazione del Concilio Ecume-
nico Vaticano II il Reverendissimo

Padre BONAVENTURA KLOPPENBURG, O. F. M.

Tanto si partecipa al medesimo Padre Kloppenburg, per
sua opportuna conoscenza e norma,

D. Kard. Tardini

Reverendissimo Padre

Padre BONAVENTURA KLOPPENBURG, O. F. M.

Nomeação do brasileiro Pe. Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.,
como consultor da Comissão teológica preparatória
(crédito: KLOPI, p. 147).



O cardeal Liénart faz a primeira e famosa intervenção que provocou a suspensão da I Congregação Geral:
13-11-1962 (crédito: KLOP II, p. 49).



Bispos brasileiros dirigindo-se para a Aula conciliar, com Dom Helder à frente entre os dois primeiros.
(crédito: KLOP II, p. 144).



Bispos brasileiros diante do Colégio Pio-Brasileiro, em Roma: I sessão: 1962 (crédito: KLOP II, p. 160).
À frente, o Núncio D. Armando Lombardi com D. Davi Picão de Santos, SP e à direita, D. João da Mota de Vitória, ES.



Os cardeais brasileiros, Dom Jaime, Dom Carlos e Dom Augusto Alvaro: I sessão: 1962 (crédito: KLOP II, p. 160).



Bispos brasileiros desembarcando do avião da Panair do Brasil: 10-11-1962 (crédito: KLOP II, p. 249).



Prof. Alceu de Amoroso Lima, membro da Delegação do Governo Brasileiro para a Sessão de Abertura do Concílio; cardeal Augusto Álvaro da Silva, arcebispo de Salvador, BA e Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, RS: 10-11-1962 (crédito: KLOP II, p. 249).



ORDO MISSAE
RITV MOZARABICO
PERAGENDAE

Ordinário da Missa, segundo o Rito Mozarábico, usado durante celebração na Aula, em 1964. FVatII/SP

Roma, 13/14 de out 1962 1ª Carta (1)

A' querida Família do S. Joaquim

É fácil mandar impressos sobre as unidades do Concílio. É difícil, especialmente nos 15 dias, fazer impressos sobre o espírito do Concílio: as tendências, as perspectivas, os rumos.

É às unidades, sobre algum material capaz de dar uma ideia do que foi a abertura do Vaticano II. Chamo, especialmente a atenção para: o discurso do S. Padre; a oração bilíngue rezada após a Missa (Adunamus, Domine Sancte Spiritus...) e a prece dos orientais.

Quanto ao Concílio por dentro — salvo engano de quem reconhece a impossibilidade de qualquer — aqui estão alg. observações, dirigidas à revisão:

1) O Concílio vai ser difficilissimo as Sagradas Congregações pensavam que seria fácil porque pelo Dispor e decidir por eles. Assente p. ex. que o espírito da parte Católica parece, a nível Dispor do mundo inteiro, em dissonância com que o Papa anuncia como espírito do Concílio. (Hoje, q. d. se

<u>Conciliário</u>	<u>Particular</u>
1ª Circ. 1.10.63	20.9.63 Curitiba
1ª Circ. 2.10.63	Maria
2ª Circ. 2.10.63	M. Aring
3ª Circ. 4.10.63	Hilde
4ª Circ. 5.10.63	Maria
	Carolina
	Marcos Arango
2ª Circ. 6.10.63	7ª Circ. 21/22.10.63
5ª Circ. 6.10.63	20ª Circ. 21/22.10.63
6ª Circ. 7.10.63	21ª Circ. 22/23.10.63
7ª Circ. 8.10.63	22ª Circ. 24.10.63
8ª Circ. 10.10.63	8ª Circ. 24.10.63
9ª Circ. 11.10.63	9ª Circ. 24.10.63
3ª Circ. 12.10.63	23ª Circ. 25/26.10.63
4ª Circ. 12.10.63	9ª Circ. 25/26.10.63
10ª Circ. 12.10.63	24ª Circ. 26/27.10.63
11ª Circ. 13/14.10.63	3ª Circ. 27.10.63
5ª Circ. 15.10.63	25ª Circ. 27.10.63
12ª Circ. 15/16.10.63	10ª Circ. 27.10.63
13ª Circ. 16/17.10.63	26ª Circ. 28.10.63
14ª Circ. 17/18.10.63	27ª Circ. 28/29.10.63
15ª Circ. 18/19.10.63	28ª Circ. 30/31.10.63
46ª Circ. 19.10.63	29ª Circ. 31/1.11.63
17ª Circ. 19.10.63	11ª Circ. 31.10/1.11.63
6ª Circ. 19.10.63	30ª Circ. 1.11.63
18ª Circ. 19/20.10.63	31ª Circ. 1.11.63
79ª Circ. 20/21.10.63	4ª Circ. 1.11.63
	12ª Circ. 1/2.11.63
	49ª Circ. 2/3.11.63
	50ª Circ. 2/3.11.63
	51ª Circ. 2/3.11.63
	52ª Circ. 2/3.11.63
	53ª Circ. 2/3.11.63
	54ª Circ. 2/3.11.63
	55ª Circ. 2/3.11.63
	56ª Circ. 2/3.11.63
	57ª Circ. 2/3.11.63
	58ª Circ. 2/3.11.63
	59ª Circ. 2/3.11.63
	60ª Circ. 2/3.11.63
	61ª Circ. 2/3.11.63
	62ª Circ. 2/3.11.63
	63ª Circ. 2/3.11.63
	64ª Circ. 2/3.11.63
	65ª Circ. 2/3.11.63
	66ª Circ. 2/3.11.63
	67ª Circ. 2/3.11.63
	68ª Circ. 2/3.11.63
	69ª Circ. 2/3.11.63
	70ª Circ. 2/3.11.63
	71ª Circ. 2/3.11.63
	72ª Circ. 2/3.11.63
	73ª Circ. 2/3.11.63
	74ª Circ. 2/3.11.63
	75ª Circ. 2/3.11.63
	76ª Circ. 2/3.11.63
	77ª Circ. 2/3.11.63
	78ª Circ. 2/3.11.63
	79ª Circ. 2/3.11.63
	80ª Circ. 2/3.11.63
	81ª Circ. 2/3.11.63
	82ª Circ. 2/3.11.63
	83ª Circ. 2/3.11.63
	84ª Circ. 2/3.11.63
	85ª Circ. 2/3.11.63
	86ª Circ. 2/3.11.63
	87ª Circ. 2/3.11.63
	88ª Circ. 2/3.11.63
	89ª Circ. 2/3.11.63
	90ª Circ. 2/3.11.63
	91ª Circ. 2/3.11.63
	92ª Circ. 2/3.11.63
	93ª Circ. 2/3.11.63
	94ª Circ. 2/3.11.63
	95ª Circ. 2/3.11.63
	96ª Circ. 2/3.11.63
	97ª Circ. 2/3.11.63
	98ª Circ. 2/3.11.63
	99ª Circ. 2/3.11.63
	100ª Circ. 2/3.11.63

Página resumo das circulares conciliares e das cartas particulares de D. Helder Camara, durante a II Sessão do Vaticano II - Roma: 29/09 a 04/12/1963. FVatII/SP



1ª página de *O Conciliábulo*, de 1963, “um jornal excelente para excelências”, que “circula enquanto dura o Concílio”, “publicado” por Dom Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Belém, PA, na *Domus Mariae*. FVatII/SP

O Conciliábulo

ANO III - Roma, 2 de Outubro de 1964 - N.º 141

PADRE CONGAR HOJE mM.D.M.



sobre "Escritura e Remissão" às 21,10 horas

ATIVIDADES

NO FIM DE SEMANA

Retiro espiritual pregado pelo Padre Lombardi, na Domus Marie.

- Passeio a Florença

- A viagem a Alemanha, de 2 a 4 de outubro, "gorou".

AJUDE O SEU JORNAL

Os leitores devem compreender as dificuldades com que lutamos para obter aqui em Roma, fotografias de alguns nomes e de assuntos brasileiros.

Escrevam que nos fornecem folhetos de propaganda dos S. mínimos, lembranças de sogas e outros materiais gráficos.

+ Alberto, Arc. de Belém e Adm. Apost. de Ponta de Pedras agradece penhoradíssimo, não somente as felicitações, ontem recebidas, mas também os telegramas que lhe foram transmitidos, por ocasião da Semana do Sacerdote, que, antecipadamente comemorou seu jubileu, em agosto.




Qual é o nome do novo Bat? D. Casullo surge a piú: BARRONDA (ital.) BARRAFUNDA (port.)




Qual é o nome do novo Bat? D. Casullo surge a piú: BARRONDA (ital.) BARRAFUNDA (port.)

DISTINÇÃO PESSOAL DO SANTO PADRE A D. HELDER

Confirmando o nosso furo de ontem: O Santo Padre fez questão de entregar pessoalmente o palio a Dom Helder Câmara, hoje, depois da Congregação.



A PALAVRA DA SEMANA: SCATURIGENE

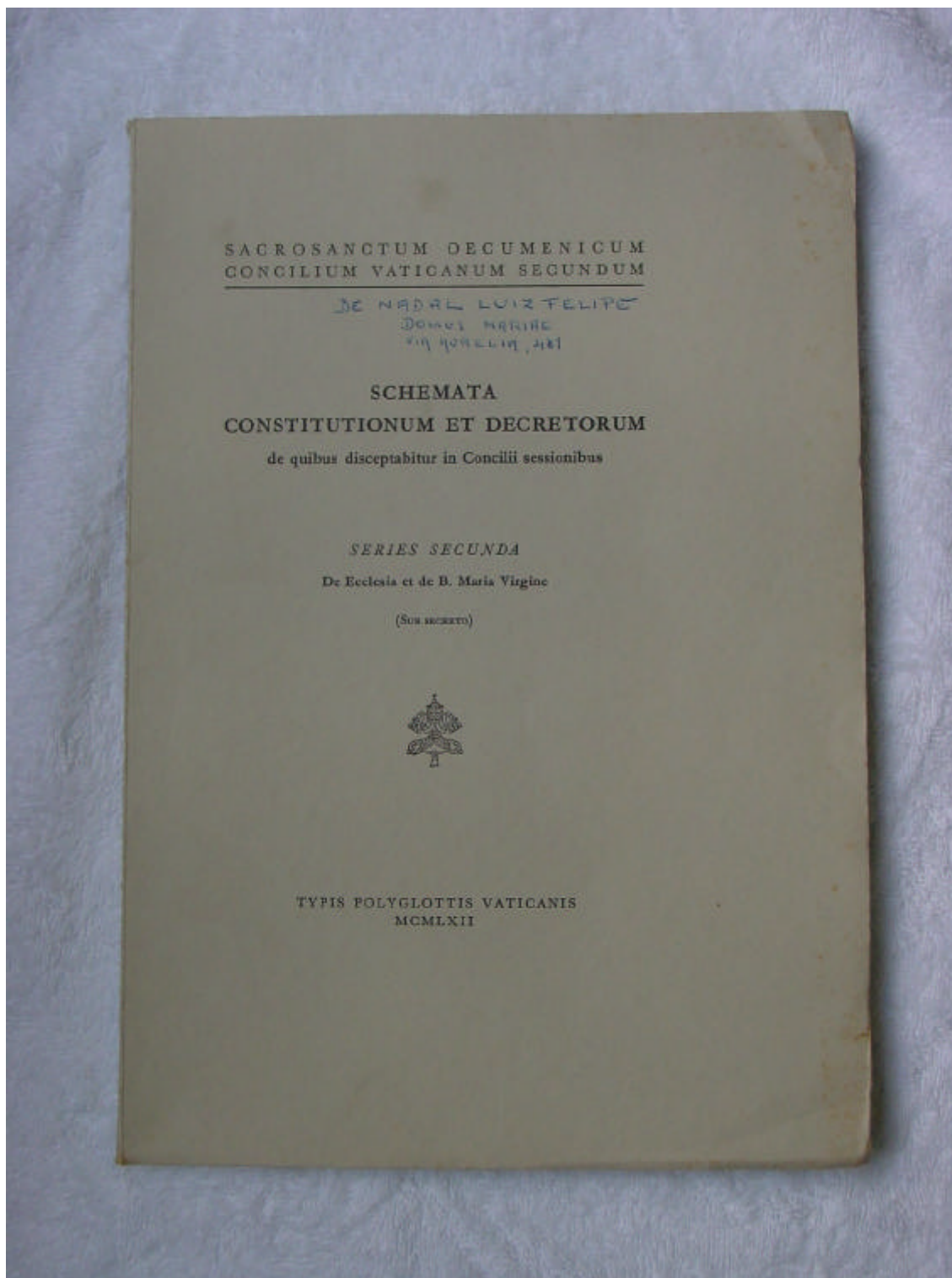


S. Beatitude Maximus voltou hoje à Aula Conciliar - O Conselho de Liturgia já concedeu a permissão para a celebração na D.M., dia 12 de outubro. - O Em. Cardeal Câmara também não compareceu hoje, ao Concílio.

Dom Antônio de Almeida Moraes Junior, arcebispo de Nitroí, completa hoje 37 anos de sacerdócio. (Não veio ao Concílio)



Página de "O Conciliábulo", de 02 de outubro de 1964, trazendo a notícia da "distinção pessoal do Santo Padre a Dom Helder", concedendo-lhe pessoalmente o *palium*, como arcebispo de Olinda e Recife. FVatII/SP



Capa do esquema *De Ecclesia et de B. Maria Virgine*, que começou a ser discutido na Aula Conciliar, a 31-11-1962, autografado por Dom Luiz Felipe De Nadal, bispo de Uruguaiana, falecido a 01-07-1963. FVatII/SP

14º Sessão do Conc. Ecum. Nat. II

Roma, 7/8.12.1965

Ai querida Família Muzanense
Vigília em honra da Imaculada Conceição,
de Acais de Graças pelo enunciamto do Concílio
e de Princes pela Noçom de retorno...

(1)

Bendito seja Deus que me permitiu fidelidade plena à Vigília e aos
lares: nenhuma mudança sem falar ao Pai e sem esquecer um
a Família que representa a FAMÍLIA...

Pensar em três vós, longamente, simultaneamente:
- grandes, na Basilica, em face das votações finais, em
a proclamação sobre a declaração sobre a liberdade reli-
giosa; dos decretos sobre Atividade Missionária da Igreja e
sobre Ministério e vida dos sacerdotes; e, especialmente, da Consti-
tuição Pastoral sobre Presença da Igreja no Mundo...

Os decretos não chegaram a ter 10 votos contra. A declaração his-
tórica, revolucionária (os mais felos e profundos sentidos da
expressão) e a Constituição (o combate, sofrido e opor-
tunismo Esquema XIII), ameaçados de derrocada não chegaram
a ter 80 votos contra...

Se no céu, a Turminha do contra (72, exatamente, dos quais
evidentemente, líderes mesmo não chegam a 20, ^{todos os} ~~meses~~
super-líderes um itano, Mons. Carli e um brasileiro, Pizani)
-abera como saque por ela... Se pensasse de alguma acerte-
canda o inverso: se voltassem com a declaração derro-
cada, com a Constituição Pastoral transferida para o Cor-
do do Bispo!... Ou mesmo com a Constituição, mas com
alguma porta fechada!... Já a ação de Espiritualidade, a
proteção de N. Senhora e do Anjo, e caridade paterna e
profunda de nossa parte combalancaria a qualquer um
que dessem estar.

Imaginem minha alegria ao ver o Santo Padre, um Papa, um
de Gestatória, com o Braço de sempre (a longamente mais
bela grata mais simples) e com o mesmo and... Trouxe, es-
pero em Deus por sempre, o and que quero como que
usado, pelo and-símbolo de união entre nós Bispos do Mundo
interio [em termo os Bispos de Roma] e and-símbolo da Igreja
servidora e pobre...

Consequents

1^o. Lic. 1. 10. 63
 1^o. Lic. 2. 10. 63
 2^o. Lic. 2. 10. 63
 3^o. Lic. 4. 10. 63
 4^o. Lic. 5. 10. 63
 2^o. Lic. 6. 10. 63
 5^o. Lic. 6. 10. 63
 6^o. Lic. 7. 10. 63
 7^o. Lic. 8. 10. 63
 8^o. Lic. 10. 10. 63
 9^o. Lic. 11. 10. 63
 3^o. Lic. 12. 10. 63
 4^o. Lic. 12. 10. 63
 10^o. Lic. 13. 10. 63
 11^o. Lic. 13/14. 10. 63
 5^o. Lic. 15. 10. 63
 12^o. Lic. 15/16. 10. 63
 13^o. Lic. 16/17. 10. 63
 14^o. Lic. 17/18. 10. 63
 15^o. Lic. 18/19. 10. 63
 46^o. Lic. 19. 10. 63
 17^o. Lic. 19. 10. 63
 6^o. Lic. 19. 10. 63
 18^o. Lic. 19/20. 10. 63
 19^o. Lic. 20/21. 10. 63

Particulares

30. 9. 63 Carolina
 Maria
 M^o. Anny
 Hilde
 2. 10. 63 Maria
 Carolina
 Marion Anny

7^o. Lic. 21/22. 10. 63
 20^o. Lic. 21/22. 10. 63
 21^o. Lic. 22/23. 10. 63
 22^o. Lic. 24. 10. 63
 8^o. Lic. 24. 10. 63
 9^o. Lic. 24. 10. 63
 2^o. Lic. 25. 10. 63
 23^o. Lic. 26. 10. 63
 9^o. Lic. 25/26. 10. 63
 24^o. Lic. 26/27. 10. 63
 3^o. Lic. 27. 10. 63
 25^o. Lic. 27. 10. 63
 10^o. Lic. 27. 10. 63
 26^o. Lic. 28. 10. 63
 27^o. Lic. 28/29. 10. 63
 28^o. Lic. 30/31. 10. 63
 29^o. Lic. 31/1. 11. 63
 11^o. Lic. 31. 10. 63
 30^o. Lic. 1. 11. 63
 31^o. Lic. 1. 11. 63
 40^o. Lic. 1. 11. 63
 12^o. Lic. 1/2. 11. 63
 43^o. Lic. 2/3. 11. 63
 5^o. Lic. 2/3. 11. 63
 6^o. Lic. 3. 11. 63
 7^o. Lic. 3/4. 11. 63
 32^o. Lic. 4/5. 11. 63
 33^o. Lic. 5/6. 11. 63
 15^o. Lic. 6/7. 11. 63
 34^o. Lic. 7/8. 11. 63
 16^o. Lic. 8/9. 11. 63
 35^o. Lic. 8/9. 11. 63
 36^o. Lic. 9/10. 11. 63
 17^o. Lic. 10/11. 11. 63
 37^o. Lic. 10/11. 63
 38^o. Lic. 11/12. 11. 63
 18^o. Lic. 12/13. 11. 63
 7^o. Lic. 13/14. 11. 63
 39^o. Lic. 13/14. 11. 63
 40^o. Lic. 14/15. 11. 63
 19^o. Lic. 14/15. 11. 63
 20^o. Lic. 15/16. 11. 63
 41^o. Lic. 15/16. 11. 63
 21^o. Lic. 16. 11. 63
 42^o. Lic. 16/17. 11. 63
 43^o. Lic. 17/18. 11. 63
 44^o. Lic. 18/19. 11. 63
 45^o. Lic. 19/20. 11. 63
 46^o. Lic. 20/21. 11. 63
 47^o. Lic. 21/22. 11. 63
 22^o. Lic. 22. 11. 63

Roma, 13/14 de out 1962 1ª Carta (

A' querida Família do S. Joaquim

É fácil mandar impressos sobre as unidades do Concílio. É difícil, especialmente nos 10 dias, fixar impressos sobre o espírito do Concílio: as tendências, as perspectivas, os rumos.

Quê às unidades, enviei algum material capaz de dar uma ideia de que pi a abertura do Vaticano II. Chamo, especialmente a atenção para: o discurso do S. Padre; a oração belíssima rezada após a Missa (Adsumus, Domine Sancte Spiritus...) e a prece dos orientais.

Quanto ao Concílio por dentro — salvo engano de quem reconhece a impossibilidade de qualquer] — aqui estão alg. observações, exigidas à revisão:

1) O Concílio vai ser difficilissimo. As Sagradas Congregações pensavam que seria fácil pensar pelos Bispos e decidir por eles. Acertou p. ex. que o esquema da parte teológica parece, a omissão Bispos do mundo inteiro, em dissociação com que o Papa anuncia como espírito do Concílio. Hoje, q' de se